FREI VICENTE DO SALVADOR

HISTORIA DO BRASIL

1500-1627

[illegible] ÇÃO

[illegible] RANO DE ABREU

EDITORES-PROPRIETARIOS WEISZFLOG IRMÃOS S. PAULO E RIO

1918

HISTORIA DO BRASIL

POR

FREI VICENTE DO SALVADOR

NATURAL DA BAHIA

NOVA EDIÇÃO

REVISTA POR CAPISTRANO DE ABREU

Editores-proprietarios

WEISZFLOG IRMÃOS

S. PAULO E RIO

1918

PLANTA DA CIDADE DO SALVADOR, CONTEMPORANEA DA INVASÃO DOS HOLLANDEZES

8/9 1929

Em 1881 a Bibliotheca Nacional realisou uma exposição de historia e geographia do Brasil, aberta a 2 de Dezembro, anniversario de D. Pedro 2.º, encerrada a 2 de Janeiro do anno seguinte. Vieram á luz suas riquezas em impressos, manuscritos, mappas, estampas, medalhas e moedas; instituições diversas, colleccionadores particulares concorreram ao certame; pela primeira vez desenhou-se nitida a immensidade da empreza de descrever a terra brasileira e conhecer os feitos dos seus filhos.

Pelos salões e corredores do velho casarão da rua do Passeio peregrinaram sete mil seiscentos e vinte e um visitantes. Não é muito. Podiam ser menos sem inconvenientes. A exhibição figurava apparato transitorio, mero pretexto da obra verdadeira, o Catalogo. Desde o primeiro dia distribuiram-se dois volumes, sommando mil seiscentos e doze paginas, arrolando dezanove mil duzentos e setenta e oito objectos. Com o supplemento, que pouco demorou, as paginas subiram a cerca de mil e oitocentos, os objectos excederam de vinte mil. Valido e fecundo prosegue ainda quem concebeu e levou galhardamente a fim a obra monumental, — hoje votado ao Diccionario historico, ethnographico e geographico brasileiro emprehendido pelo Instituto Historico, que será o coroamento de sua segunda mocidade.

Poucos dias antes da inauguração sobreveiu aos que trabalhavamos ao lado e sob as ordens do Dr. Ramiz Galvão a mais agradavel das surprezas.

Tinhamos bem presentes as poucas linhas de Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana e os trechos de Jaboatão no Novo orbe seraphico brasileiro, relativos a frei Vicente do Salvador e sua obra; sabiamos do exemplar de sua historia, folheado por Varnhagen, quasi adolescente ainda, na bibliotheca das Necessidades em Lisboa e sumido ainda hoje; conheciamos o capitulo avulso descoberto por João Francisco Lisboa na Torre do Tom-

bo, identificado e impresso por Varnhagen em 1858 na Revista trimensal *do Instituto. Depois da ultima data nem a obra nem o nome do autor emergiam mais do mysterio.*

Bem podia telo desvendado o illustre Varnhagen, que deparou a obra na Torre do Tombo, desde 1872 pouco mais ou menos, quando revelou a existencia do exemplar da Prosopopéa *de Bento Teixeira, até então considerada perdida. Já em 1874 no postfacio á segunda edição da* Historia das lutas *refere-se a factos que recentemente apurara relativos ao petiguar Zorobabé e á expedição de Pero Coelho de Sousa ao Ceará. Na segunda edição da* Historia geral *repetiu estas novidades e forneceu outras, as mais das vezes sem indicar-lhes a procedencia, uma escudando-se no dizer de um escritor antigo, p. 379, outra, p. 393, recorrendo á sigla pouco transparente de* F. V. do S. *Isto no primeiro volume.*

No segundo guarda sigillo sobre o paradeiro do manuscrito, junta inexactidões como dizer que a dedicatoria foi datada de Lisboa, que a Chronica de Custodia *é a primeira parte da* Historia *e termina seccamente, p. 687: « tanto uma como outra parte não foram até agora impressas ». Com os annos, adquirira certas singularidades bem diversas da franqueza e alvoroço com que a principio revelava os achados e as descobertas: reservava-os talvez para* Archivo diplomatico brasiliense antigo, *annunciado desde a publicação do livrinho de Mauricio de Heriarte, bello sonho desvanecido pela morte a 29 de Junho de 1878, em Vienna.*

Ora, o livro esquivo, quasi mythico, de frei Vicente do Salvador entrou de modo inesperado na Bibliotheca Nacional.

João Martins Ribeiro, intelligente livreiro do Rio, que valente e activo ainda poderá ler estas paginas, adquiriu papeis varios e alfarrabios e de mistura alguns manuscritos, entre os quaes uma historia do Brasil em que nunca ouvira falar. Não os quiz expor á venda, e doou-os á Bibliotheca Nacional, como sua quota para a exposição que ia ser inaugurada. V. Gaz. de Noticias, *de 19 de Novembro de 1881.*

O mais ligeiro exame do codice revelava seu passado: — a encadernação de couro á portugueza, o aspecto do papel, a letra do copista, denunciavam-no como um dos numerosos volumes copiados dos archivos e bibliotheeas lusitanas na era de 50 por commissão do governo imperial, confiada primeiro a Gonçalves

Dias e por fim a João Francisco Lisboa. A collecção, depois de ficar alguns annos na Secretaria do Imperio, foi remettida para o Instituto Historico, donde uma parte escorreu para mãos de particulares. A Bibliotheca Nacional possue alguns volumes comprados a particulares.

O manuscrito offerecido procedia indirectamente do espolio do marquez de Olinda e pode se imaginar até certo ponto como as cousas passaram.

Em 27 de Fevereiro de 1857 João Lisboa mandara a Varnhagen uns apontamentos sobre Gabriel Soares, extrahidos de um volume encontrado acaso na Torre do Tombo e promettia envidar esforços para descobrir o manuscrito principal de que os apontamentos não passavam de addição ou emendas. Seus esforços surtiram bom resultado, pois o marquez de Olinda, ministro do imperio, deixou a pasta em 12 de Dezembro de 1858 e a Historia *de frei Vicente foi para sua casa e lá ficou. E' provavel que o velho marquez nunca a abrisse e até esquecesse sua existencia. Em 1866 Mello Moraes escreveu a biographia do ex-regente, figura primacial do segundo imperio. Si se lembrasse da preciosidade que possuia, o biographado tel-a-ia offerecido ou pelo menos mostrado ao Plutarcho alagoano.*

Dia de anno bom de 82, vespera do encerramento, o conselheiro Saraiva, presidente do conselho, visitou a exposição de historia e geographia e, vendo a grande quantidade de ineditos ali accumulados, offereceu as columnas do Diario Official *para imprimi-los e depois reduzir a volumes, como fazia com os debates do parlamento.*

Aceito, como não podia deixar de ser, o offerecimento, parecia obvio encetar a série com a Historia *de frei Vicente do Salvador, já pelo valor intrinseco da obra, já como uma cortezia ao illustre bahiano, seu patricio, que lhe facultava a apparição. Não se fez assim e a autorisação cahiu em commisso.*

Em 1886 o conselheiro Francisco Belisario, ministro da fazenda, concedeu autorisação semelhante á que fora descurada a Valle Cabral, chefe da secção de manuscritos da Bibliotheca Nacional, e ao escritor destas linhas, a quem se aggregou Silveira Caldeira, director do Diario Official. *Bem quizeramos estrear*

com a Historia *de frei Vicente, aproveitando o codice tão generosamente doado. Não foi possivel. Tivemos de recorrer á bondade de nosso amigo Lino de Assumpção, que nos obteve nova copia na Torre do Tombo. No* Diario Official *de 23 de Julho de 1886 sahiu o primeiro capitulo. Da composição fez-se em 1887 um volume de 115 paginas, contendo os dous primeiros livros, annotados compridamente. As annotações foram um erro, pois só trouxeram a demora e por fim a paralysia da publicação; tiveram, porém, um effeito: a Bibliotheca decidiu dar a obra completa em 1889 no volume* 13 *de seus Annaes.*

Com ligeiras modificações o texto da Bibliotheca Nacional serve de base ao presente.

A orthographia vai simplificada, exepto quando se trata de nomes proprios e termos brasilicos em que foi, ou deveria ser conservada. Si o vocabulo era pronunciado de modo diverso do actual, conservou-se ou tentou-se conservar a phonetica do tempo; si apparecia sob mais de uma forma — assi *e* assim, para *e* pera, cabaço *e* cabaça, cosso, cossario *e* corso *e* corsario, camera *e* camara *não se forçasse a unidade.*

A pontuação foi modernisada, de modo a facilitar a comprehensão. A syntaxe, mais de coordenação que de subordinação, dominante na obra, permittiu substituir por ponto final, muita virgula, ponto e virgula e dois pontos. O que *pronominal, hoje absolutamente condemnado para começo de oração quando não é interrogativo ou exclamativo, antigamente não soffria esta limitação. Fez-se uso aqui da antiga liberdade.*

O texto da Bibliotheca Nacional, revisto diligentemente pelo bondoso Teixeira de Mello, chefe da secção de impressos e depois director do estabelecimento, continha alguns lapsos que foram quanto possivel escoimados. Que outros se tenham introduzido em logar delles é bem possivel, mas de negligencia não procedem. A numeração dos ultimos capitulos no livro V foi ligeiramente alterada. Da introducção á edição da Bibl. Nac. escrita pelo autor desta foi aproveitado o que pareceu conveniente.

Os prolegomenos de cada livro visaram distinguir as fontes utilisadas pelo historiador, indicar os documentos conhecidos relativos a cada periodo, as monographias a consultar por quem

quizer ir por diante e mais fundo no estudo. Escritos ás pressas, á medida que a composição typographica urgia, não pretendem foros de heuristica, meros apontamentos biographicos ou bibliographicos. As omissões sobretudo serão numerosas. O simples aspecto discrimina os prolegomenos do texto e não ha risco de confundir o mel do patriarcha e o vinagre do epigono.

A planta da cidade do Salvador, a carta do Maranhão, foram reproduzidas da Resão do estado do Brasil no governo do Norte sómente... até 1612, *msc. do Inst. Historico.*

A estampa do indio reproduzida de Claude de Abbeville, indica pelas cesuras, abertas com dente de animal e cobertas de carvão para ficarem indeleveis, que o tabajar Carypy já conquistara vinte e quatro nomes, matando outros tantos inimigos em terreiro.

Publicado agora em forma accessivel, é de esperar que o livro do frade bahiano, a primeira historia do Brasil composta por brasileiro, adquira leitores e amigos. Nem outra mira alveja esta tentativa. No intervallo que separa esta da precedente edição mallograram-se os esforços para descubrir os capitulos perdidos. Seja mais feliz quem dirigir a outra, que mais cedo ou mais tarde ha de vir á luz.

Na correcção das provas prestaram os melhores serviços M. Said Ali, professor de allemão do collegio D. Pedro 2.º, e Rodolpho Garcia, encarregado da bibliotheca do Instituto Historico, a quem ficam aqui consagrados os agradecimentos.

O pouco sabido sobre a vida de frei Vicente do Salvador encontra-se em sua Historia do Brasil, *no* Novo orbe seraphico brasilico *e no catalogo genealogico de Jaboatão, impresso pelo Instituto Historico,* Rev. Trim, **52**, I.

João Rodrigues Palha, escudeiro fidalgo da geração dos Palhas do Alemtejo, emigrou por desgostos domesticos, á procura de melhor fortuna, por ter pouco grão para sustentar familia. Seu compatriota Luis de Mello da Silva armava uma expedição para as terras brasilicas, aonde lhe fora doada uma capitania. Nella alistou-se, partiu em Junho de 1554 e naufragou dia de S. Martinho, 11 de Novembro, nos esparceis e baixos do Maranhão. Das tres náus e duas caravelas da armada salvaram-se apenas uma caravela e um batel, em que dezoito pessoas aportaram a São Domingos. Foi uma dellas.

Como se sahiu da ilha ignoramos. Tão communs eram os navios de lá para a peninsula como seriam raros para a America portugueza. Devia ter tornado á patria, mas de verdade resolvera expatriar-se e, sem agourar mal do começo, afrontou novamente os mares, deu comsigo na bahia de Todos os Santos, estabeleceu-se em seu reconcavo, casou, teve filhos. Chamou-se o mais velho Vicente Rodrigues Palha, o nosso autor. Terminando sua obra em 1627, frei Vicente confessava sessenta e tres annos. Devia ter nascido em 1564, no governo de Men de Sá. Diz Jaboatão que foi batisado na sé da cidade do Salvador; em 29 de Janeiro de 1567, pelo cura Simão Gonçalves e era natural de Matoim.

Gabriel Soares fornece uma lista dos engenhos de Matoim e nella não apparece o nome do velho Palha, que ainda vivia em 1580. Trabalharia em terras foreiras? figurava a sua entre as numerosas fazendas de que Gabriel Soares não especifica os donos?

Os engenhos ricos tinham um capellão com quem os meninos do senhor e outros a quem o permittia começavam os rudimentos de leitura, ordinariamente em cartas de mão, que os livros não eram communs: na falta das obras de João de Barros, leia-se o que a tal respeito escreve Manuel Severim de Faria na vida do autor das Decadas. *Talvez assim se iniciasse nas letras o futuro historiador.*

Continua-las só podia na cidade do Salvador, cidade exquisita, de casas sem moradores, pois os proprietarios passavam o mais tempo em suas roças ruraes, só acudindo no tempo das festas. A população urbana constava de mecanicos que exerciam seus officios, de mercadores, de officiaes de justiça, de fazenda, de guerra, obrigados a residencia. Seu tio materno Jorge de Pina, conego da sé, chantre e mestre escola, era dos que não podiam afastar-se. Naturalmente o sobrinho foi morar com elle.

A instrucção daquelle tempo concentrava-se nas mãos dos padres da Companhia. «As occupações dos nossos com os proximos, escreve Anchieta, Informações *37/38, são: uma lição de theologia, que ouvem dois ou tres estudantes de fora, outra de casos de consciencia que ouvem outros tantos e uma e outra alguns de casa, um curso de artes que ouvem dez de fóra e alguns de casa, escola de lêr, escrever e contar, que tem até setenta rapazes, filhos de portuguezes, duas classes de humanidade, na primeira apprendem trinta, na segunda quinze escolares de fóra e alguns de casa.*

«Os estudantes nesta terra, alem de serem poucos tambem sabem pouco, por falta dos engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si, por ser relaxada, remissa e melancolica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar. Porem por ser nesta terra não se faz pouco fruto com elles e já ha alguns casuistas que são vigarios, e alguns artistas mestres nellas, e dois ou tres theologos pregadores que pregam na cathedral desta cidade e conegos da igreja mór e vigarios das parochias».

Isto escrevia-se por 1586, pouco mais ou menos.

De seus estudos diz o autor apenas que Pero do Campo Tourinho foi condiscipulo em artes e de theologia. Não explica

si na Bahia, si em Coimbra, donde trouxe o titulo de doutor in utroque jure, *sendo-o com vantagem em theologia e canones, vai assegurando Jaboatão.*

Quando completou a formatura e voltou a Bahia?

Falando de Manuel Telles Barreto, infra, 266 *escreve:* « *era de sessenta annos de idade, e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o velho; a todos fallava por* vos, *ainda que fosse ao bispo, mas cahia-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos* ». *Si assim nota uma impressão pessoal, estaria de volta antes de 1587, data do fallecimento do governador, e doutorado com vinte e poucos annos.*

Tomou depois ordens sagradas, serviu de conego, de vigario geral, governador do bispado em tempo de D. Antonio Barreiros, cujo nome cita a proposito de questões com o governador Luis de Brito, das guerras do Parahiba e da successão de Manuel Telles Barreto. O logar de vigario geral podia ser rendoso; não eram taes as conezias e dignidades da sé, de que os clerigos fugiam, assegura Gabriel Soares RT, **14**, 120, « *por não ter cada conego mais de trinta mil reis e as dignidades a trinta e cinco, tirado o deão que tem quarenta mil reis, o que lhes não basta para se vestirem. Pelo que querem antes ser capellães da Misericordia ou dos engenhos, onde têm de partido sessenta mil reis, casas em que vivam e de comer, e nestes logares rendem-lhe suas ordens e pé de altar outro tanto* ».

Quão pouco pesavam considerações pecuniarias sobre o padre doutor Vicente Rodrigues Palha, provou tomando o habito de S. Francisco a 27 de Janeiro de 1599 e professando a 30 do mesmo mez no anno seguinte.

Depois de professar foi mandado para Pernambuco, em data que pode ser determinada com esta aproximação. Ali assistia nas vesperas da partida para o reino de João Rodrigues Collaço e de D. Beatriz de Menezes, infra, 373. *O governo de Collaço devia ter alcançado pelo menos a 3 de Julho de 1603, data de uma sesmaria doada a Domingos Sirgo, informa Vicente de Lemos,* Capitães-móres e governadores do Rio Grande do Norte **1**, 6. *Ainda assumia este titulo a 8 de Setembro do mesmo anno,* R T **73**, I, 444. *Pouco depois frei Vicente missionava os indios da Parahiba, como refere á pagina 393.*

Para missionar era indispensavel conhecer a lingua geral, mas neste conhecimento havia gradações, como escreve o mestre José de Anchieta nos fragmentos historicos que acompanharam suas Informações, *69, 70, 73, 74. Diogo Jacome, vindo com Manuel de Nobrega, soube o bastante para ensinar os indios e apparelha-los para o batismo e ouvir confissões. Manuel de Paiva, da pequena lèva de 1550, não chegou a mais que a saber ensinar a doutrina por escrito, ajudando os naturaes por interprete. Francisco Pires, seu companheiro de leva, não soube a lingua da terra, comtudo por interpretes ajudou muito os naturaes na doutrina e principalmente no ouvir confissões. Gregorio Serrão podia ensinar a doutrina, instruir para batisar, confessar e ainda pregar.*

Não parece que frei Vicente attingisse á mestria de Gregorio Serrão. De palavras brasilicas traduz apenas coroe, p. 31. apuabató, *aliás* apuabaté, p. 52, iburaguaçumirim, p. 189, iniguaçu, p. 223, guaracy, p. 352. *O que diz sobre a linguagem compendiosa,* p. 52, *é vago e superficial. As informações sobre parentesco representam um vade-mecum dos missionarios, empenhados em saber dos casamentos licitos ou illicitos por consanguinidade. Parece, entretanto, ter apanhado bem a indole do gentio.*

Os capuchos de Santo Antonio estabeleceram-se primeiro em Pernambuco, a instancias do donatario Jorge de Albuquerque Coelho, e por isso e por terem quatro conventos na capitania ali realisavam os capitulos e congregações custodiaes, infra 330.

O custodio frei Leonardo de Jesus na junta feita em Olinda a 22 de Outubro de 1606 aceitou a fundação de um convento no Rio de Janeiro, aonde chegou a 20 de Fevereiro do anno seguinte. No governo de Salvador Correia de Sá, este, os officiaes da camara e os magnatas da cidade de S. Sebastião doaram aos franciscanos os terrenos da ermida de Santa Luzia. Como o local não pareceu o mais proprio a frei Leonardo, Martim de Sá e a camara concederam-lhes o morro então chamado do Carmo, defronte da varzea e do bairro de Nossa Senhora, sobre a lagoa de Santo Antonio. Os signatarios da doação, datada de 4 de Abril, obrigaram-se a desabafar o matto da varzea, a fazer uma rua até o mar, com a largura commum de trinta palmos, e le-

var á praia uma valla para sangrar a lagoa, de modo a não ser nociva aos religiosos que habitassem sua visinhança.

Frei Vicente, companheiro do custodio e nomeado presidente, ficou dirigindo as obras do Rio e tal actividade desenvolveu que a 4 de Junho de 1608 frei Leonardo de Jesus poude lançar no fundo dos alicerces a primeira pedra dos corredores do actual convento de Santo Antonio. No Rio o frade bahiano talvez permanecesse até a vinda do governador D. Francisco de Sousa em Abril de 1609 e ouviria as queixas de Affonso de Albuquerque, capitão-mor, de que só ficava para seu governo o ar, porque D. Francisco chamara a si a terra e D. Antonio, seu filho, o mar, infra 419.

Na companhia do custodio o ex-presidente partiu para Olinda, onde iam ser abertos estudos e elle devia leccionar. Pouco tempo exerceu as funcções, porque veiu do reino outro custodio acompanhado de mestres de estudo e estudantes.

Recolheu-se á Bahia, até ser eleito guardião do convento em 1612 e logo custodio em 15 de Fevereiro de 1614. Deu-se então nova fórma á custodia do Brasil, autorisada a fazer capitulos regulares, em que fossem tambem eleitos os definidores. Affirma Jaboatão que para o effeito cabal do assim determinado o novo custodio partiu da Bahia para Olinda, onde reuniu o capitulo a 15 de Outubro. Si a data estiver certa, repetiu a viagem no anno seguinte, como elle proprio narra, em companhia do governador geral Gaspar de Sousa, infra 487. *« Completou seu governo com aquelle acerto, prudencia e bom exemplo que promettiam sua virtude e suas boas letras », remata o chronista da ordem seraphica.*

Terminado o triennio partiu para o reino, talvez desejoso de imprimir a Chronica da Custodia do Brasil *que compuzera.*

Desta obra só fala com conhecimento de causa George Cardoso, que em dois passos do Agiologio lusitano *a chama breve. Breve deveria ser effectivamente, pois, incluindo seu tempo de custodio, abarcava apenas trinta annos. Duas de suas paginas parecem ter passado para esta* Historia, *ambas relativas a indios da Parahiba,* infra 62, 394. *Conteria materia valiosa quanto á catechese dos indios confiados aos capuchos e, nas digressões a que o autor não era avesso quando o assunto principal escas-*

seava, informações de caracter geral. Trataria da fundação dos diversos conventos, pessoas que contribuiram para sua erecção, casos edificantes, milagres que nunca faltavam. Por onde andará? « Levando-a comsigo seu autor para a provincia (de Portugal) no anno de 1618, assim a ella como a esta Custodia só nos ficou a noticia que desta obra nos dão os estranhos », escrevia Jaboatão no Preambulo digressivo. *Nada mais sabemos. Considerar a* Chronica da Custodia *primeira parte desta* Historia, *cofez Varnhagen, é esquecer o tamanho das duas, as datas das respectivas composições, o intuito bem definido de cada uma.*

Para inspirar sua Historia do Brasil *o afastamento da patria não podia deixar de ser benefico. O viver quotidiano provocava confrontos, com os contrastes libertaram-se as affinidades electivas e assomava a idéa de um conjuncto amavel. E outras circumstancias felizes concorreram para a idéa e realisação das obras.*

Do Alemtejo procedia a familia paterna, em Evora havia um convento historico da ordem, nelle parece ter ficado algum tempo. Em Evora fez ou renovou conhecimento com Manuel Severim de Faria, que tinha um irmão franciscano, frei Christovão de Lisboa, mencionado no livro V. Talvez fosse este o traço de união entre ambos.

Severim de Faria era um erudito, amante de livros, de manuscritos, de epigraphia, de genealogia, de heraldica, de numismatica e até de curiosidades ethnographicas, pois frei Christovão de Lisboa enviou-lhe algumas do Maranhão e Pará. Na sua livraria famosa, infelizmente incendiada com a do conde de Vimieiro no terremoto de Lisboa, eram muitos os livros historicos. Comprazia-se nestes estudos, mas agradava-lhe pouco a historia pragmatica, preferia a biographia de que publicou as de João de Barros, Diogo do Couto e Luis de Camões, themas geraes como o crescimento da população, a ordem da milicia, a nobreza e outros, expostos nas Noticias de Portugal. *Deu-se por ultimo a escrever factos contemporaneos na forma de annaes: Studart descobriu e publicou muitos fragmentos seus na* Historia portugueza, *Fortaleza 1903. Com o pseudonymo de Francisco de Abreu publicou o primeiro jornal em lingua portugueza, J. C. Rodrigues,* Bib. Brasil, 3/4.

No trato com frei Vicente, Severim de Faria descobriu-lhe qualidades de historiador e incitou-o á historia. Sua bibliotheca selecta e opulenta fornecia materia para narrativa e modelos para imitação. Publicaria a obra á sua custa, offerecimento seductor, que em Portugal a impressão era cara e difficil. Na livraria do chantre foram escritos ou pelo menos rascunhados quasi todo o primeiro livro, a maior parte do segundo (os capitulos 13.° e 14.° deste são posteriores a 1624), e as partes dos outros dependentes de João de Barros, Mariz, Diogo do Couto e Herrera.

No capitulo celebrado em Lisboa a 16 de Novembro de 1619, frei Vicente foi admittido a votar como custodio que acabava e eleito guardião da Bahia. Em Fevereiro do anno seguinte ainda estava em Lisboa. Como se vê em Andrade e Silva Collec. chronol. **3**, L, *de 21 deste mez é o alvará sobre a residencia obrigatoria dos governadores geraes na Bahia, que levou Henrique Correia da Silva a abrir mão do cargo que aceitara,* infra 493. *A providencia, obtida pelo donatario Duarte de Albuquerque Coelho e Mathias de Albuquerque, nomeado para governar Pernambuco, que não queria superiores em sua governança, já fora lembrada por Gaspar de Sousa.*

Frei Vicente embarcou depois para o Brasil, mas não tomou conta do cargo, informa Jaboatão. Onde fez a renuncia, si em Pernambuco, aonde assistia ordinariamente o custodio, si na Bahia, aonde devia assumir o mando, faltam meios de apurar. Em 1621 inaugurou-se com grande solemnidade no convento do Rio uma imagem de S. Antonio, vinda do reino, agenciado o corpo com as esmolas de um irmão leigo, porteiro de um convento, a cabeça por um pobre que mendigava para jantar, Silva Lisboa Annaes, **7**, 219. *Não parece extranho nem inverosimil que frei Vicente fosse o portador da imagem e elle proprio a benzesse e inaugurasse.*

Como quer que seja, assistiu no Rio depois de voltar do reino e no navio dos jesuitas navegava para a Bahia quando foi aprisionado pelos hollandezes que se tinham assenhoreado da cidade do Salvador. Prisioneiro continuou, a principio a bordo, depois em terra, até a reconquista.

Com a liberdade deu novo impulso á obra e em 27 de Dezembro de 1627 lançava-lhe o ponto final, consagrando-a a Manuel Severim de Faria. A' historia em prosa acompanhava outra, escrita em verso por um amigo a quem incitou, diz-nos. Que amigo seria este mencionado com tanto desapego e cursoriamente? Não seria o proprio frei Vicente, imitando o caso que relembra de Santo Agostinho e o bispo Simpliciano?

Em 1630 foi terceira vez eleito guardião da Bahia e desta tomou posse.

Deve ter morrido entre 1636 e 1639, como estabelece Jaboatão com seus argumentos.

Sobreviveu, portanto, uns dez annos depois de concluida a Historia *e parece não ter se desinteressado da obra, pois o codice existe na Torre do Tombo tem escrita á margem de certos capitulos a nota a lapis* Ad. *Correspondem a taes addições as ultimas oito linhas da pag. 91, ás paginas 215/318, 339/342, 350/353, 368/372, 582/590, 595/605 E mais natural é attribuilos a elle proprio que a um extranho. Os accrescimos iriam á medida que novos successos eram apurados e a divergencia quanto á numeração dos capitulos, notada nos prolegomenos, precede destas intercalações que suavisavam a impaciencia. O codice da Torre do Tombo cumpre lembrar, nem é o original nem talvez fosse copiado do original.*

As duas monções de Março e Setembro levavam navios a Bahia. Quantas vezes esperaria ver em letra de fórma a obra de sua velhice? Desenganou-o logo Severim de Faria? Houve alguma força superior a sua vontade que a paralysasse?

Severim de Faria viveu até 1655.

Quando em 1618 frei Vicente do Salvador concluiu a Chronica da Custodia do Brasil, *um anonymo, não bem identificado ainda, compunha em uma capitania do Norte, Pernambuco ou mais provavelmente Parahiba, os* Dialogos das grandezas do Brasil, *impressos finalmente na* Rev. do Inst. Arch. de Pernambuco *e no* Diario Official. *Frei Vicente parece ter conhecido então ou mais tarde o autor e pelo menos parte da obra: em alguns pontos, por exemplo as vantagens da relação da Bahia, como que lhe responde.*

Por sua vez trata na Historia *de assuntos abordados pelo anonymo: a habitabilidade da zona torrida, as responsabilidades no atrazo da terra, a possibilidade do Brasil vir a ser centro e refugio do governo portuguez, a procedencia da população indigena. Sobre esta, emquanto os* Dialogos *perdem-se em hypotheses, elle, depois de citar D. Diogo de Avalo, termina simplesmente,* infra, 51: *« esta opinião não é certa e menos o são outras que não refiro por que não têm fundamento; o certo é que esta gente veiu de outra parte, porém donde não se sabe, porque nem entre elles ha escritura, nem houve algum autor antigo que delles escrevesse ».*

Quando as opiniões de ambos coincidem, fundamenta as suas com argumentos proprios.

Era senhor da cultura da epoca, versado na literatura latina sagrada e profana, na literatura patria, leitor de historias, de viagens, de poesias; sabia espanhol e talvez italiano.

Doutor in utroque jure, *trata dos pontos juridicos com a precisão concisa do entendido. Parece preferir a theologia aos canones; de D. Marcos Teixeira tem o cuidado de notar que pregava sem ser theologo, posto que grande canonista, melhor que muitos theologos. Em mais de um passo invoca a philosophia e a theologia.*

As fontes em que bebeu, até onde foi possivel rastrealas, podem distribuir-se em:

obras geraes, que no Brasil tocavam accidentalmente, como as de João de Barros, Diogo do Couto, Pedro de Mariz, Sachino, Herrera;

obras particulares sobre o Brasil, impressas umas como a historia da náu Santo Antonio, *a* Historia *de Gandavo, a biographia de Anchieta; ineditas outras como o* Summario das Armadas, *relações, diarios, roteiros, cuja presença o exame attento revela, mesmo quando não restam outros vestigios de sua existencia;*

communicações particulares, tradições colhidas nos diversos logares que percorreu;

documentos semi-officiaes, como justificações, attestados de serviços, inquirições de testemunhas.

Documentos officiaes, salvo um tratado de treguas e outro de paz, não conheceu; a publicidade desafinava dos actos do governo, e com isso não perdemos, porque substitue-lhes com vantagem o tom popular, quasi folk-lorico.

Ás fontes atinha-se com uma fidelidade que descambava para o servilismo: os indigenas variam de designação com os originaes consultados: gentios, indios, negros, brasis, selvagens poucas vezes, barbaros poucas vezes, rustico uma. Do Summario das Armadas *copia insignificancias desta ordem:*

infra 287 « *com todo este exercito que foi a mais formosa causa que Pernambuco viu nem sei si verá, foi o general Martim Leitão, que assim lhe chamaremos nesta jornada* » *cf* RT **36**, I *33, 34;*

infra 297 « *ainda que o espirito do Ouvidor geral Martim Leitão, que já não chamarei general* », *cf* RT *l. c., 45.*

Muitos exemplos destes poderiam ser adduzidos. Dahi a impossibilidade de distinguir o proprio do alheio. Quando no cerco de Igaraçú, conta um acto de heroismo das mulheres que deixaram o inimigo aproximar-se para dar-lhe mais certeiro golpe e conclue, infra 110: « *foi um feito mui heroico para mulheres terem tanto silencio e tanto animo* », *escreve isto por conta propria ou já achou escrito?*

Para tentar a Historia *habilitava-o o amor á terra natal, a certeza no seu futuro e taes sentimentos eram raros naquelle tempo, como se pode ver tambem nos* Dialogos das Grandezas. *Seu amor á terra natal estendia-se a tudo nella existente. Conta historia de indios sem revelar antipathia ou menospreço. Um negro do convento bahiano acha nelle seu Homero. No principio Bastião pendia para os hollandezes quando foi tomada a Bahia; mas quizeram tirar-lhe um facão e elle tratou de escondel-o no peito de um dos invasores e ganhou gosto pelo sangue flamengo. Nos encontros avançava o mais possivel, pretextando o pequeno alcance de sua frecha e bradava na sua meia lingua que o bom do chronista conservou;* sipanta, sipanta, *incitando os companheiros a recorrerem á espada pois a arma de fogo mentia.*

A proposito de Anchieta no caso de Boulez diz, infra 192, *que o acto é mais para admirado que para imitado.* Infra 612, *narrando que Martim Soares mettia-se nu e coatiado entre os indios para illudir os francezes e melhor matal-os, chama a isto obra de superrogação, isto é de* trop de zèle. *Apenas conta com aspereza a sorte de Balthazar Ferraz,* infra 483, *mas tratava-se de um caso edificante, de um como castigo pelo desrespeito á Igreja e não podia transigir.*

Em geral atem-se á caridade. D. Luis de Vasconcellos, o infeliz governador do Brasil, era sabidamente filho do arcebispo de Lisboa, mas elle apenas diz, infra 162, *que « o arcebispo era muito amigo deste fidalgo ». No* Summario *lê-se o nome de uma pessoa que Martim Leitão mandou surrar; elle conta o facto sem declarar o nome do açoitado. Nas lutas de D. Duarte da Costa com o bispo D. Pedro Fernandes allega ignorancia para não intervir,* infra 156; *nas differenças entre os dois poderes a proposito de Sebastião da Ponte,* infra 220, *não emitte parecer: quando o bispo D. Marcos arrebata o poder a Antão de Mesquita quasi encobre o facto; sobre a rapacidade de D. Fadrique na Bahia guarda a maior discreção.*

Na distribuição das materias mostra habilidade incontestavel.

O primeiro livro descreve a terra qual a defrontaram os descobridores; o segundo abarca por ordem geographica o pe-

riodo dos donatarios; o terceiro termina com a perda da independencia de Portugal; o quarto começa com os soccorros prestados pelos espanhóes logo depois de Philippe Segundo ter reunido as duas corôas, e termina no governo de D. Diogo de Menezes, em que se preparou a grande avançada para o Norte; com este avanço realizado sob Gaspar de Sousa começa o quinto, que por não estar completo ficou quasi todo limitado á guerra hollandeza, que sobreveiu.

O estylo pouco preoccupa o autor. Pode escrever com elegancia e graça, mas em geral desenvolvem-se os periodos descuidosos, a maneira de contas de rosario debulhadas machinalmente. A's vezes occulta o substantivo para maior realce. Quando D. Francisco de Sousa morreu nem uma vela havia para lhe metter na mão; «mas quereria Deus allumial-o naquelle transe por outras muitas que havia levado diante, de muitas esmolas e obras de piedade que sempre fez».

Não desgostava de alliterações e trocadilhos: Pan, pão, pau; demonio, dominio; rependido, reprendido; um indio por nome Guaracy, «que quer dizer sol, o qual tambem se lhe poz e morreu no caminho» p. 352; Martim Soares Moreno tem pouca tença, «por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia (do Ceará) com que pode muito bem matar la hambre, infra, 612.

Revela-se nestes trocadilhos uma face de seu bom humor, ainda externado no gosto que sentia pelas manifestações collectivas, como a pesca de corimans em Magé e a de baleias na Bahia, no cuidado em juntar anecdotas para dar maior destaque ás physionomias: quando contava alguma, naturalmente as mimava.

Um capucho não se prendia á prisão do claustro; a mendicancia da ordem dava-lhe entrada nas diversas classes sociaes, em todas acatado; a convivencia variada trazia-lhe a jovialidade a indulgencia, o arejamento. O latim, que apparece na dedicatoria e no primeiro livro, é alhures substituido por dizeres populares. Que ha de mais ligeiro neste mundo? O pensamento, dizia a sabedoria das nações e frei Vicente escreve, infra 123: *a caravela era um pensamento.*

As vezes sorri uma ironia delicada nas paginas da Historia. *Contavam os indios da Bahia que Sumé, transformado*

pelos colonos em S. Thomé, deu uma passada de meia legua da praia para a ilha da Maré. Para onde foi depois, ignoravam. « Devia de ser indo pera a India, insinua frei Vicente, infra 103; *que quem taes passadas dava bem podia correr todas estas terras e quem as havia de correr tambem convinha que desse taes passadas ».*

Seu livro afinal é uma collecção de documentos, antes reduzidos que redigidos, mais historias do Brasil do que historia do Brasil. Isto que talvez esmoreceu o enthusiasmo de Manuel Severim de Faria, acostumado a obras vasadas em outros moldes, é o que constituirá sempre para nós o encanto e o pico do velho bahiano.

Imaginemos que a Historia de frei Vicente, em vez de ficar enterrada e perdida tantos annos, viesse logo á luz; as consequencias podiam ter sido consideraveis: serviria de modelo.

Os archivos estavam completos e teriam sido consultados com as limitações impostas pelo tempo. As entradas sertanejas teriam attrahido a attenção e o conhecimento dellas não ficaria em nomes escoteiros, sem indicações biographicas, sem achegas geopraphicas, meros « sujeitos sem predicados ». Muitas anecdotas teriam sido colhidas, quebrando a monotonia pedestre ou solemne com que os Rochas Pittas, os Berredos, os Jaboatões afrontaram a publicidade.

Frei Vicente ultimou a Historia do Brasil *em 1627; só um seculo mais tarde sahiu Sebastião da Rocha Pitta com uma* Historia... *da* America portugueza.

Rio/S. Paulo, Junho de 1918.

J. Capistrano de Abreu.

INDICE

LIVRO SEGUNDO

Da historia do Brasil no tempo do seu descobrimento

LIVRO TERCEIRO

Da historia do Brasil do tempo que o governou Thomé de Sousa até a vinda do governador Manoel Telles Barreto

LIVRO QUARTO

Da historia do Brasil do tempo que o governou Manuel Telles Barreto até a vinda do governador Gaspar de Sousa

LIVRO QUINTO

Da historia do Brasil do tempo que o governou Gaspar de Sousa até a vinda do governador Diogo Luis de Oliveira

INDICE GEOGRAPHICO

INDICE DE NOMES DE EMBARCAÇÕES

DEDICATORIA

AO LICENCIADO MANUEL SEVERIM DE FARIA,
CHANTRE NA SANTA SÉ DE EVORA.

O motivo que teve Aristoteles para se divertir da especulação a que o seu genio e inclinação natural o levava, como consta da sua Logica, Physica e Metaphysica, e dar-se a escrever livros historicos e moraes, quaes as suas Ethicas e Politicas e a Historia de animais, além de lho mandar o grande Alexandre e lhe fazer as despezas, foi ver tambem que estimava tanto o livro de Homero, em que se contam os feitos heroicos de Achilles e de outros esforçados guerreiros, que (segundo refere Plutarcho *in vita Alexandri*) de ordinario o trazia comsigo, ou, quando o largava da mão, o fechava em escritorio guarnecido de ouro e pedras preciosas, melhor peça que lhe coube dos despojos de Dario, ficando-lhe na mão a chave, que de ninguem a fiava. E com muita razão, porque (como diz Tullio 2. *de Oratore*) os livros historicos são luz da verdade, vida da memoria, e mestres da vida; e Diodoro Siculo diz *in proemio sui operis* que estes igualam os mancebos na prudencia aos

velhos, porque a que os velhos alcançam com larga vida e muitos discursos, pódem os mancebos alcançar em poucas horas de lição, assentados em suas casas.

Eis ahi a razão por que o grande Alexandre tanto estimava o livro de Homero e, si hoje houvera muitos Alexandres, tambem houvera muitos Homeros, porque, como diz Ovidio,

> Scribentem juvat ipse favor, minuitque laborem:
> Cumque suo crescens pectore fervet opus.

O favor ajuda o escritor, alivia-lhe o trabalho, anima-o e dá-lhe fervor á sua obra; porém o que vemos é que, querendo todos ser estimados e louvados dos escritores, ha mui poucos que os louvem e estimem, e menos que lhes façam as despezas. Só temos a V. M. em Portugal que os estima e favorece tanto como se vê na sua livraria, que quasi toda tem occupada de livros historicos, e principalmente no que fez de louvores dos tres historiadores portuguezes, Luís de Camões, João de Barros, e Diogo do Couto, favor tão grande para escritores de historias que se póde dizer, e assim é, que aos mortos dá vida, resuscitando-lhes a memoria, que já o tempo lhes tinha sepultada, e aos vivos excita, dá animo, e fervor, para que saiam á luz com seus escritos, e folgue cada um de contar e compôr sua historia. Este foi o motivo que tive para sahir com esta do Brasil,

junto com Vossa Mercê ma querer fazer de tomar a impressão á sua custa para em tudo se parecer com Alexandre.

Outro tive, que foi pedir-mo Vossa Mercê, e pelo conseguinte mandar-mo, pois os rogos dos senhores têm força de preceitos: glos il unica, et in L. 1.ª ff., quod jussu, donde é aquelle verso:

Est rogare ducum species violenta jubendi.

E assim foi este de tanta força que não só executei por mim, mas incitei a um amigo que a mesma historia compuzesse em verso, de sorte que pudesse dizer o que disse Santo Agostinho ao santo bispo Simpliciano, que, havendo-lhe pedido um tratado breve em declaração de certas difficuldades, lhe offereceu dous livros inteiros, desculpando-se ainda, com ser a letra tanta que pudera causar fastio, de não satisfazer ao que lhe fôra pedido, conforme ao desejo do supplicante. São suas palavras as que se seguem: Vereor ne ista, quae sunt a me dicta, et non satisfecerint expectationi et taedio fuerint gravitati tuae, quandoquidem et tu ex omnibus quae interrogasti unum a me libellum mitti velles, ego duos libros, eosdemque longissimos misi, et fortasse quaestionibus nequaquam expedite diligenter respondi: Aug. *lb. 2.º quœstion. ad Simplic.*

Desta maneira, havendo-me Vossa Mercê pedido um tratado das cousas do Brasil, lhe offereço

dous, leitura que pudera causar fastio, si o diverso methodo a não variara e dera appetite; e comtudo receio de não satisfazer a curiosidade de Vossa Mercê, segundo sei que gosta desta iguaria. Donde tomei tambem motivo para a dedicar a Vossa Mercê, e não a outrem, lembrando-me que, por dar Jacob a Isaac seu pai uma de que gostava, alcançou a benção como a mãi lho havia certificado, dizendo: Nunc ergo, fili mi, acquiesce consiliis meis: et pergens ad gregem, affer mihi duos hœdos ut faciam ex eis escas patri tuo, quibus libenter vescitur; quas cum intuleris, et comederit benedicat tibi.

Bem enxergou o santo velho, ainda que cego, que Jacob o enganava, pois o conheceu pela voz: vere quidem vox Jacob est; mas, levado do gosto da iguaria a que era afeiçoado, depois da inspiração do ceu lhe concedeu a benção. Esta peço eu a Vossa Mercê, e com ella não tenho que temer a maldizentes.

Nosso Senhor vida, saude e estado conserve e augmente a Vossa Mercê, como os seus lhe desejamos.

Bahia, 20 de Dezembro de 1627.

Servo de Vossa Mercê

Frey Vicente do Salvador.

LIVRO PRIMEIRO

Em que se trata do descobrimento do Brasil, costumes dos naturais, aves, peixes, animais, etc., do mesmo Brasil.

Perderam-se neste livro as estampas do Brasil (p. 19), do cajú e do ananaz (p. 32), do monstro marinho de São Vicente (p. 46).

Os capitulos têm numeração seguida, mas não parecem intactos.

Pag. 103 diz o autor já ter tratado da banana de S. Thomé, a que não se encontra referencia neste; do trigo de S. Paulo trata no c. 8.º, não no 9.º, como affirma pag. 50; no 10.º, depois de tocar de leve nas aves, passa bruscamente aos peixes que não constam do titulo; dos Aimorés trata no c. 13.º não no 15.º, como affirma no livro IV, p. 377.

Algumas das fontes em que se instruiu podem ser isoladas.

O capitulo 1.º funda-se na *Asia* de João de Barros, dec. 1.º livro 5.º cap. 1.º e seguinte, Lisboa 1552.

O cap. 3.º condensa os cap. 17 e 18 da primeira parte da *Chronica de D. João III*, de Francisco de Andrade, Lisbôa 1613.

De P. M. de Gandavo, *Historia da provincia de Santa Cruz*, Lisbôa 1576, procedem a comparação do Brasil com uma harpa (p. 19), a descrição do monstro marinho de São Vicente (p. 46), a observação sobre as letras que faltam ao tupi (p. 52) e talvez algumas minucias mais.

Neste livro os conhecimentos e a experiencia pessoaes do autor dispensavam-no de recorrer a outras autoridades.

São-lhe desconhecidos os documentos originaes do periodo. Dentre estes cabe o primeiro logar ao tratado assignado em Tordesilhas a 7 de Junho de 1494, muitas vezes impresso, cujo trecho essencial é o seguinte (*Alg. doc. da Torre do Tombo,* 74/75, Lisbôa 1892):

......«a Sus Altesas plaze & los dichos sus procuradores em su nonbre & por vertud de los dichos sus poderes otorgaron & consintieron que se haga & siñale por el dicho mar oçeano una raya o linea derecha de polo a polo, conviene a saber, del polo artico, al polo antartico que es de norte a sul, la qual raya o linea se aya de dar & dê derecha, como dicho es, a tresientas & setenta leguas de las yslas del Cabo Verde, hasia la parte del poniente, por grados o por otra manera, como mejor & mas presto se pueda dar, de manera que non sean mas, & que todo lo que hasta aquj se ha fallado & descubierto, & de aquj a delante se allare & descubriere por el dicho señor Rey de Portugal & por sus navjos, asy yslas, como tierra firme, desde la dicha raya & linea, dada en la forma suso dicha, yendo por la dicha parte del levante, dentro de la dicha raya a la parte del levante, o del norte, o del sul della, tanto que no sea atravesando la dicha raya que esto sea & finque & pertenesca al dicho señor Rey de Portugal y a sus subçessores para siempre jamas».

A bulla de Julio 2.º de 24 de Janeiro de 1506, que autorisou o arcebispo de Braga e o bispo de Viseu a confirmarem o tratado, está em *Alguns documentos da Torre do Tombo* 142/143.

Do tratado de Tordesilhas não consta a escolha da ilha de São Antão ou de qualquer outra para ponto de partida, o que posteriormente deu logar a grandes controversias. Sobre as negociações do convenio escreveu H. Harrisse - *The diplomatic history of America,* Londres, 1897; sobre a linha de demarcação cf. entre outros muitos J. Denucé, *Magellan, la question des Moluques,* Bruxelles, 1910.

A carta de Pero Vaz de Caminha, datada de 1.º de Maio de 1500, vespera da partida de Porto-Seguro para a India, verdadeiro diario a começar de 26 de Abril, depois de decidido mandar um mensageiro ao reino, contem a narrativa incomparavel da viagem de Pedro Alvares Cabral. Divulgou-a primeiro Ayres de Casal em 1817 em sua *Chorographia,* e tem sido reproduzida varias vezes e

vertida em muitos idiomas. Na Bahia imprimiu-se em facsimile em 1900. Pouco lhe adiantam a relação de um piloto da expedição, conhecida desde 1507 (J. C. Rodrigues, *Bib. Bras.* 432/441, Rio, 1907) e a carta de mestre João, descoberta e publicada por Varnhagen na *Rev. Trim.* de 1843 (cf *Alguns documentos da Torre do Tombo* 122/123, aonde se corrigiu a assignatura de Johanes Emeneslaus para Johanes artium et medicine bachalaurius).

Segundo Gaspar Correia, nas *Lendas da India,* a noticia do descobrimento do Brasil foi levada ao reino por André Gonçalves, mestre do navio de Vasco da Gama; mas o mestre do *S. Gabriel* foi Gonçalo Alvares (T. de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*[3], 36, Lisbôa, 1898); e contra o testemunho de Gaspar Correia, Huemmerich (*Vasco da Gama,* etc., Munich 1898) contem argumentos a que não resistem a memoria de Candido Mendes, *Rev. Trim.*, 39, II, nem o opusculo do revisor desta edição sobre a armada de D. Nuno Manuel.

Em 1852 J. Norberto aventou si o descobrimento do Brasil seria casual ou não, *R. T.*, 15, cf. *R. T.*, 18. A este respeito podem consultar-se o estudo de Baldaque da Silva no volume da Academia das Sciencias de Lisboa commemorativo do descobrimento da America, e João Ribeiro, *O Fabordão,* Rio, 1910, que dá uma reproducção diplomatica da carta de Caminha.

A questão da não casualidade é dupla.

Implica que, antes de Cabral, algum europeu, portuguez ou não, já estivera no Brasil? E' bem possivel.

Significa que Cabral modificou o roteiro de Gama, preferindo o de Colombo no hemispherio sul? Não é impossivel, nem seria novidade. «Muitas opiniões houve nestes reinos de Portugal nos tempos passados antre alguns leterados acerca do descobrimento das Ethiopias, de Guiné e das Indias; porque uns diziam que não curassem de descobrir ao longo da costa do mar, e que melhor seria irem pelo pego, atravessando o golfão até topar em alguma terra da India ou visinha della, e por esta via se encurtaria o caminho», escreve no cap. 4 do 3.º livro

do *Esmeraldo de Situ orbis,* Duarte Pacheco, companheiro de Cabral, p. 137 da edição de Epiphanio Dias, Lisboa, 1905.

De P. A. Cabral publicou bem informada biographia J. R. McClymont, Londres, 1914; como acaba de apurar Braamcamp Freire, *Rev. de historia,* **6**, 281, Lisbôa 1917, só casou depois de voltar da India; por que motivo não foi mais empregado nas armadas seguintes ainda hoje se ignora. D. Manuel I «foi muito dado á astrologia judiciaria, em tanto que no partir das naus pera a India ou no tempo que as esperava, mandava tirar juizos por um grande astrologo portuguez, morador em Lisbôa, per nome Diogo Mendes... e depois deste fallecer com Thomaz de Torres, seu physico», informa Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel,* **4**, c. 84; talvez algum horoscopo impropicio determinasse a exclusão do descobridor do Brasil. Tambem Vasco de Gama, depois da segunda expedição só tornou á India com o novo rei, successor do venturoso.

Sobre Fr. Henrique escreveu Levy Maria Jordão, tratando dos bispos de Ceuta e Tanger, *Memorias da Academia das Sciencias de Lisbôa,* n. s., **2**, 1863. De Fernando da Soledade, *Hist. Seraphica,* **3**, 489, Lisbôa 1705, constam os nomes dos frades que o acompanharam: Fr. Gaspar, Fr. Francisco da Cruz, Fr. Simão de Guimarães, Fr. Luis do Salvador, Fr. Maffeu, Fr. Pedro Netto, Fr. João da Victoria.

Segundo tradição constante, o Porto-Seguro de Cabral passou a denominar-se Santa-Cruz; o mesmo deduz-se claramente da carta de Caminha; entretanto Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro, affirma que o fundeadouro foi entre a ponta Gorda e a foz do rio Buranhen. A seu artigo publicado na *R. T.*, **40**, II, respondeu Beaurepaire Rohan ib. **43**, II: cf S. P. de Carvalho e Aragão, *Est. sobre a bahia Cabralia e Vera Cruz,* Bahia, 1899.

Sobre Caminha publicou Sousa Viterbo *Pero Vaz de Caminha e a primeira narrativa do descobrimento do Brasil,* Lisbôa 1902: cf *R. T.*, **71**, II, 109/122.

Sobre o casamento e choco (couvade) dos indios orienta Anchieta, *R. T.*, 8, 256/262, cf. C. Rivara, *Cat. dos mss. da bibl. publ. eborense*, 1, 16, Lisboa, 1850. Em sua anthropophagia e quebra de cabeças havia um que de ritual, como o autor implica e affirma Moreno em Almeida, *Mem. do Maranhão*, 2, 198, 218.

Apuabetó (p. 52), designando os Indios da lingua geral, só apparece aqui em Fr. Vicente. A palavra está evidentemente deturpada por ignorancia de copista: *etó* deve ser *eté*, suffixo que significa legitimo, verdadeiro, genuino (cf *cuer* e *na*); *apiaba* (cf Apiapetinga, Apiacá, indios da lingua geral) indica certo orgão do sexo masculino: a explicação foi dada verbalmente ha muitos annos por Baptista Caetano, autor do grande diccionario guarany, *Ann. da Bibl. Nac.*, 7, Rio, 1879.

Varios escritores coloniaes chamam linguas travadas os numerosos falares tapuyas, diversos da lingua geral. Os que falavam esta chamavam Nheengahibas, Tapuyas, Guayanases etc. aos de linguas travadas.

Pelo estudo das linguas indigenas tem se procurado conhecer as relações entre as differentes tribus. Iniciou as investigações o celebre botanico Martius; continuaram-nas Carlos von den Steinen, o explorador do Xingú, Lucien Adam, Paul Ehrenreich, Raoul de la Grasserie, P. Rivet, R. Schuller e outros. O resumo da questão feito por P. Ehrenreich no *Archiv für Anthropologie* de Braunschweig data de treze annos e precisaria de ser refeito.

Os grupos principaes até hoje apurados são:

1.º *Tupis-Guaranys*, localisados na Bolivia oriental, Paraguay, Argentina e littoral brasileiro, até o Rio Grande do Norte: depois da chegada dos Portuguezes houve diversas migrações para o Maranhão e Pará. No Amazonas houve migrações contemporaneas destas e tambem as houvera anteriormente. Já começam a ser ali distinguidos os Tupis puros, como os que chegavam da foz até o Xingú, os Tupinambaranas do baixo Madeira, os Omaguas do Solimões, e os Tupis impuros como os Mundurucús, Mauhés. A impureza da lingua attesta o trato diuturno com gentes

allophylas e por conseguinte antiguidade da migração: cf P. Rivet, «Affinités du Myrania» no *Journal de la Societé des Américanistes de Paris,* Paris, 1911. Em Levasseur, *Le Brésil*[2], 89/92, Paris, 1889, leem-se «Quelques notes sur la langue tupi», escritas por D. Pedro 2.º. Lucien Adam publicou *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la langue Tupi,* Paris, 1896.

2.º Os *Guaycurús* no Uruguay, no Rio Grande do Sul (Xarruas, Genoas etc.), talvez em S. Paulo (Xavantes?), no Paraguay, em Matto Grosso: cf. R. R. Schuller, nos *Anales de la Universidad,* Santiago de Chile, 1906.

3.º *Maipures* ou *Nu-aruaks* (*nu* é o possessivo da primeira pessoa do singular) nas Guayanas, no baixo e medio Amazonas e seus affluentes, ainda hoje numerosos na bacia do Purús; os Parecis em Matto Grosso, Moxos, Baures, etc., na Bolivia; seus representantes mais meridionaes parecem os Guanás, no Paraguay. De todos os grupos é o mais disseminado, e ha grandes variações entre os diversos idiomas em que se reparte. Começo de comparação entre alguns offerece Julio C. Tello, *Arawak,* Lima, 1913. Segundo R. Schuller deve se incluir entre estes os Carajás de Goyaz e Matto Grosso. Cf Koch-Grünberg, *Aruak-Sprachen Nordwestbrasiliens und der angrenzenden Gebiete,* 1911, sep. da revista da Sociedade Anthropologica de Vienna.

4.º *Carirys,* primeiros habitadores de grande extensão do littoral, onde ainda os Portuguezes os encontravam em partes do Maranhão e do Ceará e á esquerda do baixo S. Francisco, alhures já repellidos para o sertão antes da chegada dos Europeus. Começavam pelo menos no Paraguaçú e chegaram talvez ao Itapucurú no Maranhão. Parecem de todo extintos e não ter tido representantes fóra do Brasil. Lucien Adam publicou um estudo comparativo da lingua, Paris, 1897.

5.º Os *Gés,* nome dado por Martius, tirado da terminação *gé* ou *gué* de muitas tribus: quasi restrictos ao Brasil. Ainda hoje representam-se nos Apinagés, Craós,

Acuens de Goyaz, Suyás do Xingú, Cãigãgs, os chamados Bugres de S. Catharina e Coroados do Rio Grande do Sul. Segundo alguns filiam-se a elles os Botocudos de Espirito Santo e Minas. Vocabularios destes deram Ehrenreich, *Zeitschrift für Ethnologie*, **19**, Berlin 1887, e Bruno Rudolf *Wörterbuch der Botokudensprache*, Hamburg, 1909. Dos Cayapós, — Ibirajaras, Bilreiros ou Caceteiros dos antigos chronistas —, deu um esboço grammatical Fr. Antonio Maria Sala, no *Anthropos*, 9, 233/240, Vienna 1914. Segundo este, os Cayapós a si mesmos chamam Meibonokren. Sobre os Cãigãgs cf T. Borba, *Actualidade indigena*, Curytiba, 1908.

6.º Os *Carahibas*, ainda encontrados com o nome de Bacaerys no Paranatinga e no Xingú, os extinctos Pimenteiras de Piauhy e Pernambuco; existentes nas Guayanas, sob varios denominações em que predomina o suffixo *goto* ou *koto*, signal de plural. Sobre sua lingua fundamental é *Die Bakairi-Sprache* de C. von Steinen, Leipzig, 1892; cf. o estudo comparativo de Lucien Adam, Paris 1894, C. H. de Goeje, *Études linguistiques Caraibes*, Amsterdam 1910.

7.º Os *Panos*, que primeiro identificou Raul de la Grasserie, seguido de Carlos von den Steinen, Paul Rivet, G. de Créqui-Monfort, apparecem desde o Madeira até o Ucayale, sob diversas denominações em que predomina *náwa* ou *nawá*, que significa gente. Paul Rivet dá copiosa bibliographia do assunto: «Sur quelquer dialectes panos peu connus» na *Journal des Américanistes de Paris*, **7**. Hestermann annunciava uma grammatica comparada do grupo. Sobre a lingua dos Caxinauás do Tarauacá publicou um livro contendo grammatica, textos e glossario o revisor desta edição, Rio, 1914.

8.º Os *Betoyas* disseminados pelo Solimões e pelas Guayanas: delles se têm occupado especialmente P. Rivet e H. Beuchat nas *Mémoires de la Société de Linguistique*, **17**, Paris 1911, e Koch-Grünberg, *Anthropos*, **6**, **8**, **9**.

Estes estudos, iniciados ha apenas cincoenta annos, tomaram maior impulso depois da exploração do Xingú

por Carlos von den Steinen: novos elementos podem esperar-se das expedições de Candido Rondon: constitue brilhante premissa E. Roquette Pinto, *A Rondonia*, Rio, 1917.

Alguns dos grupos estão pedindo rigorosa revisão, igual á que soffreu o grupo Guck ou Coco de Martius por parte de C. von den Steinen, dando em resultado a separação dos Carahibas e Aruans. Só depois deste trabalho, para o qual muito hão de contribuir os escritos de antigos missionarios acaso escondidos nas bibliothecas e nos archivos dos dois mundos, será possivel determinar a distribuição geographica, distinguir as migrações precolombianas e iniciar sua chronologia.

Alguns factos desde já chamam a attenção.

Do Amazonas só excepcionalmente apparecem indios de lingua geral na margem esquerda; na margem direita são em maior numero, mas em geral formam nucleos salteados, de pequena densidade para o sertão; em muitos encontrou-se a tradição de chegada recente; assim não apresenta grande verosimilhança a idéa de que os Tupis partiram de lá para o Sul.

Desde a foz do Amazonas até muito além do Tapajoz por um lado, até muito além do rio Negro por outro e alastrando pelos affluentes e contravertentes de ambos prèdominava o grupo dos Nu-aruaks.

Os Carahibas são fracamente representados na bacia amazonica; provavelmente passaram muito a Oeste, si de facto emigraram de Matto Grosso para as Guayanas, como geralmente se admitte.

Si os Botucudos actuaes pertencem ao grupo Gé, é mais comprehensivel que viessem do interior para o littoral do que o contrario, como pensava Paulo Ehrenreich. A idéa, proclamada por elle e C. von den Steinen, de escolher para ponto de partida de qualquer grupo aquelle em que apparece mais destituido de haveres culturaes é sem duvida luminosa e fecunda, mas não infallivel.

Sobre a distribuição geographica dos Gés ha um excellente mappa de Th. Sampaio, na *R. T.*, **75**, Rio, 1913.

CAPITULO PRIMEIRO

Como foi descoberto este estado.

A terra do Brasil, que está na America, uma das quatro partes do Mundo, não se descobriu de proposito e de principal intento, mas acaso, indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de el-rei Dom Manuel no anno de 1500 para a India por capitão-mór de doze náus. Afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou est'outra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma; foi a costeando alguns dias com tormenta até chegar a um porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome.

Alli desembarcou o dito capitão com os seus soldados armados pera pelejarem, porque mandou primeiro um batel com alguns a descobrir campo, e deram novas de muitos gentios que viram; porém não foram necessarias armas, porque só de verem homens vestidos e calçados, brancos e com barba (do que tudo elles carecem) os tiveram por divinos e mais que homens, e assim chamando-lhe caraibbas, que quer dizer na sua lingua cousa divina, se chegaram pacificamente aos nossos.

Donde, assim como os indios da Nova-Espanha, quando viram desembarcar nella os espanhóes, lhes chamaram viracoches, que significa escumas do mar, parecendo-lhes que o mar os lançara de si como escu-

mas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda dest'outros chamados caraibbas e respeitados mais que homens. Mas muito mais cresceu nelles o respeito quando viram a oito frades da ordem do nosso padre S. Francisco, que iam com Pedro Alvares Cabral, e por guardião o padre frei Henrique, que depois foi bispo de Cepta, o qual disse alli missa e pregou, onde os gentios ao levantar a hostia e calix se ajoelharam e batiam nos peitos como faziam os christãos, deixando-se bem nisto ver como Christo senhor nosso neste divino sacramento domina os gentios, que é o que a Igreja canta em a invitatoria de suas matinas, dizendo: Christum regem dominantem gentibus, qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem, venite, adoremus.

Do deus Pan diziam os antigos gentios que dominava e era senhor do universo, e disseram verdade si o entenderam deste Pão divino; porque sem falta elle é o deus que tudo domina, e apenas ha lugar em toda a terra onde já não seja venerado, nem nação tão barbara de que não seja querido e adorado, como estes brasis barbaros fizeram.

Bem quizeram os nossos frades, pela facilidade que nisto mostraram para aceitarem a nossa fé catholica, ficar-se alli, pera os ensinarem e batizarem; mas o capitão-mór, que os levava pera outra seara não menos importante, se partiu dahi a poucos dias com elles pera a India, deixando alli uma cruz levantada como tambem dous portuguezes degradados pera que aprendessem a lingua, e despediu um navio a Portugal de que era capitão Gaspar de Lemos com a nova a el-rei D. Manuel que a recebeu com o contentamento que tão grande cousa e tão pouco esperada merecia.

CAPITULO SEGUNDO

Do nome do Brasil.

O dia que o capitão-mór Pedro Alvares Cabral levantou a cruz, que no capitulo atraz dissemos, era a 3 de Maio, quando se celebra a invenção da santa cruz em que Christo Nosso Redemptor morreu por nós, e por esta causa poz nome á terra que havia descoberta de Santa-Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos. Porém, como o demonio com o signal da cruz perdeu todo o dominio que tinha sobre os homens, receando perder tambem o muito que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um páu assim chamado de côr abrasada e vermelha com que tingem pannos, que o daquelle divino páu, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da Igreja, e sobre que ella foi edificada e ficou tão firme e bem fundada como sabemos. E por ventura por isto, ainda que ao nome de Brasil ajuntaram o de estado e lhe chamam estado do Brasil, ficou elle tão pouco estavel que, com não haver hoje cem annos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, ja se hão despovoados alguns lugares e, sendo a terra tão grande e fertil como ao diante veremos, nem por isso vai em augmento, antes em diminuição.

Disto dão alguns a culpa aos reis de Portugal, outros aos povoadores: aos reis pelo pouco caso que hão feito deste tão grande estado, que nem o titulo quizeram delle, pois, intitulando-se senhores de Guiné, por uma caravelinha que lá vai e vem, como disse o rei do Congo, do Brasil não se quizeram intitular; nem depois da morte de el-rei D. João Terceiro, que o mandou povoar e soube estimal-o, houve outro que delle curasse, sinão para colher as suas rendas e direitos. E deste mesmo modo se hão os povoadores, os quaes, por mais arraigados que na terra estejam e mais ricos que sejam, tudo pertendem levar a Portugal e, si as fazendas e bens que possuem souberam falar, tambem lhes houveram de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes a primeira cousa que ensinam é: papagaio real pera Portugal, porque tudo querem para lá. E isto não têm só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufrutuarios, só para a desfrutarem e a deixarem destruida.

Donde nasce tambem que nem um homem nesta terra é republico, nem zela ou trata do bem commum, sinão cada um do bem particular. Não notei eu isto tanto quanto o vi notar a um bispo de Tucuman da ordem de S. Domingos, que por algumas destas terras passou pera a corte. Era grande canonista, homem de bom entendimento e prudencia, e assi ia muito rico. Notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe pera comer e nada lhe traziam, porque não se achava na praça nem no açougue e, si mandava pedir as ditas cousas e outras mais ás casas particulares, lhas mandavam. Então disse o bispo: verdadeiramente

que nesta terra andam as cousas trocadas, porque toda ella não é republica, sendo-o cada casa.

E assi é que, estando as casas dos ricos (ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem quanto têm) providas de todo o necessario, porque têm escravos, pescadores e caçadores que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite que compram por junto, nas villas muitas vezes se não acha isto de venda. Pois o que é fontes, pontes, caminhos e outras cousas publicas é uma piedade, porque, atendo-se uns aos outros, nemum as faz, ainda que bebam agua suja e se molhem ao passar os rios ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem de não tratarem do que ha cá de ficar, sinão do que hão de levar para o reino.

Estas são as rasões por que alguns com muita dizem que não permanece o Brasil nem vai em crescimento; e a estas se pode ajuntar a que atráz tocámos de lhe haverem chamado estado do Brasil, tirando-lhe o de Santa Cruz, com que pudera ser estado e ter estabilidade e firmeza.

CAPITULO TERCEIRO

Da demarcação da terra e da costa do Brasil com a do Perú e Indias de Castella.

Grandes duvidas e differenças se começavam a mover sobre as conquistas das terras do Novo-Mundo, e houveram de crescer cada dia mais, si os reis catholicos de Castella, D. Fernando e D. Isabel, sua mulher, e el-rei de Portugal D. João Segundo, que as iam conquistando, não atalharam com um concerto que entre si fizeram, de que tambem deram conta ao Papa e houveram sua approvação e beneplacito. O concerto foi que de uma das ilhas de Cabo-Verde, chamada S. Antão, se medissem trezentos e setenta leguas para o Oeste e, dalli lançando uma linha meridiana de Norte a Sul, todas as terras e ilhas que estavam para descobrir desta linha para a parte do Oriente fossem da coroa de Portugal, e as occidentaes da coroa de Castella.

Conforme a isto, diz Pedro Nunes, famoso cosmographo, que a terra do Brasil da coroa de Portugal começa além da ponta do rio das Amazonas, da parte do Oeste, no porto de Vicente Pinson que demora em dous gráus da linha equinocial pera o Norte, e corre pelo sertão até além da bahia de S. Mathias, por quarenta e quatro gráus, pouco mais ou menos, pera o Sul, e por esta medida (diz o mesmo cosmographo) tem o Brasil pela

costa mil e quinhentas leguas. Porém, dado que assim seja na theoria, a pratica é não chegar o Brasil mais que até o rio da Prata, que está em trinta e cinco gráus, e comtudo ainda tem mais de mil leguas por costa, porque, posto que em algumas partes corre de Norte a Sul, que são os gráus só de dezasete leguas e meia, todavia pela maior parte, que é para o Sul do cabo de Santo Agostinho até o rio da Prata, corre de Nordeste a Sudoeste que são de vinte e cinco leguas e pera o Norte do cabo Branco até o rio das Amazonas quasi de Leste a Oeste, onde se altera o gráu, se multiplicam as leguas, e assi não é muito que em trinta e cinco gráus haja tantas.

Donde se collige tambem que é a terra do Brasil da figura de uma harpa, cuja parte superior fica mais larga ao Norte correndo do Oriente ao Occidente, e as collateraes, a do sertão do Norte a Sul, e da costa do Nordeste a Sudoeste, se vão ajuntar no rio da Prata em uma ponta á maneira de harpa, como se verá no mappa mundi e na estampa seguinte.

. . . .

Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse por negligencia dos portuguezes, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam dellas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos.

Depois do sobredito concerto e demarcação se moveram ainda novas duvidas sobre a conquista destas terras, porque um portuguez por nome Fernão de Magalhães, homem de grande espirito e de muita pratica e experiencia na arte de navegação, por um aggravo que teve de el-rei D. Manuel, por lhe não mandar acrescentar

um tostão á moradia que tinha pera ficar igual á de seus antepassados, se tirou do seu serviço e se passou ao imperador Carlos Quinto, offerecendo-se a lhe dar maiores proveitos da India de que tinham os portuguezes, e por viagem mais breve e menos custosa e perigosa que a sua, por um estreito que elle novamente descobrira na costa do Brasil, e lhe poz tambem as ilhas de Maluco na demarcação de Castella. Ao que o imperador não somente deu orelhas, mas admittiu ao seu serviço e, posto que el-rei lhe escreveu logo fazendo-lhe as lembranças necessarias, não deixou de dar navios e gente a Fernão de Magalhães, com que cometteu a viagem e foi pelo estreito ás ilhas de Maluco, onde todos se perderam excepto um que, depois de passar muitos trabalhos e perigos e cinco mezes de fome estreitissima, de que lhe morreram vinte e uma pessoas, os que ficaram vivos, constrangidos da extrema necessidade, arribaram á ilha de Cabo-Verde, onde os portuguezes, emquanto não souberam da viagem que traziam, os agasalharam e proveram com todos os mantimentos e refrescos necessarios, porque os castelhanos diziam virem das Antilhas. Mas, depois que entenderam a verdade, determinaram secretamente de lançar mão da náu e a fazerem deter até darem aviso ao reino, o que tambem aventaram os castelhanos, e se fizeram á vela com tanta pressa que não tiveram tempo de recolher o seu batel, e os da ilha o tomaram com treze homens que estavam em terra, e os mandaram logo a el-rei com novas do que passava.

El-rei, que já nesse tempo era D. João Terceiro, por fallecimento de el-rei D. Manuel, que havia um anno era morto a 13 de Dezembro de 1521, mandou logo quatro caravelas em busca do navio, mas, por maior

pressa que se deram, acharam novas que já era aportado em Sevilha.

Pelo que determinou no seu conselho de mandar pedir ao imperador toda a especiaria que o navio trouxera das ilhas do Maluco, por estarem dentro da sua demarcação, e que não quizesse começar a dar motivo de se quebrarem as pazes que por ambos estavam ratificadas e assi o escreveu ao imperador. E a Luis da Silveira, que havia mandado por seu embaixador a Castella sobre casamentos e lianças, escreveu mudasse a substancia da embaixada e só tratasse deste negocio, como tambem o mandou fazer o imperador pelo seu secretario que estava em Portugal, Christovão Barroso. Ao qual escreveu que falasse logo a el-rei e lhe désse uma carta que sobre isso lhe escrevia, em que se queixava muito de todas essas cousas, e principalmente de elle mandar no alcance da sua náu, que vinha carregada de especiaria das terras que cabiam na sua demarcação sem tocar por toda a India, e que isto era quebrar as capitulações antigas e novas das pazes que estavam assentadas e juradas de um reino a outro, sendo todos os navios portuguezes por seu mandado mui bem recolhidos em todos os portos de seus senhorios. Por onde lhe pedia que mandasse soltar os presos e castigar na ilha os que os prenderam, ás quaes queixas se respondeu de parte a parte que se poriam em juizo e se julgaria o que fosse justiça.

Mas sem falta se viera o negocio a averiguar pelas armas, si não se effectuaram neste tempo os casamentos del-rei com a rainha D. Catharina, irmã do imperador, e do imperador com a imperatriz D. Isabel, irmã del-

rei, com que ficaram duas vezes cunhados e irmãos, e pelo conseguinte em muita paz e amizade.

Tambem el-rei Francisco de França, desejoso de ter parte nos grandes proveitos que diziam tirar-se destas terras, começou a arguir novas duvidas sobre a demarcação que entre si os reis de Portugal fizeram com os de Castella, da qual elle se lançara de fóra sendo requerido para isso, e agora sentia muito a renunciação que tinha feito. Donde se veiu a dizer que, pelo desgosto que tinha destes dous reis de Portugal e Castella repartirem entre si o mundo e o demarcarem á sua vontade, consentia andarem os seus vassallos pelo mar tão soltos que não somente roubavam os navios, mas comettiam as ditas terras e as queriam povoar, principalmente as do Brasil, como adiante veremos.

CAPITULO QUARTO

Do clima e temperamento do Brasil.

Opinião foi de Aristoteles e de outros philosophos antigos que a zona torrida era inhabitavel, porque, como o sol passa por ella cada anno duas vezes pera os tropicos, parecia-lhes que com tanto calor não poderia alguem viver. E confirmavam sua opinião, porque o sol aquenta com os seus raios *uniformiter diformiter* mais ao perto que ao longe, e por essa causa no inverno aquenta pouco, porque anda distante;

sed sic est que na zona temperada, onde nunca entra, só pelo accesso que faz no verão enfermam e morrem os homens de calor;

logo *a fortiori* em a zona torrida donde nunca sai ha de ser mortifero.

Porêm a experiencia tem já mostrado que a zona torrida é habitavel, e que em algumas partes della vivem os homens com mais saude que em toda a zona temperada, principalmente no Brasil, onde nunca ha peste nem outras enfermidades commuas, sinão bexigas de tempos em tempos, de que adoecem os negros e os naturaes da terra, e isto só uma vez, sem a segundar em os que já as tiveram e, si alguns adoecem de enfermidades particulares, é mais por suas desordens que por malicia da terra. A rasão disto é porque, ainda que a terra do Brasil ê calida por estar a maior della na zona torrida,

comtudo é juntamente muito humida, como se prova do orvalhar tanto de noite que nem depois de sahir o sol a quatro horas se enxugam as ervas e, si alguem dorme ao sereno, se levanta pela manhã tão molhado delle como si lhe houvera chuvido.

Daqui vem tambem não poder o sal e o assucar, por mais que o sequem e resguardem, conservar-se sem humedecer-se, e o ferro e aço de uma espada ou navalha, por mais limpo e sacalado que seja, se enche logo de ferrugem. E esta humidade é causa de que o calor desta terra se tempere e faz este clima de boa complexão. Outra é pelos ventos Leste e Nordeste, que ventam do mar todo o verão do meio dia pouco mais ou menos até a meia noite, e lavam e refrescam toda a terra.

A ultima causa é pela igualdade dos dias e das noites, porque (como dizem os philosophos) a extensão faz intensão; donde, si um puzesse ou tivesse a mão de vagar sobre um fogo fraco de estopas ou de palhas, se queimaria mais que si depressa a passase por um fogo forte. E por isto em Portugal, posto que o calor é mais remisso, se sente mais porque dura mais, e são maiores os dias no verão que as noites, mas no Brasil, ainda que mais intenso, dura menos e não aquenta tanto que o frio da noite o não atalhe que não chegue de um dia a outro.

Donde se responde ao argumento de Aristoteles que o sol aquenta mais na zona torrida que na temperada *intensivè*, mas não *extensivè*, e que esta intensão de calor se modera com os ventos frescos do mar e humidade da terra, junto com a frescura do arvoredo de que toda está coberta; de tal sorte que os que a habitam vivem nella

alegremente. O em que se verifica a opinião dos philosophos é nas cousas mortas, porque, estando nas outras terras a carne tres ou quatro dias sã e incorruta, e da mesma maneira o pescado, nesta não está vinte e quatro horas que se não damne e corrompa.

CAPITULO QUINTO

Das minas de metaes e pedras preciosas do Brasil.

Já no capitulo terceiro comecei a murmurar da negligencia dos portuguezes que não se aproveitavam das terras do Brasil que conquistam, e agora me é necessario continuar com a murmuração, havendo de tratar das minas do Brasil, pois, sendo contigua esta terra com a do Perú, que a não divide mais que uma linha imaginaria indivisivel, tendo lá os castelhanos descobertas tantas e tão ricas minas, cá nem uma passada dão por isso, e quando vão ao sertão é a buscar indios forros, trazendo-os á força e com enganos para se servirem delles e os venderem com muito encargo de suas consciencias. E é tanta a fome que disto levam que, ainda que de caminho achem mostras ou novas de minas, não as cavam nem ainda as vêm ou as demarcam.

Um soldado de credito me disse que, indo de São Vicente com outros, entraram muitas leguas pelo sertão, donde trouxeram muitos indios, e em certa paragem lhes disse um que dali a tres jornadas estava uma mina de muito ouro limpo e descoberto, donde se podia tirar em pedaços, porem que receava a morte si lha fosse mostrar, porque assim morrera já outro que em outra occasião a quizera mostrar aos brancos. E dizendo-lhe estes que não temesse, porque lhe rogariam a Deus pela

vida, prometteu que lha iria mostrar, e assentaram de partir no dia seguinte pela manhã, porque aquelle era já tarde. Com isto se apartou o indio pera o seu rancho, e quando amanheceu o acharam morto e, como si morreram todos, não houve mais quem tivesse animo pera descobrir aquella riqueza, que a mesma natureza (segundo dizia o indio) alli está mostrando descoberta.

Outra entrada fez um Antonio Dias Adorno, da Bahia, em que tambem achou de passagem muitas sortes de pedras preciosas, de que trouxe algumas mostras, e por tais foram julgadas dos lapidarios.

De crystal sabemos em certo haver uma serra na capitania do Espirito Santo em que estão mettidas muitas esmeraldas, de que Marcos de Azeredo levou as mostras a el-rei e, feito exame por seu mandado, disseram os lapidarios que aquellas eram da superficie e estavam tostadas do sol, mas que, si cavassem ao fundo, as achariam claras e finissimas. Pelo que el-rei lhe fez mercê do habito de Christo e de dous mil cruzados pera que tornasse a ellas, os quaes se não deram, e o homem era velho e morreu sem haver mais até agora quem lá tornasse.

Tambem ha minas de cobre, ferro e salitre, mas, si pouco trabalham pelas de ouro e pedras preciosas, muito menos fazem por est'outras.

Não ponho culpa a el-rei, assim porque sei que nesta materia lhe hão dado alguns alvitres falsos, e diz Aristoteles que é pena dos que mentem não lhes darem credito quando falam verdade, como tambem porque não basta mandar el-rei si os ministros não obedecem, como se viu no das esmeraldas de Marcos de Azeredo.

CAPITULO SEXTO

Das arvores agrestes do Brasil.

Ha no Brasil grandissimas mattas de arvores agrestes, cedros, carvalhos, vinhaticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortissimas pera se poderem fazer dellas fortissimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa pera se calafetarem e fazerem cordas pera enxarcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se podera aproveitar el-rei si cá os mandara fazer. Mas os indios naturaes da terra as embarcações de que usam são canoas de um só páu, que lavram a fogo e a ferro; e ha páus tão grandes que ficam depois de cavadas com dez palmos de boca de bordo a bordo, e tão compridas que remam a vinte remos por banda.

São tambem as madeiras do Brasil mui accomodadas pera os edificios das casas por sua fortaleza; e com ellas se acha juntamente a pregadura, porque ao pé das mesmas arvores nascem uns vimes mui rijos, chamados timbós e cipós, que, subindo até o mais alto dellas, ficam parecendo mastos de navios com os seus ovens, e com estes atam os caibros, ripas e toda a madeira das casas que houveram de ser pregadas, no que se forra muito gasto de dinheiro, e principalmente nas grandes cercas, que fazem aos pastos. dos bois dos engenhos, por que não saiam a comer os cannaviaes do assucar e os achem no

pasto, quando os houverem mister pera a moenda, as quaes cercas se fazem de estacas e varas atadas com estes cipós.

Ao longo do mar, e em algumas partes muito espaço dentro delle, ha grandes mattas de mangues, uns direitos e delgados de que fazem estas cercas e caibros pera as casas, outros que dos ramos lhes descem as raïzes ao lado e dellas sobem outros, que depois de cima lançam outras raizes, e assi se vão continuando, de ramos a raizes, e de raizes a ramos, até occupar um grande espaço, que é cousa de admiração.

Não é menos admiravel outra planta que nasce nos ramos de qualquer arvore e alli cresce, e dá um fruto grande e mui doce chamado caragätá, e entre suas folhas, que são largas e rijas, se acha todo o verão agua frigidissima, que é o remedio dos caminhantes onde não ha fontes.

Ha muitas castas de palmeiras, de que se comem os palmitos e o fruto, que são uns cachos de cocos, e se faz delles azeite para comer e para a candeia, e das palmas se cobrem as casas.

Nem menos são as madeiras do Brasil formosas que fortes, porque as ha de todas as cores, brancas, negras, vermelhas, amarellas, roxas, rosadas e jaspeadas, porêm, tirado o páu vermelho a que chamam brasil, e o amarello chamado tataiuba, e o rosado araribbá, os mais não dão tinta de suas cores. E comtudo são estimados por sua formosura pera fazer leitos, cadeiras, escritorios e bufetes, como tambem se estimam outros porque estillam de si oleo odorifero e medicinal, quaes são umas arvores mui grossas, altas e direitas chamadas copahibas, que, golpeadas no tempo do estio com um

machado, ou furadas com uma verruma ao pé, estillam do amego um precioso oleo, com que se curam todas as enfermidades de humor frio, e se mitigam as dores que dellas procedem, e saram quaesquer chagas, principalmente de feridas frescas posto com o sangue, de tal modo que nem fica dellas signal algum depois que saram. E acerta ás vezes estar este licor tão de vez e desejoso de sahir que, em tirando a verruma, corre com tanta quantidade como se tiraram o torno a uma pipa de azeite. Porem nem em todas se acha isto, sinão em as que os indios chamam femeas, e esta é a differença que têm dos machos, sendo em tudo o mais semelhantes. Nem só têm estas arvores virtude em o oleo, mas tambem em a casca, e assim se acham ordinariamente roçadas dos animaes, que as vão buscar pera remedio de suas enfermidades.

Outras arvores ha chamadas caborehibas, que dão o suavissimo balsamo com que se fazem as mesmas curas, e o Summo Pontifice o tem declarado por materia legitima da santa unção e chrisma, e como tal se mistura e sagra com os santos oleos onde falta o da Persia. Este se tira tambem dando golpes em a arvore, e mettendo nelles um pouco de algodão em que se colhe, e espremido o mettem em uns coquinhos pera o guardarem e venderem.

Outras arvores se estimam ainda que agrestes, por seus saborosos frutos, que são innumeraveis as que frutificam pelos campos e mattos, e assim não poderei contar sinão algumas principaes.

Taes são: as sasapocaias de que fazem os eixos para as moendas das engenhos, por serem rijissimas, direitas e tão grossas como toneis, cujos frutos são uns vasos

tapados, cheios de saborosas amendoas, os quaes depois que estão de vez se destapam e, comidas as amendoas, servem as cascas de graes para pisar adubos ou o que querem.

Mussurandubas, que é a madeira mais ordinaria de que fazem as traves e todo o madeiramento das casas, por ser quasi incorrutivel; seu fruto é como cerejas, maior e mais doce, mas lança de si leite como os figos mal maduros.

Janipapos, de que fazem os remos pera os barcos como em Espanha os fazem de faia, têm um fruto redondo tão grande como laranjas, o qual, quando é verde, espremido dá o sumo tão claro como a agua do pote; porêm quem se lava com elle fica negro como carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias. Desta se pintam e tingem os indios em suas festas, e saem tão contentes nús, como si sahiram com uma rica libré, e este fruto se come depois de maduro, sem botar delle nada fora.

Gyitis é fruto de outras o qual, posto que feio á vista, e por isto lhe chamão coroe, que quer dizer nodoso e sarabulhento, comtudo é de tanto sabor e cheiro que não parece simples, sinão composto de assucar, ovos e almiscar.

Os cajueiros dão a fruta chamada cajús, que são como verdiaes, mas de mais sumo, os quaes se colhem no mez de Dezembro em muita quantidade, e os estimam tanto que aquelle mez não querem outro mantimento, bebida ou regalo, porque elles lhes servem de fruta, o sumo de vinho, e de pão lhes servem umas castanhas que vêm pegadas a esta fruta, que tambem as mulheres brancas presam muito, e seccas as guardam

todo o anno em casa pera fazerem maçapães e outros doces, como de amendoas; e dá gomma como a Arabia. A figura desta arvore e do seu fruto é a seguinte:

. . . .

O mesmo tem outra planta que produz ananazes, fructa que em formosura, cheiro e sabor excede todas as do mundo. Alguma tacha lhe põem os que têm chagas e feridas abertas, porque lhas assanha muito si a comem, trazendo alli todos os ruins humores que acha no corpo: porêm isto antes argúe a sua bondade, que é não soffrer comsigo ruins humores e purgal-os pelas vias que acha abertas, como o experimentam os enfermos de pedra, que lha desfaz em areias e expelle com a urina, e até a ferrugem da faca com que se apara a limpa; a figura da planta e fructa é a seguinte:

. . . .

Cultivam-se palmares de cocos grandes e colhem-se muitos, principalmente á vista do mar, mas só os comem e lhes bebem a agua que têm dentro, sem os mais proveitos que tiram na India, onde diz o padre frei Gaspar no seu *Itinerario* a folhas quatorze, que das palmeiras se arma uma náu a vela e se carrega de todo o mantimento necessario sem levar sobre si mais que a si mesma.

Fazem-se favaes de favas e feijões de muitas castas, e as favas seccas são melhores que as de Portugal, porque não criam bicho, nem têm a casca tão dura como as de lá, e as verdes não são peiores. A sua rama é a modo de vimes e, si têm por onde trepar, faz grande ramada.

Maracujás é outra planta que trepa pelos mattos, e tambem a cultivam e põem em latadas nos pateos e quintais; dão fruto de quatro ou cinco sortes, uns maio-

res, outros menores, uns amarellos, outros roxos, todos mui cheirosos e gostosos. E o que mais se pode notar é a flôr, porque, alem de ser formosa e de varias côres, é mysteriosa: começa no mais alto em tres folhinhas, que se rematam em um globo que representa as tres divinas pessoas em uma divindade, ou (como outros querem) os tres cravos com que Christo foi encravado, e logo têm abaixo do globo (que é o fruto) outras cinco folhas, que se rematam em uma roxa corôa, representando as cinco chagas e corôa de espinhos de Christo Nosso Redemptor.

Das arvores e plantas frutiferas que se cultivam em Portugal se dão no Brasil as de espinho com tanto viço e fertilidade que todo o anno ha laranjas, limões, cidras e limas doces em muita abundancia. Ha tambem romãs, marmellos, figos, e uvas de parreira, que se vindimam duas vezes por anno; e na mesma parreira (si querem) têm juntamente uvas em flôr, outras em agraço, outras maduras, si as podam a pedaços em tempos diversos.

Ha muitas melancias e abobras de quaresma e de conserva, muitos melões todo o verão, tão bons como os bons de Abrantes, e com esta vantagem que lá entre cento se não acham dous bons, e cá entre cento se não acham dous ruins.

Finalmente se dá no Brasil toda a hortalice de Portugal, hortelã, endros, coentro, cegurelha, alfaces, celgas, borragens, nabos e couves, e estas só uma vez se plantam de couvinha, mas depois dos olhos que nascem ao pé se faz a planta muitos annos, e em poucos dias crescem e se fazem grandes couves: alem destas ha outras couves da mesma terra, chamadas taiaobbas, das quaes comem tambem as raizes cozidas, que são como batatas pequenas.

CAPITULO SETIMO

Das arvores e ervas medicinaes e outras qualidades occultas.

Alem das arvores do salutifero balsamo e óleo de copaibba, e que já fiz menção no capitulo sexto, ha outras que distillam de si mui boa almécega pera as boticas, outras chamadas sarsafraz, ou arvores de funcho, porque cheiram a elle, cujas raizes e o proprio páu pera enfermidades de humores frios é tão medicinal como o páu da China.

Ha arvores de canafistula brava, assi chamada porque se dá nos mattos, e outra que se planta, e é a mesma que das Indias.

Ha umas arvores chamadas andaz, que dão castanhas excellentes pera purgas, e outras que dão pinhões pera o mesmo effeito, os quaes têm este mysterio que, si tomam com uma tona e pellicula subtil que têm, provocam o vomito, e, si lha tiram, sómente provocam a camera. Mas tem-se por mais facil e melhor a purga da batata ou mechuacão, que tambem ha muita pelos mattos.

Nas praias do mar ou ao longo dellas se dá uma erva que, si não é a çarsa parrilha, parece-se com ella, e tomada em suadouros faz os mesmos effeitos.

A erva fedegosa, chamada dos gentios e indios feiticeira, por as muitas curas que com ella se fazem, e particularmente do bicho, que é uma doença mortifera.

As ambaïbas são umas figueiras bravas que dão uns figos de dous palmos quasi de comprido, mas pouco mais grossos que um dedo, os quaes se comem e são mui doces, e os olhos destas arvores, pisados e postos em feridas frescas com o sangue, as saram maravilhosamente.

A folha da figueira do inferno, posta sobre nascidas e leicenços, mitiga a dôr e as sara. As de jurubeba saram as chagas, e as raizes são contra-peçonha. A carobba sara das boubas; o cipó, das cameras. Emfim não ha enfermidade contra a qual não haja ervas em esta terra, nem os indios naturaes della têm outra botica ou usam de outras medicinas.

Outras ha de qualidades occultas, entre as quaes é admiravel uma ervasinha a que chamam erva viva, e lhe poderam chamar sensitiva, si o não contradissera a philosophia, a qual ensina o sensitivo ser differença generica que distingue o animal da planta, e assi define o animal, que é corpo vivente sensitivo. Mas contra isto vemos que, si tocam esta erva com a mão ou com qualquer outra cousa, se encolhe logo e se murcha, como si sentira o toque, e depois que a largam, como já esquecida do aggravo que lhe fizeram, se torna a extender e abrir as folhas. Deve isto ser alguma qualidade occulta, qual a da pedra de cevar pera attrahir o ferro, e não lhe sabemos outra virtude.

CAPITULO OITAVO

Do mantimento do Brasil.

E' o Brasil mais abastado de mantimentos que quantas terras ha no mundo, porque nelle se dão os mantimentos de todas as outras.

Dá-se trigo em S. Vicente em muita quantidade, e dar-se-á nas mais partes cansando primeiro as terras, porque o viço lhe faz mal.

Dá-se tambem em todo o Brasil muito arroz, que é o mantimento da India Oriental, e muito milho zaburro que é o das Antilhas e India Occidental. Dão-se muitos inhames grandes, que é o mantimento de S. Thomé e Cabo-Verde, e outros mais pequenos, e muitas batatas, as quaes plantadas uma só vez sempre fica a terra inçada destas.

Mas o ordinario e principal mantimento do Brasil é o que se faz da mandioca, que são umas raizes maiores que nabos e de admiravel propriedade, porque, si as comem cruas ou assadas, são mortifera peçonha, mas, raradas, espremidas e desfeitas em farinha, fazem dellas uns bolos delgados, que cozem em uma bacia ou alguidar, e se chamam beijús, que é muito bom mantimento e de facil digestão. Ou cozem a mesma farinha mexendo-a na bacia como confeitos, e esta, si a torram bem, dura mais que os beijús, e por isso é chamada farinha de guerra,

porque os indios a levam quando vão á guerra longe de suas casas, e os marinheiros fazem della sua matalotage daqui pera o reino.

Outra farinha se faz fresca, que não é tão cozida, e pera esta (si a querem regalada) deitam primeiro as raizes de molho, até que amolleçam e se façam brandas, e então as espremem, *et cetera*... E, si estas raizes assim molles as põem a seccar ao sol, chama-se carimã, e as guardam ao fumo em caniços muito tempo, as quaes pisadas se fazem em pó tão alvo como o da farinha de trigo, e delle amassado fazem pão, que, si é de leite ou misturado com farinha de milho e de arroz, é muito bom, mas extreme é algum tanto corriento. E assim o pera que mais o querem é pera papas, que fazem pera os doentes com assucar e as têm por melhores que tizanas, e pera os sãos as fazem de caldo de peixe ou de carne ou só de agua, e esta é a melhor triaga que ha contra toda a peçonha. E por isso disse destas raizes que tinham propriedade admiravel, porque, sendo cruas mortifera peçonha, só com uma pouca de agua e sal se fazem mantimento e salutifera triaga. E ainda têm outra a meu vêr mais admiravel que, sendo estas raizes cruas mantimento com que sustentam e engordam cevados e cavallos, si as espremem e lhe bebem só o sumo, morrem logo e, com ser este sumo tão fina peçonha, si o deixam assentar-se, coalha em um polme a que chamam tapioca, de que se faz mais gostosa farinha e beijús que da mandioca, e crú é bella gomma para engommar mantéos.

Outra casta ha de mandioca a que chamam aipins, que se podem comer crús sem fazer damno, e assados sabem a castanhas de Portugal assadas, e assim de uma como da outra não é necessario perder-se a semente

quando se planta, como no trigo; mas só se planta a rama feita em pedaços de pouco mais de palmo, os quaes, mettidos até o meio em a terra cavada, dão muitas e grandes raizes. Nem se recolhem em celleiros donde se comam de gorgulho como o trigo, mas colhem-as do campo pouco a pouco quando querem, e até as folhas pisadas e cozidas se comem.

CAPITULO NONO

Dos animaes e bichos do Brasil.

Criam-se no Brasil todos os animaes domesticos e domaveis de Espanha, cavallos, vaccas, porcos, ovelhas e cabras, e parem a dous e tres filhos de cada ventre, e a carne de porco se come indifferentemente de inverno e verão, e a dão a doentes como a de gallinha.

Ha tambem muitos porcos montezes, alguns como os javalis de Espanha, os quaes andam em manadas e, si o caçador fére algum, ha logo de subir-se a alguma arvore, porque, vendo elles que não podem chegar-lhe, remettem todos ao ferido e aos outros em que se pegou algum sangue, com tanta fereza que se não apartam até não deixarem tres ou quatro mortos no campo, e então se vão em paz, e o caçador tambem com a caça.

Outros ha que tem o embigo nas costas, e é necessario tirar-lho com uma faca antes que o esquartejem, sob pena de ficar toda a carne fedendo a raposinhos.

Outros ha o que chamam capyguaras, que quer dizer comedores de erva: andam sempre na agua, tirado quando sahem a pascer pelos valles e margens dos rios, e alguns tomam e criam em casa fóra da agua, pelo que se julgam por carne e não por pescado.

Ha outros animaes a que chamam antas, que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e têm o focinho

mais delgado e o beiço superior comprido á maneira de tromba, e as orelhas redondas, a côr cinzenta pelo corpo, e branca pela barriga. Estas sahem a pascer só de noite e, tanto que amanhece, mettem-se em mattos espessos e alli estão o dia todo escondidas. A carne destes animaes é no sabor e fevera como de vacca, e do couro curtido se fazem mui boas couras pera vestir e defender de setas e estocadas: algumas têm em o bucho umas pedras que na virtude são como as de bazar, mas mais lisas e massiças.

Ha outras mais caças de veados, coelhos, cutias e pacas, que são como lebres, mas mais gordas e saborosas, e não se esfolam pera se comerem, porque têm couros como de leitão.

Ha tatús, a que os espanhóes chamam armadilhos, porque são cobertos de uma concha, não inteiriça como a das tartarugas, mas de peças a modo de laminas, e sua carne assada é como de gallinha.

Tamandoçú é um animal tão grande como carneiro, o qual é de côr parda com algumas pintas brancas, tem o focinho comprido e delgado pera baixo, a bocca, não rasgada como os outros animaes, mas pequena e redonda, a lingua da grossura de um dedo e quasi de tres palmos de comprido, as unhas á maneira de escopros, o rabo mui povoado de cerdas quasi tão compridas como de cavallo. E todas estas cousas lhe são necessarias pera conservar sua vida, porque, como não come outra cousa sinão formigas, vai-se com as unhas cavar os formigueiros até que saiam da cova, e logo lança a lingua fóra da bocca pera que se peguem a ella e, como a tem bem cheia, a recolhe pera dentro, o que faz tantas vezes até que se farta. E quando se quer esconder aos caçadores,

lança o rabo sobre si e se cobre todo com suas sedas, de modo que não se lhe vêm os pés, nem cabeça, nem parte alguma do corpo, e o mesmo faz quando dorme, gozando debaixo daquelle pavilhão um somno tão quieto que, ainda que disparem junta uma bombarda, ou caia uma arvore com grande estrepito, não disperta, si não é somente com um assobio que, por pequeno que seja, o ouve logo e se levanta. A carne deste animal comem os indios velhos, e não os mancebos, por suas superstições e agouros.

Ha tambem muita diversidade de animaes nocivos que se não comem, como são onças ou tigres, que matam touros e, si estão famintos, cometterão um exercito; mas, si estão fartos, não só não offendem a alguem, mas nem ainda se defendem e se deixam matar facilmente.

Ha raposas e bugios, e destes ha uns que são grandes, chamados guaribbas, que têm barbas como homens, e se barbeiam uns aos outros, cortando o cabello com os dentes. Andam sempre em bandos pelas arvores e, si o caçador atira a algum e não o acerta, matam-se todos de riso; mas, si o acerta e não cai, arranca a frecha do corpo e torna a fazer tiro com ella a quem o feriu, e logo foge pela arvore acima e, mastigando folhas, mettendo-as na ferida, se cura e estanca o sangue com ellas.

Outros bugíos ha não tão grandes, nem têm mais habilidades que fazer momos e caretas, mas são de cheiro; e outros pequenos chamados saguins, uns pardos, outros ruivos.

Ha outro animal chamado jarutacáca, que tem as mãos e pés como bugío, o qual é malhado de varias cores e deleitavel á vista mais que ao olfato, como expe-

rimentam os que o querem caçar, porque só com uma ventosidade que larga é tanto o fedor que lhe foge o caçador, e do caçador fogem os visinhos muitos dias, não podendo soffrer o máu cheiro que se lhe communicou e vai communicando por onde quer que vai, e os cães se vão muitas vezes lavar na agua e esfregar com a terra sem poder tirar o fedor.

Outro animal ha que chamam preguiça, por ser tão preguiçoso e tardo em mover os pés e mãos que, pera subir a uma arvore ou andar um pedaço de vinte palmos, ha mister meia hora e, posto que o aguilhoem, nem por isso foge mais de pressa.

Ha outro a que chamam taibú, que depois que pare os filhos os recolhe todos em um bolso que tem no peito, onde os traz até os acabar de criar.

Ha tambem muitas cobras, e algumas que engolem um veado inteiro, e dizem os indios naturaes da terra que depois de fartas rebentam e corruta a carne se gera outra do espinhaço, porque já aconteceu achar-se alguma presa com um vime que tinha em si encorporado. O que não podia ser, sinão que ficou junto ao vime quando rebentou e se lhe corrompeu a carne e depois, criando outra de novo, o colheu de dentro e encorporou em si, porêm não se ha de dizer que morrem (como os indios cuidam), sinão que com a carne corruta ficam ainda vivas, e assim não resuscitam mas saram, e algumas se viram já de sessenta palmos de comprido. Em Pernambuco se enrolou uma destas em um homem que ia caminhando, de tal sorte que, si não levara um cão comsigo que mordendo-a muitas vezes a fez largar, sem falta o matava: e ainda assim o deixou tal que nunca mais tornou ás suas côres e forças passadas.

Tambem me contou uma mulher de credito na mesma capitania de Pernambuco que, estando parida, lhe viera algumas noites uma cobra mamar em os peitos, o que fazia com tanta brandura que ella cuidava ser a criança e, depois que conheceu o engano, o disse ao marido, o qual a espreitou na noite seguinte e a matou.

Ha outras que chamam cascaveis porque os têm no rabo, com que vão fazendo rugido por onde quer que vão, e cada anno lhe nasce um de novo: algumas vi que tinham oito, e são tão venenosas que os mordidos dellas de maravilha escapam. Outra ha que chamam de duas cabeças, porque tanto mordem com o rabo como com a cabeça.

Ha no Brasil infinitas formigas, que cortam as folhas das arvores e em uma noite tosam toda uma larangeira, si seu dono se descuida de lhe botar agua em uns têstos que têm aos pés.

Outra casta ha chamada copy, que fazem uns caminhos cobertos por onde andam e roem as madeiras das casas e os livros e roupa que acham, si não ha muita vigilancia.

Piolhos e persovejos não ha no Brasil, nem tantas pulgas como em Portugal; mas ha uns bichinhos de feição de pulgas, tão pequenos como piolhos de gallinhas, que se mettem nos dedos e solas dos pés a quem anda descalço, e se fazem tão grandes e redondos como camarinhas. Quem sabe tiral-os inteiros sem lesão o faz com a ponta de um alfinete, mas quem não sabe rebenta-os e, ficando a pelle dentro, cria materia.

pela barriga com que o derribou e, tornando-se a levantar com a bocca aberta pera o tragar, lhe deu um altabaixo na cabeça com que o atordoou, e logo acudiram alguns escravos seus que o acabaram de matar, ficando tambem o mancebo desmaiado e quasi morto, depois de haver tido tanto animo. Era este monstruoso peixe de quinze palmos de comprido, não tinha escama sinão pelle, como se verá na figura seguinte.

. . . .

Ha uns peixes pequenos em toda esta costa, menores de palmo, chamados majacús, que, sentindo-se presos do anzol, o cortam com os dentes e fogem; mas, si lhe atam a isca em qualquer linha e pegam nella, os vão trazendo brandamente á superficie da agua, onde com um redefolle os tomam sem alguma resistencia. E, tanto que os tiram fóra da agua, incham tanto que de compridos que eram ficam redondos como uma bexiga cheia de vento, e assim, si lhe dão um couce, rebentam e sôam como um mosquete. Têm a pelle muito pintada, mas mui venenosa, e da mesma maneira o fel; porém, si o esfolam bem, se comem assados ou cozidos, como qualquer outro peixe. Outros ha do mesmo nome, mas maiores e todos cobertos de espinhos mui agudos, como ouriços cacheiros, e estes não vêm sinão de arribação de tempos em tempos, e um anno houve tantos nesta bahia que as casas e engenhos se alumiaram muito tempo com o azeite de seus figados.

Mariscos ha em muita quantidade, ostras, umas que se criam nos mangues, outras nas pedras, e outras nos lodos, que são maiores. Nas restingas de areia ha outras redondas e espalmadas em que se acha aljofar miudo,

e dizem que, si as tirassem do fundo, de mergulho, achariam perolas grossas.

Ha briguigões, ameijoas, mexilhões, buzios como caracoes, e outros tão grandes que, comida a polpa ou miolo, fazem das cascas buzinas em que tangem e sôam mui longe.

Ha muitas castas de caranguejos, não só na agua do mar e nas praias entre os mangues, mas tambem em terra, entre os mattos, ha uns de côr azul chamados guaiamús, os quaes em as primeiras aguas do inverno, que são em Fevereiro, quando estão mais gordos e as femeas cheias de ovas, se saem das covas e se andam vagando pelo campo e estradas e mettendo-se pelas casas para que os comam.

Camarões ha muitos, não só no mar como os de Portugal, mas nos rios e lagôas de agua doce, e alguns tão grandes como lagostins, dos quaes tambem ha muitos que se tomam nos recifes de aguas vivas e muitos polvos e lagostas.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

De outras cousas que ha no mar e terra do Brasil.

Inopem me copia fecit, disse o poeta, e disse verdade, porque, onde as cousas são muitas, é forçado que se percam, como acontece ao que vindima a vinha fertil e abundante de fruto, que sempre lhe ficam muitos cachos de rebisco, e assim me ha succedido com as cousas do mar e terra do Brasil de que trato. Pelo que me é necessario rebiscar ainda algumas, que farei neste capitulo, que quanto a todas é impossivel relatal-as.

Faz-se no Brasil sal não só em salinas artificiaes, mas em outras naturaes, como no Cabo-Frio e alem do Rio-Grande, onde se acha coalhado em grandes pedras muito e muito alvo.

Faz-se tambem muita cal, assim de pedra do mar como da terra, e de cascas de ostras que o gentio antigamente comia e se acham hoje montes dellas cobertos de arvoredos, donde se tira e se coze engradada entre madeira com muita facilidade.

Ha tucum, que são umas folhas quasi de dous palmos de comprido, donde, só com a mão, sem outro artificio, se tira pita rijissima, e cada folha dá uma estriga.

Outra planta ha chamada caraguatá, da feição da erva babosa, mas cada folha tem uma braça de comprido; as quaes, deitadas de molho e pisadas, se desfazem

em linho, de que se fazem linhas e cordas e se pôde fazer panno.

Ha arvores de sabão, porque com a casca das fructas se ensabôa a roupa, e as frutas são umas contas tão redondas e negras que parecem de páu évano torneado, e assim não ha mais que fural-as e resar por ellas.

Ha muita erva de anil e de vidro (?) que se não lavra.

Ha muitas fontes e rios caudalosos, com que moem os engenhos de assucar, e outros por onde entra a maré, mui largos e fundos e de bôas barras e portos pera os navios.

Quiz um pintar uma cidade mui bastecida e abastada e pintou-a com as portas cerradas e ferrolhadas, significando que tudo tinha em si, e não era necessario vir-lhe alguma de fóra, que é a excellencia por que diz o psalmista que louve a celestial cidade de Jerusalem ao Senhor: *Lauda, Hierusalem, Dominum, lauda Deum tuum. Sion, quoniam confortavit seras portarum tuarum.*

Mas não faltou logo quem contrafizesse e pintasse outra com as portas abertas, e por ellas entrando carretas carregadas de mantimentos, dizendo que aquella era mais bastecida e abastada. Nem lhe faltou outra autoridade com que a confirmar do mesmo salmistas, o qual diz que ama Deus muito as portas de Sion: *diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob* e isto, não porque as tem fechadas, sinão abertas a naturaes e estrangeiros, a brancos e negros que todos têm seu trato e commercio: *Ecce alieniginae et Tirus et populus Ethiopum hi fuerunt illic.*

Conforme a isto digna é de todos os louvores a terra do Brasil, pois primeiramente pode sustentar-se com seus portos fechados sem soccorro de outras terras.

Sinão pergunto eu: de Portugal vem farinha de trigo? a da terra basta. Vinho? de assucar se faz mui suave e, para quem o quer rijo, com o deixar ferver dous dias embebeda como de uvas. Azeite? faz-se de cocos de palmeiras. Panno? faz-se de algodão com menos trabalho do que lá se faz o de linho e de lã, porque debaixo do algodoeiro o pode a fiandeira estar colhendo e fiando, nem faltam tintas com que se tinja. Sal? cá se faz artificial e natural, como agora dissemos. Ferro? muitas minas ha delle, e em S. Vicente está um engenho onde se lavra finissimo. Especiaria? ha muitas especies de pimenta e gengivre. Amendoas? tambem se excusam com a castanha de cajú, *et sic de ceteris.*

Si me disserem que não pode sustentar-se a terra que não tem pão de trigo e vinho de uvas para as missas, concedo, pois este divino sacramento é nosso verdadeiro sustento; mas para isto basta o que se dá no mesmo Brasil em S. Vicente e campo de S. Paulo, como tenho dito no capitulo nono. E com isto está que tem os portos abertos e grandes barras e bahias, por onde cada dia lhe entram navios carregados de trigo, vinho e outras ricas mercadorias, que deixam a troco das da terra.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

Da origem do gentio do Brasil e diversidade de linguas que entre elles ha.

D. Diogo de Avalos, visinho de Chuquiabue no Perú, em a sua *Miscellanea Austral,* diz que em as serras de Altamira em Espanha havia uma gente barbara, que tinha ordinaria guerra com os espanhoes e que comiam carne humana, do que enfadados os espanhoes juntaram suas forças e lhes deram batalha na Andaluzia, em que os desbarataram e mataram muitos. Os poucos que ficaram, não se podendo sustentar em terra, a desempararam e se embarcaram pera onde a fortuna os guiasse, e assi deram comsigo nas ilhas Fortunadas, que agora se chamam Canarias, tocaram as de Cabo-Verde e aportaram no Brasil. Sahiram dous irmãos por cabos desta gente, um chamado Tupi e outro Guarani; este ultimo, deixando o Tupi povoando o Brasil, passou a Paraguae com sua gente e povoou o Perú.

Esta opinião não é certa, e menos o são outras que não refiro, porque não têm fundamento: o certo é que esta gente veiu de outra parte, porem donde não se sabe, porque nem entre elles ha escrituras, nem houve algum autor antigo que delles escrevesse.

O que de presente vemos é que todos são de côr castanha e sem barba, e só se distinguem em serem

uns mais barbaros que outros (posto que todos o são assaz). Os mais barbaros se chamam *in genere* Tapuhias, dos quaes ha muitas castas de diversos nomes, diversas linguas, e inimigos uns dos outros.

Os menos barbaros, que por isso se chamam Apuabetó, que quer dizer homens verdadeiros, posto que tambem são de diversas nações e nomes, porque os de S. Vicente até o rio da Prata são Carijóz, os de rio de Janeiro Tamoios, os da Bahia Tupinambas, os do rio de S. Francisco Amaupiras, e os de Pernambuco até o rio Amazonas Potyguarás, comtudo todos falam um mesmo linguage e este aprendem os religiosos que os doutrinam por uma arte de grammatica que compoz o padre Joseph de Ancheta, varão santo da ordem da Companhia de Jesus.

E' linguage mui compendioso, e de alguns vocabulos mais abundante que o nosso portuguez, porque nós a todos os irmãos chamamos irmãos e a todos os tios, tios, mas elles ao irmão mais velho chamam de uma maneira, aos mais de outrá; o tio irmão do pai tem um nome, e o tio irmão da mãi outro, e alguns vocabulos têm de que não usam sinão as femeas, e outros que não servem sinão aos machos.

E sem falta são mui eloquentes e se presam alguns tanto disto que, da prima noite até pela menhã, andam pelas ruas e praças pregando, excitando os mais á paz ou á guerra, ou trabalho, ou qualquer outra cousa que a occasião lhes offerece, e, entretanto que um fala, todos os mais calam e ouvem com attenção. Mas nem uma palavra pronunciam com *f*, *l*, ou *r*, não só das suas mas nem ainda das nossas, porque, si querem dizer Francisco, dizem Pancicú e, si querem dizer Luis, dizem

Duhi; e o peor é que tambem carecem de fé, de lei e de rei, que se pronunciam com as ditas letras.

Nem uma fé tem, nem adoram a algum deus; nem uma lei guardam ou preceitos, nem têm rei que lha dê e a quem obedeçam, sinão é um capitão, mais pera a guerra que pera a paz, o qual entre elles é o mais valente e aparentado; e morto este, si tem filho e é capaz de governar, fica em seu logar, sinão algum parente mais chegado ou irmão.

Fóra este, que é capitão de toda a aldeia, tem cada casa seu principal, que são tambem dos mais valentes e aparentados e que têm mais mulheres; porem nem a estes, nem ao maioral pagam os outros algum tributo ou vassalagem mais que chamal-os, quando têm vinhos, pera os ajudarem a beber, ao que são muito dados, e os fazem de mel ou de frutas, de milho, batatas e outros legumes, mastigados por donzellas e delidos em agua até se azedar, e não bebem quando comem, sinão quando praticam, ou bailando ou cantando.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

De suas aldeias.

Ha uma casta de gentios tapuhias chamados por particular nome aimorés, os quaes não fazem casas onde morem, mas, onde quer que lhes anoitece, debaixo das arvores limpam um terreiro, no qual, esfregando uma canna ou frecha com outra, accendem lume, e o cobrem com um couro de veado posto sobre quatro forquilhas, e alli se deitam todos a dormir com os pés para o fogo, dando-lhes pouco, como os tenham enxutos e quentes, que lhes chova em todo o corpo.

Porem as mais castas de indios vivem em aldeias, que fazem cobertas de palma e de tal maneira arrumadas que lhes fique no meio um terreiro, onde façam seus bailes e festas e se ajuntem de noite a conselho. As casas são tão compridas que moram em cada uma setenta ou oitenta casaes, e não ha nellas algum repartimento mais que os tirantes, e entre um e outro é um rancho, onde se agasalha um casal com sua familia, e o do principal da casa é o primeiro no copiar, ao qual convida primeiro qualquer dos outros quando vem de caçar ou de pescar, partindo com elle aquillo que traz, e logo vai tambem repartindo pelos mais, sem lhe ficar mais que quanto então jante ou ceie, por mais grande que fosse a cambada do pescado ou da caça.

E, quando algum vem de longe, as velhas daquella casa o vão visitar ao seu rancho com grande pranto, não todas juntamente, mas uma depois de outra, no qual pranto lhe dizem as saudades que tiveram e trabalhos que padeceram em sua ausencia, e elle tambem chora dando uns urros de quando em quando sem exprimir cousa alguma. O pranto acabado, lhe perguntam si veiu, e elle responde que sim, e então lhe trazem de comer. O que tambem fazem aos portuguezes que vão ás suas aldeias, principalmente si lhes entendem a lingua, maldizendo no choro a pouca ventura que seus avós e os mais antepassados tiveram que não alcançaram gente tão valerosa como são os portuguezes, que são senhores de todas as cousas bôas que trazem á terra, de que elles dantes careciam e agora as têm em tanta abundancia, como são machados, fouces, anzóes, facas, tesouras, espelhos, pentes e roupas, porque antigamente roçavam os mattos com cunhas de pedra e gastavam muitos dias em cortar uma arvore, pescavam com uns espinhos, faziam o cabello e as unhas com pedras agudas, e quando se queriam enfeitar faziam de um alguidar de agua espelho, e que desta maneira viviam mui trabalhados, porem agora fazem suas lavouras e todas as mais cousas com muito descanso, pelo que os devem de ter em muita estima. E este recebimento é tão usado entre elles que nunca ou de maravilha deixam de fazer, sinão quando reinam alguma malicia ou traição contra aquelles que vão ás suas aldeias a visital-os ou resgatar com elles.

A noite toda têm fogo pera se aquentarem, porque dormem em redes no ar e não têm cobertores nem vestido, mas dormem nús marido e mulher na mesma rede, cada um com os pés pera a cabeça do outro, excepto os

principaes que, como têm muitas mulheres, dormem sós nas suas redes, e dalli quando querem se vão deitar com a que lhes parece, sem se pejarem de que os vejam. Quando é hora de comer se ajuntam os do rancho e se assentam em cócoras, mas o pai da familia deitado na rede, e todos comem em um alguidar ou cabaço, a que chamam cuia, que estas são as suas baixellas, e dos cabaços principalmente fazem muito cabedal, porque lhes servem de pratos para comer, de potes e de pucaros pera agua e vinho e de colheres, e assi os guardam em uns caniços que fazem, chamados juráus, onde tambem curam ao fumo os seus legumes por que se não corrompam e, sem terem caixas nem fechaduras, e os ranchos sem portas, todos abertos, são tão fieis uns aos outros que não ha quem tome ou bula em cousa alguma sem licença de seu dono.

Não moram mais em uma aldeia que em quanto lhes não apodrece a palma dos tectos das casas, que é espaço de tres ou quatro annos, e então o mudam pera outra parte, escolhendo primeiro o principal, com o parecer dos mais antigos, o sitio que seja alto, desabafado, com agua perto e terra a preposito pera suas roças e sementeiras, que elles dizem ser a que não foi ainda cultivada, porque têm por menos trabalho cortar arvores que mondar erva e, si estas aldeias ficam fronteiras de seus contrarios e tem guerras, as cercam de páu a pique mui forte, e ás vezes de duas e tres cercas, todas com suas seteiras, e entre uma e outra cerca fazem fossos cobertos de erva, com muitos estrepes de baixo e outras armadilhas de vigas mui pesadas, que em lhes tocando caem e derribam a quantos acham.

CAPITULO DECIMO QUARTO

Dos seus casamentos e criação de filhos.

Não é facil averiguar, maiormente entre os principaes que têm muitas mulheres, qual seja a verdadeira e legitima, porque nem um contrato exprimem e facilmente deixam umas e tomam outras; mas conjectura-se que é aquella de que primeiro se namoram e por cujo amor serviram aos sogros, pescando-lhes, caçando, roçando o matto pera a sementeira e trazendo-lhes a lenha pera o fogo. Mas o sogro não entrega a moça até lhe não vir seu costume, e então é ella obrigada a trazer atado pela cintura um fio de algodão e em cada um dos buchos dos braços outro, pera que venha á noticia de todos e, depois que é deflorada pelo marido ou por qualquer outro, quebra em signal disso os fios, parecendo-lhe que, si o encobrir, a levará o diabo. E o marido de qualquer maneira a recebe e consumando o matrimonio se tem que esta é a legitima mulher, ou, quando assim não estão casados, a cunhada, mulher que foi do irmão defunto, ainda que lhe ficasse filho delle, ou a sobrinha, filha, não do irmão, que esta têm elles em conta de filha propria e não casam com ella, sinão da irmã. E com qualquer destas com que primeiro se casaram, ou seja a sobrinha ou a cunhada, os casam depois sacramentalmente os religiosos que os curam, no mesmo dia

em que os batizam, dispensando dos impedimentos, por privilegio que para isto têm, e lhes tiram todas as outras, casando-as com outros, não sem sentimento dos primeiros maridos, porque de ordinario se ficam com as mais velhas.

A mulher, em acabando de parir, se vai lavar no rio, e o marido se deita em a rede, mui coberto, que não dê o vento, onde está em dieta até que se seque o embigo ao filho, e alli o vêm os amigos a visitar como a doente. Nem ha poder lhes tirar esta superstição, porque dizem que com isto se preservam de muitas enfermidades a si e á criança, a qual tambem deitam em outra rede com seu fogo debaixo, quer seja inverno, quer verão e, si é macho, logo lhe põem na azelha da rede um arquinho com suas frechas e, si femea, uma roca com algodão.

As mãis dão de mamar aos filhos sete ou oito annos, si tantos estão sem tornar a parir, e todo este tempo os trazem ao collo ora ellas, ora os maridos, principalmente quando vão ás suas roças, onde vão todos os dias depois de almoçarem, e não comem emquanto andam no trabalho, sinão á vespora, despois que voltam pera casa. Os maridos na roça derrubam o matto, queimam-o e dão a terra limpa ás mulheres, e ellas plantam, mondam a erva, colhem o fruto e o carregam e levam pera casa em uns cofos mui grandes feitos de palma, lançados sobre as costas, que pode ser sufficiente carga de uma azémula. E os maridos levam um lenho aos hombros, e na mão seu arco e frechas, que fazem com as pontas de dentes de tubarões, ou de umas cannas agudas a que chamam taquaras, de que são grandes atiradores, porque logo ensinam aos filhos

de pequenos a atirar ao alvo, e poucas vezes atiram um passarinho que não o acertem, por pequeno que seja.

Tambem os ensinam a fazer balaios e outras cousas de mecanica, pera as quaes tem grande habilidade, si elles a querem aprender; que, si não querem, não os constrangem, nem os castigam por erros e crimes que commettam, por mais enormes que sejam. As mãis ensinam as filhas a fiar algodão e fazer redes de fio e nastros pera os cabellos, dos quaes se presam muito, e os penteiam e untam de azeite de coco bravo, pera que se façam compridos, grossos e negros.

Nas festas se tingem todas de jenipapo, de modo que, si não é no cabello, parecem negras de Guiné, e da mesma tinta pintam os maridos e lhes arrancam o cabello da barba, si acerta de lhe nascer algum, e o das sobrancelhas e pestanas, com que elles se têm por mui galantes, junto com terem os beiços de baixo furados, e alguns as faces, e uns tornos ou batoques de pedras verdes mettidos pelos buracos, com que parecem uns demonios.

Pois hei tratado neste capitulo do contrato matrimonial deste gentio, tratarei tambem dos mais contratos, e não serei por isso proluxo ao leitor, porque os livros que hão escrito os doutores *de Contractibus* sem os poderem de todo resolver, pelos muitos que de novo inventa cada dia a cobiça humana, não tocam a este gentio; o qual só usa de uma simples commutação de uma cousa por outra, sem tratarem do excesso ou defeito do valor, e assim com um pintainho se hão por pagos de uma gallinha.

Nem jamais usam de pesos e medidas, nem têm numeros por onde contem mais que cinco, e, si a conta

houver de passar dahi, a fazem pelos dedos das mãos e pés. O que lhes nasce da sua pouca cobiça; posto que com isso está serem mui appetitosos de qualquer cousa que vêem, mas, tanto que a têm, a tornam facilmente de graça ou por pouco mais de nada.

CAPITULO DECIMO QUINTO

Da cura dos seus enfermos e enterro dos mortos.

Não ha entre este gentio medicos signalados sinão os seus feiticeiros, os quaes moram em casas apartadas, cada um per si, e com a porta mui pequena, pela qual não ousa alguem entrar, nem tocar-lhe em alguma cousa sua, porque, si algum lhas toma, ou lhes não dá o que elles pedem, dizem: vai, que has de morrer, a que chamam lançar a morte. E são tão barbaros que se vai logo o outro lançar na rede sem querer comer e de pasmo se deixa morrer, sem haver quem lhe metta na cabeça que pode escapar. E assi se podem estes feiticeiros chamar mais mata-sanos que medicos, nem elles curam os enfermos sinão com enganos, chupando-lhes na parte que lhes dóe e, tirando da bocca um espinho ou prego velho que já nella levavam, lho mostram, dizendo que aquillo lhes fazia o mal e que já ficam sãos, ficando elles tão doentes como de antes.

Outros medicos ha melhores, que são os acautelados e que padeceram as mesmas enfermidades, os quaes, applicando ervas ou outras medicinas com que se acharam bem, saram os enfermos; mas, si a enfermidade é prolongada ou incuravel, não ha mais quem os cure e os deixam ao desemparo. Testemunha sou eu de um que achei na Parahiba tolhido de pés e mãos, a borda de uma

estrada, o qual me pediu lhe désse uma vez de agua, que morria de sede, sem os seus, que por alli passavam cada hora, lha quererem dar, antes lhe diziam que morresse, porque já estava tisico, e que não servia mais que pera comer o pão aos sãos. Mandei eu buscar agua por uns que me acompanhavam e entretanto o fiquei catechizando, porque ainda não era christão e, de tal maneira se accendeu em a sêde de o ser e de salvar sua alma, que, vinda a agua, primeiro quiz que o batizasse que beber, e dahi a poucos dias morreu em um incendio de uma aldeia, onde o mandei levar, sem haver quem o quizesse tirar da casa que ardia, vendo que não tinha elle pés nem forças pera se livrar.

Donde se vê a pouca caridade que tem este gentio com os fracos e enfermos, e juntamente a misericordia do Senhor e effeitos da sua eterna perdestinação, a qual não só em este mas em outros muitos manifesta muitas vezes, ordenando que percam os religiosos o caminho que levam e vão dar nos tijipares ou cabanas com enfermos que estão agonisando, os quaes, recebendo de boa vontade o sacramento do batismo, se vão a gosar da bemaventurança no ceu.

Tanto que algum morre o levam a enterrar, embrulhado na mesma rede em que dormia, e a mulher, filhas e parentas, si as tem, o vão pranteando até a cova com os cabellos soltos lançados sobre o rosto, e depois o pranteia ainda a mulher muitos dias. Mas, si morre algum principal da aldeia, o untam todo de mel e por cima do mel o empennam com pennas de passaros de côres, e põem-lhe uma carapuça de pennas na cabeça, com todos os mais enfeites que elle costumava trazer em suas festas, e fazem-lhe, na mesma casa e rancho·

onde morava, uma cova muito funda e grande, onde lhe armam sua rede e o deitam nella assim enfeitado com seu arco e frechas, espada e tamaracá, que é um cabaço com pedrinhas dentro, com que costumam tanger, e fazem-lhe fogo ao longe da rede pera se aquentar, e põem-lhe de comer em um alguidar e a agua em um cabaço, e na mão uma canguêra, que é um canudo feito de palma cheio de tabaco, e então lhe cobrem a cova de madeira e de terra por cima, que não caia sobre o defunto, e a mulher por dó corta os cabellos e tinge-se toda de janipapo, prantcando o marido muitos dias, e o mesmo fazem com ella as que a vêm visitar e, tanto que o cabello cresce até lhe dar pelos olhos, o torna a cortar e a tingir-se de janipapo pera tirar o dó, e faz sua festa com seus parentes e muito vinho.

O marido, quando lhe morre a mulher, tambem se tinge de janipapo, e quando tira o dó se torna a tingir, tosquia-se e ordena grandes revoltas de cantar e bailar e beber. Nestas festas se cantam as proesas do defunto ou defunta e do que tira o dó. E, si morre algum menino filho de principal, o mettem em um pote, posto em cocoras, atados os joelhos com a barriga, e enterram o pote na mesma casa e rancho debaixo do chão, e alli o choram muitos dias.

CAPITULO DECIMO SEXTO

Do modo de guerrear do gentio do Brasil.

E' este gentio naturalmente tão bellicoso que todo o seu cuidado é como farão guerra a seus contrarios. E sobre isto se ajuntam no terreiro da aldeia com o principal della os principais das casas e outros indios discretos, a conselho, onde, depois de assentados nas suas redes, que pera isto armam em umas estacas, e quieto o rumor dos mais que se ajuntam a ouvir, porque é a gente que em nem uma cousa tem segredo, propõe o maioral sua pratica a que todos estão mui attentos e, como se acaba, respondem os mais antigos cada um per si, até que vêm a concluir no que hão de fazer, brindando-se entretanto algumas vezes com o fumo da erva santa, que elles têm por cerimonia grave. E, si concluem que a guerra se faça, mandam logo que se faça muita farinha de guerra e que se apercebam de arcos e frechas e alguns pavezes ou rodellas e espadas de paus tostados. E, como todas estas cousas estão prestes, á noite antes da partida anda o principal da aldeia pregando ao redor das casas, declarando-lhes onde vão, e a obrigação que têm de fazerem aquella guerra, exhortando-os á victoria, pera que fique delles memoria e os vindouros possam contar suas proezas.

O dia seguinte, depois de almoçarem, toma cada um suas armas nas mãos, e a rede em que ha de dormir

ás costas, e uma paquevira de farinha, que é um embrulho liado, quanto pode carregar, feito de umas folhas rijas que nem se rompem, nem a agua as passa. E não se curam de mais vianda, porque com a frecha a caçam pelo caminho, e nas arvores acham frutas e favos de mel.

Os principaes levam comsigo suas mulheres, que lhes levam a farinha e as redes, e elles não levam mais que as armas e, antes que abalem, faz o maiorial um capitão da dianteira, que elles têm por grande honra, o qual vai mostrando o logar onde se hão de alojar, e o caminhar é um após outro, por um carreiro como formigas, nem jamais sabem andar de outra maneira. Têm grande conhecimento da terra, e não só o caminho por onde uma vez foram atinam por mais cerrado que já esteja, mas ainda por onde nunca foram.

Tanto que saem fora de seus limites e entram pela terra dos contrarios, levam suas espias adiante, que são mancebos mui ligeiros, e ha alguns de tão bom faro que a meia legua cheiram o fogo, ainda que não appareça o fumo.

Chegando duas jornadas da aldeia de seus contrarios não fazem fogo, por que não sejam por elles sentidos, e ordenam-se de maneira que possam entrar de madrugada e tomal-os descuidados e despercebidos, e depois entram com grande urro de vozes e estrondo de buzinas e tambores que é espanto, não perdoando no primeiro encontro a grandes nem pequenos a que com suas espadas de páu não quebrem as cabeças, porque não têm por valor o matar si não quebram as cabeças, ainda que seja dos mortos por outros, e quantas cabeças quebram tantos nomes tomam, largando o que o pai lhes deu no nasci-

mento, que um e outros são de animaes, de plantas, ou do que se lhes antolha. Mas o nome que tomaram não o descobrem (ainda que lho roguem) sinão com grandes festas de vinho e cantares em seu louvor, e elles se fazem riscar e lavrar com um dente agudo de um animal e, lançando pó de carvão pelos riscos e lavores ensangüentados, ficam com elles impressos toda a vida, o que têm por grande bizarria, porque por estes lavores e pela differença delles se entende quantas cabeças quebraram.

E, sendo caso que acham seus contrarios apercebidos com cercas feitas, fazem-lhes outra contra cerca de estacas mettidas na terra com ramos e espinhos liados, a que chamam caiçára, a qual, em quanto verde, não ha cousa que a rompa, e dalli blasonam e jogam as pulhas com os contrarios, até que uns ou outros abalroam ou saem a pelejar em campo, e toda a sua peleja é fazendo o motim, que é correr e saltar de uma parte pera outra, por que lhe não façam pontaria.

GUERREIRO TABAJARA,
CUJAS TATUAGENS INDICAM QUE GANHOU
VINTE E QUATRO NOMES,
MATANDO VINTE E QUATRO INIMIGOS.

CAPITULO DECIMO SETIMO

Dos que cativam na guerra.

Os que podem cativar na guerra levam pera vender aos brancos, os quaes lhe compram por um machado ou fouce cada um, tendo-os por verdadeiros cativos, não tanto por serem tomados em guerra, pois não consta da justiça della, quanto por a vida que lhes dão, que é maior bem. Porque, si os brancos os não compram, os primeiros senhores os têm em prisões atados pelo pescoço e pela cinta com cordas de algodão grossas e fortes, e dão a cada um por mulher a mais formosa moça que ha na casa, a qual tem o cuidado de o regalar e lhe dar de comer até que engorde e esteja pera o poderem comer.

E então ordenam grandes festas e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de trinta, quarenta leguas, com os quaes na vespora e dia do sacrificio cantam e bailam, comem e bebem alegremente, e tambem o padecente come e bebe com elles. Depois o untam com mel de abelhas, e sobre o mel o empennam com muitas pennas de varias côres, e a logares o pintam de janipapo e lhe tingem os pés de vermelho e, mettendo-lhe uma espada na mão, pera que se defenda como puder, o levam assim atado a um terreiro fóra da aldeia, e o mettem entre dous mourões, que estão mettidos no chão, afastados um do outro alguns vinte palmos, os quaes estão furados,

e por cada furo mettem as pontas das cordas, onde o preso fica como touro e as velhas lhe cantam que se farte de vêr o sol, pois cedo o deixará de vêr, e o cativo responde com muita coragem que bem vingado ha de ser.

Então vão buscar o que ha de matar á sua casa todos os seus parentes e amigos, onde o acham já pintado de tinta de janipapo com carapuça de pennas na cabeça, manilhas de ossos nos braços e nas pernas, grandes ramaes de contas ao pescoço, com seu rabo de pennas nas ancas e uma espada de páu pesada de ambas as mãos, mui pintada, com cascas de mariscos pegadas com cera, e no cabo e empunhadura da espada grandes pennachos. E assim o trazem com grandes cantares e tangeres de seus buzios, gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado, pois chegou a tamanha honra. E com este estrondo entra no terreiro, onde o paciente o espera, e lhe diz que se defenda, porque vem pera o matar, e logo remette a elle com a espada de ambas as mãos, e o padecente com a sua se defende, e ainda ás vezes offende, mas, como os que o têm pelas cordas o não deixam desviar do golpe, o matador lhe quebra a cabeça e toma nome, que depois declara com as cerimonias que vimos no capitulo passado.

Em morrendo este preso, logo as velhas o despedaçam e lhe tiram as tripas e forçura, que mal lavadas cozem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas e pelos hospedes que vieram a esta matança, e della comem logo assada e cozida e guardam alguma, muito assada e mirrada, a que chamam moquem, mettida em novellos de fio de algodão e posta nos caniços ao fumo, pera depois renovarem o seu odio e fazerem outras festas, e do caldo fazem grandes alguidares de migas e

papas de farinha de carimã, pera supprir na falta de carne, e poder chegar a todos.

O que o matou nem uma cousa come delle, antes se vai logo deitar na rede e se faz todo sarrafaçar e sangrar, tendo por certo que morrerá si não derrama de si aquelle sangue. Nem faz o cabello dalli a sete ou oito mezes, os quaes passados faz muitos vinhos e appellida os amigos pera beber e cantar e com essa festa se tosqueia, dizendo que tira o dó daquelle morto. E é tão cruel este gentio com os seus cativos que não só os matam a elles, mas, si acontece a algum haver filho da moça que lhe deram por mulher, a obrigam que o entregue a um parente mais chegado, pera que o mate quasi com as mesmas cerimonias, e a mãi é a primeira que lhe come a carne; posto que algumas, pelo amor que lhes têm, os escondem, e ás vezes soltam tambem os presos e se vão com elles pera suas terras ou pera outras.

LIVRO SEGUNDO

Da historia do Brasil no tempo do seu descobrimento.

Perdeu-se a estampa das barras de S. Vicente (p. 89).

A numeração dos capitulos corre seguida; entretanto p. 106 diz ter tratado de Igaraçú no c. 2.º, onde nada se encontra a tal respeito; p. 127 chama-se c. 9.º que agora é 8.º; p. 148 chama-se 2.º o que agora é 1.º; p. 182 chama-se 11.º o que agora é 10.º.

Os cap. 2/7 fundam-se em Gandavo, em Pedro de Mariz, que apenas reproduz Gabriel Soares, e em noticias colhidas nas diversas capitanias percorridas pelo autor.

Os cap. 8/12 devem proceder de uma ou duas chronicas pernambucanas até agora desconhecidas. Diz-se uma ou duas, porque é bem possivel que uma representasse a versão de Olinda, outra a de Itamaracá, duas capitanias então distinctas. O documento, ainda utilisado no livro seguinte, é a parte verdadeiramente nova deste.

Os capitulos 13 e 14 procedem da *Relação summaria das cousas do Maranhão* de Simão Estacio da Silveira, reimpressa por C. Mendes de Almeida no segundo vol. das *Memorias do extincto estado do Maranhão,* Rio, 1877. No relativo a Luis de Mello entraram as informações do pai do autor.

O desbarato dos archivos portuguezes, devido ao terremoto de Lisbôa, tornou impossivel o conhecimento preciso dos primeiros tempos de nossos annaes. Não o supprem a chronica de D. Manuel e a Santa Cruz de João de Barros, si jamais escritas, até hoje desconhecidas; tão pouco servem os livros impressos de Damião Goes e de

Osorio; talvez ainda surja a trazer esclarecimentos consideraveis a historia de Faria e Sousa. Dos *Ann. de D. João III* de Fr. Luis de Sousa imprimiram-se fragmentos em 1846.

Conferindo informações dispersas, pode affirmar-se que duas expedições vieram ao Brasil, uma em 1501, outra em 1503: nesta entrou Gonçalo Coelho, cuja demora não foi, porém, tamanha como se lê no texto, repetido de Pedro de Mariz: o pouco dellas sabido consta das confusas cartas de Vespucci, que a Princeton University está publicando em edição critica fac-similar: *Vespucci reprints, texts and studies*. Cf. Henri Vignaud, Americ Vespuce, ses voyages et ses découvertes devant la critique, *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, 8, 75/115.

Documento italiano divulgado na *Raccolta Colombiana*, parte 3.ª, vol. 2.º, refere o contrato do páu-brasil feito com alguns christãos novos. Completa-os o relatorio do venesiano Leonardo de Cha de Masser em 1506, reimpresso em 1892 no volume da Academia das Sciencias de Lisboa commemorativo do descobrimento da America.

Muito instructivo é o magro *Livro da náu Bretôa* em 1511, impresso por Varnhagen na primeira edição da *Historia geral* 1, 327/432 e reimpresso mais de uma vez.

Uma gazeta allemã, primeiro citada por Humboldt, que não soube fixar-lhe a data, refere-se ao anno de 1514. Nella appareceu a mais antiga noticia dos Andes nevados e de um grande rio onde se encontrou um machado de prata. Data dahi o nome do grande rio do Sul, a que os espanhoes não conseguiram ligar o nome de Solís; cf J. C. Rodrigues, *Bibl. Brasiliense* 179/184: fac-simile da gazeta com traducção e notas de R. R. Schuller, *Annaes da Bibl. Nac.*, 33, 115/143.

Todas estas viagens interessam a costa a Sudoeste do cabo de S. Roque, primeiro ponto attingido pela expedição de 1501; das de São Roque ao Amazonas quasi nada se sabe.

Uma carta de Estevão Froes (não Fernão, como sahiu no *Descobrimento do Brasil*, 67/70, Rio, 1883, do revisor deste livro, onde primeiro foi impressa), dá algumas informações muito deficientes a este respeito. Segundo Froes, alguns annos antes João Coelho, o da porta da Cruz, visinho de Lisboa, andara descobrindo nas regiões equinoxiaes. Em 1513 uma caravela, em que iam o autor da carta, Francisco Corso e Pedro Corso, foi aprisionada por infringirem o tratado de Tordesilhas; a gente levada para S. Domingos, sujeita a tormentos, continuava presa a 30 de Julho de 1514, fecha da epistola. A data combina perfeitamente com a allegação de Christobal de Haro de que seis annos antes de 1519 «armó una carabela de mercaderias de rescate para la tierra del Brasil... la cual dicha carabela diz que con vientos contrarios arribó a la Isla Española é por necesidad surgió allı, á donde diz que fueron presos la gente que en ella venia, é los nuestros (del rei da Espanha) Officiales les tomaron la carabela é esclavos é mercaderias que traia: J. T. Medina, *Los viajes de Diego Garcia de Moguer al rio de la Plata*, 57, Santiago de Chile, 1908. Christobal de Haro era socio de D. Nuno Manuel na armada cujos feitos resume a gazeta allemã.

A cartographia historica do N. E. do littorial brasileiro tem sido muito estudada nas memorias de Rio Branco sobre o litigio do Oyapock, na sentença arbitral do governo suisso, em artigos de Orville Derby e J. B. Hafkemeyer, imp. na *R. do Int.* do Ceará.

Ha serios motivos para acreditar que Christovão Jaques andou pelo Brasil, alcançando o rio da Prata ainda no reinado de D. Manuel, e a elle se refere um documento dado por Medina *ib* 37/42, já impresso antes no 1.º volume do seu *Juan Dias de Solís.*

Segunda vez andou em 1527, nomeado a 5 de Julho de 1526, *Hist. geral*², 158; cf. Sousa, *Ann. de D. João III*, 105; sobre esta existem noticias varias em Navarrete *Col. de los viajes*, 4, Madrid, 1837, e na primeira edição da *Historia geral* de Varnhagen.

O diario de Pero Lopes, publicado por Varnhagen em 1839 e reimpresso varias vezes, chegou-nos deturpado e incompleto; mesmo assim resolve varias questões, embora suscite outras. Por elle se vê como Fr. Vicente já alcançou obscurecida a tradição. Pero Lopes veiu na companhia de seu irmão Martim Affonso de Sousa; emquanto este ficava em S. Vicente, elle foi ao estuario do Prata. O irmão continuou em São Vicente ainda depois de Pero Lopes tornar para Portugal. Ter-se-iam dado os factos contados no texto quando voltava para o reino? O diario não permitte responder, porque de 4 de Agosto, dia em que foi avistada a ilha de Santo Aleixo, salta a 4 de Novembro, data da partida de Pernambuco.

Um documento latino, mas de origem franceza, primeiro divulgado por Varnhagen, *Hist. geral* **1**, 441/444, em parte combina com a versão apresentada pelo autor, em parte discorda e não se concilia bem com a carta escrita por D. João III. a Martim Affonso de Sousa em 28 de Setembro de 1532.

Martim Affonso e Pero Lopes já acharam pequenos nucleos portuguezes no meio da indiada.

Em Pernambuco, depois de vindo do Sul, Christovão Jaques fundou uma feitoria, cerca de 1522. Ahi em 1526 encontrou Sebastião Caboto um feitor e doze homens, cujas noticias sobre as riquezas metallicas do rio da Prata desviaram para sua bacia a armada destinada ás Molucas: Harrisse, *John Cabot etc.*, 205, Londres 1896; Medina, *El veneciano Sebastìan Caboto al servicio de España* **1**, 122/125, Santiago, 1908. A feitoria de Christovão Jaques ainda é citada nas cartas de doação de Pero Lopes e Duarte Coelho.

Sem fixar data, escreve Oviedo, *Hist. gen. y nat. de las Indias*, **2**, 118, Madrid, 1852: «en frente de aquesta isla (ilha dos Porcos, assim chamada por lá os haver montezes) ocho ó diez leguas en la mar, están dos isletas, donde se perdieron portugueses en una nao, y en el batel se salvó la gente é pobló en la dicha isla de los Puercos algunos dias, y desde allí se passaron a Sanct Viçente».

Estes primeiros immigrados mantiveram trato de resgate á guisa do usado na costa africana, qual o descreve Duarte Pacheco no *Esmeraldo*, e João de Mello da Camara define-os duramente: «homens que estimam tão pouco o serviço de V. A. e suas honras, que se contentam com terem quatro indias por mancebas e comerem os mantimentos da terra», Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes*, 1, 215/217, Lisboa 1898.

Para acabar com tal estado de cousas, este irmão do capitão da ilha de S. Miguel propoz trazer umas mil pessoas de muita sustancia e muito abastadas, que poderiam conduzir muitas eguas, cavallos e gados e todas as cousas necessarias para o frutificamento da terra. Proposta analoga apresentou Christovão Jaques. Apoiou-os com força Diogo de Gouveia, portuguez domiciliado em França e muito considerado pelo rei; mas só depois dos francezes tentarem estabelecer-se em Pernambuco começou-se a pensar seriamente no Brasil e surgiu, como o melhor expediente de iniciar as fortalezas com tanto exito empregadas na India, o plano de capitanias hereditarias.

Varnhagen precisou nossos conhecimentos sobre os donatarios: mostrou como eram em numero de doze, deu os nomes de todos, descobriu os foraes e cartas de doação de quasi todos, traçou os limites das diversas capitanias e calculou as respectivas superficies.

O resultado de todas estas investigações fixou lapidarmente do seguinte modo o sabio G. d'Avezac nas *Considerations geographiques sur l'histoire du Bresil* 30/31, Paris 1857.

«O limite extremo da mais meridional destas capitanias, concedida a Pero Lopes de Sousa, é determinado nas proprias cartas de doação por uma latitude expressa de 27° 1/3; confrontava, um pouco ao Norte de Paranaguá, com a de S. Vicente, reservada a Martim Affonso, e que se estendia do lado opposto até Macahé, ao Norte do cabo Frio, desenvolvendo assim mais de cem leguas de costa, mas em duas partes que encravavam desde S. Vicente até a embocadura do Juqueriqueré, á de Santo Amaro, de dez leguas, adjudicada a Pero Lopes, o irmão de Martim Affonso.

Ao Norte dos dominios deste estava a capitania de S. Thomé, cujas trinta leguas iam expirar junto de Itapemerim: era o lote de Pero de Góes.

Em seguida vinha a capitania do Espirito Santo, outorgada a Vasco Fernandes Coutinho, cujo lindo interior era marcado pelo Mucury, que a separava da capitania de Porto Seguro, attribuida a Pero de Campo Tourinho; esta proseguia pelo espaço de cincoenta leguas até a dos Ilhéus, obtida por Jorge Figueiredo Correia, igualmente de cincoenta leguas, cujo termo chegava rente á Bahia. A capitania da Bahia, doada a Francisco Pereira Coutinho, se estendia até o grande rio São Francisco; alem estava a de Pernambuco, adjudicada a Duarte Coelho, e que contava sessenta leguas até o rio de Igaraçú, passado o qual Pero Lopes possuia terceiro lote de trinta leguas, formando sua capitania de Itamaracá até a bahia da Traição.

Neste logar começava para se estender sobre um littoral de cem leguas até a angra dos Negros, a capitania do Rio Grande, dada em commum ao grande historiador João de Barros e a seu associado Ayres da Cunha; da angra dos Negros ao rio da Cruz quarenta leguas de costa constituiam o lote concedido a Antonio Cardoso de Barros; do rio da Cruz ao cabo de Todos os Santos, visinho do Maranhão, eram adjudicadas setenta e cinco leguas ao vedor da fazenda Fernand'Alvares de Andrade e alem vinha emfim a capitania do Maranhão, formando segundo lote para a associação de João Barros e Ayres da Cunha, com cincoenta leguas de extensão sobre o littoral, até a abra de Diogo Leite, isto é, até cerca da embocadura do Tury-açú.

Dos donatarios quatro estiveram antes de vir para o Brasil na India: Francisco Pereira Coutinho, o Rusticão, foi em primeiro logar, desde o tempo de D. Francisco de Almeida. Como ha mais de um do mesmo nome, não será sempre facil distinguir seus feitos dos de seus homonymos (cf: a superficial e pouco exacta nota de Varnhagen, *R. T.*, **10**, 136). Vasco Fernandes Coutinho, Ayres da Cunha e Duarte Coelho offerecem menos difficuldades: sobre elles ha varios apontamentos em João de Barros, Diogo do Couto, Gaspar Correia e frei Luis de Sousa.

A idéa das donatarias já apparece em Setembro de 1528 na carta del-rei a Martim Affonso de Sousa, *Hist. ger.*, 131/132; mas, por motivo que poderia talvez esclarecer um relatorio do conde de Castanheira, citado por Varnhagen e até hoje desconhecido, só em 1534 foi posta em execução. O primeiro favorecido foi Duarte Coelho, pelos recentes serviços prestados na costa de Mina, na escolta das náus tornadas da India e na embaixada de França, como affirma seu neto no *Compendio de los Reys de Portugal*, copia na B. Nac.

Já estava em sua capitania a 9 de Março do anno seguinte, segundo Borges da Fonceca, *Rev. do Inst. Arch. Pern.*, 28, 76, Recife, 1883. Delle existem varias cartas, das quaes duas impressas por Fernandes Gama nas *Memorias historicas da provincia de Pernambuco*, 1, 70/82, Pernambuco 1844; de todas possuem copias a Bib. Nac. e Inst. Hist. Varnhagen publicou uma carta de Affonso Gonçalves, *Hist. ger.*, 1, 453/454. Hans Staden assistiu a parte das guerras de Igaraçú, e conciliam-se mais ou menos seus dizeres com os de Fr. Vicente. Ha duas cartas de Manuel da Nobrega sobre o estado de Pernambuco em 1551.

No livro manuscrito de Duarte de Albuquerque Coelho lê-se que o avô não levou os filhos quando partiu para a Europa, poucos dias sobreviveu á chegada em Lisboa, onde o chamara el rei, e foi enterrado na igreja de S. João da Praça no jazigo de D. Manuel de Moura, casado com uma irmã de D. Beatriz ou Brites de Albuquerque. Pouco nos adianta o que escreveu sobre os successos de Pernambuco: «quando llegó halló ya que ocupaban francezes la parte mas principal de lo que estava em Pernambuco e teniendo guerra con ellos y con los indios naturales de la tierra, con quien estaban yá unidos, fué tal su felicidad que a todos venció, matando pica a pica com gran valor al governador frances, con que los demas dexaran lo que ocupaban».

De Francisco Pereira existe o extracto de uma relação, impresso em Anchieta, *Informações e fragmentos historicos* 77/78, Rio, 1886: faz-lhe referencias Duarte Coelho, Fernandes Gama, *Memorias* 1, 74; de sua estadia em Porto Seguro trata uma carta de Tourinho publicada por Varnhagen na *Rev. Trim.* de 1848; sua morte descreve um jesuita anonymo nos seguintes termos: «Francisco Pereira mandou matar um filho de um principal grande e por isso lhe deram os indios guerra e o botaram da terra e se acolheu a Porto Seguro e tornando pediu pazes e os indios não quizeram e deu-lhe um tempo dentro no porto que deu com elle á costa em Tapagipe e ali o mataram amarrado, por mão de um irmão do moço que

elle mandara matar, de idade até de cinco annos, que o ajudaram a ter a espada e segundo dizem o não comeram («De algumas cousas mais notaveis do Brasil» no *Arch. bibliogr. da bibl. da Univ. de Coimbra*, 4, 15, Coimbra, 1904).

Já em fins de 34 passava pela ilha de Gomera Pero do Campo Tourinho com duas caravelas e duas náus grossas e nellas seiscentos homens, muitos delles com mulheres, segundo um documento impresso por J. T. Medina, *Diego Garcia de Moguer*, 157.

A doação de uma ilha a Duarte de Lemos em 15 de Julho de 1537, o convenio de limites assentado a 14 de Agosto de 1539 com Pero de Goes, attestam os serviços prestados por ambos a Vasco Fernandes Coutinho: depois de começos difficeis a capitania parece ter prosperado. Nova crise sobreveiu em fins do governo de D. Duarte da Costa, e nos soccorros que lhe foi levar perdeu a vida Fernão de Sá, filho do terceiro governador, como se verá no livro seguinte. Só nesta segunda phase foram mortos D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castello Branco, segundo se deduz da admiravel carta de Manuel da Nobrega a Thomé de Sousa.

Do primeiro donatario apenas se conhece uma lastimavel carta a Men de Sá, *R. T.*, 49, I, 586/588. Fez mais de uma viagem: em 1540 estava em Lisboa, em 1550 em Porto-Seguro, annos depois em Pernambuco, talvez de volta da Europa; do encontro com o bispo Sardinha em Olinda chegou profundamente offendido á Bahia em 1555: o bispo privara-o da cadeira de espaldar na igreja e declarara-o excommungado por beber fumo (Varnhagen diz erradamente bebidas espirituosas) «fumo sem o qual não tinha vida», segundo confessou a D. Duarte, *R. T.* 49 I, 574); em 1558 partiu para o reino, como escreve Men de Sá: parece que lá não chegou ou pelo menos lá não morreu, pois em 1672 mandou dar condigna sepultura a seus ossos guardados na Misericordia do Espirito Santo Francisco Gil de Araujo, que comprara a donataria. (A. Lamego, *A terra goitacá*, 151, Bruxellas, 1913).

De Pero de Goes ha duas cartas, dirigidas uma a seu socio Martim Ferreira em 12 de Agosto de 1545, outra a el rei em 29 de Abril de 1546, reunidas ambas nos *Apontamentos para a historia da capitania de São Thomé* de Augusto de Carvalho, Campos, 1888. Não bastam para se constituir a chronica. Varnhagen parece ter conhecido outros documentos que não especifica. Em suas terras não entrava o trecho em que se fundou mais tarde a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como affirma Fr. Vicente, p. 169 . Seu filho Gil de Goes desistiu de todos os direitos á successão em 1619, *R. T.*, **59**, I.

De Antonio Cardoso de Barros, donatario de parte do Ceará, o autor nem cita o nome neste livro, nem conheceu a capitania, aliás não contestaria a parte de João Barros e socios na do Maranhão, por falta de capitanias intermedias, que deixariam uma solução de continuidade: de C. de Barros nada consta por outra via.

Sobre João de Barros, Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha quasi só conhecemos o que contam documentos castelhanos. A armada fortemente organizada zarpou em fins de 35. Parece ter seguido para Pernambuco, donde parte desgarrou para as Antilhas e foi presa, Medina, *D. Garcia*, 62; parte navegou para o Rio-Grande, onde não demorou, porque a grande preocupação era o ouro, isto é, as terras do Perú, já então invadidas por Pizarro e Almagro.

A morte de Ayres da Cunha não desanimou a expedição que subiu por um rio e seu affluente «duzentas e cincoenta leguas até que não poderam ir mais por diante por causa da agua ser pouca e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por elle caber as embarcações», informa Gandavo, *Historia da provincia de Santa Cruz*, c. 2. Um manuscrito espanhol contemporaneo (copia na Bib. Nac.) reduz as leguas a cento e cincoenta, diz que fizeram uma fortaleza na ilha em que ainda hoje está a capital do Maranhão, outra na confluencia de dois rios, outra finalmente no ultimo ponto do rio vindo da esquerda que poderam

alcançar; este deve ser o Pindaré, mas o autor dá-lhe o nome de Maranhão. Antonio Baião acaba de publicar no *Bol. da Ac. das Sciencias de Lisboa* muitos documentos sobre João de Barros, que contêm ligeiras referencias ao Brasil.

Da capitania de Luis de Mello da Silva não appareceu ainda nem carta de doação nem foral. Segundo documentos espanhoes levou cavallos, prova de que pretendiam internar-se; partiu em Maio ou Junho de 1554; em sua companhia foram rebeldes do Perú. «Año de 1554, dia de San Martin (11 de Nov.) se perdio en esta costa al lest a la boca del Marañõn Luis de Mello portugues cõ 600 ĕõbres que lleuaua en 6 navios, sin tormienta, sino que surgierõ a la noche en 7 braças y de noche baxo al agua y quedarõ en seco», informa um mappa espanhol imp. em *Cartas de Indias*, Madrid, 1877. Pouco depois da catastrophe, Mello passou na Bahia de viagem para a India, como se verá p. 162.

Martim Affonso e Pero Lopes não tornaram ao Brasil. Sabendo que o conde de Castanheira desejava um pedaço de terra em sua capitania, escreveu-lhe Martim Affonso de Diu em 14 de Dezembro de 1535: «mande-a tomar toda ou a que quizer, que essa será para mim a maior mercê e a maior honra do mundo», *Rev. de hist.* 4, 66. Sobre as duas capitanias existem livros de Taques, Fr. Gaspar e Azevedo Marques e varias monographias na *Rev. Inst. Hist. de S. Paulo*. Uma carta de Luis de Goes escrita de Santos a 12 de Março de 1548 deve lêr-se de preferencia na edição de Pedro de Azevedo, *Rev. de Hist.*, 4, 98/99.

O periodo em que vigorou o regimen puro dos donatarios caracterisou-se por sérias desordens em terra e no mar.

Em 1543 ou 1544 transportaram em um navio do reino muitos homens, mulheres e menores e os lançaram com os Pitiguares, que os comeram: as roupas, isto é, os haveres das victimas, os malfeitores levaram á Bahia e venderam-nas; depois passaram aos Ilhéus, onde em

De Pero de Goes ha duas cartas, dirigidas uma a seu socio Martim Ferreira em 12 de Agosto de 1545, outra a el rei em 29 de Abril de 1546, reunidas ambas nos *Apontamentos para a historia da capitania de São Thomé* de Augusto de Carvalho, Campos, 1888. Não bastam para se constituir a chronica. Varnhagen parece ter conhecido outros documentos que não especifica. Em suas terras não entrava o trecho em que se fundou mais tarde a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como affirma Fr. Vicente, p. 169 . Seu filho Gil de Goes desistiu de todos os direitos á successão em 1619, *R. T.*, **59**, I.

De Antonio Cardoso de Barros, donatario de parte do Ceará, o autor nem cita o nome neste livro, nem conheceu a capitania, aliás não contestaria a parte de João Barros e socios na do Maranhão, por falta de capitanias intermedias, que deixariam uma solução de continuidade: de C. de Barros nada consta por outra via.

Sobre João de Barros, Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha quasi só conhecemos o que contam documentos castelhanos. A armada fortemente organizada zarpou em fins de 35. Parece ter seguido para Pernambuco, donde parte desgarrou para as Antilhas e foi presa, Medina, *D. Garcia*, 62; parte navegou para o Rio-Grande, onde não demorou, porque a grande preocupação era o ouro, isto é, as terras do Perú, já então invadidas por Pizarro e Almagro.

A morte de Ayres da Cunha não desanimou a expedição que subiu por um rio e seu affluente «duzentas e cincoenta leguas até que não poderam ir mais por diante por causa da agua ser pouca e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por elle caber as embarcações», informa Gandavo, *Historia da provincia de Santa Cruz*, c. 2. Um manuscrito espanhol contemporaneo (copia na Bib. Nac.) reduz as leguas a cento e cincoenta, diz que fizeram uma fortaleza na ilha em que ainda hoje está a capital do Maranhão, outra na confluencia de dois rios, outra finalmente no ultimo ponto do rio vindo da esquerda que poderam

alcançar; este deve ser o Pindaré, mas o autor dá-lhe o nome de Maranhão. Antonio Baião acaba de publicar no *Bol. da Ac. das Sciencias de Lisboa* muitos documentos sobre João de Barros, que contêm ligeiras referencias ao Brasil.

Da capitania de Luis de Mello da Silva não appareceu ainda nem carta de doação nem foral. Segundo documentos espanhoes levou cavallos, prova de que pretendiam internar-se; partiu em Maio ou Junho de 1554; em sua companhia foram rebeldes do Perú. «Año de 1554, dia de San Martin (11 de Nov.) se perdio en esta costa al lest a la boca del Maranõn Luis de Mello portugues cõ 600 êõbres que lleuaua en 6 navios, sin tormienta, sino que surgierõ a la noche en 7 braças y de noche baxo al agua y quedarõ en seco», informa um mappa espanhol imp. em *Cartas de Indias,* Madrid, 1877. Pouco depois da catastrophe, Mello passou na Bahia de viagem para a India, como se verá p. 162.

Martim Affonso e Pero Lopes não tornaram ao Brasil. Sabendo que o conde de Castanheira desejava um pedaço de terra em sua capitania, escreveu-lhe Martim Affonso de Diu em 14 de Dezembro de 1535: «mande-a tomar toda ou a que quizer, que essa será para mim a maior mercê e a maior honra do mundo», *Rev. de hist.* 4, 66. Sobre as duas capitanias existem livros de Taques, Fr. Gaspar e Azevedo Marques e varias monographias na *Rev. Inst. Hist. de S. Paulo.* Uma carta de Luis de Goes escrita de Santos a 12 de Março de 1548 deve lêr-se de preferencia na edição de Pedro de Azevedo, *Rev. de Hist.,* 4, 98/99.

O periodo em que vigorou o regimen puro dos donatarios caracterisou-se por sérias desordens em terra e no mar.

Em 1543 ou 1544 transportaram em um navio do reino muitos homens, mulheres e menores e os lançaram com os Pitiguares, que os comeram: as roupas, isto é, os haveres das victimas, os malfeitores levaram á Bahia e venderam-nas; depois passaram aos Ilhéus, onde em

serras e brenhas os prendeu Pero Borges, primeiro ouvidor geral, como affirma em carta escrita de Porto-Seguro a 7 de Fevereiro de 1550, *Rev. de Hist.*, 4, 72, Lisboa, 1915. Vasco Fernandes deu-lhes, porém, homisio, informa Duarte de Lemos em carta de 14 de Junho de 1550, copia no Inst. Hist., cf. *Hist. geral*[2], 180.

Informa ainda Pero Borges: «Houve homem que um indio principal livrou de mãos de outros mal ferido e maltratado e o teve em sua casa e o curou e o tornou a poer são das feridas em salvo. Este homem tornou ali com um navio e mandou dizer ao indio principal que o tivera em sua casa que o fosse ver ao navio; cuidando o gentio que vinha elle agradecer-lhe o bem que lhe tinha feito, como o teve no navio o cativou com outros que com elle foram e o foi vender por essas capitanias».

Caso semelhante narra Pero de Góes: sahiu da terra de Vasco Fernandes Coutinho um homem por nome Henrique Luis com outros e «em um caravelão, sem eu ser sabedor, se foi a um porto desta minha capitania e contra o foral de V. A. resgatou o que quiz e não contente com isto tomou por engano (isto é, aleivosamente) um indio, o maior principal que nesta terra havia, mais amigo dos christãos, e o prendeu no navio tomando por elle muito resgate. Depois de por elle lhe darem o que pediu, por se congraçar com os outros indios contrarios deste que prendera, lho levou e lhe entregou preso e lho deu a comer».

De um depoimento prestado em Sevilha a 9 de Out. de 549 (copia na Bib. Nac.) consta que no anno anterior partiram dos Ilhéus um navio de Martim Vaz, de S. Vicente um de Paschoal Fernandes, desceram para Jurumerim e na laguna de Viaçá aprisionaram cento e tantos homens e mulheres que estavam sendo doutrinados por um frade castelhano.

Em terra a situação não era melhor.

Duarte Coelho queixa-se amargamente dos visinhos de Itamaracá; elle proprio não estaria livre de pecha, si mandou dar a cutilada referida por Fr. Vicente.

Na Bahia João Bezerra, clerigo de missa, fingiu um alvará règio para prender Francisco Pereira Coutinho e o prendeu effectivamente, obrigando-o a refugiar-se em Porto Seguro; ahi o descobriu mais tarde Pero Borges, mas não se animou a punil-o por causa do caracter sacerdotal.

Nos Ilhéus Francisco Romeiro, capitão e ouvidor de Jorge de Figueredo, aliás «bom homem, mas não para ter mando de justiça, porque é ignorante e muito pobre, o que muitas vezes faz fazer aos homens o que não devem», como escrevia Pero Borges, já tendo estado preso muitos dias no Limoeiro por crimes commettidos no seu officio, veiu reconduzido, e «continuava com cousas mal feitas, imigo com algumas pessoas principaes da terra, mal attentado nas cousas de justiça», segundo o mesmo testemunho.

Em Porto Seguro a 24 de Novembro 1546 o donatario Pero do Campo Tourinho foi preso, logo submettido a um longo processo e afinal remettido acorrentado ao tribunal da Inquisição de Lisbôa, por crime de heresia e blasphemia. Cf *Sciencias e letras*, 6, 55/57, Rio 1917.

Da era dos donatarios alguns nomes passaram á historia.

Jeronymo de Albuquerque acompanhou a irmã e o cunhado a Pernambuco e durante meio seculo foi a grande figura da capitania. Deixou vinte e quatro filhos — oito da india Arco-Verde, que lhe deu liberdade e fez companhia quando ia ser morto e comido. Sua descendencia enumeram Borges da Fonceca, Jaboatão, Loretto Couto; seu testamento dão Borges da Fonceca *Rev. Arch. Pern.*, 28, 111/119, e Fernandes Gama, o. c. «Branco cisne venerando» chama-o o mais antigo poeta do Brasil, Bento Teixeira, na ultra-camoneana *Prosopopea*. [Cf *Lus.*, 6, 17: Na cabeça por gorra tinha posta — Uma mui grande casca de lagosta. *Prosopopea*: Não lhe vi na cabeça casca posta — (Como Camões descreve)

de lagosta, — Mas uma concha lisa e bem lavrada.] A Ramiz Galvão deve-se a reimpressão desta preciosidade literaria, Rio, 1873.

A Diogo Alvares Caramurú consagrou Varnhagen um de seus primeiros estudos, *R. T.*, **10**, 129/152. Devia ter chegado á Bahia cerca de 1510, em circumstancias ainda não conhecidas; que o uso do bacamarte o tornasse temido e poderoso entre os indigenas é bem possivel, mas *caramurú* designava e designa ainda hoje uma moreia e Moreia assignava-se, traduzindo a alcunha, um descendente, que deu muito que falar com suas minas de prata até agora encobertas; que tivesse ido á França contesta Varnhagen e affirma Fr. Vicente no cap. 1.º do livro seguinte e não ha motivos serios para pôr em duvida o asserto. Si primeiro se uniu a Paraguaçú em 1546, depois do exicio de Francisco Pereira, não pode dahi originar-se a larga descendencia bahiana que nella celebra sua matriarcha. Segundo documentos publicados por Sousa Viterbo os filhos de Caramurú chamavam-se Gaspar, Gabriel e Jorge, e o genro João de Figueredo. Varnhagen na segunda edição dá a sesmaria concedida por Franc. Pereira Coutinho e a carta escrita por D. João III a Diogo Alvares a proposito de Thomé de Sousa, *Hist. ger.* 197/199, 236/237. Parece profundamente viciada a escritura da doação da capella da Graça feita por Paraguaçú a 16 de Junho de 1586 aos frades de S. Bento: Mello Moraes, *Brasil Historico*, **1**, II, 124, Rio 1866.

Braz Cubas nascido cerca de 1507, pois em uma justificação dada em Santos em Fev. de 1583 (copia na Bib. Nac.) declarava 76 annos, criou-se na casa de Martim Affonso de Sousa. Deste houve uma sesmaria em 25 de Setembro de 1536, de que primeiro seu pai João Pires Cubas e depois elle proprio veiu tomar conta em 1540. Foi capitão-mór de São Vicente, provedor da fazenda real, fundador de Santos. Ha uma carta sua de 25 de Abril de 1562, *Rev. do Arch. Mineiro*, **7**, 593, Bello Horizonte, 1902. Falleceu em 1592, segundo seu epita-

phio transcrito por G. da Madre de Deus, *Memorias para a hist. da cap. de São Vicente,* 100, Lisboa, 1797.

Deu realce a João Ramalho um artigo de C. M. de Almeida, publicado em 1887 na *R. T.*, **40**, I, identificando-o com o bacharel de Cananéa. Depois disto com elle o Inst. Hist. de S. Paulo occupou-se fervorosa e assiduamente: só no vol. 7.º da sua importante *Revista* sete artigos lhe são consagrados. Fóra de duvida está que João Ramalho foi um dos colonos mais antigos, preferiu o planalto á beira-mar, fez-se respeitado pelos indigenas entre os quaes grangeou numerosa prole, foi nomeado guarda-mór do campo, vereou em Santo André e S. Paulo. Os habitos adquiridos em decennios de vida solta incompatilisaram-no com os jesuitas, de cujas chronicas sahiu mal notado. Muito deu que falar seu testamento, do qual sonsamente deduziu frei Gaspar da Madre de Deus que fora elle o verdadeiro descobridor da America. O documento não foi visto só por Fr. Gaspar, mas até agora não reappareceu: cf Washington Luis *R. Inst. Hist. de S. Paulo,* 9, 563/569.

Em 1527 Diego Garcia encontrou em São Vicente um bacharel que ali vivia haveria uns trinta annos, e tinha genros. Um destes chamava-se Gonçalo da Costa. Teria casado com filha do bacharel havida em Portugal antes do degredo? seriam sua mulher e filhos mamalucos? Opta pela primeira hypothese J. T. Medina. A segunda não é impossivel, seria até a mais provavel si não repugnasse admittir que Gonçalo levou para alem mar, como resulta dos documentos, mulher e filhos que só deviam falar a lingua brasilica.

Cerca de 1540 escrevia um anonymo espanhol em relação de que a Bib. Nac. tem copia: «en la ysla de Cananea y en la tierra firme della ay pobló el bachiller dexo muchas ñaranjeras y limones y zidras y otros muchos arbores y hizo muchas casas, que se desplobarõ despues por los pobladores de San Viçente que tuvierõ guerra los unos con los otros por que pretendiã que el bachiller les avia dar obediencia».

Sobre estas guerras informa Ruy Diaz de Gusman na *Argentina*, **1**, 8, onde diz que o bacharel se chamava Duarte Peres, — melhor Pires. Este nome, contra o qual nada se pode allegar, não tem sido geralmente aceito em São Paulo nem alhures. Um historiador de credito e consciencioso como J. T. Medina confundiu 1526 com 1536, Ayres da Cunha com D. Rodrigo de Acuña, Santa Catharina com Pernambuco, para chegar á conclusão imprevista de que o bacharel de Cananea foi Duarte Coelho! Cf sua monographia *El portugués Gonçalo de Acosta al servicio de España*, 18, 20, 22, 23, Santiago, 1908.

De algumas sesmarias concedidas por donatarios vê-se que foi tentado aqui um regimen territorial que não prevaleceu.

Na de Braz Cubas impõe-se que nem elle, nem seus herdeiros poderiam vender, dar ou trocar a terra, que ha de sempre andar em sua geração e linha directa ou transversal, *Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo*, **6**, 295.

Na doação a Duarte de Lemos, incluiu Vasco Fernandes a concessão de todos os officios da ilha, o pagamento das pensões, reservando para si somente as appelações, *R. T.*, **24**, 210.

CAPITULO PRIMEIRO

De como se continuou o descobrimento do Brasil e se deu ordem a se povoar.

Posto que el-rei D. Manuel, quando soube a nova do descobrimento do Brasil, feito por Pedro Alvares Cabral, andava mui occupado com as conquistas da India Oriental, pelo proveito que de si promettiam, e com as de Africa pela gloria e louvor que a seus vassallos dellas resultava, não deixou, quando teve occasião, de mandar uma armada de seis velas e por capitão-mór dellas Gonçalo Coelho, pera que descobrisse toda esta costa, o qual andou por ella muitos mezes descobrindo-lhe os portos e rios, e em muitos delles entrou e assentou marcos com as armas del-rei, que pera isso trazia lavrados.

Mas, pela pouca experiencia que então se tinha de como corria a costa e os ventos com que se navega, passou tantos trabalhos e infortunios que foi forçado tornar-se pera o reino com duas caravelas menos, e a tempo em que já era morto el-rei D. Manuel, que falleceu no anno do Senhor de 1521, e reinava seu filho el-rei D. João Terceiro, ao qual se apresentou com as informações que poude alcançar. Pelas quaes el-rei, parecendo-lhe cousa de importancia, mandou logo outra armada, e por capitão-mór Christovão Jaques, fidalgo de sua casa, que neste descobrimento trabalhou com notavel proveito so-

bre a clareza da navegação desta costa, continuando com seus padrões conforme o regimento que trazia. E andando correndo esta grande costa veiu dar com a bahia que chamou de Todos os Santos, por ser no dia da sua festa, primeiro de Novembro, e entrando por ella, especulando todo o seu reconcavo e rios, achou em um delles chamado de Paraguaçú duas naus francezas que estavam ancoradas commerciando com o gentio, com as quaes se poz ás bombardadas e as metteu no fundo com toda a gente e fazenda, e logo se foi pera o reino, e deu as informações de tudo á Sua Alteza.

As quaes bem consideradas, com outras que já tinha de Pero Lopes de Sousa, que por esta costa tambem andou com outra armada, ordenou que se povoasse esta provincia, repartindo as terras por pessoas que se lhe offereceram pera as povoarem e conquistarem á custa de sua fazenda, e dando a cada um cincoenta leguas por costa com todo o seu sertão, pera que elles fossem não só senhores mas capitães dellas, pelo que se chamam e se distinguem por capitanias.

Deu-lhes jurisdição no crime de baraço e pregão, açoutes e morte, sendo o criminoso peão, e sendo nobre até dez annos de degredo; e no civel cem mil réis de alçada, e que assistam ás eleições dos juizes e vereadores elles ou seu ouvidor que elles fazem, como tambem fazem escrivães do publico, judicial e notas, escrivão da camara, escrivão da ouvidoria, juiz e escrivão dos orfãos, meirinho da villa, alcaide do campo, porque o do carcere provê o alcaide-mór, e el-rei os officios da sua real fazenda, como são os dos provedores e seus meirinhos, almoxarifes, porteiros da alfandega e guardas dos navios. E, ainda que os donatarios são sesmeiros das

suas terras e as repartem pelos moradores como querem, todavia, movendo-se depois alguma duvida sobre as datas, não são elles os juizes dellas, sinão o provedor da fazenda, nem os que as recebem de sesmaria têm obrigação de pagar mais que dizimo a Deus dos frutos que colhem, e este se paga a el-rei por ser mestre da ordem de Christo, e elle dá aos donatarios a redizima, que é o dizimo de tudo o que lhe rendem os dizimos. Pertence-lhes tambem a vintena de todo o pescado que se pesca nos limites das suas capitanias, e todas as aguas com que moem os engenhos de assucar, pelos quaes lhes pagam de cada cem arrobas duas ou tres, ou conforme se concertam os senhores dos engenhos com elles ou com seus procuradores. As quaes pensões não têm a Bahia. Rio de Janeiro, Parahiba e as mais capitanias de el-rei, nas quaes se paga o dizimo somente. Mas no que toca á jurisdição do civel e crime lha limitou el-rei depois muito, como veremos no capitulo primeiro do livro terceiro.

CAPITULO SEGUNDO

Das capitanias e terras que el-rei doou a Pero Lopes e Martim Affonso de Sousa, irmãos.

Como Pero Lopes de Sousa havia já andado por estas partes do Brasil, coube-lhe a escolha primeiro que a outros, e não tomou todas as suas cincoenta leguas juntas, sinão vinte e cinco em Tamaracá, de que adiante trataremos, e outras vinte e cinco em S. Vicente, que se demarcam e confrontam com as terras da capitania de seu irmão Martim Affonso de Sousa, em tanta visinhança que não deixa de haver litigio e duvidas, sendo que, quando de principio as povoaram e fortificaram, foi de muito proveito esta visinhança, por se poder ajudar um ao outro e defender do inimigo, como bem se viu depois de idos pelas muitas guerras que os moradores tiveram com os gentios e francezes, que entre elles andavam e por mar em canôas lhes vinham dar muitos assaltos e por muitas vezes os tiveram cercados e sempre se defenderam muito bem, o que não puderam fazer si as povoações e fortes não estiveram tão proximos.

Donde se verifica bem o que Scipião Africano disse no senado de Roma, que era necessario continuar-se com as guerras de Africa porque, faltando estas, as haveria civis entre os visinhos, como as houve entre estes (ainda que irmãos) depois que venceram os gentios.

Mas, descendo ao particular, a razão das duvidas que estes senhores têm, ou seus herdeiros, acerca destas capitanias me parece que é por dizerem as suas doações que se demarcarão pela barra do rio de S. Vicente, um pera o Norte, outro pera o Sul e, como este rio tem tres barras, causadas de duas ilhas que o dividem, uma que corre ao longo da costa e outra dentro do rio, como se verá na descripção seguinte, daqui vem duvidar-se de qual destas barras se ha de fazer a demarcação.

. . . .

Nesta ilha de fóra esteve uma villa que se chamou S. Amaro, de que já não ha mais que a ermida do santo; mas fez-se outra na terra firme da parte do Sul chamada villa da Conceição. Na ilha de dentro ha duas povoações, uma chamada de Santos, outra de S. Vicente como o rio, a qual veiu edificar Martim Affonso de Sousa em pessoa, e a povoou de mui nobre gente que comsigo trouxe, e assim floresceu em mui breve tempo.

Daqui se embarcou em o anno de 1533 pera descobrir mais costa e rios della, e foi correndo até chegar ao rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias e, perdendo alguns navios e gente delles em os baixos do rio, se tornou pera a sua capitania, donde foi chamado por Sua Alteza pera o mandar por capitão-mór do mar da India, do que serviu muitos annos e depois de governador da India, donde vindo a Portugal serviu muitos annos no conselho de estado até el-rei D. Sebastião, em cujo tempo falleceu.

Pelo sertão nove leguas do rio de S. Vicente está a villa de S. Paulo, em a qual ha um mosteiro da Companhia de Jesus, outro do Carmo, e nos têm signalado sitio pera outro de nossa Seraphica Ordem, que nos pedem

queiramos edificar ha muitos annos com muita instancia e promessas. E sem isso era incitamento bastante termos alli sepultado na igreja dos padres da Companhia um frade leigo da nossa ordem, castelhano, a quem matou outro castelhano secular, porque o reprehendia que não jurasse. Foi religioso de santa vida, e confirmou-o Deus depois de seu martyrio com um milagre e foi que, assentando-se uma mulher enferma de fluxo de sangue sobre a sua sepultura, ficou sã.

Ao redor desta villa estão quatro aldeias de gentio amigo que os padres da Companhia doutrinam, fóra outro muito que cada dia desce do sertão.

São os ares destas duas capitanias frios e temperados como os de Espanha, porque já estão fóra da zona torrida, em vinte e quatro graus e mais. E assim é a terra mui sadia, fresca e de boas aguas, e esta foi a primeira onde se fez assucar, donde se levou plantas de cannas pera as outras capitanias, posto que hoje se não dão tanto a fazel-o quanto á lavoura do trigo, que se dá alli muito, e cevada e grandes vinhas, donde se colhem muitas pipas de vinho, ao qual pera durar dão uma fervura no fogo.

Outros se dão á criação de vaccas, que multiplicam muito. E são as carnes mais gordas que em Espanha, principalmente os cevados, que se cevam com milho zaburro e com pinhões de grandes pinhaes que ha agrestes, tão ferteis e viçosos que cada pinha é como uma botija, e cada pinhão depois de limpo como uma castanha ou belota de Portugal.

Cavallos ha tantos que vale cada um cinco ou seis tostões. Mas o melhor de tudo é o ouro, de que trataremos

adiante, quando tratarmos do governador D. Francisco de Sousa, que por mandado del-rei assistiu nas minas.

Destas villas se foi ha poucos annos um morador de nação castelhana, por ser muito cioso da mulher, que era portugueza, natural de S. Vicente e muito formosa, a morar em uma ilha chamada a Cananéa, que fica mais ao Sul e chegada ao rio da Prata; mas pouco viveu sem seus receios, porque, conhecida a fertilidade da terra, se foram outros muitos com suas familias a morar tambem a ella, e se fez uma povoação tão grande como est'outras.

CAPITULO TERCEIRO

Da terra e capitania que el-rei doou a Pedro de Goes.

Em companhia de Pero Lopes de Sousa andou por esta costa do Brasil Pedro de Goes, fidalgo honrado, muito cavalleiro, e pela afeição que tomou á terra pediu a el-rei D. João que lhe desse nella uma capitania, e assim lhe fez mercê de cincoenta leguas de terra ao longo da costa ou as que se achassem donde acabassem as de Martim Affonso de Sousa até que entestasse com as de Vasco Fernandes Coutinho. Da qual capitania foi tomar posse com uma boa frota, que fez em Portugal á sua custa, bem fornecida de gente e todo o necessario, e no rio chamado Parahiba, que está em vinte e um gráus e dous terços, se fortificou e fez uma povoação, em que esteve bem os primeiros dous annos, e depois se lhe levantou o gentio e o teve em guerra cinco ou seis annos, fazendo ás vezes pazes que logo quebravam, tanto que foi forçado a despejar a terra e passar-se com toda a gente pera a capitania do Espirito-Santo, em embarcações que pera isso lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho, donde ficou com toda a sua fazenda gastada, e muitos mil cruzados de um Martim Ferreira, que com elle armara pera fazerem muitos engenhos de assucar.

No districto desta terra e capitania cai a terra dos Aitacazes, que é toda baixa e alagada, onde estes gentios

vivem mais á maneira de homens marinhos que terrestres. E assim nunca se puderam conquistar, posto que a isso foram algumas vezes do Espirito-Santo e Rio de Janeiro, porque, quando se ha de vir ás mãos com elles, mettem-se dentro das lagôas, onde não ha entral-o a pé nem a cavallo. São grandes buzios e nadadores e a braços tomam o peixe ainda que sejam tubarões, pera os quaes levam em uma mão um páu de palmo pouco mais ou menos, que lhes mettem na bocca direito e, como o tubarão fique com a bocca aberta, que a não pode cerrar com o páu, com a outra mão lhe tiram por ella as entranhas, e com ellas a vida, e o levam pera a terra, não tanto pera os comerem como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortiferas, e pera provarem forças e ligeireza, como tambem dizem que as provam com os veados nas campinas, tomando-os a cosso, e ainda com os tigres e onças e outros feros animaes.

Estas e outras incrediveis cousas se contam deste gentio; creia-as quem quizer, que o que daqui eu sei é que nunca foi alguem a seu poder que tornasse com vida para as contar. Verdade é que já hoje ha delles mais noticia, porque lhes deu uma cruel doença de bexigas, que os obrigou a nos irem buscar e ser nossos amigos, como veremos em o livro V desta historia.

CAPITULO TERCEIRO

Da terra e capitania que el-rei doou a Pedro de Goes.

Em companhia de Pero Lopes de Sousa andou por esta costa do Brasil Pedro de Goes, fidalgo honrado, muito cavalleiro, e pela afeição que tomou á terra pediu a el-rei D. João que lhe desse nella uma capitania, e assim lhe fez mercê de cincoenta leguas de terra ao longo da costa ou as que se achassem donde acabassem as de Martim Affonso de Sousa até que entestasse com as de Vasco Fernandes Coutinho. Da qual capitania foi tomar posse com uma boa frota, que fez em Portugal á sua custa, bem fornecida de gente e todo o necessario, e no rio chamado Parahiba, que está em vinte e um gráus e dous terços, se fortificou e fez uma povoação, em que esteve bem os primeiros dous annos, e depois se lhe levantou o gentio e o teve em guerra cinco ou seis annos, fazendo ás vezes pazes que logo quebravam, tanto que foi forçado a despejar a terra e passar-se com toda a gente pera a capitania do Espirito-Santo, em embarcações que pera isso lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho, donde ficou com toda a sua fazenda gastada, e muitos mil cruzados de um Martim Ferreira, que com elle armara pera fazerem muitos engenhos de assucar.

No districto desta terra e capitania cai a terra dos Aitacazes, que é toda baixa e alagada, onde estes gentios

vivem mais á maneira de homens marinhos que terrestres. E assim nunca se puderam conquistar, posto que a isso foram algumas vezes do Espirito-Santo e Rio de Janeiro, porque, quando se ha de vir ás mãos com elles, mettem-se dentro das lagôas, onde não ha entral-o a pé nem a cavallo. São grandes buzios e nadadores e a braços tomam o peixe ainda que sejam tubarões, pera os quaes levam em uma mão um páu de palmo pouco mais ou menos, que lhes mettem na bocca direito e, como o tubarão fique com a bocca aberta, que a não pode cerrar com o páu, com a outra mão lhe tiram por ella as entranhas, e com ellas a vida, e o levam pera a terra, não tanto pera os comerem como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortiferas, e pera provarem forças e ligeireza, como tambem dizem que as provam com os veados nas campinas, tomando-os a cosso, e ainda com os tigres e onças e outros feros animaes.

Estas e outras incrediveis cousas se contam deste gentio; creia-as quem quizer, que o que daqui eu sei é que nunca foi alguem a seu poder que tornasse com vida para as contar. Verdade é que já hoje ha delles mais noticia, porque lhes deu uma cruel doença de bexigas, que os obrigou a nos irem buscar e ser nossos amigos, como veremos em o livro V desta historia.

CAPITULO QUARTO

Da terra e capitania do Espirito Santo que el-rei doou a Vasco Fernandes Coutinho.

Não teve menos trabalhos com a sua capitania Vasco Fernandes Coutinho, a quem el-rei, pelos muitos serviços que lhe havia feito na India, lhe fez mercê de cincoenta leguas de terra por costa, o qual a foi conquistar e povoar com uma grande frota á sua custa, levando comsigo a D. Jorge de Menezes, o de Maluco, e D. Simão de Castello Branco e outros fidalgos, com os quaes, avistando primeiro a serra de mestre Alvaro, que é grande, alta e redonda, foi entrar no rio do Espirito-Santo, o qual está em vinte gráus; onde logo á entrada do rio, da banda do Sul, começou a edificar a villa da Victoria, que agora se chama a villa velha em respeito da outra villa do Espirito Santo que depois se edificou uma legua mais dentro do rio, em a ilha de Duarte de Lemos, por temor do gentio.

E, como o espirito de Vasco Fernandes era grande, deixando ordenados quatro engenhos de assucar, se tornou pera o reino a aviar-se pera ir pelo sertão a conquistar minas de ouro e prata de que tinha novas, deixando por seu locotenente D. Jorge de Menezes, ao qual logo os gentios fizeram tão cruel guerra que lhe queimaram os engenhos e fazendas, e a elle mataram ás frechadas, sem lhe valer ser tão grande capitão e

que na India, Maluco e outras partes tinha feitas muitas cavallarias.

O mesmo fizeram a D. Simão de Castello Branco, que lhe succedeu na capitania, e a puzeram em tal cerco e aperto que, não podendo os moradores della resistir-lhes, se passaram pera outras e, tornando-se Vasco Fernandes Coutinho do reino pera a sua, por mais que trabalhou o possivel pela remediar e vingar do gentio, não foi em sua mão, por estar sem gente e munições de guerra, e o gentio pelas victorias passadas muito soberbo: antes viveu muitos annos mui affrontado delles em aquella ilha, até que depois pouco a pouco reformou as duas ditas villas.

Mas emfim, gastados muitos mil cruzados que trouxe da India, e muito patrimonio que tinha em Portugal, acabou tão pobremente que chegou a lhe darem de comer por amor de Deus, e não sei si teve um lençol seu em que o amortalhassem.

Seu filho, do mesmo nome, tambem com muita pobreza viveu e morreu na mesma capitania. E não se attribua isto á maldade da terra, que é antes uma das melhores do Brasil, porque dá muito bom assucar e algodão, gado vaccum, e tanto mantimento, frutas e legumes, pescado e mariscos que lhe chamava o mesmo Vasco Fernandes o meu *villão farto.*

Dá tambem muitas arvores de balsamo de que as mulheres, misturando-o com a casca das mesmas arvores pizadas, fazem muita contaria que se manda pera o reino e pera outras partes. Mas o que fez mal a estes senhores, depois das guerras, foi não seguirem o descobrimento das minas de ouro e prata, como determinavam. E parece que herdaram delles este descuido seus

successores, pois, descobrindo-se depois na mesma capitania uma serra de cristal e esmeraldas, de que tenho feito menção em o capitulo quinto do primeiro livro, nem disso se trata, nem de fortificar-se a terra pera defender-se dos corsarios, sendo que, por ser o rio estreito, se podéra fortalecer com facilidade. Antes, levando-o pelo espiritual, me disse Francisco de Aguiar Coutinho, senhor della, que dissera a Sua Magestade que tinha uma fortaleza na barra da sua capitania que lha defendia, e não havia mistér mais, e que esta era a ermida de Nossa Senhora da Penha que alli está, aonde do mosteiro do nosso padre S. Francisco, que temos na villa do Espirito-Santo, vão dous frades todos os sabbados a dizer missa, e a temos a nossa conta. E na verdade a dita ermida se pode contar por uma das maravilhas do mundo, considerando-se o sitio, porque está sobre um monte alto um penedo que é outro monte, a cujo cume se sobe por cincoenta e cinco degraus lavrados no mesmo penedo, e em cima tem um plano em que está a igreja e capella, que é de abobeda, e ainda fica ao redor por onde anda a procissão, cercado de peitoril de parede, donde se não pode olhar pera baixo sem que fuja o lume dos olhos.

Nesta ermida esteve antigamente por ermitão um frade leigo da nossa ordem, asturiano, chamado frei Pedro, de mui santa vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceu alguns dias antes, e se andou despedindo das pessoas devotas, dizendo que, feita a festa de Nossa Senhora, havia de morrer. E assim succedeu, e o acharam morto de geolhos e com as mãos levantadas como quando orava, e na tresladação de seus ossos desta igreja pera o nosso convento fez muitos milagres,

e poucos enfermos os tocam com devoção que não sarem logo, principalmente de febres, como tudo consta do instrumento de testemunhas que está no archivo do convento.

CAPITULO QUINTO

Da capitania de Porto-Seguro.

Esta capitania foi a primeira terra do Brasil que se descobriu por Pedro Alvares Cabral indo pera a India, como está dito no primeiro capitulo do primeiro livro, e della fez el-rei mercê e doação de cincoenta leguas de terra na fórma das mais a Pero do Campo Tourinho, natural de Vianna, muito visto na arte de marear. O qual, armando uma frota de muitos navios á sua custa, com sua mulher e filhos e alguns parentes e muitos amigos, partiu de Vianna e desembarcou no rio de Porto-Seguro. que está em dezaseis gráus e dous terços, e se fortificou no mesmo logar onde agora é a villa, cabeça desta capitania.

Edificou mais a villa de Santa Cruz e outra de Santo Amaro, onde está uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda em um monte mui alto, e no meio delle, no caminho por que se sobe, uma fonte de agua milagrosa, assim nos effeitos que Deus obra por meio della, dando saúde aos enfermos que a bebem, como na origem, que subitamente a deu o Senhor alli pela oração de um religioso da Companhia, segundo me disse, como testemunha de vista e bem qualificada, um neto do dito Pero do Campo Tourinho e do seu proprio nome, meu condiscipulo no estudo das artes e theologia, e depois

deão da sé desta Bahia, o qual depois da morte de seu avô se veiu a viver com sua avó e mãi, por sua mãi Leonor do Campo, com licença de Sua Magestade, vender a capitania a D. João de Lencastre, primeiro duque de Aveiro, por cem mil réis de juro. O qual mandou logo capitão que a governasse em seu nome e fizesse um engenho á sua custa e désse ordem a se fazerem outros, como se fizeram, posto que depois se foram desfazendo todos, assim por falta de bois, que não cria esta terra gado vaccum, por causa de certa erva do pasto que o mata, como por os muitos assaltos do gentio aymoré, em que lhe matavam os escravos, pelo que tambem despovoaram muitos moradores e se passaram pera outras capitanias.

Porém sem isto tem outras cousas pelas quaes merecia ser bem povoada, porque no rio Grande, onde parte com a capitania dos Ilhéus, tem muito páu brasil, e no rio das Caravelas muito zimbo, dinheiro de Angola, que são uns buziozinhos mui miudos de que levam pipas cheias e trazem por ellas navios de negros, e na terra deste rio e em todas as mais que ha até entestar com as de Vasco Fernandes Coutinho, se dá muito bem o gado vaccum e se podem com facilidade fazer muitos engenhos.

CAPITULO SEXTO

Da capitania dos Ilhéus.

Quando el-rei D. João Terceiro repartiu as capitanias do Brasil, fez mercê de uma dellas, com cincoenta leguas de terra por costa, a Jorge de Figueiredo Correia, escrivão da sua fazenda, a qual começa da ponta do Sul da barra da Bahia, chamada o morro de S. Paulo, por diante.

Este Jorge de Figueiredo fez uma fróta bem provida do necessario e moradores, com a qual mandou um castelhano, grande cavalleiro, homem de esforço e experiencia, chamado Francisco Romeiro, o qual, desembarcando no dito morro, começou alli a povoar e por se não contentar do sitio se passou para onde está a villa dos Ilhéus, que assim se chama pelos que tem defronte da barra. E, vindo assentar pazes com o gentio tupinaquim, foi com a capitania em grande crescimento, e neste estado a vendeu o donatario com licença de Sua Magestade a Lucas Giraldes, que nella metteu grande cabedal, com que veiu a ter oito engenhos, ainda que os feitores (como costumam fazer no Brasil) lhe davam em conta a despeza por receita, mandando-lhe mui pouco ou nem um assucar. Pelo que elle escreveu a um florentino chamado Thomaz, que lhe pagava com cartas de muita eloquencia: Thomazo, quiere que te diga, manda

la asucre deixa la parolle, e assignou-se, sem escrever mais letra.

Mas não foi este o mal desta capitania, sinão a praga dos selvagens aymorés, que com seus assaltos crueis fizeram despovoar os engenhos e, si hoje estão já de paz, ficaram os homens tão desbaratados de escravos e mais fabrica que se contentam com plantar mantimento pera comer.

Porêm no rio do Camamú e nas ilhas de Tinharé e Boipeba, que são da mesma capitania e estão mais perto da Bahia, ha alguns bons engenhos e fazendas, e no rio de Taipé, que dista só duas leguas dos Ilhéus, tem Bartholomeu Luiz de Espinha um engenho e junto delle está uma lagoa de agua doce, onde ha muito e bom peixe do mar e peixes bois, e um pomar formoso de marmellos, figos e uvas e frutas de espinho.

CAPITULO SETIMO

Da capitania da Bahia.

Toma esta capitania o nome da Bahia por ter uma tão grande que por antonomasia e excellencia se levanta com o nome commum e apropriando-se a si se chama a Bahia, e com razão, porque tem maior reconcavo, mais ilhas e rios dentro de si que quantas são descobertas em o mundo, tanto que, tendo hoje cincoenta engenhos de assucar e pera cada engenho mais de dez lavradores de cannas de que se faz o assucar, todos têm seus esteiros e portos particulares; nem ha terra que tenha tantos caminhos, por onde se navega.

As ilhas que dentro de si tem, entre grandes e pequenas, são trinta e duas: só tem um sinão que é não se poder defender a entrada dos corsarios, porque tem duas boccas ou barras uma dentro da outra: a primeira a Leste da ponta do padrão da Bahia ao morro de S. Paulo, que é de doze leguas, a segunda, que é a interior, do sul da dita barra ou ponta do Padrão á ilha de Taparica, que é bocca de tres leguas.

Está esta bahia em treze gráus e um terço, e tem em seu circuito a melhor terra do Brasil; porque não tem tantos areaes como as da banda do Norte, nem tantas penedias como as do Sul, pelo que os indios velhos comparam o Brasil a uma pomba, cujo peito é a Bahia, e

as azas as outras capitanias, porque dizem que na Bahia está a polpa da terra, e assim dá o melhor assucar que ha nestas partes.

Tambem é tradição antiga entre elles que veiu o bemaventurado apostolo S. Thomé a esta Bahia, e lhes deu a planta da mandioca e das bananas de S. Thomé, de que temos tratado no primeiro livro; e elles, em paga deste beneficio e de lhes ensinar que adorassem e servissem a Deus e não ao Demonio, que não tivessem mais de uma mulher nem comessem carne humana, o quizeram matar e comer, seguindo-o com effeito até uma praia donde o santo se passou de uma passada á ilha de Maré, distancia de meia legua, e dahi não sabem por onde. Devia de ser indo pera a India, que quem taes passadas dava bem podia correr todas estas terras, e quem as havia de correr tambem convinha que désse taes passadas.

Mas, como estes gentios não usem de escrituras, não ha disto mais outra prova ou indicios que achar-se uma pegáda impressa em uma pedra em aquella praia, que diziam ficara do santo quando se passou á ilha, onde em memoria fizeram os portuguezes no alto uma ermida do titulo e invocação de S. Thomé.

Pela banda do Norte parte esta capitania com a de Pernambuco pelo rio de S. Francisco, o qual era merecedor de se escrever não só em um capitulo particular sinão em muitos, pelas muitas e grandes cousas que delle se dizem; mas contento-me com passal-as em summa ou a vulto, como hei passado outras, porque estão todas as do Brasil tão desacreditadas que não sei si ainda assim o quererão lêr.

Está este rio em altura de dez gráus e uma quarta; na bocca da barra tem duas leguas de largo; entra a

maré por elle outras duas somente e dahi pera cima é agua doce, donde ha tão grandes pescarias que em quatro dias carregam de peixe quantos caravelões lá vão e, si querem, navegam por elle até vinte leguas, ainda que sejam de cincoenta toneladas de porte.

No inverno não traz tanta agua nem corre como no verão e no cabo das ditas vinte leguas faz uma cachoeira por onde a agua se despenha e impede a navegação; porém dahi por diante se pode navegar, em barcos que lá se armarem, até um sumidouro, onde este rio vem dez ou doze leguas por baixo da terra. E tambem é navegavel dahi para cima oitenta ou noventa leguas, podendo navegar barcos, ainda mui grandes, pela quietação com que corre o rio quasi sem sentir-se, e os indios Amaupirás navegam por elle em canôas.

E' gentio este que ainda não foi tratado e dizem que se ataviam com algumas peças de ouro, pelo que Duarte de Albuquerque Coelho, senhor que foi de Pernambuco, tratou no reino desta conquista, mas nunca se fez, nem o rio se povoou até agora mais que de alguns curraes de gado e roças de farinha ao longo do mar, sendo assim que é capaz de boas povoações, porque tem muito páu brasil e terras para engenhos.

Não trato do rio de Sergipe, do rio Real e outros que ficam nos limites desta capitania da Bahia, por não ser prolixo e tambem porque ao diante pode ser tenham logar.

Desta capitania da Bahia fez mercê el-rei D. João Terceiro a Francisco Pereira Coutinho, fidalgo mui honrado, de grande fama e cavallarias em a India, o qual veiu em pessoa com uma grande armada á sua custa, no anno do nascimento do Senhor de 1535, e desembar-

cando da ponta do Padrão da bahia pera dentro se fortificou onde agora chamam a villa velha.

Esteve de paz alguns annos com os gentios e começou dous engenhos. Levantando-se elles depois, lhos queimaram e lhe fizeram guerra por espaço de sete ou oito annos, de maneira que lhe foi forçado e aos que com elle estavam embarcarem-se em caravelões e acolherem-se á capitania dos Ilhéus, aonde o mesmo gentio, obrigado da falta do resgate que com elles faziam, se foram ter com elles, assentando pazes e pedindo-lhes que se tornassem, como logo fizeram com muita alegria. Porém levantando-se uma tormenta deram á costa dentro na bahia na ilha Taparica, onde o mesmo gentio os matou e comeu a todos, excepto um Diogo Alvares, por alcunha posta pelos indios o Caramurú, porque lhe sabia falar a lingua. E não sei si ainda isto bastaria pelo que são carniceiros e ficaram encarniçados nos companheiros, si delle não se namorara a filha de um indio principal que tomou a seu cargo o defendel-o. E desta maneira acabou Francisco Pereira Coutinho com todo o seu valor e esforço, e a sua capitania com elle.

CAPITULO OITAVO

Da capitania de Pernambuco, que el-rei doou a Duarte Coelho.

As cincoenta leguas de terra desta capitania se contêm do rio de São Francisco, de que tratei no capitulo proximo passado, até o rio de Igaruçú, de que tratei no capitulo segundo deste livro, e chama-se de Pernambuco, que quer dizer mar furado, em respeito a uma pedra furada por onde o mar entra, a qual está vindo da ilha de Tamaracá. E tambem se poderá assim chamar em respeito ao porto principal desta capitania, que é o mais nomeado e frequentado de navios que todos os mais do Brasil, ao qual se entra pela bocca de um recife de pedra tão estreito que não cabe mais de uma náu enfiada apoz outra e, entrando desta barra ou recife para dentro, fica logo alli um poço ou surgidouro, onde vêm acabar de carregar as náus grandes, e nadam as pequenas carregadas de cem toneladas ou pouco mais, para o que está alli uma povoação de duzentos visinhos com uma freguezia do Corpo-Santo, de quem são os mareantes mui devotos, e muitas vendas e tabernas e os paços de assucar, que são umas logeas grandes onde se recolhem os caixões até se embarcarem os navios.

Esta povoação, que se chama do Recife, está em oito gráus, uma legua da villa de Olinda, cabeça desta

capitania, aonde se vai por mar e por terra, porque é uma ponta de areia como ponte, que o mar da costa que entra pela dita bocca cinge ao Leste, e voltando pela outra parte faz um rio estreito que a cinge ao Loeste, pelo qual rio navegam com a maré muitos bateis e as barcas que levam as fazendas ao varadouro da villa, onde está a alfandega.

A villa se chama de Olinda, nome que lhe poz um gallego, criado de Duarte Coelho, porque, andando com outros por entre o matto buscando o sitio onde se edificasse, achando este que é em um monte alto, disse com exclamação e alegria: *O'linda!*

Desta capitania fez el-rei D. João Terceiro mercê a Duarte Coelho, pelos muitos serviços que lhe havia feito na India, na tomada de Malaca e em outras occasiões, o qual, como tinha tão valerosos e altos espiritos, fez uma grossa armada em que se embarcou com sua mulher D. Beatriz de Albuquerque e seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque, e foi desembarcar no rio de Igaraçú, onde chamam os Marcos, porque alli se demarcam as terras de sua capitania com as de Tamaracá e as mais que se deram a Pero Lopes de Sousa, onde já estava uma feitoria de el-rei pera o páu brasil e uma fortaleza de madeira que el-rei lhe largou. E nella se recolheu e morou alguns annos, e alli lhe nasceram seus filhos Duarte de Albuquerque Coelho e Jorge de Albuquerque, e uma filha chamada D. Ignez de Albuquerque, que casou com D. Hyeronimo de Moura, e cá morreram ambos e um filho que houveram, todos tres em uma semana.

Dalli deu Duarte Coelho ordem a se fazer a villa de Igaraçú uma legua pelo rio dentro, do qual tomou o

nome, e tambem se chama a villa de S. Cosme e Damião, pela igreja matriz que tem deste titulo e orago, a qual é mui frequentada dos moradores da villa de Olinda que dista della quatro leguas, e de outras partes mais distantes, pelos muitos milagres que o Senhor faz pelos merecimentos e intercessão dos santos.

Esta villa encarregou Duarte Coelho a um homem honrado, viannez, chamado Affonso Gonçalves, que já o havia acompanhado da India. Da villa de Igaraçú, ou dos santos Cosmos, mandou vir de Vianna seus parentes, que tinha muitos e mui pobres, os quaes vieram logo com suas mulheres e filhos, e começaram a lavrar a terra entre os mais moradores que já havia, plantando mantimentos e cannas de assucar, para o qual começava já o capitão a fazer um engenho. E em tudo os ajudavam os gentios que estavam de paz, e entravam e sahiam da villa, com seus resgates ou sem elles, cada vez que queriam.

Mas, embebedando-se uma vez, uns poucos se começaram a ferir e matar, de modo que foi necessario mandar o capitão alguns brancos com seus escravos que os apartassem, ainda que contra o parecer dos nossos linguas e interpretes, que lhe disseram os deixasse brigar e quebrar as cabeças uns aos outros, porque, si lhes acudiam, como sempre se receiem dos brancos, haviam cuidar que os iam prender e cativar, e se haviam de pôr em resistencia. E assim foi, que logo se fizeram em um corpo e com a mesma furia que uns traziam contra os outros se tornaram todos aos nossos, sem bastar vir depois o mesmo capitão com mais gente para os acabar de aquietar. E o peior foi que alguns que ficaram fóra da bebedice se foram logo correndo á sua

aldeia appellidando arma, porque os brancos se haviam já descoberto com elles, e tinham presos, mortos e cativos e feridos quantos estavam na villa, e assim o iriam fazendo pelas aldeias e para mais confirmação desta mentira levavam um dos mortos, que era filho do principal da aldeia, com a cabeça quebrada, dizendo que por alli veriam se falavam verdade. O qual visto e ouvido pelo principal e pelos mais, se pozeram logo em arma e foram dar em os escravos do capitão, que andavam no matto cortando madeira, onde mataram um, os outros fugiram pera a villa a contar o que se passava. E não bastou mandar-lhes o capitão dizer que os seus proprios fizeram a briga e se mataram uns aos outros com a bebedice, e que os brancos foram só apartal-os e eram seus amigos.

Nada disto bastou, antes appellidou o principal o das outras aldeias, mandando-lhes parte do escravo do capitão que haviam morto, para que se cevassem nella, como os da sua haviam feito na outra, e assim se ajuntaram infinitos e puzeram em cerco a villa, dando-lhe muitos assaltos e matando alguns moradores, e entre elles o capitão Affonso Gonçalves de uma frechada que lhe deram por um olho e lhe penetrou até os miolos. O qual os da villa recolheram e enterraram com tanto segredo que o não souberam os inimigos em dous annos que durou o cerco, antes viam tanta vigia e concerto que parecia estar dentro algum grande capitão, sendo que cada um o era de si mesmo e a necessidade de todos, porque até as mulheres vigiavam o seu quarto na fortaleza emquanto os homens dormiam.

E estando ellas de poste uma noite, vendo os inimigos tanto silencio que parecia não haver alli gente,

subiram alguns e começaram a entrar pelas portinholas das peças; mas ellas, que os haviam sentido subir, os estavam aguardando com suas partazanas nas mãos e, quando estavam já com meio corpo dentro, lhas metteram pelos peitos e os passaram de parte a parte. E uma, não contente com isso, tomou um tição e poz fogo a uma peça, com que fez fugir os outros e espertar os nossos, que foi um feito mui heroico para mulheres terem tanto silencio e tanto animo.

O aperto maior que houve neste cerco foi o da fome, porque se não podiam valer de suas roças onde tinham o mantimento, nem do mar para pescar e mariscar e, si da ilha de Tamaracá os não soccorreram pelo rio em um barco, sem duvida morreram todos á fome. E ainda este soccorro lhe quizeram estorvar por muitos modos, mandando ameaçar aos da ilha que só por isto lhes iriam fazer guerra e, esperando o barco quando passava, lhe tiravam de terra muitas frechadas, pelo que era necessario ir mui bem empavezado, e comtudo sempre feriam alguns remeiros. E uma vez determinaram fazer uma armadilha com que mettessem o barco no fundo com quantos iam nelle, e pera este effeito cortaram uma grande arvore que estava em uma ponta de terra por onde haviam de ir costeando, e não a cortaram de todo, sinão quanto se tinha por uma corda, para que, quando passasse o barco por junto della, então a largassem e deixassem cahir. Mas quiz Deus que elles cahissem na armadilha que fizeram, porque a arvore não cahiu para fóra sinão para a terra e os colheu debaixo, matando e ferindo a muitos.

Outros muitos milagres obrou Nosso Senhor em este cerco, pela intervenção dos bemaventurados S. S. Cosme

e Damião, padroeiros desta villa, que, si isto não fôra, não se puderam sustentar com tantas necessidades quantas padeciam.

Nem Duarte Coelho os podia soccorrer, por estar tambem neste tempo em continuos assaltos do gentio na villa de Olinda e lhe terem por terra todos os caminhos tomados. Somente mandou levar em uns barcos as crianças e a mais gente que não pudesse pelejar, porque não estorvassem nem comessem o mantimento aos mais, que não foi pequeno accordo para aquelle tempo, até que quiz Nosso Senhor que os mesmos inimigos, cançados já de pelejar, se pacificaram e tornaram a ter paz e amizade com os brancos, com o que tornaram a fazer suas fazendas.

CAPITULO NONO

De como Duarte Coelho correu a costa da sua capitania, fazendo guerra aos francezes e paz com o gentio e se foi para o reino.

Não menos foi o aperto em que Duarte Coelho (como temos tocado) teve todo este tempo em a villa de Olinda, tendo-o por algumas vezes os inimigos posto em cerco em a sua torre, com muitas necessidades de fome e sede, contra quem não valiam as balas que valerosamente atiravam de dentro, ainda que com ellas matavam muitos gentios e francezes. Mas Deus Nosso Senhor, que excitou o animo de Raab, mulher deshonesta, para que escondesse as espias de seu povo e fosse instrumento da victoria que se alcançou contra Jerichó, o excitou tambem á filha de um principal destes gentios, que se havia afeiçoado a um Vasco Fernandes de Lucena, e de quem tinha já filhos, para que fosse entre os seus e, gabando os brancos ás outras, as trouxesse todas carregadas de cabaços de agua e mantimentos, com que os nossos se sustinham, porque isto faziam muitas vezes e com muito segredo.

E era este Vasco Fernandes tão bem temido e estimado entre os gentios que o principal se tinha por honrado em tel-o por genro, porque o tinham por grande feiticeiro. E assim uma vez que o cerco era mais aper-

tado e estavam os de dentro receiosos de os entrarem, sahiu elle só fóra e lhes começou a prégar na sua lingua brasilica que fossem amigos dos portuguezes, como elles o eram seus, e não dos francezes, que os enganavam e traziam alli para que fossem mortos. E logo fez uma risca no chão com um bordão que levava, dizendo-lhes que se avisassem que nem um passasse daquella risca pera a fortaleza, porque todos os que passassem haviam de morrer. Ao que o gentio deu uma grande risada, fazendo zombaria disto, e sete ou oito indignados se foram a elle para o matarem, mas, em passando a risca, cahiram todos mortos, o que visto pelos mais levantaram o cerco e se puzeram em fugida.

Não crera eu isto, posto que o vi escrito por pessoa que o affirmava, si não soubera que neste proprio logar onde se fez a risca, defronte da torre, se edificou depois um sumptuoso templo do Salvador, que é matriz das mais igrejas de Olinda, onde se celebram os divinos officios com muita solennidade, e assim não se ha de atribuir aos feitiços sinão á divina providencia, que quiz com este milagre signalar o sitio e immunidade do seu templo.

Com estas e outras victorias, alcançadas mais por milagres de Deus que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto animo que não se contentou de ficar na sua povoação pacifico, sinão ir-se em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua capitania, onde achou náus francezas que estavam ao resgate de páu brasil com o gentio e as fez despejar os portos e tomou algumas lanchas de francezes, posto que não tanto a seu salvo e dos seus que não ficassem muitos feridos, e elle de uma bombardada, de que andou muito tempo maltratado. E com-

tudo não se quiz recolher até não alimpar a costa toda destes ladrões e fazer pazes com os mais dos indios, e isto feito se tornou pera a sua povoação com muitos escravos que lhe deram os indios, dos que tinham tomados em suas guerras que uns lá tinham com os outros, o que o fez tambem muito temido e estimado dos circumvisinhos de Olinda, dizendo todos que aquelle homem devia ser algum diabo immortal, pois se não contentava de pelejar em sua casa com elles e com os francezes, mas ainda ia buscar fóra com quem pelejar.

E com isto, mais por medo que por vontade, lhe foram dando logar para fazer um engenho uma legua da villa, e seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque outro e os lavradores suas roças de mantimentos e cannaviaes, a que o gentio os vinha ajudar, e lhes traziam muitas gallinhas, caças e frutas do matto, peixe e mariscos, a troco de anzóes, facas, fouces e machados que elles estimavam muito.

Fez tambem caravelões e lanchas em que fossem resgatar com os da costa com que tinha feito pazes, donde, a troco das mesmas ferramentas e de outras cousas de pouca valia, resgatavam muitos escravos e escravas, de que se serviam e os casavam com outros livres, que os serviam tão bem como os cativos.

Vendo Duarte Coelho que a terra estava quieta e os moradores contentes, determinou ir-se a Portugal com seus filhos, deixando o governo da capitania a seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque em companhia da irmã.

O intento que o levou devia ser para requerer seus serviços, que na verdade eram grandes e, ainda que eram pera seu proveito e de seus descendentes, aos quaes rende hoje a capitania perto de vinte mil cruza-

dos, muito mais eram pera el-rei, a quem só os dizimos passam cada anno de sessenta mil cruzados, fóra o páu brasil e direitos do assucar, que importam muito os desta capitania por haver em ella cem engenhos. Porém, como ainda então não havia tantos nem tanta renda, e devia estar mexericado com el-rei, que lhe tomara a jurisdição, quando lhe foi beijar a mão lho remocou e o recebeu com tão pouca graça que, indo-se para casa, enfermou de nojo, e morreu dahi a poucos dias. Pelo que, indo Affonso de Albuquerque com dó ao paço, e sabendo el-rei delle por quem o trazia, lhe disse: Peza-me ser morto Duarte Coelho, porque era muito bom cavalleiro. Esta foi a paga de seus serviços, mas mui differente a que de Deus receberia, que é só o que paga dignamente, e ainda *ultra condignum*, aos que o servem.

CAPITULO DECIMO

De como na ausencia de Duarte Coelho ficou governando Hyeronimo de Albuquerque a capitania de Pernambuco e do que nella aconteceu neste tempo.

Rezão tinha (si tivera perfeito uso della) o gentio desta capitania para não se inquietar e inquietal-a com a absencia de Duarte Coelho, pois ficava em seu logar sua mulher D. Beatriz de Albuquerque, que a todos tratava como filhos, e Hyeronimo de Albuquerque, seu irmão, que, assim por sua natural brandura e boa condição, como por ter muitos filhos das filhas dos principaes, os tratava a elles com respeito. Mas, como é gente que se leva mais por temor que por amor, tanto que viram absente o que temiam, começaram a fazer das suas, matando e comendo a quantos brancos e negros seus escravos encontravam pelos caminhos, e o peior era que nem por isto deixavam de lhes vir á casa com seus resgates, dizendo que elles o não faziam, sinão alguns velhacos, que haviam mistér bem castigados.

Muito dava isto em que entender a Hyeronimo de Albuquerque por não saber que conselho tomasse, e assim chamou a elle os officiaes da camara e outras pessoas que o podiam dar, e juntos em sua casa lhes perguntou o que faria. Começou logo cada um a dizer o que sentia, e os mais foram de parecer que os castigassem e lhes

fizessem guerra; mas, não concordando em o modo della, se desfez a junta sem resolução do caso e se foi cada um para sua casa. Só ficaram alguns que melhor sentiam e entre elles um chamado Vasco Fernandes de Lucena, homem grave e muito experimentado nesta materia de indios do Brasil, que lhes sabia bem a lingua e as tretas de que usam, o qual disse ao governador que não era bem dar guerra a este gentio sem primeiro averiguar quaes eram os culpados, porque não ficassem pagando os justos pelos peccadores; e que elle (si lhe dava licença) daria ordem e traça com que elles mesmos se descobrissem e accusassem uns aos outros, e sobre isso ficassem entre si divisos e inimigos mortaes, que era o que mais importava, porque todo o reino em si diviso será assolado, e uns aos outros se destruiram sem nós lhes fazermos guerra e, quando fosse necessario fazer-lha, nos ajudariamos do bando contrario, que foi sempre o modo mais facil das guerras que os portuguezes fizeram no Brasil, e para isto mandasse logo ordenar muitos vinhos e convidar os principaes das aldeias para que os viessem beber, e no mais deixasse a elle o cargo.

Pareceu isto bem aos que estavam e o governador, encommendando-lhes o segredo como convinha, mandou fazer os vinhos e, elles feitos, mandou chamar os principaes das aldeias dos gentios e, tanto que vieram, os mandou agasalhar pelos linguas ou interpretes, que o fizeram ao seu modo, bebendo com elles, porque não suspeitassem ter o vinho peçonha e o bebessem de boa vontade. E, depois que estiveram carregados, lhes disse Vasco Fernandes de Lucena que o governador os mandava chamar porque determinava ir fazer guerra aos

Tobayoyas, que eram outros gentios seus contrarios, o que não queria fazer sem sua ajuda; porém, como entre elles havia alguns velhacos, como elles mesmos confessavam, que ainda em sua presença matavam e comiam os portuguezes e seus escravos que achavam pelos caminhos, se receava que em sua absencia viriam a suas casas a matar suas mulheres e filhos, pelo que era necessario, antes que se partissem, saber quem eram estes para os castigar e premiar os bons.

E, como elles (deve de ser pela virtude do vinho, que entre outras tem tambem esta) nunca falam a verdade sinão quando estão bebados, começaram a nomear os culpados, e sobre isto vieram ás pancadas e frechadas, ferindo-se uns aos outros, até que acudiu o governador Hyeronimo de Albuquerque e os prendeu e, depois de averiguar quaes foram os homicidas dos brancos, uns mandou pôr em boccas de bombardas e disparal-as á vista dos mais, para que os vissem voar feitos pedaços, e outros entregou aos accusadores que os mataram em terreiro e os comeram em confirmação da sua amizade, e assim a tiveram dahi avante tão grande como si fora de muitos annos, e se dividiram em dous bandos, ficando os accusadores com os seus sequazes, que era o maior numero, onde antes estavam, da villa até a matta do páu brasil, por onde tiveram os portuguezes logar de se alargarem por esta parte e fazerem seus engenhos e fazendas, assim na vargea de Capiguaribe, que é a melhor de toda esta capitania, como em todo o espaço que ha até á villa de Igaraçú; e a gente dos culpados e accusados se passou para as mattas do cabo de Santo Agostinho, louvando aos portuguezes que haviam feito justiça.

Porém de lá vinham fazer tanta guerra a est'outros nossos amigos, de uma grande cerca que fizeram nos outeiros que cercam a vargea de Capiguaribe da banda do Sul, chamados Guararapes, que foi necessario ao capitão-mór Hyeronimo de Albuquerque ir dar nella com os brancos que poude ajuntar, e mais de dez mil de est'outros indios, que para isto se lhe offereceram de boa vantade e, como eram tantos e os da cerca seiscentos frecheiros, com muita confiança remetteram a ella e a acommetteram por todas as partes, parecendo-lhes que já a tinham ganhada.

Mas os de dentro, como andavam mais resguardados, se defenderam e os offenderam de modo, matando e ferindo tantos, que foi forçado aos capitães, depois de muitas horas de peleja, mandal-os recolher para uma caiçára ou cerca de rama, que fizeram vinte e cinco braças afastada da dos contrarios. E houve toda aquella noite grande jogo de pulhas e bravatas de parte a parte, como costumam, dizendo todavia os contrarios sempre que não o haviam com os brancos, antes queriam sua amizade, sinão com os indios. E assim o mostraram o dia seguinte, porque, estando os nossos portuguezes e indios muito descuidados, cuidando que não os viriam buscar, elles com um soccorro de duzentos frecheiros que lhes veiu de outra aldeia, sahiram com tanta pressa e os commetteram com tanta furia que a muitos não deram logar para tomar armas, e sem ellas e sem ordem alguma lançaram a fugir, tirado o capitão-mór Hyeronimo de Albuquerque, que se foi retirando com os portuguezes ordenadamente, mas não tanto a seu salvo que lhe não quebrassem um olho com uma frecha em aquella primeira remettida, que depois não quizeram se-

guil-os sinão aos negros que iam fugindo, nos quaes fizeram grande destruição e matança, de que depois se vingaram indo com Duarte de Albuquerque Coelho, que por morte de seu pai veiu com seu irmão Jorge de Albuquerque a governar esta sua capitania, e foi dar guerra a este gentio do cabo, como a seu tempo contaremos.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

Da capitania de Tamaracá.

Já dissemos em o capitulo segundo como Pero Lopes de Sousa não tomou as cincoenta leguas de terra de que el-rei lhe fez mercê todas juntas, sinão repartidas, vinte e cinco da capitania de S. Vicente pera o Sul e outras vinte e cinco da capitania de Pernambuco pera o Norte, a que chamam de Tamaracá, por respeito de uma ilha assim chamada, na qual está situada a villa da Conceição com uma igreja matriz do mesmo titulo e outra da Santa Misericordia.

A ilha tem duas leguas de comprido, ou pouco mais; ao redor della vêm desembocar cinco rios, dos quaes o de Igaraçú, que demarca e extrema esta capitania da de Pernambuco e está em sete gráus e um terço, alaga da ilha da parte do Sul, onde está a dita villa e o porto dos navios, os quaes para entrarem têm por balisa e signal umas barreiras vermelhas, com as quaes pondo-se Nordeste-Sudoeste entram pela barra á vontade. Outra barra tem a ilha á parte do Norte, pela qual entram caravelões da costa.

Os outros rios que da terra firme vêm desembocar ao redor desta ilha são os de Araripe, Tapirema, Tujucupapo e Gueena, nos quaes ha mui bons engenhos de assucar, principalmente em este ultimo de Gueena, onde está outra freguezia.

Em esta ilha de Tamaracá tinham os francezes feito uma fortaleza com um presidio de mais de cem soldados, com muitas munições e artilharia, onde se recolhia a gente de seus navios quando vinham a carregar de páu brasil, que os gentios lhe cortavam e acarretavam aos hombros a troco de ferramenta e outros resgates de pouca valia que lhes davam, como tambem lhes traziam a troco dos mesmos muito algodão e fiado e redes feitas em que dormem, bugios, papagaios, pimenta, e outras cousas que a terra dá, que para os francezes era de muito ganho. E por esta causa assim neste porto como em os mais do Brasil commerciavam com o gentio e os alteravam contra os portuguezes, induzindo-os que os não consentissem povoar, antes os matassem e comessem, porque o mesmo vinham elles a fazer. O qual sabido por el-rei D. João Terceiro, ordenou uma armada mui bem provida de todo o necessario, e mandou nella por capitão-mór Pero Lopes de Sousa, pera que viesse primeiramente a esta ilha e daqui a todos os mais portos, e lançasse delles todos os francezes que achasse e destruisse suas fortalezas e feitorias, levantando outras, donde lhe carregassem o páu brasil por sua conta, porque esta era a droga que tomava pera si.

Esta armada partiu de Lisboa e navegou prosperamente até avistar a ilha de Tamaracá a tempo que havia della sahido uma náu franceza carregada para França, a qual cuidou fugir-lhe, mas mandou atráz della uma caravela muito ligeira, e por capitão della um João Gonçalves, homem de sua casa, de cujo esforço tinha muita confiança, pela experiencia que delle tinha de outras armadas em que o acompanhou contra os cossarios na costa de Portugal e de Castella. E, como a

caravela era um pensamento e a náu franceza sobrecarregada, posto que alijou muita parte da carga do páu brasil, emfim foi alcançada e, querendo se pôr em defeza, lhe tiraram da nossa com um pelouro de cadêa, que a colheu de prôa a popa e a desenxarceou de uma banda e lhe matou alguns homens, com o que se renderam os mais, que eram trinta e cinco entre grandes e pequenos, e a náu com oito peças de artilharia.

Com a qual preza se tornou o capitão João Gonçalves, havendo já vinte e sete dias que o capitão-mór estava na ilha, onde teve informação de outra náu que vinha de França com munições e resgates aos francezes, e a mandou esperar por outras duas caravelas, de que foram por capitães Alvaro Nunes de Andrada, homem fidalgo, gallego, da geração dos Andradas e Gambôas, e Sebastião Gonçalves Arvellos, os quaes a tomaram e entraram com ella na mesma maré em que João Gonçalves entrou com a outra. Com que os francezes da fortaleza começaram a enfraquecer e desmaiar, e muito mais porque se lhe levantou um levantisco e alguns portuguezes que elles tinham tomado e andavam entre os gentios, os quaes, como lhes sabiam falar já a lingua, os amotinaram contra os francezes, de tal modo que, si Pero Lopes de Sousa lho não prohibira, quizeram logo matal-os e comel-os, que tão variavel é o gentio e amigo de novidades. E assim vieram logo os principaes offerecer-se a Pero Lopes de Sousa para isto e para tudo o mais que lhes mandasse. O qual os recebeu benignamente, e lhes disse que não fizessem o mal aos francezes porque todos eram irmãos, nem elle lho havia de fazer, si lhe não resistissem, antes muitos beneficios e favores.

Sabido isto pelos francezes (que logo lhe foram dizer) lhe mandou o seu capitão offerecer que fosse tomar entrega da fortaleza e delles, que todos queriam ser seus prisioneiros e cativos e só pediam mercê das vidas. E assim se fez, não esperando o capitão da fortaleza que Pero Lopes de Sousa chegasse a ella, mas ao caminho lhe trouxe as chaves e lhas entregou com todos os seus soldados desarmados. Elle lhes mandou entregar a sua roupa e, despejada a fortaleza da artilharia e do mais que tinha, a mandou arrasar, fazendo outra mais forte na povoação e outra nos Marcos, para resguardo da feitoria del-rei, que depois Sua Alteza deu a Duarte Coelho, onde logo se tratou de fazer muito páu para a carga dos navios.

E, emquanto estas cousas se faziam, succedeu uma noite que, estando o capitão-mór com a candeia e janella aberta, lhe tiraram de fóra com duas frechas, das quaes uma lhe foi tocando com as pennas pelo roupão e ambas se foram pregar em umas rodellas que estavam defronte na parede. O qual, suspeitando nos francezes, mandou pela manhã que os enforcassem todos e, começando-se a fazer execução, vendo dous que elle havia tomado pera a fortaleza por serem bombardeiros, que os mais eram innocentes, disseram em altas vozes que elles eram os culpados, que lhe haviam atirado cuidando de o acertarem e nem um daquel'outros tinha culpa. Pelo que mandou soestar a execução nelles, e enforcar a est'outros. Mas estavam muitos enforcados, e cá se consumiram todos, com que os gentios ficaram estimando mais os portuguezes e os começaram a ajudar a fazer suas roças e fazendas e a cortar e trazer o páu que se

havia de carregar nos navios de el-rei, o que tudo se lhes pagava muito a seu gosto.

Carregados os navios da armada que o capitão havia trazido para este effeito, se partiram para o reino, e elle nos outros foi correr a costa, como el-rei lhe mandava, onde entrou em muitos portos e queimou algumas náus francezas que achou, mas os francezes lhe fugiram pela terra dentro com os gentios, donde depois nos fizeram muito mal.

Ultimamente chegou a São Vicente, onde achou a seu irmão mais velho, Martim Affonso de Sousa, fortificando e povoando a sua capitania e, dando ordem a se povoar e fortificar tambem a sua de S. Vicente pera o Sul, se tornou a esta de Tamaracá e, achando boa informação de um Francisco de Braga, grande lingua do Brasil, que havia deixado em seu logar, o tornou a deixar com todos os seus poderes e se tornou a Portugal a dar conta a el-rei do que tinha feito, donde foi por capitão-mór de quatro náus para a India o anno de 1539, e á tornada para o reino se sumiu a náu em que vinha, sem nunca mais apparecer nem cousa alguma della.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

Do que aconteceu na capitania de Tamaracá depois que della se foi o donatario Pero Lopes de Sousa.

Como o capitão Francisco de Braga sabia falar a lingua do gentio e era tão conhecido entre elles, não faziam sinão o que elle queria e lhes mandava, e assim se ia esta capitania povoando com muita facilidade. Mas chegou neste tempo Duarte Coelho a povoar a sua, e, como fez a povoação nos Marcos, foi a muita visinhança causa de terem algumas differenças, por fim das quaes lhe mandou Duarte Coelho dar uma cutilada pelo rosto, e o capitão, vendo que não podia vingar, se embarcou para as Indias de Castella, levando tudo o que poude.

Pelo que ficou a capitania desbaratada, perdida, como corpo sem cabeça, e muito mais por chegarem neste tempo novas que era morto Pero Lopes de Sousa, vindo da India, onde el-rei o mandou por capitão-mór das náus. Mas sua mulher D. Isabel de Gambôa mandou logo aprestar um patacho em que viesse o capitão João Gonçalves, que já havia estado com seu marido, e se partisse á pressa, sem esperar por outros tres navios que se ficavam negociando. E assim se partiu; porém os que partiram derradeiro chegaram, e o primeiro arribou ás Antilhas e foi dar á costa na ilha de S. Domingos, com os mastos quebrados, posto que se salvou a gente.

Vendo Pedro Vogado, que assim se chamava o capitão-mór dos tres navios, que não era chegado o capitão João Gonçalves á ilha, os carregou logo de páu brasil e os tornou a mandar, avisando a D. Isabel do que passava e de como elle ficava entretanto governando. A qual, em vez de o mandar continuar porque o fazia mui honradamente, mandou outro capitão, que mais era pera governar uma barca, e assim se embarcou e foi por essas capitanias abaixo (como fez o Braga), deixando esta em termos de se acabar de despovoar, si não fôra um morador honrado chamado Miguel Alvares de Paiva, o qual levantaram por capitão, porque nunca se quiz sahir da ilha, antes teve mão nos outros que se não fossem nem mandassem suas mulheres e filhos, como alguns queriam com medo dos gentios, que neste tempo tinham cercada a villa de Igaraçú, e os ameaçavam que lhes haviam de fazer o mesmo. Este capitão era o que soccorria os do cerco com os barcos do mantimento, como dissemos no capitulo nono, e trazia outros entre a ilha e a terra firme com soldados e armas, pera que estorvassem ao inimigo a passagem, até que finalmente se quietaram, e chegou o capitão João Gonçalves das Antilhas, cuja vinda foi muito festejada, e os gentios lhe tinham muito respeito, por verem que assim lho tinha Pero Lopes de Sousa, quando cá esteve e assim não lhe chamavam sinão o capitão velho e pai de Pero Lopes. E na verdade elle o parecia no zelo com que o servia e procurava o augmento desta sua capitania, não consentindo que aos indios se fizesse algum aggravo, mas cariciando a todos, com que elles andavam tão contentes e domesticos que de sua livre vontade se offereciam a servir os brancos e lhes cultivavam as

terras de graça, ou por pouco mais de nada; principalmente um anno que houve de muita fome na Parahiba, donde só pelo comer se vinham metter por suas casas a servil-os. E assim não havia branco, por pobre que fosse, nesta capitania, que não tivesse vinte ou trinta negros destes, de que se serviam como de cativos, e os ricos tinham aldeias inteiras.

Pois que direi dos resgates que faziam? donde por uma foice, por uma faca ou um pente traziam cargas de gallinhas, bugios, papagaios, mel, cera, fio de algodão, e quanto os pobres tinham.

Durou esta era, a que ainda hoje os moradores antigos chamam dourada, emquanto viveu o capitão velho; mas depois que morreu vieram outros a destruir quanto estava feito, fazendo e consentindo fazerem-se tantas vexações e aggravos aos pobres gentios em suas proprias terras e aldeias que se começaram a inquietar e rebellar. E os que pela nossa paz e amizade se afastavam dos francezes e, sinão eram alguns da beira-mar, os outros do sertão de nem uma maneira os admittiam entre si, nem queriam seu commercio, depois uns e outros se alliaram com elles, e nos fizeram tão grandes guerras quanto os moradores desta capitania o sentiram em suas pessoas e fazendas, e não menos o donatario, que todo este tempo recebeu della perdas sem proveito, e emfim lhe veiu a custar tomar-lhe el-rei um grande pedaço della, que é grande parte da Parahiba, por havel-a conquistado e libertado do poder dos inimigos á custa da sua fazenda e de seus vassallos, como em o livro quarto veremos.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

Da terra e capitania que el-rei D. João Terceiro doou a João de Barros.

No fim de vinte e cinco leguas da terra da capitania de Tamaracá, que el-rei doou a Pero Lopes de Sousa, doou e fez mercê a João de Barros, feitor que foi da casa da India, de cincoenta leguas por costa, o qual, cuidando de se aproveitar a si e a seus amigos, armou com Fernand'Alvares de Andrade, thesoureiro mór do reino, e Ayres da Cunha, que veiu por capitão da empreza, mandando com elle dous filhos seus em uma frota de dez navios, em que vinham novecentos homens. E com todo o necessario pera a jornada e pera a povoação que vinham fazer, se partiram de Lisboa no anno de 1535; mas, desgarrando-se com as aguas e ventos, foram tomar terra junto do Maranhão, onde se perderam nos baixios.

Deste naufragio escapou muita gente, com a qual os filhos de João de Barros se recolheram a uma ilha, que então se chamava das Vaccas, e agora de S. Luis. donde fizeram pazes com o gentio tapuya, que então alli habitava, resgatando mantimentos e outras cousas que lhes eram necessarias. E chegou o trato e amizade a tanto que alguns houveram filhos das tapuyas, como se descobriu depois que cresceram, não só porque bar-

baram e barbam ainda hoje todos os seus descendentes, como seus pais e avós, sinão pelo amor que têm aos portuguezes, em tanta maneira que nunca jamais quizeram paz com os outros gentios, nem com os francezes, dizendo que aquelles não eram verdadeiros perós (que assim chamam aos portuguezes, parece em respeito de algum que se chamava Pedro) e todavia, quando na éra de 614 entraram os nossos no Maranhão, logo os vieram vêr e fazer pazes com elles, dizendo que estes eram os seus perós desejados, de que elles descendiam.

Donde se collige que não era o Maranhão a terra que el-rei deu a João de Barros, como alguns cuidam, sinão est'outra que demarca pela Parahiba com a de Pero Lopes de Sousa; porque, si fôra a do Maranhão, havendo seus filhos escapado do naufragio e chegado á do Maranhão com quasi toda a sua gente, e achando a da terra tão benevola e pacifica, que causa havia para que a não povoassem?

Prova-se tambem porque todas as que se deram em aquelle tempo foram contiguas umas com outras, e os donatarios hereos uns dos outros pela ordem que vimos nos capitulos precedentes.

E finalmente se confirma porque a do Maranhão foi dada a Luis de Mello da Silva, que a descobriu, como se verá em o capitulo seguinte, e não devia el-rei de dar a um o que tinha dado a outro.

Nem o mesmo João de Barros, em a primeira Decada, livro sexto, capitulo primeiro, onde fala da sua capitania, faz menção do Maranhão, mas só diz que da repartição que el-rei D. João Terceiro fez das capitanias na provincia de Santa Cruz, que commummente se chama do Brasil, lhe coube uma, a qual lhe custou

muita substancia de fazenda por razão de uma armada que fez em companhia de Ayres de Cunha *et cetera*; que é a armada (como temos dito) que arribou e se foi perder no Maranhão. E dahi mandou depois em outros navios buscar seus filhos, donde ficou tão pobre e individado que não poude mais povoar a sua terra, a qual já agora é de Sua Magestade, por cujo mandado depois se conquistou e se ganhou ao gentio potiguar á custa de sua real fazenda.

CAPITULO DECIMO QUARTO

Da terra e capitania do Maranhão que el-rei D. João Terceiro doou a Luis de Mello da Silva.

O Maranhão é uma grande bahia que fez o mar, cuja bocca se abre ao Norte em dous gráus e um quarto da linha para o Sul, entre a ponta do Perehá, que lhe fica a Leste, e a do Cumá a Oeste. Tem no meio a a ilha de S. Luis, que é de vinte leguas de comprido sete ou oito de largo, onde esteve Ayres da Cunha, quando se perdeu com a sua armada e os filhos de João de Barros, como dissemos no capitulo precedente. A qual ilha sae desta bahia como lingua, com a ponta de Araçuagi ao Norte, onde tem a bocca. Dentro tem outras muitas ilhas, das quaes a maior é de seis leguas. Desagoam nesta bahia cinco rios caudalosos e todos navegaveis, que são o Monim, o Itapucurú, o Mearim, o Pinaré, que dizem nasce muito perto de Perú, e o Maracú, que se deriva por muitos e mui espaçosos lagos.

Todos estes rios têm bonissimas aguas e pescados, excellentes terras, muitas madeiras, muitas fructas, muitas caças, e por isto muito povoadas de gentios.

No tempo que se começou a descobrir o Brasil, veiu Luis de Mello da Silva, filho do alcaide-mór de Elvas, como aventureiro, em uma caravela a correr esta costa, para descobrir alguma boa capitania, que pedir a el-rei

e, não podendo passar de Pernambuco, desgarrou com o tempo e aguas e se foi entrar no Maranhão, do qual se contentou muito, e tomou lingua do gentio, e depois na Margarita de alguns soldados que haviam ficado da companhia de Francisco de Orelhana, que como testemunhas de vista muito lha gabaram e prometteram muitos haveres de ouro e prata pela terra dentro.

Do que movido Luis de Mello se foi a Portugal pedir a el-rei aquella capitania para a conquistar e povoar e, sendo-lhe concedida, se fez prestes em a cidade de Lisboa e partiu della em tres náus e duas caravelas, com que chegando ao Maranhão se perdeu nos esparceis e baixios da barra, e morreu a maior parte da gente que levava, escapando só elle com alguns em uma caravela, que ficou fóra do perigo, e dezoito homens em um batel, que foi ter á ilha de S. Domingos. Dos quaes foi um meu pai, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, o qual sendo moço, por fugir de uma madrasta e ser alemtejano, como o capitão, da geração dos Palhas e com pouco grão para sustentar a vida, se embarcou então para o Maranhão e depois para esta bahia, onde se casou e me houve e a outros filhos e filhas.

Depois de Luis de Mello ser em Portugal se passou á India, onde obrou valerosos feitos e, vindo-se para o reino muito rico e com tenção de tornar a esta empreza, acabou na viagem em a náu *S. Francisco,* que desappareceu sem se saber mais novas della. Nem houve quem tratasse mais do Maranhão, o que visto pelos francezes lançaram mão delle, como veremos em o livro quinto.

Mas hão se aqui por fim deste de advertir duas cousas: a primeira que não guardei nelle a ordem de

tempo e antiguidade das capitanias e povoações, sinão a do sitio, contiguação de umas com outras, começando do Sul pera o Norte, o que não farei nos seguintes livros, em que seguirei a ordem dos tempos e successos das cousas. A segunda, que não tratei das do Rio de Janeiro, Serigipe, Parahiba e outras, porque estas se conquistaram depois e povoaram por conta del-rei, por ordem de seus capitães e governadores geraes, e terão seu logar quando tratarmos delles, em os livros seguintes.

LIVRO TERCEIRO

Da historia do Brasil do tempo que o governou Thomé de Sousa até a vinda de Manuel Telles Barreto.

A numeração dos capitulos não indica lacunas; entretanto a p. 273 do livro seguinte diz o autor haver referido o motivo de Lourenço Veiga desistir da conquista da Parahyba no cap. 25.º do presente que de tal não trata; ainda no livro IV. p. 339 numera 26.º o que neste é 25.º; no fim deste (p. 236) a anecdota de Lourenço de Veiga vem tão fóra de proposito que sem mutilação ficaria inexplicavel.

De Pedro de Mariz *Dialogos de varia historia*, procede a maior parte das informações no periodo anterior a Lourenço de Veiga e tambem o que respeita ao infante D. Luis (p. 158) e ás victorias de D. Luis d'Atayde (p. 207).

As arribadas das náus da India á Bahia conformam-se com Diogo do Couto, *Decada septima da Asia*, l. III, IV, V, IX, Lisbôa 1616. Não foram aproveitadas as narrativas avulsas dos naufragios da náu *São Paulo* e da *Santa Maria da Barca;* foi fielmente seguida a da viagem de Jorge de Albuquerque Coelho (p. 182/188), como se pode vêr na *R. T.*, **13**; todas trez e ainda outras colligiu Gomes de Brito, *Hist. tragico-maritima*, Lisboa, 1735/1736, modernamente reimpressa. Cf. os novos subsidios para a historia tragico-maritima de Portugal publ. por Carlos de Passos no *Instituto*, **64**, Coimbra, 1917.

Segundo Beretario, *Vita R. P. Josephi Anchieta*, Colonia 1617, vêm narrados o armisticio de Iperoig (p. 177), as guerras do Rio, (p. 180), o caso de Bouléz (p. 191). Para a narrativa do naufragio de D. Luis F. Fernandes de Vasconcellos (p. 204) serviu Sachino, *Hist. Societatis Jesu*, a julgar por A. Henriques Leal, *Apontamentos para a hist. dos Jesuitas no Brasil*, **2**, 136/137, Lisboa, 1874.

De Herrera, *Hist. gen. del mundo del tempo del señor D. Felipe el Segundo*, Valladolid 1606, procedem as noticias sobre a batalha de Lepanto (p. 209) e a successão de Portugal (p. 237 e seg.).

O cap. 1.º resume Francisco de Andrade *Chronica de D. João III*, parte 4.ª, c. 32. Varnhagen, fundado na carta já citada de Pero Borges, contesta que este fosse corregedor de Elvas. Não lhe assiste nisto grande razão. O ouvidor geral lembra que era corregedor no Algarve, quando morreu o infante D. Fernando em 1534; porque não poderia exercer em 1548 cargo semelhante no Alemtejo?

Da tradição oral devem proceder as anecdotas sobre Thomé de Sousa (154), Caramurú (149) Duarte da Costa (p. 163) Men de Sá (p. 172, 191, 194), Arariboia (p. 226), Antonio Dias Adorno (p. 217), Lourenço de Veiga (p. 236), etc.

As fontes manuscriptas só podem ser discriminadas muito incompletamente.

Os capitulos 6/10, 12, 13, 17 contêm tantas particularidades sobre Men de Sá que não seria temerario presuppôr uma chronica. Anchieta escreveu *De rebus Men de Sá*. Esta, até hoje desconhecida, ou outra daria os materiaes.

Fala Varnhagen, *Hist. geral*², 332, de uma carta de Fr. Vicente a Salvador Correia recommendando «o livro sobre a historia do Rio de Janeiro que fez o Salema». Em que data foi escripta a carta? seria dirigida ao avô fallecido em 1630 ou ao neto nascido no Rio em 1594? Nada informa, e a noticia é pouco verosimil. Mais natural seria que qualquer dos Salvadores, um domiciliado longos

annos desde a fundação, outro nascido aqui, tivesse o conhecimento imputado ao frade bahiano. Da obra de Salema não restam vestigios; o palavreado vago de Pedro de Mariz «um bom tratado em que se podem vêr alguns factos em armas iguaes aos mais famosos do mundo» não implica que a lesse. Não a conheceu de certo Fr. Vicente que nem a ella allude, como Mariz, que geralmente copía.

As noticias pernambucanas parecem ter mais de uma origem. Os capitulos 20 e 25 em que os indios são geralmente chamados negros e traduzidos os nomes proprios indigenas, prendem-se facilmente ao documento já aproveitado no livro anterior; o capitulo 15 tem outro aspecto. O padre do ouro foi algum tempo jesuita e chamava-se Antonio de Gouveia; seu curioso processo perante a Inquisição divulgou Pedro de Azevedo no *Arch. hist. port.* 3, 1905. Deveu o nome de padre do ouro aos conhecimentos alchimicos que alardeava. Sobre este caso pathologico brevemente virá a luz um estudo de Fernandes Figueira.

No capitulo 22 começa e no livro proximo continua a ser aproveitado o *Summario das armadas que se fizeram e das guerras que se deram na conquista do rio Parahiba,* composto por ordem de Christovão de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, que veiu ao Brasil com o governador geral Manuel Telles Barreto, impresso na *R. T.*, **36**, I, Rio 1873. O jesuita anonymo que o escreveu pode ter sido Jeronymo Machado, como quer Varnhagen, ou Simão Tavares: ambos assistiram á parte dos successos narrados.

De Thomé de Sousa ha publicada uma carta de 18 de Julho de 1551; Varnhagen parece ter consultado outras que não especifica; seu regimento está na *R. T.*, **61**, I; a Bib. Nac. possue em má copia diversas provisões suas; na *Revista de historia,* **3** e **4**, Pedro de Azevedo começou a publicar documentos muito curiosos para sua biographia. Falleceu a 28 de Janeiro de 1579 — *ib,* **3**, 154.

De Pero Borges não foi ainda encontrado o regimento, que João Francisco Lisboa *Obras*, **3**, 318/319, S. Luis, 1865, até certo ponto reconstituiu por sua carta de Porto-Seguro já referida, *supra*, 80. Pouco differiria das *Ord. Manuelinas*, **1**, 39, titulo dos corregedores de comarcas e do que a seu officio pertence.

De Antonio Cardoso de Barros lê-se o regimento no *R. T.*, **18**; a Bib. Nac. possue copia de varias de suas provisões: cartas suas não restam.

Uma carta de Pero de Góes, esquecida pelo autor na lista dos auxiliares officiaes do primeiro governador, foi escrita em 29 de Abril de 1551, não de 1554, como sahiu no *R. T.*, **5**.

A data da bulla que fundou o bispado a 25 de Fevereiro de 1551 apurou Varnhagen em 1874, muito antes de Fortunato de Almeida, *Hist. da igreja em Portugal*, **3**, 968, Coimbra, 1912. Em uma carta de que ha copia no Inst. Hist., conta o bispo que sahiu de Belem a 24 de Março, a 27 avistou á Madeira, a 8 de Abril chegou a Cabo-Verde, de onde escrevia a 11 do mesmo mez, — de 1551, resa a epistola, mas deve entender-se de 1552, porque o prelado contava o anno do dia da encarnação, 25 de Março; chegou á Bahia em 23 de Junho de 1552, vespera da vespera de S. João, como se lê em Nobrega, *Cartas*, 94: cf C. M. de Almeida *R. T.*, **40**, II, 365/369. As cartas do bispo ainda conservadas constam da *R. T.*, **49**, I, excepto a do Cabo-Verde, inedita segundo parece. De varias provisões suas guarda copia a Bibl. Nac. Uma ligeira biographia publicou Moreira de Azevedo nos *Ann. da Bibl. Nac.*, **23**, 59/67, Rio, 1904.

As cartas conhecidas de D. Duarte da Costa lêem-se na *R. T.*, **49**, I; versam quasi todas sobre o conflicto com o bispo. O bispo abriu as hostilidades pregando a 1 de Novembro de 54 contra D. Alvaro; em 20 de Maio do anno seguinte, respondendo a accusações transmittidas de alem-mar, o governador annuncía a proxima partida do filho para justificar-se; breve, porem, houve a

reconciliação promovida por Simão da Gama, segundo uma carta sua de 12 de Junho mencionada na *R. T.*, **70**, I, 861 e sobretudo pelo jesuita Antonio Pires.

Como narra Ambrosio Pires em carta de 15 do mesmo mez, de que ha copia em portuguez na Bibl. Nac. e traduzida desde 1559 nos *Diversi avisi particolari dall'Indie,* Antonio Pires, "um dia destes fez as pazes do bispo e do governador e seu filho, que estavam muito differentes e eram cabeças de partido e occasião de muitos odios e tumultos, e conseguiu que se visitassem e que o filho do governador fosse pedir perdão ao bispo, o que foi não pequena cousa, pois o jovem fazia disto questão de honra". Os documentos até hoje conhecidos não abonam o caracter do nosso primeiro prelado. Dados summarios para a biographia do segundo governador do Brasil offerece Victor Ribeiro, *A Santa Casa de Misericordia de Lisbôa,* Lisbôa, 1892.

Sobre Men de Sá publicou interessantes documentos em 1896 Sousa Viterbo no *Instituto* de Coimbra. Elle proprio encarregou-se de escrever a historia de seu governo no instrumento de serviços, impresso em 1905 com outros papeis, inclusive as tres cartas que delle restam, nos *Ann. da Bib. Nac.* **27**. Seu testamento, cuja ausencia estranhou Varnhagen, *Historia geral*[2], 323, motivou longas demandas, porque sua filha, a condessa de Linhares, não respeitou algumas das ultimas vontades paternas, como se vê p. 206. De parte do processo existe má copia na Bib. Nac.; de outra parte, mais consideravel, dá o catalogo Norival de Freitas *R. T.*, **70**, II, 831/835: cf Victor Ribeiro, «A fundadora da igreja do collegio de Santo Antão», nas *Mem. da Ac. das Sciencias de Lisbôa,* **14**, n. s. 2.ª cl., Coimbra 1911.

A viagem de Men de Sá para a Bahia foi por demais prolixa: partindo do Tejo a 1 de Maio de 57, só chegou a seu destino em 28 de Dezembro e assumiu o governo a 3 de Janeiro de 58. Falleceu domingo 2 de Março de 1572. Estacio de Sá tinha dezesete annos quando começou a governar o Rio, affirma o jesuita anonymo *Das cousas*

mais notaveis do Brasil, l. c. 4, 63. Mais velho seria seu primo Fernão, pois Men de Sá, desde 1533 desembargador e casado com D. Guiomar de Faria, Braamcamp Freire, *Rev. de hist.*, 6, 345, ja enviuvara em 1542 e, ao que parece, Fernão era o segundo de cinco irmãos. Victor Ribeiro, loc., 13, fixa em 1546 a viuvez do governador, mas na copia do testamento recebida da Torre do Tombo está escrito «no anno de corenta e dous».

Existe bastante material sobre Villegaignon e sua empreza. Nada adianta á primeira edição de Varnhagen «França Antarctica» de Fernandes Pinheiro, *R. T.*, **22**; facilitou consideravelmente as investigações Paul Gaffarel, reimprimindo as *Singularités* de André Thevet e a *Histoire d'un voyage* de Jean de Léry. Sua *Histoire du Brésil français au seizième siècle*, Paris, 1878, por vezes superficial, compendiou noticias esparsas, enfeixou peças raras, como a carta de Nicolas Barré que fixa em 10 de Novembro de 1555 a chegada de Villegaignon á bahia de Ganabara, revelou alguns ineditos e prestou excellentes serviços quando sahiu á luz. O livro luxuosamente illustrado de Heulhard, *Villegaignon, roi d'Amerique*, Paris, 1897, está eivado de prevenções e deve ser lido com cautela.

Nossas chronicas mencionam entre os aventureiros da França Antarctica um Boules, cuja identidade muito custou apurar. Hoje sabe-se que é o João Cointa de Crespin e Léry, senhor des Boulez, autor de um folheto cuja existencia primeiro apurou Ramiz Galvão, *Rev. Bras.*, **1**, 280/284, Rio, 1879. A intemperança de sua linguagem atirou-o nas malhas da Inquisição, e seu processo, *Ann. da Bibl. Nac.*, **25**, 216/308, contém muita novidade. João Cointa, senhor des Boulez, como se assignava, diz claramente que Villegaignon foi calvinista: «no principio o dito monsieur de Villaganhão seguiu em tudo a dita opinião de João Calvino e que dahi a certos mezes, tendo duvida si o pão havia de ser afermentado ou não e si o vinho se lhe haviam de botar agua ou não, com parecer dos mais mandara que se não fizesse a ceia ... até vir resposta de França das cartas que sobre

isto tinham escritas» — *ib*, 257. O nome de Boulez foi em nossas chronicas guardado por associar-se ao de Anchieta.

A attitude de Anchieta (192), que Fr. Vicente narra segundo Beretario, sai muito attenuada do livro de Pedro Rodrigues, primeira biographia em que se inspiraram todos os que vieram depois: «chegando ao ponto da execução estava o padecente mui affligido e impaciente pelo algoz se embaraçar em seu officio, reprendeu então o padre ao algoz e deu-lhe ordem como o fizesse bem». *Ann. da Bibl. Nac.*, 29, 237. A germinação desta semente patenteou C. Mendes na *R. T.*, 42, II, 141/205. Acaba de voltar ao assunto, refutando-o, Alvaro Reis, *O martyr Le Balheur*, s. l., 1917, que em campo opposto apparece tão alheio á historia desinteressada como Simão de Vasconcellos. O livro de Pero Rodrigues, concluido em 1606, foi impresso nos *Annaes da Bibl. Nac.*, 19 e 29: só neste ultimo volume está completo.

Com Thomé de Sousa chegaram os primeiros seis jesuitas ao continente americano; nas monções seguintes vieram outros; noviços foram recebidos, principalmente em S. Vicente. Cartas jesuitas de 1551 foram impressas sem demora, Innocencio, *Dic. bibl.* 2, 41, Lisbôa, 1859; o Brasil é tambem representado nas tres séries de *Avisi*, impressos em Veneza, cf. J. C. Rodrigues *Bibliotheca bras.*, 75, e em diversas annuas, que conviria reunir. A Bib. Nac. possue um codice, hoje todo impresso no *Diario Official*, que corresponde á redundante e deficiente chronica de Simão de Vasconcellos, e é minuciosamente descrito nos *Ann.*, 4, 16/37.

As cartas de Manuel da Nobrega, escritas de 1549 a 1560, reuniu piedosamente e enriqueceu de notas substanciaes o erudito Valle Cabral, de saudosa memoria, Rio, 1886: precede-as uma biographia do benemerito jesuita, devida a Antonio Franco, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no real collegio de Coimbra*, Evora 1719.

A morte não deixou que Valle Cabral publicasse as sessenta e cinco *Cartas avulsas* escritas de 1560 a 1568 já impressas, de que uma vez por outra apparecem exemplares á venda, porem a maior parte foi abrasada no incendio da Imprensa Nacional.

As cartas de Anchieta ainda não foram reunidas. A de São Vicente, 25 de Janeiro de 1565, *Ann. da Bibl. Nac.*, **2**, 79/125, narra o caso de Iperoy. Emquanto ficou só no meio da indiada escreveu em latim um poema, sobre cuja composição o testemunho de Pero Rodrigues deve ser preferido aos de seus amplificadores: «O modo de compor era este: depois de cumprir com Deus em muitas horas de oração de dia e de noute, e tambem de ensinar a doutrina aos imigos e lavrar com a palavra divina aquellas duras pedras, sahia-se a praia a passeiar e ali sem livro nem um de que se podesse ajudar, nem tinta nem papel, andava compondo a obra, valendo-se somente de sua rara habilidade e memoria extraordinaria, e sobretudo do favor da Senhora, por cuja honra tomara aquella empreza devota. E desta maneira compoz a obra toda e a encommendou e fechou no cofre da fiel memoria, para dahi a alguns mezes depois de sahir de cativo, a desenrolar e escrever, como escreveu na nossa casa de S. Vicente. Tem esta obra 2866 disticos, que fazem 5732 versos». *Ann. da Bibl. Nac.*, **29**, 208.

A *Chronica da Companhia de Jesus* de Simão de Vasconcellos, Lisbôa, 1663, foi reimpressa quasi ao mesmo tempo em Lisbôa e no Rio de Janeiro; a edição fluminense que deixou de parte o poema latino de Anchieta, parece mais acurada. Tanto a *Chronica* e as outras obras de Simão de Vasconcellos, como as cartas do codice da Bibl. Nac., inspiradas por intuitos edificantes, fornecem muito menos subsidios historicos do que se poderia esperar á vista de seu volume.

Sobre os aldeamentos da Bahia até a chegada de Christovão de Gouveia, visitador da Companhia, dá os melhores esclarecimentos uma relação impressa na *R.*

T. 59, I, cujo autor pode ter sido Luis da Fonseca, reitor da Bahia.

Sobre as missões na capitania de S. Vicente contém algumas novidades a chronica de Polanco, secretario de Loyola, publicada não ha muitos annos nos *Monumenta Historica Societatis Jesu,* Madrid, 1894 e seguintes. Em suas excursões perpetuas, que grangearam dos Tupiniquins o epitetho de *Avarê bebê,* o padre voador, mais de uma vez Leonardo Nunes transpoz a Paranápiacaba e pode bem ter nutrido a idéa de estabelecer-se nos campos de cima da serra, para já onde havia caminho aberto pelos indios.

A idéa foi realisada por Manuel da Nobrega, que em Fevereiro de 1553 chegou a São Vicente em companhia de Thomé de Sousa. Depois de ter conseguido reunir tres aldeias no campo de Piratininga, visitou-as no dia da degollação de São João Baptista, 29 de Agosto, e installou-se o aldeamento no anno seguinte com missa resada a 25 de Janeiro, dia da conversão do apostolo dos gentios. Na sua primeira excursão serviu de guia a Manuel da Nobrega o primogenito de João Ramalho, pai de muitos filhos apparentados com a melhor gente indigena. «Omnes autem hos filios Joannes Ramamlus (assim escreve Polanco) ex brasiliensi quadam foemina habebat quae cujusdam principis viri et magnae inter eos potentiae filia erat», *Vita Ignatii Loiola,* 3, 472/473, Madrid, 1895. Para junto da casa de S. Paulo foi mais tarde transferida a visinha villa de São André da borda do campo. Está sendo publicada na Paulicéa o que se salvou das actas das camaras de ambas e já formam dezaseis volumes.

Desde a fundação de São Paulo começou a distinguir-se por seus conhecimentos linguisticos o jovem José de Anchieta: ensinava latim aos irmãos e até a padres; basco de origem, facilmente penetrou na structura da lingua geral, de que em pouco tempo formulou grammatica. Anchieta escreveu curiosos apontamentos sobre os primeiros jesuitas: alguns pedaços

delles entraram nas *Informações e fragmentos historicos*, Rio, 1886.

Em 3 de Julho de 1553, Loyola creou uma provincia no Brasil e nomeou Manuel da Nobrega primeiro provincial. Leonardo Nunes, eleito para ir á Roma entender-se com o geral, perdeu-se num naufragio. Ignacio de Azevedo, que veiu por visitador em 1566, voltava como provincial, p. 203, quando foi trucidado com seus companheiros pelos huguenotes commandados por Jacques de Sores (nossos chronistas escrevem Soria).

Sobre os corsarios francezes autores da chacina cf C. de la Roncière *Hist. de la marine française*, **4**, 108/119. Este caso e o casamento mangrado de D. Sebastião com a princeza Margarita, a celebre Margarida de Navarra, esposa de Henrique IV de França, estudou Edgar Prestage na *Rev. de Hist.*, **5**, 307/326, **6**, 347/360.

A divisão do Brasil em dois governos corresponde á que pelo mesmo tempo se fez das possessões africanas e asiaticas em tres.

Nem de Luis de Brito e Almeida nem de Antonio Salema existe correspondencia. Delles trata vagamente Gabriel Soares. Uma carta de Ignacio de Tolosa, escrita da Bahia a 7 de Setembro de 1573, guardada na Bibl. Nac. de Lisbôa e em grande parte inedita (cf. Felisbello Freire, *Historia de Sergipe*, 6/13, Rio, 1891, Studart, *Doc.*, **1**, 45), informa sobre as expedições do rio Rial; completa-a a relação impressa na *R. T.*, **57**, I.

Da expedição de Salema a Cabo-Frio, trata uma carta de Luis da Fonseca, de 17 de Dezembro de 1577, traduzida nas *Lettres du Japon, Peru et Bresil*, Paris, 1578, de que Studart publicou uma versão italiana, *Doc.*, **2**, 17/63: cf. A. de Carvalho, *Apontamentos para a historia da Cap. de S. Thomé*, 81/85.

Do tempo de Luis de Brito e do provincialado de Ignacio de Tolosa são breves historias da fundação dos collegios da Bahia e Rio de Janeiro, *Ann. da Bibl. Nac.*, **19**, 77/138; o manuscrito da fundação do col-

legio de Pernambuco está na bibliotheca do Porto; delle existe cópia na collecção Studart no Ceará.

Luis de Brito de Almeida nomeado em 10 de Dezembro de 1572, *Hist. geral*[2], 326, chegou á Bahia em Maio do anno seguinte. Segundo documento que acaba de ser encontrado, entre sua chegada e a morte de Men de Sá governou interinamente o ouvidor gerál Fernão da Silva, o mesmo da primeira expedição á Parahiba. No man. da historia da fundação do collegio de Pernambuco lê-se que, quando elle voltou de sua expedição electrica, algum seu desafecto poz no caminho uma roca com um fuso, de que provieram grandes alborotos. Luis de Brito governou até a vinda de seu successor; Antonio Salema já se retirara e com elle cessara a dualidade administrativa.

A 12 de Abril de 1577 foi nomeado Lourenço da Veiga capitão da cidade do Salvador e governador geral das outras capitanias com seiscentos mil reis de ordenado, trazendo comsigo 12 homens com o soldo de 500 reis mensaes cada um (copia no Inst. Hist.) A 12 de Maio foi-lhe dado um regimento summario de pouca importancia, *R. T.*, 67, II, 204/206.

Chegou á Bahia em começo do anno seguinte, trazendo em sua companhia Bartholomeu Simões Pereira, primeiro administrador ecclesiastico do Sul. Lourenço da da Veiga, sendo mancebo, informa Gaspar Fructuoso, serviu algum tempo em Arzila e Tanger, onde foi ferido. Depois andou em algumas armadas por soldado; foi capitão-mór de uma em que o mandaram em busca de um cossario que tomou um galeão e matou a D. Luis Fernandes de Vasconcellos quando ia para o Brasil; foi capitão-mór de outra armada para a Mina e de outra que veiu a esta ilha dos Açores esperar as náus da India aonde antes tinha ido por capitão de uma náu. Ultimamente o mandou el-rei D. Sebastião para governador do Brasil, onde esteve quatro ou cinco annos e lá falleceu sendo de idade de 51 annos. Seu filho Diogo Vaz da Veiga estava com o pai no Brasil quando este morreu, e veiu

por capitão de uma armada de lá para o reino; tinha o habito de Aviz com 200$ de tença». *Saudades da terra*, 161, Funchal, 1873.

Na vaga de Lourenço da Veiga, fallecido a 17 de Junho de 1581, governou Cosme Rangel, ouvidor geral: Varnhagen encontrou sobre elle documentos que não especifica e não são conhecidos.

De viajantes extrangeiros vindos ao Brasil durante o periodo abarcado por este livro deixaram narrativas Hans Staden, André Thevet e Jean de Léry.

Hans Staden esteve primeiro em Pernambuco durante o governo de Duarte Coelho e tomou parte nas guerras de Igaraçú; depois um naufragio levou-o a S. Vicente, onde Thomé de Sousa contratou seus serviços como bombardeiro. Em uma emboscada os tamoyos fizeram-no prisioneiro: a parte mais curiosa da sua narrativa é a do tempo que viveu entre os indios, sobre os quaes forneceu inestimaveis noticias. De seu livro ha uma traducção feita por Alberto Löfgren do texto original e annotada por Theodoro Sampaio, S. Paulo, 1900, muito preferivel á da *R. T.*, **55**, I, versão da versão de Ternaux-Compans.

Thevet, companheiro de Villegaignon, publicou as *Singularités de la France Antarctique*, Paris, 1558; em outras obras refere-se ao Brasil. Nota-se nelle um mixto de observação, de credulidade e de invencionice, que algum compatriota seu poderia clarificar, apurando seus manuscritos ineditos que ainda existem. Cf. C. de la Roncière, *Hist. de la mar. franç.*, **4**, 10/24.

Na *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, La Rochelle, 1578, reimpressa varias vezes, traduzida em muitas linguas, Jean de Léry narra a viagem de vinda e volta, as desintelligencias com Villegaignon, para cujo descredito muito concorreu, e descreve as plantas, animaes e indios do Brasil.

Muito instructivo é quanto informa sobre os tamoyos de cuja lingua apresentou copioso vocabulario: commentou-os eruditamente Baptista Caetano, *Ensaios de scien-*

cia, I, Rio, 1876; reproduziu-os Heulhard, *Villegaignon, roi d'Amerique*, 319/343.

De viajantes inglezes por este tempo, apenas um deixou vestigio, Peter Carder, desgarrado da armada de Drake, que passou alguns annos no Brasil. Da mofina historia de sua viagem recolhida no 4.º vol. das Purchas, (**16**, 136/146 da edição de Glasgow, 1916) o mais curioso é o modo por que elle e seu companheiro William Pitcher matavam a sede em uma ilha em que não havia agua: «fomos obrigados a beber a nossa propria urina, que guardavamos nos cacos de certas jarras trazidas de nossa pinaça e punhamos nossa urina alli todas as noites para resfrial-a e bebel-a na manhã seguinte, que sendo assim bebida muitas vezes e muitas vezes expellida, breve tornou-se excessivamente vermelha» — *ib.*, 138.

Do naufragio da náu *Santa Clara, infra*, 221, tratam Gabriel Soares, *R. T.*, **14**, 49/50, e Hist. de la fund. del col. de la B., *Ann. de Bibl. Nac.*, **19**, 99. O caso occorreu em Julho de 1573. Da bulla da Ceia, mencionada desde o seculo X, constituiu o ultimo capitulo para Portugal e seus dominios a lei de 2 de Abril de 1768, mandando supprimir todos os exemplares, A. Delgado da Silva, *Collec. da legislação portuguesa*, legislação de 1763 a 1774, Lisboa, 1829.

CAPITULO PRIMEIRO

De como el-rei mandou povoar outra vez a Bahia por Thomé de Sousa, governador geral do Brasil.

Depois que el-rei soube da morte de Francisco Pereira Coutinho e da fertilidade da terra da Bahia, bons ares, boas aguas e outras qualidades que tinha para ser povoada, e juntamente estar no meio das outras capitanias, determinou povoal-a e fazer nella uma cidade, que fosse como coração no meio do corpo, donde todas se soccorressem e fossem governadas.

Para o que mandou fazer uma grande armada provida de todo o necessario para a empreza, e por capitão-mór Thomé de Sousa, do seu conselho, com titulo de governador de todo o estado do Brasil, dando-lhe grande alçada de poderes e regimento em que quebrou os que tinha concedido a todos os outros capitães proprietarios, por no civel e crime lhes ter dado demasiada alçada, como vimos no capitulo segundo do livro segundo; mandando que no crime nem uma tenham sem que dêem appellação para o ouvidor geral deste estado, e no civel vinte mil réis somente; e que o dito ouvidor geral possa entrar por suas terras por correição e ouvir nellas de auções novas e velhas, o que não faziam dantes. E pera isto lhe deu por ajudadores o doutor Pero Borges, corregedor que

fôra de Elvas, pera servir de ouvidor geral; Antonio Cardoso de Barros pera provedor-mór da fazenda, e Diogo Moniz Barreto pera alcaide-mór da cidade que edificasse. Com os quaes e com alguns creados del-rei que vinham providos com outros cargos e seis padres da Companhia pera doutrinar e converter o gentio, e outros sacerdotes e seculares, partiu de Lisboa a 2 de Fevereiro de 1549, trazendo mais alguns homens casados e mil de peleja, em que entravam quatrocentos degradados.

Com toda esta gente chegou á Bahia a 29 de Março do mesmo anno e desembarcou na villa velha que Francisco Pereira deixou edificada logo á entrada da barra, onde achou a Diogo Alvares Caramurú, de quem disse no setimo capitulo do livro segundo que foi livre da morte pela filha de um indio principal que delle se namorou, a qual, embarcando-se elle depois fugido em um navio francez que aqui veiu carregar de páu e, indo já o navio á vela, se foi a nado embarcar com elle e, chegando á França, batizando-se ella e chamando-se Luisa Alvares, se casaram ambos e depois os tornaram a trazer os francezes em o mesmo navio, promettendo-lhes elle de lho fazer carregar por seus cunhados.

Porém chegando á Bahia e ancorando no rio de Paraguaçú, junto á ilha dos Francezes, lhes mandou uma noite cortar a amarra, com que deram á costa e, despojados de quanto traziam, foram todos mortos e comidos do gentio, dizendo-lhes Luisa Alvares, sua parenta, que aquelles eram inimigos e só seu marido era amigo, e como tal tornava a buscal-os e queria viver entre elles, como de feito viveu até a vinda de Thomé de

Sousa e depois muitos annos. E a ella alcancei eu, morto já o marido, viuva mui honrada, amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade. E assim fez junto á villa velha em um aprazivel sitio uma ermida de Nossa Senhora da Graça, e impetrou do Summo Pontifice indulgencias pera os romeiros, dos quaes é mui frequentada. Esta capella ou administração della doou aos padres de São Bento, que alli vão todos os sabbados cantar uma missa.

Morreu muito velha e viu em sua vida todas suas filhas e algumas netas casadas com os principaes portuguezes da terra, e bem o mereciam tambem por parte de seu progenitor Diogo Alvares Caramurú, por cujo respeito fiz esta digressão, pois este foi o que conservou a posse da terra tantos annos, e por seu meio fez o governador Thomé de Sousa pazes com o gentio e os fez servir aos brancos.

E assim edificou, povoou e fortificou a cidade, que chamou do Salvador, onde ella hoje está, que é meia legua da barra para dentro, por ser aqui o porto mais quieto e abrigado pera os navios. Onde ouvi dizer a homens do seu tempo (que ainda alcancei alguns) que elle era o primeiro que lançava mão do pilão pera os taipaes e ajudava a levar a seus hombros os caibros e madeiras pera as casas, mostrando-se a todos companheiro affavel (parte mui necessaria nos que governam novas povoações).

Com isto folgavam todos de trabalhar e exercitar cada um as habilidades que tinha, dando-se uns á agricultura, outros a criar gado e a toda a mecanica, ainda que a não tivessem aprendida, com o que foi a terra em grande crescimento, e muito mais com a ajuda de custa

que el-rei fazia, com tanta liberalidade que se affirma no triennio deste governador gastar de sua real fazenda mais de trezentos mil cruzados em soldos, ordenados de ministros, edificios da sé e casa dos padres da Companhia, ornamentos, sinos, artilharia, gados, roupas e outras cousas necessarias, o que fazia, não tanto pelo interesse que esperava de seus direitos e dos dizimos de que o Summo Pontifice lhe fez concessão com obrigação de prover as igrejas e seus ministros, quanto pelo gosto que tinha de augmentar este estado e fazer delle um grande imperio, como elle dizia.

Nem se deixou então de praticar que, si alguma hora acontecesse (o que Deus não permitta) ser Portugal entrado e possuido de inimigos estrangeiros, como ha acontecido em outros reinos, de sorte que fosse forçado passar-se el-rei com seus portuguezes a outra terra, a nem uma o podia melhor fazer que a esta. Porque passar-se ás ilhas (como diziam e fez o Senhor D. Antonio, pertendente do reino, no anno do Senhor de 1580) além de serem mui pequenas, estão tão perto de Portugal que lhe iriam os inimigos no alcance, e antes de se poderem reparar dariam sobre elles.

A India, ainda que é grande, é tão longe e a navegação tão perigosa que era perder a esperança de poder tornar e recuperar o reino.

Porém o Brasil, com ser grande, fica em tal distancia e tão facil á navegação, que com muita facilidade podem cá vir e tornar quando quizerem ou ficar-se de morada, pois a gente que cabe em menos de cem leguas de terra que tem todo Portugal bem caberá em mais de mil que tem o Brasil, e seria este um grande reino, tendo gente, porque adonde ha as abelhas ha o mel,

e mais quando não só das flores, mas das ervas e cannas se colhe mel e assucar, que de outros reinos estranhos viriam cá buscar com a mesma facilidade a troco das suas mercadorias, que cá não ha. E da mesma maneira as drogas da India, que daqui fica mais visinha e a viagem mais breve e facil, pois a Portugal não vão buscar outras cousas sinão estas, que pão, pannos e outras cousas semelhantes não lhe faltam em suas terras. Mas toda esta reputação e estima do Brasil se acabou com el-rei D. João, que o estimava e reputava.

CAPITULO SEGUNDO

De outras duas armadas que el-rei mandou com gente e provimento pera a Bahia.

Logo em o anno seguinte de 1550 mandou el-rei outra armada com muita gente e provimento, e por capitão-mór della Simão da Gama d'Andrade, em o galeão velho muito afamado.

Foi este fidalgo em esta cidade grande republico, e dahi a muitos annos morreu nella de herpes que lhe deram em uma perna, deixando uma capella perpetua de missas na igreja da Misericordia, onde está sepultado com um epitafio, que diz assim:

Pela summa charidade
de Christo Crucificado
está aqui sepultado
Simão da Gama dandrade
pera ser resuscitado

Nesta armada veiu o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita autoridade e exemplo e extremado pregador, e trouxe em sua companhia quatro sacerdotes da Companhia de Jesus pera ajudarem os seis que já cá estavam na doutrina e conversão do gentio, e outros clerigos e ornamentos pera a sua sé.

O anno seguinte de 1551 mandou el-rei outra armada, e por capitão-mór della Antonio de Oliveira Car-

valhal pera alcaide-mór de villa velha, com muitas donzellas da rainha D. Catharina e do mosteiro das orfãs, encarregadas ao governador pera que as casasse, como o fez, com homens a que deu officios da republica e algumas dotou de sua propria fazenda.

Era Thomé de Sousa homem muito avisado e prudente e muito experimentado, nas guerras da Africa e da India, onde estivera, tinha mostrado valoroso cavalleiro; mas estava isto cá tão em agro e enfadava-se de labutar com degradados, vendo que não eram como o pecego,

«pomo que da patria persia veiu
melhor tornado no terreno alheio»,

que pediu com muita instancia por muitas vezes a el-rei que lhe désse licença pera se tornar ao reino. Comtudo é muito para notar um dito que (entre outros que tinha mui galantes) disse quando lhe veiu a licença.

E' costume nesta bahia ir o meirinho ao mar quando entram navios e trazer a nova ao governador donde são e do que trazem. Como pois fosse em aquella occasião e achasse que vinha successor ao governador, tornou-se mui alegre a pedir-lhe alviçaras, porque já eram cumpridos seus desejos e estava no porto novo governador. Respondeu-lhe elle depois de estar um pouco suspenso: Vedes isso, meirinho? verdade é que eu o desejava muito, e me crescia a agua na bocca quando cuidava em ir pera Portugal; mas não sei que é que agora se me secca a bocca de tal modo que quero cuspir e não posso. Não deu o meirinho resposta a isto, nem eu a dou, porque os leitores dêm a que lhes parecer.

CAPITULO TERCEIRO

Do segundo governador geral que el-rei mandou ao Brasil.

Movido el-rei dos rogos e importunações do governador Thomé de Sousa, acabado o triennio do seu governo, lhe mandou por successor D. Duarte da Costa, o qual se embarcou e partiu de Lisboa no anno de 1553 a 8 do mez de Maio, trazendo em sua companhia seu filho D. Alvaro e o padre Luis da Grã, que havia sido reitor em o collegio de Coimbra, e mais dous padres sacerdotes e quatro irmãos da Companhia, um dos quaes era Joseph de Ancheta, que depois foi cá seu provincial e se pode chamar apostolo do Brasil pelas obras e milagres que nelle fez, como o padre São Francisco Xavier se chamou da India.

O governador, tanto que chegou, trabalhou muito por fortificar e defender esta nova cidade da Bahia contra os barbaros gentios, que se levantaram e commetteram grandes insultos, que elle emendava, dissimulando alguns com prudencia e castigando outros com armas, matando-os e cativando-os em guerras que lhe fez, de que era capitão seu filho D. Alvaro da Costa, o qual em todas se houve valorosamente. Nem el-rei o deixou de favorecer em todo o seu tempo com armadas de muitos soldados e moradores.

Ajudava-o tambem o bispo D. Pedro Fernandes, trabalhando sem cessar na conversão das almas, na ordem do culto divino, administração dos sacramentos e em tudo mais tocante ao espirito, que el-rei não menos pertendia e encommendava que o temporal.

Porém o demonio, perturbador da paz, a começou a perturbar de modo entre estas cabeças ecclesiastica e secular, e houve entre elles tantas differenças que foi necessario o bispo embarcar-se pera o reino com suas riquezas aonde não chegou por se perder a náu em que ia no rio Cururuipe, seis leguas do de S. Francisco, com toda a mais gente que nella ia, que era Antonio Cardoso de Barros, que fôra provedor-mór, e dous conegos, duas mulheres honradas, muitos homens nobres e outra muita gente, que por todos eram mais de cem pessoas, os quaes, posto que escaparam do naufragio com vida, não escaparam da mão do gentio cayté que naquelle tempo senhoreava aquella costa, o qual, depois de roubados e despidos, os prenderam e ataram com cordas, e poucos a poucos os foram matando e comendo, sinão a dous indios que iam desta Bahia, e um portuguez que sabia a lingua.

Não sei si deu isto animo aos mais governadores pera depois continuarem differenças com os bispos, de que tratarei em seus logares, e por ventura os culparei mais porque tenho noticia das razões, ou, para melhor dizer, sem razões de suas differenças, o que não posso neste caso sem ser notado de murmurador, pois não sei a causa que tiveram.

Sómente direi o que ouvi a pessoas que caminham desta bahia pera Pernambuco e passam junto ao logar donde o bispo foi morto (porque por alli é o ca-

minho) que nunca mais se cobriu de erva, estando todo o mais campo coberto della e de matto, como que está o seu sangue chamando a Deus da terra contra quem o derramou. E assim o ouviu Deus, que depois se foi desta Bahia dar guerra áquelle gentio e se tomou delle vingança, como ao diante veremos.

CAPITULO QUARTO

De uma náu da India que arribou a esta Bahia no tempo do governador D. Duarte da Costa.

No segundo anno do governador D. Duarte da Costa, que foi o do Senhor de 1555, em o mez de Maio, arribou a esta Bahia por falta de agua a náu *São Paulo*, que ia pera a India em companhia de outras quatro, das quaes todas ia por capitão-mór D. João de Menezes de Sequeira, e por capitão desta arribada Antonio Fernandes, que era senhor della. Vinham em esta náu muitos doentes, os quaes o governador mandou recolher ao hospital e aos sãos ordenou darem lhes mesa cinco mezes que aqui estiveram, por se tomar parecer entre os officiaes da náu, e outros da terra (presente o governador e D. Antonio de Noronha, o catarraz, que ia servir á capitania de Diu) e assentarem todos que, si partisse em Outubro, poderia passar á India, como aconteceu. E em menos de quatro mezes chegou a Cochim, onde ainda achou a náu capitanea, de que era capitão D. João de Menezes. E o dia seguinte deu á vela pera Gôa muito contente por levar novas daquella náu que já se tinha por perdida, ainda que mui descontente com outras que levava da morte do inclito infante D. Luis, duque de Beja e condestable de Portugal, senhor de Serpa, Moura, Covilhã e Almada, e governador

do priorado do Crato, que falleceu este anno de 1555, o qual, entre outras muitas virtudes e excellencias de que foi adornado, principalmente teve duas: zelo da religião christã e sciencia da arte militar.

E, ainda que em seu tempo se moveram poucas guerras em que elle se pudesse achar, sabendo que o imperador Carlos Quinto, seu cunhado, passava a Africa, se foi pera elle sem licença alguma nem companhia, por saber que o havia el-rei seu irmão de negar, como já em outras occasiões o havia feito, ao que todavia el-rei acudiu logo, dando licença a alguns fidalgos que o seguissem, e mandando a uma armada sua que já lá estava lhe obedecesse, de que era capitão Antonio de Saldanha, e para todo o dinheiro que gastasse lhe mandou grande credito, e por esta via se achou com formosa cavallaria de nobreza de seu reino acompanhado, em ajuda do invictissimo imperador na conquista da Goleta e de Tunes, que por seu conselho se conquistou, contra o parecer de muitos capitães mais antigos e experimentados que o contrario diziam.

Mas o nosso infante, não podendo soffrer que no exercito onde elle se achava se enxergasse ponto algum de cobardia, tanto insistiu neste seu parecer que o imperador deixou de leventar o cerco, como determinava pelo conselho dos outros, e o mandou proseguir como o infante dizia, o qual, militando debaixo da bandeira do imperador, se mostrou soldado digno de tal capitão, e elle se havia por bem afortunado da milicia de tal soldado, parecendo-lhe que no conselho tinha um Nestor e no exercito um Achilles.

Era aos estrangeiros benigno, aos naturaes affavel e com todos geralmente liberalissimo, pelo que de to-

dos era amado e de todos louvado. Nunca casou nem teve filhos mais de um natural, que foi o senhor D. Antonio, o qual por não ser legitimo não foi rei de Portugal, posto que em algumas partes do reino chegou a ser levantado por rei.

Tambem este mesmo anno de 1555 se recolheu o imperador Carlos Quinto á religião no convento de S. Hyeronimo de Juste, por ser logar sadio, e accommodado a quem larga o governo e inquietações do mundo, que elle deixou ao muito catholico principe D. Philippe seu filho.

CAPITULO QUINTO

De outra náu da India que arribou á Bahia.

No anno de 1556 mandou el-rei negociar cinco náus pera mandar á India, de que deu a capitania-mór a D. Luis Fernandes de Vasconcellos, o qual escolheu a náu *Santa Maria da Barca* pera ir nella.

Estando todas prestes e carregadas pera dar á vela, abriu a náu capitánea uma agua tão grossa que se ia ao fundo e, acudindo os officiaes pera lhe darem remedio, não lho poderam dar, por não saberem por onde entrava a agua. Vendo el-rei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras náus á vela e que aquella se descarregasse, o que se fez já. E a náu capitánea se despejou toda com muita pressa, e se revolveu e buscou de popa a prôa sem lhe poderem dar com a agua. E andava uma grande borborinha entre os pescadores de Alfama, dizendo que Deus permittia aquillo porque aquelle anno lhes tirara o arcebispo as antigas ceremonias com que festejavam o dia do bemaventurado S. Fr. Pedro Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargas de fogaças e outras mostras de alegria, e de lá o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle cantando e bailando.

Chegou esta queixa ao arcebispo e, como era mui amigo deste fidalgo que andava tristissimo por não poder aquelle anno fazer viagem, movido tambem da grande fé e devoção que os pescadores e mercantes tinham ao santo, lhes tornou a conceder licença pera que o festejassem como dantes. Entretanto não se deixou de buscar a agua da náu e trabalhar com as bombas e outros vasos em esgotar ou diminuir a muita que entrava, até que um marinheiro foi dar com o furo de um prego na quilha, que por descuido ficou por pregar e por calafetar e só se tapou com o breu que depois se tirou, e por alli fazia aquella agua, a qual se tomou logo com grande alvoroto, e tornou a náu a carregar, porque disseram os officiaes que ainda tinham tempo. E assim deu á vela a 2 de Maio, e foi seguindo sua derrota, mas na costa de Guiné achou tanta calmaria que a deteve setenta dias e, tomando parecer sobre o que fariam, assentaram que fossem invernar ao Brasil, porque era muito tarde, e logo se fizeram na volta da bahia de Todos os Santos, onde chegaram a 14 d'Agosto.

O governador D. Duarte da Costa foi logo desembarcar o capitão-mór e os fidalgos que vinham na náu, que eram Luis de Mello da Silva, D. Pedro de Almeida, despachado na capitania de Baçaim, D. Philippe de Menezes, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendonça e Henrique de Mendonça seu irmão, Hyeronimo Correia Barreto, Henrique Moniz Barreto e outros fidalgos, que agasalhou, banqueteou e deu pousadas á sua vontade, e o mesmo fez a toda a mais gente da náu, a que deu mantimento todo o tempo que alli esteve.

Seguiu-se o anno de 1557, mui signalado assim pela morte do imperador Carlos Quinto, que nelle morreu na

idade de cincoenta e oito annos e sete mezes, renunciando ainda em vida em seu filho Philippe os reus reinos, e em seu irmão Fernando o imperio, e recolhendo-se em um mosteiro, onde acabou felicissimamente a vida; como pela morte de el-rei D. João, que falleceu em 11 de Junho de idade de cincoenta e cinco, tendo reinado trinta e cinco.

E este anno acabou o seu governo D. Duarte da Costa e lhe veiu successor.

Teve D. Duarte da Costa, além de ser grande servidor del-rei, uma virtude singular, que por ser muito importante aos que governam não é bem que se cale. E é que soffria com paciencia as murmurações que de si ouvia, tratando mais de emendar-se que de vingar-se dos murmuradores, como lhe aconteceu uma noite que, andando rondando a cidade, ouviu que em casa de um cidadão se estava murmurando delle altissimamente, e depois que ouviu muito lhes disse de fóra: Senhores, falem baixo, que os ouve o governador.

Conheceram-no elles na fala, e ficaram mui medrosos que os castigaria, mas nunca mais lhes falou nisso, nem lhes mostrou ruim vontade ou semblante.

CAPITULO SEXTO

Do terceiro governador do Brasil que foi Men de Sá.

A D. Duarte da Costa succedeu o doutor Men de Sá, que com rasão pode ser espelho de governadores do Brasil, porque, concorrendo nelle letras e esforço, se signalou muito na guerra e justiça.

Este, em pondo os pés no Brasil, que foi no anno de 1557, nem uma cousa do seu regimento executou primeiro que o que el-rei mandava em favor da religião christã. Pera isto mandou chamar os principaes indios das aldeias visinhas desta bahia, e assentou com elles pazes com condição que se abstivessem de comer carne humana, ainda que fosse de inimigos presos ou mortos em justa guerra, e que recebessem em suas terras os padres da Companhia e os outros mestres da fé, e lhes fizessem casas em suas aldêas onde se recolhessem, e templos onde dissessem missa aos christãos, doutrinassem os catecumenos e pregassem o evangelho livremente. E, porque a cobiça dos portuguezes tinha dado em cativar quantos podiam colher, fosse justa ou injustamente, prohibiu o governador isto com graves penas, e mandou dar liberdade a todos os que contra justiça eram tratados como escravos.

Acudiu depois a vingar as injurias dos indios christãos, que outros seus visinhos lhe faziam, até chegarem

a matar alguns. Pediu que lhe entregassem os homicidas e perdoaria aos mais, mas elles, fiados na sua multidão, zombaram da sua petição; pelo que o governador em pessoa os commetteu dentro de suas terras e, feita nelles grande matança e queimadas mais de setenta aldeias, os desfez, de sorte que lhes foi forçado pedirem a paz, a qual lhes concedeu com as mesmas condições que havia posto aos outros.

O tempo que lhe vagava da guerra gastava o bom governador na administração da justiça, porque, além de ser o em que consiste a honra dos que regem e governam, como diz David: *Honor regis judicium diligit,* a trazia elle particularmente a cargo por uma provisão del-rei, em que mandava que nem uma acção nova se tomasse sem sua licença. O que mandou el-rei por ser informado das muitas usuras, que já em aquelle tempo commettiam os mercadores no que vendiam fiado, pelo que muitos, por se não descobrir a usura que elles sempre costumam palliar, e por não perderem a divida e haver as mais penas que o direito põe, não levavam seus devedores a juizo, e lhes esperavam pela paga quanto tempo queriam; mas só punham acções por dividas licitas que o governador logo mandava pagar e, si era o devedor pessoa pobre, pagava por elle, ou fazia que o credor esperasse pela divida, pois fiara de quem sabia que não tinha por onde lhe pagar.

E assim cessaram as demandas, de modo que, fazendo o doutor Pedro Borges, ouvidor geral, uma vez audiencia, não houve parte alguma requerente, do que levantando as mãos ao céu deu graças a Deus. Mas durou pouco este bem, porque logo veiu por ouvidor geral o doutor Braz Fragoso com outra provisão em contrario á do governa-

dor, e tornaram a correr as demandas e as usuras, não só palliadas, mas tanto de escancara que, si val um escravo vinte mil réis pago logo, o dão fiado por um anno por quarenta e, o que mais é, que porisso o não querem já vender a dinheiro de contado, sinão fiado e não ha quem por isto olhe.

CAPITULO SETIMO

De como mandou o governador seu filho Fernão de Sá soccorrer a Vasco Fernandes Coutinho e o matou lá o gentio.

Neste tempo estava Vasco Fernandes Coutinho em grande aperto posto pelo gentio na sua capitania do Espirito Santo, e mandou á Bahia requerer ao governador Men de Sá que o soccorresse, o que o governador logo fez, mandando cinco embarcações bem providas de gente, e por capitão-mór della a seu filho Fernão de Sá em a galé *São Simão.* Os outros capitães eram Diogo Morim, o velho, e Paulo Dias Adorno.

Chegaram todos a Porto-Seguro, onde lhes disseram que no rio chamado Cricaré estava o mais do gentio que fazia guerra a Vasco Fernandes, e que ahi deviam de os ir buscar, offerecendo-se pera ir com elles, como de feito foram, o capitão Diogo Alvares e Gaspar Barbosa em seus caravelões.

E navegaram pelo dito rio arriba quatro dias, até que viram as cercas do gentio que estavam juntas da agua, onde, pondo as proas em terra por estar a maré cheia, por ellas desembarcaram e saltaram fóra os soldados, tornando-se os marinheiros com os navios ao meio do rio por não ficarem em secco na vasante, e os bombardeiros pera de lá fazerem seus tiros. Começou-se a travar a briga, na qual logo em o primeiro encontro puzeram o

gentio em desbarate, mas, tornando-se a ajuntar e reformar, voltou com tanta força que forçou aos nossos a desordenarem e misturarem com os inimigos, de maneira que os tiros que tiravam das embarcações não só os não defendiam, mas antes os feriam e matavam e, retirando-se pera se acolher a ellas, estavam tanto ao pego que os mais foram a nado, e os feridos em algumas jangadas, entre os quaes foram os dous capitães Adorno e Morim, ficando o capitão-mór com o seu alferes Joanne Monge na retaguarda, onde, crescendo o gentio que de outras aldeias vinha de soccorro, os mataram ás frechadas.

E assim acabou Fernão de Sá, depois de haver feito grandes cousas em armas contra a multidão destes barbaros, assim neste combate, como em outros em que se achou na Bahia e em outras partes. Os mais se partiram para o Espirito Santo, onde Vasco Fernandes os recebeu com muito pesar, sabendo do seu destroço e da morte de Fernão de Sá, e os mandou com a mais gente que poude ajuntar a dar em outros gentios que o tinham quasi em cerco, os quaes lho fizerem levantar, posto que com morte de alguns dos nossos, entre os quaes Bernardo Pimentel, o velho, que mataram ao entrar de uma casa.

Feito isto se foram a S. Vicente, e dahi á Bahia, onde o governador os não quiz ver, sabendo como haviam deixado matar seu filho; e quando elles não tiveram esta culpa, nem por isso a devemos dar ao pai em fazer extremos pela morte de tal filho.

CAPITULO OITAVO

Da entrada dos francezes no Rio de Janeiro e guerra que lhe foi fazer o governador.

O Rio de Janeiro está em vinte e tres graus debaixo do tropico de Capricornio, e impropriamente se chama rio, porque antes é um braço de mar, que alli entra por uma bocca estreita que se pode facilmente defender de uma parte a outra com artilharia; mas dentro faz uma bahia ou enseada em que entram muitos rios e tem perto de quarenta ilhas, das quaes as maiores se povoam e as menores servem de ornar o sitio, ou de portos onde se abriguem os navios.

Estas commodidades e outras muitas deste rio e bahia, juntas com a fertilidade da terra, a faziam digna de ser povoada, quando se povoaram as mais do Brasil; mas, ou porque coube na doação a Pero de Goes, que se não atreveu com o gentio, como dissemos no capitulo terceiro do segundo livro, ou por não sei que descuido, ella estava por povoar até que Nicoláu Villaganhon, homem nobre de França e cavalleiro do habito de S. João, informado dos francezes, que por alli vinham commerciar com o gentio tapuya, determinou de vir a povoal-a. Para o que fez uma armada em que veiu com muitos soldados e, entrando no rio em o anno de 1556, lhe forti-

ficou a entrada, solicitou os gentios e fez liga e amizade com elles, e para maior defensa começou em uma das ilhas da enseada a levantar uma fortaleza de pedra, tijolo e gesso, em cuja obra trabalhavam os indios com muita vontade, e de França lhe vinham cada dia novos soccorros.

Corria já o anno de 1559, em que reinava a rainha D. Catharina por morte de el-rei D. João seu marido, e por seu neto el-rei D. Sebastião não ter ainda a este tempo mais que cinco annos de idade. A qual, informada do que passava no Rio de Janeiro, escreveu ao governador Men de Sá encarregando-lhe muito esta empreza e mandando-lhe pera ajuda della uma boa armada. Com a qual o governador, e com outras náus que poude ajuntar, acompanhado dos principaes portuguezes da Bahia, e alistados os mais soldados que poude, assim brancos como indios da terra, em o anno do Senhor de 1560 se partiu para o Rio de Janeiro, onde, rompendo as forças que impediam a entrada, entrou na enseada e tomou uma náu franceza, da qual soube não estar ahi já Villaganhon, que fôra chamado a Malta, mas ter deixado um sobrinho seu por capitão na fortaleza, a quem escreveu o governador na maneira seguinte:

«El-rei de Portugal, meu senhor, sabendo que Villaganhon, vosso tio, lhe tinha usurpada esta terra, se mandou queixar a el-rei de França, o qual lhe respondeu que, si cá estava, que lhe fizesse guerra e botasse fóra, porque não viera com sua commissão. E posto que já aqui o não acho, estais vós em seu logar, a quem admoesto e requeiro da parte de Deus e do vosso rei e do meu, que logo largueis a terra alheia a cujo é, e vos vades em paz sem querer experimentar os damnos que succederão da guerra».

Ao que respondeu o mancebo que não era seu julgar cuja era a terra do Rio de Janeiro, sinão fazer o que o senhor Villagagnon, seu tio, lhe havia mandado, que era sustentar e defender aquella sua fortaleza, e que assim o havia de cumprir, ainda que lhe custasse a vida e muitas vidas, das quaes lhe requeria tambem que não quizesse ser homicida, antes se tornasse em paz.

Gastaram-se nisto dez ou doze dias nos quaes a nossa armada se poz em ordem de guerra, e assim, ouvida esta resposta, a outra que lhe deram foi de artilharia e arcabuzes, com que começaram a bater o forte insuperavel (ao parecer) ás forças humanas; porém, estando uns e outros mettidos no furor do combate, Manuel Coutinho, homem pardo, Affonso Martins Diabo e outros valentes soldados portuguezes, subindo por uma parte que parecia inaccessivel, entraram o castello e occuparam repentinamente a polvora do inimigo.

Descorçoados os francezes com a perda da polvora e com o inopinado atrevimento dos portuguezes, desampararam o castello á meia noite com todas as maquinas de guerra que nelle havia, recolheram-se ás suas náus e parte delles em ellas se tornaram pera sua terra, outros ficaram com os tamoyos (que este é o nome daquelle gentio), assim pera restaurar a guerra e a opinião perdida, como pera exercitar a mercancia com elles, de que tiravam muito proveito.

Alcançada tão illustre victoria, desfez o governador o forte, por não poder deixar gente que o defendesse e povoasse a terra, por lhe haverem morta muita gente neste combate, e mandou seu sobrinho Estacio de Sá em a náu que havia tomado aos francezes com o aviso do successo á rainha D. Catharina.

CAPITULO NONO

De como o governador tornou do Rio de Janeiro pera a Bahia, e o successo que teve uma náu da India que a ella arribou.

O governador se tornou do Rio de Janeiro para a Bahia e chegou a ella em o mez de Junho do mesmo anno de 1560, onde continuou com o governo da terra, na qual era tão necessaria a sua assistencia e presença que, algumas poucas vezes que ia ver um engenho que fez em Sergipe, ia de noite e deixava um pagem na escada que dissesse que estava occupado a quem por elle perguntasse, o qual não mentia porque aonde quer que estava se occupava, e isto fazia para que a noticia da sua absencia não fosse occasião de alguma desordem, e assim, ainda que o engenho distava desta cidade oito leguas, fazia lá mui pouca detença.

Neste anno de 1560 arribou a esta bahia a náu *S. Paulo,* como já outra vez havia arribado em tempo do governador D. Duarte da Costa, posto que então vinha em ella por capitão Antonio Fernandes, como dissemos em o capitulo quarto deste livro, e desta vez vinha Ruy de Mello da Camara, o qual, vendo que pera invernar aqui haviam de gastar sete ou oito mezes, e que a agua e guzano corrompem brevemente a madeira das náus, ajuntando-se com os pilotos e os da

terra diante do governador, praticaram si haveria ainda tempo pera seguirem viagem, e ir invernar á India? E de commum parecer assentaram que sim, si partissem daqui em Setembro e fossem por muita altura buscar a ilha de Sumatra, pera della em Fevereiro voltarem com a monção com que vêm as náus de Malaca e China. E, tomando desta cidade tudo o que lhes foi necessario, partiram em 15 de Setembro.

Achando os tempos prosperos foram á vista do cabo da Boa-Esperança em fim de Novembro, e assim foram seguindo sua viagem pera a ilha de Sumatra com ventos brandos até 20 de Janeiro, dia do bemaventurado martyr S. Sebastião, á bocca da noite, em que se acharam tão abordados com a terra por causa da grande corrente das aguas que, por muito que trabalharam por se afastar, foram varar nella, e quiz Deus que foi em parte onde ficou a náu encalhada, e todos nella até pela manhã, que lançaram o batel ao mar; e se passaram á terra sem cousa alguma entender, com elles, por ser a gente dalli mesquinha, e tão domestica que acudiram logo a lhes vender algumas cousas.

Posto que assim não fôra, os da náu eram setecentos homens, todos bem dispostos e armados que puderam atravessar toda aquella ilha, e assim logo fizeram cabanas pera se agasalharem e desembarcaram da náu mantimentos vinhos, azeite e tudo o mais que puderam, e desfizeram a náu e tiraram della toda a pregadura, madeira, cordoalha, e tudo mais que lhe foi necessario, e armaram duas embarcações, e levantaram o batel, trabalhando todos com muito gosto e presteza, servindo de ferreiros, serradores, carpinteiros e de todos os mais officios, como si sempre o usaram. E assim em

breve tempo as acabaram e lançaram ao mar, e fizeram sua aguada em abastança, e recolheram nella todas as armas e alguns berços e falcões, por não serem as vasilhas capazes de maiores peças, porque eram a modo de barcaças.

Uma dellas se deu a Diogo Pereira de Vasconcellos, um fidalgo que alli levava sua mulher, que se chamava D. Francisca Sardinha, e era uma das mais formosas do seu tempo. Outra tomou Ruy de Mello, capitão da náu, e a terceira deram a Antonio de Refoyos, um cavalleiro muito honrado, que ia despachado com a capitania de Coulão. E, repartindo a gente por ellas, não coube em cada uma mais que cento e setenta homens, ficando cento e setenta que por nem um caso se pudèram agasalhar, pelo que assentaram que estes caminhassem por terra á vista dos bateis, pera lhes soccorrerem alguma necessidade.

E, repartindo por elles as espingardas que havia, começaram a caminhar de longo do mar, e os bateis sempre á sua vista e tanto que era noite escolhiam logar pera descançarem e dormirem e surgiam os bateis com as prôas em terra e o mesmo faziam a horas de jantar, em que tomavam a refeição ordinaria, e assim foram caminhando nesta ordem sem lhes acontecer desastre algum. E, havendo poucos dias que caminhavam, houveram vista de quatro embarcações, a que foram correndo e ellas trabalhando tudo o que podiam por lhes fugir, e atirando-lhes de uma embarcação das nossas com um falcão, que lhes foi zunindo pelas orelhas, lhes poz tão grande medo e espanto que logo se lançaram a nado pera a terra, e deixaram os navios carregados de farinhas de saguum (que é o prin-

cipal mantimento de todas aquellas ilhas) de que os nossos se proveram em abastança e recolheram nestas embarcações toda a gente que ia por terra, com o que ficaram mais descançados.

E, sendo já em tres graus da banda do Sul, se recolheram a um formoso rio que acharam, desembarcando todos em terra pera se recrearem e dormindo tambem nella algumas noites, com tanto descuido e segurança como si a terra fosse sua. E até Diogo Pereira de Vasconcellos se desembarcou alli com sua mulher, a qual vista pelos Manancabos, que é a gente da terra, tão formosa, junto com estar ricamente vestida, desejaram leval-a ao seu rei, e assim deram uma noite nas suas estancias e mataram perto de sessenta pessoas, e levaram D. Francisca Sardinha, em cuja defensa fez o mestre da náu espantosas cousas até que o mataram. O Diogo Pereira salvou uma filha, que tinha, chamada D. Constança, que depois casou com Thomé de Mello de Castro, e outras mulheres, com que se recolheu á sua embarcação, muito anojado desta desventura, que lhe aconteceu por sua sobeja confiança.

Dalli se partiram de longo da costa, que era mui limpa, com muito mais tento, porque aquelle desastre os espertou e não se fiaram mais da gente da terra. E assim embocaram o boqueirão do Sunda, e foram tomar a cidade de Patta, onde acharam quatro náus portuguezas, de que era capitão-mór Pero Barreto Rollim, que alli estava carregando de pimenta e recebeu toda esta gente e a repartiu pelas náus e proveu a todos bastantemente, e parte delles se passaram á China, pera onde Pero Barreto Rolim ia por mandado do viso-rei D. Constantino.

CAPITULO DECIMO

Do aperto em que os tamoyos do Rio de Janeiro puzeram a capitania de S. Vicente, e o governador lhes mandou fazer segunda guerra.

Vendo-se os tamoyos já livres da guerra do governador Men de Sá, se tornaram a fortificar no Rio de Janeiro, donde sahiam a correr a costa toda até São Vicente, salteando os indios novos christãos, prendendo, matando e comendo a quantos podiam alcançar.

Durou esta molestia dous annos, sem que força alguma pudesse reprimir o atrevimento dos barbaros insolentes, que cada dia crescia com o favor e ajuda dos francezes, com que já se não contentavam do mal que faziam aos outros indios, mas a todos os moradores de S. Vicente ameaçavam com cruel guerra, e apresentavam uma armada de canôas pera por mar e por terra os combaterem.

Este mal tão grande quiz remediar o padre Manuel da Nobrega, primeiro provincial que havia sido da ordem da Companhia de Jesus na provincia do Brasil, resolvendo-se a ir tentear os animos dos barbaros pera reduzil-os a condições de paz ou dar a vida pela saude commum.

Pera isto tomou por seu companheiro o irmão Joseph de Ancheta, e um Antonio Luis, homem secular,

com os quaes se embarcou em uma náu de Francisco Adorno, illustre genovez, homem em aquella terra mui conhecido, rico e devoto da Companhia.

Os barbaros, á noticia da náu portugueza, cuidando que ia de guerra, acudiram a suas canôas e lhe sahiram ao encontro carregadas de frechas; porém o irmão Joseph de Ancheta, com uma breve e amorosa pratica que lhes fez na sua lingua, os quietou e fez benevolos á sua chegada, e depois com outras muitas, e principalmente com suas devotas orações e exemplo que deu de sua vida em tres mezes que ficou só entre elles, e dous que esteve com o padre Nobrega, que se tornou pera S. Vicente, os reduziu á desejada paz, excepto alguns que, discordes dos mais e fiados em as armas dos francezes, continuaram a guerra contra os portuguezes.

Estes successos previu a rainha D. Catharina quando leu a carta do governador Men de Sá, em que lhe dava conta da victoria que alcançara no Rio de Janeiro, e assim, ainda que lhe agradeceu e se houve por bem servida delle, todavia lhe estranhou muito o haver arrasado o forte e não deixar quem defendesse e povoasse a terra, e lhe mandou que logo o fizesse, porque não tornasse o inimigo a fazer alli assento com perigo de todo o Brasil. O mesmo lhe escreveu o cardeal D. Henrique, que com ella governava o reino, e pera este effeito lhe mandaram pelo proprio seu sobrinho Estacio de Sá, que levou a nova, uma armada de seis caravelas com o galeão *S. João* e uma náu da carreira da India chamada *Santa Maria a Nova,* a que ajuntou o governador os mais navios que poude. E quizera ir em pessoa, mas, por o povo lho não consentir, mandou o dito seu sobrinho, em o anno de 1563.

A quem accompanhou o ouvidor geral Braz Fragoso e Paulo Dias Adorno, commendador de S. Iago, em uma galeota sua que remava dez remos por banda, e outros capitães, os quaes chegando todos ao Rio de Janeiro acharam uma náu franceza que lhe quiz fugir pelo rio acima, mas os nossos lhe foram no alcance e a primeira que lhe chegou foi a galé de Paulo Dias Adorno, em que tambem ia Duarte Martins Mourão e Melchior de Azeredo. Depois chegou Braz Fragoso e outros, os quaes, entrando na náu, acharam muito pão, vinho e carne, e assim a levaram pera baixo onde ficava a capitanea *Santa Maria a Nova* e o galeão, e o capitão-mór Estacio de Sá fez capitão della a Antonio da Costa.

Mas, como não ha gosto nesta vida que não seja aguado, indo uma madrugada tres bateis nossos tomar agua á ribeira da Carioca, deram com nove canôas de indios inimigos que estavam aguardando em cilada, os quaes, repartindo-se tres a tres a cada batel, mataram no da capitánea o contra-mestre, o guardião e outros dous marinheiros, e no do galeão feriram a Christovão d'Aguiar, o moço, com sete frechadas e outros sete homens e o levavam, mas Paulo Dias Adorno lhe acudiu á pressa na sua galé e, chegando a tiro, mandou pôr fogo a um falcão que os fez largar o batel.

Enterrados os mortos em uma ilha, chamou Estácio de Sá os capitães a conselho, e assentaram que se fosse a S. Vicente buscar canôas e gentio domestico e amigo, com que melhor se poderia fazer guerra áquelle barbaro inimigo.

Sahiram uma madrugada, e a náu franceza que haviam tomado diante de todas as outras, com um cara-

velão de Domingos Fernandes, dos Ilhéus. Acharam na barra muitas canôas de inimigos indios e francezes misturados, que, chegando ao caravelão, o furaram com machados e o metteram no fundo, matando-lhe quatro homens e ferindo a Domingos Fernandes de seis frechadas, com que se foi a nado para a náu, á qual tambem chegaram e lhe fizeram um buraco; mas um indio da India de Braz Fragoso, que alli ia com seu senhor, se foi abaixo da coberta e por o mesmo buraco matou um francez, com o que elles, ou com o temor da armada que vinha atraz, se foram embora e a náu tambem, seguindo seu caminho pera S. Vicente, onde contaram ao capitão-mór e aos mais o que lhes havia succedido.

Neste tempo estava a povoação de S. Paulo, que é da capitania de S. Vicente, de guerra com o gentio, que a tinha posta em grande aperto, ao que acudiu Estacio de Sá com muita gente da que comsigo levava, a cuja vista o gentio lhe veiu logo pedir pazes, e elle lhas concedeu e ficaram fixas.

Entretanto chegaram os capitães Jorge Ferreira e Paulo Dias com as canôas e gentio que, tanto que chegou, mandou buscar a Cananéa e, provida a armada de todo o necessario, se partiu outra vez pera o Rio de Janeiro em o anno de 1565, dia de São Sebastião, a quem tomou por patrão da sua jornada.

Entrou pelo rio em 1.º de Março e, ancorando em a enseada, saltaram em terra, e feitos tujupares, que são umas tendas ou choupanas de palha, pera morarem, onde agora chamam a cidade velha, ao pé de um penedo que se vai ás nuvens, chamado o Pão-de-assucar, se fortificaram com baluarte e trincheiras de madeira e

terra, o melhor que puderam, donde sahiam a fazer guerra aos barbaros, ajudando-os Deus por espaço de dous annos que alli estiveram, de modo que em encontros quasi sempre sahiam victoriosos e os feridos de mortaes feridas das frechas inimigas brevemente saravam. Outros, feridos nos peitos nús com pelouros dos arcabuzes francezes, não sentiam mais o golpe que si estiveram armados de peitos de prova, e aos pés lhes cahiam os pelouros.

Cançados já os tamoyos de tão prolixa guerra e enfados de ruins successos, porque ordinariamente em os encontros sahiam escalavrados, determinaram lançar o resto de seu poder e de sua ventura em uma batalha, industriados pelos francezes, e sem duvida a cousa ia traçada pera conseguirem seu intento. Porém a Divina Providencia se acostou á parte mais justificada.

Haviam os tamoyos ajuntado ao numero ordinario de suas canôas outras novas que chegaram a cento e oitenta, fabricadas secretamente longe do posto donde estavam os navios dos portuguezes. Toda esta armada de canôas puzeram em cilada, escondida em uma volta que fazia o mar. Daqui sahiu um pequeno numero dellas, contra as quaes mandou o general cinco das nove que trouxe de S. Vicente, porque os indios amigos, enfadados da guerra, se haviam já ido com as quatro.

Os tamoyos, não ainda bem começada a batalha, viraram as costas, que assim o haviam traçado e metteram os nossos, que atrevidamente os iam seguindo, em a cilada, donde sahiram as mais canôas inimigas e subitamente as cercaram por todas as partes. Mas nem por isso perderam o animo os portuguezes, antes resistiram valerosamente ajudados do divino favor, o qual ainda das cousas que parecem adversas sabe tirar prosperos succes-

sos, como aqui se viu que, acaso accendendo-se a polvora em uma das nossas canôas, chamuscou a alguns dos inimigos que a tinham abordada. Com o que e com a chamma que levantou a polvora se alterou tanto a mulher do general tamoyo que, dando gritos e vozes espantosas, atemorisou a todos e, sendo seu marido o primeiro que fugiu com ella, os seguiram os mais, deixando livres os nossos, os quaes, tornando ás suas fronteiras, deram graças a Deus por tão grande beneficio, e por os haver livres de perigo tão grande pela voz e assombro de uma fraca mulher, ainda que depois declararam os mesmos inimigos que não fôra por isto, sinão por haverem visto um combatente estranho, de notavel postura e belleza que, saltando atrevidamente nas suas canôas, os enchera de medo. Donde creram os portuguezes que era o bemaventurado S. Sebastião, a quem haviam tomado por padroeiro desta guerra.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

Da viagem que fez Jorge de Albuquerque de Pernambuco pera o reino e casos que nella succederam.

Não faltavam tambem neste tempo guerras em Pernambuco, porque com aquella victoria que os gentios do cabo de S. Agostinho alcançaram de Hyeronimo de Albuquerque, de que fizemos menção em o capitulo undecimo do livro precedente, ficaram tão soberbos e atrevidos que não cessavam de dar assaltos em os escravos que os portuguezes tinham em suas roças e fazendas, e principalmente em outros gentios da matta do Brasil, nossos confederados, que elles tinham por mortaes inimigos. E o mesmo faziam os do rio de São Francisco em os barcos que iam ao resgate que, si ao descoberto commerciavam e mostravam amor aos portuguezes, em secreto, si colhiam alguns descuidados, os matavam e comiam.

Soube tudo isto a rainha D. Catharina que governava o reino e não teve menos cuidado em mandar acudir a estas guerras que ás do Rio de Janeiro, mandando que logo se embarcasse Duarte de Albuquerque Coelho herdeiro daquella capitania, e a viesse soccorrer, o qual, por entender quão necessario lhe era trazer comsigo seu irmão Jorge de Albuquerque, pediu á rainha que o

mandasse, como mandou e elle obedeceu, assim por serviço da rainha e del-rei, seu neto, como por dar gosto a seu irmão e o ajudar.

E assim, tanto que chegaram a Pernambuco e tomou Duarte de Albuquerque Coelho posse da sua capitania, que foi na era de 1560, logo chamou a conselho os homens principaes do governo da terra, e se assentou entre todos que se elegesse por general da guerra Jorge de Albuquerque, o qual, aceitando o cargo, a começou logo a fazer assim aos inimigos do cabo de Santo Agostinho, sahindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando e ferindo a muitos, com que já deixavam alargar-se os brancos e viver em suas granjas, como aos do rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercicio se occupou cinco annos, soffrendo muitas fomes e sedes e não sem derramar seu sangue de muitas frechadas que os inimigos lhe deram. Até que, enfadado mais das guerras civis e dissenções dos portuguezes amigos que dest'outras, determinou ir-se outra vez para o reino e embarcar-se em uma náu nova de duzentos toneis, por nome *Santo Antonio*, que estava carregada no porto do Recife pera Lisboa, de que era mestre André Rodrigues e piloto Alvaro Marinho.

E estando carregada a náu se embarcou e partiu em uma quarta feira 16 de Maio do anno de 1563. E não era bem fóra da barra quando lhe acalmou o vento com que partiu, e se lhe tornou tão contrario que, com a corrente da maré que começava a vasar, levou a náu atravez até dar em um baixo, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, si os mares foram mais grossos e, por lhe

acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações, se salvou toda a gente e fazenda.

E nem assim descarregada poude sahir do baixo em que estava sem lhe cortarem os mastos, pelo que lhe foi forçado tornar ao porto e concertar-se e carregar de novo, no que gastou mez e meio, até 29 de Junho, dia de S. Pedro e S. Paulo, em que se tornou a embarcar com todos os da sua companhia, não sem contradicção dos amigos, que pelo principio lhe pronosticavam o ruim successo da viagem. A qual foi uma das peiores e mais perigosas que hão visto navegantes, porque, indo demandar as ilhas uma segunda feira 3 de Setembro, fazendo-se o piloto com ellas, veiu a elles uma náu de cossarios francezes, artilhada e concertada como costumam e, por a nossa ir desarmada e só com um falcão e um berço, determinaram os homens de mar a se render e entregar aos francezes.

A que acudiu Jorge de Albuquerque, dizendo que nunca Deus quizesse nem permittisse que a náu em que elle ia se rendesse sem pelejar e se defender quanto possivel fosse; por isso que trabalhassem todos de fazer o que deviam e o ajudassem a pelejar, porque, com a ajuda de Nosso Senhor, somente com o berço e falcão que tinham, esperava se defender. Mas, como a náu ia tão desapercebida de armas e os mais que nella iam fossem tão fracos de coração, não achou Jorge de Albuquerque quem o quizesse ajudar mais que sete homens que pera isso se lhe offereceram. E assim com estes somente, contra o parecer dos mais, se poz ás bombardas, arcabuzadas e frechadas com os francezes perto de tres dias, até que o mestre e o piloto, vendo o muito damno que assim a náu como a gente recebia da artilharia e arcabuzaria dos francezes e que Jorge

de Albuquerque em nem um modo determinava entregar-se, mandaram dar subitamente com as velas em baixo e começaram a bradar pelos francezes que entrassem a náu, como logo fizeram pela quadra dezasete francezes armados de armas brancas com suas espadas e broqueis e pistolas, os quaes, sem lhes responderem nem lhe poder estrovar, se asenhorearam da náu e, vendo que nella não havia mais que o berço e falcão que está dito, ficaram muito espantados e muito mais quando lhe disseram quão poucos eram os que pelejavam.

E, sendo dito ao capitão francez que Jorge de Albuquerque que fora o que fizera defender a náu todo aquelle tempo, se chegou a elle e lhe disse: Não me espanta o teu esforço, que esse tem todo o bom soldado, mas espanta-me a temeridade de quereres defender uma náu tão desapercebida com tão poucos companheiros e menos petrechos de guerra; mas não te desconsoles, que, por quão bom soldado tu és, eu te farei muito boa companhia. E assim lha fez, tanto que não queria comer sem elle vir primeiro, e o fazia assentar na cabeceira da mesa, até que um dia, rogando-lhe o capitão que a benzesse ao modo dos portuguezes, elle a benzeu com o signal da cruz, como costumamos, do que alguns dos circumstantes lutheraranos o reprehenderam e elle, reprehendido, mas não rependido, se tornou a benzer, dizendo que com aquelle signal da cruz se havia de abraçar emquanto vivesse, e nelle esperava de se salvar de todos seus inimigos. E com isto pediu ao capitão licença para não ir comer mais com elles e poder comer em sua camera o que lhe dessem e, posto que o capitão mostrou aggravar-se disto, todavia lhe deu a licença que pedia, e vinha elle algumas vezes comer com Jorge de Albuquerque.

Estando já em altura de quarenta e tres gráus, em uma quarta feira, 12 de Setembro, sobreveiu a maior tormenta de vento que nunca se viu, com que a náu chegou a ficar sem leme, sem velas, sem mastos e quasi rasa com a agua. E, vendo-se todos em tão grande perigo, ficaram assombrados e fóra de si, temendo ser esta a derradeira hora da vida e com este temor se chegaram todos a um padre da Companhia de Jesus por nome Alvaro de Lucena, que com elles ia, e a elle se confessaram e, depois de confessados e se pedirem perdão uns aos outros, se puzeram todos de joelhos pedindo a Nosso Senhor misericordia, o que tambem fizeram os francezes que ficaram dentro da nossa náu, porque a sua logo no principio da tormenta desappareceu, e pediam perdão aos portuguezes, dizendo que por seus peccados viera aquella tormenta, que rogassem a Deus por elles, que já se davam por mortos, pois a náu estava da maneira que todos viam.

Mas Jorge de Albuquerque começou em altas vozes a esforçar a uns e outros, dizendo que fizessem tambem de sua parte o remedio possivel, uns dando á bomba, outros esgotando a agua que estava no convez, porque esperava na bondade divina e intercessão da Virgem Senhora Nossa que haviam de ser livres do perigo em que estavam. Estando lhes dizendo isto, viram todos um resplendor grande no meio da grandissima escuridão com que iam, a que todos se tornaram a pôr de geolhos, encommendando-se á Virgem e pedindo a Deus misericordia, o qual foi servido de aplacar a tormenta. E logo appareceu tambem a náu franceza, tambem muito desbaratada, mas não tanto que ainda não pudesse prover est'outra assim de enxarcea e velas como de manti-

mento, o que não quizeram fazer; antes, descarregando-a de alguma fazenda que tinha em si e levando os seus francezes, se foram pera França, deixando só aos portuguezes dous saccos de biscoito podre e uma pouca de cerveja danada, ao que se ajuntou uma botija, que ainda os nossos tinham, com duas canadas de vinho, e um frasco de agua de flor, uns poucos de cocos e poucos punhados de farinha de guerra e seis tassalhos de peixe-boi, que Jorge de Albuquerque foi repartindo por trinta e tantos homens o tempo que durou a viagem. Pera a qual deu ordem com que se fizesse uma vela de alguns guardanapos e toalhas que se acharam na náu, as quaes mandou se ajuntassem a uma velinha de esquife dos francezes que ficou, e de dous remos fizeram uma verga, e sobre o pé do masto grande puzeram um pedaço de páu de duas braças em alto e, de uns pedaços de enxarcea que haviam ficado e de cordas de rede e murrões, fizeram enxarcea. O leme andava pendurado por um só ferro que lhe ficou, e lançaram-lhe umas cordas para que pudesse servir.

E com isto seguiram sua viagem, tomando a Nossa Senhora Mãi de Deus por guia, sem mais outra agulha ou astrolabio que prestasse, porque tudo lhe levaram os francezes; a qual os guiou de modo que milagrosamente se acharam defronte da sua igreja da Penna, entre as Barlengas e a serra de Cintra. Ao dia seguinte se acharam mui perto da Roca e, indo já a náu pera dar á costa, passou por elles uma caravela que ia para a Pederneira e, pedindo aos homens della que á honra da morte e paixão de Nosso Senhor os quizessem soccorrer e que lhes pagariam muito bem si os tomassem e levassem á terra, responderam que Jesu Christo lhes va-

lesse, que elles não podiam perder tempo de viagem e se foram sem alguma piedade, ou por ventura houveram medo da náu por lhes parecer phantasma, porque nunca se viu no mar cousa tão dessemelhada pera navegar como o pedaço da náu em que iam.

Porém este medo ou crueldade não tiveram outros que iam pera a Atouguia, os quaes acudiram logo aos primeiros brados (que não podiam ouvir sinão milagrosamente por estarem muito longe) e levaram a náu á toa até a pôrem em Cascaes, a horas do sol posto. Donde o infante D. Henrique, cardeal que neste tempo governava o reino de Portugal, a mandou levar pelo rio acima e pol-a defronte da igreja de S. Paulo, pera que todos que a vissem dessem muitos louvores a Deus, por livrar os que nella vinham de tantos perigos como passaram.

E assim, ainda que esta viagem pertence tanto á historia do Brasil que vou escrevendo, por ser elle o *termino a quo*, e feita e padecida por um dos capitães destas partes e natural dellas, comtudo rogo aos que lerem este capitulo que dêm ao Senhor as mesmas graças e louvores e tenham sempre em elle firme esperança, que os pode livrar de todos os perigos.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

De como o governador Men de Sá tornou ao Rio de Janeiro e fundou nelle a cidade de S. Sebastião e do mais que lá fez até tornar á Bahia.

Posto que o governador Men de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro e assim, sacudindo-se de todas as mais, aprestou uma armada e com o bispo D. Pedro Leitão, que ia visitar as capitanias do Sul, que todas em aquelle tempo eram da sua diocese e jurisdicção, e com toda a mais luzida que poude levar desta cidade se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de São Sebastião, 20 de Janeiro do anno de 1567, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os a seu poder e arrasando dous logares em que se haviam fortificado os francezes, posto que em um delles, que foi na aldêa de um indio principal chamado *Ibura-guaçú-mirim*, que quer dizer «pau grande pequeno», lhe feriram seu sobrinho Estacio de Sá de uma mortifera frechada de que depois morreu.

Socegadas as cousas da guerra, escolheu o governador sitio acommodado ao edificio de uma nova cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castellos, e a barra ou entrada do Rio com dous; chamou a cidade de S. Se-

bastião, não só por ser nome de seu rei, sinão por agradecimentos dos beneficios recebidos do santo, pois a victoria passada se ganhou dia de S. Sebastião e em este dia, dous annos antes, partiu Estacio de Sá de S. Vicente pera o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconheceram bem os portuguezes, assim em a batalha naval das canôas, como em outras occasiões de perigo.

Pelo que, ainda cm memoria da victoria das canôas, se faz todos os annos em aquella bahia defronte da cidade, no dia do glorioso S. Sebastião, uma escaramuça de canôas com grande grita dos indios, que as remam e se combatem, cousa muito para ver.

O sitio em que Men de Sá fundou a cidade de S. Sebastião foi o cume de um monte, donde facilmente se podiam defender dos inimigos; mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo val ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal e assim, sendo lá capitão-mór Affonso de Albuquerque, se achou uma manhã defronte da porta do convento do Carmo que alli está uma baleia morta, que de noite havia dado á costa. E as canôas, que vem das roças ou granjas dos moradores, alli ficam, desembarcando cada um á sua porta ou perto della com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima. Nem elles proprios lá subiram em todo o anno, e menos as mulheres, si não fôra estar lá a igreja matriz e a dos padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada pois a cidade pelo governador Men de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse officiaes e ministros da milicia, justiça e fazenda. E, porque haviam ido na armada mercadores, que entre outras mer-

cadorias levaram algumas pipas de vinho, mandou-lhes o governador que o vendessem atavernado e, pedindo elles que lhes puzesse a canada por um preço excessivo, tirou elle o capacete da cabeça com colera e disse que sim, mas que aquelle havia de ser o quartilho. E assim foi e é ainda hoje por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

Entre os primeiros francezes que vieram ao Rio de Janeiro em companhia de Nicoláu Villaganhon, de que tratamos em o capitulo oitavo deste livro, vinha um hereje calvinista chamado João Bouller, o qual fugiu pera a capitania de S. Vicente, onde os portuguezes o receberam cuidando ser catholico, e como tal o admittiam em suas conversações, por elle ser tambem na sua eloquente e universal na lingua espanhola, latina, grega, e saber alguns principios da hebréa, e versado em alguns logares da sagrada escritura, com os quaes, entendidos a seu modo, dourava as pirulas e encobria o veneno aos que o ouviam e viam morder algumas vezes na autoridade do Summo Pontifice, no uso dos sacramentos, no valor das indulgencias, e em a veneração das imagens. Comtudo não faltou quem o conhecesse (que ao lume da fé nada se esconde), e o foram denunciar ao bispo, o qual o condemnou como seus erros mereciam e sua obstinação, que nunca quiz retractar-se, pelo que o remetteu ao governador, o qual o mandou que, á vista dos outros que tinham cativos na ultima victoria, morresse a mãos de um algoz.

Achou-se alli pera o ajudar a bem morrer o padre Joseph de Ancheta, que já então era sacerdote, e o tinha ordenado o mesmo bispo D. Pedro Leitão e, posto que

no principio o achou rebelde, não premittiu a divina providencia que se perdesse aquella ovelha fóra do rebanho da igreja, sinão que o padre com suas efficazes rasões, e principalmente com a efficacia da graça, o reduzisse a ella. Ficou o padre tão contente deste ganho, e por conseguinte tão receioso de o tornar a perder que, vendo ser o algoz pouco dextro em seu officio e que se detinha em dar a morte ao réu e com isso o angustiava e o punha em perigo de renegar a verdade que já tinha confessada, reprehendeu o algoz e o industriou pera que fizesse com presteza seu officio, escolhendo antes pôr-se a si mesmo em perigo de incorrer nas penas ecclesiasticas, de que logo se absolveria, que arriscar-se aquélla alma ás penas eternas.

Casos são estes que desculpa a divina dispensação e a caridade, que é sobre toda a lei, e, sem isto, mais são pera admirar que pera imitar.

Ordenadas todas as cousas tocantes ao governo politico, povoada e fortificada a terra, a encarregou o governador a Salvador Correia da Sá, seu sobrinho, pera que a governasse e elle se tornou pera a Bahia.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

De como o governador tornou pera a Bahia e de uma náu que a ella arribou indo pera a India.

Tornando o governador Men de Sá pera a Bahia e chegando a ella, escreveu logo á rainha e ao infante cardeal D. Henrique, que governava o reino, o que tinha feito no Rio de Janeiro, pedindo em satisfação de seus serviços lhe mandasse successor, pera se poder ir pera Portugal, onde tinha sua filha D. Philippa, que depois casou com o conde de Linhares D. Fernando de Noronha. E entretanto foi continuando com seu cargo como costumava e era obrigado.

Neste tempo veiu aqui de arribada Francisco Barreto, que havia sido governador da India e ia conquistar Menomotapa, a quem o governador ajudou em tudo o que poude pera sua navegação. Ficou-lhe aqui muita gente e entre os mais um soldado homicida, que em algum tempo teve differenças com outro em Portugal; mas haviam-se depois congraciado e vinham ambos e como taes se foram uma tarde recrear ao campo, onde se lançaram á sombra de uma fresca arvore e, adormecendo o outro, o Medeiros (que assim se chamava o homicida) lhe deu uma estocada de que logo morreu.

Muito desejou Francisco Barreto castigar esta aleivosia do seu soldado, mas não poude colhel-o; porém de-

pois da sua partida o ouvidor geral Fernão da Silva o prendeu e, formado o processo, foi sentenciado á morte.

O dia que o levaram a justiçar, os mais que ficaram de Francisco Barreto tinham dado ordem que estivessem trincados os baraços para que cahisse da forca, como em effeito cahiu não só uma vez mas trez vezes, o que visto pelos irmãos da Misericordia, que o haviam acompanhado com a justiça, como é costume, requereram ao ouvidor geral que não executasse a sentença, pois assim parecia ser vontade de Deus, o que elle fez. E, tornando-o ao carcere, foi logo avisar ao governador do que havia passado, o qual, como era letrado e recto na justiça, o reprehendeu muito, dizendo que aquella piedosa opinião era, mas não tinha logar em aquelle caso, onde a verdade era sabida e a aleivosia tão notoria. Pelo que o mesmo governador uma madrugada o mandou tirar da cadeia e fazer uma forca á porta della, onde o enforcaram e não quebrou a corda.

Em estas e outras cousas semelhantes se occupava o governador na Bahia emquanto esperava successor, e as guerras não cessavam assim nas capitanias do Sul, como do Norte, segundo veremos nos capitulos seguintes.

CAPITULO DECIMO QUARTO

De como os tamoyos e francezes depois da vinda do governador foram do Cabo-Frio ao Rio de Janeiro pera tomarem uma aldeia e do que lhe succedeu.

Posto que o governador geral Men de Sá, antes que se viesse pera a Bahia, deixou limpa a do Rio de Janeiro dos inimigos tamoyos, elles se acolheram ao cabo Frio, que dista do Rio de Janeiro dezoito leguas, e alli se fizeram fortes e sahiam a dar alguns assaltos aos de S. Vicente, ajudados dos francezes, á conta de elles mesmos tambem os ajudarem a cortar páu brasil pera carregarem suas náus, que ha muito em aquelle cabo.

E a tanto chegou o seu atrevimento que, juntando a oito náus francezas as canôas que puderam, se embarcaram uns e outros e entraram pelo Rio de Janeiro, passanda á vista da cidade de S. Sebastião, foram surgir em um porto de uma aldeia que distava da cidade uma legua, a qual era dos indios confederados e amigos dos portuguezes, onde estava por principal um de grande animo e esforço, que nas guerras passadas havia feito grandes façanhas em defesa do nome christão e dos portuguezes. Seu nome brasil foi Arariboia e no baptismo se chamou Martim Affonso de Sousa, como seu padrinho o senhor de S. Vicente, que o padrinhou quando veiu á sua capitania no anno de 1530.

A este vinham os tamoyos ajudados dos francezes saltear e prender pera fazerem em sua terra um solemne banquete de suas carnes, segundo elles o mandaram por um mensageiro dizer ao capitão-mór Salvador Correia de Sá, o qual, temeroso que tomada a aldeia tornassem sobre a cidade, a fortificou muito á pressa e mandou aos moradores e soldados que estivessem em armas e, não menos solicito da saude do indio amigo, lhe mandou logo soccorro de gente portugueza, ainda que pouca, animosa e governada por Duarte Martins Mourão, seu capitão.

Avisado o valoroso indio Martim Affonso de Sousa, cercou logo a sua aldeia de trincheiras e, detendo só nella os que podiam pelejar, mandou sahir toda a gente inutil e escondel-a em parte segura, e elle com grande animo esperou os inimigos, os quaes, desembarcados em terra e a seu prometter seguros da victoria, nem uma cousa fizeram áquelle dia, dilatando a batalha para o outro seguinte. Donde os nossos que vieram de soccorro, ajudados da obscuridade da noite, puderam pôr em bom logar um falconete, que em uma grande canôa haviam trazido pera aradarem com elle os inimigos.

Esforçado mais o valoroso indio com este soccorro e animando os seus, mandou romper as trincheiras e, appelidando o nome de Jesus e de S. Sebastião, acommetter o inimigo, antes que se concertasse em esquadrões. Os indios, alentados com a voz do seu capitão e animados com o exemplo dos portuguezes, cerraram com os inimigos desconcertados, os quaes, ainda que por serem mais em numero lhes resistiram fortemente, em fim viraram as costas, não podendo soffrer a força dos portuguezes e indios confederados.

Os nossos os seguiram e com pouco damno seu fizeram grande matança, porque as náus francezas, acostando-se demasiadamente á terra, com a vasante da maré haviam ficado em secco e o falconete, chuvendo sobre ellas uma tempestade de pedras, matava e feria muitos marinheiros que nellas estavam e soldados que se embarcavam, até que, tornando a crescer a maré, se fizeram ao mar, perdidos muitos francezes e ellas maltratadas. Os barbaros destroçados com difficuldade saltaram em as canôas e, perdidos os brios e desfeitas as forças, em companhia das náus francezas tornaram pera o Cabo-Frio, e os que, carregados de armas, sahiram de sua terra ameaçando que haviam despedaçar com seus dentes a Martim Affonso, deixaram em o campo espalhados muitos dos seus, pera que com seus bicos os despedaçassem as aves.

Os francezes, reparadas suas náus e carregadas de páu se tornaram nellas a sua patria.

CAPITULO DECIMO QUINTO

Das guerras que houve neste tempo em Pernambuco.

Vendo Duarte de Albuquerque Coelho a muita gente que acudia, assim de Portugal como das outras capitanias, pera povoarem a sua de Pernambuco e fazerem nella engenhos e fazendas, e que as terras do cabo, que os gentios inimigos tinham occupadas, eram as mais ferteis e melhores, determinou de lhas fazer despejar por guerra. E pera isto fez resenha de gente que podia levar e ordenou que com a gente de Igaraçú fosse por capitão Fernão Lourenço, que era o mesmo capitão da dita villa; com a gente de Paraty Gonçalo Mendes Leitão, irmão do bispo, que então era D. Pedro Leitão, e casada com uma filha de Hyeronimo de Albuquerque; com a gente da vargea de Capiguaribe Christovão Lins, fidalgo allemão. E da gente da villa, mercadores e moradores, porque eram de diversas partes do reino, ordenou outras tres companhias, e que por capitão dos viannenses fosse João Paes, dos do Porto Bento Dias de Santiago e dos de Lisboa Gonçallo Mendes d'Elvas, mercador. Pelas quaes seis companhias iam repartidos vinte mil negros, os mais delles do gentio da matta do páu brasil, contrarios dos do cabo.

Tambem lhes mandou o capitão da ilha de Tamaracá uma companhia de trinta e cinco soldados brancos e

dous mil indios frecheiros e por capitão Pero Lopes Lobo, posto que elle os entregou a Duarte Coelho pera que os repartisse por onde visse serem necessarios, e quiz antes metter-se na companhia dos aventureiros, que era dos mancebos solteiros.

Sobre todos ia por general Duarte de Albuquerque Coelho, acompanhado de D. Philippe de Moura e Philippe Cavalcanti, genros de Hyeronimo de Albuquerque, e de outros homens nobres e honrados que todos o quizeram acompanhar; e não ficou mais na villa que Hyeronimo de Albuquerque com alguns velhos que não podiam menear as armas.

Com toda esta gente se partiu Duarte de Albuquerque Coelho e foi marchando até ás primeiras cercas dos inimigos, onde o esperaram aos primeiros encontros, e houve alguns mortos e feridos de parte a parte; mas, vendo que era impossivel resistir a tantos, se puzeram em fugida com grande pressa pera que, seguindo-os com a mesma, não tivessem os nossos logar de desmancharlhes as casas e as cercas e assim tornassem depois pelos mattos a metter-se nellas. Mas Duarte Coelho, que lhes adivinhou os pensamentos, lhes mandou queimar algumas e em outros deixou presidios com ordem que lhes arrancassem todos os mantimentos, com o que os obrigou a commetter pazes, e elle lhas outorgou com as condições que melhor lhe estiveram e repartiu as terras por pessoas que as começaram logo a lavrar, as quaes, como acharam tanto mantimento plantado, não faziam mais que comel-o e plantal-o da mesma rama e nas mesmas covas.

E com isto foram fazendo seus cannaviaes e engenhos de assucar com que enriqueceram muito, por a

terra ser fertilissima, e só um, que por isto se chamou João Paes do cabo, chegou a fazer oito engenhos, que repartiu por oito filhos que teve e coube a cada um o seu de legitima.

E, porque as terras do rio de Cirinhaen que ficam defronte da ilha de Santo Aleixo, seis leguas do cabo, eram tambem muito boas e as tinha occupadas outro gentio, contrario do que já estava sujeito e pacifico, e de lá os vinham inquietar e salteal-os, lhes mandou Duarte Coelho dizer pelos nossos linguas e interpretes que se quietassem e fossem amigos, sinão que lhe seria necessario defendel-os e tomar vingança dos aggravos e injurias que lhes faziam. Ao que elles com muita arrogancia responderam que não o haviam com os brancos nem com elle, sinão com aquelles que eram seus inimigos e contrarios antigos; mas, si os brancos queriam por elles tomar pendencias, ainda tinham braços pera se defenderem de uns e de outros.

Tornados os linguas com esta resposta, fez Duarte de Albuquerque Coelho uma junta de officiaes da camera e mais pessoas da governança, onde se julgou ser a causa bastante pera se lhes fazer guerra justa e os cativar. E com este assento se aprestou logo outro exercito, em que foi Philippe Cavalcanti, fidalgo florentino, capitão dos que foram por mar em barcos e caravelões, e Hyeronimo de Albuquerque dos que marcharam por terra, que Duarte Coelho como soldado quiz ir solto na companhia dos aventureiros. E, tanto que chegaram ás cercas e aldeias dos inimigos, tiveram grandes encontros e resistencias, porque eram muitas e, rotas umas, se acolhiam logo e se fortificavam e defendiam em outras com grande animo e coragem.

Porém, quando viram o soccorro dos barcos e que não poderam impedir-lhes o desembarcar, posto que o acommetteram animosamente, logo desconfiaram e fugiram para o sertão, levando as mulheres e filhos diante e ficando os valentes fazendo-lhes costas, que nunca as viraram aos nossos aventureiros e indios nossos amigos, que os foram seguindo muitas leguas, até chegarem a uma grande cerca onde se metteram uma tarde, apparecendo alguns pelos altos della, com tantos ralhos e mostras de se defenderem, que alli cuidaram os nossos que os tinham certos e não sabiam já quando havia de amanhecer pera abalroarem, animando-se todos uns aos outros pera a peleja. Porém pela manhã a acharam despejada, que todos haviam fugido e só sahiram de entre o matto um moço e uma moça de outro gentio, que elles tinham cativos, os quaes contaram que, no mesmo tempo que os ralhadores appareceram na fronteira da cerca, iam todos os mais secretamente fugindo pela outra parte e assim não havia pera que cançar mais em os seguir, porque iam pera mui longe e pera não mais tornarem, como de feito assim foi. E os nossos se tornaram pera onde haviam deixado os mais e os acharam arrancando e desfazendo os mantimentos dos fugidos, com o que se tornaram todos, uns por mar, outros por terra, a Olinda, com muito contentamento.

A' fama destas duas victorias ficou todo o gentio desta costa até o rio de S. Francisco tão atemorisado que se deixavam amarrar dos brancos como si foram seus carneiros e ovelhas. E assim iam em barcos por esses rios e os traziam carregados delles a vender por dous cruzados, ou mil reis cada um, que é o preço de um carneiro. Isto não faziam os que temiam a Deus, sinão os que faziam mais conta dos interesses desta vida que da

que haviam de dar a Deus. E principalmente veiu um clerigo a esta capitania, a que vulgarmente chamavam o Padre do Ouro, por elle se jactar de grande mineiro e por esta arte era mui estimado de Duarte de Albuquerque Coelho e o mandou ao sertão com trinta homens brancos e duzentos indios, que não quiz elle mais. Nem lhe eram necessarios porque, em chegando a qualquer aldeia do gentio, por grande que fosse, forte e bem povoada, depennava um frangão, ou desfolhava um ramo, e quantas pennas ou folhas lançava pera o ar tantos demonios negros vinham do inferno lançando labaredas pela bocca, com cuja vista somente ficavam os pobres gentios, machos e femeas, tremendo de pés e mãos e se acolhiam aos brancos que o padre levava comsigo, os quaes não faziam mais que amarral-os e leval-os aos barcos e aquelles idos, outros vindos, sem Duarte de Albuquerque, por mais reprehendido que foi de seu tio e de seu irmão Jorge de Albuquerque, do reino, querer nunca atalhar tão grande tyrannia, não sei si pelo que interessava nas peças que se vendiam, si porque o padre magico o tinha enfeitiçado.

E foi isto causa pera que el-rei D. Sebastião o mandasse ir pera o reino, donde passou e morreu com elle em Africa e ficou a capitania a Jorge de Albuquerque Coelho, que tambem passou com el-rei e foi cativo, ferido e aleijado de ambas as pernas; mas resgatou-se e viveu depois muitos annos, casado com a filha de D. Alvaro Coutinho de Amourol, da qual teve dous filhos, Duarte de Albuquerque Coelho e Mathias de Albuquerque, de que trataremos em o livro quinto. E o Padre do Ouro tambem foi preso em um navio pera o reino, o qual arribou ás ilhas, donde desappareceu uma noite sem mais se saber delle.

CAPITULO DECIMO SEXTO

De como vinha por governador do Brasil D. Luis Fernandes de Vasconcellos, e o mataram no mar os cossarios.

Em o anno do Senhor de 1570 vinha por governador do Brasil D. Luis Fernandes de Vasconcellos, o qual, partido em uma bôa frota, ao segundo dia que sahiu a barra de Lisboa começou a correr tormenta, que fez apartar umas náus das outras, donde uma foi encontrar com cossarios poderosos que a tomaram e mataram quarenta padres da Companhia de Jesus, que nella vinham com o padre Ignacio de Azevedo, que havia sido no Brasil seu primeiro visitador, e a toda a mais gente que a náu trazia. E D. Luis arribou destroçado da tempestade á ilha da Madeira, onde refazendo-se, sobre ter navegado de uma parte a outra mais de duas mil leguas, com immenso trabalho chegou á vista do Brasil que demandava e, sem o poder tomar, por mais que por isso trabalhou, lhe foi forçado arribar dalli á ilha Espanhola, que é das Indias de Castella, e invernar nella e arribar dalli outra vez a Portugal com a náu desbaratada da falta de tudo e, aportando assim na ilha Terceira, no porto da ilha lhe deram a nova da morte de seu filho D. Fernando, que desastradamente morreu na India a mãos de mouros.

Passado a outra náu, esperando tempo pera tornar a commetter a viagem do Brasil, partiu quando o teve, sem alguma companhia de outras náus, e encontrou na mesma semana tres náus de cossarios lutheranos, a cujas mãos, não sendo poderoso de defender-se nem se querendo render, sobre ter mui esforçadamente pelejado, foi morto na batalha.

Era D. Luis Fernandes de Vasconcellos (além de outras bôas qualidades, pelas quaes parecia digno de melhor ventura) curiosissimo da arte maritima e tão douto e diligente nella que podia competir com os mais scientes e experimentados pilotos; mas com isto infelicissimo em todas as suas viagens e navegações.

A primeira vez que houve de sahir ao mar, sendo despachado por capitão-mór da armada da India, estando já as náus carregadas e a ponto de partirem, abriu a sua capitánea uma tão grossa agua que não poude partir com as outras, mas partiu depois só e veiu invernar a esta Bahia, como dissemos no capitulo quinto deste livro. E peior foi a jornada da India pera o reino em que se perdeu com miseravelissimo naufragio, de que salvou somente a pessoa, com trinta e tantos companheiros, no batel da náu, deixando nella mais de trezentos que se afogaram, com tanta magoa de seu coração por lhes não poder valer que cobriu os olhos com uma toalha por não ver tão triste espectaculo. E, sahindo assim da náu, permittiu Nosso Senhor que visse terra em poucos dias da ilha de S. Lourenço, povoada de cruel e barbaro gentio, com que as vidas não ficavam menos arriscadas, não tendo dalli sinão muito longe outra terra, nem navio, nem mantimento; mas ordenou a divina misericordia que topasse alli acaso uma náu resgatando, na qual tor-

naram a India, onde D. Luis se embarcou em outra pera Portugal e, sobre ter peregrinado tres annos e mais, chegou ao reino sem ter de tão longa jornada, em que mettera tanto cabedal, mais que dividas e trabalhos e perigos que nella passou. E, não se cançando nem se mudando por tempo sua fortuna, sendo depois mandado por governador do Brasil lhe aconteceram os infortunios que atrás dissemos, e por fim delles a morte, que põe fim a tudo.

CAPITULO DECIMO SETIMO

Da morte do governador Men de Sá.

Neste mesmo anno em que D. Luis Fernandes de Vasconcellos foi morto em o mar a mãos de inimigos cossarios, que foi o de 1571, morreu de sua enfermidade o governador Men de Sá, que o estava esperando pera ir-se pera o reino, mas quereria Nosso Senhor leval-o pera outro reino melhor, que é do ceu, como por sua vida e morte e principalmente pela misericordia divina se póde confiar.

Foi sepultado em a capella da igreja dos padres da Companhia, que elle havia ajudado a fazer de penas das condemnações applicadas pera a obra e de outras esmolas. Fez testamento, em que instituiu universal herdeira da sua fazenda a sua filha condessa de Linhares, com esta clausula que, si morresse sem deixar filho ou filha que a herdasse, do engenho e terras que cá tinha em Serigipe ficasse a terceira parte á casa da misericordia desta cidade da Bahia, e os outros dous terços aos padres da Companhia, uma pera elles, outro pera repartirem em esmolas e dotes de orfãs.

Porém, ainda que a condessa morreu sem deixar filhos herdeiros, ella legou estes bens ao collegio dos padres da Companhia de Santo Antão de Lisboa, onde mandou fazer uma capella, e os padres de cá, não lhes

parecendo bem pôr-se á demanda com os seus, deixaram o litigio á Misericordia.

Não sómente o governador Men de Sá morreu goso de suas victorias (si ha cousa nas mundanas que na morte possa dar goso), mas tambem de outras que neste anno da sua morte, o decimo quarto do seu governo, alcançaram os catholicos contra os infieis, que foram as mais insignes de quantas no mundo se hão visto.

Uma foi a que os portuguezes alcançaram na India contra tres reis que se confederaram pera os lançarem della e pera este effeito deram todos a um tempo, o Hidalcão sobre Goa, o Nisa Maluco sobre Chaul e o de Achem sobre Malaca; mas, como em todas estas partes havia defensores portuguezes, em todas foi igual a resistencia.

Muitos foram de parecer que se largasse Chaul, porque não estava murado nem tinha gente que o pudesse defender do poder de Nisa Maluco, e pera lhe mandar soccorro de Goa seria pôrem-se a perigo de perderem uma cousa e outra. Porém o viso-rei D. Luis de Attayde, contra o parecer de todos, disse que nada havia de largar, e assim, ficando-se com só dous mil homens em Goa, mandou D. Francisco Mascaranhas a Chaul com seiscentos soldados escolhidos, fóra muitos fidalgos e capitães, dos quaes alguns aperceberam navios em que o seguiram com gente á sua custa, como foram D. Nuno Alvares Pereira, Pedro da Silva de Menezes, Nuno Velho Pereira, Ruy Pires de Tavora, João de Mendonça e outros que, não podendo haver embarcações por partirem a furto do viso-rei, se embarcaram com estes que dissemos e com outros que pelo tempo foram acudindo. E com tão pouca gente foi

Deus servido que o viso-rei vencesse em Goa o Hidalcão, o qual o teve cinco mezes em cerco com trinta e cinco mil cavallos e sessenta mil de pé, dous mil elephantes armados e duzentas peças de artilharia de campo, as mais dellas de monstruosa grandeza.

E D. Francisco Mascaranhas, com a gente que levava de soccorro e a que tinha Luis Freire de Andrade, capitão-mór de Chaul, que seriam oitocentos homens, mataram a Nisa Maluco doze mil mouros de cem mil combatentes de pé e cincoenta e cinco mil de cavallo com que teve cercado a Chaul, e o puzeram em tanta desconfiança que, a cabo de nove mezes que durou o cerco, commetteu pazes a D. Francisco Mascaranhas.

As mesmas commetteu o Hidalcão ao viso-rei e um e outro as aceitou com condições a seu gosto, muito a salvo da sua honra e del-rei. Pois o de Achem não livrou melhor que est'outros, porque, indo pera Malaca, se encontrou com Luis de Mello da Silva, que em naval batalha o venceu e o fez por então tornar frustado de seu intento.

Com esta victoria chegou o viso-rei D. Luis de Attayde ao reino a 22 de Julho do anno seguinte de 1572, por deixar já na India D. Antonio de Noronha, seu successor, e el-rei D. Sebastião foi na cidade de Lisboa dar graças a Deus no domingo seguinte, em solemne procissão da sé ao mosteiro de S. Domingos, onde se pregou e denunciou ao povo, levando á mão direita o viso-rei em precedencia de todos os principes e senhores de que foi acompanhado, grande honra, mas bem merecida e devida a tão heroicos feitos.

A outra victoria que neste anno de 1571 se alcançou foi a de D. João de Austria, general da liga christã,

o qual com Marco Antonio Colonna, general das galés do papa Pio Quinto, Sebastião Veniero, general dos venezianos, o principe Doria, o de Parma e Urbino e outros senhores que seguiram seu estandarte, em um domingo, a 7 de Outubro, em o golfo de Lepanto venceu o baxá general dos turcos, matou-o e lhe captivou dous filhos, sendo mais mortos trinta mil turcos, cativos cinco mil, tomadas duzentas e vinte galés e galeotas e libertados quinze mil escravos christãos, que vinham remando em a armada do turco; mas tambem dos nossos morreram na batalha sete mil e quinhentos soldados, em que entraram alguns capitães famosos.

Sabida a nova da perda da sua armada por Selim, imperador dos turcos, a sentiu tanto que sahiu do seu juizo, dizendo que era principio da ruina do seu imperio. Mas, sendo consolado por Luchali (Uluch Ali), que havia escapado com quinze galés e lhe mostrou o estandarde de Malta que havia tomado na batalha e, aconselhado pelos seus, mandou logo aprestar outra armada, fazendo general della o dito Luchali, o qual mui contente com o novo cargo se dava pressa em fabricar galés, fundir artilharia, fazer munições e vitualhas pera sahir o anno seguinte.

O que sabido pelo Summo Pontifice tornou a tratar com os principes christãos de nova liga, pedindo tambem a el-rei de Portugal D. Sebastião quizesse entrar nella e juntamente quizesse aceitar o casamento de Margarita, filha de el-rei Henrique de França, em que já lhe haviam falado e elle não quizera. O qual, sabendo que o dito rei de França se excusava da liga contra o turco, respondeu que aceitava o casamento e não queria mais dote com ella sinão que entrasse seu

pai na dita liga. E elle mesmo se offerecia que pelo mar Roxo e Persico molestaria o Gran-Turco com suas armadas em aquelle tempo victoriosas e nisso trabalharia com todo o seu poder e forças.

Tão zeloso era el-rei D. Sebastião da honra de Deus e de guerrear por ella contra os infieis, que só por isto aceitava o casamento (a que não era afeiçoado) e não queria outro dote. Mas, não se concluindo este matrimonio, que tantos males e desaventuras podera escusar, casou com ella Henrique de Bourbon, duque de Vandoma e principe de Biarne, e el-rei D. Sebastião continuou com suas guerras, que era o que desejava sobre todas as cousas da vida, até que nellas a perdeu.

CAPITULO DECIMO OITAVO

De como El-Rei D. Sebastião mandou Christovão de Barros por capitão-mór a governar o Rio de Janeiro.

El-rei D. Sebastião, depois que começou a governar por si o reino, como era tão solicito de conquistas (que prouvera a Deus não fôra tanto), sabendo da que se fazia no Rio de Janeiro, mandou a elle por capitão mór e governador a Christovão de Barros, o qual era filho bastardo de Antonio Cardoso de Barros, primeiro provedor-mór da fazenda del-rei no Brasil, que, tornando-se pera o reino em companhia do primeiro bispo, dando a náu á costa junto ao rio de S. Francisco, foi morto e comido do gentio, como já dissemos em o capitulo terceiro deste livro.

Era Christovão de Barros homem sagaz e prudente e bem afortunado em as guerras, e assim, depois que chegou ao Rio de Janeiro, em todas as que teve com os tamoyos ficou victorioso e pacificou de modo o reconcavo e rios daquella bahia que, tornados os ferros das lanças em fouces e as espadas em machados e enxadas, tratavam os homens já somente de fazer suas lavouras e fazendas, e elle fez tambem um engenho de assucar junto a um rio chamado Magé, onde se faz uma pescaria de fataças e chama-se piraiqué, que quer dizer «entrada de peixe», tão notavel que não é bem passal-a em silencio.

E' este rio de agua doce, mas entra por elle a maré uma legua pouco mais ou menos. Nas aguas vivas do mez de Junho, que é alli a força do inverno, entram por elle tantas fataças ou corimãs (como os indios brasis lhes chamam), que pera as poderem vencer se juntam duzentas canôas de gente e, lançando muito barbasco machucado arriba donde chega a maré, quando está preamar se tapa a boca ou barra do rio com uma rede dobrada. Vai o peixe a sahir com a vasante, não pode com a rede, nem menos esconder-se em o fundo, porque a agua o embasbaca e embebeda de maneira que, viradas de barriga, as fataças andam sobre ella meias mortas, donde com um redofolles as tiram como colhér de caldeira, aos pares, até encher as canôas. Sahem-se logo fóra e, cortadas as cabeças, lhes escallam os corpos e salgados os põem a seccar em os penedos, que ha alli muitos; e das cabeças cosidas fazem azeite pera se alumiarem todo o anno.

Nas aguas seguintes de Julho se faz outra piraiqué ou pescaria da mesma maneira que a passada, mas não são já tão gordas as fataças, porque estão todas ovadas de ovas grandes e saborosas, as quaes salgam, prensam e seccam para comerem e levarem a vender á Bahia e a outras partes.

Contei isto porque esta pescaria se faz em aquelle rio de Magé, onde Christovão de Barros fez o seu engenho, e no seu tempo e ainda depois alguns annos se mandava lançar publico pregão na cidade do dia em que se havia de fazer a pescaria, pera que fossem a ella todos os que quizessem e poucos deixavam de ir, assim pelo proveito como pela recreação.

CAPITULO DECIMO NONO

Do quarto governador do Brasil Luis de Brito de Almeida e de sua ida ao rio Real.

Sabida no reino a nova da morte de Luis Fernandes de Vasconcellos, que os cossarios mataram no mar vindo governar o Brasil, mandou logo el-rei por governador a Luis de Brito de Almeida, que havia sido escrivão da Misericordia em um anno de muita peste em Lisboa e, desamparando o provedor e irmãos o hospital com temor do mal contagioso, elle assistiu sempre, provendo-os de todo o necessario pera sua cura. Pelo que el-rei lhe encarregou este governo, no qual, depois de chegar e prover nas cousas da paz, que por morte de seu antecessor achou desordenadas, começou a entender nas da guerra.

E a primeira a que acudiu foi a lançar os gentios inimigos do rio Real e povoal-o como el-rei lhe havia mandado, pelas boas informações que delle tinha e o mesmo nome de rio Real está publicando e promettendo.

Este rio está em doze gráus, tem de bocca meia legua, em a qual ha dous canaes e por qualquer delles entram navios da costa de cincoenta toneladas. Da barra pera dentro é o rio mui fundo e faz uma bahia de mais de uma legua, onde ha grandes pescarias de peixes-bois e de toda a mais sorte de peixe.

Entra a maré por elle sete ou oito leguas. Do salgado pera cima é a terra muito boa pera cannas de de assucar e outras plantas; tem muito páu brasil e por todas estas cousas a mandava el-rei povoar; porém, como havia alli gentio contrario, foi primeiro o governador pera a fazer despejar com muitos moradores da Bahia, uns por terra, outros nos barcos em que iam os mantimentos, e alcançou victoria de um grande principal chamado Soroby, queimando-lhe as aldeias, matando e cativando a muitas. E, porque outro chamado Aperipé lhe fugiu com a sua gente, o seguiu cincoenta leguas pelo sertão sem lhe poder dar alcance, onde achou duas lagôas notaveis, uma de quinhentas braças de comprido e cento de largo, cuja agua é mais salgada que a do mar e toda cercada de perrexil, outra pegada a esta, de mais de seiscentas braças de largo, de agua muito doce. Ambas têm muito peixe e o governador mandou pescar muito, com que se tornou pera a Bahia, encarregando a povoação a Garcia d'Avila, que tinha sua casa, fazenda e muitos curraes dalli a doze ou treze leguas no rio de Tatuapará, o qual a começou, mas nunca se acabou de povoar sinão de curraes de gado.

CAPITULO VIGESIMO

Das entradas que neste tempo se fizeram pelo sertão.

Não ficaram pouco pesarosos os moradores da Bahia que acompanharam o governador ao rio Real, por não acharem o gentio que buscavam pera o cativarem e se servirem delle, como aquelles a quem havia levado mais esta cobiça que o zelo da nova povoação que el-rei pertendia se fizesse. Mas ainda se ajudaram do successo pera seu intento, dizendo ao governador que, pois as guerras afugentavam os gentios, como se vira nesta e nas que seu antecessor lhes havia feitas, com que os fez afastar do mar mais de sessenta leguas, seria melhor trazel-os por paz e por persuasão de mamalucos, que por lhes saberem a lingua e pelo parentesco que com elles tinham (porque mamalucos chamamos mestiços, que são filhos de brancos e de indias), os trariam mais facilmente que per armas.

Por estas razões, ou por comprazer aos supplicantes, deu o governador as licenças que lhe pediram pera mandarem ao sertão descer indios por meio dos mamalucos, os quaes não iam tão confiados na eloquencia que não levassem muitos soldados brancos e indios confederados e amigos, com suas frechas e armas, com as quaes, quando não queriam por paz e por vontade, os traziam por guerra e por força. Mas ordinariamente

bastava a lingua do parente mamaluco, que lhes representava a fartura do peixe e mariscos do mar de que lá careciam, a liberdade de que haviam de gosar, a qual não teriam si os trouxessem por guerra.

Com estes enganos e com algumas dadivas de roupas e ferramentas que davam aos principaes e resgates que lhes davam pelos que tinham presos em cordas pera os comerem, abalavam aldeias inteiras e em chegando á vista do mar, apartavam os filhos dos pais, os irmãos dos irmãos e ainda ás vezes a mulher do marido, levando uns o capitão mamaluco, outros os soldados, outros os armadores, outros os que impetraram a licença, outros quem lha concedeu, e todos se serviam delles em suas fazendas e alguns os vendiam, porém com declaração que eram indios de consciencia e que lhes não vendiam sinão o serviço, e quem os comprava, pela primeira culpa ou fugida que faziam, os ferrava na face, dizendo que lhe custaram seu dinheiro e eram seus cativos. Quebravam os pregadores os pulpitos sobre isto, mas era como si pregassem em deserto.

Entre estas entradas no sertão fez uma Antonio Dias Adorno, ao qual encommmendou o governador que trabalhasse por descobrir algumas minas, o qual entrou pelo rio das Contas, que é da capitania dos Ilhéus, e, seguindo a sua corrente que vem de mui longe, rodeou grande parte do sertão, onde achou esmeraldas e outras pedras preciosas, de que trouxe as amostras e o governador as mandou ao reino onde, examinadas pelos lapidarios, as acharam muito boas. Mas nem por isso se mandou mais a ellas, signal que haviam lá ido mais a buscar peças que pedras, e assim trouxeram sete mil almas dos gentios topiguaens, sem trazerem algum manti-

mento que comessem, em duzentas leguas, que caminharam muito devagar por virem muitas mulheres e crianças e muitos velhos e velhas, sustentando-se só de frutas agrestes, caça e mel, mas isto em tanta abundancia que nunca se sentiu fome, antes chegaram todos gordos e valentes. Donde se collige quão fertil é aquelle sertão e pelo conseguinte com quanta facilidade se pudera tornar em busca das pedras preciosas já descobertas e descobrir outras.

Tambem mandou o mesmo governador um Sebastião Alvares ao rio de S. Francisco com officiaes e tudo o mais necessario pera fazer uma embarcação em que por elle navegassem em descobrir algumas minas, e pera isso escreveu a um grande principal do sertão chamado Porquinho que o ajudasse com gente e tudo o mais que pudesse, e lhe mandou um vestido de escarlata e uma vara de meirinho pera trazer na mão.

Levou este recado um Diogo de Crasto, que já havia estado em sua casa e sabia bem falar-lhe a lingua, e outro grande lingua, que havia sido irmão da Companhia, chamado Jorge Velho.

Estimou muito o Porquinho ver o caso que delle fazia o governador e nunca jámais faltou em quanto os brancos o occuparam, e assim poz com sua ajuda o capitão a embarcação em boa altura e a fez em parage donde o rio era todo navegavel, porque dalli pera baixo lhe ficava já a cachoeira e o sumidouro, quando lhe chegou uma carta do governador Lourenço da Veiga, que succedeu a Luis de Brito, em que mandava que logo lhe viesse dar conta da fazenda de el-rei que levara. Obedeceu o homem e, posto que depois tornou, não achou já os seus, que se haviam mettido com outros de Pernam-

buco a descer gentio, como elle tambem fez e todos lá acabaram.

Não só da Bahia, mas tambem dos Ilhéus e de Pernambuco, se fizeram neste tempo outras entradas.

Dos Ilhéus foi Luis Alvares Espinha com pretexto de fazer guerra a certas aldeias dahi a trinta leguas, por haverem em ellas mortos alguns brancos, porém não se contentou com lha fazer e cativar todos aquelles aldeãos, sinão que passou adiante e desceu infinito gentio.

De Pernambuco foram Francisco de Caldas, que serviu de provedor da fazenda, e Gaspar Dias de Taide com muitos soldados ao rio de S. Francisco e, ajudando-se do Braço de Peixe, que era um grande principal dos tobajares, e da sua gente, que era muito esforçada e guerreira, entraram muitas leguas pelo sertão, matando os que resistiam e cativando os mais.

Tornando-se depois pera o mar com sete mil cativos, determinaram pagar ao Braço com o levarem tambem amarrado e a todos os seus, porém elle os entendeu e, não deixando de os servir com mantimentos das suas roças e caça do matto, pera o que lhes deu duzentos caçadores pera assegurar mais a sua caça, e depois que os teve seguros, que nem se vigiavam nem lhes parecia haver pera que, mandou chamar outro principal seu parente, chamado Assento de Passaro, que viesse com os frecheiros da sua aldeia e avisou os seus caçadores, que estavam entre os brancos, estivessem alerta na madrugada seguinte, pera, quando ouvissem o seu urro costumado, darem juntamente nos nossos e lhes não escapar algum com vida. E assi foi que, achando-os dormindo mui descuidados, subitamente os acommetteram com tanto impeto que não lhes deram logar a tomar

armas nem a fugir e os mataram todos e, soltos os outros gentios cativos, depois que ajudaram a sua liberdade, comendo a carne de seus senhores, os deixaram tornar pera suas terras, ou pera onde quizeram. Só escapou dos nossos um mamaluco que uma moça, irmã do principal Assento de Passaro, escondeu.

Este levou a nova aos barcos que estavam no porto esperando e depois nelles a Olinda, onde foi muito sentida de todos, pranteando as viuvas seus maridos e os filhos seus pais que alli morreram. Nem parou aqui o mal, sinão que os homicidas, temendo-se que os brancos fossem tomar vingança destas mortes, sendo tobajares e contrarios dos potiguares, se foram metter com elles na Parahiba e se fizeram seus amigos pera os ajudarem em as guerras, que nos faziam, como adiante veremos.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

Das differenças que o governador e o bispo tiveram sobre um preso que se acolheu á igreja.

Por morte do bispo D. Pedro Leitão veiu o bispo D. Antonio Barreiros, que havia sido D. Prior de Aviz, a governar este bispado do Brasil. Era homem benigno, esmoler e dotado de muitas virtudes; mas não era chegado de muitos dias, quando se offereceu uma occasião de differenças e desgostos entre elle e o governador Luis de Brito. A occasião foi esta:

Havia nesta terra um homem, aliás honrado e rico, chamado Sebastião da Ponte, mas cruel em alguns castigos que dava a seus servos, fossem brancos ou negros. Entre outros chegou a ferrar um homem branco em um espadua com o ferro das vaccas, depois de bem açoutado. Sentido o homem disto, se embarcou e foi pera Lisboa, onde, esperando uma manhã a el-rei, quando ia pera a capella, deixou cahir a capa que só levava sobre os hombros e lhe mostrou o ferrete, pedindo-lhe justiça com muitas lagrimas.

Informado el-rei do caso, escreveu ao governador mandasse preso e a bom recado ao reino o dito Sebastião da Ponte.

Teve elle noticia disto e acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o réu então morava. Demais disto chamou-se ás ordens, dizendo que tinha as menores, e andava com habito e tonsura porque não era casado, pelas quaes ra-

sões deprecou o bispo ao governador não o prendesse. Mas não lhe valeu. Começou logo a preceder a censuras e finalmente chegou o negocio a tanto que houveram de vir ás armas, correndo com ellas o povo nescio e inconstante já ao bispo com o temor das censuras, já ao governador com o temor da pena capital que ao som da caixa se publicava e, o que mais era, que, ainda de todos acostados ao governador seus proprios filhos, que estudavam pera se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus pais se acostavam ao bispo e a seus clerigos e familiares.

Porém emfim jussio regis urgebat; e se mandou o preso ao reino, como el-rei o mandava, onde foi mettido na prisão do Limoeiro, e nella acabou como suas culpas mereciam.

Tambem neste tempo deu a náu *Santa Clara,* indo pera a India, á costa no rio Arambepe, á meia noite, dando por cima de uma lagea, a um tiro de falcão do recife e se perderam mais de tresentos homens, que nella iam com o capitão Luis de Andrade.

Dista o rio donde a náu se perdeu cinco ou seis leguas desta cidade e assim acudiu logo lá muita gente, e se tirou do fundo do mar muito dinheiro de mergulho, de que se pagaram per si os buzios e nadadores e muitos que nada nadaram. A isto acudiu o bispo com a excommunhão da bulla da Ceia contra os que tomam os bens dos naufragios. Não sei si aproveitou alguma cousa; só sei que ouvi dizer a um dalli a muitos annos que aquelle fôra o tempo dourado pera esta Bahia pelo muito dinheiro que então nella corria e muitos indios que desceram do sertão, e bem dizia dourado, e não de ouro, porque para este outras cousas se requeriam.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

Do principio da rebellião e guerras do gentio da Parahiba.

O rio da Parahiba, que nas cartas de marear se chama de S. Domingos, está em seis gráus e tres quartos. A bocca da abra que o rio faz tem de largo uma legua e o canal que vai pelo meio, que é o que chamam barra, tem um quarto de legua e todo o mais de uma parte e outra é muito esparcellado. O fundo é de areia limpa, e assim é muito maior porto e capaz de maiores embarcações que o de Pernambuco, do qual dista vinte e duas leguas de costa pera a banda do Norte.

Pelo rio acima uma legua tem uma ilha formosa de arvoredo de uma legua de comprido e um terço de largo, defronte da qual está o surgidouro das náus, capaz de grande quantidade dellas e abrigado de todos os ventos, e chega ainda a maré pelo rio acima cinco leguas, por onde podem navegar grandes caravelões. Tem uma varzea de mais de quatorze leguas de comprido e de largo duas mil braças, toda retalhada de esteiros e rios caudaes de agua doce, que já hoje está toda povoada de cannas de assucar e engenhos, pera os quaes dão os mangues do salgado lenha pera se cozer o assucar e pera cinza da decoada em que se limpa.

Em este rio entravam mais de vinte náus francezas todos os annos a carregar de páu brasil, com ajuda

que lhes davam os gentios potiguares, que senhoreavam toda aquella terra da Parahiba até o Maranhão, algumas quatrocentas leguas. E assim ajudavam os portuguezes visinhos das capitanias de Tamaracá e Pernambuco, depois que tiveram pazes, como fica dito no capitulo decimo segundo do livro segundo, mas tantas vexações e perrarias lhe fizeram que se tornaram a rebellar.

Uma só contarei, que foi como disposição ultima e occasião propinqua desta rebellião. E foi que, entre outros mamalucos que andavam pelas aldêas suas resgatando peças cativas e outras cousas, e debaixo disto roubando-os com violencia e enganos, houve um natural de Pernambuco, o qual, posto que era filho de um homem honrado, tirou mais a ralé da mãi que do pai. Este, indo a uma aldeia da Copahoba com seus resgates, se agasalhou em um rancho de um principal grande chamado Iniguaçú, que quer dizer «rede grande», e se namorou de uma filha sua, moça de quinze annos, dizendo que queria casar ou amancebar-se com ella pera ficar entre elles e não vir mais pera os brancos, no que ella consentiu e o pai tambem, entendendo que cumpriria o noivo a condição promettida. Porém, indo a uma caça que durou alguns dias, quando tornou não achou o genro nem a filha, porque se haviam ido pera Pernambuco.

Sentiu-o muito e mandou logo dous filhos seus em busca da irmã, os quaes, porque o mamaluco lha não quiz dar, se foram queixar a Antonio Salema, que estava por correição em Pernambuco, posto que já de partida pera a Bahia, e elle mandou logo notificar o pai do querellado que trouxesse a moça, como trouxe, e a entregou aos irmãos, passando-lhes uma provisão pera que ninguem

lhes impedisse o caminho ou lhes fizesse algum aggravo, antes lhes dessem os brancos por onde passassem todo o favor e ajuda pera o seguirem, avisando-os que não consentissem mamalucos em suas aldeias. E assim o avisou ao capitão-mór da ilha Affonso Rodrigues Bacellar que não consentisse em ir ao sertão semelhante gente.

Foram os negros mui contentes com sua irmã e mais depois que viram o bom agasalhado que pelo caminho lhes faziam os brancos, obedecendo á provisão que levavam, até que chegaram á casa de um Diogo Dias, que era o derradeiro que estava nas fronteiras da capitania de Tamaracá, o qual os recebeu com muitas mostras de amor e muito mais á irmã, que mandou recolher com outras moças de camera, sem mais a querer dar aos portadores nem a outros que o pai mandou depois que soube, pedindo-lhe que lhe mandasse sua filha e, quando não quizesse, a fossem pedir ao dito capitão-mór da ilha, como foram e nem uma cousa aproveitou, porque o capitão era amigo de Diogo Dias e dissimulou com o caso.

Espalhada esta nova pelos gentios das aldeias, quizeram logo tomar vingança em os regatões que nellas estavam e tomar-lhes os resgates; mas o principal aggravado lhes foi á mão, dizendo que aquelles não tinham culpa e não era razão pagassem os justos pelos peccadores e sómente os fez sahir das aldeias e ir pera suas casas, como o corregedor Antonio Salema havia mandado.

Tão bem intencionado era este negro e affecto aos portuguezes que nem ainda de seu offensor tomara vingança, si não fôra atiçado por outros potiguares, principalmente pelos da beira-mar, com os quaes communicavam os francezes e pera o seu commercio do páu

brasil lhes importava muito ter liança com estoutros da serra.

E, como nesta conjuncção estavam tres náus francezas á carga na bahia da Traição e o capitão-mór da ilha de Tamaracá havia dado um assalto, que matou alguns francezes e lhes queimou muito páu que tinham feito, no qual assalto se havia tambem achado Diogo Dias, tantas cousas disseram ao bom Rede-Grande que veiu a consentir que dessem em sua casa e fazenda, que era um engenho que havia começado no rio Taracunhaen. E, porque sabiam que o homem tinha muita gente e escravos e uma cerca mui grande feita com uma casa forte dentro, em que tinha algumas peças de artilharia, se concertaram que elle viria com todo o gentio da serra por uma parte, e o Tujucopapo, que era o maior principal da ribeira, com os seus e com os francezes por outra, e assim como o disseram o fizeram. E, com serem infinitos em numero, ainda usaram de uma grande astucia, que não remetteram todos á cerca nem se descobriram, sinão sómente alguns e ainda estes, começando os nossos a feril-os de dentro com frechas e pelouros, se foram retirando como que fugiam. O que visto por Diogo Dias se poz a cavallo e, sahindo da cerca com os seus escravos, foi em seu seguimento; mas, tanto que o viram fóra, rebentaram os mais da cilada com um urro que atroava a terra e o cercaram de modo que, não podendo recolher-se á sua cerca, foi alli morto com todos os seus e a cerca entrada, onde não deixaram branco nem negro, grande nem pequeno, macho nem femea que não matassem e esquartejassem.

Foi esta guerra dos potiguares, governando o Brasil Luis de Brito, em a era de 1574, e della se seguiram tantas que duraram vinte e cinco annos.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

De como dividiu el-rei o governo do Brasil mandando o doutor Antonio Salema governar o Rio de Janeiro com o Porto-Seguro e mais capitanias do Sul, e o governador Luis de Brito com a Bahia e as outras do Norte e que fosse conquistar a Parahiba.

Informado el-rei D. Sebastião de todo o conteúdo no capitulo precedente e receioso de se os francezes situarem no rio da Parahiba, mandou ao governador Luis de Brito de Almeida o fosse ver e eleger sitio pera uma forte povoação, donde se pudessem defender delles e dos potiguares. E, para que melhor o pudesse fazer e sem que sentissem sua falta as capitanias do Sul, de Porto-Seguro para baixo encarregou o governo dellas ao doutor Antonio Salema, que havia estado em Pernambuco com alçada e então estava na Bahia, donde se partiu em o anno do Senhor de 1575. E foi bem recebido no Rio de Janeiro, assim pelo capitão-mór Christovão de Barros como de todos os mais portuguezes e indios principaes, que o visitaram, sendo o primeiro e principalissimo Martim Affonso de Sousa, Arariboia, de quem tratamos no capitulo decimo quarto deste livro. Ao qual, como o governador désse cadeira e elle, em se assentando, cavalgasse uma perna sobre a outra segundo o seu costume, mandou-lhe dizer o governa-

dor pelo interprete que alli tinha que não era aquella boa cortezia quando falava com um governador, que representava a pessoa de el-rei.

Respondeu o indio de repente, não sem colera e arrogancia, dizendo-lhe: «Si tu souberas quão cançadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a el-rei, não estranharas dar-lhe agora este pequeno descanço; mas, já que me achas pouco cortezão, eu me vou pera minha aldeia, onde nós não curamos desses pontos e não tornarei mais á tua côrte.» Porém nunca deixou de se achar com os seus em todas as occasiões que o occupou.

Depois que o governador esteve alguns dias em terra compondo e ordenando as cousas della e da justiça, como bom letrado que era, foi informado que no cabo Frio estavam muitas náus francezas resgatando com o gentio e que todos os annos alli vinham carregar de páu brasil. Pelo que determinou logo lançal-os fóra e pera isto se ajuntou com Christovão de Barros e com quatrocentos portuguezes e setecentos gentios amigos, commetteram animosamente os francezes e, posto que os acharam já fortificados com os tamoyos e se defenderam com muito animo, todavia apertaram tanto com elles que tiveram por seu bem entregar-se, e os tamoyos que escaparam, com espanto do que tinham visto, se afastaram de toda aquella costa. Mas os cativos que quizeram receber a fé poz o governador Antonio Salema em duas aldeias no reconcavo do Rio de Janeiro, a que chamaram uma de S. Barnabé e outra de S. Lourenço, e se encommendaram aos padres da Companhia, pera que como aos outros catecumenos lhe ensinassem o ministerio de nossa fé.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como o governador Luis de Brito mandou o ouvidor geral Fernão da Silva á conquista da Parahiba, e depois ia elle mesmo e não poude chegar com ventos contrarios.

Por não poder o governador Luis de Brito de Almeida ir logo á conquista da Parahiba, que el-rei lhe encommendou, a encarregou ao doutor Fernão da Silva, ouvidor geral e provedor-mór deste estado, que em aquella occasião ia por correição a Pernambuco, o qual, com todo o poder de gente de pé e de cavallo e indios que de Pernambuco e Tamaracá poude levar, foi a ver o sitio e castigar os potiguares rebellados. Os quaes, como o viram ir tão poderoso, não ousaram esperal-o, nem elle os correu mais que até á bocca do dito rio, onde tomou delle posse em nome de el-rei com muita solemnidade de actos que mandou fazer muito bem notados e com este feito se tornou mui satisfeito a Pernambuco e dahi, depois de concluidos os negocios de seu officio, outra vez pera a Bahia. Porém os Potiguares, que nem uma cousa entendem de actos nem termos judiciaes nem se lhes dá delles, como não viram pelouros nem quem lhos tirasse, se tornaram a senhorear da terra como de antes e com mais animo e coragem.

Neste interim se havia concertado Boaventura Dias, filho de Diogo Dias, com um Miguel de Barros, de

Pernambuco, homem rico e que tinha muito gentio da terra, pera fazerem um engenho de assucar em Guiana, no sitio em que depois o teve Antonio Cavalcanti, e pera bem o poderem fazer e defender fizeram uma casa forte de madeira de taipa e mão dobrada, donde, com os arcabuzes que os brancos dentro tinham e o seu gentio com arcos e frechas, se defenderam de alguns assaltos, que os potiguares lhe deram e cerco em que os puzeram. Porém um dia advertiram que a loja da casa estava aberta por uma parte onde lhes não haviam feito taipa e, emquanto uns pelejavam, outros secretamente metteram por alli muita palha secca e lhes puzeram fogo, o qual se começou logo a atear nas traves e taboas do sobrado, sem que os de riba vissem mais que a fumaça que os cegava, sem saberem donde vinha. E indo duas mulheres abrir um alçapão pera verem o que era, subiu incontinente tão grande labareda que as abrasou, o que visto pelos homens e como toda a casa estava cercada de inimigo, determinaram sahir a campo e vender bem suas vidas, como fizeram, matando primeiro a muitos antes que delles fossem mortos e, como o numero era tão grande, foram vencidos e mortos.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

De uma entrada que nesse tempo se fez de Pernambuco ao sertão.

Em era do Senhor de 1578, em que Lourenço da Veiga governava este estado, se ordenou em Pernambuco uma entrada pera o sertão em que foi por capitão Francisco Barbosa da Silva em um caravelão até ao rio de S. Francisco e, por ser a gente muita e não caber na embarcação, foram setenta homens por terra, levando por seu cabo a Diogo de Crasto, que falava bem a lingua da terra e havia já ido da Bahia a outras entradas.

Estes, havendo passado o rio Formoso, foram commettidos de um bando de porcos montezes, com tanta furia e rugido de dentes que os poz em pavor; mas, como tinham as espingardas carregadas, descarregaram-nas nelles e os fizeram voltar, ficando sete mortos que foram bons pera a matolotagem.

Dahi a nove dias, chegando á Lagoa, viram estar uma náu franceza surta tres leguas ao mar, pera o rio de S. Miguel, da qual se haviam desembarcado dez francezes e estavam em uma tranqueira contratando com alguns gentios. Deram os nossos sobre elles de madrugada quando dormiam, mataram nove, ficando só um defendendo-se tão valorosamente com uma alabarda que,

com estar já com uma perna cortada, ainda antes que o matassem matou um soldado nosso chamado Pedro da Costa.

Os indios que com elles estavam eram poucos e, dizendo-lhes Diogo de Crasto que os não buscavam, sinão aos francezes, se foram sem fazer alguma resistencia e os nossos seguiram seu caminho até o desembarcadouro do rio de S. Francisco, onde foi aportar o caravelão com o seu capitão e os mais que levava. E dalli, por não terem indios que lhes carregassem os mantimentos e resgates, os mandaram pedir ao principal chamado Porquinho e a outro seu contrario chamado o Seta, pera que, si um os não désse, os désse o outro, e elles foram tão obedientes que de ambas as partes vieram. E assim pera os contentar se foi o capitão com os do Seta e Diogo de Crasto com os do Porquinho.

O Seta, depois de ter o capitão em casa, lhe commetteu que lhe queria vender uma aldeia de contrarios que tinha dalli a nove ou dez leguas, que fosse com elle e lha entregaria. Aceitou o capitão o partido e, deixando em guarda do fato um Diogo Martins Leão com doze homens, se foi com os mais onde o Seta os levava.

Dos que ficaram com o Leão foram cinco pelas aldeias visinhas a buscar de comer, porque os gentios dellas se publicavam amigos; mas elles os mataram sem lhes haverem dado pera isso occasião alguma e logo se foram á casa onde Diogo Martins Leão havia ficado com os mais pera os matarem todos e lhes tomarem os resgates, os quaes, entendendo a determinação com que iam, carregaram á pressa as espingardas e começaram a se defender valerosamente.

Logo escreveu Diogo Martins uma carta a Diogo de Crasto que o soccorresse e lha mandou por um cigano, a qual vista e o perigo e aperto em que ficavam, deu cópia della ao Porquinho, que logo se pôz a prégar que sempre fôra amigo dos brancos e o havia de ser até a morte, pois elles lhes levavam as ferramentas com que faziam suas roças e sementeiras e outras cousas boas de que eram senhores; que se fizessem prestes pera os irem soccorrer, porque elle se punha já ao caminho. Como de feito se pôz e dentro de vinte e quatro horas se achou junto aos cercados com mil e quinhentos indios, em companhia de Diogo de Crasto e de mais oito homens brancos, os quaes, repartidos todos em duas mangas, feito o signal com uma corneta, deram subitamente no inimigo com tanto impeto que não lhes puderam resistir e se puzeram em fugida, mas, como os tinham cercados com as mangas, iam lhes dar nas mãos e foram mortos mais de seiscentos.

Era isto antemanhã e como amanheceu, depois de se saudarem e renderem as graças os que ficaram livres do cerco, lhes perguntou si sabia o capitão daquella rebellião do gentio e, por lhe dizerem que não, lhe escreveu dous escritos do que havia passado e que logo se tornasse com boa ordem e vigilancia até se juntarem com elle, que tambem o ia buscar, porque entre tantos inimigos não convinha andarem espalhados.

Um destes escritos levava um mamaluco, que não chegou, porque os inimigos o mataram no caminho; o outro levou um indio que chegou. O qual visto pelo capitão, dissimulou o temor e alvoroço que com elle recebeu e disse ao Seta e aos mais que os acompanhavam que era necessario tornar atraz a soccorrer os

brancos que o Porquinho tinha posto em cerco e com isto fez volta até um rio que distava dalli quatro leguas, onde os rebeldes o estavam já aguardando em cilada e, rebentando della, se travou entre todos uma briga que durou até a noite. E tornando pela manhã a continual-a, chegaram Diogo de Crasto e o Porquinho, com cujo soccorro se animou mais o capitão e, combatendo-os uns por detrás, outros por diante, mataram mais de quinhentos.

Alli tomaram conselho e assentaram que os acabassem de uma vez e fossem a uma cerca forte e grande, onde se haviam acolhido, dalli a doze leguas, no alto de uma serra.

Começaram a marchar e no segundo dia chegaram a um rio que manava de um penedo, onde acharam morto e com os braços cortados e as pernas o mamaluco que haviam mandado com o escrito ao capitão. Dalli mandaram um branco com dous negros por espias, que se encontraram com outros dous dos inimigos. Um mataram e trouxeram o outro vivo, do qual souberam que a cerca distava dalli duas leguas e que estavam nella quarenta e tres principaes nomeados com toda a sua gente, mulheres e filhos.

Chegados os nossos á vista, não a quizeram os brancos dar de si, sinão só os do Porquinho, que já a este tempo eram vindos das suas aldeias mais de dous mil, os quaes, vistos pelos da cerca, sahiram a elles outros tantos e, fingindo os do Porquinho, depois de haverem bem batalhado, que lhes fugiam, se foram retirando até os afastar um bom espaço da cerca e então sahiu o nosso capitão com os brancos, dando-lhe sua surriada de pelouros pelas costas e voltaram os da retirada com

outra de frechas, onde, tomando-os em meio, tresentos e os mais sem poderem tornar á cerca, se acolheram pera os mattos.

A cerca tinha tres mil e duzentas e trinta e seis braças em circuito e lançava um braço até a agua de que bebiam. Esta lhe determinaram os nossos tomar primeiro e, posto que os de dentro a defenderam com muito esforço seis dias, comtudo no setimo foi rendida, com o que começaram a morrer de sede e a commetter muitos partidos e o ultimo foi que entregariam uma aldeia de seus contrarios, si os brancos fossem com elles a tomar a entrega, como foram. E, entrando na aldeia, começaram a prégar que elles os tinham vendido por serem seus inimigos e ainda lhe faziam muita mercê em não os matarem nem os venderem a outros gentios que os matassem ou maltratassem, sinão a christãos, que os haviam tratar christãmente. Ao que respondeu o principal da aldeia, chamado Araconda, que elles eram os que mereciam o cativeiro e a morte, por serem matadores de brancos e não elle nem os seus, que nunca lhes fizeram nem um damno. E então se virou pera o capitão e lhe disse: «Branco, eu nunca fiz mal a teus parentes, nem estes me podem vender; mas eu por minha vontade quero ser cativo e ir comtigo».

O capitão lhe agradeceu com palavras e mandou que se aprestassem dentro de quinze dias pera o caminho, como fizeram; eram tantos que, indo todos em fileira um atraz de outro (como costumam), occupavam uma legua de terra.

Não sei eu com que justiça e razão homens christãos, que professavam guardal-a, quizeram aqui que pagasse o justo pelo peccador, trazendo cativo o gentio

que não lhes havia feito mal algum e deixando em sua liberdade os rebeldes e homicidas que lhes haviam feito tanta guerra e traições. Porém elles lhes deram o pago, pois, apenas os haviam deixado, quando determinaram de lhe ir no alcance e mandaram adiante alguns por espias, que se mettessem pelos mattos e, quando os do Araconda fossem á caça, lhes dissessem que elles remordidos de suas consciencias os queriam redimir do cativeiro dos brancos em que os puzeram e pera isto lhes queriam dar guerra, pelo que os avisavam que, quando vissem a batalha, os deixassem e se fossem embora pera suas terras, porque a gente do Porquinho era já despedida e não tinham que temer. Mas, posto que isto se tratou com muito segredo, o ouviu uma india das cativas que o disse a seu senhor e o senhor a outros, que não creram sinão depois que o viram e não lhes aproveitou o aviso, porque os inimigos lhes deram na retaguarda e lhes mataram onze homens, sem os da vanguarda lhes poderem valer, assim por irem mais longe, como por o gentio de Araconda ser acolhido e cuidar o capitão que nem um da retaguarda lhes haveria escapado com vida. Só mandou dous negros saber si eram mortos ou vivos, os quaes, vendo-os cercados e postos em tanto aperto que quasi estavam desmaiados, entraram appellidando a Santo Antonio e um com arco a frecha, outro com seu terçado e rodella, fazendo tanto estrago, que bastou este pequeno soccorro pera animar os amigos e atemorisar os inimigos, de sorte que se puzeram em fugida, e os Pernambucanos, não os podendo já seguir, se tornaram pera suas casas mais pobres do que vieram.

. . . .

Tinha o governador Lourenço da Veiga uma cousa e era que, por mais negocios que tivesse, não deixava de ouvir missa e, pera não obrigar alguem a que o acompanhasse, ia e vinha sempre a cavallo.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO

Da morte do governador Lourenço da Veiga.

Depois que el-rei D. Henrique reinou, por morte de el-rei D. Sebastião seu sobrinho, como era já de tanta idade quando entrou no reinado, que passava de sessenta e seis annos, logo se começou a altercar sobre quem lhe havia de succeder no reino, porque os pertensores eram el-rei catholico Philippe Segundo de Castella, a duqueza de Bragança, o principe de Parma, o duque de Saboya. e o senhor D. Antonio, e todos enviaram seus procuradores á côrte pera que, informado el-rei da justiça de cada um, declarasse por successor o que lhe parecesse nella mais justificado.

Todos allegavam que eram seus sobrinhos, filhos de seus irmãos ou irmãs, e estavam em igual gráu de parentesco, porque el-rei catholico era filho de sua irmã a imperatriz D. Isabel e do imperador Carlos Quinto; a duqueza de Bragança era filha do infante D. Duarte, seu irmão, e de D. Isabel, filha do duque de Bragança D. Jayme; o principe de Parma era casado com a infanta D. Maria, tambem filha do mesmo infante D. Duarte; o duque de Saboya era filho da infanta D. Beatriz, sua irmã, e de Carlos, duque de Saboya; o senhor D. Antonio era filho natural do infante D. Luis, seu

irmão: todos netos de el-rei D. Manuel, pai dos seus genitores e do mesmo rei Henrique, seu tio.

El-rei, posto que de principio se inclinou á parte da duqueza de Bragança, comtudo por ser femea e el-rei catholico varão e por outras razões, se resolveu que a elle pertencia o reino; mas não o quiz declarar por sentença, nem em testamento, porque era melhor pera os pertensores e pera o mesmo reino de Portugal que lho dessem por concerto.

Já a este tempo el-rei se achava mui fraco e foi apertando o mal de maneira que morreu sendo de idade de sessenta e oito annos e os perfez no mesmo dia em que morreu, que foi o ultimo rei de Portugal de linha masculina e, como o primeiro senhor de Portugal, se chamou Henrique, assim se chamou o último.

Morto el-rei, os governadores que deixou nomeados foram o arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, camareiro-mór de el-rei, D. João Tello, D. João Mascaranhas e Diogo Lopes de Sousa, presidente do conselho de justiça. Ainda que não tinham vontade de resistir a el-rei catholico, todavia, por dar satisfação ao povo, proveram algumas cousas pera a defensa do reino, o que tudo sabido por el-rei e as diligencias que D. Antonio fazia pera que o levantassem por rei de Portugal, sentiu muito não poder excusar-se de aproveitar-se das armas. E já estava assegurado da consciencia, com pareceres de theologos e canonistas, que o podia fazer e se apparelhava pera isso; mas escreveu primeiro aos governadores e a cinco principaes cidades do reino e aos tres estados que estavam em côrtes em Almeirim, pedindo-lhes que o declarassem conforme á vontade do rei defunto seu tio e a seu direito.

Responderam-lhe que não podiam até que a causa se declarasse por justiça, o que visto por el-rei nomeou o duque de Alba por general do exercito e mandou que entrassem em Portugal por terra e por mar.

Iam no exercito mais de mil e quatrocentos cavallos; a infanteria, além dos terços de Espanha, eram quasi quatro mil allemães, e seu coronel o conde de Lodron, e quatro mil italianos com seu capitão-general D. Pedro de Medicis.

O duque de Alba, contra o parecer de outros, que diziam que sem tratar da torre de S. Gião se fossem direitos a Lisboa, a começou de bater com vinte e quatro canhões e, ainda que lhe não fez grande damno, Tristão Vaz da Veiga, irmão de Lourenço da Veiga, governador do Brasil, que era o capitão da torre, determinou de entregal-a e mandando pedir seguro ao duque se viu com elle em campo e se concertou de entregar a fortaleza, si lhe concediam o que D. Antonio lhe havia dado e assim se fez e se metteu nella presidio de castelhanos. O que visto por Pedro Barba, capitão do forte da Cabeça-Secca, que até então se não havia querido render, e que o marquez de Santa Cruz, D. Alvaro Baçan, ia entrando com as galés castelhanas, o desemparou e se foi a D. Antonio; que tambem foi dahi a poucos dias vencido em Lisboa, e, retirando-se della á cidade de Coimbra e de Coimbra á do Porto, onde o reconheceram por rei, indo sempre em seguimento Sancho de Avila, finalmente o forçou a embarcar-se no rio Minho, vestido como marinheiro e passar-se ás ilhas e dellas a outros reinos estranhos, onde acabou a vida.

Hei dito estas cousas em summa, não sem preposito, sinão para declarar o achaque ou occasião da morte do governador do Brasil Lourenço da Veiga, que, como se presava de portuguez, sentiu tanto haver seu irmão Tristão Vaz da Veiga entregue a torre de S. Gião da maneira que temos visto, que ouvindo a nova enfermou e morreu.

E assim acabou o governador Lourenço da Veiga, e nós com elle acabamos tambem este livro.

LIVRO QUARTO

Da historia do Brasil do tempo em que o governou Manuel Telles Barreto até a vinda do governador Gaspar de Sousa

Perdeu-se a estampa dos engenhos, p. 422.

Perderam-se os cap. 25/29; o 24.º apparece duas vezes, da ultima sem final; o 30.º não tem principio. P. 334 numera-se 18.º o que agora é 17.º; p. 391 numeram-se 42.º e 43.º os que agora são 43.º e 44.º; p. 396 numera-se 33.º o que é agora 35.º; p. 400 numera-se 39.º o que é agora 40.º; p. 408 numera-se 37.º o que é agora 38.º; o capitulo 16.º não contem tudo o que diz á pag. 343. O cap. 21.º e o primeiro 24.º foram tirados de um livro de emendas e addições que já não existe na Torre do Tombo.

Os capitulos perdidos abarcavam um periodo de pouco mais ou menos dez annos e com a documentação até agora conhecida não é possivel preencher as lacunas. Delles podem considerar-se restos dois trechos extrahidos do *Santuario Mariano*, 9, 231/232, 191/193, Lisboa, 1722, referentes um ao ataque dos francezes aos Ilhéus em 1595, outro a duas náus francezas que no mesmo anno aportaram á Bahia: vão ambos transcritos no fim do livro, pp. 423 e seguintes.

Sobre os successos da Parahiba neste intersticio informam deficientemente dois relatorios contemporaneos impressos em Jaboatão *Orbe Seraphico*[2], I, 56/80, Rio, 1858, e uma carta de Feliciano Cieza de Carvalsho (lêr Fel. Coelho de Carvalho) escrita da Parahiba a 20 de

Agosto de 1597, interceptada, traduzida (mal) em inglez e impressa nas *Principal Navigations* de Hakluyt, **11**, 64/72 da nova edic. de Glasgow, 1904.

Delles consta a retirada de Fructuoso Barbosa da Parahiba, que tão pouco fizera para conquistar, e sua substituição por André de Albuquerque; uma expedição de Pernambuco contra os Petiguares, em que falleceu João Tavares e lhe succedeu Pero Lopes Lobo, de Itamaracá; um ataque contra Cabedello, que ficou quasi todo queimado, no governo de André de Albuquerque; uma guerra de Feliciano Coelho em que chegou a uma jornada do Rio-Grande, etc.

O anno de 1597 correu sobretudo agitado: houve combates renhidos no Pentecostes (25 de Maio) e a 25 de Julho; de 15 a 18 de Agosto Cabedello foi acommettido por treze navios francezes que o atacaram por terra e por mar; constava a existencia de outros vinte navios de guerra no Rio Grande. Foram estes naturalmente os que tentaram a enterpreza, referida deficientemente no fragmento do cap. 30.º. O facto devia ter occorrido logo depois da carta de Feliciano Coelho, que já em Dezembro se punha a caminho do Rio Grande (*infra*, 360). No meio de todos estes feitos de armas a paz interna se conflagrava: por causa de aldeias de indios houve discordias entre franciscanos e jesuitas, que por ordem superior tiveram de abandonar o campo; com os franciscanos conservados na capitania travou luta Feliciano Coelho, que não lhes reconhecia autoridade no governo temporal dos catecumenos.

Deste periodo obscuro é sobretudo sensivel a falta de noticias sobre Camarão e Riffault.

Claude d'Abbeville, *Hist. de la mission des Pères capucins en l'isle du Maragnon*, c. 1, Paris, 1614, conta apenas que Riffault partiu com tres navios para o Brasil em 1594, disposto a fazer conquistas com o auxilio de Ouirapiue, Páu Secco (*piue* deve estar em logar de *pirú*). Seu principal navio encalhou; dissensões e desharmonias privaram-no de outro; reduzido a um só,

deixou muitos companheiros em terra e voltou para França. Por sua vez Feliciano Coelho annuncia apenas que dera á costa um navio de Rifoles mais outro, Hakluyt, **11**, 67, e nada adianta «sobre o mal que fez por esta costa». Devia ter sido seu companheiro o lingua Migan, morto na batalha de Guaxinduba depois de ter escapado quatorze vezes das mãos dos portuguezes: Almeida, *M. de Maranhão*, **2**, 250.

Desde a publicação do processo de Manuel de Moraes, sabe-se que Camarão, o heróe da guerra hollandeza, nasceu approximadamente nos fins do governo de D. Francisco de Sousa ou começos do governo de Diogo Botelho, *R. T.*, **70**, I, 119, e só pode ter sido seu pai, nunca elle, o irmão de Jacaúna que na jornada do Maranhão parou no Ceará, Almeida, *Mem. de Maranhão*, **2**, 181.

Ficaram assim destruidas as historias de José de Moraes, as combinações de Varnhagen e Candido Mendes; nada adiantamos, porem, quanto ás condições em que Camarão I cimentou com os portuguezes a alliança em tantos annos de combates mantida inquebrantavel por seu illustre filho.

Pouco antes do cerco de Cabedello, em 1595, John Lancaster tomou o Recife sexta feira da paixão (24 de Março) sem resistencia e durante 31 dias saqueou-o com todo o vagar. A gente da terra deu-lhe onze vezes rebate, tentou incendiar os navios por meio de brulotes, armou varias trincheiras, mas o esbulho proseguiu ininterrupto, chegou para ser repartido por francezes e hollandezes e quinze navios fizeram-se de vela bem carregados: Hakluyt, *Principal navigations*, **11**, 43/47. Cf. C. de la Roncière, *Hist. de la mar. franç.*, **4**, 338.

Tão feliz não fora Thomas Cavendish, o terceiro circumnavegador do orbe, na expedição de 1591. Parte da frota chegou a Santos dia de Natal, 15 de Dezembro do calendario juliano, tomou e incendiou a villa, aonde não encontrou os viveres esperados para affrontar o estreito de Magalhães. Mais tarde Cavendish atacou o Es-

pirito Santo, donde foi repellido: Hakluyt, *Principal navigations*, **11**, 389/416. Em Purchas, *Pilgrimes*, **14**, 151/177, está publicada a carta furiosa com que elle se despediu da existencia.

Em sua companhia veiu Anthony Knivet, cuja relação em Purchas, *ib.*, 177/289, traduzida por José Hygino, *R. T.*, **41**, I, — traducção incompleta, por que ainda não existia aqui a obra de Purchas, de que a Bibl. Nac. possue agora a 1.ª edição em 5 e a ultima em 20 volumes, e foi retraduzida de uma collecção hollandeza, — é um mixto de observação, de credulidade, quiçá de mendacidade ou apoucada intelligencia.

Varias tentativas se têm feito para determinar seu itinerario: a ultima, de Theodoro Sampaio, acompanhada de um mappa, é muito engenhosa, como tudo quanto sae de sua penna, *Congresso de historia nacional*, **2**, 347/390.

Antes de abordar os capitulos existentes, duas observações. O autor do *Santuario Mariano*, **9**, 232, fala no mamaluco Antonio Fernandes por alcunha o *Catuçadas*, «por que assim chamava as estocadas na lingua de sua mãi». Repetiram-no Jaboatão e Varnhagen indesculpavelmente, por que, si o frade portuguez podia ignorar, elles deviam saber o que é catucar e catucada e ver que o mamaluco chamava-se Catucadas.

Todos os informantes portuguezes, e até Pyrard, que era francez, chamam Pain de Mil (Pão de Milho) o francez associado ao milagre de S. Antonio de Arguim (p. 423).

Entretanto na *Remonstrance très humble que font au Roy les Capitaines de la marine de France*, anonyma, sem data, impressa na primeira decada do seculo 17.º, lê-se que chamavam-se Poidemil, natural de Soson en Saintonge, o capitão de *Le Volant*, e Elisee Gouribaut de la Tramblade, perto de Mornac, o capitão do navio *Le Saige*, que com sua gente foram executados na Bahia. O anonymo colloca os successos em 1587, mas o anno de 1595 comprova-se com o testemunho de Gaspar Af-

fonso, *Hist. tragico-maritima,* 2, 340/342. Cf. a carta do jesuita Manuel Gomes, da Bahia, 27 de Setembro de 1597, em Amador Rebello, *Compendio de algumas cartas,* 237, Lisboa, 1898, e *An. de la Bibl. de Buenos Aires,* 4, 467.

Nos capitulos restantes da *Historia* escassêam fontes impressas.

Pelos apontamentos de A. Henriques Leal não parece que fossem aproveitadas as chronicas de Sachino; tão pouco o foram os escritos de Fernão Guerreiro, excerptados por Almeida, *Memorias do Maranhão,* 2, 502/556.

O cap. 2.º é em parte traducção de Herrera *Hist. general del mundo,* 2, 560/564. A relação da viagem de Edward Fenton e de sua tentativa contra Santos, escrita por Luke Ward, seu vice-almirante, lê-se em Hakluyt, 11, 172/202. Andres de Eguino requereu um inquerito em Fevereiro de 1583, de que existe copia na Bibl. Nac. Nelle prestaraam declarações Simão Machado, provedor da fazenda real, provedor dos defuntos e ausentes, Gabriel Nunes, juiz, João Batista Malio, Francisco Casado Paris, escrivão real, Melchior da Costa, feitor e almoxarife de Sua Magestade, Braz Cubas, cavalleiro fidalgo, provedor e contador da fazenda nas capitanias de S. Vicente e S. Amaro, alcaide-mór da capitania de S. Vicente, de setenta e seis annos, pouco mais ou menos, (cf. *supra,* 82).

Nos cap. 3/15, no 22.º é seguido fielmente o *Summario das Armadas* já referido. O cotejo com este permittiu fazer varias correcções e descobrir um erro grave no texto das *Ann. da Bibl. Nac.,* que serviu para esta edição: no cap. 12.º inseriu-se, onde não faz sentido, um trecho do cap. anterior, no qual foi agora reposto: mesmo assim fica uma lacuna que deve preencher-se com as p. 55/59 da edição do Inst. Hist.

De Manuel Telles Barreto são mencionadas por Varnhagen algumas cartas de que não ha copia aqui. Morreu em 1587, segundo Jaboatão e Miralles a 10 de Agosto, a 27 de Março segundo Varnhagen. A ultima data é preferivel, porque já regia a terra o governo interino

do bispo e do provedor-mór da fazenda erigido depois de sua morte, quando Withrington e Lister atacaram a Bahia em Abril.

Iam ambos para o mar do Sul, mas alguns prisioneiros feitos no Prata pintaram-lhes tão facil a tomada da cidade do Salvador que desandaram o caminho e a 11 (21 greg.) de Abril entraram pela bahia de Todos os Santos. Em Hakluyt, **11**, 202/27, encontra-se a narrativa ingleza, escrita por John Sarracoll, mercador que vinha a bordo. Sobre os serviços prestados por Christovão de Gouveia e os indios aldeados cf. Fernão Guerreiro, em Almeida, *Memorias do Maranhão*, **2**, 509. Esta circumstancia fixa em 87 ou pouco depois a relação jesuita da *Rev. do Inst.*, **57**, I, 244, que já a ella se refere.

De Francisco Giraldes, nomeado governador geral em 9 de Março de 1588, lê-se o regimento na *R. T.*, **67**, I, 220/236. A successão da capitania dos Ilhéus que herdara em 1566 deu azo a litigio prolongado, sobre que Jansen do Paço orienta no Cat. dos Mss. da Bibl. Nac., **4**, 495/517, sep. dos *Ann. da Bibl. Nac.*, **18**. No mesmo vol. da *R. T.*, 215/220 está o regimento de Balthazar Rodrigues de Sora, que contendeu com Christovão de Barros sobre o logar no governo interino. O regimento do prematuro tribunal da relação, que só devia ficar installado no seculo seguinte, dá em extracto Figueredo, *Synopsis chronologica*, **2**, 239 e seg., Lisboa, 1790.

O artigo 16 do regimento de Francisco Giraldes, l. c., 224, mandando fazer guerra aos indios de Jacuipe, que no caminho de Pernambuco para a Bahia impediam o livre transito, já continha a autorisação para a expedição a Sergipe feita por Christovão de Barros. Segundo um documento publicado por Felisbello Freire, *Hist. de Sergipe*, 418, Rio, 1891, os francezes pensaram em tomar a cidade do Salvador auxiliados pelos indios. Em 11 de Abril de 90, na cidade de S. Christovão que só poderia existir no papel, o conquistador concedeu a seu filho Antonio uma sesmária de dez leguas de largura na costa, desde o rio Sergipe até o S. Francisco, estendendo-

se para o sertão como as capitanias dos donatarios. Por provisão regia de 20 de Junho de 1597, a largura da costa foi reduzida a cinco leguas e o comprimento para o sertão a dez, copia no Inst. Hist. Segundo o *Livro da rasão do estado* os moradores brancos de Sergipe eram tão cubiçosos de occupar terra que havia moradores com 30 leguas de sesmarias em differentes partes.

O cap. 24.º do presente livro relativo a Gabriel Soares, foi publicado por Varnhagen em 1858, *R. T.*, **21**, junto com outros documentos fornecidos por João Francisco Lisboa. Seu testamento está na *Hist. geral*[2], 384/389, reimpresso de Mello Moraes no *Brasil Hist.*, **1** II, 248, 251/252. Sobre seu itinerario e as circumstancias de sua morte informa uma interessante carta de Pedro Barbosa Leal, *Rev. da Soc. de Geogr. de Lisboa no Rio de Janeiro*, Batista, *Congr. da hist. nac.*, **2**, 197/202, Basilio de Magalhães, *Expansão geogr.*, 24.

Diz Leal que Gabriel Soares deixou uma fonte na cidade da Bahia. No livro V., *infra* 577, menciona-se a ribeira de Gabriel Soares. Duarte de Albuquerque, *Mem. diarias*, 281 recto, Madrid, 1654, fala na agua de Gabriel Soares «abaxo de la ciudad um tiro de cañon para la parte de la barra». Existe ainda agora uma fonte do Gabriel, em baixo da ladeira dos Afflitos. A tradição de seus actos depressa se turvou, pois já em 1624 escrevia Simão Estacio da Silveira, Almeida, *Memorias do Maranhão*, **2**, 5/6, que Gabriel Soares com muita gente chegou ás cabeceiras do rio S. Francisco e serra Verde, perto de 300 leguas pelo sertão «escontra o Perú perto da governação que lá chamam Charcas». Num inedito de D. Francisco de Sousa adiante aproveitado, lê-se que Gabriel Soares obtivera promessa do titulo de marquez si fosse bem succedido na empreza das minas: antes delle já a corôa de Espanha agraciara com marquezados a Hernan Cortez e Francisco Pizarro.

O epitheto de *Manhas* (p. 348) dado a D. Francisco tem servido de pretexto para insinuações malevolas contra o setimo governador do Brasil, a partir de Varnhagen,

cuja prevenção é manifesta. Basta ler com attenção o capitulo 23.º para ver que Fr. Vicente votava a maior sympathia a D. Francisco de Sousa e não suspeitava de sua honestidade, que positivamente affirma á p. 418. Escreveu Feliciano Coelho que o governador dispendia a fazenda real na construcção de engenhos para si, Hakluyt, **11**, 70; de taes engenhos não ficaram vestigios e ninguem mais falou. Feliciano Coelho estava despeitado por que D. Francisco decidiu a favor dos franciscanos as questões que com elles mantinha a proposito do governo temporal dos indios, e não lhe mandava em soccorro os soldados que no Recife comiam ociosos os dinheiros del rei.

Os papeis de Heitor Furtado de Mendonça, visitador do Santo Officio, p. 347, existem na Torre do Tombo e delles dá breve noticia Antonio Bayão *Rev. de Hist.*, **1**, 188/196. Estão sendo copiados por conta de Paulo Prado, que assim reata a tradição do inesquecivel Eduardo Prado, seu tio, e virão opportunamente á luz. Já trabalhava em Agosto de 1591; a 2 de Setembro de 1593 embarcou na náu *S. Miguel* para Pernambuco e lá continuava em 2 de Setembro de 1595. Até a vinda do visitador o bispo da Bahia era o commissario do tribunal com appellação para a metropole, Anchieta, *Informações*, 9. Pelo artigo 9.º do tratado de 19 de Fevereiro de 1810 com a Inglaterra o governo portuguez obrigou-se a não permittir que jamais se fundasse nos seus dominios americanos.

O facto de maior alcance do governo de D. Francisco de Sousa foi a conquista do Rio Grande, em que empregou os largos recursos enumerados por D. de Campos Moreno, Almeida, *Mem. do Maranhão*, **2**, 173/174. Para os capitulos que a narram o autor serviu-se naturalmente de apontamentos fornecidos por seus confrades que acompanharam a expedição.

D. Francisco chegou á villa de S. Paulo depois de 10 de Abril de 99, *Act. da Camara de S. Paulo*, **2**, 57. Sobre sua assistencia contem noticias ligeiras o mesmo

volume das *Actas*, 2, o *Registo geral da Camara de S. Paulo*, 1, já utilisadas na *Informação* de Pedro Taques, *R. T.*, 64, I. Em 1601, armando cavalleiro Antonio Raposo declara D. Francisco que esteve nas minas de Biraçoyaba, Cahativa, Betiruna e, mais tarde, de Jaraguá; que foi soccorrer Santos da primeira vez contra corsarios que andavam na capitania, da segunda tomou uma urca de hollandezes e irlandezes que estavam no porto, da terceira fortificou o porto e a villa, *Registo*, 1, 117/118.

Em 26 de Junho de 1600 armando cavalleiro Sebastião de Freitas fala nas minas de Biraçoyaba e outras por onde andou e na ida a Santos, por ter novas de andarem por S. Sebastião quatro velas inimigas, *ib*, 105.

A 24 de Março de 1600, a 27 de Julho de 1601, estava em Santos *ib.*, 97, 121. Entre 6 de Fevereiro e 1.º de Abril de 1600 não houve camara em São Paulo, porque os officiaes e os procuradores foram ao mar com o governador, *Actas*, 2, 76. Fica assim determinada approximadamente a chronologia das tres descidas á marinha.

Por provisão de 27 de Maio de 1599 D. Francisco deu licença de minerar aos que pagassem o quinto do metal extrahido, *Reg.*, 1, 84; segundo Taques já partira para as minas quatro dias antes l. c., e nesta excursão levantou pelourinho em Monserrate.

Por provisão de 11 de Fevereiro de 1601 prohibiu sob graves penas a circulação do ouro em pó, determinou que fosse registado o producto de cada semana para ser quintado e reduzido a barras com as armas reaes; annunciava sua partida na proxima quarta-feira, 14, para Monserrate onde, sob as condições estabelecidas, todas as pessoas que quizessem poderiam ir ou mandar sua gente a tirar ouro, *Registo*, 1, 92/94.

A 19 de Julho estava em São Paulo, aonde deu um regimento a Diogo Gonçalves Laços, prohibindo a mineração, excepto a Affonso Sardinha pai e filho, até chegarem os mineiros esperados do reino, *Registo, ib.*, 1, 123/126. Da mesma data, segundo Taques, l. c., 8, é o

regimento de André de Leão, mandado com uma tropa á procura de metaes no sertão. Nas urcas partidas do Rio com Salvador Correia e sua familia em 14 de Agosto de 1601 foram nove barris de prata que deviam ser entregues a Diogo de Quadros em Pernambuco, informa Knivet, l. c., 265. No regimento de Laços dá providencias sobre a transmissão de noticias a Bahia, para onde não tardaria a seguir. Em despedida conclue: «vos encommendo o cuidado, vigilancia, que de vós espero e bem assim de todos os moradores desta villa, a qual com o divino favor ha de ser cidade antes de muito tempo e hão de ter grandes privilegios e mercês que lhe eu hei de procurar com Sua Magestade, porque foi a primeira e a principal parte donde mediante o favor de Deus descobri estas minas», *ib.*, 125/126.

A' ultima hora faltou-lhe coragem de desprender-se da terra paulista, aonde, ainda depois de deixar o governo, continuou alguns annos.

A expedição de André de Leão mandada por D. Francisco de Sousa, e a bandeira de Nicolau Barreto com a qual nada teve, foram estudadas ambas na *Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo*, **4**, **8**, em duas excellentes memorias de Orville Derby. Não parece muito certo, como este affirma, que Leão estivesse em Paracatú, e não se pode determinar em rigor a terra habitada pelos Temiminós: Manuel Preto, vindo do Guayra, encontrou-os a meio caminho: *Actas*, **2**, 184. Sobre a bandeira de Nicolau Barreto escreveu em 1629 o jesuita Justo Mansilla von Surck, Pastells, *Hist. de la Comp. de Jesus en la provincia del Paraguay*, **1**, 191, Madrid, 1912. Segundo carta da Camara de S. Paulo de 13 de Janeiro de 1606 a bandeira levou 300 homens brancos e durou dois annos. Diogo Botelho reclamou para si o terço dos cativos, que depois reduziu ao quinto: Azevedo Marques, *Apontamentos*, **2**, 226, *Actas*, **2**, 497/500.

A historia do navio hollandez tomado em Santos (Cf. Knivet, *R. T.*, **41**, I, 260/261, Taques, *ib*, **64**, I, 8) é das mais curiosas. Em Agosto de 1598 sahiram

de Amsterdam com destino a Guiné e ao Prata *De Gulden Werelt* e *De Silveren Werelt*, navegaram de conserva até a altura da ilha do Anno-Bom, aonde se separaram para não mais se verem. O *Mundo Dourado*, como traduz Taques, esteve em S. Thomé, na ilha do Principe, no estreito de Magalhães e, obrigado pela mortandade da companha, veiu achar em S. Vicente o fim narrado, *infra*, p. 381.

O Mundo Argentino entrou em contacto com os habitantes e o governador de Buenos Aires; de volta para a Hollanda aportou na bahia de Todos os Santos em 16 de Dezembro de 1599, onde sua gente foi levada para terra e feita prisioneira. A 24 do mesmo mez um meirinho conduziu a todos para o carcere por estar á vista a esquadra hollandeza de van der Does. Nos combates que se seguiram *o Mundo Argentino* foi a pique.

Do diario de *Silveren Werelt*, impresso em Amsterdam em 1603, dá noticia J. C. Rodrigues, *Bibl. Bras.*, 101, e a Bibl. Nac. possue um exemplar na collecção Benedito Ottoni. De uma traducção allemã, publicada no anno seguinte em Francfort, deu Paul Groussac o texto e a traducção castelhana, precedidos de longa e brilhante introducção, seguidos de notas profundas e luminosas que, neste como em outros trabalhos, asseguram ao sabio director da Bibliotheca de Buenos Aires um logar á parte entre os que estudam a America do Sul: Viage de un buque holandez al rio de la Plata, *An. de la Bibl.*, 4, 272/496*).

De D. Francisco de Sousa não se possue carta, mas ainda poderá ser muito esclarecida sua historia e a do seu successor immediato, si foi effectivamente redigida e algum dia apparecer a relação de Baccio da Filicaya, gentil-homem florentino que no Brasil residiu muito tempo.

De Lisboa escrevia em 30 de Agosto de 1608 que D. Francisco de Sousa o nomeara engenheiro-mór do Estado, capitão de artilharia, e em sua companhia o

---

*) Apesar de pedidos reiterados para Buenos Aires e até para Madrid não foi possivel obter o 10.º volume dos *Anales*, nem mesmo saber si já foi publicado e si ha outros depois delle.

levara ás minas de ouro, de que Baccio fizera uma descrição. Nestes trabalhos consumiu cinco annos, até a demissão de D. Francisco; depois serviu mais seis com Diogo Botelho, indo a descobrir o Amazonas e Maranhão, commandando uma companhia, com um general portuguez, que conquistou duzentas leguas e sujeitou muitas nações de gentio. Em 1607, incumbido de descobrir portos maranhenses em um pequeno navio, arribou destroçado á Nova-Espanha, de lá seguiu para o reino, aonde chegara cerca de um mez antes da data de sua carta.

Noutra de 5 de Janeiro de 1609 annuncia já ter escrito uma relação de suas viagens para satisfazer ao duque de Florença, que, sendo muito volumosa, iria por uma urca de partida para Veneza e não pelo correio. Começara uma descrição geral do Brasil, mas só poderia terminal-a mais tarde, por ter deixado muitas memorias e desenhos na terra, para onde estava novamente de partida em companhia de D. Francisco de Sousa. Até aqui chegaram as investigações de Giacomo Gorrini, «Un viaggiatore italiano nel Brasil», *Atti del Cong. di Scienze storiche*, **10**, 39/49, Roma, 1904.

Que haverá de real em tantas informações e promessas? Os documentos portuguezes não mencionam o fidalgo florentino, mas as circumstancias exteriores, apontadas em Gorrini, são todas muito favoraveis a sua pessoa e os nossos archivos estão muito desfalcados.

Diz Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, s. v., **1**, Lisboa, 1741, que Diogo Botelho escreveu «Successos de sua viagem ao Brasil e de muitas cousas que obrou nelle e como as achou em 7 de Maio de 1602», papel largo conservado na bibliotheca do marquez de Abrantes. Terá sobrevivido ao terremoto de Lisboa? A data da chegada ao Brasil não pode estar certa.

Não se conhece carta de Diogo Botelho, mas ha quinze cartas régias que lhe foram dirigidas, de 25 de Janeiro de 1602 a 7 de Junho de 1607, ha attestados, certidões, depoimentos de testemunhas que lhe dizem res-

peito, etc. Descobriu-os Norival de Freitas na bibliotheca da Ajuda em Lisboa e sahiram na *R. T.*, 73, I, 1/258, precedidos de douta introducção por Vieira Fazenda. O documento não está completo (cf. *ib.* 219); mesmo assim é consideravel sua importancia e apura pontos relevantes.

Diogo Botelho foi o primeiro governador geral que aportou a Pernambuco, aonde assumiu o governo a 1 de Abril de 1602 e demorou mais de anno e meio, emquanto na Bahia continuava Alvaro de Carvalho, deixado por D. Francisco de Sousa.

A sua demora proveiu de diversos casos urgentes a resolver: extinguir as despezas desnecessarias; sanar abusos decorrentes do regime donatarial, até então quasi absoluto; attender á expansão para alem do cabo de S. Roque, vasto territorio inçado ainda de francezes, a que mandou Pero Coelho de Sousa, cunhado de Fructuoso Barbosa; reprimir os negros dos Palmares, contra os quaes marchou Bartholomeu Bezerra (*ib.*, 86, 151).

Concorreu para alongar sua demora o receio de que Manuel de Mascarenhas, capitão-mór de Pernambuco, muito malquistado com a população, aproveitasse os restos do governo para cevar odios e exercer vinganças; aguardou, pois, a chegada do novo capitão-mór, Alexandre de Moura, a quem empossou no cargo antes de partir.

Nas certidões, depoimentos e mais papeis procedentes de Pernambuco, Diogo Botelho é abonado pela melhor gente. O proprio Manuel de Mascarenhas Homem, antes de com elle romper, exprimiu-se nos melhores e mais favoraveis conceitos (*ib.*, 36/39). Entretanto, Belchior do Amaral, que foi a Pernambuco abrir devassa da permanencia do governador, em ligeiro resumo do trabalho maior, que não se conhece, accusa-o de concussão, venalidade e até libidinagem.

O papel, guardado na Collecção Pombalina, *Inventario*, 249, f. 204, aonde se lê Bento, mas conforme carta de Lino de Assumpção, que examinou o original, (copia na Bibl. Nac.), deve ler-se Belchior, pode não

merecer grande fé, mas os attestados e depoimentos favoraveis e até encomiasticos colhidos em Pernambuco deixam a mais de um respeito impressão penosa. Enjoa o alarde de peitas offerecidas a Botelho e por elle naturalmente repellidas. Incommoda o silencio guardado a respeito de João Soromenho, a quem mandou que a camara de Olinda, segundo esta affirmava em carta de 10 de Dezembro de 1608, copia na Bibl. Nac., entregasse mil cruzados para ir ao Jaguaribe. Taes fez João Soromenho que foi processado perante o corregedor da côrte (*R. T.*, *ib.*, 20) e expirou no Limoeiro. Comtudo, na justificação dada na Bahia em Fevereiro de 1608, *ib*, 184/212, quando não podia ignoral-o, Botelho só indicou o nome de Pero Coelho de Sousa, occultando o insuccesso e as violencias e crueldades, que não podia encobrir.

O regimento dado a Pero Coelho traz a data de 21 de Janeiro de 1603 (*ib.*, 44/46). A expedição partiu em Julho da Parahiba, marchou para a serra de Ibiapaba em Janeiro do anno seguinte. Já em Março de 1605 discutia-se na Bahia sobre o captiveiro dos indios de Jaguaribe (*ib.*, 51/55). As primeiras noticias autenticas sobre estes successos devem-se ao nosso autor, que nada diz sobre Soromenho. Os capitulos 38.º e 43.º não parecem ter a mesma procedencia.

Sobre a missão de Francisco Pinto e Luis Figueira possuimos um documento precioso, a carta de Luis Figueira datada da Bahia a 26 de Março de 1609, inteiramente desconhecida até publicá-la pela primeira vez o barão de Studart, que a reproduziu nos *Doc. para a hist. do Brasil e espec. do Ceará,* 1, 1/42, raro monumento de saber e desinteresse do illustrado pratricio, querido companheiro de infancia.

Figueira descreve a marcha desde Jaguaribe atravez da serra dos Corvos (Uruburetama) até a serra de Ibiapaba, aonde a 11 de Janeiro de 1608 (sexta-feira da infra octava da Epiphania — *ib.*, 26), Francisco Pinto foi trucidado pelos tapuyas. Não menos dramatica decorreu a volta do sobrevivente ao povoado.

O jesuita, autor da segunda grammatica da lingua geral impressa, esteve alguns mezes entre os tabajaras, isto é, os tupinaens ou tupiniquins, inimigos dos petiguares, isto é tupinambas. Figueira tambem fala de tapuyas que devem ser os carirys.

Pode referir-se ao caipora ou caapora o que conta de um diabo que fala á noite ás escuras com os feiticeiros: «posto que o não vêem ouvem-no e dão-lhe o fumo que beba, o qual vêem estar no ar, mas não vêem quem o tem, vêem porém as baforadas que lança e lhes diz á volta de uma verdade muitas mentiras e quando vão á caça lhes diz aonde a acharão e aonde está mel». *ib.*, 35.

Diogo Botelho seguiu para a Bahia em fins de 1603 e logo em Abril do anno seguinte teve de defrontar durante mais de quarenta dias o ataque de Paul van Carden e sua esquadra hollandeza.

O eminente Paul Groussac contesta a expedição de van Carden e extranha que os historiadores brasileiros não tivessem comprehendido que o pretenso van Carden de 1604 era nada mais nada menos que o vero Pieter van der Does de 1599. O silencio de frei Vicente poderá ser invocado em favor de tal asserção; mas as palavras de Diogo de Campos Moreno, testemunha previdencial e figura obrigada do successo, bastariam para excluir desde o principio qualquer duvida. Novos elementos indestructiveis a favor dos historiadores decuriados (régentés) pelo austero censor argentino pullulam nos papeis de Diogo Botelho. Mesmo da parte contraria ha testemunho authentico, referido pelo mallogrado Alfredo de Carvalho «O corsario Paulus van Carden na Bahia 1604», *Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia*, **16**, 41/60, Bahia 1910.

Tambem sobre seu governo na Bahia, Diogo Botelho documentou-se muito solidamente: attestados, juramentos de testemunhas, etc. Não faltaram tentativas de peita e suborno. Com o bispo D. Constantino de Barradas e o elemento ecclesiastico não fez boa liga.

O melhor serviço do governador na Bahia foi a reducção dos aymorés, cujas devastações avultaram desde que, com suas guerras de Paraguaçú, Men de Sá destruiu a marca ou comarca de lingua geral que servia de anteparo contra elles. A respeito da pacificação, em que collaborou efficazmente Alvaro Rodrigues, de Caxoeira, cf. Fernão Guerreiro em Almeida, *Memorias do Maranhão*, **2**; cf. *Ann. da Bibl. Nac.*, **26**, 346.

Belchior do Amaral escrevendo em Lisboa a 26 de Julho de 1604, considerava urgente a retirada de Botelho, mas D. Diogo de Menezes e Sequeira, nomeado seu successor em 22 de Agosto de 1606, arribou depois da partida e só chegou ao Brasil em 1608.

Assumiu o governo em Olinda a 7 de Janeiro, quando Botelho completava cinco annos, nove mezes e sete dias. Pretendia ficar ali só até Abril, mas as instancias da população detiveram-no e só em 18 de Dezembro, dia de Nossa Senhora do O', desembarcou na Bahia. Foram dias muito pouco agradaveis os de Pernambuco, por que o bispo D. Constantino de Barradas não lhe poupou vexames e humilhações. O mesmo fadario perseguiu-o na Bahia com o clero e até com o governo da metropole.

Botelho trouxera comsigo dois mineiros, João Munhoz de Puertos e Francisco Vilhalva, que por sua ordem se apresentaram na camara de S. Paulo em 22 de Agosto de 1603 «para fazerem suas deligencias e ensaios e fundições acerca do ouro e prata e mais metaes que nesta capitania eram descobertos, por que no conselho real houve certas contradições ao ouro que o snr. D. Francisco de Sousa mandou por Diogo de Quadros e outras pessoas desta capitania», *Actas*, **2**, 134.

D. Francisco deixou-se fascinar pelos mineiros e permaneceu em São Paulo, ainda depois de a 18 de Junho de 1602 ter passado procuração para serem recebidos seus vencimentos na Bahia. A 9 de Agosto de 1603 chegava do interior com sua gente, *Actas*, **2**, 132/133. Em De-

zembro os mineiros foram a Monserrate, *ib.*, 139, e D. Francisco naturalmente foi com elles.

A vinda de D. Francisco e seu sequito em 1599 e em 1603 mostrou a necessidade de uma casa de pasto na villa de S. Paulo. Da primeira vez encarregaram a Marcos Lopes, que teria de dez réis um na carne, nos beijús, na farinha, *ib.*, 57. Da segunda foi encarregada o cigana Francisca Ruiz que teria 10 réis em cada tostão, *ib.*, 133: cf. 263.

Quando uma ordem régia transmittida por via de Diogo Botelho em 19 de Março de 1605, *R. T.*, l. c., 6, decidiu D. Francisco transpor o oceano, levou comsigo os mineiros, impediu que communicassem a quem quer que fosse o resultado das pesquisas, de «industria e prudencia» seguiu para Madrid directamente e achegou-se ao duque de Lerme para os planos que architectara.

A Bibl. Nac. possue um codice comprado no leilão do conde de Castelho Melhor com parte do expediente das negociações: basta citar o trecho seguinte: Enquanto a mercedes pide el titulo de Marquez para sy y sus descendientes «de la primeira tierra que poblare» y esta merced hizo Su Magd. que esta en gloria (Philippe 2.º) a Gabriel Soares persona de la calidad que se sabe y siendo dudossa la empreza que tomaua y no teniendo hecho en ella seru.º alguno a S. Magd. y que quando Francisco Barreto fue al Monomotapa se entiende que lleuo el titulo del primer lugar que poblasse concedido por el rey D. Sebastian».

D. Francisco foi bem succedido em suas pretenções; em 22 de Janeiro de 1609 fez-se de vela, si, como se lê abaixo p. 418, gastou vinte e oito dias para alcançar Pernambuco, aonde aportou em 19 de Fevereiro e a 4 de Março fez registar a C. R. a D. Diogo de Menezes separando em governo independente as capitanias de Espirito Santo, Rio e S. Paulo, *Reg. geral de São Paulo*, 1, 196/198. Do mesmo *Registo* constam os poderes que lhe foram concedidos, tambem enumerados na *Informação* já citada, de Pedro Taques, impressos

textualmente por Mello Moraes no *Brasil Historico,* segundo os *Ann. do Rio de Janeiro,* ineditos em grande parte, de Silva Lisboa.

Tem-se dito e repetido que D. Francisco passou pela Bahia a avistar-se com D. Diogo a quem a patente de 15 de Junho de 1608, *Registo,* 1, 197, recommendava que fizesse com a entrega das capitanias que formavam o novo governo um auto authentico, assignado pelos dois. A ultima hora, para evitar a magua desta *capitis diminutio,* D. Francisco teve ordem de ir directamente para seu destino. Apesar disto aportou em Pernambuco e já sahiu do reino com este proposito, como se queixa D. Diogo em carta de 22 de Abril de 1609. Esta carta é melhor prova de que os dois não se encontraram em Pernambuco, segundo equivocadamente affirmou Varnhagen, *Historia geral*², 437.

Já em 3 de Janeiro sabia-se da proxima vinda de D. Francisco em São Paulo, *Actas,* 2, 232; a 25 de Abril estavam esperando por elle, a 26 tinham noticia certa de ficar no Rio de Janeiro, *ib.,* 242, 243; a 6 de Junho estava em Santos, a 15 em S. Paulo, *Registo,* 1, 176/177.

Na obra de Piso e Marcgraf, *Hist. Nat. Brasiliae,* 263/264, Amsterdam, 1648, vem o roteiro fornecido pelo hollandez W. Glimmer de uma expedição mandada de S. Paulo á procura de minas. Com sua extraordinaria sagacidade critica e superior conhecimento do terreno, o lastimado Orville Derby interpretou o itinerario e identificou esta com a bandeira de André de Leão, *Rev. de Inst. Hist. de S. Paulo,* 4.

E' muito possivel, mas, na falta de qualquer data, pode-se incluil-a tanto na primeira como na segunda governança de D. Francisco de Sousa. Esta seria mais plausivel até, si ponderarmos que Glimmer, commandante de Fernão de Noronha em 1633, estaria em melhor idade para um commando militar si andasse bandeirando em 1611 do que em 1601. Que era commandante naquelle tempo informa um documento de Johannes van

Walbeck citado por Varnhagen, *Hist. geral*², de que existe copia no Int. Hist.

Maloca designava na America espanhola o mesmo que bandeira em S. Paulo e Paul Groussac, *Anales de la Bibliotheca*, **1**, 379, suggere que mamaluco pode provir de maloca. A suggestão é seductora e se imporia á acceitação immediata si por lá mamaluco fosse synonimo de bandeirante. No Brasil só implicou mestiçagem; affirma Varnhagen, *Hist. geral*², 207, que o nome de mameluco se dava em algumas partes da peninsula iberica aos filhos de christão e moura.

As bandeiras se faziam por peditorio ou finta, *Actas da Camara de S. Paulo*. **2**, 123. A gente de guerra que nellas entrava pode deduzir-se da acta de 20 de Fevereiro de 1610, *ib.*, 261: «filhos de quatorze annos arriba, escravos, usando espingardas, espadas, espadelas e arcos e frechas e mais armas».

A maior parte de 1609 e 1610 passou D. Francisco na villa de S. Paulo, talvez preparando a viagem de seu filho D. Antonio, que em 20 de Maio do ultimo anno se offereceu á camara para ser procurador do povo no reino, negociar algumas cousas e fazer pedidos ao rei, *ib.*, 267.

Dos ultimos tempos do governador D. Francisco constam algumas providencias, como a fixação do valor do marco do ouro em 30$, *Actas*, **2**, 286; incitação a minerar, etc. Pouco antes de fallecer, os juizes ordinarios de S. Paulo foram ás minas por sua ordem, *ib.*, 290.

Na ausencia do primogenito, D. Antonio, que devia succeder-lhe, D. Francisco nomeou successor o filho mais moço D. Luis, e em 11 de Julho de 1611 os officiaes da Camara de S. Paulo accordavam que: «porquanto este povo andava alvorotado sobre este particular e andavam muitos bandos e corrilhos e por evitar muitas inquietações que se apparelhavam sobre este caso, que era muito bem que acceitassem e acceitaram ao dito snr. D. Luis», *Actas*, **2**, 292.

Depois de empossar-se em S. Paulo, tomou posse do cargo no Rio de Janeiro, donde ha carta sua datada de

28 de Outubro, *Actas,* 2, 309. A 17 de Dezembro falava-se na camara de S. Paulo em «um requerimento para que viesse a esta villa para assistir e por não haver alguma desinquietação estando Sua Senhoria fóra daqui», *ib.,* 301.

Anteriores a sua partida para o Rio, ha dois documentos pouco conhecidos.

Um, bondosamente fornecido por Gentil Moura, é o despacho a uma petição de Gaspar Vaz, Francisco Vaz Cardoso, Braz de Lima e outros para que Mogy fosse elevada á villa «porque passam muito detrimento para poderem vir a esta villa (S. Paulo) por terem muitos filhos e serem pobres e ser pelo rio acima mais de vinte leguas desta villa». O governador deferiu a pretensão a 17 de Agosto, assim por Mogy ser logar cenveniente e apropriado «como por ser em caminho por onde podem ir ao mar com mais brevidade levar e embarcar os quintos reaes á nova povoação que meu pai que Deus tem mandou fazer na angra dos Reis».

Outro é uma provisão passada na aldeia do Forte (Carapicuhyba) para, por conta de sua fazenda e de accôrdo com os padres da Compannhia, os indios de S. Paulo poderem ir ao sertão buscar seus parentes que quizessem vir voluntariamente viver na terra e trabalhar nas minas, Pastells, *Historia de la compañia de Jesús,* etc., 1, 189.

D. Luis governou até a chegada de Gaspar de Sousa, decimo governador geral que recebeu a colonia novamente unida por provisão de 9 de Abril de 1612, *Actas,* 2, 358. Diz Sousa, *Hist. genealogica,* 12, II, 1095, que entregou o governo a Martim de Sá, procurador de Gaspar, como consta de uma certidão passada pela camara do Rio de Janeiro em 24 de Abril de 1613. Das *Actas da camara de S. Paulo,* 2, 345, vê-se que para lá mandou no mesmo caracter o desembargador Manuel Jacome Bravo. Seriam mais de um os procuradores, cada qual para uma capitania.

O verdadeiro successor de D. Francisco na pesquiza das minas foi Salvador Correia, já então de idade muito provecta, nomeado a 4 de Novembro de 1613, Taques, l. c., 13. Na relação da viagem dos Nodales, que passaram pelo rio de Janeiro em 1618, no governo de Ruy Vaz Pinto, lê-se: «Sabbado 24 de Novembro chegou de sua fazenda Martim de Sá. Era cavalleiro da ordem de Christo e filho do marquez das Minas», Clements Markham, *Early Spanish voyages to the strait of Mag.*, 212, Londres, 1911 (Hakluyt Society). Diz-se geralmente que D. Francisco desejava o titulo de marquez das Minas, afinal dado a um seu neto. Não é provavel; preferiria ser marquez de Monserrate, orago de sua especial devoção.

Fr. Gaspar da Madre de Deus, *Memorias para a historia da capitania de São Vicente*, l. 2, § 62, Lisboa, 1797, lembrou-se em má hora de identificar D. Luis de Sousa, governador do Sul, e D. Luis de Sousa, governador geral. Varnhagen navegou nas mesmas aguas e accrescentou por conta propria, *Hist. geral*², 437, que o filho de D. Francisco logrou succeder a Gaspar de Sousa, apesar de suas poucas habilitações, a titulo de indemnisação equitativa pelos direitos herdados e que lhe haviam sido retirados. Amparado pelos dois padrinhos ainda hoje corre mundo este erro, bem escusado desde 1748, pois Sousa, *Historia genealogica*, **12**, II, tornou impossivel confundir D. Luis de Sousa, segundo conde do Prado, quinto senhor de Beringel, 928/930, e D. Luis de Sousa, filho de D. Francisco e de sua segunda mulher D. Violante Henriques, 1095/1097.

D. Diogo de Menezes deixou varias cartas de que ha copia no Inst. Hist., nem todas interessantes, que tratam de questões com o bispo, de um galeão que aportou á Bahia e lá se concertou, da separação dos dois governos, do cargo de administrador geral das minas, etc. Preoccupou-o bastante a expansão para além de S. Roque e sobre ella exprimiu opiniões muito criteriosas. A conquista, escrevia em 1 de Março de 1612,

Ann. da Bibl. Nac., **26**, 308/309, não se devia fazer pelas armas, mas por invenção e manha; o gentio se defendia fugindo de nós, fazendo que a falta das causas nos desbaratasse; fosse moderada a força para não espantal-o.

Comprehendeu suas idéas e realisou-as cabalmente Martim Soares Moreno, jovem reinol, que pela primeira vez calcou terra cearense em 1604, incorporado aos 18 annos numa das companhias levadas por Pero Coelho. No meio das violencias que seguiram, soube conservar a amisade dos principaes indigenas. Nomeado tenente da fortaleza do Rio-Grande, fez mais de uma viagem a sua procura, animou-os contra os francezes a ponto de atacarem um navio e matarem toda a companha, levou á Bahia a entender-se com o governador um filho de Jacaúna.

D. Diogo de Menezes soube reconhecer-lhe o valor, com um clerigo e dez soldados fel-o voltar, e Martim Soares a 20 de Janeiro de 1612 lançou os fundamentos do que é hoje a cidade da Fortaleza. Sobre Martim Soares tem sido publicados por Studart numerosos documentos condensados em forma de succulentas ephemerides, *Rev. da Ac. Cearense*, **14**, Fortaleza, 1910.

Martim era sobrinho de Diogo de Campos Moreno, natural de Tanger, que acompanhou Diogo Botelho, no cargo de sargento-mór e antes guerreara em Flandres. A Moreno attribue Varnhagen o *Livro que dá rasão do estado do Brasil*, de que existe copia no Inst. Hist., não escoimada de interpollações, illustrada de mappas feitos posteriormente, em geral de escasso valor.

No periodo abarcado pelo livro IV escreveram-se varias obras tendo por objecto o Brasil.

Cabe o primeiro logar a Gabriel Soares de Sousa, cujo tratado descritivo, impresso primeiramente anonymo em Lisboa em 1825, depois com o nome do autor por Varnhagen, *R. T.*, **14**, inclue um roteiro da costa, uma descrição topographica do reconcavo da Bahia, com os nomes dos principaes senhores de engenho, entre os quaes elle proprio se contava, noticias sobre a vege-

tação, os animaes, os indigenas, em linguagem por vezes braba, mas sempre expressiva.

De José de Anchieta ha duas informações escriptas durante seu provincialato e impressas no Rio em 1886, apontamentos sobre os primeiros jesuitas de que se conhecem apenas fragmentos, a primeira grammatica da lingua geral publicada em 1595, reimpressa e traduzida em allemão não ha muitos annos pelo benemerito Julio Platzmann.

Um jesuita anonymo, provavelmente Luis da Fonseca, escreveu em 1587 ou logo depois uma precisa relação, impressa na *R. T.*, 57, I, 213/247, sobre os primeiros trabalhos jesuiticos na Bahia.

Das cousas mais notaveis do Brasil, escritas por algum jesuita em 1591, depois de iniciada a expedição de Gabriel Soares, a que se allude na primeira pagina, é difficil formar juizo, por que sahiu no *Archivo Bibl. de Coimbra*, aos pedacinhos, em numeros espaçados, no decurso de tres annos. Contém informações interessantes para a ethnographia.

De Fernão Cardim, que veiu ao Brasil com Manuel Telles Barreto e Christovão de Gouveia, ha uma carta narrando as viagens feitas de São Vicente a Pernambuco, divulgada por Varnhagen em 1847 e reimpressa na *R. T.*, 65, I, 12/69, documento unico em seu genero. São seus tambem um tratado sobre plantas e animaes, impresso na *Rev. da Soc. de. Geogr. de Lisboa no Rio de Janeiro*, outro sobre indios do Brasil, ambos traduzidos em inglez e incluidos desde 1625 na collecção de Purchas, impressos finalmente na lingua original segundo copias conservadas em Evora. Fidelino de Figueiredo considera o autor do *Principio e origem dos indios do Brasil*, publicado em 1882 com o nome do autor por quem revê esta edição, reimpresso anonymo na *R. T.*, 57, I, 185/212, como representante da prosa da acção, *Hist. da Lit. Clas.*, 426. Não parece acertado: Cardim escreveu logo depois de chegar á terra, recorrendo aos apontamentos que encontrou, mais por tradição que por observação propria; melhor caberia

o titulo a Gabriel Soares, que no seu livro trasladou as experiencias de dezesete annos.

O jesuita Francisco Homem, passageiro da náu *S. Francisco*, offerece algumas paginas interessantes sobre a Bahia, publ. na *Hist. tragico-maritima*, **2**.

As relações de viagens feitas ao Brasil por inglezes encontram-se nas collecções de Hakluyt e Purchas.

Gaffarel publicou na *Histoire du Brésil français*, 495/501, um papelucho cuja falsidade admira ter-lhe escapado. Pouco trata do Brasil, mas merece ser lido, Pyrard de Laval, *Voyage*, Paris, 1615, etc., sobretudo na excellente traducção de Cunha Rivara, Nova Goa, 1858/1862.

Lippmann, que não conhecia o nosso autor, põe em duvida que no Brasil fosse descoberto primeiro a conveniencia do emprego de barro para alvejar o assucar, pois já Dioscorides, Galeno e os arabes conheciam o barro como clarificador de vinho, succo de fructas, agua de rosas e outros liquidos: *Geschichte des Zuckers*, 295, Leipzig, 1890. Segundo testemunhos que cita e repudia a descoberta teria sido casualmente feita no Brasil cerca de 1550.

Desde 8 de Maio de 1610, D. Diogo de Menezes instava para ser rendido no governo, apenas completasse o seu triennio e indicava para o governo interino o bispo (teriam se reconciliado?) ou o chanceller da relação, «que o farão mui bem», Varnhagen, *Hist. geral*[1], **1**, 473.

Os capitulos do presente livro que deviam tratar de seu governo são tão deficientes que provavelmente ha aqui perdas a lamentar.

Afinal, foi nomeado para succeder-lhe Gaspar de Sousa que aportou a Pernambuco mais de dous annos depois, dia de N. S. do O', 18 de Dezembro de 1612.

Com D. Diogo de Menezes veiu a serviço publico o desembargador Sebastião de Carvalho, que demorou bastante em Pernambuco e não prestou nem metade dos serviços allegados no *Arch. historico portuguez*, **3**, 345.

Quando o marquez de Pombal virou o potentado sabido de todos, procurou-se em suas veias sangue pernambucano, seguindo o processo indicado em Jaboatão e Loreto Couto, uns, outros segundo o indicado em Antonio Diniz da Cruz e Silva, *Poesias*, 5, 144, Lisboa, 1815.

Estes genealogistas deviam ter sangue, mas era do pai do marquez, Manuel de Carvalho de Ataide, aliás D. Tivisco de Nazao Zarco y Colona, autor do *Theatro genealogico*, celebre por suas manipulações nobiliarchicas e genealogicas.

Trombeta bastarda, 388, «cujo som, informa Bluteau, *Vocabulario*, 2, 64, é um mixto entre o som forte e grave da trombeta legitima e o som delicado e agudo do clarim».

O alvará de 2 de Janeiro de 1608, promettendo condicionalmente a D. Francisco de Sousa o titulo de marquez, encontra-se em Mello Moraes, *Bras. Hist.*, 2, II, 69.

Os *Annaes do Rio* publicados no mesmo periodico, cf. supra, 258, foram escritos por Balthazar da Silva Lisboa, como se prova pela *R. T.*, 65, I. Este primeiro esboço é superior ao que o autor imprimiu mais tarde em sete volumes. — Melchior Estacio do Amaral, historiador do naufragio da náu *S. Iago*, diz que chamava-se cidade de Santiago a que se fundava no Rio-Grande e tinha tres casas de pedra e cal, *Hist. tragico-maritima*, 2, 502/503.

CAPITULO PRIMEIRO

De como veiu governar o Brasil Manuel Telles Barreto e do que aconteceu a umas náus francezas e inglezas no Rio de Janeiro e S. Vicente.

Como a magestade de el-rei Philippe segundo de Castella e primeiro de Portugal foi jurado nelle por rei no fim do anno de 1580, sabendo da morte do governador do Brasil Lourenço da Veiga, mandou por governador Manuel Telles Barreto, irmão de Antonio Moniz Barreto, que foi governador da India. Era de sessenta annos de idade e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o velho; a todos falava por vós, ainda que fosse ao bispo, mas cahia-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos.

Tanto que chegou a esta Bahia, que foi no anno de 1582, escreveu a todas as capitanias que conhecessem a Sua Magestade por seu rei e foi de importancia este aviso, porque dahi a poucos dias chegaram tres náus francezas ao Rio de Janeiro e surgiram junto ao baluarte que está no porto da cidade, dizendo que iam com uma carta de D. Antonio para o capitão Salvador Correia de Sá, o qual nesta occasião era ido ao sertão fazer guerra ao gentio. Mas o administrador Bartholomeu Simões Pereira, que havia ficado governando em seu logar e estava informado da verdade pela carta do governador geral,

lhes respondeu que se fossem embora, porque já sabia quem era seu rei. E, porque a cidade estava sem gente e não havia mais nella que os moços estudantes e alguns velhos que não puderam ir á guerra do sertão, destes fez uma companhia, e D. Ignez de Sousa, mulher de Salvador Correia de Sá, fez outra de mulheres com seus chapéus nas cabeças, arcos e frechas nas mãos, com o que e com o mandarem tocar muitas caixas e fazer muitos fogos de noite pela praia, fizeram imaginar aos francezes que era gente pera defender a cidade e assim a cabo de dez ou doze dias levantaram as ancoras e se foram.

No mesmo tempo foram dous galeões de inglezes de tresentas toneladas cada um, á capitania de S. Vicente com intento de povoar e fortificar-se, por relação de um inglez, que se havia alli casado, das minas de ouro e outros metaes que ha naquella terra, e publicavam que el-rei catholico era morto e D. Antonio tinha o reino de Portugal, offerecendo da parte da rainha de Inglaterra grandes cousas. Porém os portuguezes pela carta que tinham estiveram mui firmes por el-rei catholico, sem querer admittir aos inglezes, os quaes ameaçavam de entrar por força e realmente o fizeram si naquella conjuncção não chegaram tres náus de castelhanos que começaram a pelejar com elles, os quaes logo abateram estandarte, pedindo paz, que os castelhanos lhes não deram, antes jogaram a artilheria toda a noite, porque pelas correntes não os puderam abordar.

Ao outro dia, ainda que deixaram uma náu tão maltratada que se foi ao fundo, desampararam a empreza e sahiram do porto mui maltratados, sem antenas e as náus furadas por muitas partes e mais de cincoenta

homens mortos e quatorze feridos. Entraram as nãus castelhanas em o porto, sendo bem recebidas dos portuguezes, que rogavam mil bens a Sua Magestade, pois (ainda que acaso) tão presto os começava a defender.

O caso como alli foram aquellas náus se contará no capitulo seguinte.

CAPITULO SEGUNDO

Da armada que mandou Sua Magestade ao estreito de Magalhães, em que foi por general Diogo Flores de Valdez e o successo que teve.

Francisco Drake, cossario inglez, passou o anno de 1579 o estreito de Magalhães e correu o mar do Sul; e D. Francisco de Toledo, vice-rei do Perú, mandou traz delle a Pedro Sarmiento e Antão Paulo Corso, piloto, os quaes, havendo passado o mesmo estreito do Sul ao Norte, chegaram a Sevilha e dahi a Badajós, onde el-rei catholico então estava despedindo o seu exercito sobre Portugal. E ouvida sua relação e o desassocego que em o Perú havia posto o cossario, e certificando muito Pedro Sarmiento que em o estreito se podiam fazer fortes de ambas as partes, dos quaes facilmente com a artilheria se impedisse o passo aos navios, houve pareceres contrarios, dizendo que o estreito era mais largo do que Sarmiento o figurava e que, quando fosse tão estreito como dizia, nem por isso se impediria o passo aos navios pela muita corrente e porque com um golpe ou dous de artilheria não sempre se mette uma náu no fundo, e quando se metta passa outra. Entre outros que tiveram esta opinião foi um o duque de Alba D. Fernando Alvares de Toledo. Porém el-rei mandou que se juntassem em o rio de Sevilha vinte e tres náus de alto bordo, com cinco mil homens de mar e guerra, com petrechos para a fabrica destes

fortes, capazes pera tresentos homens de guerra e alguns povoadores pera facilitar mais sua conservação. Nomeou pera general desta armada a Diogo Flores de Valdez e por piloto-mór a Antão Paulo Corso e a Pedro Sarmiento por governador dos fortes e povoações. Sahiu de S. Lucar esta armada a 25 de Setembro do anno de 1581, com tão máu tempo por a pressa que o duque de Medina Sidonia dava, que depois de tres dias arribou com tormenta á bahia de Cadiz com perda de tres navios, havendo-se afogado a maior parte da gente, e tão destroçada que pera reparar-se se deteve mais de quarenta dias. Tornou a sahir com dezasete navios e chegou ao Brasil, ao porto da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde invernou seis mezes e meio porque, ainda que chegou a 25 de Março, que em Espanha é a primavera, em estas partes é o principio do inverno, em que se não póde navegar pera o estreito. E por que neste tempo não estivesse a gente ociosa, a occupou em fazer estacas pera trincheiras e taipaes e outros petrechos e em lavrar madeira pera duas casas em que no estreito tivessem as munições recolhidas. Pera o que tudo deu muita ajuda Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro.

E, parecendo que já era tempo pera navegar, sahiram da barra do rio a 2 do mez de Outubro com dezaseis navios, deixando um por inutil e tomando a derrota do estreito, que está setecentas leguas deste porto, chegaram ao rio da Prata, donde se levantou um temporal de ventos tão fortes, que estiveram vinte e dous dias mar em travez, sem poder pôr um palmo de vela. E, havendo-se perdido aqui em vespera de Santo André a náu do capitão Palomar e duzentas e trinta e seis pessoas em

ella, sem podel-os remediar, aos 2 de Dezembro aplacou alguma cousa o mar e o vento e com accordo dos capitães e pilotos tornou Diogo Flores atraz, buscando porto pera reparar as náus, porque estavam cinco dellas abertas da tormenta e as mais em perigo de fazer o mesmo.

Foram á ilha de Santa Catharina, tresentas leguas dalli, a qual ainda que despovoada (por ser de portuguezes que não sabem povoar nem aproveitar-se das terras que conquistam), é terra de muita agua, pescado, caça, lenha e outras cousas onde, a cabo de vinte e dous dias que alli estiveram, deixou Diogo Flores de Valdez tres náus que não poderam navegar a cargo do contador André Equino, com ordem que se tornassem ao Rio de Janeiro, e deu outras tres a D. Alonso de Souto Mayor, que ia por governador do Chili, pera levar a sua gente pelo rio da Prata ao porto de Buenos Aires, donde não ha mais que vinte jornadas á Chili e o dito Diogo Flores, com as mais, em dia de Reis do anno de 1583 tornou á volta do estreito.

As tres náus que ficaram na ilha de Santa Catharina sahiram dalli aos 14 de Janeiro e aos 24 do mesmo chegaram á barra de São Vicente e em a mesma barra acharam os dous galeões inglezes que estavam pera tomar a terra, si não chegassem os castelhanos que os lançaram dalli ás bombardas, como temos dito.

Diogo Flores de Valdez seguiu seu caminho pera o estreito, levando a terra á vista sobre a mão direita, até darem com a bocca em cincoenta e tres gráus e, entrando com bom tempo, como duas ou tres leguas se levantou de repente uma tempestade que os tornou ao mar mais de quarenta leguas.

Andaram oito dias porfiando por tornar a embocar o estreito; porém, não podendo com o vento, não quiz Flores tentar mais a fortuna, por ver as náus destruidas e a gente enferma de tanto trabalho. Tornou-se á costa do Brasil, ao porto de S. Vicente e com as náus que trazia e as duas que alli achou passou ao Rio de Janeiro, onde topou a D. Diogo de Alzega, que por mandado de el-rei com quatro náus o ia soccorrer com bastimentos e outras cousas e, parecendo a Diogo Flores que a armada estava desfeita, sem gente e sem munições, determinou de tornar á Espanha com D. Diogo de Alzega e que o seu almirante Diogo da Ribeira, com cinco navios que lhe deixou, ficasse alli pera tornar o verão seguinte, a ver si teria mais ventura de embocar o estreito e povoal-o, como el-rei mandava.

Navegando Diogo Flores com os mais navios, que já não eram mais de sete, arribou, com uma tormenta que o fez tornar duzentas leguas atraz, a esta bahia de Todos os Santos, no principio do mez de Junho de 1583, onde se deteve a concertal-os, pera o que da fazenda de el-rei se lhe deu o que foi necessario e se mandou fornecimento ao Rio de Janeiro para o almirante Diogo da Ribeira seguir a sua viagem ao estreito. E o governador Manuel Telles Barreto o banqueteou e a todos os capitães e gentis-homens um dia esplendidamente e o bispo D. Antonio Barreiros outro; mas o que mais fez nesta materia foi um cidadão senhor de engenho, chamado Sebastião de Faria, o qual lhe largou as suas casas com todo o serviço e o banqueteou e aos seus familiares e apaniguados oito mezes que aqui estiveram, só por servir a el-rei sem por isso receber mercê alguma, porque serviços do Brasil raramente se pagam.

CAPITULO TERCEIRO

Do soccorro que da Parahiba se mandou pedir ao governador Manuel Telles e o assento que sobre isso se tomou.

No capitulo 25 do livro terceiro tocámos como o governador Lourenço da Veiga desistira da conquista da Parahiba, por el-rei D. Henrique, que em aquelle tempo governava, a encarregar a Fructuoso Barbosa, que lha pediu.

Havia este homem ido de Pernambuco e, por haver na Parahiba carregados navios de páu por algumas vezes no tempo das pazes que lhe os potiguares fizeram e por ter conhecimento da terra e delles, o encarregou el-rei da conquista por contrato que fez em sua fazenda, dando-lhe pera isso as provisões necessarias, náus e mantimentos e, conquistando a Parahiba, a capitania por dez annos.

Chegou Fructuoso Barbosa á barra de Pernambuco no anno de 1579 em um formoso galeão e uma zavra e outros navios, com muita gente portugueza, assim soldados como povoadores casados, com muitos resgates, munições e petrechos necessarios assim á conquista como á povoação que logo havia de fazer, pera a qual trazia um vigario a quem el-rei dava quatrocentos cruzados de ordenado, e religiosos da nossa seraphica ordem franciscana e de S. Bento, com toda a ordem e recado ne-

cessario á empreza, que á fazenda de el-rei devia de custar muito. E em sete ou oito dias que esteve na barra surto, sem desembarcar nem tratar do negocio a que vinha, lhe deu um tempo com que arribou ás Indias, onde lhe morreu a mulher, e tornando dalli ao reino partiu delle no anno de 1582, por mandado de el-rei D. Philippe e, tornando a Pernambuco, se concertou com os da villa de Olinda que o licenceado Simão Rodrigues Cardoso, capitão-mór e ouvidor de Pernambuco, fosse por terra com gente, e elle, com a que trazia e outra muita que da capitania por serviço de el-rei se lhe ajuntou, por mar. O qual, chegando á bocca da barra da Parahiba com a armada que trouxe e alguns caravelões, entrou pelo rio acima, por ter aviso de sete ou oito náus francezas que lá estavam surtas bem descuidadas e varadas em terra, e a maior parte da gente della e os indios mettidos pelo sertão a fazer páu pera carregal-as e dando de subito sobre ellas queimou cinco, esbulhando-as primeiro, que foi um honrado feito e as outras fugiram com quasi toda a gente.

Descuidados os nossos com esta victoria alcançada com tão pouco custo e nem um sangue, sahindo alguns delles em terra com um filho de Fructuoso Barbosa, rebentou o gentio de um cilada em que estava e dando nelles os foram matando até os bateis, aonde se iam recolhendo, sem das náus os soccorrerem, que foi cousa lastimosa ver matar mais de quarenta portuguezes, em que entrou o filho do capitão. E com a mesma furia houveram os inimigos de tomar a zavra em que ia Gregorio Lopes de Abreu por capitão, que o dia de antes entrara diante e o fizera muito bem, por ficar na ponta da ilha quasi em secco e, a se não defender

tão esforçadamente, sempre os indios o tomaram e acabaram todos.

O capitão Fructuoso Barbosa ficou tão cortado e receioso deste successo que se levantou com toda a armada e foi surgir na boca da barra, por se não ter por seguro dentro, esperando a gente que ia por terra. E, estando pera dar á vela por ver que tardava, chegou o licenceado Simão Rodrigues com duzentos homens de pé e de cavallo e muito gentio, o qual no caminho da varzea da Parahiba teve um bom recontro com os potiguares, que avisados da sua vinda o foram esperar, e metteram em revolta e pressa, si o nosso gentio ajudado da gente branca lhe não tivera aquelle primeiro encontro, porque os potiguares, animados da victoria passada, se mettiam tanto que vinham a braços com os nossos. Mas emfim ficaram vencidos e desbaratados, e assim chegaram os nossos á barra do rio da banda do Norte com esta victoria, com que consolaram os da armada. E, animados uns com outros, trataram em oito dias que alli estiveram os meios de se fortificarem da banda do Norte, porque pareceu impossivel da banda do Sul, no Cabedello, por ser máu o sitio e não ter agua. O que não fizeram de uma parte nem de outra, antes fugiram á maior pressa, por verem da banda dalém muito gentio. Pelo que, mandando dalli o galeão com aviso á Sua Magestade do que passava, desesperado já Fructuoso Barbosa de tudo, se veiu lograr um novo casamento, que á sombra da governação de caminho em Pernambuco havia feito pera restauro da mulher e filho que havia perdido. E assim ficou tudo como dantes, os inimigos mais soberbos e as capitanias visinhas a risco de se despovoarem.

Só os detinham as esperanças que tinham de serem soccoridos da Bahia, onde haviam mandado por procurador um Antonio Raposo ao governador Manuel Telles Barreto com grandes protestos de encampação, o qual fez sobre isto junta e conselho em sua casa, em que se acharam com elle o bispo D. Antonio Barreiros, o general da armada castelhana Diogo Flores de Valdez, o ouvidor geral Martim Leitão e os mais que na materia podiam ter voto, e se assentou que fosse o general Diogo Flores, e em sua companhia o licenceado Martim Leitão, com todos os poderes bastantes pera effeito da povoação da Parahiba e por provedor da fazenda e mantimentos da armada Martim Carvalho, cidadão da Bahia, os quaes todos aceitaram com muito animo e gosto, particularmente Diogo Flores, por ver, já que o jogo lhe succedeu tão mal no estreito, si ao menos podia levar este vinte de caminho.

CAPITULO QUARTO

De como o licenceado Martim Leitão, ouvidor geral, foi por mandado do governador com o general Diogo Flores de Valdez á conquista da Parahiba e se fez nella a fortaleza da barra.

Tomado o assento que fica dito no capitulo precedente, se aprestaram e sahiram da Bahia o 1.º do mez de Março do anno de 1584 com uma armada de nove náus, sete castelhanas e duas portuguezas, e chegaram a Pernambuco a 20 do mesmo, onde logo desembarcou o ouvidor geral, ficando de fóra toda a armada, e fez ajuntar em camera D. Philippe de Moura, capitão da capitania por Jorge de Albuquerque, senhor della, com os mais vogaes, em que tambem se achou D. Antonio de Barreiros, bispo deste estado, que havia ido na armada a visitar as igrejas de Pernambuco e Tamaracá.

E ficou assentado se aprestasse tudo pera domingo de Paschoa partirem D. Philippe de Moura por cabeça com a gente que o ouvidor geral havia de fazer, como logo começou, rogando um e um, compondo-lhes suas cousas, com que se aviaram muitos dos moradores de Pernambuco e se ajuntaram na villa de Igaruçú no dia signalado, havendo já D. Philippe juntos os da ilha de Tamaracá no engenho de seu sogro Philippe Cavalcanti em Araripe, até onde Martim Leitão acompanhou

o arraial. E, depois de partidos dalli, ajuntou mais alguns quarenta homens que, entregues a um Alvaro Bastardo, mandou a D. Philippe e o alcançaram junto ao rio Parahiba, onde tiveram todos um recontro com o gentio. Mas emfim passaram o rio acima pera a banda do Norte, por onde Simão Rodrigues Cardoso o havia outra vez passado, e foram demandar a barra onde acharam a Diogo Flores, que já tinha queimadas tres náus francezas que alli achou surtas e varadas em terra, donde, indo pera subir em uma, lhe deram os inimigos de dentro do matto uma frechada no peito, que lhe não fez nojo pelas boas armas que levava.

E, porque o principal fim que se pretendia era povoar-se a terra, chegado e alojado o arraial, sahiu Diogo Flores e, tomado conselho entre os capitães, assentaram fazer-se um forte primeiro, pera que á sua sombra pudessem povoar. Pera o qual nomeou o general por alcaide o capitão da sua infantaria Francisco Castejon com cento e dez arcabuzeiros castelhanos e cincoenta portuguezes, pera os quaes e pera a povoação que se havia de fazer, remetteu ao exercito portuguez elegesse cabeça e, por a maior parte ser de viannezes, se elegeu Fructuoso Barbosa que era viannez, tendo-se tambem respeito á provisão que apresentou de el-rei D. Henrique, em que o fazia capitão da Parahiba si a conquistasse, posto que, como era condicional, faltando a condição parece que já não obrigava, e este era o parecer do general.

O forte se situou logo uma legua da barra da parte do Norte, defronte da ponta da ilha, mais por não fugirem os soldados com o largo rio que fica em meio que por ser bom sitio, que é baixo e de ruim agua,

do qual ficou por alcaide o capitão Francisco Castejon, e delle deu homenagem ao general Diogo Flores e se lhe poz o nome de S. Philippe e Santiago, no dia dos quaes santos se fez á vela o general caminho de Espanha, onde chegou a salvamento.

O capitão Simão Falcão, emquanto os mais assistiam na obra do forte, espiada uma aldeia dos inimigos, a salteou uma madrugada, matando alguma gente e cativando quatro, com cujo lingua o nosso exercito, vendo que já alli não era de effeito, se partiu a via do sertão em busca dos inimigos até uma campina que se chama das Ostras, tres leguas do forte, onde se alojou. E, por ser a festa do Espirito Santo e a gente ser dada a folgar, se puzeram a festejar com muito descuido o dia e oitavas, e dizia D. Philippe por descargo que esperava a seu sogro Philippe Cavalcanti, que havia ficado no forte.

Uma tarde, ouvindo uma trombeta e grande rumor, foram dez de cavallo e alguns quarenta de pé com muitos indios á ordem de um Antonio Leitão, com muita desordem, a descobrir campo, e deram em uma cilada que os começou a sacudir até chegarem á vista do arraial, sem haver accordo pera lhes acudirem, antes se poz tudo em tão grande confusão que, vinda a noite, se deitaram a uma lagôa por onde haviam tornar ao forte, e passando uns por cima dos outros, voando com azas do medo que levaram, foram bater ás portas do forte, que o alcaide, enfadado de os ver, lhes não quiz abrir, deixando-os estar á chuva toda a noite, que foi leve castigo pera o merecido.

Vindo o dia lhes persuadiu que tornassem a buscar os inimigos com mais cincoenta arcabuzeiros, que lhes

dava dos do presidio, e taes estavam que nem com isto quizeram ir, sinão voltar pera Pernambuco, e assim se vieram passando o rio defronte do forte em barcos, com bem trabalho por ser inverno, que os tratou mal todo o caminho, onde lhes morreram muitos cavallos e escravos á mingua.

CAPITULO QUINTO

Dos soccorros que por industria do ouvidor geral se mandaram á Parahiba.

Chegados desta maneira a Pernambuco, em o mez de Junho, começaram logo os requerimentos do alcaide do forte e Fructuoso Barbosa por ficarem faltos de mantimentos. E os inimigos, por ficarem victoriosos, os molestaram tanto que só os detinha a não levarem a fortaleza nas unhas a furia da artilharia, que, achando-os em descoberto, os despedaçava, a cuja sombra o alcaide, em algumas escaramuças que com elles teve, lhes mostrou o valor da sua pessoa e dos espanhoes e portuguezes, que o seguiam apesar de seu capitão Fructuoso Barbosa, que não tinha paciencia com estas escaramuças, e com requerimentos as estorvava quanto podia. E assim encontrados elle e o alcaide nos humores, tudo eram brigas e ruins palavras, fazendo papeladas um de outro, que mandavam ao ouvidor geral com requerimentos do soccorro dos mantimentos, que, como conhecido por mais zeloso do serviço de el-rei, até isto batia nelle, sendo obrigação do provedor Martim Carvalho, que pelo contrario se mostrava mui remisso. E por esta causa se começaram entre ambos grandes desavenças, crescendo sempre do forte os requerimentos, porque se viam nelle tão apertados da guerra e fome que até os cavallos tinham comido.

Mandou-lhes Martim Leitão por mar vinte e quatro homens a cargo de um Nicoláu Nunes, com alguns mantimentos que deu o provedor, mas foram tão parcos, e cresciam tanto os rebates dos inimigos potiguares, que o alcaide do forte se veiu no mez de Setembro a Pernambuco a pedir soccorro. Onde achou a Pedro Sarmiento, que o general havia deixado com o almirante Diogo da Ribeira no Rio de Janeiro pera ir povoar o estreito de Magalhães e governar a povoação que fizesse, donde já vinha destroçado e pedia tambem mantimento, que se lhe deu, pera poder passar á Espanha. Mas o alcaide Castejon aviava-se tão devagar que andava impaciente, pelo que, achando-se um dia (depois de outros muitos) em casa de Martim Carvalho com os juizes e officiaes da camera, em presença do bispo, vieram a muito ruins palavras, sobre as quaes alguma gente da casa arrancou com os soldados do alcaide, em cima onde todos estavam, e baralhados assim sahiram á rua com grande briga, a que acudiu muita gente com o ouvidor geral, que os apaziguou como poude.

Por isto se tornou o alcaide pera a Parahiba, em o mez de Outubro, mal provido e com claras mostras de o ser cada vez menos pelo odio em que com elles ficava o provedor. Mas foi de muito effeito a sua tornada, porque logo no Novembro seguinte entraram duas náus francezas na Parahiba e, reconhecendo o forte e uma náu grande portugueza com dous patachos que lhe Diogo Flores tinha deixado, se sahiram e foram surgir tres leguas dahi na boca da bahia da Traição e, começando trato com os potiguares, vieram de lá por terra correr o forte, trazendo alguns berços, com que grandemente o apertavam, fazendo grandes cavas e bardos de

terra e areia, pelos não pejar a artilharia. Com os quaes e outros ardis, como praticos nas nossas guerras, puzeram o alcaide em termos de desesperar de poder defender-se, e logo disso avisou ao ouvidor.geral, com grandes requerimentos, assim seus como de Fructuoso Barbosa.

O ouvidor no primeiro dia que lhos deram se foi dormir ao Recife, onde aprestou um navio de setenta toneladas á sua custa com muitos homens brancos e setenta indios, e por capitão um Gaspar Dias de Moraes, soldado antigo de Flandres, que por seu rogo aceitou sel-o, e em dous dias, andando em uma rêde por andar doente, os deitou pela barra fóra. Este navio e a galé de Pedro Lopes Lobo, capitão de Tamaracá, que tambem o ouvidor forneceu, em que o mesmo Pedro Lopes foi por capitão com cincoenta homens e alguns indios, chegaram á Parahiba, onde foram recebidos e estimados como a propria vida.

Os francezes, vendo o soccorro, se recolheram ás suas náus que haviam deixado na bahia da Traição. E consultando o caso o alcaide com os capitães do soccorro, assentaram que ficasse Pedro Lopes, capitão da galé, no forte, por respeito do muito gentio, que diziam passar de dez mil os que o tinham cercado com suas cavas e trincheiras, e que o alcaide, na sua galé e náu que lá tinha e a do soccorro, fossem buscar os francezes, como logo foram, e tomando-lhes o mar os fizeram varar em terra com as náus e lhas queimaram e mataram alguns, que foi honrado feito por serem as náus grandes e estarem avisados. Mas a náu do forte, por ser muito grande e a costa alli ir já muito voltando pera as Indias, arribou a ellas, e nella foi a maior parte da artilharia que haviam tomado das francezas.

O navio e galé voltaram e, chegando ao forte, desembarcando de subito e com a gente de dentro, deram nos inimigos com tão grande impeto que lhes ganharam as suas estancias, matando muitos, com o que se afastaram bem longe e os nossos cobraram a agua, que lhes tinham tomada. E assim, ficando os do forte mais largos que nunca e todos muito contentes, com grandes louvores ao ouvidor geral se tornaram os de Pernambuco e Tamaracá até lhe dar razão de tudo e receber os perabens da jornada, que foi de muito effeito, assim pera o desengano dos francezes que nem na bahia da Traição haviam de ter colheita, como dos potiguares, que já com elles por nem uma parte poderiam ter commercio.

CAPITULO SEXTO

De como o ouvidor geral Martim Leitão foi á Parahiba a primeira vez, e da ordem da jornada e primeiro rompimento e cerca tomada.

Com esta magoa e desejo de vingança que ficou aos potiguares, no fim de Janeiro de 1585 se ajuntaram mais que nunca e fizeram tres cercas mui fortes, ao longo do forte, a tiro de pedreiro, de troncos de palmeiras que por muito grossos os defendiam da artilharia, e todas as noites as iam chegando e ganhando terra, o que logo o alcaide avisou ao ouvidor geral, ficando muito receioso que por aquella via com as proprias cercas os viriam abordando até se abarbarem e igualarem com o forte, sem se poderem valer da artilharia nem das mãos, por no forte haver muitas doenças por respeito do máu sitio, fomes e ruim agua, de que muita gente lhe era morta e assim estava com muito perigo.

Aos 8 de Fevereiro dobrou com mais força os requerimentos e encampações de logo despejarem todos, como tambem por avisos se soube terem já pera isto o melhor embarcado em uma náu que lá tinham. Pela qual nova todas as capitanias se metteram em grandes revoltas, e muito mais, com se saber esta determinação, por ter chegado de soccorro aos potiguares o famoso entre o gentio Braço de Peixe ou por sua lingua Pirá-

giba, de que tratamos em o capitulo vigesimo do livro proximo passado.

O ouvidor geral, logo em lhe dando os requerimentos do alcaide, os mandou ao capitão D. Philippe, que estava já liado com Martim Carvalho, ao qual se levaram tambem outros requerimentos sobre mantimentos, vindo a isso o tenente do forte, a cuja instancia todos concordaram, e juntamente o bispo e officiaes da camera, requererem ao ouvidor geral Martim Leitão fosse em pessoa a esta guerra, de que fizeram autos. O que elle, vista a importancia do caso, aceitou em 14 de Fevereiro, com determinação de partir dentro delle. No que se começou com incrivel presteza em toda a parte, e era cousa notavel ver a vontade com que todos se offereciam a ir com elle; mas comtudo, a não haver no porto passante de trinta navios com muitos mantimentos, que nunca tantos houve, nem fôra possivel aviarem-se com tanta brevidade, supprindo tambem a grande diligencia de Martim Leitão, escrevendo particularmente aos nobres, convidando-os com razões efficazes pera a jornada e aviando a muitos, porque no Brasil tudo se compra fiado, e estes nestas cousas querem superabundancias, a que os mercadores já não acudiam e era necessario fazel-os elle prover, e aviar uns e outros era infinito. Fez tambem dous capitães pera sua guarda, que depois mandou na vanguarda, pela confiança que nelles tinha, por ser toda gente solta e muitos mamalucos e filhos da terra, porque estes nisto são de muito effeito; e a estas duas companhias deu sempre á sua custa de comer e todo o mais necessario, e proveu de armas, ainda que nos requerimentos que lhe fizeram pera elle haver de ir, disse o provedor Martim

Carvalho que fosse, que elle o proveria á custa da fazenda de Sua Magestade.

Além dos dous capitães da guarda, que um era Gaspar Dias de Moraes, que de soccorro antes havia ido á Parahiba, e outro Micer Hippolytho, antigo e mui pratico capitão da terra, se elegeram mais de novo por capitães Ambrosio Fernandes Brandão e Fernão Soares, que se chamavam capitães de mercadores; foram mais os capitães das companhias da ordenança da terra, Simão Falcão, Jorge Camello, João Paes, capitão do cabo de S. Agostinho, muito rico, que o fez nesta jornada por cima de todos, em tudo levando sempre a retaguarda, e João Velho Rego, capitão de Igaraçú, e todos da ilha de Tamaracá, com seu capitão Pedro Lopes. E, porque havia muita e boa gente de cavallo, que foram cento e noventa e cinco, ordenou tres guiões de trinta cavallos cada um dos melhores pera acudirem aonde cumprisse, de que eram capitães Christovão Paes d'Altero, Antonio Cavalcanti, filho de Philippe Cavalcanti, e Balthazar de Barros. Ia mais um filho do capitão Antonio de Carvalho com a sua bandeira por elle ficar doente, que em todas as jornadas o fez muito bem.

E era a segunda pessoa deste exercito, sobre quem carregava o peso delle, Francisco Barreto, cunhado do ouvidor geral Martim Leitão, a que chamavam mestre de campo, e elle o podera ser de outro de muitos milhares de soldados por seu esforço e destreza.

Com todo este exercito, que foi a mais formosa cousa que nunca Pernambuco viu nem sei si verá, foi o general Martim Leitão (que assim lhe chamaremos nesta jornada) dormir no campo de Igaruçú, no meio do qual mandou armar sua tenda de campo, com outras pegadas,

uma pera dous padres da Companhia de Jesus que com elle iam, e outra de sua despensa, onde se agasalhava tambem a gente do seu serviço. Aqui mandou deitar grandes bandos, pondo graves penas contra todos aquelles que brigassem ou arrancassem, encommendando mui particularmente que houvesse entre todos muita amizade e conformidade, e outras boas ordens necessarias que, si se cá costumaram no Brasil, não houvera tantas perdas e desconcertos como sabemos. Alli esteve tres dias esperando se ajuntassem alguns que faltavam; onde fez aposentador e mais officiaes de campo.

Ao quarto dia (que foi o 1.º de Março) daquelle alojamento, foram dormir além do rio Tapirema, onde fez resenha e se achou com quinhentos e tantos homens brancos, e o general deu regimento a todos do que haviam de fazer, repartiu as companhias e ordenou que um dos guiões de cavallos aos dias, por evitar competencias, fosse na vanguarda, outro na retaguarda, e o terceiro na batalha onde elle ia, e o capitão a que no seu dia tocava a retaguarda tivesse obrigação de uma hora antemanhã com alguns indios correrem e descobrirem o campo. E assim com toda a ordem possivel, e com irem de continuo alguns homens de confiança com mamalucos e indios por descobridores diante e pelas ilhargas do exercito mettidos pelo matto, e gastadores abrindo o caminho, foram por suas jornadas em cinco dias á grande campina da Parahiba, onde, pela lembrança do que alguns alli em outras jornadas tinham visto, ia a gente tão apartada que, sendo o caminho da campina largo e raso, não andavam por mais recados que se passavam á vanguarda, em que em aquelle dia, por ser de mais importancia, ia Francisco

Barreto. Mas não soffrendo tanto vagar tomou o general um galope e foi ver o que era e, achando que haviam já dado em matto e se detinham os gastadores em abrir caminho com as fouces, os fez abreviar e marchar a vanguarda com presteza e recado, esperando elle alli ate se metter em seu logar.

Marchando pois a vanguarda e o mestre de campo Francisco Barreto com ella, já quasi sol posto deu em uma cerca mui grande de gentio, pegada do rio Tibiry, que promettia ter dentro mais de tres mil almas. O que não obstante, nem a escuridão da noite que sobrevinha, nem ser a cerca mui forte e com uma rêde de madeira por fóra, como uns leões remetteram e entraram nella, matando muitos dos inimigos e pondo os mais em fugida, ficando dos nossos muito pouco feridos, porque foi tal a pressa e açodamento que lhes não deram vagar nem tempo pera despedirem muitas frechas, o que sentindo o corpo do exercito e retaguarda, rebentavam todos por chegar com os dianteiros á briga, e por mais pressa que se deram quando já chegaram era acabada.

Entrando pois todo o exercito dentro na cerca, que Francisco Barreto lhe tinha franqueada com a gente da vanguarda, e alojados todos nella, repousaram alli aquella noite, onde acharam farinha feita e armas e polvora, que tinham pera ir cercar o forte, conforme os cativos disseram.

CAPITULO SETIMO

De como se tentaram as pazes com o Braço de Peixe e por as não querer se lhe deu guerra.

Ao outro dia pela manhã cedo logo os indios se puzeram ás pulhas (como é seu costume) em um teso alto, defronte da nossa cerca, além de um grande alagadiço que por aquella parte ficava, donde foram conhecidos dos nossos ser gente do Braço de Peixe, que não eram potiguares, sinão tabajaras seus contrarios; mas, por se temerem dos portuguezes, que vingassem a morte de cento e tantos que com Gaspar Dias de Atayde e Francisco de Caldas (ainda que com razão) haviam mortos, como dissemos no capitulo vigesimo do livro precedente, se vieram a metter com os potiguares e, assim por se reconciliarem com elles, como por serem mais industriosos e valentes, nos faziam muito damno. O que entendido pelo general Martim Leitão e considerando de quanta importancia seria ter paz com elles e apartal-os dos potiguares, mandou por linguas fazer-lhes praticas que estivessem seguros que só buscavam os potiguares, com os quaes nunca queriamos paz, mas com elles sim, dizendo-lhes mais que o general era homem do reino, fóra de malicias e enganos que com elles usavam os do Brasil, e estava muito bem informado da sua amizade antiga com os brancos, pelos quaes sabia que que-

brara a paz, e que, si os capitães Atayde e Caldas foram vivos, os mandara el-rei castigar.

Com estas praticas e vinho que lhes deram a beber concertaram que, dando refens, mandaria o Braço seus embaixadores, depois de jantar assentar pazes com o general, o qual neste meio tempo trabalhou com toda a dissimulação em mandar descobrir o alagadiço, si por cima ou por baixo daria váu á gente; mas não se achou nisto remedio, pela grandeza do alagadiço e espessura do matto á roda.

Ao meio dia vieram tres indios a tratar das pazes, que foram ouvidos na tenda do general e examinados por linguas, e feitas todas as diligencias e ostentações que foram necessarias, por o Braço e os seus terem comsigo muitos potiguares, juntamente com o medo de suas culpas, nada bastou pera os segurar, e assim tornando-se á tarde quizeram lá matar os refens e ficou a guerra rota, que os inimigos estimando pouco esquentaram toda aquella tarde com trinta e tantas espingardas e muitas frechas que tiraram. Ao que ainda querendo atalhar o general, pera os desenganar mandou sahir por sua ordem todas as companhias e gente por uma campina entre a cerca e o alagadiço, que em aquella manhã, pera o que succedesse, tinha mandado roçar. Tambem lhe mandou dar mostra de dous berços que trazia em carros e varejar com elles uma caiçara ou tranqueira que, pera pelejarem e se defenderem no cume de um pico, no cabo de uma queimada, os inimigos haviam feito e, com outros assombros, nada bastou para quererem paz.

Com isto se resolveu o general a lhes darem ao outro dia batalha, mandando aquella tarde fazer mui-

tos feixes de fachina que ao longo da cerca haviam cortado, pera que, com as pontes que o gentio no alagadiço havia feito, passassem da outra banda.

Não foi nada aprazivel ao arraial esta determinação do general, o que se viu melhor no conselho que na sua tenda se teve aquella noite, que foi assaz vario e confuso, e a seus brados se assentou ficassem alli as duas partes do arraial e Francisco Barreto com elles, com todo o provimento pera o que succedesse, e elle a pé com a terça parte ir dar nos inimigos no pico.

Ouvindo missa ao outro dia pela manhã muito cedo, partiu o general com as companhias da vanguarda sómente e o guião de cavallo de Antonio Cavalcanti, que mandou no roçado e em uma queimada andar da nossa parte do alagadiço, pera por alli não rebentar alguma cilada e lhe tomarem as costas e, levando o padre Hyeronimo Machado, da Companhia, um crucifixo diante, acharam no alagadiço muito estorvo por de noite os inimigos cortarem muitas arvores, com que o atravessaram e embaraçaram todo. Com isto, e com andarem muitos soldados pela queimada da outra banda ás frechadas e arcabuzadas, se passava devagar e com tanto receio que foi necessario ao general agastar-se com alguns e, mandando ficar a companhia de Ambrosio Fernandes com ordem que se não bulisse do alagadiço até todos serem em cima, arrancou da espada, jurando havia de escalar o primeiro que falasse, sinão obrarem todos como esforçados. Isto e metter-se com o passo apressado após os dianteiros fez passar os mais e tomar a ladeira acima bem depressa.

Depois de se recolherem os inimigos na cerca, subiam os nossos em pés e mãos por ella e, ferrando-a todos,

não acabavam de a render, o que vendo o general tomou um inglez que levava comsigo armado e, subindo ás costas em cima da cerca com uma formosa lança de fogo, fez taes floreios, lançando della infinidade de foguetes, que despejaram os inimigos. Por alli, e derribando os nossos duas ou tres braças de cerca que cortaram, entraram dentro e os foram seguindo um pedaço, ainda que, com o ruim caminho e impedimentos que os inimigos tinham postos, e elles serem bichos do matto que furam por onde querem, foi causa de escaparem muitos. O que ordenou Deus pera nos ficarem, como agora os temos, por amigos.

Corridos assim o mais que os nossos puderam, mandou o general queimar toda a caiçara e madeira da cerca e, assolado tudo, se tornou pera seus companheiros, que haviam ficado na outra cerca, os quaes o vieram receber fóra com *Te-Deum laudamus.* E no mesmo dia á tarde houve um rebate da banda do Tibiry a que alguns capitães acudiram desordenadamente e, por ser a revolta grande, mandou o general a Francisco Barreto os fosse recolher, o que fez muito bem e com muita ordem, porque em a escaramuça que se travou foram mortos alguns potiguares, sem dos nossos haver ferido algum e, por não ser já de effeito a estada alli ao outro dia, mandou o general pôr fogo á cerca. E com todo o exercito pelo rio Tibiry abaixo foi seguindo os inimigos, e foram dormir dalli a duas leguas, onde agora se chama as Marés e, arrancados todos os mantimentos que acharam, que foi a maior guerra que se lhes póde fazer, e queimadas duas aldeias que alli estavam despovoadas, se tornaram acima a buscar outra cerca nova, que havia feito um principal chamado Assento de Pas-

saro, aonde antes de chegarem acharam tantos embaraços de ruim caminho, que se ia abrindo pelo matto e brejos, e alguns inimigos corredores que se atravessaram diante que, por mais que o general se apressou, passando-se á vanguarda com o ouvidor da capitania Francisco do Amaral, que sempre o seguia, e marchando com ella, já acharam a cerca, que era grande e forte, despejada, ainda que em alguns velhos e femeas se vingou o nosso gentio. E alli pararam aquelle dia e o outro, donde, pelos muitos alagadiços e diversidades de opiniões dos caminhos que ninguem sabia, se resolveram tornar pelo rio da Parahiba abaixo, buscar o passo pera o forte, onde se assentaria o que cumprisse.

Partidos desta cerca por outro caminho, que era a estrada, acharam nella tantos laberintos que os inimigos tinham feito, tantos fojos, arvores cortadas atravessadas que era admiração e, a não haver grande cautela, poucos bastaram alli pera desbaratar a muitos; mas de tudo Nosso Senhor os guardou e desviou.

Passado embaixo o rio da Parahiba, em tres dias chegaram ao forte, que estava cousa piedosa de ver, assim o damnificamento e ruinas delle, como as pessoas dos soldados, que bem mostravam as fomes e miserias que tinham passado.

CAPITULO OITAVO

De como o general Martim Leitão chegando ao forte mandou o capitão João Paes á bahia da Traição e depois se tornaram pera Pernambuco.

Logo na tarde que chegaram ao forte ordenou o general que fosse o capitão João Paes com tresentos homens de pé e de cavallo correr a bahia da Traição, como foram o seguinte dia em amanhecendo.

Procurou tambem muito com Fructuoso Barbosa quizesse ir duas leguas do forte, junto das Marés, onde havia muitos mantimentos da parte do Sul do rio da Parahiba, fazer povoação, pera o que lhe juntava oitenta homens brancos, e indios os mais que pudesse, e se offerecia estar com elle seis mezes e outros seis seu cunhado Francisco Barreto; mas nunca se poude acabar com elle e, por autos que disto se fizeram, desistiu de toda a pretenção da Parahiba, dizendo que não estaria mais uma hora em ella. Comtudo determinou o general fazer no dito sitio (que a todos pareceu bem) a povoação, pera o que commetteu a Pero Lopes e a outros, mas não poude concluir. Pelo que com assaz paixão se determinou ir pela praia com a gente que lhe ficou juntar-se na bahia da Traição com João Paes; porque assim, levando um campo por cima outro por baixo, não ficando cousa em meio, seguissem por alguns dias

os inimigos até os encontrarem ou enxotarem pera longe. Mas, determinando partir na baixa mar do outro dia, subitamente aquella noite adoeceram quarenta e duas pessoas com estranhas dores de barriga e camaras, entre os quaes foi Francisco Barreto e o padre Simão Tavares da Companhia e outros de muita importancia, com o que houve detença dous dias e, vendo que não melhoravam pelos ruins ares e aguas daquelle sitio, foi forçado levantar o arraial e tomar acima duas leguas em um campo muito formoso e aprasivel, sitio de muitas boas aguas, a que puzeram nome campo das Ostras, onde, em seis dias que alli estiveram esperando por João Paes, alguns se refizeram. Chegado elle e juntos outra vez todos e sabido que na bahia da Traição não ousaram os inimigos esperar, e lhes queimaram muitas aldeias e arrancaram mantimentos, fizeram-se dous ou tres conselhos pera se dar ordem no que se devia fazer e, por terem por certo que os Tobajaras, gentio do Braço de Peixe, estavam desavindos com os potiguares e começavam a guerrear uns contra outros, se resolveram todos era bem deixal-os, já que por si se queriam gastar, antes convir muito por alguma via avisar o Braço de Peixe que lhe dariam soccorro contra os potiguares e que não se tornasse á serra. Com que em muito segredo o general fez fugido um indio seu parente com grandes promessas, si o quietasse e fizesse tornar ao mar.

Com esta ordem e provido o forte de mais vinte homens e com lhe deixar o capitão Pero Lopes em logar de Fructuoso Barbosa e os prover do seu como melhor poude, deixando-lhes pipas de farinha, biscoito, vinho e sardinhas pera dous mezes, se partiram todos

pera a villa de Olinda com muita festa, ainda que o espirito do ouvidor geral Martim Leitão (que já não chamarei general) não se quietava nem contentava, dizendo não ter feito nada, pois não ficava levantada povoação na Parahiba e tudo o da guerra concluido, como si fora poderoso pera tão grande empreza, em que Nosso Senhor o tinha tão favorecido.

Desta maneira entraram na villa de Olinda em som de guerra, postos em ordem, acompanhando todos ao ouvidor geral até sua casa, com a maior festa e triumpho que Pernambuco nunca teve, que foi a 6 de Abril de 1585.

CAPITULO NONO

De como o capitão Castejon fugiu e largou o forte e o ouvidor geral o prendeu e agasalhou os soldados.

O 1.º de Junho do mesmo anno de 85, chegou nova a Pernambuco era chegado a Tamaracá o capitão Pero Lopes, que o ouvidor geral Martim Leitão deixara com alguns portuguezes no forte da Parahiba em companhia do alcaide, o qual tambem se dizia o queria desemparar com os espanhoes e que em secreto buscavam piloto que de lá os levasse ás Indias. E, como o ouvidor geral andava tão pronto e receioso destas cousas, logo pela posta mandou buscar Pero Lopes, do qual informado, em quatro dias concluiu com elle se tornasse a assistir no forte como o deixara, com alguns filhos da terra e gentio, no qual estivesse até Janeiro, com obrigação de lhe dar em cada mez cincoenta cruzados, porque não seria possivel deixar el-rei até então de avisar e prover, por cuja falta se despovoava isto.

Difficultosamente aceitou Pero Lopes, porque pela má condição do alcaide Castejon todos fugiam delle; mas sobre isto rebentou outro maior inconveniente, que foi resolver-se o provedor Martim Carvalho (que até então mal provia o forte) em não o querer mais prover bem nem mal, nem nisso entender, e assim o respondeu por actos publicos, com o que ficou tudo desarmado. E se

concluira peior si o ouvidor geral não tratara este negocio por via de emprestimo, com que logo mandou o capitão Pero Lopes fizesse ról do que havia mistér pera provimento de cem homens em seis mezes e, feito e sommado em tres mil cruzados, os mandou logo tomar e repartir pelos mercadores que tinham as cousas necessarias, aos quaes se satisfazia com creditos de João Nunes mercador e, tomado navio e aviado, por não succeder no forte fazer o alcaide com os espanhoes abalo, lhes fez escrever da camera com muitos mimos e certeza de serem agora muito melhor providos, pois havia de correr por elles, livres de Martim Carvalho, que muito deviam estimar.

O mesmo lhe escreveu o ouvidor geral e com estas cartas se foi Pero Lopes aviar a sua casa á ilha de Tamaracá, donde havia o navio e gente de o ir tomar de caminho, e elle entretanto avisaria o alcaide. E, ou o diabo o tecesse, ou não sei porque, Pero Lopes não avisou ao forte, nem mandou as cartas, indo disso tão encarregado, e as teve em seu poder sem as mandar desde 8 de Junho até 24 que, estando tudo a pique pera o outro dia partir o navio e de caminho ir pela ilha, se começou a dizer serem chegados a ella castelhanos do forte, dizendo vinha atraz o alcaide e deixavam tudo arrasado.

A isto (que em breve encheu a terra) se ajuntou toda a villa ás Aves Marias em casa do ouvidor geral, onde se assentou que se juntassem logo pela manhã no collegio o bispo, capitão D. Philippe, camera, provedor Martim Carvalho. E elle, que nestas cousas não dormia, na mesma noite despediu os seus officiaes que fossem buscar a Castejon e lho trouxessem preso a bom recado,

como fizeram. E nas perguntas não deu outra razão sinão da fome, que era assaz fraca, pois confessava depois da guerra que havia dado não apparecer mais inimigo, e irem os barcos que lhe havia deixado pelo rio acima buscar mantimentos, que era assaz provimento. Mas deviam de estar enfadados, e vingaram-se em deitar a artilharia ao mar e uma náu que lá estava ao fundo, e pôr o fogo ao forte e quebrar o sino, e com isto se vieram á villa como quem não tinha feito nada e, o que mais é, que assim se julgou depois no reino, aonde o ouvidor geral mandou o Castejon preso, que de tudo se livrou e sahiu bem.

Ao outro dia pela manhã, juntos em modo de conselho no collegio, houve algumas duvidas com o bispo, e outros, movidos de quão mal se respondia do reino a tanta importancia, difficultavam a empreza, que na verdade estava mais duvidosa que nunca, por ser sobre tantas quedas e lá se consumirem tantas vezes os nossos e se receiarem francezes, que nunca alli faltavam. Pelas quaes causas diziam que nunca na terra sem grossa mão de el-rei haveria força pera esta empreza.

Só o ouvidor geral Martim Leitão, todo acceso em colera e fervor com que andava, com muitas razões os persuadiu a entre si elegerem um homem que, com cento e cincoenta que se offereceu a buscar e gentio, com a despeza e vitualha que estava buscada, tornasse logo a recuperar o perdido, sinão que elle com os seus e amigos que tivesse estava determinado ir a metter-se no nosso forte arruinado, antes que os inimigos se fortificassem nelle, pois os que tinham obrigação de o defender o desempararam. E isto com tanta vehemencia, requerimentos, protestos e ameaças da parte de Sua Ma-

gestade que os espertou e aviventou; e assim elegeram o capitão Simão Falcão, que pareceu pessoa pera isso, por Fructuoso Barbosa em nem uma maneira querer aceitar, com estar a tudo presente. Do que Simão Falcão foi logo avisado e o ouvidor geral com alguns pregões, industria e summa diligencia juntou todos os espanhoes que do forte vieram e ao presente na terra havia, dos quaes fez duas esquadras de quarenta e dous, que ajuntou em umas casas, a que cada dia fazia prover da ração ordinaria de sua casa e á sua custa, não se esquecendo de por via de religiosos fazer encommendar este negocio a Deus.

CAPITULO DECIMO

De como o Braço de Peixe mandou commetter pazes pedindo soccorro contra os potiguares e o ouvidor geral tornou á Parahiba e começou a povoação.

Havendo neste mez de Julho alguma dilação por adoecer Simão Falcão, tanto ao cabo como esteve, no fim do mez chegaram dous indios do Braço de Peixe ao ouvidor geral, pedindo-lhe soccorro contra os potiguares, porque, tornando-se por o seu recado ao mar, o cercaram por vezes e tinham posto em grande aperto.

Neste proprio dia vestiu Martim Leitão os indios e se foi dormir ao Recife com João Tavares, escrivão da camera e juiz dos orfãos, ao qual por parecer de todos encommendou este soccorro, e elle por seus rogos e por serviço del-rei aceitou, e assim com doze espanhoes bem concertados e satisfeitos e oito portuguezes e uma caravela esquipada e concertada pera tudo, com algumas dadivas e bom regimento, partiu do porto de Pernambuco a 2 de Agosto de 1585, e aos 3 chegou pelo rio da Parahiba acima, onde se viu com o Braço de Peixe e mais principaes, no porto que agora é a nossa cidade, assombrando primeiro os potiguares com alguns tiros, que presumindo mais força fugiram.

Assentadas as pazes e dadas suas dadivas e refens, sahiu o capitão João Tavares dia de Nossa Senhora das Neves, por cujo respeito depois se poz esse nome á povoação e a tomaram por patrona e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta e ordenaram um forte

de madeira com as costas no rio, onde se recolheram.

Avisado logo o ouvidor geral, se alvoroçou toda a villa e moradores destas capitanias, parecendo-lhes, e com razão, eram já todos seus trabalhos acabados. E, depois de muitas graças a Deus, sobre isto chegaram os linguas por terra com obra de quarenta indios com a embaixada do Braço, aos quaes todos o ouvidor geral em sua casa agasalhou, vestiu e festejou e, avisando ao capitão João Tavares do que havia de fazer, mandando-lhe mais vinte e cinco homens de toda a sorte, por os espanhoes estarem ainda muito enfermos, e mandando vestidos finos pera os principaes e outros mimos e todos muito contentes, os tornou a mandar, e com grandes defesas que não houvesse algum genero de resgate, de que o ouvidor como experimentado era muito inimigo, e com razão, que isto é o que damna o Brasil, maiormente quando é de indios, pois com titulo de resgate os cativam.

Pera se perfeiçoarem estas pazes pareceu necessario não se perder tempo, antes ir-se logo fazer um forte, recuperar a artilharia do outro e assentar a povoação. Pera o que por todos foi assentado que ninguem podia fazer todas estas cousas sinão o ouvidor geral Martim Leitão, ao qual o pediram e requereram todos, e elle o aceitou por serviço de Deus e de el-rei e por bem destas capitanias e assim se partiu pera a Parahiba a 15 do mez de Outubro do mesmo anno. Com alguns amigos seus, officiaes e creados faziam numero de vinte e cinco de cavallo e quarenta de pé, levando pedreiros e carpinteiros e todo o recado necessario pera fazer o forte e o que mais cumprisse, e chegou lá aos 29, onde foi grandemente recebido dos indios e brancos que ahi estavam,

e aos principaes dos indios, que vieram uma legua recebel-o, abraçou um e um com grande festa, e fazendo apear os de sua casa os fez ir a cavallo, e alguns, pelo que tinham passado com os brancos, iam tremendo de maneira que era necessario il-os sustentando na sella.

Com este triumpho os levou pelo meio de suas aldeias, com que uns choravam e outros riam de prazer, e logo nessa noite se informou dos sitios, que particularmente tinha encommendado lhe buscassem com todas as commodidades necessarias pera a povoação a Manuel Fernandes, mestre das obras de el-rei, Duarte Gomes da Silveira, João Queixada e ao capitão, que todos estavam pera isso prevenidos delle em segredo, mas encontrados nos pareceres dos sitios.

Ao outro dia o ouvidor geral, ouvindo missa antes de sahir o sol (que caminhando e andando nestas jornadas sempre a ouvia), foi logo a pé ver alguns sitios, e á tarde a cavallo até o ribeiro de Jaguaripe, pera o cabo Branco e outras partes, com que se recolheu á noite resoluto ser aquelle em que estavam o melhor, onde agora está a cidade, planicie de mais de meia legua, muito chã, de todas as partes cercado de agua, senhor do porto, que com um falcão se passa além, e tão alcantilado que da prôa de navios de sessenta toneis se salta em terra, donde sae um formoso torno de agua doce para provimento das embarcações, que a natureza alli pôz com maravilhosa arte, e muita pedra de cal, onde logo mandou fazer um forno della e tirar pedra um pouco mais acima.

Com o que, visto tudo muito bem e roçado o matto, a 4 de Novembro se começou o forte de cento e cincoenta palmos de vão em quadra, com duas guaritas que jogam oito peças grossas, uma ao revez da

outra, no qual edificio trabalhavam máus e bons com o seu exemplo, que um e um os chamava de madrugada, e repartia uns na cal, outros no matto com os carpinteiros e serradores, outros nas pedreiras, e os mais a pilar nos taipaes, porque os alicerces e cunhaes só eram de pedra e cal, e o mais de taipa de pilão de quatro palmos de largo, pera o que mandou logo fazer oito taipaes pera todos trabalharem. E era cousa pera ver a porfia e inveja em que os mettia, trabalhando mais que todos, com o que duravam na obra de sol a sol, sem descançar mais que a hora de comer, e assim em duas semanas de serviço chegou a estado de se lhe pôr artilharia, que neste meio tempo com muito trabalho e industria, por buzios que pera isso levou, se havia tirado do mar sem se perder peça, que foi cousa milagrosa. Só as cameras faltaram, mas com seis que levou de Pernambuco, e dous falcões que foram nos caravelões da matalotagem, se remediou tudo.

Assentada a artilharia, ordenou por se não perder tempo, e o nosso gentio confederado se não esfriar, como já começava, fossem João Tavares e Pero Lopes, com toda a gente dar uma boa guerra ás fraldas de Copaóba, que é uma terra montuosa e mui fertil, dezoito leguas do mar, donde ha muito gentio potiguar. E assim ficando-lhe sómente os seus moços e officiaes da obra e Christovão Lins e Gregorio Lopes de Abreu, foram todos os mais, aonde, por andarem treze ou quatorze dias sómente, não destruiram mais de quatro ou cinco aldeias, cuja vinda tão apressada o ouvidor geral sentiu muito e, determinando ir em pessoa, concluiu com a maior brevidade que poude a obra do forte, casa pera o capitão e armazem.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

De como o ouvidor geral foi á bahia da Traição.

Posto isto em bôa ordem até 20 de Novembro, deixou ahi Christovão Lins, fidalgo allemão de nação, com os officiaes e gente necessaria, e elle se partiu com oitenta e cinco homens brancos e cento e oitenta indios do nosso gentio, cousa assaz temeraria e que muitos procuravam estorvar com roncas de estarem náus francezas na bahia da Traição. E sobre isto alguns lhe começaram em palavras a perder o devido acatamento e respeito, particularmente um que se soltou mais do necessario, que já tambem havia posto o arcabuz nos peitos ao capitão João Tavares, o qual mandou o ouvidor geral tomar e á porta do forte, em presença de todos, açoutar, que foi gentil mezinha, porque nao houve quem mais falasse. E assim partidos todos do forte, foram dormir ao Tibiry, e dahi no dia seguinte ao campo das Ostras, onde se juntaram com o nosso gentio, que não levava mais vianda pera todo o caminho que seis alqueires de farinha de guerra, nem os brancos levaram de comer mais que pera dous dias, do que sendo advertido o ouvidor geral respondeu alegremente que o iriam buscar entre os inimigos, que era gente viva e havia de ter comer. E assim se partiram dahi até a agua que chamam de Jorge Camello, e depois do sol posto che-

garam ao rio Mamanguape, que são grandes oito leguas, e por haver de ir dar em umas aldeias que estavam da outra parte do rio, antes que os inimigos que haviam achado atraz na campina lhes dessem aviso, e se aproveitarem da baixa mar, o passaram sem ceia á meia noite e moidos do trabalho do dia, donde, em amanhecendo, marcharam com boa ordem e recado até ás dez horas, que deram em um grande golpe de gentio, o qual com o seu medonho urro atroou aquella campina e ribeira. . . . .

. . . .

Passados assim da banda d'além, que seriam duas horas antemanhã, feito algum fogo em que brevemente enxugaram os arcabuzes, fez logo o ouvidor geral tomar a praia, que, como até então não fosse sabida e sobre tantos trabalhos, pareceu a todos tão comprida como trabalhosa, mas, indo elle com Duarte Gomes e Antonio Lopes de Oliveira, com tres negros da terra descobrindo diante, todos foram até em amanhecendo.

Apartados os de cavallo com alguns arcabuzeiros pera darem da parte do Norte, e os mais com o nosso gentio do Sul, remetteram ao forte que alli tinham os inimigos, o que fizeram com grande grita e mataram até vinte indios, tomaram vivo o seu principal, outros se deitaram ao mar por lhe terem a terra tomada, e se acolheram á náu dos francezes, que todos estavam recolhidos com sua artilharia do dia de antes, pelo aviso que lhes deu um indio que fugiu a Duarte Gomes. E porque com a claridade da manha começou a varejar a praia, onde os nossos estavam, com a artilharia, varam todos a aldeia e povoação que estava acima, a qual acharam toda despejada, mas com muitas farinhas feitas

e favas, que foi grande recreação, junto com os cajús do matto, fruta que já começava. E pera lhe destruirem todos os mantimentos e assolarem aquella estalagem aos francezes, assentaram estar alli tres dias e logo á tarde foram arrancar a mandioca. De noite mandou o ouvidor geral lançar ao mar tres ferrarias que alli havia de francezes, que foi cousa de importancia tiral-os aos inimigos, que com ellas os cevavam os francezes, repairando-lhe estes tres ferreiros, que alli já eram moradores, suas ferramentas. Acharam-se aqui mais de sessenta caldeiras, grandes e pequenas, fato e muita ferramenta, de que se o nosso gentio carregou.

Ao outro dia mandou o ouvidor geral vinte e quatro arcabuzeiros na baixa-mar dar-lhe uma surriada com tres ou quatro cargas e, ainda que lhes não fez damno, todavia temendo que o viriam a receber, ou que viessem algumas embarcações da Parahiba, levaram ancora e se foram esbombardeando pera o ar, levar estas novas á França, mas os nossos muito contentes de os ver ainda que fosse por ponte de prata.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

De como da bahia da Traição foram ao Tujucupapo e tornaram pera Pernambuco.

Ao terceiro dia, carregados os indios de despojos e alguns mantimentos, partiram da bahia da Traição, indo sempre ao longo da costa com o lingua dos indios catívos em busca do Tujucupapo, o mór principal dos potiguares, por ser muito grande feiticeiro e, indo ao quarto dia depois da partida bem descuidados, perecendo-lhes que já não acharam o inimigo, gritaram da vanguarda: Potiguares! Potiguares!

E não se espantem falar desta maneira sendo tão poucos, porque, como as guerras destas partes são nos mattos, sempre vão enfiados por o ruim caminho uns atraz dos outros, e assim ainda que poucos, como não podem ir em fileira nem ordem de guerra, occupam muita terra ao comprido. Por esta causa á grita da vanguarda se concertou cada um em seu lógar e começaram a marchar depressa, mas, por neste tempo vir um soldado espanhol dizer a Martim Leitão acudisse, que recuava a vanguarda e havia feridos, em calças e em gibão como ia, tomou um remessão a João Nunes e uma rodella a um indio e, encommendando a gente a Gregorio Lopes de Abreu e a Antonio de Barros Rego, poz as pernas ao cavallo e, atravessando o matto, que era

baixo, chegou a tempo que rebentavam do bosque tres esquadrões de gente inimiga e se tornaram a recolher em ondas ou remettidas, que este é o seu pelejar, e o nosso gentio, vendo tantos inimigos, quasi que ficou assombrado, e á pressa, em um corpo, se andavam cercando de rama pera todos se recolherem em qualquer fortuna. Mas, chegando ahi o ouvidor geral, os começou a affrontar de palavras, dizendo-lhe si determinavam fazer alli casas pera viver e depois morrer como ovelhas, e que as suas casas haviam de ser as dos inimigos.

E assim gritando rijo: a elles! passou ávante, mandando João Tavares por outra parte, e com isto ficando os inimigos diante de si, deitando-os de fora de mil laberintos que alli tinham feito e ordenado e por extremo fortificados, ficando todavia as suas estancias, semeadas de muitos corpos mortos. E mais foram si não houvera a detença dos nossos no abrir dos caminhos pera todos passarem, e assim tiveram os inimigos alguma guarida com o ruim caminho e grande alagadiço (que sempre elles costumam tomar por repairo), onde houve muitas graças de muitos atolarem mais do que quizeram, não querendo seguir o ouvidor geral, seu capitão que, ainda que o cavallo cahiu com elle, o levou pela redea e, sahindo fóra muito gentil homem e enlodado, saltou em cima delle mui desenvolto e seguiu os inimigos por um caminho com outros dous de cavallo e alguns indios, que sempre foram derribando nelles, e o mesmo aconteceu por onde foi o capitão João Tavares. E houveram de ser infinitos os mortos, si o nosso gentio ousara seguil-os; mas vendo tantos, e elles tão poucos, o fizeram pesadamente, e só á sombra dos brancos.

E com isto se recolheram depois das tres da tarde á grande aldeia, que estava perto do alagadiço, onde descançaram o que ficava do dia, dando muitas graças a Deus por esta grande victoria, porque se affirmou haver alli mais de vinte mil potiguares apercebidos de dia do seu feiticeiro, que por desastre se acolheu em um cavallo que lá tinha de brancos havia muitos annos.

Curados os feridos, que houve alguns e nem um morto, pera a victoria ficar com dobrado gosto alli estiveram até ao outro dia, e por serem doze leguas aquem do rio Grande, donde tiveram novas ser já passado todo o gentio inimigo da outra banda, que como senhores de mais de quatrocentas leguas desta costa não era possivel esgotal-os, se tornaram ao forte, donde foram recebidos com muitas festas. E continuou o ouvidor geral as obras em que Christovão Lins com officiaes havia bem trabalhado. E de todo acabou o forte, torres e casas de armazens com seus sobrados pera morada do capitão e almoxarife e, feitos tambem alguns reparos pera a maior parte da artilharia e ficando-se acabando os mais, tomou a homenagem ao capitão João Tavares e o deixou com trinta e cinco homens de peleja, providos pera quatro mezes. E feito isto se tornaram pera Pernambuco no fim de Janeiro de 1586, que foi assaz breve tempo pera tantas cousas e obras; mas tudo nos homens honrados o desejo da honra faz possivel.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

Da vinda do capitão Morales do reino e tornada do ouvidor geral á Parahiba.

No fim de Fevereiro seguinte vieram cartas ao ouvidor geral Martim Leitão de el-rei se haver por bem servido no que fazia na povoação da Parahiba, e ordem pera que se pagassem todos os gastos, as quaes trouxe um capitão espanhol coxo chamado Francisco de Morales, com cincoenta soldados tambem espanhoes, e pera recolher a si os que cá ficaram de Francisco Castejon, que foi grande bem, ainda que disso se não conseguiu effeito por o capitão ser em tudo de mui pouco. O qual se partiu de Pernambuco a 2 do mez de Abril seguinte pera na Parahiba haver de estar á obediencia de João Tavares, capitão do forte, conforme a sua patente, e todos á do ouvidor geral; mas o coxo tanto que lá chegou deitou João Tavares fóra do forte e os portuguezes, tratando-os de maneira que alvoroçou tudo, e amotinou o gentio das aldeias, que todos os dias se ia queixar a Pernambuco.

E sobre o avisarem que parecia mal tomar o forte a quem tinha dado homenagem delle e que lho tornasse, se desentoou em palavras com o ouvidor geral, esquecido de sua obrigação e de quanto gasalhado e mimos lhe havia feito em Pernambuco; e assim se enfrestou logo com elle e com a camera, e com todos os portuguezes,

que houve muitos requerimentos o tirassem de lá e o mandassem a el-rei por muitos excessos que sempre nelle foram crescendo, ajudado dos ruins conselhos que lhe mandavam de Pernambuco inimigos do ouvidor geral, que por inveja dos seus bons successos o queriam infamar assim cá como no reino. O que tudo o ouvidor foi passando e dissimulando até o fim de Setembro do dito anno, porque aos 27 dias delle lhe vieram novas da Parahiba e cartas que avisaram serem chegadas á bahia da Traição cinco náus francezas com muita gente e munições, determinados a se ajuntarem com os potiguares pera combaterem e assolarem o forte da Parahiba, com as quaes cartas vinha um grande requerimento do capitão Morales, moradores, e assim ao mesmo ouvidor como ao capitão de Pernambuco e camera os fossem soccorrer.

Recebido este requerimento, fez logo Martim Leitão ajuntar no collegio o capitão de Pernambuco, camera, officiaes da fazenda e os mais nobres e ricos da terra, onde por todos foi assentado que, por não crescer mais aquella ladroeira e sahir dalli algum grande exercito de francezes, que junto com os potiguares destruissem o que estava ganhado da Parahiba, convinha acudir-lhe, e que ninguem o podia fazer sinão elle, como dantes tinha feito. E assim todos juntos lho pediram e requereram em nome de el-rei, e elle aceitou, ordenando logo que se aprestassem duas náus, que não estavam mais no porto, e alguns caravelões, em que fossem cento e cincoenta homens de peleja, fóra os do mar, e alguma gente de cavallo por terra, que se ajuntariam com os que estavam na Parahiba, pera que lhes dessem por terra e por mar uma boa guerra.

Porque, estando-se os navios concertando e as mais cousas necessarias, chegou nova que Francisco de Morales se queria vir da Parahiba, lhe escreveu Martim Leitão tal não fizesse, e que chegando lá o accommodaria e serviria em tudo como sempre fizera e, quando de todo em todo se quizesse vir neste tempo, não trouxesse os soldados de el-rei. Mas nada bastou pera deixar de se vir, e trazer os soldados de el-rei e, persuadido de alguns de Pernambuco invejosos e inimigos do ouvidor geral, largou o forte e se perdeu e estragou na villa de Olinda até se ir pera o reino. E, porque a 20 de Outubro se soube haverem chegado mais á bahia de Traição outras duas náus, que eram já sete, pelo que se requeria melhor recado, se tomou mais uma que chegou do reino e, posta a monte, provida de xareta e fortalecida pera poder soffrer a artilharia como as outras, até a entrada de Dezembro se puzeram a pique todas tres náus mercantes, e dous bons caravelões ou zavras, de que eram capitães Pero de Albuquerque, Lopo Soares e Thomé da Rocha, Pero Lopes Lobo, capitão da ilha de Tamaracá, e Alvaro Velho Barreto.

Ordenado isto, foi o ouvidor geral até o engenho de Philippe Cavalcanti, que é sete leguas da villa de Olinda, com vinte e cinco homens de cavallo bons e, despedindo-os dalli pera a Parahiba, se tornou pera a villa a embarcar, promettendo-lhes primeiro seria com elles na semana seguinte. E assim se foi logo ao Recife, onde estiveram embarcados treze dias, sem poderem partir, com tão grande tormenta de Nordeste que dentro do rio se desamarrou uma náu e deu á costa e, temendo o ouvidor geral a tardança, quiz mandar um caravelão

com aviso á Parahiba, e eram taes os Nordestes que o levaram sem remedio além do cabo de Santo Agostinho á ilha de Santo Aleixo.

Com este trabalho e estando todos pasmados e o ouvidor geral attribulado de não poder fizer viagem, chegou Mauro de Resende com grandes requerimentos e protestos de largarem todos tudo, si o ouvidor geral não era lá até o dia de S. Thomé, por estarem todos assombrados da muita gente, franceza e potiguares, que quatro dias havia tinha dado em uma aldeia das nossas fronteiras, cujo principal era Assento de Passaro, o melhor indio dos nossos, onde mataram mais de oitenta pessoas e dous castelhanos, com o que se davam todos por perdidos.

Pelo que o ouvidor geral, vendo que o tempo lhe não dava logar a ir por mar, determinou ir por terra, dizendo aos mais que o seguissem, e partiu quasi só de madrugada e no rio Tapirema, que são nove leguas de Olinda, se achou ao segundo dia com alguns trinta e dous homens, com os quaes seguiu avante, que por ir assim e os homens desapropositados pera o acompanharem, por terra o seguiram sómente estes, e com elles chegou á nossa povoação da Parahiba, a que os moradores chamam cidade de Nossa Senhora das Neves, aos 23 de Dezembro, vespora da vespora do Natal, onde se começou logo a pôr em ordem e aviar pera haver de partir no dia seguinte, como partiu, caminho da Copahoba, onde teve por novas que estava todo o gentio e alguns francezes fazendo-lhes páu brasil pera a carga das náus, porque estorvar-lha era a maior guerra que podia fazer assim a uns como a outros.

CAPITULO DECIMO QUARTO

De como o ouvidor geral foi da Parahiba á Copahoba.

Da cidade de Nossa Senhora das Neves, onde o ouvidor geral Martim Leitão deixou Pero de Albuquerque por capitão, em quatro jornadas chegou á grande cerca de Penacama, que era um grande e principal potiguar, aonde Duarte Gomes da Silveira havia ido o Outubro atraz e, depois de lhe succeder muito bem, ao recolher lhe mataram oito ou dez homens, que foi a maior perda que esta empreza da Parahiba teve depois de correr por Martim Leitão, e que elle em extremo sentiu, porque, além das guerras que todos estes annos lhes dava por sua pessoa, sempre lhe mandava dar outros assaltos, assim pelo dito Duarte Gomes como pelo capitão João Tavares e outras pessoas. Nesta jornada foi infinito o trabalho, principalmente o da agua, que não havia sinão de muito ruins poços, pouca e tão fedorenta que era necessario com uma mão tapar o nariz, com a outra beber.

Desta cerca marcharam para a Copahoba direitos, onde ao segundo dia pela manhã deram com outra dos inimigos e, por o nosso gentio dar o seu urro primeiro que entrasse, fugiram alguns, ainda que se fez incrivel matança, e se tomaram setenta ou oitenta vivos. Aos fugidos foram dando alcance por uma parte e por outra

mais de uma legua até outra grande cerca que estava despejada, na qual quiz o nosso gentio descansar dous dias, e assim era necessario pera o grande trabalho do caminho que tinham passado e por acharem alli rio de agua, ainda que logo sobre ella começou de haver briga por acudirem os inimigos a defendel-a, ajudados dos sitios, porque esta Copahoba aonde estavam é toda feita em altibaixos de montes e abysmos e comtudo, contra a regra geral do Brasil, é tudo massapés e fertilissimos, pela qual causa havia nella cincoenta aldeias de potiguares, todas pegadas umas nas outras.

Ao outro dia pela manhã começou de recrescer a briga sobre a agua. Ainda que os nossos tinham ordem não fossem sinão juntos e a uma hora certa a buscal-a e a dar de beber aos cavallos, acompanhados sempre com dez ou doze arcabuzeiros de guarda, todavia cresceram muitos inimigos e tinham já feito uma caiçára sobre ella, que o ouvidor geral lhes mandou desmanchar por Duarte Gomes com alguma gente e, porque começaram a frechar e se recolheram, assentou com o Braço que á tarde lhes lançasse uma cilada por acima, tornando-se primeiro a travar a briga em que bem cevados lhes dessem nas costas. E, sahindo a isso o Braço á tarde, se alvoroçou o arraial, dizendo estavam muitos inimigos sobre a agua.

Sahindo fóra o ouvidor geral e vendo que da outra parte do rio, na ladeira, andavam dez ou doze nossos muito apertados, que não ousavam virar as costas e carregavam sobre elles muitas frechas e pelouros, mandou que fossem sete ou oito de cavallo a soccorrel-os com Francisco Pereira que só passou com Simão Tavares, e deitaram fóra os inimigos e recolheram os nossos com

um já morto e outro quasi, e todos feridos de frechas e espingardas, e Francisco Pereira peior, que o fez aqui como bom cavalleiro. E João Tavares foi recolher o Braço de Peixe, que neste tempo mandou recado lhe acudissem, porque, indo pera fazer cilada aos inimigos, cahira primeira em uma sua e o tinham posto em aperto. Com isto começou a entrar um medo espantoso em todos, e á noite foi avisado o ouvidor geral em segredo por João Tavares estavam mais de vinte dos mais honrados ajuramentados pera fugirem, ao que acudiu o ouvidor geral fazendo-lhe uma fala de mil esforços e outras diligencias, com que lhes desfez a roda. E se assentou se désse pela manhã com boa ordem nos inimigos, pera o que mandou aquella noite das taboas de algumas caixas que se acharam fazer dez pavezes, detraz das quaes os medrosos pudessem ir seguros, com o que animados todos, deixando primeiro queimado tudo, como sempre fizeram a todas as cercas e aldeias que tomaram, foram pela manhã buscar os inimigos, os quaes estavam á vista em tres tanqueiras, que elles armaram nos peiores passos, umas diante das outras.

E, por na primeira tranqueira ou caiçara do rio haver detença pela muita resistencia que acharam, passou lá o ouvidor geral e dando-lhes muita pressa, como quem entendia que nisto estava a importancia, com sua chegada se levou sem nos ferirem pessoa. E com a mesma furia remetteram á segunda, que era entulhada de terra em um valle e, lançando-se uma boa manga por um outeiro acima, ficando as outras duas no baixo, vendo os inimigos tres mangas e os braços que a meneavam, se assombraram de todo, que nem na terceira cerca pararam, ainda que não subiam os nossos a ella sinão de pés

e mãos e sempre lhes custava muito, a se não terem lançado as mangas, que foi gentil ordem do ouvidor geral, que nesta occasião trabalhou muito e nesta manhã cansou tres cavallos, porque queria ver e estar presente em toda a parte. E assim os ajudou Deus e foram seguindo os inimigos mais de meia legua, até chegarem a uma aldeia, onde fizeram grande resistencia, tudo por salvarem as mulheres e filhos que alli tinham, com que o negocio esteve em peso, porque tres ou quatro vezes se viu a nossa vanguarda quasi vencida, até que chegou o corpo da nossa gente com o ouvidor geral, e carregando rijo os levaram vencidos, com mais tres ou quatro aldeias, que no mesmo dia lhe foram destruindo, até se irem aposentar em um alto, donde viam trinta e tantas em menos de uma legua, que os inimigos com medo tinham despejado, e iam ardendo, sendo infinitos em numero, e os nossos só cento e quarenta, e quinhentos indios frecheiros.

CAPITULO DECIMO QUINTO

De como destruida a Copahoba foram ao Tujucupapo.

Daqui se partiram em busca do Tujucupapo, que o anno atraz lhe havia fugido, e, caminhando dous dias, virando abaixo ao mar ao terceiro dia, pela manhã deu a vanguarda em uma mui poderosa cerca, onde pela bandeira e tambor conheceram haver francezes com os potiguares, do que logo avisaram ao ouvidor geral. O qual quando chegou achou a bandeira do capitão João Tavares, que o fez aqui tão animosamente como sempre, porque á sua ilharga tinham morto tres homens com piedosas feridas de pelouros de cadeia, que os tinham escalados, e comtudo sempre sustentou a sua bandeira pegado á cerca em uma fronteira, na qual elle e o sargento Diogo Arias, espantoso soldado que nesta jornada tinha recebido quatorze frechadas, ganharam cada um sua seteira ou bombardeira aos inimigos, por onde, umas vezes com as espadas, outras com os arcabuzes, os faziam despejar dalli.

O ouvidor, não obstando os grandes chuveiros e nuvens de frechas e pelouros que dos inimigos nunca cessavam, tomando alguns comsigo que o quizeram seguir e agachando-se como podiam chegou á cerca pela banda de baixo, que por aquella, confiados os inimigos na espessura do matto, era mui fraca e entulhada de terra e

palma, e a começaram a desfazer, ainda quc os inimigos logo alli acudiram de dentro com uma espingarda c muita frecha, com que feriram o meirinho da alçada, a Heitor Fernandes e outros. Comtudo Martim Leitão foi o primeiro que rompeu a cerca, cortando com a espada os cipós ou vimes com que estava liada e fazendo buraco por onde se metteu. E, posto que de boa entrada com um páu feitiço lhe feriram uma mão, de que lhe rebentou o sangue pelas unhas, á vista delle, como elephante indignado, se lançou dentro com Manuel da Costa, natural de Ponte de Lima que o acompanhava. O que vendo os inimigos derrubaram de duas ruins frechadas a Manuel da Costa, e com outras duas deitaram a carapuça de armas fóra da cabeça ao ouvidor geral, que só lhe ficou pendurada pelo rebuço de diantc e, com muitas frechadas pregadas na adarga, poz o joelho no chão pcra se desembaraçar das frechas e cobrir a cabeça, ao que acudiu golpe de gentio pera o tomarem ás mãos, porquc o não quizeram matar pelo conhecerem e desejarem leval-o vivo pera testemunha de sua victoria e triumpho, mas só o feriram á mão tente em uma coxa. Elle, vendo-se neste ultimo transe da vida, se levantou manquejando mas furiosamente, e chegando-se a Manuel da Costa, seu amigo, pera o defender, os fez afastar, por verem tambem a este tempo entrar já outros, dos quaes o primeiro foi o alcaide de Pernambuco Bartholomeu Alvares, feitura do mesmo Martim Leitão, que bem lho pagou, e ajudou como mui valente e esforçado soldado que era africano.

O mesmo fizeram os mais que entraram após elle com tanto valor e esforço que foram os inimigos despejando a cerca, sendo os francezes os primeiros, com

o que, gritando os nossos de dentro: victoria! entraram os de fóra, uns por uma parte, outros por outra, sem tratarem mais sinão de se abraçarem uns aos outros com lagrimas de contentamento da mercê que lhe Deus fez, e não seguiram muito os inimigos porque, passada a furia, todos tinham que curar e fazer comsigo assaz, por ficarem quarenta e sete feridos e tres mortos do nosso arraial. Do contrario tambem ficou morto algum gentio, que levavam ás costas, como costumam, e o alferes francez que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que se levaram pera a Parahiba. Porém apenas se começavam a curar os feridos, quando foi necessario deixal-os por se ouvir uma grande grita e alarido de potiguares, que vieram de soccorro a estoutros e, a virem mais cedo um pouco espaço, não houvera remedio contra elles, os quaes deram ainda em alguns da nossa retaguarda, mas, vendo que eram fugidos os seus da cerca, e os nossos que della vinham acudindo, tambem fugiram.

Eram tantas e taes as feridas, maiormente de pelouros, que os francezes que com os negros estavam na cerca tiravam, que todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos. Na qual o ouvidor andou provendo com muita vigilancia e caridade, porque pera tudo ia apercebido de botica, e pelo respeito delles, falta de polvora, e outros inconvenientes que havia, se assentou queimassem o páu que alli se achou, voltassem por outro caminho o seguinte dia pela manhã, como fizeram com boa ordenança, buscando a Parahiba com assaz trabalho, guiados pelo sol, porque ninguem sabia aonde estava, e assim se agasalharam ao longo de um ribeiro pequeno aquella primeira noite da jornada como cada um poude.

No segundo dia de caminho marchando, em amanhecendo os salteou o gentio por duas partes a provar como iam, mas rebatendo-os fugiram com seu damno, e os nossos sem algum por suas jornadas chegaram á Parahiba, onde todos foram recebidos como mereciam.

CAPITULO DECIMO SEXTO

De como despedida a gente o ouvidor geral fez o forte de S. Sebastião.

Logo naquella semana se aviou o ouvidor geral pera por mar ir á bahia da Traição dar nas náus francezas que lá estavam e pera isto tinha mandado vir caravelões com que de noite, a remos, os determinava saltear, por já irem faltando as monções pera náus grandes irem de Pernambuco á Parahiba. Porém, sendo certificado que os franeezes, por lhe haverem queimado a carga de páu brasil, haviam já ido com as náus vasias, despediu a gente toda, ficando elle sómente com os seus officiaes, e Pedro de Albuquerque e Francisco Pereira, que ainda estava mal das feridas, e no fim do mez de Janeiro de 1587 se foi ao rio Tibiry, duas leguas acima da cidade, ao longo da varzea da Parahiba, fazer um forte pera o engenho de assucar de el-rei, que já estava começado, e pera defender a aldeia do Assento de Passaro e mais fronteiras, com o que se segurava tudo e se povoaria a varzea, e assim o ordenou, e fez muito em breve de cem palmos de vão, de muito grossas vigas muito juntas, e forradas de entulho de cinco palmos de largo, e de altura de nove, donde podia pelejar a gente amparada com o muro de fóra, que era mais de vinte e dous em alto, de taipa dobrada de mão muito forte, e do

alto vinha o tecto cobrindo o andaime, e casas que se fizeram á roda pera agasalho da gente, com duas grandes guaritas em revez sobradadas, e uma torre no meio com grandes portas pera o rio Tybiry.

Feito este forte, que por o haver começado dia de S. Sebastião o chamou do seu nome, e assentada nella a artilharia, abertos os caminhos e tudo acabado, como si houvera de viver alli toda a sua vida, ou o fizera pera si e seus filhos, se partiu na segunda semana do mez de Fevereiro pera Pernambuco, já achacado de algumas febres, que com seu fervor e incansavel espirito havia passado em pé, e chegando á casa se não levantou mais de uma cama os tres mezes seguintes, e não foi muito com tantas calmas, chuvas, guerras e trabalhos como havia padecido.

CAPITULO DECIMO SETIMO

De uma grande traição que o gentio de Cerizippe fez aos homens da Bahia e a guerra que o governador fez aos aymorés.

Grande contentamento recebeu o governador geral Manuel Telles Barreto com as boas novas do successo destas guerras e conquista, por ver a boa eleição que fizera em mandar a ellas o ouvidor geral Martim Leitão. Mas, como todos os contentamentos do mundo são aguados, o foi tambem este com uma grande traição e engano que lhe fez o gentio de Cerigipe, dizendo que se queriam vir pera esta Bahia á doutrina dos padres da Companhia de Jesus, e tomando-os por isto por intercessores e terceiros com o governador, pera que lhes désse soldados que os acompanhassem e defendessem no caminho de seus inimigos, si lhe quizessem impedir.

Fez o governador sobre isto uma junta de officiaes da camera e outras pessoas discretas, onde o primeiro que votou foi Christovão de Barros, provedor-mór da fazenda, dizendo, como experimentado nas traições dos gentios, que se lhes respondesse que, si queriam vir, viessem embora, e seriam bem recebidos e favorecidos em tudo, mas que lhes não davam soldados, porque lhes não fizessem alguns aggravos, como costumam. E o mesmo votaram os mais experimentados.

Porém poude tanto a importunação e autoridade dos terceiros, allegando a importancia da salvação daquellas almas que se queriam vir ao gremio da Santa Madre Igreja, que o bom governador lhes veiu a conceder o que pediam e lhes deu cento e trinta soldados brancos e mamalucos que os acompanhassem, com os quaes e com alguns indios das aldeias e doutrinas dos padres se partiram mui contentes os embaixadores, mandando diante aviso aos seus que os viessem esperar ao rio Real, como vieram e os passaram em jangadas á outra parte, onde estavam com tujupares feitos ou cabanas em que os agasalharam, vindo as velhas a pranteal-os, que é o seu signal de paz e amizade. E o pranto acabado lhes administraram aos nossos seus guisados de legumes, caças e pescados, não se negando tambem ellas aos que as queriam nem lho prohibindo seus pais e maridos, sendo aliás muito ciosos, que foi mui ruim signal, e assim o significaram alguns escravos dos brancos a seus senhores, mas nem isto bastou pera que se lhes não entregassem de modo como si foram suas legitimas mulheres.

E nesta forma caminharam por suas jornadas mui breves e descansados até Cerigipe, e se posentaram nas suas aldeias, repartidos por suas casas e ranchos com tanta confiança como si estiveram nesta cidade em suas proprias casas, deixando as armas ás concubinas, e indo-se a passeiar de umas aldeias pera as outras com um bordão na mão, as quaes lhe entupiram os arcabuzes de pedras e betume, e tomando-lhe a polvora dos frascos lhos encheram de pó de carvão. E feito isto vieram uma madrugada, gritando aos nossos que se armassem, que vinha outro gentio seu contrario, sendo que elles mesmos eram os contrarios e, como os nossos estivessem tão

descuidados e se não pudessem valer das armas, alli foram todos mortos como ovelhas ou cordeiros, sem ficarem vivos mais que alguns indios dos padres, que trouxeram a nova. A qual o governador sentiu tanto que quizera ir logo pessoalmente tomar vingança, e pera este effeito escreveu a Pernambuco ao capitão-mór que então era D. Philippe de Moura, e a Pero Lopes Lobo, capitão-mór de Tamaracá, que se fizessem prestes com toda a gente que pudessem trazer, pera por uma parte e por outra os combaterem, posto que depois, impedido da sua muita idade e indisposição, lhes rescreveu que não viessem, antes fossem soccorrer a Parahiba.

Tambem neste tempo se levantou outro gentio chamado os aymorés em a capitania dos Ilhéus, que a poz em muito aperto, do que sendo avisado o governador ordenou que fossem Diogo Correia de Sande e Fernão Cabral de Athayde, que possuiam muitos escravos e tinham aldeias de indios forros, a ver si lhes podiam dar com elles alguns assaltos, dando-lhes mais os soldados das suas guardas com seus cabos Diogo de Miranda e Lourenço de Miranda, ambos irmãos e castelhanos, os quaes foram todos de Juguarippe por terra ao Camamú e Tinharé e lhes armaram muitas ciladas, mas, como nunca sahiam a campo a pelejar, sinão á traição, escondidos pelos mattos, mui poucos lhes mataram e elles frecharam tambem alguns dos nossos indios.

CAPITULO DECIMO OITAVO

Da morte do governador Manuel Telles Barreto e como ficaram em seu logar governando o bispo D. Antonio Barreiros, o provedor-mór Christovão de Barros, e o ouvidor geral.

Como o governador Manuel Telles Barreto era tão velho, ainda antes de ver bem o fim destas guerras enfermou e passou desta vida, que tambem é uma continua guerra, como diz o santo Job; quereria Deus que fosse pera a triumphante, donde tudo é uma summa paz, gloria e bemaventurança. Foi este governador mui amigo e favoravel aos moradores e o que mais esperas lhe concedeu pera que os mercadores os não executassem nas fabricas de suas fazendas e, quando se lhe iam queixar disso, os despedia asperamente, dizendo que elles vinham a destruir a terra, levando della em tres ou quatro annos que cá estavam quanto podiam e os moradores eram os que a conservavam e acrescentavam com seu trabalho e haviam conquistado á custa do seu sangue.

Morto pois Manuel Telles, cuja morte foi em o anno de 1587, se abriu logo a via de el-rei que elle proprio havia trazido, na qual se continha que governassem por sua morte o bispo D. Antonio Barreiros, o provedor-mór Christovão de Barros e o ouvidor geral. E, porque este ultimo então estava absente, começaram de gover-

nar os dous, tomando por secretario o contador-mór da fazenda Antonio de Faria. E foi prospero o tempo do seu governo, assim por as victorias que se alcançaram contra os inimigos, de que faremos menção em os capitulos seguintes, como por este tempo se abrir o commercio do rio da Prata, mandando o bispo de Tucuman o thesoureiro-mór da sua sé a esta Bahia a buscar estudantes pera ordenar, e cousas pertencentes á Igreja, o que tudo levou e dahi por diante não houve anno em que não fossem alguns navios de permissão real ou de arribada com fazendas, que lá muito estimam e cá o preço universal que por ellas trazem.

Tambem neste tempo e era do Senhor de 1587 vieram ao Brasil fundar conventos os religiosos da nossa provincia capucha de Santo Antonio, com o irmão frei Melchior de Santa Catharina, religioso de muita autoridade e bom pulpito, por commissario, por um breve do senhor papa Xisto Quinto, e patente do nosso reverendissimo padre geral frei Francisco Gonzaga, que faz do breve relação no fim do livro que fez da nossa seraphica ordem, e por virem á instancia de Jorge de Albuquerque, senhor de Pernambuco, fizeram lá o primeiro convento, pela qual causa, e por termos naquella capitania quatro conventos, se fazem nella os nossos capitulos e congregações custodiaes.

CAPITULO DECIMO NONO

De tres náus inglezas que neste tempo vieram á Bahia.

Pouco tempo depois de começarem a governar o bispo e Christovão de Barros, entraram subitamente nesta bahia duas náus e uma zavra de inglezes com um patacho tomado, que havia della sahido pera o rio da Prata, em que ia um mercador espanhol chamado Lopo Vaz.

Tanto que chegaram, tomaram tambem os navios que estavam no porto, entre os quaes estava uma urca de Duarte Osquer, mercador flamengo que aqui residia, com marinheiros flamengos, que voluntariamente lha entregaram e se passaram aos inglezes. E logo todos começaram as bombardadas á cidade tão fortemente que, desanimados e cheios de medo, os moradores fugiram della pera os mattos e, posto que o bispo poz guardas e capitães nas sahidas, que eram muitas porque não estava murada, pera que detivessem os homens e deixassem sahir as mulheres, muitos sahiram entre ellas de noite, e algum com manto mulheril, e esses poucos que ficaram pediram ao bispo fizesse o mesmo. Ao que acudiu um veneravel e rico cidadão chamado Francisco de Araujo, requerendo-lhe da parte de Deus e de el-rei não deixasse a terra, pois não só era bispo, mas governador della, e que, si a gente era fugida, elle com a sua se atrevia a defendel-a.

Tambem veiu uma mulher a cavallo, com lança e adarga, de Itapoã, reprehendendo aos que encontrava porque fugiam de suas casas e exhortando-os pera que se tornassem para ellas, do que elles zombavam.

Neste tempo não estava Christovão de Barros na cidade, que andava pelos engenhos do reconcavo, tirando uma esmola pera a casa da Misericordia, de que era provedor aquelle anno; mas logo acudiu ao som das bombardadas, trazendo comsigo todos os que achava, com os quaes, e com os que na cidade achou, a fortificou, repartindo-os por suas estancias, castigando alguns dos fugitivos porque não tornassem a fugir, e pera exemplo dos outros poz um á vergonha em o pelourinho mettido em o cesto com uma roca na cinta. E, porque os inglezes se não atreveram a entrar na cidade, mas contentaram-se de barlaventear pela bahia, que é larguissima e de muito fundo e, onde não era tanto que pudessem chegar os navios grandes, mandaram a zavra e as lanchas á pilhagem, ordenou Christovão de Barros uma armada de cinco barcas, das que levam canna e lenha aos engenhos, as quaes ainda que sem coberta são mui fortes e veleiras, mandando-as empavezar e metter em cada uma dous berços e soldados arcabuzeiros com seus capitães, que eram André Fernandes Morgalho, Pantaleão Barbosa, Gaspar de Freitas, Antonio Alvares Portilho e Pedro de Carvalhaes, e por capitanea uma galé, em que ia por capitão-mór Sebastião de Faria, pera que, onde quer que desembarcassem os inglezes, dessem sobre elles.

E assim, sabendo que eram idos a Jaguará a tomar carnes ao curral de André Fernandes Morgalho e, por os acharem já embarcados á zavra, a combateram, donde

houve mortos e feridos de parte a parte, e entre os mais foi um Duarte de Goes de Mendonça, que ia na galé, a quem passaram o capacete que tinha na cabeça com um pelouro, e lhe fez nella tão grande ferida que esteve a perigo de morte.

Tambem sahiram outra vez na ilha de Taparica, donde Antonio Alvares Caâpara e outros portuguezes com muito gentio os fizeram embarcar com morte de alguns, e no mar lhe tomou tambem uma das nossas barcas um batel com quatro inglezes que o remavam e mataram tres. Pelo que, visto o pouco ganho que tinham e que Lopo Vaz, de quem esperavam resgate, lhes havia fugido a nado pera a cidade, levantaram as ancoras e se foram ao Camamú, pera fazer aguada, onde tambem o Caâpara lha não deixou fazer e lhes matou oito, de que trouxe as cabeças aos governadores. E assim se tornaram os inglezes pera a sua terra, depois de haverem aqui estado dous mezes.

CAPITULO VIGESIMO

Da guerra que Christovão de Barros foi dar ao gentio de Cerizippe.

Muito estimou Christovão de Barros entrar no governo do Brasil pera poder ir vingar assim a traição que o gentio de Ceregippe fez aos homens da Bahia, de que tratamos no capitulo dezoito deste livro, como a morte de seu pai Antonio Cardoso de Barros, que alli mataram e comeram indo pera o reino com o primeiro bispo desta Bahia, como tenho contado em o capitulo terceiro do terceiro livro, e assim appellidou por isso muitos homens desta terra e alguns de Pernambuco, e uns e outros o acompanharam com muĩta vontade, porque, sendo guerra tão justa, dada com licença de el-rei, esperaram trazer muitos escravos.

Fez capitão da vanguarda a Antonio Fernandes e da retaguarda a Sebastião de Faria e, determinando ir ao longo do mar, mandou primeiro pelo sertão Rodrigo Martins e Alvaro Rodrigues, seu irmão, com cento e cincoenta homens brancos e mamalucos e mil indios, pera que levassem todos os tapuias que de caminho pudessem em sua ajuda, como de feito levaram perto de tres mil frecheiros. E assim, vendo-se com tanta gente, sem esperar por Christovão de Barros commetteram as aldeias dos inimigos que tinham por aquella parte do

sertão, os quaes foram fugindo até se ajuntarem todos e fazerem um corpo com que lhe resistiram e puzeram em cerco mui estreito, donde mandaram quatro indios dar conta a Christovão de Barros do perigo em que estavam. Com que mandou apertar mais o passo e chegando a um alto viram um fumo, a que mandou Amador de Aguiar com alguns homens, e trouxeram quatro espias que tomaram aos inimigos, dos quaes guiados os nossos chegaram aos cercados vespora da vespora do Natal, ás duas horas depois do meio-dia, os quaes vistos pelos contrarios fugiram logo e levantaram o cerco, mas não tanto a seu salvo que lhes não matassem seiscentos e elles a nós seis.

Dalli desceram á cerca de Baepêba, que era o rei e principe de todo este gentio, e tinha juntas da sua mais duas cercas, nas quaes todas haveria vinte mil almas. Os nossos fizeram suas trincheiras e lhes tomaram a agua que bebiam, sobre que houve mortos e feridos de parte a parte, mas da sua mais.

Tambem lhes abalroaram o lanço de uma cerca que elles logo refizeram e por onde estava Sebastião de Faria abalroaram outra, da qual sahiram e nos mataram um homem e feriram muitos, mas os nossos os fizeram retirar, matando-lhes trescntos.

Finalmente determinou o Baepêba concluir o negocio e pera este effeito mandou avisar os das outras cercas que sahissem contra os nossos pera elle tambem sahir, e colhendo-os em meio os matarem, o qual aviso levaram tres indios aventureiros por meio do nosso arraial, porque não tinham outro caminho, ás quatro horas da tarde, sem que lho pudessem impedir mais que um delles que mataram.

Ouvido pois o mandamento, se sahiram das cercas e o nosso general lhes sahiu só com os de cavallo, que eram sessenta homens, e os poz em fugida, não consentindo que os nossos os seguissem, como queriam, porque os da cerca principal do Baepêba não lhes dessem nas costas, donde á noite do Anno Bom de 1590, vendo-se sem os das outras cercas e sem a agua, começaram tambem a fugir, indo os mais valentes diante despedindo nuvens de frechas, com que forçaram os nossos que por aquella parte estavam não só a dar-lhes caminho, mas ainda em lhes irem fugindo; porém o general, atravessando-se-lhes diante, a brados e com o conto da lança os fez parar e voltar aos inimigos até os fazer tornar á cerca, onde, entrando os nossos após elles, lhes mataram mil e seiscentos e captivaram quatro mil.

Alcançada a victoria e curados os feridos, armou Christovão de Barros alguns cavalleiros, como fazem em Africa, por provisão de el-rei que pera isso tinha, e fez repartição dos cativos e das terras, ficando-lhe de uma cousa e outra muito boa porção, com que fez alli uma grande fazenda de curraes de gado, e outros a seu exemplo fizeram o mesmo, com que veiu a crescer tanto pela bondade dos pastos que dalli se provêm de bois os engenhos da Bahia e Pernambuco e os açougues de carne.

Está Cerigippe na altura de onze gráus e dous terços, por cuja barra com os bateis diante costumavam entrar os francezes com náus de mais de cem toneladas e vinham acabar de carregar da barra pera fóra, por ella não ter mais de tres braças de baixa-mar. E assim ficou Christovão de Barros não só castigando os homicidas de seu pai, mas tirando esta colheita aos france-

zes que alli iam carregar suas náus de páu brasil, algodão e pimenta da terra, e sobretudo franqueando o caminho de Pernambuco e mais capitanias do Norte pera esta Bahia e daqui pera ellas, que dantes ninguem caminhava por terra que o não matassem e comessem os gentios. E o mesmo faziam aos navegantes, porque alli começa a enseada de Vasa-barris, onde se perdem muitos navios por causa dos recifes que lança muito ao mar e os que escapavam do naufragio não escapavam de suas mãos e dentes. Donde hoje se caminha por terra com muita facilidade e segurança, e vem e vão cada dia com suas appellações e o mais que lhes importa, sem esperarem seis mezes pera monção, como dantes faziam, que muitas vezes se tinha primeiro resposta de Portugal que daqui ou de Pernambuco.

E, com ser tão boa obra esta e digna de galardão, o que achou Christovão de Barros, quando tornou pera a cidade, foi achar o seu logar occupado não só da provedoria-mór da fazenda real, de que elle havia pedido a el-rei o tirasse pera poder assistir na sua, que tinha quatro engenhos de assucar, mas tambem do governo porque, estando na dita guerra chegou Balthazar Rodrigues Sora com provisão pera servir o cargo de provedor-mór, em que logo o bispo o admittiu. Porém, querendo logo entrar no governo, não lho consentiu, dizendo que a sua provisão não fallava nisto, e a outra por onde Christovão de Barros governava não dizia só que governasse o provedor, como dizia a do ouvidor geral, sinão que o nomeava por seu nome, e era graça pessoal. Comtudo insistiu o provedor Balthazar Rodrigues Sora, pedindo ao bispo puzesse o caso em disputa, como o poz, ajuntando-se com outros lettrados, theologos e juristas no

collegio da Companhia, donde sem valerem as razões do bispo sahiu Balthazar Rodrigues com a sua pela maior parte dos pareceres e entrou na mesa do governo. Porém tudo desfez Christovão de Barros com sua chegada, por ser contra parte não ouvida, que estava actualmente em serviço de el-rei, pera o qual aggravou Balthazar Rodrigues, e se foi com o seu aggravo pera o reino donde nunca mais tornou.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

De uma entrada que se fez ao sertão em busca dos gentios que fugiram das guerras de Cirygippe e outras.

Alcançada a victoria que temos dito no capitulo precedente, partiu-se o governador Christovão de Barros pera a Bahia, e deixou Rodrigo Martins em Cirygippe pera acabar de recolher o gentio que da guerra havia fugido, dos quaes se haviam passado muitos pera a outra parte do rio de S. Francisco, que é da capitania de Pernambuco, donde tambem vieram logo muitos á caça delles.

O primeiro foi Francisco Barbosa da Silva, do qual dissemos no capitulo vigesimo sexto do livro precedente, que veiu desbaratado de outra entrada do sertão, e desta lhe succedeu peior, porque lhe custou a vida e a quantos com elle vinham, que não soffrendo os afflictos uma afflicção sobre outra nelles se vingaram. Outro foi Christovão da Rocha, que veiu com quarenta homens em um caravelão, o qual com consentimento de Thomé da Rocha, capitão de Cirygippe, se concertou com Rodrigo Martins pera entrarem pelo sertão em busca deste gentio e do mais que achasse.

Havendo andado alguns dias e passado o sumidouro do rio de S. Francisco, se alojaram em casa de um selvagem chamado Tuman, onde começaram a ter du-

vidas, dizendo Christovão da Rocha que elle vinha com licença dos Albuquerques de Pernambuco, sem a qual os moradores da Bahia não podiam conquistar nem fazer resgates em aquelle sertão, e assim haviam de melhorar nos quinhões por razão da licença os pernambucanos, posto que eram menos em numero, no que Rodrigo Martins não quiz consentir, e se tornou do caminho. Mas aceitou o partido um Antonio Rodrigues de Andrade, que levava cem negros e alguns outros brancos da Bahia, com os quaes se partiu dalli o capitão Christovão da Rocha e, por ter ouvido que a gente do Porquinho matara quatro ou cinco homens que lá foram com dous padres da Companhia, se foi direito ás suas aldeias onde, chegando á primeira, entrou um mamaluco chamado Domingos Fernandes Nobre, pregando que iam tomar vingança da morte dos brancos, e isto bastou pera os alborotar e pôr a todos em fugida, o que tambem fizeram por verem no nosso exercito cavallos, porque os temem muito. Visto isto pelo capitão, mandou recado a outro gentio contrario, pera que o viessem ajudar contra estoutro, como o fizeram.

E não hei de deixar de contar aqui o que me contou um soldado desta companhia que fez um principal destes que vieram, o qual diz-se foi á estrebaria onde estava um cavallo dos nossos e assentando-se poz-se a falar com elle e dizer-lhe que o tomava por compadre, porque tinha ouvido dizer que os cavallos eram mui valentes na guerra e bom era tel-os homem por amigos, pera que nella o conheçam e lhe não façam mal.

Estava alli um mamaluco que tinha cuidado do cavallo e, quando o viu tão triste, porque lhe não respondia, se lhe offereceu pera interprete e, fingindo que lhe fallava á

orelha, lhe tornou por resposta que folgava muito com sua amizade, e que elle o conheceria quando fosse tempo. Com esta resposta se affeiçoou mais o rustico e perguntou que comia seu compadre ou o que desejava, porque de tudo o proveria. Respondeu o mamaluco que o seu mantimento ordinario era erva e milho, mas que tambem comia carne e peixe e mel. E de tudo o mandou prover abundantemente, andando os seus uns a segar erva, outros a caçar e pescar e tirar mel dos páus, com que o interprete se sustentava, e o cavallo engordou tanto que abafou e morreu de gordo, cuja morte o rustico sentiu e o mandou prantear por sua mulher e parentes, como costumam fazer aos defuntos que amam. Este era um dos principaes que o capitão Christovão da Rocha convocou pera dar caça aos do Porquinho, que pela pregação do outro mamaluco andavam fugidos com medo pelos mattos.

Porém um veiu fallar secretamente a Diogo de Crasto, soldado nosso, por ser seu amigo e conhecido, e lhe disse que se espantava muito que vindo elle alli lhe quizessem fazer guerra, pois sabia quão amigos eram dos brancos e, si haviam mortos os que vieram com os padres da Companhia, fôra por elles dizerem mal dos mesmos padres, que não ouvissem sua pregação, porque os vinham enganar, nem esses todos sinão alguns, e não era bem que todos pagassem.

Respondeu-lhe Diogo de Crasto que bem inteirado estava da sua amizade e paz antiga, nem elles vinham a quebral-a, como o mamaluco mal dissera, mas que só vinham em seguimento dos que lhes haviam fugido da guerra de Cirygibbe, e assim lhes aconselhava que tornassem pera suas aldeias, que elle os segurava de

lhes não fazerem aggravo. Comtudo não se deu o indio por seguro sem que o capitão e lho promettesse de sua bocca. E com isto foi pregar aos seus e os reduziu em poucos dias. Vinha entre elles o Porquinho, já muito velho, e enfermou, pediu o sacramento do batismo, e Diogo de Crasto o catechisou e batizou, pondolhe por nome Manuel.

Nem eu sei outro bem que se tirasse desta jornada, posto que, morto elle, se contrataram os contrarios de vender os mais aos brancos, e elles lhos compraram a troco dos resgates que levavam e os trouxeram amarrados até certa paragem do rio de S. Francisco, onde fizeram delles partilha, levando o capitão Christovão da Rocha com os pernambucanos uma parte, e Antonio Rodrigues de Andrade com os da Bahia outra.

Estes fizeram seu caminho pela serra do Salitre e trouxeram algum em cabaços pera mostra, dizendo que era muito em quantidade. Mas havia em aquelle tempo alli muito gentio, e tinham mortos traiçoeiramente a Manuel de Padilha com quarenta homens que iam desta Bahia pera a serra, e por outra vez a Braz Pires Meira com setenta, que foram por mandado do governador Manuel Telles Barreto, e o mesmo quizeram fazer a estes que vinham, si lhes não valera a grande vigilancia com que passaram.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

De como se continuaram as guerras da Parahiba com os potiguares e francezes que os ajudavam.

Ficando a capitania da Parahiba, na fórma que dissemos no capitulo decimo sexto deste livro, entregue ao capitão João Tavares, começou logo a fazer um engenho não longe do de el-rei, com que corria um Diogo Correia Nunes, e pelo conseguinte os moradores mui contentes começaram logo a plantar as cannas que nelle se haviam de moer e a fazer suas roças (que assim chamam cá ás granjas ou quintas dos mantimentos, frutas e mais cousas que a terra dá).

Chegou neste tempo D. Pedro de la Cueva, espanhol que havia ido ao reino por mandado de Fructuoso Barbosa requerer que lhe entregassem a povoação da Parahiba, pois lhe fora dada por Sua Magestade, o qual trouxe uma provisão pera que lha entregassem, e elle ficasse por capitão da infantaria de todos os espanhoes que cá haviam ficado, assim do alcaide Francisco de Castejon, como do capitão Francisco de Morales, o que tudo logo se cumpriu, ficando o governador Fructuoso Barbosa na povoação, e D. Pedro em um forte, que tinha feito Diogo Nunes Correia nas fronteiras. Porém estes dous capitães (como si só o foram pera se fazerem guerra um ao outro) começaram logo a ter contendas entre

si, deixando os inimigos andar livremente salteando as roças e fazendas dos brancos e as aldeias dos indios amigos, em tal modo que já não ousavam ir a pescar nem mariscar, porque a qualquer hora que iam achavam inimigos que os matavam, sem estes capitães pôrem nisto remedio mais que escreverem a D. Philippe de Moura, capitão-mór de Pernambuco, e a Pedro Lopes Lobo, da ilha da Tamaracá, que os soccorressem, o que o de Tamaracá fez levando a gente e munições que poude.

E tanto que foi na Parahiba se ordenaram mais duas companhias, uma do capitão D. Pedro de la Cueva, com os seus soldados espanhoes (ficando em seu logar no forte Diogo de Paiva com quinze), outra de portuguezes, de que ia por capitão Diogo Nunes Correia. Com os quaes e com a gente do Braço de Peixe e do Assento de Passaro e dous padres nossos que os doutrinavam se partiu Pedro Lopes Lobo a correr todas aquellas fronteiras, mandando sempre suas espias e corredores diante, até darem em uma aldeia grande, donde fizeram grande matança por os acharem descuidados e cativaram perto de novecentas pessoas, as mais dellas femeas e moços. O que sabido pelas outras comarcas se vigiavam melhor, não pera se defenderem, mas pera fugirem. E assim quando os nossos chegavam as achavam despovoadas e queimaram mais de vinte aldeias, que eram as que faziam mal á gente da Parahiba e as apertavam na forma que está contado.

E, vindo por diante, discorrendo a uma parte e a outra, toparam os nossos corredores com uma cerca muito grande e forte por uma parte e, como a não viram bem, que pela outra se encobria com o matto, vieram tão medrosos a dar a nova que pegaram medo a todos. Porém

Pedro Lopes, que andava já tão versado nestas guerras, depois de os exhortar e animar com muitas razões toda a noite, o dia seguinte pela manhã os repartiu em tres esquadrões iguaes e mandou marchar á vista da cerca, donde, vendo o vagar e temor com que iam, se adiantou e, embraçando a adarga e a espada na mão, se partiu pera a cerca, dizendo «Siga-me quem quizer, e quem não quizer fique, que eu só basto». Com o que tomaram todos os mais tanto animo que sem mais esperar commetteram a cêrca e a entraram, matando e cativando muitos dos inimigos sem da nossa gente perigar pessoa, posto que foram muitos frechados, particularmente uns moços naturaes de Tamaracá que entraram primeiro com alguns negros pela parte do matto, donde a cerca era fraca e feita de ramos. E esta foi tambem a causa de se alcançar a victoria com tanta facilidade porque, andando os de dentro travados com estes e divertidos, não tiveram tanto encontro aos mais, que abalroaram pelas outras partes.

Nesta cerca se detiveram tres dias, curando os feridos, na qual acharam muitos mantimentos de farinha e legumes e muitas armas, arcos, frechas e rodelas e algumas espadas francezas e arcabuzes que deixaram quinze francezes, que de dentro fugiram.

Ao quarto dia pela manhã se partiram pera a praia, e caminharam por ella até á bahia da Traição, donde tornaram a tomar o caminho por dentro da terra até á Parahiba sem acharem encontro algum de inimigos, que, a achal-o, segundo o animo que levavam da victoria passada, nem um lhe pudera resistir.

Chegados á Parahiba se aposentou o capitão Pero Lopes Lobo na aldeia do Assento com os nossos frades,

donde elle e elles trataram de fazer amigo o governador Fructuoso Barbosa com D. Pero de la Cueva e emfim os fizeram abraçar; mas, indo-se Pero Lopes á sua capitania de Tamaracá, os odios e differenças foram por diante, e pelo conseguinte a guerra dos potiguares, sem haver quem os reprimisse, até que el-rei mandou ir a D. Pedro pera o reino, e Fructuoso Barbosa se foi por sua vontade e, posto que em seu logar ficou André de Albuquerque, estavam as cousas em tal estado que não poude remedial-as esse pouco tempo que serviu o cargo.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

Como Francisco Giraldes vinha por governador do Brasil e por não chegar e morrer veiu D. Francisco de Sousa, que foi o setimo governador.

Sabendo Sua Magestade da morte do governador Manuel Telles Barreto, mandou em seu logar Francisco Giraldes, filho de Lucas Giraldes, que no livro segundo, capitulo sexto dissemos ser senhor dos Ilhéus e, si chegara ao Brasil, alguma cousa importara ao bem daquella capitania; mas, por demandar a costa mais cedo do que convinha e as aguas da Parahiba pera traz correrem muito pera as Antilhas, arribou a ellas e dellas tornou pera o reino, onde morreu sem entrar neste governo. Com elle vinha casa da relação, que era pera o Brasil cousa nova em aquelle tempo; mas tambem quiz Deus que não chegassem sinão quatro ou cinco desembargadores, que vinham em outros navios, dos quaes um serviu de ouvidor geral, outro de provedor-mór dos defuntos e absentes e por não vir o chanceller e mais collegas se não armou o tribunal, nem el-rei se curou então disso, sinão só de mandar governador, que foi D. Francisco de Sousa, o qual chegou no anno de 1591, em domingo da Santissima Trindade.

E com elle veiu por inquisidor ou visitador do santo officio Heitor Furtado de Mendonça, que chegou mui enfer-

mo com toda a mais gente da náu, excepto o governador que os veiu curando e provendo do necessario, mas, depois que desembarcou e foi recebido com as ceremonias costumadas, adoeceu e se foi curar ao collegio dos padres da Companhia, onde, havendo chegado ao ultimo da vida, lhe quiz Deus fazer mercê della. E a primeira sahida que fez, ainda mal convalescido, foi pera assistir em o primeiro acto da fé, em que o visitador, que já estava são, publicava na sé suas patentes e concedia tempo de graça.

E neste chegou uma caravela de Lisboa, que trouxe cartas ao governador da morte de sua mulher, com o que elle se resolveu em não tornar ao reino, mas ficar cá até á morte e assim o publicava. Nem o dizia ociosamente, sinão que, como era prudente e por isso chamado já de muito tempo D. Francisco das Manhas, entendeu que era boa esta pera cariciar as vontades dos cidadãos e naturaes da terra, fazer-se cidadão e natural com elles. E pouco aproveitara dizel-o de palavra, si não puzera por obra e assim foi a mais bemquisto governador que houve no Brasil, junto com o ser mais respeitado e venerado; porque, com ser mui benigno e affavel, conservara a sua autoridade e magestade admiravelmente. E sobre tudo o que o fez mais famoso foi sua liberalidade e magnificencia, porque, tratando os mais do que hão de levar e guardar, elle só tratava do que havia de dar e gastar, e tão inimigo era do infame vicio da avareza que, querendo fugir delle, passava muitas vezes o meio em que a virtude da liberalidade consiste e inclinava pera o extremo da prodigalidade, dava a bons e máus, pobres e ricos, sem lhes custar mais que pedil-o, donde costumava dizer que era ladrão quem

lhe pedia a capa, porque pelo mesmo caso lha levava dos hombros.

Não houve igreja que não pintasse, aceitando todas as confrarias que lhe offereciam, murou a cidade de taipa de pilão que depois cahiu com o tempo, e fez tres ou quatro fortalezas de pedra e cal, que hoje duram; as principaes, que têm presidios de soldados e capitães pagos da fazenda real, são a de S. Antonio na bocca da barra e a de S. Philippe na ponta de Tapuype, uma legua da cidade, que mais são pera terror que pera effeito, porque nem a cidade nem o porto defendem, por ser a bahia tão larga que tem na bocca tres leguas e no reconcavo muitas. E tudo então podia fazer porque tinha provisão de el-rei, pera que, quando não bastasse o dinheiro dos dizimos, que é só o que cá se gasta a el-rei, o pudesse tomar de emprestimo de qualquer outra parte, e assim houve occasião em que tomou um cruzado á conta do que se havia de pagar dos direitos de cada caixão de assucar nas alfandegas de Portugal, e algum dinheiro dos defuntos que se havia de passar por lettra aos herdeiros absentes e, de uma náu que aqui arribou indo pera a India, chamada *S. Francisco*, tomou a Diogo Dias Querido, mercador, trinta mil cruzazados, o que tudo el-rei mandou pagar em Portugal de sua real fazenda. Porém a nem um outro governador a passou depois tão ampla, antes os apertou tanto que nem dividas velhas de el-rei podem pagar sem nova provisão, nem fazer alguma despeza extraordinaria. O motivo que el-rei teve pera alargar tanto a mão a D. Francisco foi as guerras da Parahiba, e por os muitos cossarios que então cursavam esta costa do Brasil, como veremos em os capitulos seguintes.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

Da jornada que Gabriel Soares de Sousa fazia ás minas do sertão, que a morte lhe atalhou.

Era Gabriel Soares de Sousa um homem nobre dos que ficaram casados nesta Bahia da companhia de Francisco Barreto, quando ia á conquista de Monomotapa, de quem tratei no capitulo decimo terceiro do livro terceiro. Este teve um irmão que andou pelo sertão do Brasil tres annos, donde trouxe algumas mostras de ouro, prata e pedras preciosas, com que não chegou, por morrer á tornada, cem leguas desta bahia, mas enviou-as a seu irmão, que com ellas se foi depois de passados alguns annos á côrte, e nesta gastou outros muitos em seus requerimentos, até que el-rei o despachou, e se partiu de Lisboa em uma urca flamenga chamada *Griffo Dourado* a 7 de Abril de 1591 com tresentos e sessenta homens, e quatro religiosos carmelitas, um dos quaes era frei Hyeronimo de Canavazes, que depois foi seu provincial.

Avistaram esta costa em 15 de Junho e por não conhecerem a paragem, que era a enseada de Vasabarris, lançaram ferro; mas era tão forte o vento Sul, e correm alli tanto as aguas que se quebraram duas amarras e, querendo entrar por conselho de um francez chamado Honorato, que veiu á terra com dous indios

em uma jangada e lhes facilitou a entrada, tocou a náu e deu tantas pancadas que lhe saltou o leme fóra e arrombou, pelo que alguns se lançaram a nadar e se afogaram em as ondas. Os mais sahiram em uma sétia que lhes mandou Thomé da Rocha, capitão de Cerigipe, e tiraram alguma fazenda sua e de el-rei, a qual mandou Gabriel Soares de Sousa trazer a esta Bahia em a mesma sétia com doze soldados, de que veiu por cabo Francisco Vieira, e por piloto Pero de Paiva e Antonio Apêba, vindo elle por terra com os mais em cinco companhias, de que fez capitães a Ruy Boto de Sousa, Pedro da Cunha de Andrade, Gregorio Pinheiro, sobrinho do bispo D. Antonio Pinheiro, Lourenço Varella e João Peres Galego. Fez tambem seu mestre de campo a Julião da Costa e sargento-maior a Julião Coelho.

Chegaram a esta cidade e foram bem recebidos do governador D. Francisco de Sousa, que lhe fez dar a execução as provisões que trazia de Sua Magestade pera levar das aldeias dos padres da Companhia duzentos indios frecheiros e os brancos que quizessem ir, com os quaes se partiu pera sua fazenda de Jaguaryppe, e ahi reformou duas companhias por Pero da Cunha e Gregorio Pinheiro não quererem ir na jornada, e deu uma a João Homem, filho de Gracia d'Avila, outra a Francisco Zorrilha. Foram por capelães o conego Jacome de Queiroz e Manuel Alvares, que depois foi vigario de Nossa Senhora do Soccorro.

Partiram de Jaguaryppe e chegaram á serra de Quarerú, que são cincoenta leguas, onde fizeram uma fortaleza de sessenta palmos de vão com suas guaritas nos cantos, como el-rei mandava que se fizesse a cada cincoenta leguas.

Aqui fizeram os mineiros fundição de pedra de uma beta que se achou na serra e se tirou prata, mas o general a mandou cerrar e, deixando alli doze soldados com um Luis Pinto africano por cabo delles, se foi com os mais outras cincoenta leguas, onde nasce o rio de Paraguaçú, a fazer outra fortaleza, na qual, por as aguas serem ruins e os mantimentos peiores, que eram cobras e lagartos, adoeceram muitos, e entre elles o mesmo Gabriel Soares, que morreu em poucos dias no mesmo logar, pouco mais ou menos, onde seu irmão havia fallecido.

Foi sepultado na fortaleza que fazia com muito sentimento dos seus e della se vieram pera a primeira, que tinha melhores ares e aguas, donde avisou o mestre de campo Julião da Costa ao governador D. Francisco de Sousa do que havia succedido, e elle os mandou recolher a esta cidade.

Vieram pela Cachoeira, donde os foi Diogo Lopes Ulhôa buscar e, depois de os ter nos seus engenhos oito dias mui regalados, os mandou nas suas barcas ao governador, que os não recebeu e proveu com menos liberalidade, gastando com elles de sua fazenda mais de dous mil cruzados.

O intento que Gabriel Soares levava nesta jornada era chegar ao rio de S. Francisco e depois por elle até a lagôa Dourada, donde dizem que tem seu nascimento, e pera isto levava por guia um indio por nome Guaracy, que quer dizer sol, o qual tambem se lhe poz e morreu no caminho, ficando de todo as minas obscuras até que Deus, verdadeiro sol, queira manifestal-as.

Os ossos de Gabriel Soares mandou seu sobrinho Bernardo Ribeiro buscar, e estão sepultados em S. Bento

com um titulo na sepultura, que declarou em seu testamento puzesse, e o titulo é: *Aqui jaz um peccador.*

E não sei eu que outra mina elle nos pudera descobrir de mais verdade, si vivera, pois, como affirma o evangelista S. João, si dissermos que não temos peccado, mentimos e não ha em nós verdade.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

Do como veiu Feliciano Coelho de Carvalho governar a Parahiba, e foi continuando com as guerras della.

Em o anno de 1591 no mez de Maio chegou a Pernambuco Feliciano Coelho de Carvalho, fidalgo que se criou de moço em Africa, bom cavalheiro e de bom conselho, o qual, mandando o seu fato por mar, se partiu por terra ao seu governo da Parahiba, e achou a cidade posta em tanto aperto com os continuos assaltos que os potiguares faziam nas suas roças e arrebaldes, que determinou de correr a terra e enxotal-os della. E pera isto pediu a Pero Lopes, capitão-mór da ilha de Tamaracá, que o ajudasse com sua pessoa e gente, como fez com cincoenta homens brancos de pé e de cavallo e tresentos negros, e assim se partiram ambos em muita conformidade, levando o governador da Parahiba o gentio tobajar e os mais brancos que poude, repartidos uns e outros em companhias, com suas caixas e bandeiras.

E logo deram com uma aldeia grande que levavam espiada, onde, posto que acharam os inimigos descuidados, não deixaram de fazer rosto aos da nossa vanguarda, travando-se entre uns e outros uma grande escaramuça, porque os contrarios cuidavam que não era a gente mais; porém, depois que viram os de cavallo e mais de pé que iam chegando, começaram a virar as costas, posto que

tarde, porque o nosso exercito estava já todo junto, e mataram tantos que era piedade ver depois tantos corpos mortos. E aos mais que fugiram foi seguindo a nossa vanguarda, não sem resistencia de muitas frechadas, que iam tirando, porque tinham costas em outra aldêia que distava dest'outra um quarto de legua, para a qual se iam retirando, donde sahiram muitos a soccorrel-os e fizeram parar os nossos, jogando-se de parte a parte muitas frechadas e ferindo-se muitos, até que chegou o capitão Martim Lopes Lobo, filho de Pero Lopes, com dous homens mais de cavallo e vinte arcabuzeiros e alguns negros, com que os nossos cobrando animo remetteram com furia. E os contrarios com medo se espalharam pelos mattos, dando-lhes logar que entrassem na aldeia, e fizessem tal matança nas mulheres, meninos e velhos que nella ficaram, que só um foi tomado vivo, por se metter debaixo do cavallo do capitão Martim Lopes, e elle o defender, pera se saber da determinação dos francezes e gentio, e neste tempo...

CAPITULO TRIGESIMO

. . . .

...mandado pedir soccorro, trazendo em sua companhia a D. Hyeronimo de Almeida, que poucos dias havia chegado de Angola, e outros muitos cavalleiros que havia na capitania, os quaes ficaram todos admirados de ouvir que tão poucos se defendessem de tantos e os offendessem de maneira que está dito, e por não serem já necessarios dahi a alguns dias se tornaram pera Pernambuco.

Mas não deixou de resultar grande proveito deste soccorro, porque, vendo uma india potiguar de um soldado casado, que andava já domestica entre os nossos, tanta gente de cavallo, o foi com grande espanto contar á senhora, a qual lhe respondeu: «Isto que tu vês é nada; sabe que ainda ha de vir muita mais pera irem matar todos teus parentes e a quantos francezes andam entre elles. Sinão olha tu quão poucos soldados no Cabedello desbarataram a gente de tantos navios, e por aqui verás, si estes que vês forem á serra e os mais que hão de vir, si deixarão lá cousa viva».

Esta potiguar ouvindo isto fugiu pera os seus ainda antes que Manuel Mascaranhas se partisse da Parahiba, e os achou apercebendo-se pera virem dar sobre os nossos com ajuda de Monsieur Rifot, de quem têmos contado o mal que fez por esta costa, o qual escreveu uma carta

de desafio a Feliciano Coelho, e mettida em um cabaço lha mandou pôr em um caminho, donde os nossos espias a trouxeram. E, posto que Feliciano Coelho lho mandou pôr outra vez no mesmo posto onde foi achado sem outra resposta mais que polvora e pelouros dentro, significando que com isto se havia de defender, e mandou outra vez pedir socorro em Pernambuco, melhor foi desvial-os a negra que não viessem, dizendo-lhes que seriam todos mortos, porque eram innumeraveis os portuguezes de pé e de cavallo que vieram de Pernambuco. O que ouvido por Rifot, mandou pôr em esquadrão todos os seus francezes e potiguares, que eram infinitos, e lhe perguntou si seriam os portuguezes tantos como aquelles, e a negra respondeu que mais eram e, tomando seis ou sete punhados de areia, a lançou pera o ar dizendo-lhe que ainda eram mais que aquelles grãos de areia, com que os parentes se começaram a acobardar de modo que o Rifot lhes disse que pera tanta gente era necessario ir buscar mais á França. E assim se despediu com os seus pera o Rio-Grande, onde tinha as náus, e se embarcaram nellas pera sua terra, e os potiguares se espalharam pelas suas mui cheios de medo, como tudo constou por dito de tres que os nossos corredores tomaram em uma roça.

CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO

De como Manuel Mascarenhas Homem foi fazer a fortaleza do Rio-Grande e do soccorro que lhe deu Feliciano Coelho de Carvalho.

Informado Sua Magestade das cousas da Parahiba e que todo o damno lhe vinha do Rio-Grande, onde os francezes iam commerciar com os potiguares, e dallj sahiam tambem a roubar os navios que iam e vinham de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas mas as pessoas, e vendendo-as aos gentios pera que as comessem, querendo atalhar a tão grandes males, escreveu a Manuel Mascaranhas Homem, capitão-mór em Pernambuco, encommendando-lhe muito que logo fosse lá fazer uma fortaleza e povoação, o que tudo fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho. A quem tambem escreveu e ao governador geral D. Francisco de Sousa, que pera isto lhe desse provisões e poderes necessarios pera gastar da sua real fazenda tudo o que lhe fosse necessario, como em effeito o governador lhe passou e lhe pôz logo tudo em execução com muita diligencia e cuidado, mandando uma armada de seis navios e cinco caravelões que o fossem esperar á Parahiba, em a qual ia por capitão-mór Francisco de Barros Rego, por almirante Antonio da Costa Valente, e por capitães dos

outros navios João Paes Barreto, Francisco Camello, Pero Lopes Camello e Manuel da Costa Calheiros.

Por terra com o capitão-mór Manuel Mascaranhas foram tres companhias de gente de pé, de que eram capitães Hyeronimo de Albuquerque, Jorge de Albuquerque, seu irmão, e Antonio Leitão Mirim, e uma de cavallo, que guiava Manuel Leitão. Os quaes chegados uns e outros á Parahiba, se ordenou que Manuel Mascaranhas fosse por mar ao Rio-Grande na armada que veiu de Pernambuco e levasse comsigo o padre Gaspar de Samperes da Companhia, por ser grande architecto e engenheiro, pera traçar a fortaleza, com seu companheiro o padre Lemos, e o nosso irmão frei Bernardino das Neves, por ser muito perito na lingua brasilica e mui respeitado dos potiguares, assim por essa causa, como por respeito de seu pai o capitão João Tavares, que entre elles por seu esforço havia sido mui temido, o qual levou por companheiro outro sacerdote da nossa provincia chamado frei João de S. Miguel. E que Feliciano Coelho fosse por terra com os quatro capitães e companhias da gente de Pernambuco e com outra da Parahiba, de que ia por capitão Miguel Alvares Lobo, que por todos faziam somma de cento e setenta e oito homens de pé e de cavallo, fóra o nosso gentio, que eram das aldeias de Pernambuco noventa frecheiros e das da Parahiba setecentos e trinta, com seus principaes que os guiavam, o Braço de Peixe, o Assento de Passaro, o Pedra Verde, o Mangue e o Cardo Grande. E este exercito começou a marchar das fronteiras da Parahiba a 17 de Dezembro de 1597, indo os espias e corredores diante queimando algumas aldeias que os

potiguares despejavam com medo, como confessaram alguns que foram tomados.

Mas aos que fugiam os inimigos não fugiu a doença das bexigas, que é a peste do Brasil, antes deu tão fortemente em os nossos indios e brancos naturaes da terra que cada dia morriam de dez a doze, pelo que foi forçado ao governador Feliciano Coelho fazer volta á Parahiba pera se curarem e os capitães pera Pernambuco com a sua gente que poude andar, dizendo que cessando a doença tornariam, pera seguirem a viagem, excepto o capitão Hyeronimo de Albuquerque, que se embarcou em um caravelão e foi ter ao Rio-Grande com seu capitão-mór Manuel de Mascaranhas, o qual havia ido na armada, como já dissemos, e na viagem teve vista de sete náus de francezes que estavam no porto dos Buzios contratando com os potiguares, os quaes, como viram a armada, picaram as amarras e se foram e a nossa não a seguiu por ser tarde e não perder a viagem.

No dia seguinte pela manhã mandou Manuel Mascaranhas dous caravelões descobrir o rio, o qual descoberto e seguro, entrou a armada á tarde guiada pelos marinheiros dos caravelões que o tinham sondado. Alli desembarcaram e se trincheiraram de varas de mangues pera começarem a fazer o forte e se defenderem dos potiguares, que não tardaram muitos dias que não viessem uma madrugada infinitos, acompanhados de cincoenta francezes, que haviam ficado das náus do porto dos Buzios, e outros que alli estavam casados com potiguares. Os quaes, rodeando a nossa cerca, feriram muitos dos nossos com pelouros e frechas que tiravam por entre as varas, entre os quaes foi um o capitão Ruy de Aveiro em o pescoço com uma frecha e o seu sargento e ou-

tros, com o que não desmaiaram, antes, como elefantes á vista de sangue, mais se assanharam e se defenderam e offenderam os inimigos tão animosamente que levantaram o cerco e se foram.

Depois veiu um indio chamado Surupibba pelo rio abaixo em uma jangada de juncos, apregoando paz, o qual prenderam em ferros, e com estar preso mostrava tanta arrogancia que, vendo o apparato com que Manuel de Mascaranhas se tratava e comia, disse que o não haviam de tratar menos. E assim lhe dava bom tratamento e per persuação dos padres da Companhia, posto que contradizendo-o nosso irmão frei Bernardino, que conhecia bem suas traições e enganos, emfim o soltou e mandou, promettendo-lhe o indio de trazer todo o gentio de paz, pera o que lhe deu vestidos e outras cousas que pudesse dar aos seus, não só quando foi, mas ainda depois por duas vezes que lhas mandou pedir, dizendo que já os tinha apaziguados e vinham por caminho a entregar-se. Porém, indo dous bateis nossos com vinte homens, de que ia por cabo Bento da Rocha, a cortar uns mangues, estando mettidos em uma enseada e começando a fazer a madeira, os cercaram por entre os mangues pera os tomarem na baixa-mar, quando os bateis ficassem em secco. Onde houveram de ser todos mortos, si um dos bateis, que era maior, se não fora pôr de largo, aonde os descobriu e deu aviso ao outro pera que se embarcasse a nossa gente á pressa e se alargasse dos inimigos, os quaes em continente se sahiram da emboscada, e se foram mettendo pela agua a tomar-lhes uma restinga que estava no meio do rio, donde se puzeram a ralhar, dizendo que já os tinham na rêde, entendendo que o batel ficaria em secco.

Mas quiz Deus dar-lhe um canal por onde sahiram e foram dar aviso ao Mascaranhas, que se acabou de desenganar de suas traições e enganos, e muito mais depois que viu dahi a poucos dias os montes cobertos de infinidade delles, que desciam com mão armada a combater outra vez a nossa cerca, em a qual os não quiz esperar, nem que chegassem a pôr-lhe cerco, antes os foi esperar ao caminho e, lançando uma manga por entre o matto, os entrou com tanto animo que fez fugir os da retaguarda, e seguiu os da vanguarda até o rio. E ainda a nado pela agua os foram os nossos indios tabajares matando, sem deixar algum com vida, amarando-se tanto nesta pescaria, que foi necessario irem os nossos bateis a buscal-os já fóra da barra.

Mas nem isto bastou pera que não continuassem depois com continuos assaltos, com que puzeram os nossos em tanto aperto que escassamente podiam ir buscar agua para beberem a uns poçosinhos que tinham perto da cerca, e essa muito ruim, e tantas outras necessidades que, si não chegara Francisco Dias de Paiva, amo do capitão-mór, que o criou, em uma urca do reino que el-rei mandou com artilharia, munições e alguns outros provimentos pera o forte que se fazia, e as esperanças em que se sustentavam de lhes vir cedo soccorro da Parahiba, houvera-lhes de ser forçado deixar o edificio. Pelo que, tanto que os doentes começaram a convalescer, logo Feliciano Coelho mandou recado aos capitães de Pernambuco e, vendo que não vinham, se aprestou com a sua gente e tornou a partir da Parahiba a este soccorro a 30 de Março de 1598, só com uma companhia de vinte e quatro homens de cavallo, e duas de pé, de trinta arcabuzeiros cada uma, das quaes eram ca-

pitães Antonio de Valladares e Miguel Alvares Lobo, e tresentos e cincoenta indios frecheiros com seus principaes.

Não acharam em todo o caminho sinão aldeias despejadas e alguns espias, que os nossos tambem espiaram e tomaram, pelos quaes se soube que uma legua do forte que se fazia estava uma aldeia grande e fortemente cercada, donde sahiam a dar os assaltos em os nossos, pelo que mandou o governador apressar o passo pera que o pudesse tomar descuidados e comtudo a achou despejada e capaz pera se alojar o nosso arraial.

Alli veiu o dia seguinte Manuel de Mascaranhas a visital-o e trataram sobre o modo que havia de haver pera se acabar o forte, porque tinha ainda grandes entulhos e outros serviços pera fazer. E disse Feliciano Coelho que elle, com a sua companhia de cavallo e com a gente do Braço trabalhariam um dia e Antonio de Valladares com a gente do Assento outro dia seguinte, e Miguel Alvares Lobo com a gente do Pedra Verde outro. E esta ordem guardariam emquanto a obra durasse, dando tambem a cada companhia do gentio um branco perito na sua lingua que os exhortasse ao trabalho, e estes eram Francisco Barbosa, Antonio do Poço e José Affonso Pamplona.

Mas não deixaram por isto de reservar alguns que corressem o campo em companhia de alguns brancos filhos da terra, os quaes foram dar em uma aldeia onde mataram mais de quatrocentos potiguares e cativaram oitenta, pelos quaes souberam que estava muita gente junta, assim potiguares como francezes, em seis cercas muito fortes, pera virem dar sobre os nossos

e os matarem e, si já o não tinham feito, era porque adoeciam e morriam muitos do mal de bexigas.

Neste mesmo tempo que a obra do forte durava, chegou um barco da Parahiba com refrescos de vitellas, gallinhas e outras vitualhas, que mandava a Feliciano Coelho Pero Lopes Lobo, seu loco-tenente, e deu novas o arrais que no porto dos Buzios estava surta uma náu franceza, lançando gente em terra. Ao qual acudiu logo Manuel Mascaranhas com toda a gente de cavallo que havia, e trinta soldados arcabuzeiros e muitos indios, e deu nas choupanas em que os potiguares estavam já commerciando com elles, onde mataram treze e cativaram sete e tres francezes, porque os mais embarcaram e fugiram no batel, e outros a nado. E, vendo o capitão-mór Manuel Mascaranhas que não tinha embarcações pera poder commetter a náu, ordenou uma cilada, fingindo que era ido e deixando na praia um francez ferido pera que o viessem tomar da náu no batel, como de feito vieram, mas os da cilada, tanto que viram desembarcado o primeiro, sahiram tão desordenadamente que só este tomaram e os outros tornaram á náu e largando as velas se foram.

CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO

De como acabado o forte do Rio-Grande e entregue ao capitão Hyeronimo de Albuquerque se tornaram os capitães móres de Pernambuco e Parahiba, e batalhas que no caminho tiveram com os potiguares.

Acabado o forte do Rio Grande que se intitula dos Reis, o entregou Manuel Mascaranhas a Hyeronimo de Albuquerque dia de S. João Baptista, era de 1598, tomando-lhe homenagem como se costuma. E deixando-lho muito bem fornecido de gente, artilharia, munições, mantimentos e tudo o mais necessario, se veiu no mesmo dia com a sua gente dormir na aldeia do Camarão, onde Feliciano Coelho estava com o seu arraial aposentado, e no seguinte se partiram todos pera a Parahiba com muita paz e amizade, que é o melhor petrecho contra os inimigos. E assim o experimentaram os primeiros que acharam em uma grande e forte cerca seis dias depois da partida, a qual mandaram espiar por um indio mui esforçado da nossa doutrina chamado Tavira, que com só quatorze companheiros que comsigo levava matou mais de trinta espias dos inimigos sem ficar um só que levasse recado, e assim os nossos subitamente na cerca deram ao meio dia e comtudo pelejaram mais de duas horas sem a poderem entrar, excepto o Tavira, que, temerariamente trepando por ella, se lançou dentro com

uma espada e rodela, e nomeando-se começou a matar e ferir os inimigos, até lhe quebrar a espada e ficar com só a rodela, tomando nella as frechas, o que visto pelo capitão Ruy de Aveiro e Bento da Rocha, seu soldado, tiraram por uma seteira duas arcabuzadas, com que os inimigos se afastaram e lhe deram logar de tornar a subir pela cerca e sahir-se della com tanta ligeireza como si fôra um passaro. E com este e outros semelhantes feitos tanto nome havia ganhado este indio entre os inimigos que, só com se nomear dizendo: eu sou Tavira, acobardava e atemorisava a todos. E assim atemorisados com isto os da cerca, e os nossos animados, vendo que, si a noite os tomava de fóra com o inimigo tão visinho e outros que podiam sobrevir de outras partes, ficavam mui arriscados, remetteram outra vez á cerca com tanto animo, disparando tantas arcabuzadas e frechadas, que puzeram os de dentro em aperto, e se deixou bem conhecer pelos muitos gritos e choros que se ouviam das mulheres e crianças.

E o capitão Miguel Alvares Lobo com o seu sargento João de Padilha, espanhol, e seus soldados, remetteu a uma porta da cerca e a levou, por onde logo entraram outros. E o mesmo fez o capitão Ruy de Aveiro e outros capitães por outras partes, com que forçaram os potiguares a largar a praça, e fugiram por outras portas que abriram por riba da estacada e por onde podiam. Mas comtudo não deixaram de ficar mortos e cativos mais de mil e quinhentos, sem dos nossos morrerem mais de tres indios tabajares, posto que ficaram outros feridos, e alguns brancos, dos quaes foi o sargento João de Padilha.

D'alli a quatorze dias deram em outra cerca e aldeia, não tão grande como estoutra, mas mais forte e de gente escolhida, onde não havia mulheres nem crianças que chorassem, sinão todos homens de peleja, e entre elles dez ou doze bons arcabuzeiros, os quaes não atiravam pelouros que não acertassem em os nossos. O mesmo faziam os frecheiros, com que nos feriam muita gente e não fôra possivel sustentar o cerco, si um soldado natural da serra da Estrella, chamado Henrique Duarte, não lançara uma alcanzia de fogo dentro com que lhes queimou uma casa e, vendo elles o fogo, cuidando que seriam todos abrasados, se foram sahindo da cerca, não fugindo ou dando as costas, mas retirando-se e defendendo-se valorosamente contra os nossos que os seguiam. E assim, ainda que lhes mataram cento e cincoenta, tambem elles nos mataram seis brancos, em que entrou Diogo de Sequeira, alferes do capitão Ruy de Aveiro Falcão, com um pelouro, que primeiro havia passado a carapuça a Bento da Rocha que estava junto delle, o qual, quando o viu morto e a bandeira derribada, a levantou e se poz a florear com ella no campo entre as frechadas e pelouros, pelo que o seu capitão-mór Manuel Mascaranhas lha deu e lhe passou depois uma certidão, com que pudera requerer um habito de cavalleiro com grande tença. Mas elle o quiz antes do nosso seraphico padre São Francisco, com a tença da pobreza e humildade, em que viveu e morreu nesta custodia santamente.

Tambem feriram o capitão Miguel Alvares Lobo de duas frechadas, e a Diogo de Miranda, sargento da companhia de Manuel da Costa Calheiros, deu um indio agigantado tal golpe com um alfange que lhe fendeu a

rodela até a embaraçadura e o feriu no braço, e elle lhe correu uma estocada, mettendo-lhe a espada pelos peitos até a cruz, a qual não bastou para que o indio se não abraçasse com elle tão rijamente que sem falta o levara debaixo, si não acudira Hyeronimo Fernandes, cabo de esquadra da sua companhia, dando-lhe um golpe pelo pescoço, com que o fez largar. E, enterrados os mortos e curados os feridos, tornou o campo a marchar até chegar ás fronteiras da Parahiba, donde se despediu Manuel Mascaranhas de Feliciano Coelho e se foi com os seus pera Pernambuco.

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO

De como Hyeronimo de Albuquerque fez pazes com os potiguares e se começou a povoar o Rio-Grande.

Hyeronimo de Albuquerque, depois que os mais se partiram, se aconselhou com o padre Gaspar de Samperes, da Companhia de Jesus, que tornou ao forte por ser o engenheiro que o traçou, sobre que traça haveria pera se fazerem pazes com os potiguares. Deram em uma facilissima, que foi soltarem um que elles tinham preso, chamado Ilha-Grande, principal e feiticeiro, e mandal-o que as tratasse com os parcntes.

Foi o indio bem instruido no que lhes havia de dizer e chegando á primeira aldeia foi alegremente recebido, maiormente depois de saberem ao que ia. Mandaram logo recado ás mais aldeias assim da ribeira do mar como da serra, onde estava o Páu-Secco e o Zorobabe, que eram os maiores principaes, e todos juntos lhes disse o mensageiro:

«Vós, irmãos e parentes, mui bem conheceis e sabeis quem eu sou, e a conta que scmpre de mim fizestes assim na paz como guerra. E isto é o que agora me obrigou a vir dentre os brancos a dizer-vos que, si quereis ter vida e quietação e estar em vossas casas e terras com vossos filhos e mulheres, é necessario sem mais outro conselho ires logo commigo ao forte dos bran-

cos a fallar com Hyeronimo de Albuquerque, capitão delle, e com os padres, e fazer com elles pazes, as quaes serão sempre fixas, como foram as que fizeram com o Braço de Peixe e com os mais tobajaras, e o costumam fazer em todo o Brasil, que os que se mettem na igreja não os cativam, antes os doutrinam e defendem, o que os francezes nunca nos fizeram e menos nos farão agora, que têm o porto impedido com a fortaleza, donde não podem entrar sem que os matem e lhes mettam com a artilharia no fundo os navios».

Estas e outras tantas razões lhe soube dizer este indio, e com tanta energia de palavras que todos aceitaram o conselho e lho agradeceram, muito principalmente as femeas que, enfadadas de andar com o fato continuamente ás costas, fugindo pelos mattos sem se poderem gozar de suas casas nem dos legumes que plantavam, traziam os maridos ameaçados que se haviam de ir pera os brancos, porque antes queriam ser suas cativas que viver em tantos receios de continuas guerras e rebates.

Com isto se vieram os principaes logo ao forte a tratar das pazes. Houve pouco que fazer nellas, pelas razões já ditas, donde dahi por diante começaram a entrar com seus resgates seguramente. E foi de tudo avisado o governador D. Francisco de Sousa pelo capitão-mór de Pernambuco Manuel Mascaranhas, que se foi ver com elle a Bahia e lhe deu a nova, o qual mandou que as ditas pazes se fizessem com solemnidade de direito, como em effeito se fizeram na Parahiba aos 11 dias do mez de Junho de 1599, estando presentes o governador da Parahiba Feliciano Coelho de Carvalho com os officiaes da camera e o dito Manuel Mascaranhas

Homem com Alexandre de Moura que lhe havia succeder na capitania-mór de Pernambuco, o ouvidor geral Braz de Almeida e outras pessoas e o nosso irmão frei Bernardino das Neves foi o interprete, por ser mui perito na lingua brasilica, e mui respeitado dos indios potiguares e tobajares, como já dissemos, pelo que o capitão-mór Manuel Mascaranhas se acompanhava com elle e nunca nestas occasiões o largava.

Feitas as pazes com os potiguares, como fica dito, se começou logo a fazer uma povoação no Rio-Grande uma legua do forte, a que chamam a cidade dos Reis, a qual governa tambem o capitão do forte, que el-rei costuma mandar cada tres annos. Cria-se na terra muito gado vaccum e de todas as sortes, por serem pera isto as terras melhores que pera engenhos de assucar, e assim não se hão feito mais que dous, nem se poderão fazer, porque as cannas de assucar requerem terra maçapés e de barro e estas são de areia solta, e assim podemos dizer ser a peior do Brasil, e comtudo, si os homens têm industria e querem trabalhar nella, se fazem ricos.

Logo em seu principio veiu alli ter um homem degradado pelo bispo de Leyria, o qual, ou zombando ou pelo entender assim, poz na sentença: «Vá degradado por tres annos para o Brasil, donde tornará rico e honrado». E assim foi que o homem se casou com uma mulher que tambem veiu do reino alli ter, não por dote algum que lhe dessem com ella, sinão por não haver alli outra e de tal maneira souberam grangear a vida que nos tres annos adquiriram dous ou tres mil cruzados, com que foram pera sua terra em companhia do capitão-mór do Rio-Grande João Rodrigues Collaço, e de sua mulher D. Beatriz de Menezes, comendo todos

a uma mesa, passeando elle hombro com hombro com o capitão, assentando-se a mulher no mesmo estrado que a fidalga, como eu as vi em Pernambuco, onde foram tomar navio pera se embarcarem. E toda esta honra lhe faziam porque, como em aquelle tempo não havia ainda outra mulher branca no Rio-Grande, acertou de parir a mulher do capitão, e a tomaram por comadre, e como tal a tratavam daquelle modo, e o marido como compadre, cumprindo-se em tudo a sentença do bispo que tornaria do Brasil rico e honrado.

Nem foi este só que no Rio-Grande enriqueceu, mas outros muitos porque, ainda que o territorio é o peior do Brasil, como temos dito, nelle se dão muitas criações e outras grangearias de que se tira muito proveito, e do mar muitas e boas pescarias.

Nem estão muito longe dahi as salinas, onde naturalmente se coalha o sal em tanta quantidade que podem carregar grandes embarcações todos os annos, porque, assim como se tira um, se coalha e cresce continuamente outro. Nem obsta que não vão alli navios de Portugal (sinão é algum de arribada), pois basta que vão á Parahiba, donde dista sómente vinte e cinco leguas, e de Pernambuco cincoenta, porque destas partes se provejam do que lhe é necessario, como fazem em seus caravelões. E sobre todos estes commodos foi de muita importancia povoar-se e fortificar-se o Rio-Grande pera tirar dalli aquella ladroeira aos francezes.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

De como foi o governador geral ás minas de São Vicente e ficou governando a Bahia Alvaro de Carvalho e dos hollandezes que a ella vieram.

Muitos annos havia que voava a fama de haver minas de ouro e de outros metaes em a terra da capitania de S. Vicente, que el-rei D. João, o Terceiro, doou a Martim Affonso de Sousa, e já por algumas partes voava com azas douradas e havia mostras de ouro. O que visto pelo governador D. Francisco de Sousa, avisou a Sua Magestade offerecendo-se pera esta empreza, e elle lha encarregou, e mandou pera ficar entretanto governando esta cidade da Bahia a Alvaro de Carvalho. O governador se partiu pera baixo em o mez de Outubro de 1598, levando comsigo o desembargador Custodio de Figueiredo, que era um dos que vinham com Francisco Giraldes, e servia de provedor-mór de defuntos e absentes.

O anno seguinte de 1599, vespora da vespora do Natal, entrou nesta bahia uma armada de sete náus hollandezas, cuja capitanea se chamava *Jardim de Hollanda*, por um jardim de ervas e flores que trazia dentro em si. Esta armada se senhoreou do porto e dos navios que nelle estavam, queimando e desbaratando os que lhe quizeram resistir, como foi um galeão do baylio de

Lessa, que veiu fretado por mercadores pera levar assucar. Poz Alvaro de Carvalho a gente por suas estancias na praia e na cidade pera a defenderem si quizessem desembarcar; mas elles, não se atrevendo, trataram de concerto, pedindo em refens uma pessoa equivalente ao seu general, que queria vir pessoalmente a este negocio, e assim foi para a sua capitanea em refens Estevão de Brito Freire, e elle se veiu metter no collegio dos padres da Companhia, onde o capitão-mór Alvaro de Carvalho o esperava, e se tratou sobre o concerto quatro dias que alli esteve assaz regalado.

Porém foi-lhe respondido no fim delles que puxasse pela carta, porque não podia haver outro concerto, com o que elle se embarcou colerico e se desembarcou Estevão de Brito. Com esta colera mandou uma caravela que tinha tomado no porto e alguns patachos e lanchas que fossem pelo reconcavo roubar e assolar quanto pudessem, o que logo fizeram no engenho de Bernardo Pimentel de Almeida, que dista desta cidade quatro leguas, e, não achando resistencia, lhe queimaram casas e igreja, da qual tiraram até o sino do campanario; mas Morsoou, e logo foram castigados por André Fernandes Morgalho, que Alvaro de Carvalho havia mandado com tresentos homens por terra, e achando ainda alli os inimigos brigaram com elles animosamente até os fazerem embarcar, ficando-lhes muitos mortos na briga em terra e alguns no mar ao embarcar, entre os quaes se matou um capitão que elles muito sentiram.

Dalli se tornaram ás suas náus donde, reformados de mais gente e munições, se foram a ilha dos Frades pera tomarem aguada, de que estavam faltos. O qual entendido por André Fernandes, que os tinha em es-

preita, se embarcou com a sua gente em seis lanchas e, entrando por outro boqueirão, que está entre a ilha de Cururupiba e a terra firme e se não navega si não de maré cheia, por não serem sentidos desembarcaram da outra parte da ilha dos Frades, a tempo que tambem alli chegava Alvaro Rodrigues da Cachoeira com o seu gentio. E assim foram todos juntos, atravessando a ilha pelos mattos até perto de uma lagôa junto a praia, aonde havia sahido uma batelada de hollandezes a provar a agua e por acharem salobra se tornaram e os nossos os deixaram ir, ficando escondidos na cilada, entendendo que iam por mais gente pera tornarem a buscar outra fonte. O que elles não fizeram, antes a foram buscar á ilha de Taparica, e desembarcando em terra puzeram fogo a um engenho, que alli estava de Duarte Osquis, sem lhe valer ser tambem flamengo, posto que casado com portugueza e antigo na terra. Mas logo chegaram os nossos capitães André Fernandes Morgalho e Alvaro Rodrigues, e os commetteram com tanto animo que mataram cincoenta e fizeram embarcar os mais e recolherem-se á sua armada, que tambem logo se fez á vela e despejou o porto, que havia cincoenta e cinco dias tinha occupado.

Ao sahir pela barra tomaram uma náu de Francisco de Araujo, que vinha do Rio de Janeiro com sete ou oito mil quintaes de páu brasil, e, depois de a descarregar nas suas do páu e da gente que trazia, a queimaram lançando só em terra umas mulheres que na náu vinham.

CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

Da guerra dos gentios aymorés e como se fizeram as pazes com elles em tempo do capitão-mór Alvaro de Carvalho.

Não só por mar foi esta Bahia neste tempo contrastada de inimigo, mas tambem e muito mais por terra dos gentios aymorés, que são uns tapuias selvagens, de que fizemos menção em o capitulo decimo quinto do primeiro livro, os quaes, como não tenham casas nem logar certo onde os busquem, nem saiam a pelejar em campo, mas andem como leões e tigres pelos mattos e dalli saiam a saltear pelos caminhos, ou ainda sem sahir, detraz das arvores, empreguem suas frechas, poucos bastam pera destruirem muitas terras. E assim, havendo já destruido as de Porto-Seguro e dos Ilhéus, entraram nas da Bahia, e haviam feito despejar as do rio de Jaguaripe e Paraguaçú, posto que não passaram este da parte do Norte, que, a passal-o, não ficara cousa que não assolaram até á cidade, porque, como até ella haja mattos e todos os caminhos se façam entre elles, ninguem pudera entrar nem sahir sem ser morto ou salteado por estes selvagens.

Desejosos D. Francisco e Alvaro de Carvalho de remediar este damno o consultaram com Manuel Mascaranhas, que aqui veiu a tratar sobre as cousas do Rio-Grande com o governador antes que se partisse, e todos

acordaram que, si não fosse com outro gentio, bicho do matto como elles, não se lhe poderia fazer guerra, pera o que se offereceu Manuel Mascaranhas a mandar-lhos do gentio potiguar da Parahiba, que já estava de paz, e pera que tambem, divertidos com isto os potiguares e tirados da patria, não tornassem a rebellar-se. E assim, tanto que chegou a Pernambuco deu ordem a vir um grande golpe delles e por seu principal e guia um mais revoltoso, e de que havia mais suspeitas, chamado Zorobabe. Estes mandou Alvaro de Carvalho com o capitão Francisco da Costa aos Ilhéus, pera que de lá viessem dando caça aos aymorés, que assim se póde chamar a sua guerra. Mas, posto que os amedrontaram e fizeram muito, não ficou de todo o mal remediado, nem deixara de ir muito avante depois de tornados os potiguares, que em breve tempo voltaram pera a Parahiba, si Deus não tem outro mais facil e efficaz remedio, por meio de uma femea aymoré, que Alvaro Rodrigues da Cachoeira tomou com o seu gentio em um assalto, á qual ensinou a lingua dos nossos tupinambás, e aprendeu e fez a alguns nossos aprender a sua. Fez-lhe bom tratamento, praticou-lhe os mysterios da nossa santa fé catholica, que é necessario crer um christão, baptisou-a e chamou-lhe Margarida. Depois de bem instruida e affecta a nós, vestiu-a de sua camisa ou sacco de panno de algodão, que é o traje das nossas indias, deu-lhe rede em que dormisse, espelhos, pentes, facas, vinho e o mais que ella poude carregar, e mandou-a que fosse desenganar os seus, como fez, mostrando-lhes que aquelle era o vinho que bebiamos, e não o seu sangue, como elles cuidavam, e a carne que comiamos era de vacca e outros animaes e não humana; que

não andavamos nús, nem dormiamos pela terra, como elles, sinão em aquellas redes, que logo armou em duas arvores e nem um ficou que se não deitasse nella e se não penteasse e visse no espelho. Com o que, certificados que queriamos sua amizade, se atreveram alguns mancebos a vir com ella á casa do dito Alvaro Rodrigues na cachoeira do rio Paraguaçú, donde elle os trouxe a esta cidade ao capitão-mór Alvaro de Carvalho, que logo os mandou vestir de panno vermelho e mostrar-lhes a cidade, onde não havia casa de venda ou taverna em que não os convidassem e brindassem. Com o que mui certificados foram acabar de desenganar os companheiros, e se fez paz com os aymorés em toda esta costa. Queira nosso Senhor conserval-a e que não demos occasião a outra vez se rebellarem.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

Do que fez o governador nas minas.

Despedido o governador desta Bahia, em poucos dias chegou á capitania do Espirito-Santo onde, por lhe dizerem que havia metaes na serra de mestre Alvaro e em outras partes, as tentou e mandou cavar e fazer ensaio, de que se tirou alguma prata. Tambem mandou que fossem ás esmeraldas, a que já da Bahia havia mandado por Diogo Martins Cão e as tinha descobertas. Fez um forte pequeno de pedra e cal em que pôz duas peças de artilharia pera defender a entrada da villa, e feito isto se partiu pera o Rio de Janeiro, donde foi recebido do capitão-mór, que então era Francisco de Mendonça, e do povo todo com muito applauso, por ser parte onde nunca vão os governadores geraes. E assim achou tantos pleitos civeis e crimes indicios, que pera os haver de julgar lhe fôra necessario deter-se alli muito tempo: pelo que mandou chamar o ouvidor geral Gaspar de Figueiredo Homem, que se havia casado em Pernambuco, pera o deixar alli.

Chegado o ouvidor e estando o governador pera se partir, lhe tomaram a barra quatro galeões de cossarios, o qual, entendendo que haviam de sahir á terra a tomar agua na ribeira de Carioca, lhe mandou pôr gente em ciladas junto della. E assim aconteceu que, indo quatro

lanchas e sahindo primeiro a gente so de uma e tendo já a agua tomada pera se tornarem a embarcar, lhes sahiram os nossos e os mataram todos, excepto dous que levaram mal feridos ao governador, e os das outras lanchas vendo isto se tornaram ás galés, nas quaes, sabendo de um mamaluco, que haviam tomado em uma canôa, que estava alli o governador D. Francisco de Sousa e determinava mandar-lhes queimar os navios, os fizeram logo á vela e lhe deixaram a barra livre pera seguir a sua viagem, como seguiu. E chegou á São Vicente, onde dahi a pouco tempo entrou outro galeão em que ia por capitão um hollandez chamado Lourenço Bicar, o qual fez petição ao governador, dizendo que elle era bom christão e nunca fizera damno aos christãos, nem ia áquelle porto com esse intento, sinão a vender suas mercadorias, pelo que pedia a Sua Senhoria licença pera as poder descarregar e vender com pagar os direitos a Sua Magestade, e o governador lha despachou que, sendo assim como dizia e não havendo outra cousa, lhe dava licença. Porém, tirando depois inquirição e achando que tinha ido por general de uma grossa armada ao estreito de Magalhães e por não o poder embocar com tormenta e se apartar dos mais companheiros, os vinha alli aguardar, mandou em uma canôa seis aventureiros armados, que com dissimulação de quererem ver a náu se senhoreassem da polvora e praça de armas, e logo atraz desta outras muitas com soldados e indios frecheiros que brevemente a abordaram e tomaram, sem que os de dentro pudessem defendel-a nem pôr-lhe o fogo, como quizeram, por lhe terem os nossos tomado a polvora e armas.

Importaria a fazenda que esta náu trazia mais de cem mil cruzados, os quaes com a mesma facilidade se gastaram que se adquiriram. E o governador se foi de São Vicente á villa de São Paulo, que é mais chegada ás minas, onde até então os homens e mulheres se vestiam de panno de algodão tinto e, si havia alguma capa de baeta e manto de sarge, se emprestava aos noivos e noivas pera irem á porta da igreja; porém, depois que chegou D. Francisco de Sousa e viram suas galas e de seus criados e criadas, houve logo tantas librés, tantos periquitos e mantos de soprilhos que já parecia outra cousa.

Com isto, si se havia pagado D. Francisco da Bahia muito, muito mais se pagou de São Paulo, porque são alli os campos como os de Portugal, ferteis de trigo e uvas, rosas e açucenas, regados de frescas ribeiras, onde elle, umas vezes caçando, outras pescando, entretinha o tempo que lhe restava do trabalho das minas, que era mui grande, e muito maior não ser sempre de proveito porque, como é ouro de lavage, umas vezes se lavava pouco ou nem um, mas outras se achavam grãos de peso e de que elle enfiou um rosario, assim como sahiam, redondos, quadrados ou compridos, que mandou a Sua Magestade com outras mostras de perolas, que se achavam no esparcel da Canané e em outras partes, mandando-lhe pedir provisão pera fazer descer gentio do sertão que trabalhasse neste ministerio, e outras cousas a elle necessarias. A que lhe não deferiram por morrer neste tempo el-rei Philippe Primeiro, que o havia enviado, e lhe succedeu seu filho Philippe Segundo, que o mandou ir pera o reino, havendo treze annos que governava este Estado, e lhe enviou por successor no governo Diogo Botelho.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

Do oitavo governador do Brasil e o primeiro que veiu por Pernambuco, que foi Diogo Botelho; e como veiu ahi ter a gente de uma náu da India que se perdeu na ilha de Fernão de Noronha.

O oitavo governador do Brasil foi Diogo Botelho, o qual veiu em direitura a Pernambuco, em o anno de 1603 e foi o primeiro que isto fez, a quem depois sempre foram seguindo seus successores. A occasião, que teve (segundo alguns diziam), foi induzil-o Antonio da Rocha, escrivão da fazenda, que alli era casado e vinha com elle do reino, aonde havia ido com um aggravo contra o capitão-mór Manuel de Mascaranhas, o qual lhe diria das larguezas de Pernambuco e que podia delle tirar muito interesse. Ou o mais certo é que o fez por ver a terra e as fortalezas de que havia tomado homenagem, e cuja defensão e governo estava por sua conta. Nem eu sei, quando a detença alli não seja muita, que inconveniencias ha pera que os governadores não visitem de caminho aquella praça.

Trouxe o governador comsigo dous religiosos graves de Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, onde tinha um filho, pera fundarem casa em Pernambuco, mas o povo o não consentiu, dizendo que não era capaz a terra de sustentar tantos religiosos graves,

porque tinham já cá os da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora do Carmo, do patriarcha S. Bento e de nosso seraphico padre S. Francisco e assim, dando-lhes uma muito boa esmola, que com o favor do governador se tirou pelos engenhos, se tornaram pera Lisboa.

Neste tempo lançaram os hollandezes na ilha de Fernão de Noronha a gente de uma náu da India, em que vinha D. Pedro Manuel, irmão do conde da Atalaya, e por capitão Antonio de Mello. Dalli em o batel da náu e em uma caravela que lhes mandou o governador Diogo Botelho foram aportar nús e famintos ao Rio-Grande, sem trazerem mais que alguma mui pouca pedraria, e ainda essa não guardada por seus donos, sinão por alguns indios escravos, os quaes, sendo buscados pelos hollandezes, a engoliam por não lha tomarem.

Não estava o capitão do Rio-Grande, que era João Rodrigues Collaço, ahi quando chegaram, que era ido a Pernambuco a dar ao governador as boas vindas; porém não fez falta aos naufragantes, porque D. Beatriz de Menezes, sua mulher, filha de Henrique Moniz Telles, da Bahia, os hospedou e banqueteou a todos os dias que ahi estiveram, e pera o caminho, que é despovoado até á Parahiba, mandou seus escravos com canastras cheias de todo o necessario. Chegados á Parahiba os agasalhou o capitão-mór Francisco Pereira de Sousa como poude, e deu um vestido do seu de chamalote roxo a D. Pedro Manuel, que lho aceitou e agradeceu pela necessidade que tinha.

Dalli vieram caminhando até Guaiena, que é da capitania de Tamaracá, onde um filho de Antonio Cavalcanti, que estava no engenho do pai, os agasalhou e banqueteou esplendidamente, e os acompanhou até a

villa de Igaraçú, na qual acharam o almoxarife de Pernambuco Francisco Soares, que de mandado do governador os foi aguardar com doces e agua fria. O governador tambem os foi esperar um quarto de legua fóra da villa de Olinda, offerecendo a casa a D. Pedro Manuel, que não a quiz aceitar e se foi agasalhar no collegio dos padres da Companhia, donde o foi tirar com forçosos rogos Manuel Mascaranhas e o levou pera a sua, que pera isso tinha mui ornada, largando-lha com todo o seu serviço e passando-se para outra defronte. Ao dia seguinte mandou Manuel Mascaranhas trazer muitas peças de seda e pannos de casa dos mercadores á sua custa, e alfaiates que cortassem vestidos pera os que os quizessem, e não houve algum que engeitasse, porque todos tinham necessidade, sinão D. Pedro Manuel que, contente com o que lhe havia dado o capitão da Parahiba, disse que por quem havia tanto perdido em aquelle naufragio, aquelle lhe bastava até o reino como quem sabia que, em pondo lá os pés, a pessoa queriam ver e não os pannos. E assim casou logo com uma sobrinha do arcebispo de Braga D. Aleixo de Menezes, que o conhecia bem da India, onde foi arcebispo de Gôa, e lhe deu grande dote e Sua Magestade lhe fez muitas mercês.

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO

Da entrada que fez Pero Coelho de Sousa da Parahiba com licença do governador á serra de Boapaba.

Querendo Pero Coelho de Sousa ver si podia recuperar a perda em parte que com seu cunhado Fructuoso Barbosa recebera na Parahiba, e entendendo que, pois el-rei lha tomara por elles não poderem conquistal-a, podia correr com a conquista de outros rios e terras adiante, especialmente da serra de Boapaba, que era mais povoada de gentio, pediu licença ao governador geral Diogo Botelho e, havendo-a alcançado, mandou tres barcos com mantimentos, polvora e munições que o fossem aguardar ao rio de Jaguarybe, e elle se partiu da Parahiba por terra este mesmo anno de 603, em o mez de Julho com sessenta e cinco soldados, dos quaes os principaes eram: Manuel Miranda, Simão Nunes, Martim Soares Moreno, João Cide, João Vaz Tataperica, Pedro Congatan, lingua, e mais outro lingua francez chamado Tuim Mirim, e com duzentos indios frecheiros, de que eram principaes Mandiopubba, Batatam, Caragatim, tobajares, e Garaguinguira, potiguar. Caminhando por suas jornadas, chegaram ao rio Jaguaribe, onde acharam os barcos de mantimentos. Dalli mandou o capitão Pero Coelho um soldado com setenta indios a descobrir campo, os quaes tomaram um que andava á co-

medía, do qual se soube que os seus estavam em arma e em nem um modo queriam pazes com os brancos. Comtudo o contentou o capitão com fouces, machados e facas, com o que mandou que os fosse apaziguar, como foi, e ao dia seguinte tornou em busca de um nosso lingua com quem se entendessem, o qual lhe soube dizer taes cousas, e era gentio tão facil e desapropriado que, deixando suas casas e lavouras, se vieram com mulheres e filhos, dizendo que não queriam sinão pazes com os brancos christãos e acompanhal-os por onde quer que fossem.

O mesmo fizeram depois os da outra aldeia á imitação dest'outros, e foram todos marchando até o Ceará, onde, depois de alguns dias de descanço por causa da gente miuda, tornaram a marchar até um oiteiro a que depois chamaram dos Cocos, porque uns sete ou oito que plantaram á tornada os viram nascidos com muito viço. E dalli foram á enseada grande do ambar e á matta do páu de côres, que chamam ibirá-quatiara, depois ao Camocy, que é a barra da serra da Boapabba, pera a qual marcharam o seguinte dia, vespora de S. Sebastião, 19 de Janeiro de 1604, antemanhã. E clareando o dia foram logo vistos dos inimigos, sem haver mais logar que pera formar dous esquadrões e a bagagem no meio e outro esquadrão de parte com vinte soldados á ordem de Manuel de Miranda, pera dalli lançar mangas por onde fosse necessario, dezaseis soldados na retaguarda e nove na vanguarda, em companhia do capitão-mór Pero Coelho de Sousa.

Nesta ordem foram recebidos meia legua ao pé da serra com muita frechada e com sete mosquetes que disparavam sete francezes e faziam muito damno. Comtudo

não deixaram de largar o campo com alguns mortos, porque os nossos o fizeram com muito animo e esforço e com duas horas de sol se situou o nosso arraial até ao pé da serra, e se fez um repairo de pedras por falta de madeiras, que para o fogo se não achava, por ser todo escalvado, e menos havia que cosinhar com o fogo, nem agua para beber, pelo que começavam já a morrer algumas crianças. E sobre tudo vindo a noite tornaram os inimigos do alto a tirar muitas frechadas e pedradas de fundas com que feriam os nossos, ralhando que festejavam a sua vinda, porque seriam senhores de cativos brancos e outras cousas desta sorte. Mas quiz Nosso Senhor que ás tres horas da noite veiu um grande chuveiro de agua, com que cessou o das frechas dos inimigos, e os nossos aplacaram a sede e, pera ser a mercê maior, viram em amanhecendo uma gruta donde procedia um ribeiro de agua, que os nossos indios christãos tiveram por milagre, e se puzeram todos de joelhos a dar graças a Deus, e o capitão com esta alegria mandou matar um cavallo, que ainda levava, pera confortar os soldados, que aos mais era impossivel chegar, porque entre grandes e pequenos eram mais de cinco mil almas.

Das dez horas por diante começaram os da serra a tocar uma trombeta bastarda, á qual respondeu o nosso francez Tuim Mirim com outra, e pedindo licença ao capitão se foi a um outeiro a falar com os francezes, onde logo desceram tres e, depois de se abraçarem e saudarem, disseram que o principal Diabo Grande queria paz si lhe dessem Manuel de Miranda e Pero Cangatá, e o petitorio era de uns mulatos e mamalucos crioulos da Bahia, maiores diabos que o principal com quem andavam.

O Tuim Mirim lhe respondeu que não havia o capitão fazer tal aleivosia, porque lhe seria mal contado de seu rei, com a qual resposta se tornaram e ás duas horas depois do meio dia desceu todo o gentio da serra e batalharam até á noite, que se tornaram á sua cerca ao alto, deixando muitos mortos dos seus e dos nossos dezasete e alguns feridos.

Pela manhã mandou o capitão marchar o exercito pela serra acima, indo elle por uma parte com a mais gente, e Manuel Miranda por outra com vinte e cinco homens. Quando chegaram á cêrca seria meio dia, e logo se começou a batalha cruelmente, por serem os de dentro ajudados por dezaseis francezes, que com seus mosquetes pelejavam detraz de um parapeito de pedra. Mas, vendo que os nossos os combatiam por outras partes e lhes matavam e feriam muita gente, abriram a cerca e fugiram, morrendo sómente dous soldados dos nossos e os outros se recolheram nas casas da cerca, que acharam muito bem providas de mantimentos, carnes, legumes, de que tinham assaz necessidade, porque nem castanhas tinham já, que era o com que até alli se vieram sustentando.

Alli estiveram vinte dias e no fim delles foram fazer guerra a outra cerca muito forte, que o Diabo-Grande, com ajuda de outro principal mui poderoso chamado o Mel-Redondo, fez um quarto de legua dest'outra, onde, posto que acharam grande resistencia, tambem a ganharam e puzeram o inimigo em fugida até á cerca do Mel-Redondo, a que se acolheram por ser fortissima, com duas redes de madeiros mui grossos e fortes, uma por dentro, outra por fóra, e tres guaritas, onde pelejavam os francezes. O que visto pelo capitão

Pero Coelho de Sousa, mandou fazer uns pavezes que cada um occupava vinte negros em o levar, e indo detraz delles a bagagem e alguma gente, se chegaram a ajustar com a cerca e a combateram dous dias, onde nos mataram tres soldados brancos e feriram quatorze, fóra muitos indios, mas emfim foi tomada e dez francezes que estavam dentro, que os mais fugiram com o gentio, e os nossos lhe foram no alcance quatro jornadas até um rio chamado Arabé, onde se alojou o nosso arraial. E dahi mandou o capitão dar alguns assaltos, e em poucos dias lhe trouxeram muito gentio, e entre os mais um principal chamado Ubáuna, o qual era em aquella serra tão estimado que, sabido pelos outros, mandaram commetter pazes, com condição que lho dessem, e o capitão lho prometteu e deu aos embaixadores fouces e machados, com que ao dia seguinte vieram muitos principaes já de paz e levaram o seu querido Ubáuna.

Ultimamente dahi a tres dias veiu o Mel-Redondo e o Diabo-Grande com todo o gentio e, antes que entrasse no arraial, largaram suas armas em signal de paz, da qual mandou o capitão-mór Pero Coelho fazer um auto por um escrivão, promettendo uns e outros de sempre a conservarem dalli em diante.

Daqui foram todos juntos ao Punaré, e quiz Pero Coelho marchar mais quarenta leguas até o Maranhão, o que os soldados não consentiram porque andavam já nús, e sobre isso o quizeram alguns matar. Pelo que lhe foi necessario retirar-se ao Ceará, onde deixou Simão Nunes por capitão com quarenta e cinco soldados, e se veiu á Parahiba buscar sua mulher e familia pera se tornar a povoar aquellas terras. Do que em chegando deu conta ao governador geral Diogo Botelho, e lhe

mandou de presente os dez francezes e muito gentio, pedindo juntamente ajuda e soccorro pera proseguir a conquista, que o governador lhe prometteu mandar e não mandou por depois ser informado que se cativavam por esta via os indios injustamente e os traziam a vender e que seria melhor reduzil-os por via de pregação e doutrina dos padres da Companhia, como depois tratou com o seu provincial na Bahia, e nós trataremos outra vez deste successo em os capitulos quarenta e dous e quarenta e tres deste livro.

CAPITULO TRIGESIMO NONO

Do zelo que o governador Diogo Botelho teve da conversão dos gentios e que se fizesse por ministerio de religiosos

E' tão necessario ao bom governo do Brasil zelarem os governadores a conversão dos gentios naturaes e a assistencia dos religiosos com elles que, si isto viesse a faltar, seria grande mal porque, como estes indios não tenham bens que perder por serem pobrissimos e desapropriados e inconstantes, que os leva quem quer facilmente, se espalham donde não podem acudir aos rebates dos inimigos, como acodem das doutrinas em que os religiosos os tem juntos e principalmente contra os negros de Guiné, escravos dos portuguezes, que cada dia se lhes rebellam e andam salteando pelos caminhos e si o não fazem peior é com medo dos ditos indios, que com um capitão portuguez os buscam e os trazem presos a seus senhores.

Entendendo isto bem, o governador Diogo Botelho apertou muito com o nosso custodio, que então era, que pois doutrinavamos os tobajares (do que os potiguares estavam mui invejosos), désse tambem ordem e ministros que os doutrinassem, pois essa foi a principal condição com que aceitaram as pazes na Parahiba, e havia cinco annos que os entretinhamos, dizendo-lhes que fizessem primeiro igrejas, ornamentos, sinos e o mais que era

necessario. E, vendo que o custodio se excusava por não ter frades peritos na lingua brasilica, escreveu a Sua Magestade e ao nosso ministro provincial grandes, pelo que, vindo do reino o irmão custodio frei Antonio da Estrella, veiu sobre isto muito encarregado e ordenou tres doutrinas pera os potiguares da Parahiba, além das duas que tinhamos dos tobajares, onde já tambem havia alguns potiguares casados, pondo quatro religiosos em cada um. Porque, como era tanto o gentio, além das aldeias em que residiam os frades tinham outras muitas de visita, e era necessario andarem sempre dous por ellas, doutrinando-os e batizando os enfermos, que estavam in extremis, que foram mais de sete mil, fóra as crianças e adultos catecumenos, que foram quarenta e cinco mil, como consta dos livros dos batizados emquanto os tivemos a nosso cargo.

Confesso que é trabalho labutar com este gentio com a sua inconstancia, porque no principio era gosto ver o fervor e devoção com que acudiam á igreja, e quando lhes tangiam o sino á doutrina ou á missa corriam com um impeto e estrepito que pareciam cavallos; mas em breve tempo começaram a esfriar de modo que era necessario leval-os á força, e se iam morar nas suas roças e lavouras, fóra da aldeia, por não os obrigarem a isto. Só acodem todos com muita vontade nas festas em que ha alguma ceremonia, porque são mui amigos de novidades, como dia de S. João Batista, por causa das fogueiras e capelas; dia da commemoração geral dos defuntos pera offertarem por elles; dia de cinza e de ramos e principalmente pelas endoenças pera se disciplinarem, porque o têm por valentia. E tanto é isto assi que um principal chamado Iniaóbba, e

depois de christão Jorge de Albuquerque, estando absente em a semana santa, chegando á aldeia nas oitavas da paschoa, e dizendo-lhe os outros que se haviam disciplinado grandes e pequenos, se foi ter commigo, que então alli presidia, dizendo: como havia de haver no mundo que se disciplinassem até os meninos, e elle sendo tão grande valente (como de feito era) ficasse com o seu sangue no corpo sem o derramar? Respondilhe eu que todas as cousas tinham seu tempo e que nas endoenças se haviam disciplinados em memoria dos açoutes que Christo senhor nosso por nós havia padecido, mas que já agora se festejava sua gloriosa resurreïção com alegria. E nem com isto se aquietou, antes me poz tantas instancias, dizendo que ficaria deshonrado e tido por fraco, que foi necessario dizer-lhe fizesse o que quizesse. Logo se foi açoutar rijamente por toda a aldeia derramando tanto sangue das suas costas quanto os outros estavam por festa mettendo de vinho nas ilhargas.

CAPITULO QUADRAGESIMO

De como o governador veiu de Pernambuco pera a Bahia e mandou a Zorobabé, que se tornava com os seus potiguares pera Parahiba, désse de caminho nos negros de Guiné fugidos, que estavam nos palmares do rio Itapucurú e de como se começaram as pescarias das baleias.

Depois de estar o governador Diogo Botelho um anno ou mais em Pernambuco, se veiu pera esta Bahia e com a sua chegada se partiu Alvaro de Carvalho pera o reino. Estão as casas de el-rei, em que os governadores moram, defronte da praça, no meio da qual estava o pelourinho, donde o governador o mandou logo tirar pera o passar a outra parte onde o não visse, porque dizia que se entristecia com a sua vista, lembrando-se que estivera já ao pé de outro pera ser degolado por seguir as partes do senhor D. Antonio, culpa que Sua Magestade lhe perdoou por casar com uma irmã de Pedro Alvares Pereira, que era secretario na côrte. E não só elle que tinha este odio ao pelourinho, mas nem um de seus successores o levantou mais, nem o ha nesta cidade, sendo assim que me lembra haver lido um terremoto e tormenta de fogo que houve em Baçaim que não ficou templo nem casa que não cahisse, sinão o pelourinho, e no capitulo dos frades a parede em que estavam as varas com que açoutam, pera mostrar que

primeiro devem faltar os povos e cidades que o castigo das culpas.

A' sua chegada estavam já de partida o Zorobabé com os seus potiguares da Bahia, donde haviam vindo á guerra dos aymorés, como dissemos no capitulo trinta e tres deste livro e, informado o governador de um mocambo ou magote de negros de Guiné fugidos que estavam nos palmares do rio Itapucurú, quatro leguas do rio Real para cá, mandou-lhes que fossem de caminho dar nelles, e os apanhassem ás mãos, como fizeram, que não foi pequeno bem tirar aquella ladroeira e colheita que ia em grande crescimento. Mas poucos tornaram a seus donos, porque os gentios mataram muitos e o Zorobabé levou alguns que foi vendendo pelo caminho para comprar uma bandeira de campo, tambor, cavallo e vestidos, com que entrasse triumphante na sua terra, como diremos em outro capitulo, que agora neste será tratarmos de como se começou nesta bahia a pescaria das baleias.

Era grande a falta que em todo o estado do Brasil havia de graxa ou azeite de peixe, assim pera reboque dos barcos e navios como pera se alumiarem os engenhos, que trabalham toda a noite e, si houveram de alumiar-se com azeite doce, conforme o que se gasta e os negros lhe são muito affeiçoados, não bastara todo o azeite do mundo. Algum vinha do Cabo verde e de Biscaia por via de Vianna, mas era tão caro e tão pouco que muitas vezes era necessario usarem do azeite doce, misturando-lhe dest'outro amargoso e fedorento, pera que os negros não lambessem os candieiros e era uma pena como a de Tantalo padecer esta falta, vendo andar as baleias, que são a mesma graxa, por toda esta bahia,

sem haver quem as pescasse. Ao que acudiu Deus, que tudo rege e provê, movendo a vontade a um Pedro de Orecha, biscainho, que quizesse vir fazer esta pescaria. Este veiu com o governador Diogo Botelho do reino no anno de 1602, trazendo duas náus a seu cargo de biscainhos, com os quaes começou a pescar e, ensinados os portuguezes, se tornou com ellas carregadas, sem da pescaria pagar direito algum; mas já hoje se paga e se arrenda cada anno por parte de Sua Magestade a uma só pessoa, por seiscentos mil réis pouco mais ou menos, pera lustro de ministros.

E, porque o modo desta pescaria é pera ver mais que as justas todas e torneios, a quero aqui descrever por extenso.

Em o mez de Junho entra nesta bahia grande multidão de baleias, nella parem, e cada baleia pare um só, tão grande como um cavallo; em o fim de Agosto se tornam pera o mar largo. E em o dia de S. João Batista começam a pescaria, dizendo primeiro uma missa em a ermida de Nossa Senhora de Montserrate, na ponta de Tapuippe, a qual acabada o padre revestido benze as lanchas e todos os instrumentos que nesta pescaria servem, e com isto se vão em busca das baleias. E a primeira cousa que fazem é arpoar o filho, a que chamam baleote, o qual anda sempre em cima da agua brincando, dando saltos como golfinhos, e assim com facilidade o arpoam com um arpéu de esgalhos posto em uma hastea como de um dardo e, em o ferindo e prendendo com os galhos, puxam por elle com a corda do arpéu e o amarram e atracam em uma das lanchas, que são tres as que andam neste ministerio. E logo

da outra arpoam a mãi, que não se aparta do filho, e, como a baleia não tem ossos mais que no espinhaço, e o arpéu é pesado e despedido de bom braço, entra-lhe até o meio da hastea.

Sentindo-se ella ferida, corre e foge uma legua, ás vezes mais, por cima da agua e o arpoador lhe larga a corda e a vai seguindo até que cance e cheguem as duas lanchas, que chegadas se tornam todas tres a pôr em esquadrão, ficando a que traz o baleote no meio, o qual a mãi sentindo se vem pera elle, e neste tempo da outra lancha outro arpoador lhe despede com a mesma força o arpéu e ella dá outra corrida como a primeira, da qual fica já tão cançada que de todas as tres lanchas a lanceiam com lanças de ferros agudos a modo de meias luas, e a ferem de maneira que dá muitos bramidos com a dor, e quando morre bota pelas ventas tanta quantidade de sangue pera o ar que cobre o sol e faz uma nuvem vermelha, com que fica o mar vermelho, e este é o signal que acabou e morreu. Logo com muita presteza se lançam ao mar cinco homens com cordas de linho grossas, e lhe apertam os queixos e bocca, porque não lhe entre agua, e a atracam e amarram a uma lancha, e todas tres vão vogando em fileira até a ilha de Taparica, que está tres leguas fronteira a esta cidade, onde a mettem em o porto chamado da Cruz, e a espostejam e fazem azeite.

Gasta-se de soldados com a gente que anda neste ministerio, os dous mezes que dura a pescaria, oito mil cruzados, porque a cada arpoador se dá quinhentos cruzados e a menor soldada que se paga aos outros é de trinta mil réis, fora comer e beber de toda a gente. Porém tambem é muito o proveito que se tira, porque

de ordinario se matam trinta ou quarenta baleias e cada uma dá vinte pipas de azeite pouco mais ou menos, conforme é a sua grandeza, e se vende cada uma das pipas a dezoito ou vinte mil réis, além do proveito que se tira da carne magra da baleia, a qual fazem em cobros e tassalhos e a salgam e põem a seccar ao sol, e secca a mettem em pipas e vendem cada uma por doze ou quinze cruzados. E nisto se não occupa a gente do azeite, que são de ordinario sessenta homens entre brancos e negros, os quaes lhe são mais affeiçoados que a nem um outro peixe, e dizem que os purga e faz sarar de boubas e de outras enfermidades e frialdades, e os senhores, quando elles vêm feridos das brigas que fazem em suas bebedices, com este azeite quente os curam e saram melhor que com balsamos.

Mas, com se haver morto tanta multidão de baleias, em nem uma se achou ambar, que dizem ser o seu mantimento; nem era do mesmo talho e especie outra que sahiu morta ha poucos annos nesta bahia, em cujo bucho e tripas se acharam doze arrobas de ambar gris finissimo, fóra outro que tinha vomitado na praia.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

De como Zorobabé chegou á Parahiba e por suspeito de rebellião foi preso e mandado ao reino.

Já no capitulo trigesimo nono deste livro disse como Zorobabé, indo da guerra dos aymorés pera a Parahiba, deu de caminho, por mandado do governador, no mocambo dos negros fugidos, matou alguns e prendeu outros de que levou os que quiz e os foi vender aos brancos, com que comprou bandeira de campo, tambor, cavallo e vestidos pera entrar triumphante em a sua terra, da qual o vieram esperar ao caminho alguns potiguares quarenta leguas, outros a vinte e a dez, abrindo-lho e limpando-lho a enxada.

Só o Braço de Peixe, que era gentio tobajar, se deixou com os seus na sua aldeia e, porque o Zorobabé determinou passar por ella, lhe mandou dizer que sahisse a esperal-o á entrada, pois os mais o haviam feito tão longe; ao que respondeu o velho, ainda que já centenario, que fóra de guerra nunca fôra esperar ao caminho sinão damas e, pois elle não era dama, nem vinha dar-lhe guerra, não se levantaria da sua rede.

Com a qual resposta o Zorobabé passou de largo e foi jantar ao rio Nhioby, meia legua da sua aldeia, por onde caminhava. Dalli mandou tambem recado aos nossos religiosos que nella assistiam que lhe mandassem

uma dansa de corumis, que eram os meninos da escola, e lhe enramassem a igreja e abrissem a porta, porque havia de entrar nella.

O presidente dos religiosos respondeu ao embaixador que os meninos com o alvoroço da sua vinda andavam todos espalhados; que a igreja não se enramava sinão á festa dos santos, mas que a porta estava aberta. Entrou elle á tarde a cavallo, bem vestido e acompanhado com sua bandeira e tambor, e um indio valente com espada nua esgrimindo diante e fazendo afastar a gente, que era innumeravel.

Com este triumpho passou pelo terreiro da igreja e sem entrar nella se foi metter em casa, mas logo veiu um parente seu, que já era christão e se chamava Diogo Botelho e até então havia governado a aldeia em seu logar, a desculpal-o com os religiosos, que não entrara na igreja por vir bebado, porém que viria o dia seguinte, como fez, mandando primeiro pôr no cruzeiro cinco cadeiras, e a do meio, em que elle se assentou, estava coberta de alto a baixo com um lambel grande de lã listrado. Nas outras se assentaram o dito seu parente e os principaes das outras aldeias que vieram receber, dos quaes era um o Mequiguaçú, principal em outra aldeia, que já era christão, e se chamava D. Philippe. Alli lhe foram os religiosos dar as boas vindas e o levaram pera dentro á escola onde se ensinam os meninos, em que os assentos eram uns rolos e pedaços de páus em que se assentaram. Mas logo o Zorobabé se enfadou e quizera ir-se si o presidente o não detivera, dizendo-lhe que via alli junto todo o gentio da Parahiba e muitos portuguezes, e que não iam a outra cousa, segundo todos diziam, sinão a saber sua determinação, pelo que elle

queria o dia seguinte, que era domingo, pregar-lhes, e porque na pregação se não podia dizer sinão a verdade, a queria saber delle neste particular, por isso que não lha negasse.

Ao que respondeu que sua determinação era ir dar guerra ao Milho-Verde, que era um principal do sertão que lhe havia morto um sobrinho christão chamado Francisco, e pelo seu nome antigo Aratibá, que seu irmão o Páu-Secco havia mandado a dar-lhe guerra e pois elle, por morte do pai e filho, entrava agora no governo, e queria continuar e tomar a vingança. O presidente lhe disse que já eram vassallos de el-rei e não podiam fazer guerra justa sem ordem sua e do seu governador geral nestes estados; e além disso que bem sabia a condição dos seus que, tanto que a guerra fosse apregoada, haviam de largar a agricultura e, como á guerra não haviam de ir as mulheres, nem os velhos e meninos, ficariam morrendo de fome, pelo que, si lhe parecesse, pregaria que roçassem e plantassem primeiro, o que esta fosse tambem a sua fala pera que se aquietassem, no que elle consentiu, e assim se tornaram ás suas aldeias quietos.

O Zorobabé foi tambem visitado de muitos brancos da Parahiba com boas peroleiras de vinho e outros presentes, ou por seus interesses de indios por seus serviços e empreitadas, ou por temor que tinham da sua rebellião, por o verem tão pujante. O qual temor era tão grande que o capitão da Parahiba, excitado dos de Tamaracá e Pernambuco, não cessava de escrever ao presidente que vigiasse, porque se dizia estar o gentio rebellado com a ida deste principal, o que os religiosos não sentiam em algum modo, porque o achavam mui

obediente. Só se queixou uma vez que não iam á sua casa, como faziam os mais moradores da Parahiba, ao que responderam os religiosos que não iam lá porque não era christão e tinha muitas mulheres, e elle disse que cedo as largaria e ficando com só uma se batizaria, que já pera isto tinha mandado criar muitas gallinhas, porque elle não era villão como os outros, que comiam nas suas bodas e batismo carne de vacca e caças do matto, mas que e seu banquete havia de ser de gallinhas e aves de penna.

Comtudo quando se embebedava era inquieto e revoltoso e foi crescendo tanto o medo nos portuguezes que o prenderam e mandaram a Alexandre de Moura, capitão-mór de Pernambuco, e dahi ao governador, os quaes na prisão lhe deram por muitas vezes peçonha na agua e vinho sem lhe fazer algum damno, porque dizem que receioso della bebia de madrugada a sua propria camara e que com esta triaga se preservava e defendia do veneno. Finalmente o mandaram pera Lisboa, donde, por ser porto de mar do qual cada dia vêm navios pera o Brasil em que podia tornar-se, o mandaram aposentar em Evora cidade, e ahi acabou a vida e com ella as suspeitas da sua rebellião.

CAPITULO QUDRAGESIMO SEGUNDO

Do que aconteceu a uma náu flamenga que por mercancia ia á capitania do Espirito Santo carregar de páu brasil.

Costumavam ir ao Brasil urcas flamengas despachadas e fretadas em Lisboa, Porto e Vianna, com fazendas da sua terra e de mercadores portuguezes, pera levarem assucar. Entre as quaes foi uma á capitania do Espirito-Santo e pediu o capitão della ao superior da casa dos padres da Companhia, que alli tem doutrina de indios a seu cargo, que lhe mandassem fazer por elles uma carga de páu brasil na aldeia de Reritiba, onde ha muito e tem bom porto, e o anno seguinte tornaria a buscal-o e lhes trariam a paga em ornamentos pera a igreja ou no que quizessem.

Deu o padre conta disto ao procurador, que alli estava, dos contratadores do páu e com o seu beneplacito se fez na dita aldeia; porém, sendo el-rei informado que por essas urcas serem mais fortes e artilhadas, todos queriam carregar antes nellas e cessava a navegação dos navios portuguezes e quando os quizesse pera armadas não os teria, nem homens que soubessem a arte de navegar, parecendo-lhe bem esta razão a el-rei e outras que o moveriam escreveu ao governador Diogo Botelho e aos mais capitães não consentissem mais em suas capitanias entrar navio algum de estrangeiros por via de mercancia

nem por outra alguma, mas os mettessem no fundo e perseguissem como a inimigos.

Depois desta prohibição chegou o flamengo á barra do Espirito-Santo, e não achou já o padre superior, por ser mudado pera o Rio de Janeiro, sinão outro, que lhe não falou a proposito. Foi-se á aldeia onde o páu estava junto e, porque tambem os padres que lá estavam lho não deixaram carregar, tomou quatro indios e se foi ao Cabo-Frio desembarcar, e dalli por terra disfarçado a falar com o padre no collegio do Rio de Janeiro, o qual lhe disse que não tratasse disso, porque el-rei o tinha prohibido, antes se tornasse com toda a cautela porque, si Martim de Sá, governador do Rio, o sabia, lhe custaria a vida.

Não se tornou com tanto segredo o flamengo que Martim de Sá o não soubesse, e assim mandou logo cinco canôas grandes com muitos homens brancos e indios frecheiros e seu tio Manuel Correia por capitão, o qual chegou ao Cabo-Frio a tempo que os achou em terra com alguns flamengos, carregando a lancha de páu brasil que alli estava feito, e lha tomou e prendeu a todos, voltando outra vez pera o Rio de Janeiro, onde não achou o sobrinho, que era ido por terra ao mesmo Cabo-Frio e, quando lá chegou e não achou as canôas pera ir tomar a náu que estava ao pego, se tornou com muita colera, e aprestou brevemente quatro navios que estavam á carga, e sahiu em busca da náu dos flamengos, que já andava á vela, mandou-lhes falar pelo seu mesmo capitão, que levava preso, que não atirassem e se deixassem abalroar, e elles assim o fizeram mettidos todos debaixo da xareta, sem apparecer algum.

Houve portuguezes que a quizeram desenxarcear ou cortar-lhes os mastos; respondeu Martim de Sá que a náu era já sua e não a queria sem mastos e enxarcea. Era isto já de noite e os nossos passavam por cima da xareta como por sua casa, quando os flamengos e indios que com elles iam começaram a pical-os debaixo com os piques, e da proa e popa dispararam duas ro queiras cheias de pedras, pregos e pelouros, com que fizeram grande espalhafato, mataram alguns e feriram tantos que os obrigaram deixar-lhe a náu e irem-se curar á cidade. Os flamengos, que se viram livres, se foram á ilha de Sant'Anna, quinze leguas do Cabo-Frio pera o Norte, a tomar agua, de que estavam faltos, e ha alli boas fontes e bom surgidouro pera náus e, porque não tinham batel, fizeram uma prancha em que foram cinco com os barris á terra e, pondo um no pico da ilha a vigiar o mar, os quatro enchiam os barris, e os iam levando poucos e poucos.

Não ficavam na náu mais que outros quatro homens e dous moços, porque a mais gente lhes haviam levado as canôas, o que considerado pelos indios, que tambem eram quatro, remetteu cada um a seu com facas e terçados e, como estavam descuidados, facilmente foram mortos. Os dous moços grumetes reservaram fechando-os na camera, porque não avisassem aos da agua quando viessem, e porque depois os ajudassem na navegação. E assim em chegando os da agua a bordo os mataram e, cortadas as armarras, largaram as velas ao vento Sul que então ventava e era em popa, pera a sua aldeia; mas, como não sabiam navegar aos bordos e estando já perto della se virou o vento ao Nordeste, tornaram a voltar pera o Cabo-Frio, passaram-no, e iam perto

da barra do Rio de Janeiro, quando outra vez lhe ventou o Sul e, como do Cabo-Frio ao Rio corre a costa de Leste a Oeste e o Sul lhe fica travessão, alli deu a náu atravez e se fez em pedaços, salvando-se todavia os indios a nado, que levaram a nova a Martim de Sá, o qual, posto que já tinha acabado o seu governo, porque em aquelle mesmo dia entrou seu successor Affonso de Albuquerque, ainda com seu beneplacito foi ver se podia salvar algumas fazendas das que sahiam pela costa, mas poucas se aproveitaram por virem todos dos mares damnadas e desfeitas.

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO

Da segunda jornada que fez Pero Coelho de Sousa á serra de Boapaba e ruim successo que teve.

O capitão Pero Coelho de Sousa, de quem tratamos em o capitulo trinta e sete, se partiu com mulher e filhos em uma caravela, e foi desembarcar em Syará, onde havia deixado o capitão Simão Nunes com os soldados, que alli estiveram anno e meio, em um forte de taypa, que fizeram aguardando o soccorro do governador. O qual como não chegasse e houvesse já muita falta de roupas e mantimentos, requereram os soldados que se retirassem ao rio de Jaguaribe, donde, por ser mais perto de povoado, poderiam ir pedir o soccorro, o que por ventura fizeram pera de lá lhe ficar mais perto e facil a fugida, que fizeram, porque logo Simão Nunes pediu licença ao capitão-mór pera passar da outra banda do rio a comer fruta e, como lá se viram, não se curaram de colher fruta sinão de se acolherem. O que visto pelo capitão, e que lhe não ficavam mais que dezoito soldados mancos e por isso não foram com os outros e dos indios só um chamado Gonçalo, porque tambem os mais fugiram, determinou tornar-se pera sua casa e com este e com alguns soldados menos mancos ordenou uma jangada de raizes de mangues, em que poucos e poucos passaram todos o rio e, como o tive-

ram passado, mandou marchar cinco filhos diante, dos quaes o mais velho não passava de dezoito annos, logo os soldados, e detraz elle e sua mulher, todos a pé. Logo nesta primeira jornada começaram a sentir o trabalho, porque, tanto que a calma começou a cahir, não havia quem pudesse pôr o pé na areia de quente, começava já o choro das crianças, os gemidos da mulher e lastima dos soldados, e o capitão fazendo seu officio, animando e dando coragem a todos.

No segundo dia já o capitão carregava dous filhos pequenos ás costas por não poderem andar, e começavam as queixas de sede, que se não remediou sinão ao terceiro dia por noite em uma cacimba ou poço de agua doce junto de outras duas salgadas, mas não havendo mais espaço de entre ellas que de duas braças. Alli se detiveram dous dias, e encheu o indio Gonçalo dous cabaços de agua com que se partiram e caminharam algum tempo, com muito trabalho e risco de tapuyas inimigos, que por alli andam e lhes viam os fumos, mas o peior inimigo era a fome e sede, com que começaram a morrer os soldados. O primeiro foi um carpinteiro, com o qual os que já não podiam andar disseram ao capitão que os deixasse ficar, que com morrer acabariam seus trabalhos, como acabava aquelle; mas o capitão os animou, dizendo que fossem por diante, que Deus lhes daria forças pera chegarem aonde houvesse agua e de comer. Com isto se levantaram e caminharam até morrer outro. Alli se poz D. Thomazia, mulher do capitão, a dizer tantas lastimas que parece se lhe desfazia o coração, vendo que tinha todos seus filhos ao redor de si, e pegando della do menor até o maior diziam que até alli bastava caminhar, que tam-

bem queriam morrer com aquelle homem, porque já não podiam soffrer tanta sede. E ella, derramando de seus dous olhos dous rios de lagrimas, que bem puderam matar-lhe a sêde si não foram salgadas, disse ao marido fosse e salvasse a vida, porque ella não queria já outra sinão morrer em companhia de seus filhos.

Os soldados uns rebentaram a chorar, outros a pedir-lhe que quizesse caminhar; o capitão, dissimulando a dor o mais que poude, disse que dalli a pouco espaço estava uma cacimba de agua, e com esta esperança tornaram a caminhar pera a *Agua amargosa,* que assim se chamava aquella cacimba pelo amargor da agua, pelo que chegando a ella não houve quem a bebesse, e foram caminhando pera outra, que chamam *Agua maré,* passando meia legua de mangues com lodo até a cinta, onde acharam uns caranguejos chamados oratús, e, como até alli se não sustentavam sinão em raizes de arvores e de ervas, pegando dos caranguejos os comiam crus, com tanto gosto como si fora algum guisado muito saboroso e muito mais depois que chegaram á cacimba de agua, onde descansaram alguns dias.

Dalli marcharam pera as salinas muitos dias, e estando nellas viram passar o barco em que iam os padres da Companhia, que era o soccorro que o governador lhes mandava, mas não lhe puderam falar. Mas caminhando avante da salina, morreu o filho mais velho ao capitão, que era o lume de seus olhos, e de sua mãi. O que cada qual delles fez neste passo deixo á consideração dos que lerem; aqui eram já os soldados do parecer das crianças, dizendo que até alli bastava, e sem duvida o fizeram si a mulher do capitão, esforçando-se pera os animar, lhe não pedira que quizes-

sem caminhar, depois tambem as crianças, o que elles começavam a fazer por seus rogos, mas estavam tão fracos que o vento os derribava, e assim se iam deitando pela praia até que o capitão, que se havia adiantado cinco ou seis leguas com dous soldados mais valentes a buscar agua, tornou com dous cabaços della, com que os refrigerou pera poderem andar mais um pouco, donde viram pela praia vir uns vultos de pessoas, e era o padre vigario do Rio-Grande, o qual pelo que lhe disseram os soldados fugidos os vinha esperar com muitos indios e redes pera os levarem, muita agua e mantimentos, e um crucifixo em a mão, que em chegando deu a beijar ao capitão e aos mais, o que fizeram com muita devoção e alegria, com muitas lagrimas, não derramando menos o vigario, vendo aquelle espectaculo, que não pareciam mais que caveiras sobre ossos, como se sóe pintar a morte. E com muita caridade os levou e teve no Rio-Grande até que se foram pera a Parahiba, donde Pero Coelho de Sousa se foi ao reino requerer seus serviços e, depois de gastar na côrte de Madrid alguns annos sem haver despacho, se veiu viver a Lisboa, sem tornar mais á sua casa.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da missão e jornada que por ordem do governador Diogo Botelho fizeram dous padres da Companhia á mesma serra de Boapaba e como deferia aos rogos dos religiosos.

Não só zelou o governador a conversão dos gentios que já estavam de paz na Parahiba e pediam doutrina, como dissemos, mas tambem dos que ainda estavam na cegueira de sua infidelidade. E assim, logo depois que veiu pera a Bahia, pediu ao padre provincial da Companhia Fernão Cardim mandasse dous padres a pregar-lhes á serra da Boapaba, onde o capitão Pero Coelho de Sousá andava, porque com isso se escusariam as guerras que lhes faziam e o custo dellas, e se conseguiria o fim que se pretendia, que era sua paz e amizade pera se poderem povoar as terras. O que o provincial logo fez, enviando os padres Francisco Pinto, varão verdadeiramente religioso e de muita oração e trato familiar com Deus, entendido em os costumes e linguas do Brasil, e Luiz Figueira, adornado de letras e de dons da natureza e de graça.

Estes se partiram de Pernambuco o anno de 1607, em o mez de Janeiro, com alguns gentios das suas doutrinas, ferramenta e vestidos com que os ajudou o governador pera darem aos barbaros. Começaram seu caminho por mar e proseguiram ao longo da costa cento

e vinte leguas pera o Norte até o rio de Jagaribba, onde desembarcaram por terra, e com muito trabalho outras tantas leguas até os montes de Ibiapáva, que será outras tantas aquem do Maranhão, perto dos barbaros que buscavam. Mas acharam o passo impedido de outros mais barbaros e crueis do gentio tapuia, aos quaes tentearam os padres pelos indios seus companheiros com dadivas, pera que quizessem sua amizade e os deixassem passar adiante, porém não quizeram, mas antes mataram os embaixadores, reservando sómente um moço de dezoito annos que os guiasse aonde estavam os padres, como o fez. E seguindo-os muito numero delles, sahindo o padre Francisco Pinto da sua tenda, onde estava resando, a ver o que era, por mais que com palavras cheias de amor e benevolencia os quiz quietar e os seus poucos indios com as frechas pretendiam defendel-o, elles com a furia com que vinham mataram o mais valente, com que os mais não puderam resistir-lhe nem defender o padre, que lhe não dessem com um páu roliço taes e tantos golpes na cabeça que lha quebraram e o deixaram morto.

O mesmo quizeram fazer ao padre Luis Figueira, que não estava longe do companheiro; mas um moço da sua companhia sentindo o ruido dos barbaros o avisou, dizendo em lingua portugueza: «Padre, Padre, guarda a vida», e o padre se metteu á pressa em os bosques, onde, guardado da divina providencia, o não puderam achar por mais que o buscaram, e se foram contentes com os despojos que acharam dos ornamentos que os padres levavam para dizer missa, e alguns outros vestidos e ferramentas pera darem, com o que teve logar o padre Luiz Figueira de recolher seus poucos companheiros, espalhados com me-

do da morte e de chegar ao logar daquelle ditoso sacrificio, onde acharam o corpo estendido, a cabeça quebrada e desfigurado o rosto, cheio de sangue e lodo. Limpando-o e lavando-o, e composto o defunto em uma rêde, em logar de ataúde, lhe deram sepultura ao pé de um monte, que não permittia então outro aparato maior o aperto em que estavam; porém nem Deus permittiu que estivesse assim muito tempo, antes me disse Martim Soares, que agora é capitão daquelle districto, que o tinham já posto em uma igreja, onde não só dos portuguezes e christãos, que alli moram é venerado, mas ainda dos mesmos gentios.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUINTO

De como o governador D. Diogo de Menezes veiu governar a Bahia e presidiu no tribunal que veiu da relação.

Só um anno se deteve o governador D. Diogo de Menezes em Pernambuco, porque teve aviso de um galeão que arribou a esta bahia, indo pera a India e, posto que logo mandou o sargento-mór do Estado, Diogo de Campos Moreno, com ordem de se concertar e prover de mantimentos e do mais que lhe fosse necessario, como em effeito se fez, gastando-se em o apresto della da fazenda de Sua Magestade nove mil cruzados, que deu o contratador dos dizimos, que então era Francisco Tinoco de Villa-Nova, e comtudo não quiz o governador faltar com sua presença, porque nada faltasse ao dito galeão pera seguir sua viagem, como seguiu. Mas por ir tarde e achar ventos contrarios deu á costa em a terra do Natal, salvando-se só a gente que coube no batel, em que foram á India, donde tornaram os marinheiros em outra náu, que o anno seguinte se veiu perder nesta bahia, de que diremos em outro capitulo.

Tratando agora do tribunal da relação, que este anno veiu do reino, em que o governador presidiu e depois os mais governadores seus successores, veiu por chanceller desta casa Gaspar da Costa, que em breve tempo morreu e lhe succedeu no cargo Ruy Mendes de Abreu.

E, como era cousa nova esta no Brasil e até este tempo se administrava a justiça só pelos juizes ordinarios da terra e um ouvidor geral, que vinha do reino de tres em tres annos, e, quando a gravidade do caso o pedia, se lhe ajuntava o governador com o provedor-mór dos defuntos, que era letrado, e os mais que lhe parecia, não deixou de haver pareceres no povo (cousa mui annexa a novidades), dizendo uns que fossem bem vindos os desembargadores, outros que elles nunca cá vieram. Porém, depois que tiveram experiencia da sua inteireza no julgar, e expediencia nos negocios que dantes um só não podia ter, não sei eu quem pudesse queixar-se com razão, sinão o juizo ecclesiastico, porque eram nesta materia demasiadamente nimios e, á conta de defenderem a jurisdicção de el-rei, totalmente extinguiam a da Igreja, o que Deus não quer, nem o proprio rei, antes el-rei D. Sebastião, que Deus tenha no ceu, mandou que em todo o seu reino se guardasse o concilio tridentino, o qual manda aos bispos que na execução de suas sentenças contra clerigos e leigos não usem facilmente de excommunhões, sinão que primeiro prendam e procedam por outras penas, pelos seus ministros ou por outros.

E quando já sobre isto haja algum doutor que escrevesse o contrario, parece que não é bastante, emquanto outro rei ou outro concilio (que bem necessario era juntar-se sobre isto) o não revogue. Porque se hão de julgar aggravados os amancebados, alcoviteiros, onzeneiros, e os mais que por elles aggravam dos juizes ecclesiasticos, e que não obedeçam a suas penas, ainda que sejam censuras? de que effeito é, logo, a jurisdicção ecclesiastica? ou porque chamam a estes casos *mixti fori*, si, ainda depois de preventa, se hão de entremetter

a perturbar esta e defender os culpados, pera que se fiquem em suas culpas? Não foi por certo esta a razão porque se chamaram *mixti fori,* sinão porque andassem á porfia a quem primeiro os pudesse castigar, emendar e extirpar da terra.

Não nego que, quando os juizes ecclesiasticos procedem contra as regras de direito, deve o secular desaggravar o réo, mas fóra dahi não deve, nem el-rei se serve, nem Deus, que pelo que não importa se estorve a correição dos males, e se perturbe a paz entre os que a devem zelar, como se fez depois que veiu a relação ao Brasil, e particularmente na Bahia, onde ella residia, e custava tão pouco aos aggravantes com razão, e sem ella, seguirem seus aggravos, e o ecclesiastico tem o remedio tão longe pera seus emprasamentos quanto ha daqui ao reino, que são mil e quinhentas leguas ou mais. E assim chegou o bispo deste estado D. Constantino de Barradas a termo de não ter quem quizesse servir de vigario geral.

Uma cousa vi nesta materia com a qual concluirei o capitulo (posto que em outro me hade ser forçado tornar a ella), e foi que, tendo o dito bispo declarado por excommungado nominatim a um homem, aggravou pera a relação, e sahiu que era aggravado e não se obedecesse á excommunhão menor, que se incorre por tratar com os taes, e como fugiam por não se encontrar e falar com elle, mandou-se lançar bando que sob pena de vinte mil cruzados todos lhe falassem, cousa que antes da excommunhão não faziam sinão os que queriam, porque era um homem particular.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO

De como D. Francisco de Sousa tornou ao Brasil a governar as capitanias do Sul e da sua morte.

Muito se receiava no Brasil, pelo muito dinheiro que D. Francisco de Sousa havia gastado da fazenda de Sua Magestade, que lhe tomassem no reino estreita conta; porem, como nada tomou pera enthesourar, antes do seu proprio gastou, como o outro grão capitão, não tratou el-rei sinão de lhe fazer mercês. E, porque elle não pediu mais que o marquezado de minas de São Vicente, o tornou a mandar a ellas, com o governo do Espirito Santo, Rio de Janeiro, e mais capitanias do Sul, ficando nas do Norte governando D. Diogo de Menezes, como no tempo do governador Luis de Brito de Almeida se havia concedido a Antonio Salema.

Trouxe D. Francisco comsigo seu filho D. Antonio de Sousa, que tambem já cá havia estado, pera capitão-mór desta costa, e outro filho menino chamado D. Luis e Sebastião Parui de Brito por ouvidor geral da sua repartição, com appellação e aggravo pera a relação desta Bahia. Partiram em duas caravelas de Lisboa, e chegaram á Pernambuco em vinte e oito dias, onde, ainda que não era do seu governo e jurisdicção, lhe fizeram muitas festas.

Dalli se foi pera o Rio de Janeiro e começou a entender no seu governo da terra, e o filho no mar, onde dizia Affonso de Albuquerque, que então alli era capitão-mór, que não lhe ficava pera governar sinão o ar. Mas presto o deixaram, porque D. Francisco foi pera as minas, e D. Antonio pera o reino com as mostras do ouro dellas, de que levava feita uma cruz e uma espada a Sua Magestade, o que tudo os cossarios no mar lhe tomaram. Nem o governador teve logar de mandar outra com uma enfermidade grande que teve na villa de São Paulo, da qual morreu, estando tão pobre que me affirmou um padre da Companhia, que se achava com elle á sua morte, que nem uma vela tinha pera lhe metterem na mão, si a não mandara levar do seu convento; mas quereria Deus alumial-o em aquelle tenebroso tranze, por outras muitas que havia levado diante, de muitas esmolas e obras de piedade que sempre fez.

Seu filho D. Luis de Sousa, ainda que de pouca idade, ficou governando por eleição do povo até que se embarcou pera o reino. Tomou de caminho Pernambuco, e alli ficou casado com uma filha de João Paes. E assim cessou o negocio das minas, posto que não deixam alguns particulares de ir a ellas, cada vez que querem, a tirar ouro, de que pagam os quintos a Sua Magestade, e não só se tira de lavagem, mas da propria terra, que botam fóra depois de lavada, se tira tambem com artificio de azougue.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Da nova invenção de engenhos de assucar, que neste tempo se fez.

Como o trato e negocio principal do Brasil é de assucar, em nem uma outra cousa se occupam os engenhos e habilidades dos homens tanto como em inventar artificios com que o façam, e por ventura por isso lhe chamam engenhos.

Lembra-me haver lido em um livro antigo das propriedades das cousas que antigamente se não usava de outro artificio mais que picar ou golpear as cannas com uma faca, e o licor que pelos golpes corria e se coalhava ao sol este era o assucar, e tão pouco que só se dava por mezinha. Depois se inventaram muitos artificios e engenhos pera se fazer em mór quantidade, dos quaes todos se usou no Brasil, como foram os dos pilões, de mós e os de eixos, e estes ultimos foram os mais usados, que eram dous eixos postos um sobre o outro, movidos com uma roda de agua ou de bois, que andava com uma muito campeira chamada bolandeira, a qual ganhando vento movia e fazia andar outras quatro, e os eixos em que a canna se moia. E além desta machina havia outra de duas ou tres gangorras de páus compridos, mais grossos do que toneis, com que aquella canna, depois de moida nos eixos, se espremia, pera o

que tudo e pera as fornalhas em que o caldo se cose e encorpora o assucar era necessario uma casa de cento e cincoenta palmos de comprido e cincoenta de largo, e era muito tempo e dinheiro o que na fabrica della e do engenho se gastava.

Ultimamente, governando esta terra D. Diogo de Menezes, veiu a ella um clerigo espanhol das partes do Perú, o qual ensinou outro mais facil e de menos fabrica e custo, que é o que hoje se usa, que é somente tres páus postos de por alto muito justos, dos quaes o do meio com uma roda de agua ou com uma almanjarra de bois ou cavallos se move e faz mover os outros. Passada a canna por elles duas vezes, larga todo o sumo sem ter necessidade de gangorras, nem de outra cousa mais que cozer-se nas caldeiras, que são cinco em cada engenho, e leva cada uma duas pipas pouco mais ou menos de mel, além de uns tachos grandes em que se põem em ponto de assucar, e se deita em fôrmas de barro no tendal, donde as levam á casa de purgar, que é mui grande. E postas em andainas lhes lançam um bolo de barro batido na bocca, e depois daquelle outro, com que o assucar se purga e faz alvissimo. O que se fez por experiencia de uma gallinha, que acertou de saltar em uma fôrma com os pés cheios de barro e, ficando todo o mais assucar pardo, viram só o logar da pegáda ficou branco.

Por serem estes engenhos dos tres páus, a que chamam entrosas, de menos fabrica e custo, se desfizeram as outras machinas e se fizeram todos desta invenção e outros muitos de novo; pelo que no Rio de Janeiro, onde até aquelle tempo se tratava mais de farinha pera Angola que de assucar, agora ha já quarenta engenhos,

na Bahia cincoenta, em Pernambuco cento, em Tamaracá dezoito ou vinte, e na Parahiba outros tantos; mas que aproveita fazer-se tanto assucar si a copia lhe tira o valor, e dão tão pouco preço por elle que nem o custo se tira?

A figura das entrosas e engenhos de assucar, que agora se usam assim de agua, como de bois, é a seguinte.

. . . .

Neste mesmo tempo que governava a Bahia D. Diogo de Menezes, entrou nella por fazer muita agua uma náu da India, da qual era capitão Antonio Barroso, vindo primeiro em um batel a remos o mestre, que havia ido no galeão o anno passado, chamado Antonio Fernandes, o máu, a pedir soccorro, porque vinha a náu por tres partes rachada e já com quatorze palmos de agua dentro. E o governador mandou logo duas caravelas com pilotos praticos que a trouxessem ao porto, o que não bastou pera que com a corrente da maré que vasava não se encostasse em uma baixa, onde por evitar maior damno lhe cortaram os mastos e descarregaram com muita brevidade e, depois que de todo esteve descarregada, vendo que não tinha concerto, lhe mandou D. Diogo pôr o fogo, chegando quanto puderam á terra pera se aproveitar a pregadura, como se aproveitou muita.

A fazenda se entregou ao provedor-mór, que então era o desembargador Pero de Cosceno, o qual sobre isso foi mandado do reino que fosse preso, como foi. E, pelejando no mar com um cossario o feriram em um pé, de que ficou manco; mas no que toca á fazenda, livrou-se bem. A qual mandou el-rei cá buscar em sete náus da armada por Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mór que havia sido da Parahiba, e a levou a salvamento.

Frei Agostinho de Santa Maria conhecia a *Historia* de frei Vicente do Salvador e della tirou largo proveito, umas vezes citando-a, outras sem cital-a. O trecho seguinte, *Santuario Mariano*, 9, 191 - 194 parece provir de um dos capitulos perdidos da obra. Sobre o caso de S. Antonio de Arguin expande-se Jaboatão *Orbe Seraphico*, 1, II, 1, 9, Rio, 1859.

Sahiu esta (armada) de França no anno de 1595, sendo governador da Bahia D. Francisco de Sousa, para tomar esta cidade, ou para lhe fazer todo o mal que pudesse. Passou de caminho por Arguim, aonde os portuguezes tinham um castello; e, ainda que os francezes os segurâram dando-lhes palavra de lhes não fazerem mal, o que nunca deviam crer, pois, sendo herejes, eram inimigos de Deus e da verdade como o mostrâram em o queimar, e a igreja; tirando della sómente uma imagem de S. Antonio de Lisboa, que puzeram no convés da capitanea, para que os guiasse. Assim lhe diziam, mas era por mofa e escarneo: *Guia-nos, Antonio, guia-nos para a Bahia.* E quando diziam isto o feriam e acutilavam com as espadas, e lhe açulavam um cão, que levavam na mesma náu. Mas não lhe guardou Deus o castigo para a outra vida, como faz a outros, levando-os ao inferno, e castigando-os nelle com eternos tormentos em castigo de offenderem as suas imagens e as dos santos, porque logo alli os começou a castigar com enfermidades mortaes e mortes repentinas.

O primeiro que foi castigado foi um que tambem era o primeiro na culpa e o que mais escarnecia do santo, esgrimindo diante delle, e dando-lhe alguns golpes com a espada. Este, bebendo um pucaro de agua, cahiu logo morto repentinamente, e, morrendo este por beber, muitos mais foram os que morreram de sede, porque as pipas, sendo arqueadas de ferro, arrebentáram e se desfundaram entornando-se toda a agua.

Com esta falta e com as muitas mortes que cada dia succediam, lhes foi necessario deixar alguns navios por faltar a gente para os governar e passaram a gente delles á capitanea, de que era capitão um francez que se chamava o Malvirado, e a outra náu grande, cujo capitão se chamava o Pão de Milho, porque não era

todo trigo, e assim se não quiz amassar com o Malvirado, que o aconselhava fossem á Bahia e se entregassem ao governador, que lhes não negaria a vida, que já tinham por perdida.

E assim se apartou delle e se foi ao rio Real para tomar agua, aonde, sendo sentidos do nosso gentio de Cergipe, que dando aviso a Diogo de Quadros, que alli estava por capitão, deram sobre o Pão de Milho, e o tomáram ás mãos, e aos mais que haviam desembarcado.

O Malvirado com os seus se foi á Bahia e da barra mandou alguns em um batel com bandeira branca, a pedir ao governador que lhes fizesse mercê das vidas, e que lhe entregava logo as pessoas, náu e artilharia, e tudo o mais, para que de tudo mandasse tomar posse, como com effeito fez, mandando a isso um capitão da terra chamado Sebastião de Faria. E os herejes e o capitão, por que se não achasse a imagem do santo portuguez, o lançáram antes de chegar á Bahia ao mar, porque se não vissem nella as cutiladas que lhe tinham dado no mar.

Foi cousa maravilhosa que, sendo isto no mez de Dezembro, quando cursam naquella costa os ventos Nordestes e com elles correm as aguas muito para o Sudueste, a imagem do santo contra as aguas e ventos foi parar perto da Bahia, mais de doze leguas donde o lançaram, que era para o Norte. Si não é que os peixes, como já haviam feito em outra occasião,ouvindo a doutrina que os herejes não queriam e assim nesta para os confundir de todo o tomariam e levariam sobre as suas costas á porfia e o poriam com muita reverencia naquella paragem, aonde, passando os que vinham de Cergipe com o Pão de Milho preso com os mais francezes seus companheiros, o acharam na praia posto em pé, como quem os estava esperando, para os levar a Bahia triunfando, como entrou, aonde elles lhes diziam que os levasse.

Bem pudéram estes perfidos converter-se á vista desta maravilha; mas a dureza de seus corações lho não

permittia. Entrou o santo com grande festa dos que o conheciam e reverenciavam e o foram pôr na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a quem dão o titulo dos Mercadores, em quanto se lhe ordenou uma solenne procissão, em que foi trasladado, no primeiro domingo do advento do mesmo anno de 1595, 3 de Dezembro, para a igreja de S. Francisco, aonde o collocáram em um nicho no altar collateral, que era do mesmo santo.

Esta procissão mandou el-rei (dando se lhe conta deste successo) que o governador, camera e cabido lhe fizessem todos os annos, como fazem, ainda que não é já com tanta devoção. Nesta primeira ordenou o gonador que se mettesse todo o resto, para que vissem os herejes que estavam presos com quanta veneração tratavamos a imagem do santo, que elles haviam desprezado e affrontado. E assim, ao passar pela praça fronteira ás grades da cadeia, lhe mandou abater as bandeiras, disparar a mosquetaria, e fazer outras demonstrações de veneração.

Depois de ter resposta del-rei, o governador mandou levantar na mesma praça uma forca em que foi enforcado o Pão de Milho, o seu piloto, e os mais que foram tomados em Cergipe. Aos que se foram entregar se deu liberdade, posto que mal merecida.

Soube-se esta nova em França, e logo no anno seguinte se mandou outra armada a tomar vingança do que se havia obrado, a qual encontrou com outra de Hollanda que ia carregada de sal, com que pelejou e foi dos hollandezes vencida e desbaratada de modo que, a bom livrar, os que escaparam voltaram para França: mas não foi este sal o que lhe fez a guerra, se não aquelle que pela bocca do Salvador é chamado sal.

No segundo trecho do *Santuario Mariano ib,* 231 - 232 corrigiu-se a orthographia de Catuçadas para Catucadas como o contexto o indica.

Chegou áquella villa (dos Ilhéus) uma armada de francezes, cossairos que foram maior praga que os aymorés e, porque tres náus grandes não puderam entrar na barra, o fizeram dez navios pequenos. Foi isto no anno de 1595.

Saltaram os francezes herejes em terra e os moradores, que eram muito poucos, fugiram, excepto um Christovão Vaz Leal com alguns poucos, que lhe resistiram Mas tambem lhe foi forçoso retirar-se até uma ermida de Nossa Senhora das Neves, que fica fóra da villa, assim pela multidão dos inimigos, como por estarem desapercebidos. E ainda que tiveram noticia de que andavam cossairos francezes na costa, não tiveram tempo para se fortificar, nem na terra havia artilharia ou armas de fogo mais que um falcão no forte de S. Antonio, que está no porto, aonde haviam desembarcado os francezes, com o qual lhe fez Pedro Gonçalves artilheiro um tiro, e lhe matou dous homens.

Foram os francezes seguindo os nossos até a ermida, aonde ajudados da virgem Nossa Senhora, lhe resistiram tão valerosamente que, com morte de tres e perda de doze arcabuzes, voltaram para a villa e se fortificaram nas casas de Jorge Martins, de donde começaram a saquear as mais. Mas os nossos se iam secretamente metter em algumas casas, aonde os francezes, julgando que iam buscar lã, vinham sem pello. E não houve, de vinte e sete dias que alli estiveram, um em que destas ciladas lhe não matassem alguns e algumas vezes cahiam mortos dos francezes quinze.

A' vista disto se animaram e cobraram tanto brio os nossos que se resolveram a sahir a campo com elles. E, porque o capitão da terra não acabava de chegar, que estava na sua fazenda distante duas leguas, elegeram outro, não o mais nobre, nem o mais rico, mas o mais valente, e que se havia mostrado mais animoso nos assaltos e ciladas, que era um pobre mamaluco (que são os mestiços) chamado Antonio Fernandes, e por alcunha o *Catucadas*, porque assim chamava ás estocadas na lingua de sua mãi. E foi cousa maravilhosa que, sendo os nossos só quinze ou vinte, sem outras armas mais que arcos, setas e espadas, mataram dos francezes no campo cincoenta e sete, em que entrou o capitão e, si tiveram mais resolução e advertencia, os matariam

a todos e lhes tomariam os navios. Com esta perda fugiram os francezes e se foram embarcar e despejáram a terra e o porto pelo valor de um moço boçal, que nem falar sabia. Não só foi esta confusão para os francezes mas tambem para o capitão da terra, que nunca appareceu.

LIVRO QUINTO

A historia do Brasil do tempo que o governou Gaspar de Sousa até a vinda do governador Diogo Luis de Oliveira

Falta á p. 578 a descripção ou estampa da cidade do Salvador, provavelmente identica á da obra de Bartholomeu Guerreiro, com ligeiras modificações reproduzida na *Hist. ger.* Em seu logar vai uma planta inedita da *Razão do estado,* msc. do Inst. Hist.

Faltam os capitulos 10/17, quasi todos relativos ao governo de D. Luis de Sousa, de que podem considerar-se fragmentos os trechos do *Santuario Mariano* transcritos no fim do livro. O *Santuario Mariano* omitte qualquer referencia a Alexandre de Moura e cala-se quanto ao proceder de Francisco Caldeira no Maranhão. Já estava truncado o exemplar utilisado por Fr. Agostinho de Santa Maria? O capitulo que numera 27, *Sant. Mar.,* 9, 365, no presente volume é o 29.º.

Alguns capitulos têm numeração duplicada, outros foram tirados do volume de addições e emendas desapparecido da Torre do Tombo.

Como já fica notado, *supra* 70, o autor conhecia a relação de Simão Estacio da Silveira. Teve tambem á vista alguns avulsos sobre a invasão hollandeza na Bahia. Fora disto apenas aproveitou communicações manuscritas, informações oraes, o que observou com os proprios olhos. Si entendesse o idioma, teriam sido muito a proposito os livros francezes contemporaneos.

Destes cabe a primasia á *Histoire de la mission des capucins en l'isle de Maragnon,* de Claude de Abbeville, Paris, 1614, editada e reeditada no mesmo anno, nunca

PLANTA DA ILHA E PORTO DO MARANHÃO, CERCA DE 1615

mais reimpressa e agora bastante rara; traduziu-a Cesar Marques, Maranhão, 1874.

Frei Claudio narra os primordios da empreza na França, a viagem e chegada ao Maranhão, as negociações com os naturaes, a fundação da fortaleza, a volta para a terra natal. Descreve as plantas, os animaes, dá curiosas noticias sobre os Tupinambás. Como sua demora foi apenas de quatro mezes, as informações sobre estes derivam de linguas, por felicidade muito intelligentes; o capitulo 51 contém o pouco que se sabe da astronomia tupinambá. O capitulo 32 dá o nome de 37 aldeias existentes na ilha, que alguns annos depois já não logrou identificar o jesuita Betendorf, *R. T.*, 72, I, 12; poderia auxilial-o um mappa da *Razão do estado*, contemporaneo dos successos que vai ao lado. Cf. Ribeiro do Amaral, *Fund. do Maranhão*, Maranhão, 1912. Frei Claudio voltou novamente ao Maranhão na leva de capuchinhos presidida por Fr. Archangelo de Pembroke, segundo affirma Ed. de Alençon, *Le couvent des capucins d'Évreux*, Évreux, 1894.

Presidiu a primeira leva Fr. Yves d'Évreux, que demorou dois annos na terra e deu á luz *Suite de l'histoire des choses plus memorables*, Paris, 1615. Apenas impressa, a edição foi destruida «par fraude et impieté, moyennant certaine somme de deniers entre les mains de François Huby, imprimeur». A muito custo François de Rasilly, que isto assegura, salvou um exemplar mutilado que serviu para Ferdinand Denis publicar *Voyage dans le Nord du Brésil*, Leipzig, 1864. Appareceu depois outro exemplar, vendido no leilão do dr. Court, juntamente com um de Claude de Abbeville, por 1600 francos, Garraux, *Bibl. brésil.*, 315, Paris, 1898, que foi incluido na collecção Kalbfleisch, de New-York, segundo communicação particular de Rio Branco. Um exemplar do convento da praça Barberini sumiu-se depois da entrada dos italianos em Roma, segundo informa E. d'Alençon, que descobriu outro muito mutilado na bibliotheca de Chartres.

Pouco se aproveita para a historia no livro de Yves d'Évreux, que preferia perder-se em considerações teleologicas, metaphysicas e mysticas. As informações ethnographicas são valiosas. Sua biographia, quasi meramente nominal, publicou Semelaigne, Paris, 1887; cf. Gabriel Marcel, *Journ. de la Soc. des Amér. de Paris*, **4**, n. s., 175/191, que reune os resultados de Ferdinand Denis, Semelaigne e Ed. d'Alençon e fala no exemplar de Chartres. Sua obra foi tambem traduzida por Cesar Marques, Maranhão, 1874.

Mais infeliz que Yves d'Évreux foi François de Bourdemard ou Bourdemer, de cuja *Relatio de populis brasiliensibus*, impressa em Madrid, 1617, não se conhece um só exemplar. O autor, que veiu com Arch. de Pembroke, como informa E. d'Alençon, pouco assistiu no Maranhão, e não podia colher e transmittir informações immediatas.

Sobre outros escritos menores, e sobre o curso da empresa em geral, cf. C. de la Roncière, *Hist. de la mar. franç.*, **4**. J. C. Rodrigues na *Bibl. Brasil.*, 56, deu para uma carta rarissima, talvez unica, de Fr. Arsène o anno 1631; é erro de impressão: a data verificada no pequeno volume, que hoje pertence á Bibl. Nac., é 1613.

Muito para ser lida é a breve *Histoire veritable de ce qui s'est passé de nouveau entre les françois et portugais en l'isle de Maragnon au pays de Toupinambous*, que do ponto de vista francez narra o combate de Guaxinduba: cf. o interrogatorio dos prisioneiros francezes, *L—O*, 105/113. É a carta de um cirurgião francez a seu pai, doutor em medicina. Sahiu anonyma em Paris 1615, e assim foi reimpressa em Lyon em 1876 e *L—O*, 161/167; mas, sabido que o cirurgião chamava-se Mons. de Lastre, *Jornada*, 258, com todo o fundamento Rio Branco attribuiu-lhe o opusculo, Sant' Anna Nery, *Le Brésil en 1889*, 118/119. Silveira menciona uma ilha de quatro leguas doada a um cirurgião, Almeida, *Mem. do Maranhão*, **2**, que figura o mappa da *Razão do estado*. É possivel que, depois de vencidos os seus, tenha permanecido na

ilha, embora sua carta manifeste forte desejo de tornar para a França.

A respeito da jornada de Jeronymo de Albuquerque, além do que se lerá adiante, fundado naturalmente nos informes de frei Cosme de S. Damião e frei Manuel da Piedade, ha uma longa relação escrita por Diogo de Campos Moreno e outra muito concisa de Manuel de Sousa de Sá. De Jeronymo de Albuquerque nada consta além de uma carta, datada de 13 de Dezembro de 1614, ao embaixador de Espanha em Paris e instrucções da mesma data a Gregorio Fragoso de Albuquerque, que partia para aquella cidade, insertas na obra de Moreno. Em uma das patentes por elle passadas ha referencias á batalha de Guaxinduba, Studart, **1**, 158.

A *Jornada* de Diogo de Campos Moreno, já aproveitada por Berredo, appareceu primeiro na *Coll. de not. para a hist. e geogr. das nações ultram.*, **1**, Lisboa, 1812, em texto bastante viciado que, por falta de outro original, não poderam melhorar as reimpressões de Almeida, *Memorias*, **2**, 159/265, e Studart, *Rev. do Inst. do Ceará*, **21**, 209/330.

Moreno declarava-se de trinta e sete annos em 1603, *R. T.*, **73**, I, 90. Era natural de Tanger, combateu em Flandres no tempo de Alexandre Farnese, *Col. de doc. ined. para la hist. de Esp.*, **74**, 273/274. Da participação de campanhas tão famosas, do conhecimento do castelhano e do francez tirava um ar de philaucia, de superioridade impaciente. A *Jornada* revela dotes de escritor, porem mais de um passo arranha a verdade e deve ser cohibida com os testemunhos de Manuel de Sousa e frei Vicente.

A marcha dos acontecimentos desde a sahida do Recife desrespeitava todas as experiencias do soldado de Flandres. Repetidas vezes chama a armada milagrosa. Milagrosa foi realmente, milagrosa de mocidade, de estouvamento; milagrosa sobretudo de felicidade. Muito facilitou o exito a incapacidade de La Ravardière, com-

provada por suas cartas a Jeronymo de Albuquerque e pelos attestados a Alexandre de Moura.

De Francisco Caldeira as primeiras noticias mais desenvolvidas são as que vão adiante; nem Simão Estacio da Silveira, que precedeu de tres annos esta *Historia*, nem Berredo, que escreveu mais de um seculo depois, accrescentam-lhe cousa de importancia. Seu papel verdadeiro só foi revelado pelo relatorio de Alexandre de Moura. Ao redigir esta parte de seu livro Varnhagen parece ter extraviado as notas, de modo que a p. 448 da *Hist. geral* [2] é verdadeiro quebra-cabeças. Muitos documentos sobre a primeira expedição ao Pará estão reunidos no opusculo do excellente Manuel Barata, *A jornada de Francisco Caldeira*[2], Belém, 1916.

Sobre Alexandre de Moura ha: uma carta do jesuita Manuel Gomes em duas versões, impressa uma pela *Bibl. Nac., L — O*, 169/174, outra nos *Documentos*, **1**, 273/288, de Studart, esta muito mais desenvolvida e datada de 2 de Julho de 1621; o roteiro de Manuel Gonçalves, piloto, já utilisado por Varnhagen, impresso nos *Ann. da Bibl.* e nos *Documentos* de Studart, e sobretudo o relatorio do proprio Alexandre de Moura, Lisboa, 24 de Outubro de 1616, que primeiro conheceu Rio Branco, acompanhado de 25 appensos, impresso tambem nos *Ann. da Bibl. Nac.*

Outros documentos, em sua maxima parte resultantes das pesquisas de Rio Branco, vulgarisados pela Bibl. Nac., e das de Studart, como tres cartas do governador Gaspar de Sousa, assentos, regimento, etc., fazem o caso do Maranhão aquelle sobre que, graças aos dois barões assignalados, existem talvez documentos mais abundantes em nossa mais remota historia colonial.

Reunindo-os, chega-se ao seguinte esboço chronologico, em que *L — O* significa *Documentos para a historia da conquista e colonisação da costa Leste-Oeste do Brasil*, Rio, 1905, separata dos *Ann. da Bibl. Nac.*, **26**; Studart, *Doc. para a hist. do Brasil, espec. do Ceará*, 3 vol., Fortaleza, 1904, 1909, 1910; *Jornada* refere-se a

paginação do 2.º vol. das *Memorias para a hist. do extincto estado do Maranhão*, Rio, 1874; Berredo, *Ann. hist. do Maranhão*, tres vezes impressos, da ultima por Bertino Miranda, Florença, 1905, é citado por paragraphos.

1613

5 de Janeiro. Gaspar de Sousa, chegado a Pernambuco em 18 de Dezembro do anno anterior, escreve a Martim Soares, mandando soccorros e chamando-o a Olinda; *L - O,* 33/34. — 15 de Janeiro. Nova carta do mesmo ao mesmo, dispensando-o de vir; *L - O,* 35/36. — 29 de Maio. Provisão de Gaspar de Sousa nomeando Jeronymo de Albuquerque capitão da conquista e descobrimento do Maranhão; *Jornada,* 242. — 1 de Junho. Partida de Jeronymo de Albuquerque; *Berredo,* § 192. — 13 de Julho. Provisão de J. de Albuquerque passada em Camucim, nomeando Martim para reconhecer o Maranhão; *L - O,* 5. — 26 de Julho (?). Martim incendeia os armazens francezes na ilha de S. Anna; *Studart,* I, 64, Yves d'Évreux, *Voyage,* 33/35. — 10 de Agosto. Martim escapa á perseguição dos francezes e sai do Maranhão; *Studart,* I, 64. — Agosto. Jeronymo de Albuquerque funda o presidio de Rosario em Jererecuacuara, aonde deixa quarenta soldados, manda parte da gente para Pernambuco por mar, torna por terra trazendo em sua companhia um filho do Diabo-grande; *Studart,* I, 60,93 *Berredo,* § 193. — 15 de Outubro. Martim obrigado a arribar em Cumaná, seguiu para S. Domingos, onde chegou em Agosto; *L - O,* 1, e o presidente lhe deu os recursos para ir com sua gente a Espanha; *L - O,* 38/41. — 15 de Dezembro. Carta do presidente de S. Domingos a el-rei sobre o caso de Martim Soares; *L - O,* 1/2.

1614

27 de Abril. Carta de Martim a Gaspar de Sousa communicando sua chegada a Sevilha; *Studart,* I, 63/65. — 26 de Maio. Diogo de Campos chega ao Recife com ordem de ser incumbido da empresa do Maranhão; *Jornada,* 168. — 27 de Maio. Manuel de Sousa parte com soccorro para o presidio do Rosario, aonde chega a 9 de Junho; *L - O,* 123. — 15 de Junho. Francezes que desembarcam no Ceará, são repellidos pelo vigario Balthazar João Correia, que escreve uma carta, bellicosa a frei Archangelo de Pembroke e delle recebe resposta a 16 muito mansa, assignada provincial da India Occidental; *Studart,* I, 114/116. — 19 de Junho. Manuel de Sousa de Sá repelle, matando um e ferindo varios, francezes da náu *Régente* que desembarcaram no forte do Rosario; *L- O,* 124. — 20 e 21 de Junho. Instrumento de testemunhas, juradas aos santos evangelhos, authenticando este feito; *Studart,* I, 68/82.

17 de Junho. Albuquerque novamente nomeado chefe da jornada do Maranhão; *Jornada,* 242/244. — 22 de Junho. Regimento dado por Gaspar de Sousa a Jeronymo que no mesmo dia partiu para a Parahiba; *Studart,* I, 83/92, *Jornada,* 170. — O governador pensava que para a jornada bastariam 150 a 200 soldados com 1500 indios amigos; *Studart,*

I, 105. — 22 de Julho. Chega a Pernambuco carta de Martim, escrita ao governador, de Sevilha, aonde desembarcara, e logo em seguida chega tambem Sebastião Martins que o acompanhou em suas perigrinações por Maranhão, Cumanã e S. Domingos, dando informação da presença de francezes no Maranhão. — 26 de Julho. Assento no Recife em que se resolveu fundar um forte no Maranhão, a 8 ou 10 leguas dos francezes, para inquietal-os e captar as sympathias dos indios; *Studart,* I, 92/96. — 29 de Julho. Jeronymo de Albuquerque avisa já estar parado no Rio Grande do Norte com 300 indios frecheiros e muita gente branca; *Jornada,* 174/175. — 30 de Julho. Diogo de Campos nomeado adjunto e collateral de Jeronymo de Albuquerque; *Jornada,* 245. Neste ou nos dois seguintes dias, não a 15 de Junho como se lê na *Jornada,* 169, chegaram Jorge Correia e Jorge da Gama a Pernambuco, levando noticia dos successos do Ceará e Rosario; *Studart,* I, 99. — 2 de Agosto. Á vista de uma provisão régia de 25 de Abril, mandando que exclusivamente na compra de páu brasil fosse applicado o saldo dos dizimos pelo qual deviam correr as despezas da jornada, o governador, de accordo com pessoas a quem ouviu, resolveu suspendel-a; *Studart,* I, 97/101. Desta data ou logo depois, e não de 20 como se lê em Studart I, 114, deve ser a carta de Gaspar de Sousa, communicando a el-rei o que fora assentado. — Depois de 2 de Agosto, houve novo conselho em que, visto já ser feita uma despeza de mais de 16 mil cruzados, Jeronymo de Albuquerque estar com uma parte da gente no Rio Grande e outra já ter partido por terra para o Ceará e por haverem chegado navios do Rio com muito peixe e farinha, que foram requisitados, Gaspar de Sousa resolveu continuasse a jornada, a qual não passaria do Tutoya ou no maximo do Preá, *Jornada,* 175.

23 de Agosto (não 24, como por engano se lê *infra,* 467) Diogo de Campos zarpa do Recife com uma esquadrilha de dois navios redondos, uma caravela e cinco caravelões; *Jornada,* 176. — 17 de Setembro. Partida do Ceará, com Manuel de Brito Freire, commandante do presidio, e parte da guarnição. *Jornada,* 182. — 5 de Outubro. Missa do Rosario em Jererecuacuara, em que se apurou que para a expedição havia tresentos portuguezes e duzentos indios frecheiros; *Jornada,* 186. — 12 de Outubro. Partida de Jererecuacuara, depois de queimados os quarteis, e embarque de Manuel de Sousa de Sá, commandante do presidio, com toda a guarnição; *Jornada,* 188. — 13 de Outubro. Chegada ao Preá, aonde estiveram oito dias. *L-O,* 125. — 15 de Outubro. Partem Sebastião Martins e João Machado, pilotos, com alguns expedicionarios a explorar o Preá, que voltaram a 20, negaram a existencia de francezes na ilha e gabaram tanto as excellencias da terra que, apesar das ordens terminantes do governador, a gente resolveu seguir para o Maranhão; *Jornada,* 194/195. — 21 de Outubro. Partida e navegação ás tontas pelo Preá: «começaram os navios a dar de novo em secco; mas porem, movendo-se por cima do lamarão, pelo qual resvalando com toda a força de velas, podemos dizer que mais de seiscentos passos navegamos por terra, até que deram em mais fundo»; *Jornada,* 194. — 26 de Outubro. Chegada a Guaxinduba e desembarque em ordem. *Jornada,* 194, *L-O,* 125. — 28 de Outubro. Começa a construcção do forte de *Santa Maria; Jornada,* 196.

2 de Novembro. Apparecem duas lanchas francezas que atiram contra o forte de Santa Maria; *Jornada,* 199. — 5 de Novembro. Partem para Pernambuco os caravelões de Sebastião Martins e Machado; *Jornada,* 199. — 11 de Novembro. Os francezes tomam uma caravela, um caravelão e um barco; *Jornada,* 202. A data de 12 é a que se lê, *L-O,* 126. — 19 de Novembro. Batalha de Guaxinduba, perdida pelos francezes; *L-O.* 127/128, 164/165. *Jornada,* 206/217. — 20 de Novembro. Interrogatorio dos prisioneiros francezes; *L-O,* 105/118. — 21 de Novembro. Primeira carta de La Ravardière a Jeronymo de Albuquerque, principio de uma correspondencia que terminou pelo tratado de treguas assignado a 27; *Jornada,* 220/245; *L-O,* 128/129. — 29 de Novembro. Retirada dos francezes para S. Luis; *Jornada,* 245. — 13 de Dezembro. Carta de Jeronymo de Albuquerque para o embaixador de Espanha em França, e regimento para Gregorio Fragoso, que com Du Prat foi a bordo da *Régente,* levar noticia das treguas; *Jornada,* 253/258. — 29 de Dezembro. Summario das cousas que La Ravardière fez no Brasil; *Jornada,* 260/263.

1615

4 de Janeiro. Partida de Diogo de Campos com Mathieu Maillar levando noticia da tregua á Espanha; *Jornada,* 265. — 31 de Janeiro. Carta escrita em Olinda pelo governador Gaspar de Sousa, explicando varios negocios; *L-O,* 151/160. — 5 de Março. Chegada de Diogo de Campos a Lisboa; *Jornada,* 265. — 28 de Abril. Carta do arcebispo vice-rei de Portugal communicando a chegada de Manuel de Sousa de Sá, que, incumbido de levar a Pernambuco as cartas de Jeronymo de Albuquerque ao governador, foi ter a Porto Rico, *L-O,* 185, onde tomou um navio que a força dos tempos impediu de chegar a Sevilha e levara a Lisboa; *L-O,* 133. Sousa de Sá censurava fortemente o tratado de treguas; *L-O,* 123/129. Com o maior segredo o vice-rei estava tratando de mandar soldados e munições com Vasco de Sousa Pacheco, capitão de Pernambuco, concertando a caravela em que fora Diogo de Campos, para nella voltar Manoel de Sousa de Sá, procurava soldado pratico e de experiencia para servir de sargento-mór da empreza a que com Miguel Siqueira Sanhudo (*Berredo* § 377) partiriam 30 homens directamente para o Maranhão; *L-O,* 132/133. — Principios de Junho passa no Ceará o patacho commandado por Sanhudo em que ia por sargento-mór da conquista Martim Soares Moreno; *infra,* 479.

10 de Junho. Parte do Recife a armada de que era capitão Francisco Caldeira de Castello Branco, mandado pelo governador Gaspar de Sousa, da Bahia, para onde seguira depois de 31 de Janeiro, data de sua importante carta. Caldeira acabava de servir de capitão no Rio Grande e Gaspar de Sousa lembrara seu nome para capitão do forte da Lage. *Studart,* I., 114. Que mandou os soccorros estando na Bahia affirma-o o proprio governador, *Studart, ib.,* 126; que ainda estava lá a 12 de Julho de 1615, prova-se pelas *Actas da Cam. de S. Paulo,* 2, 379. — 14 de Junho. Caldeira chega ao Ceará aonde acha a noticia da passagem do patacho de Sanhudo mandado directamente do reino ao Maranhão, *infra,*

— 24 de Junho. Chegam ao Preá; *ibidem.* — 1 de Julho. Chegada ao forte de Santa Maria — 3 de Julho. Requerimento de alguns officiaes e soldados para que Francisco Caldeira fosse adjunto e collega de Jeronymo de Albuquerque; *L-O,* 54/59: esta data não parece muito certa, embora esteja claramente escrita: 13 melhor quadraria com os acontecimentos. — 31 de Julho. Em consequencia de intrujices de Caldeira com La Ravardière, este abandona o forte de Tapary, feito depois da apparição de Martim Soares, e Albuquerque com a sua gente muda-se para a ilha e começa a construir o forte de S. José; *Berredo,* § 379/380.
5 de Outubro. Parte do Recife a armada com mais de 600 soldados e nove velas, commandada por Alexandre de Moura, que Gaspar de Sousa, sabendo da chegada de Manuel de Sousa com uma caravela, veiu da Bahia organisar; *L-O,* 43, 91, 169, *Studart,* I, 275. — 10 de Outubro. Chega ao Ceará; *L-O,* 92. — 17 de Outubro. Entrada de Alexandre de Moura na barra do Preá, em seguida communicação com a gente de Albuquerque, incendio do forte de S. José; *L-O,* 43/44, 94, *Berredo,* § 386. — 23 de Outubro. Depois deste dia a esquadra passa do Preá para a ilha de Sant'Anna, aonde ficou fundeada até o resto do mez; *L-O,* 69. Difficuldade de encontrar pilotos que levassem a armada para diante, ao forte de S. Luis, até que Antonio Vicente Cochado, piloto de um navio seu por nome *Nossa Senhora da Candelaria,* descobriu e entrou a barra e ancorou de fronte do forte inimigo e pela guia e sonda fez entrar a mais armada, Manuel Barata, *A jornada de Francisco Caldeira,* 58. — 1 de Novembro. Partida S. Anna; *L-O,* 44. — 2 de Novembro. Encontro em terra de Alexandre de Moura e La Ravardière; *L-O,* 45. — 3 de Novembro. Intimação a La Ravardière para entrega da fortaleza de S. Luis, 74 75. — 4 de Novembro. Auto de posse da fortaleza de S. Luis, logo chamada de S. Philippe; *L-O,* 75/77. — 15 de Dezembro. Junta em que ficou resolvido mandar Francisco Caldeira ao Pará; *L-O,* 86. — 22 de Dezembro. Regimento dado a Francisco Caldeira; *L-O,* 87/90. — 25 de Dezembro. Partida de Francisco Caldeira para a jornada do Pará com 150 homens em tres companhias e tres embarcações. Ia como piloto-mór Antonio Vicente Cochado; *L-O,* 99, Manuel Barata, *A Jornada,* 58.

Os francezes dispunham então de duzentos homens bem armados, de dezesete peças nem todas em bom estado, de quinhentas e quatorze balas, de mais de quatorze quintaes de polvora e outras munições miudas. Sua inferioridade numerica excluia a possibilidade de resistencia prolongada. Alem disso, faltava-lhes disposição para combaterem. Nas cartas de Jeronymo de Albuquerque a Gaspar de Sousa, levadas imprevistamente ao reino por Manuel de Sousa de Sá, lia-se que La Ravardière e outros moradores francezes ficariam em serviço de el-rei de

Portugal si lhes fosse permittido, *L—O*, 134. A proposta foi discutida em conselho e admittida com certas restricções.

Alexandre de Moura recebeu de Gaspar de Sousa a quantia de vinte mil cruzados para pagar a artilharia do forte, munições e mais cousas, dar ordenados e repartir terras para vivenda dos francezes e esta noticia espalhada ainda mais augmentou-lhes a tibiez.

Moura foi, porem, inexoravel. Não deu dinheiro a ninguem. Reuniu a gente que coube em dois navios, tirou-lhes a artilharia, fez partir um depois do outro apenas com o indispensavel viatico. Restaram alguns na terra contra a vontade delle «pelo mal que pode resultar por sua conversação assi por serem herejes como pela pratica que faziam ao gentio». Estes poucos, informa Silveira, l. c., 14, depois casaram com mulheres das ilhas (dos Açores) «e são ferreiros e gente de prestimo á conquista e os que melhor sabem a terra».

A 2 de Janeiro de 1616 Alexandre de Moura deu a Martim Soares Moreno o regimento de capitão das terras de Cumá e Caeté, para onde levaria vinte e cinco soldados com seu alferes e um sargento e seis canôas, em que deveria procurar dar-se as mãos com a gente do Pará por meio das aguas interiores. Acompanhava-o o carmelita frei Cosme da Annunciação, *L — O*, 83/85.

Alexandre de Moura tomou varias outras providencias reveladoras de seu grande descortino; mandou Jeronymo Fragoso de Albuquerque ao reino com a noticia do succedido, confirmou Jeronymo de Albuquerque Maranhão, nome que tomou depois da victoria de Guaxinduba, no cargo que já exercia e a 9 de Janeiro partiu para Pernambuco, levando comsigo La Ravardière, bem contra a vontade deste, *L—O*, 47.

Feliz em tudo, chegou ao Recife em 5 de Março, diz Berredo, § 410, em desacordo com uma certidão de La Ravardière de 6, passada ainda no mar, *L—O*, 73, depois de uma viagem sem duvida demorada e fatigante, mas livre das arribadas que desde Filicaya e

Martim Soares pareciam inseparaveis da volta do Maranhão. Em Pernambuco encontrou-se com Gaspar de Sousa, a quem prestou contas, onde pouco demorou: de Lisboa, 24 de Outubro, é seu magnifico relatorio. Retirou-se depois para Setubal e ahi fixou residencia. Mais de uma vez foi consultado sobre pessoas e cousas da conquista. Studart, **1**, 267/268, **2**, 184/190.

Alexandre de Moura devia ser aparentado com a familia do velho Duarte Coelho, pois uma irmã de D. Brites, mulher deste, casou com um Moura. Já estava em Pernambuco nos fins do governo de D. Francisco de Sousa e auxiliou a conquista do Rio Grande, *Jornada,* 173. Em 24 de Março de 1602, pelos serviços prestados nas armadas, no Brasil e em outras partes, teve a mercê da capitania-mór de uma armada da carreira da India.

Quando Jorge de Albuquerque morreu, sendo ainda menor seu filho e successor Duarte de Albuquerque Coelho, nascido em 2 de Junho de 1591, Braamcamp Freire, *Brazões de Cintra,* **1**, 468, deixou-o indicado em lista triplice para capitão de Pernambuco. Foi o escolhido por alvará de 9 de Outubro de 1602 e exerceu o cargo durante doze annos, A. J. de Mello, *Biogr. de alguns poet. e hom. ill. da prov. de Pern.*, **3**, 143/145, Recife, 1859. Entre outros serviços prestados, todos á sua custa, sem receber vintem da fazenda real, conta-se a revisão das sesmarias do Rio-Grande, de que Studart publicou as peças, *Doc.*, **1**, 65/67, **2**, 111/157. Cf. *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Norte,* **7**, 5/132, que reune aos documentos explanações de Luis Fernandes.

Moura desgostou-se de La Ravardière por sua connivencia com Francisco Caldeira nos manejos contra Jeronymo de Albuquerque; por sua attitude equivoca, quando lhe pediu pilotos para passar da ilha de Sant'Anna á do Maranhão, que Jeronymo e Antonio de Albuquerque chamam de Tapary e elle quiz chrismar de Todos os Santos; pelo modo por que trouxeram os portuguezes que ali levavam «roubados que os tinham como cativos e os faziam trabalhar violentamente», *L—O,* 47.

Por isso e para não ser continuo corsario infestando os mares, levou-o para Pernambuco.

Não tinha obrigação de respeitar treguas rejeitadas pelo governador geral e pela metropole, aonde até se pensou em castigar Diogo de Campos Moreno, dellas principal autor, como affirmou Manuel de Sousa de Sá e resulta da narrativa do cirurgião francez. Defendeu-o o marquez de la Laguna: «que el capitan Campo que fue al Marañon aun que tubo culpa en las capitulaciones que hizo le sucedio tam bien que no le daria ningun castigo por ello», *L—O*, 142. Castigado parece que não foi, mas veiu rebaixado e morreu no governo de D. Luis de Sousa sem passar de sargento-mór. Uma nobiliarchia paraense, citada por Manuel Barata, *A Jornada de Francisco Caldeira*, 23, dá-lhe para genro Pedro Teixeira, o chefe da famosa expedição a Quito. Será possivel? Não é impossivel.

Em Pernambuco, La Ravardière recebeu algum dinheiro e mercês de Gaspar de Sousa; em Lisboa marcaram-lhe uma diaria de 2$, Berredo, § 140. Achou pouco: «dy a Su Magestad delrey catholico lo que possuya segun lo que promety, y estoy en sus manos y delas quales espero merced, y favor, porque lo meresco», *L — O*, 74. Suas exigencias levaram-no preso á torre de Belém, *infra*, 619, donde em Junho de 1619 datava uma pobre carta impressa por Lucio de Azevedo, *Est. de hist. par.*, 250/251, Pará, 1893, primicias de uma vocação alargada e robustecida pelo tempo, que attinge agora a plena madureza como a *Historia do padre Antonio Vieyra.*

Em 1621 La Ravardière preparava-se para invadir o Brasil de concerto com os hollandezes, Studart, 1, 290. Seguindo o exemplo e o conselho de Fr. Vicente, *supra*, 192, e applicando-lhe «a caridade que é sobre toda a lei» pode-se dizer de La Ravardière na frase do poeta que foi pequeno, mas só fitava os Andes.

Acompanharam a Jeronymo de Albuquerque os dois capuchos frei Cosme de São Damião e frei Manuel da Piedade, que voltaram para Pernambuco depois de ren-

didos os francezes. Com Alexandre de Moura foram os jesuitas Manuel Gomes e Diogo Nunes, que por ordem do provincial não puderam ter grande demora e a 1 1 de Maio de 1618 arribaram a S. Domingos, *Studart*, 1, 285, e os carmelitas frei Cosme de Annunciação e frei André da Natividade, que fundaram o primeiro convento do Maranhão, Berredo, § 412. A 22 de Junho de 1617 partiram de Lisboa os capuchos frei Antonio da Merciana, frei Christovão de São José, frei Sebastião do Rosario e frei Philippe de S. Boa Ventura, que chegaram ao Pará em 28 de Julho, Jaboatão, *Preambulo*, § 195. Uma carta de 20 de Junho do seguinte anno declarava que aos religiosos de S. Francisco, da provincia de Santo Antonio, competiam o augmento da fé, a conservação do gentio e a celebração dos officios divinos na nova conquista, *Studart*, 1, 141. O governo pediu á congregação reunida em Lisboa frades bastantes para se fundar uma custodia e mais tarde oitenta religiosos, S. Faria, *Hist. port.*, 19, 22.

Já em Julho de 1616 D. Luis de Sousa, nomeado governador geral, andava requerendo passagens e mantimentos para soldados e moradores que desejava trazer comsigo, Studart, 1, 251/253. Devia ter partido na monção de Setembro. Trouxe muito recommendado fixar-se temporariamente em Olinda para melhor attender ás cousas do Maranhão. Assumiu o governo a 1.º de Janeiro de 17. Seu antecessor Gaspar de Sousa, como premio dos serviços prestados, teve a doação em 25 de Maio de 1622 de uma capitania hereditaria, que por seu fallecimento veiu a lograr o primogenito Alvaro, aquinhoado nas terras entre o rio Tury e Caité, Manuel Barata, *R. T.*, **69**, II, 185. De Alexandre de Moura e Gaspar de Sousa procedeu a idéa de erigir o Pará-Maranhão em governo separado do Brasil por serem mais faceis as communicações com o de alem-mar.

Faltam a esta *Historia* os capitulos relativos ao governo de D. Luis. Era homem methodico e cuidadosamente reuniu em dois ou mais volumes os documentos

relativos a sua administração. O segundo fazia parte da bibliotheca de Eduardo Prado e agora está no Museu Paulista sob a guarda zelosa de Affonso Taunay. Consta de cerca de cem peças, a maior parte cartas regias, muitas em original, em uma ou mais vias. Não supprem a falta do primeiro, contendo a correspondencia para a côrte, que é bem possivel não esteja perdido e venha ainda a apparecer. Quando adiante fôr citado qualquer documento sem indicar-lhe a procedencia, fica subentendido que está no codice paulista.

Nas cartas regias escritas a D. Luis, de Lisboa, de Madrid, de S. Lourenço, de Aranjuez, repetem-se as prevenções contra os estrangeiros em geral, que uma vez foram mandados expulsar todos; contra os hollandezes que faziam contrabando de páu-brasil e falavam em fortificar Fernão de Noronha; contra os inglezes que pretendiam estabelecer-se no Rio de Janeiro e no Espirito-Santo com o auxilio de christãos novos e de mamalucos. Como medida preventiva, Martim de Sá aconselhou contra estes a fundação de duas aldeias, uma no rio Macahé em frente ás ilhas de S. Anna, outra junto á bahia Formosa, no rio Peruipe, que já não tem este nome, mas incontestavelmente é o actual S. João. Varias vezes recommendou-se a D. Luis obtivesse das camaras da colonia uma imposição semelhante ao imposto do consulado na metropole, para custear uma armada de guarda-costa.

Um caso banal do governo de D. Luis ganhou retumbancia graças ás informações farfalhantes de Rocha Pitta em sua acatasolada *Historia da America Portugueza*, Lisboa, 1730 — o de Roberio Dias e das minas de prata. Melchior, não Robelio, seu filho, era neto de Caramurú, cuja alcunha traduziu para Moreia, *supra*, 82, e parente de Gabriel Soares, segundo carta de Pedro Barbosa Leal, publicada pela secção do sociedade de geographia de Lisboa no Rio de Janeiro em um dos poucos numeros de sua ephemera *Revista*, parcialmente reproduzida por Felisbello Freire, *Hist. de Sergipe*, 49/65. Vieram-

lhe ás mãos alguns roteiros de Gabriel Soares e levado por elles percorreu durante annos os sertões bahianos á cata de minas.

Seu complicado itinerario, tal qual se pode deduzir do escrito de Leal, interpretou Calogeras, *As minas do Brasil e sua legislação*, **2**, 440/442, Rio, 1905. Cf. Basilio de Magalhães, *Expansão geogr. do Brasil até o seculo XVII*, 24/31, sep. do *Congr. de hist. nac.*, **2**.

Certo de haver descoberto grandes riquezas, Melchior encaminhou-se á côrte a requerer mercês para revelal-as. De 10 de Junho e 16 de Outubro de 1607 são duas consultas relativas a Belchior Dias Moreya e Domingos de Araujo, seu sobrinho, citadas por Varnhagen, *Hist. geral*[1], **1**, 319 (sic), mas até hoje desconhecidas. Suas pretenções collidiam com as faculdades de superintendente de todas as minas do Brasil concedidas a D. Francisco de Sousa e não podiam ser bem acolhidas.

Impaciente com as delongas, Melchior voltou para suas terras de Sergipe, mas Domingos de Araujo ainda em 1617 continuava impeterrito em seus requerimentos.

Desde a chegada de D. Luis a Pernambuco Melchior Dias abordou-o sobre o assunto, e a carta regia de 18 de Julho, escrita de S. Lourenço e assignada por Philippe 3.°, respondendo ás do governador geral de 30 de Março e 8 de Maio de 1617, resa: «foi acertado o que escrevestes a Melchior Dias Moreya, para dar principio ás cousas das minas de prata».

Em Novembro deste anno o governo da metropole concedia liberdade de mineirar a quantos quizessem faze-lo sob a reserva do quinto, e uma carta regia de 7 do mesmo mez, publicada por Andrade Silva, *Collecção chron. da legisl. port.*, **2**, 261, Lisboa, 1855, «tendo consideração ao largo tempo que ha que trata este negocio sem se tomar nelle resolução certa» isto mandou communicar a um sobrinho de Melchior que andava na capital. D. Luis parece ter se interessado pelo pretendente, pois mais tarde foi autorisado, no caso das minas serem reaes, a prometter-lhe «o foro de fidalgo e titulo de administra-

dor das minas e nas terras que pretende todo o favor e mercê que sem damno de terceiro houver logar».

O governador geral demorou em Pernambuco até começos de 1619, e parece ter ido á casa de Melchior logo que chegou á Bahia. O insuccesso das experiencias foi completo. Melchior tomara por prata umas pedras brilhantes «conjectis forte in micantes lapillos oculis, argentum inesse arbitrabatur» escreve Barlaeus, *Rerum per octennium*, etc., 316, Amsterdam, 1647. Annos mais tarde Salvador Correia, testemunha de vista, assegurava de que das malacachetas indicadas por Melchior o exame feito por fogo deu fumo e por azougue nada, *R. T.*, 63, I, 10. «O governador foi com muita gente principal, soldados e fundidores ás serras de Tabayanas, informa Severim de Faria, *Historia portugueza*, 21, e se achou não haver ouro nem prata, pelo que o governador mandou prender o Belchior Dias, entendendo que fôra delle enganado». Uma carta regia de Lisboa, 10 de Março de 1620, approvou o procedimento do governador.

Por ordem expressa da metropole D. Luis de Sousa ficara em Pernambuco para attender aos negocios do Maranhão e uma vez que deixou de mandar soccorros por já terem ido directamente do reino, foi muito extranhado seu procedimento. De sua assistencia resultaram grandes vantagens.

Francisco Caldeira partiu para seu destino em 25 de Dezembro de 1615, escreve André Pereira, *L — O*, 99, «dia de Natal em que se deu principio a esta era de 1616», levando cento e cincoenta soldados, divididos em tres companhias, escolhidos entre seus partidarios nas dissenções com Albuquerque, dez peças de artilharia, oito quintaes de polvora, munições e mantimentos bastantes. Transportou-os uma esquadrilha composta de um patacho, um caravelão e uma lancha grande commandados por Pedro de Freitas, Alvaro Netto e Antonio da Fonseca, Berredo, § 403. Deviam ir reconhecendo a costa, assim pela vista como com o prumo na mão, para com facilidade ter-se quem pudesse depois seguir a car-

reira. Ia embarcado Charles de Vaux, o Itajuba dos indios, o braço de ferro, Almeida, *Memorias*, **2**, 12, antigo companheiro de Riffault, agora conciliado, de quem Caldeira devia fazer muito conta com a cautela devida, *L—O*, 88.

O piloto Antonio Vicente Cochado foi correndo a costa, tomando as conhecenças da terra, sondando sempre, fazendo roteiros. Todas as noites dava fundo. Apezar de tudo a viagem correu rapida, durou apenas dezoito dias, como se lê em carta de Lisboa, 4 de Setembro, a D. Luis de Sousa, escrita pelo arcebispo vice-rei. Chegou, portanto, Francisco Caldeira a seu destino em 11 ou 12 de Janeiro de 1616: digamos 11 para fazer coincidir esta data com a do trucidamento de Francisco Pinto, oito annos antes. Da benevolencia encontrada da parte dos indigenas ha testemunhos: cf. Severim de Faria, *Historia port.*, 17, Pastells, *Hist. de la comp. de Jesus en la provincia del Paraguay*, **1**, 275. A' fortaleza que fundou deu o nome de Presepio, á terra o de Feliz Lusitania, Severim, *Hist. port.*, 19. O nome de cidade de Belem já apparece em carta de S. E. da Silveira de 21 de Setembro de 1618, data que não pode ser exacta, mas em todo caso é anterior a 1624, *L—O*, 203; cf. J. de la Espada, *Viaje del capitan Teixera*, 122, Madrid, 1889.

Si em suas relações com Albuquerque já mostrara genio irrequieto, mandando agora só Caldeira deu largas ás paixões. Fez guerras aos tapuyas (guerra aos pacajás, aonde se mataram perto de mil indios, Studart, **1**, 223) e verdadeiros horrores com os amigos da lingua geral. «Entrou em suspeitas que os Tupinambás se queriam levantar contra elle, escreve o jesuita Jacyntho de Carvalho em um fragmento de sua chronica, transcrito por Manuel Barata, *A jornada de Francisco Caldeira de Castello Branco*[2], 15, «e sem a averiguação que requeria a resolução que tomou, prendeu os mais principaes ... e os mandou matar tyrannamente; e imitando Tullo Hostilio os fez partir e juntamente afogar, atadas as pernas a duas canôas, por lhe faltarem os cavallos, correndo á força de remos contrarios rumos».

Pouco demorou nas terras de Cumá o capitão Martim Soares Moreno, porque, renovando-se uma perigosa fistula, pediu substituto a Albuquerque Maranhão, de quem era subordinado, em um barco velho sahiu da bahia de Cumá, e sem vela nem apparelho, perdido e quasi afogado, foi arribar miseravelmente a S. Domingos. O presidente da ilha, que já o conhecia da arribada anterior, encarregou-o de cabo dos navios que iam partir, mas em poucos dias um temporal dispersou a frota, um pirata francez armado de vinte peças atacou-o, matou quasi toda a companha e com vinte e tres feridas, uma cutilada no rosto e uma mão de menos levou-o prisioneiro para Dieppe, aonde entrou a 6 de Dezembro de 1616. Era do Havre o pirata, chamava-se Fleury, alguns de seus parentes tinham sido victimas do prisioneiro e pode imaginar-se como foi tratado «le nommé Suarez, qui se disoit sergeant maure à Marignan, le quel y avoit assisté les Espagnols dans le combat qu'ils y eurent contre les François», escreve um chronista citado por Eug. Guénin, *Ango et ses pilotes*, 25, Paris, 1901.

A pedimento de orfans e viuvas foi condemnado á morte, mas, depois de dez mezes de prisão rigorosa «donde gastou mui com sentenças e appellações de que ficou muito empenhado e individado», poude o duque de Monteleon, embaixador de Espanha em França, obter-lhe a liberdade, Studart, 1, 132/133, 136/137.

Voltou então para Portugal e a 26 de Maio de 1619 foi-lhe feita mercê da capitania do Ceará, pelo tempo de dez annos, Studart, 1, 232/233. Tomou posse do cargo em 23 de Setembro de 1621, Studart, 1, 295; nelle continuou até a entrada dos hollandezes em Pernambuco.

Albuquerque Maranhão mandara seu filho Mathias para substitui-lo em Cumá e, a pretexto de procurar minas para que se offerecia Bento Maciel Parente, enviara ao mesmo tempo a Francisco de Azevedo «homem pouco exprementado e de pouco prestimo pera o dito effeito», sendo seu intento mandar buscar e dar guerra ao gentio que na dita paragem assistia de paz e o trouxe por cativo,

de que todo o mais que na conquista havia se escandalisou notavelmente», Studart, **1**, 145.

Segundo Maciel a guerra de Francisco de Azevedo foi contra o gentio das Coroas Vermelhas, *ib.*, 151. Em carta escrita no reino em começos de 1619, Studart, **1**, 191/194, refere Azevedo que fez duas entradas, uma no Tury, outra no Gurupy, em ambas penetrou duzentas leguas, conciliou os tapuyas com dadivas, fez descer voluntariamente muitos para beira-mar e ainda seria capaz de abala-los. Estes tapuyas, muito guerreiros, creados em canôas e nellas costumados a pelejar, eram parentes dos do Pará, affirma. Taes informações são valiosas para a ethnographia: tapuyas valentes, costumados a lutar em canôas, deviam ser os Carajás: limitados hoje ao medio Araguaya se estenderiam então muito para o Norte e para o Oriente. Cf., *L—O*, 299.

Sobre o governo de Jeronymo de Albuquerque desde a partida de Alexandre de Moura até sua morte, temos as informações suspeitas e apaixonadas de Maciel. Em Setembro de 1617 escrevia de S. Luis para a corte lembrando a «necessidade de desobrigar Hieronymo de Albuquerque da residencia do Maranhão pondo no logar que occupa outro capitão que seja melhor obedecido». Em meio do anno seguinte informava Gaspar de Sousa que, comquanto lhe faltassem alguns requisitos para poder governar bem, conviria, no caso lhe ser dado successor, escrever-lhe que não deixasse «de assistir naquella terra por alguns annos para conservação dos indios e para que com seu bom conselho e parecer succeda tudo nella como convem ao serviço de Vossa Magestade», Studart, **1**, 125.

Jeronymo de Albuquerque Maranhão falleceu a 11 de Fevereiro de 1618 e deixou o poder a seu filho Antonio, ferido no combate de Guaxinduba, que devia exerce-lo, visto sua pouca idade de vinte e dois annos, assistido por dois assessores que seriam escolhidos pelo povo. Sahiram eleitos Diogo (não Domingos, como escreveu Berredo e repetiram Varnhagen e outros) Diogo da

Costa Machado e Bento Maciel Parente. Antonio não ligou importancia aos assistentes. Diogo, sexagenario pacato, resignou-se; Bento Maciel foi preso e Antonio de Albuquerque pensou até em manda-lo ao patibulo uma noite, dizendo diante da oposição que surgiu «ser melhor enforcal-o que tel-o por parte». Isto, Studart, 1, 150, escrevia, da cadeia; annos mais tarde em memorial impresso não repetiu as increpações.

Mais graves successos occorriam nas terras de Cumá.

Houve alli um levante geral de indios, e a causa, escrevia em 30 de Novembro Manoel Filgueira de Mendonça, vigario do Pará, Studart, 1, 254, «se affirma ser um filho do capitão-mór Hieronymo de Albuquerque pelos muitos e grandes aggravos que o dito tinha feito ao gentio». Bento Maciel acrescenta, *ib.*, 148, que os dois irmãos Antonio e Mathias tomaram um venabulo, uma espada e duas mulheres de Pacamo, indio principal, pelo que se arruinou e lhes dera o pago si elles com diligencia lhe não fogem por mar.

Yves d'Evreux conheceu este Pacamont, como elle orthographa, grande feiticeiro da terra de Cumá e seu maior potentado «petit de corps, vil et abiet, tellement que qui ne le cognoistroit on en feroit fort peu d'estat» Passado algum tempo depois do estabelecimento dos francezes, aproveitou-se de uma barca franceza que fôra carregar de farinha, e trazendo com seu sequito vistosamente emplumado uma de suas trinta mulheres, tinta e retinta de jenipapo da cabeça aos pés, dignou-se vir visitar os visinhos. Fez-se annunciar a La Ravardière, dispoz seu pessoal em procissão como melhor lhe pareceu, poz-se á frente, disse á mulher que o carregasse e nella escanchado penetrou no forte. A conversa foi rapida e, ao que parece, de somenos importancia.

Cumprida esta formalidade, revelou o verdadeiro motivo de sua visita: vinha conferenciar com o representante da Igreja.

Explicou a frei Yves que para alcançar o poderio que possuia precisava de gravidade nos gestos e nas

palavras; não era como os levianos que cedem ao primeiro impulso; antes de vir pesara bem o passo que ia dar. Até então batisara em nome de seu espirito; soprava e os doentes saravam; confessava e impedia que Giropary molestasse os confessados; de quem o deprimia, vingava-se communicando-lhe enfermidades. Tudo isto parecia-lhe pouco; queria agora que frei Yves o fizesse carayba, isto é christão e antes de todos; seu exemplo arrastaria a população inteira. Concluiu: quero ser padre *(pay)* como tu, fazer-me cada vez mais estimar dos meus, etc.

Outra longa conferencia entre os dois, em que serviu de interprete o famoso Migan, houve na capella. Pacamont perguntava, expunha duvidas, com intelligencia perspicaz e grande atilamento. O frade mostrou-lhe as differentes imagens, explicou-lhes a significação, scena bem mais expressiva e humana que o episodio analogo de Paulo da Gama e do Catual. Despediram-se, o indio prometteu voltar.

Quando Pacamont appareceu na sua singular montaria os francezes não poderam conter o riso «voyant un des princes du Brésil monté sur un si beau roussin». Imagine-se a impressão produzida com toda esta ensce-nação pelo pagé gravebundo sobre os irmãos Maranhão, meio-mamalucos, meio-mazombos, com vinte e dois annos de idade o mais velho, incultos, criados á lei da natureza, avessos á obediencia e á disciplina, viciados pelo mando absoluto. O simples prurido da irreverencia, o desejo do desacato ao figurão prestigioso bastavam para leva-los a tomar duas das trinta mulheres de Pacamont, o venabulo e a espada, symbolos de sua omnipotencia, porque sem duvida ninguem mais tinha daquillo nas redondezas.

Pacamont era o maior e o mais estimado entre todos os principaes dos paizes do Maranhão, assegura Yves d'Évreux, *Voyage*, 325. Tamanho era seu poderio ali que bastara a sua palavra para abalar todos os habitantes: fino e matreiro quanto um selvagem pode ser.

Para vingar a afronta, o movimento rompeu universal.

De Cumá a Cayté foram mortos setenta brancos, segundo uns, cem segundo outros, ainda em vida de Jeronymo de Albuquerque, Studart, 1, 254. O morticinio foi executado em uma mesma noite, Almeida, *Memorias*, 2, 16. Os documentos conhecidos não mencionam o indio Amaro, citado por Berredo, § 341, 454: cf. Teixeira de Moraes, *R. T.*, **40**, I, 87. Um patacho que poderia levar a noticia ao Pará, talvez commandado por André Pereira Temudo, Studart, 1, 259, ficou detido no Maranhão por falta de ancoras, Studart, *ib.*, 254. Já o incendio lambia a ponta de Saparará e Caldeira tudo ignorava.

Desde meados de 1618 Gaspar de Sousa escrevia, Studart, 1, 126: «Francisco Caldeira de Castellobranco que se venha do Pará, onde faz mil desconcertos, desinquietando os indios, pondo em seu logar outra pessoa que os conserve para se não rebellarem, e posto que elle escreva outra cousa e conste de seus papeis, isto que digo a Vossa Magestade é a verdade como quem o conhece e sabe como faz».

Os acontecimentos provăram o acerto da previsão do sagaz ex-governador. Antonio Cabral, parente de Caldeira, matou a sangue frio Alvaro Netto, um dos mais estimados capitães da guarnição do Presepe. O clamor publico impoz a prisão do assassino, logo relaxada sob pretexto especioso, e os amigos da victima, sentindo-se sem garantias, asylaram-se no convento dos franciscanos. Isto exacerbou as iras do mandão que, sem attender ás immunidades ecclesiasticas, deu ordem de porem abaixo a cerca. A cerca principiou a ser derrubada, mas o preso foi elle. Fr. Antonio de Merciana poz-se á frente da insurreição e organisou governo com Balthazar Rodrigues de Mello. Uma bella manhã de 1618 (não 1617, como escreve Varnhagen) Caldeira achou junto a si Christovão Vaz e Antonio Pinto, com dois homens mais, dos quaes um, informa Berredo, § 466, levava um grilhão

bem pesado, que Antonio Pinto com um punhal na mão lhe fez metter nos pés. Isto foi causa de se porem a monte os indios, dizendo claramente que não queriam paz com homens que não a tinham entre si, pondo logo á nova povoação apertado cerco, *infra*, 619.

Um navio partido do Pará em principio de Dezembro levou estas noticias ao reino, Studart, **1**, 191, 154; aonde já em fins de Janeiro de 19 se deliberava sobre as providencias a tomar, Studart, *ib*, 194/197. De Lisboa em 16 de Fevereiro ordenava-se ao capitão de Pernambuco que remettesse auxilios á nova conquista.

Diz Simão Estacio da Silveira, Almeida, *Mem. do Maranhão*, **2**, 16, que a pedir soccorros em Pernambuco, rompendo o cêrco, foi o capitão Manoel Soares de Almeida, e com elle frei Christovão de S. José, accrescenta Jaboatão, *Preambulo*, § 198. Com o mesmo destino seguiu Diogo da Costa Machado que, desejoso de evitar desavenças com Antonio de Albuquerque, visitara o Pará para tomar conhecimento da terra e poder levar informações ao reino. Por parecer de todos fez viagem do Maranhão por Pernambuco, aonde o governador geral poderia acudir mais depressa com soccorros por estar mais perto, Studart, *ib.*, 244. No Maranhão Antonio de Albuquerque entregou-lhe preso Bento Maciel Parente, affirma Berredo, § 469, mas o contrario resulta das palavras de Maciel, que já estava solto.

D. Luis, que continuava em Pernambuco, tomou rapidas decisões. A Jeronymo Fragoso de Albuquerque recemchegado do reino, aonde fora por commissão de Alexandre de Moura, nomeou capitão-mór do Pará. A Diogo da Costa Machado passou em 22 de Março um regimento equiparando seus poderes aos de Antonio de Albuquerque: si os dois divergissem, seria chamado a conselho o provedor da fazenda Luis de Madureira, e se faria o que fosse decidido pela maioria. Na mesma data lavrou outro regimento para Bento Maciel Parente, incumbindo-o de fazer guerra aos indios levantados. Um assento, tomado nos termos da lei de 10 de Setembro

de 1611, Andrade e Silva, *Collec. chron.*, **1**, 309/312, declarara a guerra justa e condemnava á escravidão os prisioneiros feitos em guerra.

Com tres navios, muitos soldados, indios, munições, mantimentos, Severim de Faria, *Hist. port.*, 22, Jeronymo Fragoso de Albuquerque partiu em Março, a 16 diz Berredo, § 470, mas deve ter sido depois, porque os regimentos são de 22. Em começo de Abril chegou ao Maranhão. Acompanhou-o até ali Diogo da Costa Machado, a quem Antonio de Albuquerque, não admittindo partilha de autoridade, entregou o poder depois de 9 de Abril, Studart, **1**, 162, desistindo do cargo. Machado trazia a provisão particular para este caso, Studart, **1**, 245.

Em Cumá a situação melhorara. Cumprido o morticinio, os indios fugiram para o sertão, Studart, **1**, 191. Mathias com quarenta e tres soldados armou uma expedição em Agosto de 1618, subiu o rio Gurupy duzentas e quarenta leguas, assolando, destruindo e já estava de volta em fins de Março seguinte, Studart, *ib.*, 162, 199, Berredo, § 452/455.

No Pará em 7 de Janeiro de 1619 (não 1618, como escreveu Varnhagen) Gaspar Cardoso matou o principal Cabello de Velha, os sitiantes perderam o animo e delles se separaram alguns dos tapuyas confederados. Guarnipocabá, maiorial de alguns destes, auxiliou os sitiados na defeza, Jaboatão, *Preambulo*, § 197.

Fragoso levara ordem de tomar quarenta soldados do Maranhão donde sahiu a 16 de Abril, e já estava no Pará a 7 de Maio, Studart, *ib.*, 210, 226. Com elle, provavelmente commandando-os, partiu Mathias, seu primo co-irmão. Seguiu igualmente Antonio de Albuquerque para ver o estado da conquista e poder informar a corte, aonde iria allegar serviços e apresentar requerimentos e requerer mercês, Studart, **1**, 218. Cf. Mello, *Biographias*, **3**, 124 e seguintes, onde existem numerosos documentos sobre os dois irmãos; no mesmo volume ha uma biographia summaria do conquistador do Maranhão.

Apenas chegou ao Pará, Jeronymo Fragoso prendeu os revoltados que mandavam e Francisco Caldeira e Antonio Cabral, o assassino de Alvaro Netto, que tinham provocado o motim. Escapou frei Antonio de Merciana, porque o poder civil não tinha armas contra o clero. Os presos foram enviados para Portugal, Studart, **1**, 216. Consta que Francisco Caldeira acabou os dias no Limoeiro, *L—O*, 309.

Depois da morte do Cabello de Velha os tupinambás tinham-se retrahido, mas continuavam fortificados a umas sessenta leguas da povoação em numero de vinte mil, accrescidos de infinito gentio tapuya que se aggregara. Em sua carta de 9 de Maio, Studart, *ib*, 215, Fragoso communicava a resolução de ir dar-lhes guerra dentro de dez dias.

Partiu a 4 de Junho, Berredo, § 475, no rumo do Tocantins e Pacajá e taes foram seus feitos que nunca mais indigenas afrontaram a povoação. Fragoso falleceu em Setembro, envenenado, segundo Sebastião de Lucena, *L—O*, 309, deixando seu primo Mathias por successor; mas o povo não o quiz e elegeu Custodio Valente e frei Antonio de Merciana; depois assumiu o governo o capitão Pedro Teixeira, que desde a fundação do Presepio tornava cada dia mais notavel a audacia, a bravura e a felicidade dos commettimentos. Por fim D. Luis de Sousa nomeou capitão-mór a Bento Maciel Parente, que tomou posse a 18 de Julho de 1621, Berredo, § 489.

Informa Duarte de Albuquerque Coelho, *Mem. diarias*, 39 v. que Bento Maciel Parente se criara desde pequeno em Pernambuco, onde era muito aparentado. Elle proprio em memorial impresso, não reimpresso até hoje, diz que combateu com os inglezes no Recife, naturalmente os de Lancaster em 1595, até se retirarem, andou treze mezes nas guerras da Parahiba, quinze nas do Rio Grande, trez vezes embarcou em armadas do estado, em uma das quaes houve mortos e feridos, entrou oitenta leguas pelo sertão da Bahia á cata de salitre. Em 1608 *(sic)*

embarcou com D. Francisco de Sousa para São Vicente, onde residiu seis annos, trez como capitão das minas e descobrimentos, trez como sargento-mór das cinco villas daquelle governo. Estava em Pernambuco quando Alexandre de Moura foi ao Maranhão e acompanhou-o em navio armado á sua conta. Moura encarregou-o das entradas e subiu os rios Mearim, Pindaré, Maracú, Gurupy, combatendo e vencendo os Guajaijaras. Jeronymo de Albuquerque incumbiu-o de uma expedição contra homens fugidos da conquista e contra os selvagens que os tinham acoutado, Studart, 1, 158, e nomeou-o capitão dos moradores do Maranhão; foi capitão do forte de Itapary e reconstruiu-o.

Declara Maciel que só ficara no Maranhão porque os indios lhe deram noticia de minas, em que era experimentado, Studart, *ib*, 145, e sua desharmonia com os Maranhões começou pela preferencia dada a Francisco de Azevedo em Novembro de 1617 para o reconhecimento da serra de Toicoara.

Quando chegou de volta a Pernambuco, D. Luis de Sousa deu-lhe, em data de 22 de Março de 1619, um regimento em 20 artigos, commettendo-lhe a guerra contra os tupinambás.

No Maranhão Antonio de Albuquerque lhe entregaria oitenta soldados tirados do presidio e mais gente disponivel, o provedor da fazenda 200 mil réis para resgates. Como Jeronymo Fragoso levava soccorros em navios, Maciel começaria por terra em Cumá, atacando o inimigo pelas espaldas para desafrontar os nossos, servir de diversão aos indios sitiantes que acudiriam ás aldeias pelas mulheres e filhos, obviando a falta de canôas que devia haver no Pará. Si o Pará já estivesse tomado, Maciel viria fazendo a guerra do Pará para o Maranhão.

Bento Maciel affirma em seu memorial que em Itamaracá, Parahiba e Rio Grande do Norte levantou oitenta soldados e quatrocentos indios frecheiros. Os soldados seriam dos indicados por Alexandre de Moura, *L—O*, 48/49, «costumados a má vida e ruins comeres, cale-

jados dos bichos e das chagas». Começou a guerra em Tapuitapera e proseguiu matando e destruindo até o Pará, cujo cerco levantou, assegura com pouca verdade ou grande exagero.

No Pará abriu devassa sobre os implicados no motim passado, como D. Luis lhe prescrevera, mas com tão pouca discreção se houve que os culpados fugiram. Sua demora foi pequena ali; investiu pelo rio Guamá, Studart, *ib*, 259, e penetrou duzentas leguas, segundo affirma. Sabendo da morte de Fragoso, aproximou-se do povoado, no intuito de empolgar o poder, ao que parece; mas Custodio Valente, capitão-mór interino, frustrou-lhe o bote, Studart, *ib*, 257/263. Voltou para o Maranhão; a 20 leguas da barra do Itapucurú fundou um forte por ordem do governador geral, guarneceu-o com quarenta soldados, povoou-o com alguns moradores, estabeleceu junto duas aldeias de indios de paz, cf., Silveira, nas *Memorias do Maranhão*, **2**, 14. Foi depois ao Pará de capitão-mór, como já ficou dito. Frei Vicente, *infra*, 498, dá Bento Maciel como enviado por Diogo de Mendonça Furtado, mas equivocou-se.

Em seu governo, que durou até substitui-lo Manuel de Sousa de Sá em 6 de Outubro de 1626, desenvolveu grande actividade; reconstruiu o forte do Presepe, levantou igrejas, abriu caminho por terra do Pará para o Maranhão, a cincoenta leguas da costa, na extensão de 110 leguas, em guerra continua com os naturaes percorreu as duas margens do Amazonas, até o Jenipapo-Parú de um lado, até o Xingú-Parnahiba do outro, fazendo cousas que bem consideradas excedem aos serviços de Fernão Cortez, assegura: por ahi pensava que corria a linha de Tordesilhas e começavam as terras espanholas e porisso não passou adiante.

Na arribada a Porto Rico, Manuel de Sousa de Sá, *L—O*, 120, 185, colheu as primeiras noticias da presença dos hollandezes no Amazonas. Confirmou-as Francisco Caldeira que se offereceu para expulsa-los do cabo do Norte, Studart, **1**, 255; em seu tempo quei-

maram-lhes um navio Pedro de Teixeira e Gaspar de Freitas de Macedo, Berredo, § 420/427. Transmittiu varios pormenores Bento Maciel em Janeiro de 1622, Rudolf R. Schuller, *Jorn. do Comm.*, de 12 de Janeiro de 1914. A luta contra elles iniciou Luis Aranha de Vasconcellos que chegou a Belém em Maio de 1623, entrou pelo Xingú-Parnahiba e destruiu os dois fortes de Maturú e Nassau, *L—O*, 231/234. De passagem se note que os indios de lingua geral muitas vezes chamavam maus, *ahiba*, os rios em que defrontavam gentio de linguas travadas, hoje chamadas giria na Amazonia. No Xingú habitaram Aruãs, *infra*, 501.

Bento Maciel continuou a obra de Aranha, prendeu e matou mais de duzentos estrangeiros, provocou o incendio de um navio que não quiz render-se, tomou tres forças. Destas seria uma para os lados de Gurupá; de outra contém noticias menos summarias uma carta de Bernardo O'Brien, copia na Bibl. Nac., que aos 17 annos, em 1621, veiu ao Amazonas com Henrique ou Francisco Ro, companheiro de Drake e Raleigh. Trouxe-os com cento e vinte e quatro pessoas um navio de duzentas toneladas, que, feitos os resgates, deixou com bastantes munições e mercadorias em Pataui, depois chamado Cocodivae, sessenta leguas da fóz, doze irlandezes e quatro inglezes. O'Brien, seu capitão, fundou um forte, subiu o rio centenas de leguas, avistou-se com as amazonas «que tienen las tetas derechas chicas como los hombres com artificio de modo que no crezen para tirar los arcos y las izquierdas largas como otras mujeres», varou pelas Guayanas, sahiu no Suriman, donde tornou a Cocodivae. A gente de um navio hollandez commandado por Abstan, que queria se estabelecer perto, obrigou a ir para mais longe e fixar-se em Gurupá. Em 1623 chegaram uma náu de guerra hollandeza e uma pinaça e aproveitou o ensejo para voltar ao velho mundo com avultada carga de tabaco e algodão que na Hollanda deram dezaseis mil escudos. Ficou commandando o forte Philippe (sic) Porcel, irlandez como elle, que foi atacado por Bento Maciel,

vencido e levado prisioneiro para Belém, Studart, **2**, 246. Em Junho de 1627 Maciel partiu do Pará pelas Indias occidentaes, onde encontrou Porcel e outros prisioneiros levados por frei Antonio da Merciana, que conseguira sua liberdade de Manuel de Sousa de Sá.

No tempo de sua assistencia na peninsula fez tres publicações interessantes para fundar seus requerimentos, todas escritas em castelhano. Numa, citada por Teixeira de Moraes, *R. T.*, 40, **1**, 93, mas desconhecida até pouco tempo, expõe os serviços prestados em trinta e seis annos. Noutra para a divisão das terras novas em capitanias hereditarias apresenta um plano que serviu de base á repartição feita pouco depois pelo governador Francisco Coelho de Carvalho. Na ultima propõe varias medidas em bem do Pará e do Maranhão.

Diogo da Costa Machado, poucos dias depois de assumir o governo teve de acolher uma leva de colonos das ilhas dos Açores, cuja introducção fora tratada pela corôa com Jorge de Lemos Betancor. Parte deveria continuar viagem para o Pará, mas a incerteza sobre a situação em que se achavam as cousas, aconselhou que ficassem todos no Maranhão. Feita a resenha, apurou-se que tinham desembarcado dos tres navios da companhia de Betancor noventa e cinco casaes e nelles com alguns mancebos mais se acharam quinhentas e sessenta e uma almas, Studart, **1**, 241.

Pareceu proprio o ensejo para installar uma camara que não existia; um dos eleitores foi Bento Maciel Parente; sahiu vereador Simão Estacio da Silveira, autor da *Relação* citada, *supra* 70. Para ficar bem installada, a camara pediu em carta a el-rei de 9 de Dezembro de 1619 um livro das Ordenações do reino, uma bandeira para sahirem fóra nas procissões, vinte varas vermelhas com as armas pintadas para os officiaes da camara, dois livros, um para se registrarem as provisões reaes e outro para os assentos, algum papel e uma campainha e tinteiro de latão com salva. Studart, *ib*, 238.

Cabia ás camaras municipaes marcarem o preço dos generos e desta faculdade utilisou-se logo a do Maranhão. Valia um real de prata o arratel de peixe-boi, havendo-o em tanta quantidade pelo rio acima, informa Jorge de Lemos Betancor. E, acrescenta, «os francezes que aqui estão tratam nisto e se fazem ricos, só não querem dar sinão a dinheiro de contado, e uma gallinha val uma pataca, havendo infinitas na terra e tudo sai por este teor. Com a povoação que fiz ordenamos camara e deixo tudo reduzido a resão», Studart, 1, 213.

Em sua carta de 9 de Dezembro de 1619 a camara pedia fosse mandada para todos os visinhos «a provisão dos cidadãos do Porto que V. Magd. concedeu a estes novos moradores pera as suas camaras», Studart, 1, 238.

Em 1636, Bento Maciel requeria de novo para as cidades de S. Luis e Belém os privilegios de infanções, de que gosam os cidadãos da cidade do Porto, *L—O*, 196. Foram concedidos depois, sob a dynastia bragantina e representavam uma especie de *parvula charta.*

Os privilegios concedidos aos portuenses por D. João 2.º em Evora, a 1 de Junho de 1490, dispunham *R T*, 8, 513, 514 que não fossem mettidos a tormentos por maleficios que tivessem e fizessem dahi por diante, salvo nos feitos e daquellas qualidades e nos modos em que o devam e são os fidalgos do reino e senhores;

que não podessem ser presos por nem um crime, somente sobre suas menagens e assim como são e devem ser os fidalgos;

que podessem trazer e trouxessem por todos os reinos e senhorios quaes e quantas armas lhes aprouvesse, de noite e de dia, assim offensivas como defensivas;

que não pousassem com elles nem lhes tomassem suas casas de moradas, adegas, nem cavallariças, nem suas bestas de sella, nem outra nem uma cousa de seu contra suas vontades e lhes catassem e guardassem muito inteiramente suas casas e houvessem com ellas e fóra dellas todas as liberdades que haviam os infanções e ricos homens;

que os serviçaes agricolas só fossem á guerra com os patrões.

Em sua carta de 10 de Dezembro, Diogo da Costa Machado refere-se á descoberta recente de um gentio «a que chamam os barbados, que confinam com os rios Mony, Tapecurú e Meary, gente que por tradição se

prezam de descenderem dos portuguezes que aqui se perderam nos tempos passados e assi não hão querido nunca a amizade dos francezes, dizendo que não eram dos verdadeiros brancos a que elles chamavam peroos», Studart, **1**, 246, cf., 242.

Machado tratou de entabolar com elles relações amistosas, mas si, como parece, os barbados eram os guayanazes referidos por Berredo, § 486, o resultado de seus esforços resultou negativo.

Data de Junho de 1618 a resolução de separar do Brasil a administração da nova conquista, Studart, **1**, 141/142. O regimento passado em 7 de Novembro de 1619 a Sebastião Barbosa para ouvidor do Maranhão já dispunha que daria appellações para a casa de supplicação de Lisboa, não para a relação da Bahia, Andrade e Silva, *Collec. chron.*, **2**, 317.

O governo independente, creado por carta regia de 13 de Junho de 1621, afinal foi provido a 23 de Setembro de 1623 em Francisco Coelho de Carvalho, que já administrara a Parahiba. De seu regimento alguns capitulos figuram em Studart, **2**, 236/243, sem data.

A nomeação não parece ter sido das mais felizes.

A' vista da demora produzida por causas diversas, Berredo, § 516, Diogo de Mendonça Furtado fez capitão-mór do Maranhão a Antonio Muniz Barreiros, que partiu de Pernambuco a 11 de Março de 1622, levando gado e fazendas em dois navios, Studart, **1**, 300. Acompanharam-nos os jesuitas Luis Figueira, o da missão tragica do Ceará em 1607, e Benedito Amodei, siciliano. O povo recebeu-os mal e não consentiria em sua permanencia si não fossem as ordens terminantes do governador geral. A 16 de Agosto de 1624 aportaram em S. Luis dezoito capuchos com que frei Christovão de Lisboa ia installar a custodia lembrada por Gaspar de Sousa, Studart, **1**, 129.

De Barreiros possuimos duas cartas, uma levada para alem mar por seu antecessor, Diogo da Costa Machado, Studart, **1**, 300/303, conhecida apenas em extracto, outra

integral, *L—O*, 225/227. Ha tres cartas de frei Christovão, uma ao confrade Antonio da Merciana, duas ao irmão Manuel Severim de Faria, em que faz grandes accusações ao capitão-mór Barreiros e amargas queixas de Luis Figueira: *L—O*, 233/251, Studart, 2, 199/216: a edição de Studart é, em geral, mais correcta que a da Bibl. Nac. Em 20 de Janeiro de 1627 o custodio communicava ao irmão: «Frei Vicente, frade de nossa conquista do Brasil, me mandou dizer que escrevia a historia do Brasil: Foi tão honrado que me mandou pedir alguma cousa das que aqui fizemos para as inserir nellas. Mandei-lhe a relação de todas e agora quatro milagres authenticos, *L—O*, 249. Dois dos milagres vão mencionados, *infra*, 536.

Frei Christovão tinha-se separado do governador Carvalho em Pernambuco, onde Mathias de Albuquerque o reteve até os hollandezes serem expulsos da Bahia, de modo que só assumiu o cargo a 3 de Setembro de 1626, Berredo, § 558.

Acompanhou-o até o Maranhão Manuel de Sousa de Sá, nomeado capitão do Pará, que proseguiu viagem e em 6 de Outubro rendeu a Bento Maciel Parente.

Manuel de Sousa *d'Eça* ou de *Sá*? O nome apparece dos dois modos, quer impresso quer manuscrito. José Carlos Rodrigues e Carlos Sampaio tiveram a bondade de examinar o autographo guardado no Museu Britannico: um leu d'Eça, outro leu de Sá: a Carlos Sampaio deve-se a copia do documento publicado *L—O*, 185/188.

Manuel de Sousa é a figura mais sympathica dos primeiros tempos da nova conquista. Nasceu na capitania de Ilhéus, *Jornada*, 168, e annos mais tarde lembrava os serviços prestados pelo padre Domingos Rodrigues, egresso da Companhia, na pacificação dos aimorés e guaytacazes. Deixou a provedoria de orfãos e ausentes de Pernambuco para levar socorros ao presidio do Rosario, Studart, 1, 113, aonde foi o primeiro a provar armas com os francezes e os obrigou a reem-

barcarem. Como capitão de aventureiros (voluntarios) acompanhou a Jeronymo de Albuquerque, batendo-se no combate de Guaxinduba, reprovou as negociações de treguas e só assignou o auto á força para remir seu vexame, depois de dares e tornares com o capitão-mór. Incumbido de levar communicações a Pernambuco, arribou em Porto Rico, colheu e redigiu as primeiras informações sobre a presença de extrangeiros nas terras do cabo do Norte, *L—O,* 119/121.

Do reino, depois de escrever uma substancial relação dos successos recentes, que é um jorro de luz sobre a *jornada milagrosa, L—O,* 123/129, foi mandado com armas, munições e soldados a Pernambuco na mesma caravela que transportava Diogo de Campos á peninsula, e commandando-a acompanhou Alexandre de Moura até a entrega da ilha do Maranhão. Partiu logo para o reino; a 28 de Junho de 1617 chegou a Belám com quatro franciscanos, provido no cargo de provedor da fazenda real da capitania, Berredo, § 443, Varnhagen, *Hist. geral*[2], 452. No anno seguinte ou em 1619 andava nas caravelas de aviso, *L—O,* 187.

Prevendo os desvarios de Caldeira, Gaspar de Sousa indicou para substitui-lo a «Manuel de Sousa de Sá que naquella conquista tem bem servido e sabe a lingua, alem de ter partes e calidades pera isso», Studart, **1**, 127. Nomeado para o cargo apresentou um memorial com as medidas necessarias para bem desempenha-lo, *L—O,* 185/188. Só partiu com o governador Carvalho, e de Pernambuco foi com D. Francisco de Moura para a guerra da Bahia, combatendo até ao fim.

No Pará foi talvez o fundador do forte de Gurupá. O seu memorial salienta a importancia capital deste ponto, ao contrario de Bento Maciel, que annos mais tarde opinava por seu desmantelo, *L—O,* 195, não levado a effeito graças ás valiosas ponderações de D. Luis de Sousa, conde do Prado, Studart, **3**, 33.

Pouco tempo se houve bem com Francisco Coelho de Carvalho, que o mandou prender. Morreu no car-

cere como seus successores immediatos, Aranha de Vasconcellos e Luis do Rego de Barros, *L—O*, 309. Nem uma carta sua desse tempo chegou a nossos dias e pouco nos adianta Berredo, ora inexacto, ora impreciso, todo enlevado nas louçanias de seu estylo rebicado.

Foi muito censurado Manuel de Sousa de Sá por ter dado liberdade, permittindo acompanhassem a frei Antonio da Merciana, aos prisioneiros de Cocodivae, *L—O*, 191, Studart, 2, 246. Estes deram comsigo em Hollanda, encontraram Bernardo O'Brien e tanto exaltaram seu conhecimento da Amazonia, sua pericia na lingua da terra, sua influencia entre os naturaes que o conselho de Zelandia chamou-o, confiou-lhe quatro navios, uma companhia de soldados irlandezes, inglezes, francezes e hollandezes e o fez «capitão geral, marchante maior, piloto maior e lingua dos navios».

O'Brien sahiu de Zelandia a 24 de Janeiro de 1629 com dois navios, um de dezoito peças de artilharia de bronze e ferro, outro de seis, entrou pelo Amazonas, fez em Toherego um forte com uma peça de artilharia e quatro pedreiros, onde deixou os dois irlandezes encontrados em Hollanda, Diogo Porçal e Mathias O'Mallon — Gomes Procel e Martonimor lê-se *L—O*, 191.

Com quarenta e dous soldados internou-se para tratar com os naturaes, mas na distancia de quarenta leguas soube que o forte estava sendo atacado e tornou a toda pressa. Eram duzentos brancos e sete mil indios mandados do Pará pelo capitão-mór Manuel de Sousa ás ordens de Pedro da Costa Favella — (elle diz pelo governador do Maranhão, mas sabemos que foi pelo capitão-mór do Pará). Travou combate e apesar de ferido desbaratou-os e obrigou-os á retirada. Os sitiantes sabendo que se chamava Bernardo, appellidaram-no Bernardo del Cárpio, nome sob que figura em papeis portuguezes e espanhóes.

Em Setembro, novo ataque por trezentos portuguezes e quinze mil indios mandados por Pedro Teixeira, que foi obrigado e levantar o acampamento e recolher-se a

um fortim. Nesta occasião appareceram um navio zelandez com soccorros, dois inglezes com ordem do rei de Inglaterra aos irlandezes de prestarem obediencia sob pena de traição. Estes vendo que, quer triumphassem zelandezes quer inglezes, ficaria dominando a heresia, abriram negociações com Teixeira e entregaram o forte mediante condições que foram aceitas e juradas na presença de frei Luis d'Assumpção, capellão-mór da tropa.

As condições foram escandalosamente violadas, os capitulantes desterrados para Cayté e outras partes; de seus bens apossaram-se o governador, o ouvidor, Pedro Teixeira. Isto, junto a queixas contra a rapacidade de Coelho, a morte de Manuel de Sousa no carcere, provocou indignação geral de que se constituiu echo frei Christovão de S. José, pregador regio, custodio dos capuchos. Do pulpito bradou: não espanta que uma cobra mate um veado; em Pernambuco ouvi dizer que um coelho tragou um navio com toda a sua enxarcia. Era uma allusão ferina ao governador. A meia noite o convento dos franciscanos foi apedrejado, e morto um frade parecido com o pregador, quando acendia uma vela na lampada do altar-mór.

Bernardo del Carpio O'Brien sahiu do Maranhão a 23 de Novembro de 1634, encontrou-se em Hollanda com o jesuita paulista Manuel de Moraes, que apostatara, passou a Espanha e ali escreveu o memorial aqui aproveitado. Que credito merece? Salvo o caso das Amazonas suas affirmativas conciliam-se todas com as dos portuguezes.

Os hollandezes do Amazonas estabeleceram feitorias, construiram fortes, commerciaram pacificamente com os Aruans e deferiram bastante do que na India e no Brasil atacaram terras já colonisadas. O mesmo fizeram nas Guayanas, aonde commerciaram com os Carahibas, de quem tomaram a palavra *Anoto* para designar urucú. Cf. os interessantes estudos de G. Edmundson na *English historical Review,* **16/19.**

O capitulo 9.º bruscamente interrompido, *infra*, 490/491, pode completar-se com Severim de Faria, *Hist. portuguesa*, 12, onde o copista escreveu Pernambuco em vez de Rio de Janeiro. Cf. Studart, 1, 198.

Sobre a conquista e reconquista da Bahia appareceram varios escritos *infra*, 563, entre elles um de Severim de Faria, que não foi possivel consultar, e outro do jesuita Bartholomeu de Guerreiro, que o nosso autor não utilisou muito.

A este refere-se em termos pouco favoraveis frei Christovão de Lisboa numa das cartas referidas acima. Só em nossos dias foi impressa a narrativa dos successos feita por Antonio Vieira, adolescente que neste primeiro ensaio já revela a possança de suas asas. Frei Vicente assistia ao drama de dentro da cidade sitiada, Vieira do campo dos sitiantes.

Na *English historical Review* G. Edmundson começou, mas não concluiu, uma importante monographia sobre os hollandezes no Brasil a partir de 1624.

CAPITULO PRIMEIRO

Da vinda do decimo governador do Brasil Gaspar de Sousa e como veiu por Pernambuco a dar ordem á conquista do Maranhão.

Sabida por Sua Magestade a nova da morte de D. Francisco de Sousa, tornou a juntar o governo do Brasil todo em um e o deu a Gaspar de Sousa. E, porque os francezes em o anno de 1612 tinham ido a povoar o Maranhão, dizendo que não tinham os reis de Portugal mais direito nelle que elles, pois Adão o não deixara em testamento mais a uns que a outros, e com este pretexto trouxeram doze religiosos da nossa ordem capuchinhos pera converterem os gentios, meio efficacissimo pera com muita facilidade os pacificarem e povoarem a terra, mandou Sua Magestade ao governador que viesse por Pernambuco para dahi dar ordem a lançar os francezes do Maranhão e o povoar e fortificar, pois era da sua conquista pela corôa de Portugal, e que D. Diogo de Menezes, seu antecessor, se fosse para o reino, pois tinha acabado o seu triennio, e ficassem governando a Bahia, emquanto elle a ella não vinha, o chanceller Ruy Mendes de Abreu e o provedor-mór da fazenda Sebastião Borges. Aos quaes, por serem ambos muito velhos e enfermos, ajuntou o governador por sua provisão Balthazar de Aragão, aqui morador, por capitão-mór da guerra

por terra, por ter aviso que vinham inimigos á terra, e em Pernambuco pera a do Maranhão a Hyeronimo de Albuquerque, que mandou com cem homens por mar em quatro barcos descobrir os portos, e o que nelles havia. O qual, discorrendo a costa avante do Ciará, foi até o buraco das Tartarugas, e dahi fez uma cerca e deixou um presidio donde, mandando o capitão Martim Soares Moreno em um barco a descobrir o Maranhão, se tornou a Pernambuco a dar conta ao governador do que tinha feito e pedir mais gente e cabedal pera a conquista, que o governador dilatou até a vinda de Martim Soares e sua informação, occupando-se entretanto no governo politico e administração da justiça, sem em esta fazer excepção de pessoas, pelo que era amado dos pequenos e temido dos grandes. Fez tambem fazer algumas obras importantes, como foi uma formosa casa pera a alfandega sobre o varadouro, onde se desembarcam as fazendas das barcas, e algumas calçadas nas ruas da villa, e uma mui comprida no caminho de Jaboatão, onde com a muita lama atolavam os bois e carros, e não podiam trazer as caixas de assucar dos engenhos.

Em este interim foi Martim Soares seguindo sua viagem, descobrindo e reconhecendo a bahia, rios e portos do Maranhão, e por via de Indias levou recado ao reino que estavam alli francezes em commercio, com o qual aviso mandou Sua Magestade ordem ao governador que tornasse a enviar a este descobrimento o dito Hyeronimo de Albuquerque.

CAPITULO SEGUNDO

De como mandou o governador a Hyeronimo de Albuquerque conquistar o Maranhão.

Eleito Hyeronimo de Albuquerque por capitão-mór da conquista do Maranhão, como temos dito, se foi logo ás aldeias do nosso gentio pacifico e, por lhes saber falar bem a lingua e o modo com que se levam, ajuntou quantos quiz. Um contarei só do que houve em uma aldeia, pera que se veja a facilidade com que se leva este gentio de quem os entende e conhece, e foi que poz a uma parte um feixe de arcos e frechas, a outra de rocas e fusos, e mostrando-lhos lhes disse: «Sobrinhos, eu vou á guerra, estas são as armas dos homens esforçados e valentes, que me hão de seguir; estas das mulheres fracas e que hão de ficar em casa fiando; agora quero ouvir quem é homem ou mulher». As palavras não eram ditas, quando se começaram todos a desempulhar e pegar dos arcos e frechas, dizendo que eram homens e que partissem logo pera a guerra. Elle os quietou, escolhendo os que havia de levar, e que fizessem mais frechas e fossem esperar a armada ao Rio-Grande, onde de passagem os iria tomar.

Não ajuntou com tanta facilidade o governador os soldados brancos que queria mandar, porque, excepto alguns que por sua vontade se offereceram a ir, os mais

nem com prisões podiam ser trazidos, porque, como os traziam de longe e por mattos dos engenhos e fazendas, de noite fugiam e de dez não chegavam quatro. Porém cahiu em uma traça mui boa, que foi obrigar aos homens ricos e afazendados, que tinham mais de um filho, que dessem outro, com o que lhe sobejou gente; porque nem um homem destes mandou seu filho sem ao menos mandar com elles um criado branco e dous negros.

Tambem pediu dous religiosos da nossa ordem, e o prelado lhe deu o irmão frei Cosme de S. Damião, varão prudente e observantissimo da sua regra, e frei Manoel da Piedade, mui perito na lingua do Brasil, e respeitado dos indios petiguares e tobajares, assim por seu pai João Tavares, como por seu irmão frei Bernardino das Neves, dos quaes temos tratado no livro precedente. E, porque a guerra não havia de ser só contra os indios, sinão tambem contra francezes, que estavam com a fortaleza feita e já prevenidos, deu o governador a Hyeronimo de Albuquerque por companheiro o sargento-mór do estado Diogo de Campos Moreno, soldado experimentado nas guerras de França e Flandres, e que sabia bem formar um campo, e os ardis e tretas da peleja.

Feito isto se embarcaram todos dia de S. Bartholomeu, 24 Agosto da éra de 1614, em uma caravela, dous patachos e cinco caravelões. Na caravela ia o capitão-mór e seu filho Antonio de Albuquerque por capitão de uma companhia de cincoenta arcabuzeiros, de que era alferes Christovão Vaz Moniz e sargento João Gonçalves Baracho; em um dos patachos ia o sargento-mór do Estado Diogo de Campos Moreno com quarenta homens; no outro o capitão Gregorio Fragoso de Albu-

querque, que ia por almirante, com cincoenta soldados tambem arcabuzeiros, e seu alferes Conrado Lins e sargento Francisco de Novaes.

Dos caravelões eram capitães Martim Callado com vinte e cinco homens, o sargento de Antonio de Albuquerque com doze, Luis Machado com quinze, Luis de Andrade com doze e Manoel Vaz de Oliveira com outros doze, e além desta gente branca, iam mais duzentos indios de peleja, que Hyeronimo de Albuquerque tinha escolhido nas aldeias da Parahiba e o estavam esperando no Rio-Grande os mais delles com suas mulheres e familias, onde os foi tomar e os repartiu pelas embarcações; lhe requereram os religiosos mandasse ficar as indias que iam sem maridos e algumas outras que já de Pernambuco iam amancebadas e assim se fez.

Dalli foram ao buraco das Tartarugas, onde havia deixado o presidio, no qual se havia já provado a mão com os francezes, que alli foram aportar em a náu *Regente*, e desembarcaram duzentos com o seu capitão ás duas horas da tarde, onde lhes sahiram o capitão Manuel de Sousa e Sá com dezoito arcabuzeiros, e matandolhes alguns os fez embarcar, ficando tambem dos nossos um morto e seis feridos. E deu por causa o Monsiur a quem lhe perguntou porque se retirara, que viram muita gente na trincheira donde os nossos sahiram e temera que vindo de soccorro lhes não poderiam escapar, não tendo por possivel que tão poucos homens houvessem commettido a tantos sinão com as costas quentes (como diziam), e confiados nos muitos que trás elles sahiram. E os muitos eram vinte soldados que haviam ficado por não terem polvora e munição, e se assumavam por cima da trincheira a ver de palanque a briga, que na

praia se fazia, mas melhor causa dera si dissera que o quiz assim Deus. E foi esta victoria como um presagio da que havia de conseguir no Maranhão, para onde se embarcou tambem Manuel de Sousa com os seus soldados, e Hyeronimo de Albuquerque o fez capitão da vanguarda de todo o exercito.

CAPITULO TERCEIRO

Da guerra do Maranhão, e victoria que se alcançou.

Do buraco das Tartarugas se partiu a nossa armada aos 28 de Setembro da dita éra e navegando tres dias inteiros foi ao quarto surgir a uma barra de um rio chamado Apareá, onde houve opiniões si fariam algum forte, dizendo Diogo de Campos que não fossem logo buscar direitamente o inimigo aonde estava com toda a força, mas que lhe fossem pouco a pouco ganhando terra. Comtudo Hyeronimo de Albuquerque disse que isso era infinito, e mandou ao piloto-mór Sebastião Martins com o capitão Francisco de Palhares e treze soldados que fossem sondar o rio e reconhecer a terra, como foram, e, tendo andado vinte leguas pouco mais ou menos, deram na bahia do Maranhão da banda do Sul em um bom porto, que lhes pareceu capaz para estar a armada surta.

Com a qual informação se fez toda á vela e, navegando cinco dias por onde o batel tornou, chegou a este porto aos 28 do mez de Outubro, dia dos bemaventurados apostolos S. Simão e S. Judas, donde desembarcaram na terra firme e começaram a fazer um forte a que chamaram de Santa Maria, no qual, ainda que de faxina e materia fraca, *materiam superabat opus*, pela boa traça que lhe deu o capitão Francisco de Frias,

architecto-mór de Sua Magestade em estas partes do Brasil. E este forte se fez ao Léste da ilha de S. Luis, onde estavam os francezes, os quaes, vendo as nossas embarcações e sabendo pelos indios que traziam por espias a pouca gente que em ellas estava, deram nellas uma noite e as tomaram com alguns marinheiros, que ainda se não haviam desembarcado.

E dalli a oito dias, que era o de S. Isabel rainha de Portugal, em ellas mesmas e nas suas, com mais quarenta e seis canôas em que iam tres mil indios frecheiros, se passaram da ilha e foram surgir espaço de dous tiros de mosquete abaixo do nosso forte, onde logo começaram a desembarcar os das canôas e das outras embarcações maiores, ficando o seu general Daniel de Touche, que era Monsiur de Reverdière e calvinista, em as maiores ao pego, esperando que enchesse a maré pera sahir com os mais.

O que visto pelos nossos e que, si deixavam fortificar em terra e pôr-nos cêrco, não era o nosso forte bastante para lhes resistir, nem havia nelle mantimentos bastantes pera resistir á fome, determinaram sahir logo a elles, como fizeram, indo Hyeronimo de Albuquerque com oitenta arcabuzeiros e cem frecheiros pela montanha e Diogo de Campos pela praia com o resto da gente, que era ainda menos, que ficavam no fórte sessenta soldados e alguns indios a cargo do capitão Salvador de Mello, pera que, si fosse necessario soccorro, o désse. E, indo assim marchando o sargento-mór pela praia, chegou um francez trombeta, em uma canoinha que remavam quatro indios, e lhe deu uma carta do seu general Monsiur de Reverdière, de grandes ameaças, si lhe quizessem resistir, e que lavava as mãos do sangue

que se derramasse, porque tinha por si o direito da guerra e muito maior força. A qual carta o sargento-mór metteu entre o véu do chapéu, e mandou o portador com outro véu nos olhos ao forte, pera que o tivessem preso entretanto, porque não havia já tempo pera mais outra resposta que esperar o signal que Hyeronimo de Albuquerque havia de dar pera remetterem. O qual dado, com um grande urro que deu o nosso gentio ao sahir da brenha, donde o inimigo se não receiava, remetteram tambem os da praia, indo em meio delles os nossos dous frades, frei Manoel e frei Cosme, cada um com uma cruz em a mão, animando-os e exortando-os á victoria, que Nosso Senhor foi servido dar-lhes, em tal modo que pouco mais de meia hora mataram setenta francezes, e entre elles o tenente do seu general, tomaram vivos nove e puzeram os mais em fugida, morrendo dos nossos sómente quatro e alguns feridos, entre os quaes foi um o capitão Antonio de Albuquerque, filho do capitão, com dous pelouros de arcabuz em uma coxa.

Visto pelo general francez este destroço dos francezes e dos seus indios, que ficaram muitos mortos e os mais fugidos, e que esta fôra a resposta da sua arrogante carta, se tornou pera a ilha com a sua armada e menos arrogancia.

CAPITULO QUARTO

Das treguas que se fizeram entre os nossos e os francezes no Maranhão.

Ao dia seguinte mandou o general dos francezes outra carta a Hyeronimo de Albuquerque, em que lhe fazia cargo do mal que havia guardado as leis da guerra em lha dar sem primeiro responder á outra sua carta, antes lhe prender o portador, ameaçando-o que, si lho não mandava com os mais que lá tinha, havia de enforcar á sua vista os portuguezes que tinha na ilha, que haviam levado com os navios. E não se enganasse pela victoria alcançada, cuidando alcançaria outra, porque lhe haviam ficado ainda muitos e bons soldados, fóra outros que esperava de França, e muitos milhares de gentios, com que lhes havia fazer cruel guerra e tomar vingança das crueldades que haviam usado com os seus, e assignou-se ao pé da carta «Este seu mortal inimigo de Reverdière».

A esta respondeu Hyeronimo de Albuquerque que elle senhor de Reverdière fôra o que quebrara as leis e pratica da guerra, mandando-lhe tomar os navios que estavam com quatro pobres marinheiros desarmados no porto da conquista de Sua Magestade, sem lhe escrever primeiro, sinão depois de ter lançado em terra junto ao seu forte tresentos francezes e tres mil indios armados, que se começavam a fortificar. Donde já não havia outra

resposta sinão a que dá o direito, que é com uma força desfazer outra e que, si elle lá enforcasse os portuguezes cativos, mal seria que faria aos seus que cá tinham. Estas e outras razões continha a carta, a que logo o francez respondeu com outra já mais branda e cortez, e assim foram as que dalli por diante se escreveram de parte a parte, e por fim succedeu como a jogadores de cartas, que depois de grandes invites e revites, de restos vieram a partido e concerto. Sobre o qual (havido salvo conducto dos generaes) vieram ao nosso forte de Santa Maria o capitão Malharte e um cavalleiro da ordem de S. João, e foi aos seus navios, onde o general então estava, Diogo de Campos Moreno, collega do capitão-mór, e o capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobrinho e, depois de declararem uns e outros o que queriam e assentarem que o general francez, pois commettia as pazes, fizesse os capitulos dellas, se vieram os nossos mensageiros e se foram os seus, e ao dia seguinte tornou o capitão Malharte com os capitulos por escrito, que eram os seguintes:

Forma das treguas.

«Artigos acordados entre os senhores Daniel de La Touche, senhor de la Raverdière, logar-tenente general do Brasil pelo christianissimo rei de França e de Navarra, agente de Micer Nicolas de Harley, senhor de Sansy, do conselho de Estado do dito senhor rei e do conselho privado, barão de Molé, e Grosbués; e por Micer de Rasilli, entre ambos logar-tenentes generaes por el-rei christianissimo em as terras do Brasil com cem leguas de costa com todos os meridianos em ellas inclusos; e Hyeronimo de Albuquerque, capitão-mór pela

Magestade de el-rei Philippe Segundo da jornada do Maranhão, e assim o capitão e sargento-mór de todo o estado do Brasil, Diogo de Campos, collega e collateral do dito capitão-mór, et cetera.

Item — Primeiramente a paz se accordou entre os ditos senhores do dia de hoje até o fim de Novembro do anno de 1615, durante o qual tempo cessarão entre elles todos os actos de inimizade, que hão durado de 28 de Outubro até hoje, por falta de saber as tenções de uns e outros, donde se seguia grande perda do sangue christão de ambas as partes e grandes desgostos entre os ditos senhores.

Item — Se accorda entre os ditos senhores que enviarão as Suas Magestades christianissima e catholica dous fidalgos para saber suas vontades tocantes a quem deve ficar em estas terras do Maranhão.

Item — Durante o tempo que os ditos mensageiros tardarem em tornar da Europa e trazer de Suas Magestades o accôrdo e ordem do que se deve seguir, nem um portuguez passará a ilha, nem francez á terra firme de Léste sem passaporte dos senhores generaes, excepto elles e seus criados sómente, que poderão ir e vir aos fortes da ilha e terra firme todas as vezes que lhes parecer.

Item — Que os portuguezes não tratarão cousa alguma com os indios do Maranhão a qual não seja tratada pelos linguas do senhor Reverdière, e nem elles consentirão pôr os pés em terra a menos de duas leguas de suas fortalezas, nem de seus portos sem permissão do dito senhor.

Item — Que tanto que o recado vier de Suas Magestades, a nação que se mandar ir se aprestará dentro de tres mezes pera deixar ao outro a terra.

Item — Se accorda que os prisioneiros que foram tomados de uma parte e da outra, assim christãos como gentios, fiquem livres e sem alguma lesão; mas, si alguns delles por algum tempo quizerem ficar em a parte que se acham, lhes será permittido.

Item — Que o senhor de Reverdière deixará o mar livre aos senhores Albuquerque e Campos, para que possam nos seus navios fazer vir todas as sortes de vitualhas que houverem mister com toda a seguridade e, si succeder que lhes venha soccorro de gente de guerra, nem por isso haverá alteração alguma emquanto durar o tempo da paz, da maneira que está assentado.

Item — Que nem um accidente em controversia do que está assentado por estes senhores terá capacidade de fazer romper este contrato de paz, a causa das grandes allianças que hoje ha entre Suas Magestades e o prejuizo que pode vir em alterar-se e, si succeder algum caso de aggravo entre os christãos ou gentios de uma e outra parte, a nação aggravada fará a sua queixa ao seu general pera lhe dar remedio. E quanto a outras cousas de menos importancia os ditos senhores não as especificam, porque se confiam em suas palavras, em as quaes não faltarão jamais, como gente de honra, e para seguridade e firmeza de tudo o atraz declarado mandaram fazer estas, em que todos tres os ditos senhores se assignarão e sellarão com os sellos de suas armas. Feita em armada franceza, diante o forte dos portuguezes em o rio Maranhão, 27 de Novembro de 1614 annos».

Depois de apresentados estes capitulos e vistos pelos nossos capitães, ao dia seguinte vieram Monsiur de Reverdière e Monsiur del Prate e frei Angelo, commissario dos capuchinhos, com tres frades companheiros e outros fidalgos francezes, com mostras de muita alegria, a que da nossa parte se respondeu com a mesma, e se assignaram as pazes em o nosso forte de Santa Maria, onde estiveram todo o dia, e á tarde se embarcaram com grande salva de artilharia, e se foram pera a ilha.

Os que levaram esta embaixada á Espanha foram o sargento-mór Diogo de Campos, e com elle como em refens o capitão Malharte francez, e da mesma maneira foi com o embaixador francez o capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que lá morreu. E tambem se foram logo os frades francezes, vendo o pouco fruto que faziam na doutrina dos gentios por lhe não saberem a lingua, deixando aos dous da nossa custodia que a entendiam e sabiam seus modos, e não foram pouco admirados de ver que nestas partes tão remotas houvesse religiosos tão observantes da regra do nosso seraphico padre S. Francisco. Não menos o ficaram os nossos de ver que religiosos de tanta virtude e autoridade viessem em companhia de hereges, posto que nem todos o eram, que muitos eram catholicos romanos, que ouviam missa, confessavam-se e commungavam-se. Tambem se partiu Manuel de Sousa de Sá em um caravelão com a nova ao governador geral Gaspar de Sousa, mas arribou ás Indias, e de lá a Lisboa, donde com a nova lhe trouxe juntamente cartas de Sua Magestade e ordem do que havia de fazer.

CAPITULO QUINTO

Do soccorro que o governador Gaspar de Sousa mandou por Francisco Caldeira de Castello Branco ao Maranhão.

Entendendo o governador a necessidade que haveria no Maranhão de soccorro assim de gente como de munições e mantimentos, logo em o anno seguinte de 1615 ordenou outra armada, de que mandou por capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco, por almirante Hyeronimo de Albuquerque de Mello em uma caravela, o capitão Francisco Tavares em outra, e João de Sousa em um caravelão grande.

Partiram do Recife, porto de Pernambuco, em 10 dias do mez de Junho da dita éra, e aos 14 chegaram á enseada de Mucurippe, que dista da fortaleza do Siará tres leguas, onde ancoraram e sahiu a gente em terra a se lavar e refrescar, porque iam alguns doentes de sarampo, que com isto guareceram, e os sãos pescaram com uma rede, que lhe deu o tenente da fortaleza, e tomaram muito peixe.

Aqui achou o capitão Francisco Caldeira tres homens, que Hyeronimo de Albuquerque, capitão-mór do Maranhão, mandava por terra pedir soccorro ao governador, e estes eram Sebastião Vieira, Sebastião de Amorim e Francisco de Palhares, dos quaes os dous primeiros não deixaram de continuar seu caminho com as

cartas que levavam do Maranhão, e outras que daqui se escreveram, mas o Palhares se embarcou na armada assim pelo soccorro que já nella ia, como por dizer o tenente que havia poucos dias se partira daquelle porto um patacho, que tambem el-rei mandara de Lisboa com munições e polvora e mais cousas necessarias.

Aos 17 se tornou a nossa armada a fazer á vela e foi ancorar ao buraco das Tartarugas aos 18, donde mandou o capitão um lingua com alguns indios a uma aldeia da gente do Diabo-Grande, que era um principal dos tobajares assim chamado, ficando entretanto os mais pescando em a praia e comendo aboboras e melancias, que acharam alli muitas, das plantas que havia deixado Manuel de Sousa de Sá quando alli esteve, e Hyeronimo de Albuquerque quando passou. E, depois de tomar lingua com os nossos indios e mais quatro que se offereceram do Diabo-Grande pera a viagem, a tornaram a seguir até a barra do rio Apereá, onde surgiram dia de S. João Baptista. E ao entrar tocou o patacho, em que ia o capitão-mór, em um banco de areia, de que escapou milagrosamente, porque, havendo só cinco palmos de agua e demandando o capitão dez, indo com as velas todas enfunadas o cortou ou saltou como quem salta a fogueira de S. João, e se poz da outra parte do banco onde era fundo.

Dalli mandou um barco com seis homens do mar e tres soldados, de que ia por capitão Francisco de Palhares, pera que fossem dar nova a Hyeronimo de Albuquerque de como alli estavam e lhes mandasse pilotos que os levassem pelo rio dentro ou ordem do que haviam de fazer, como logo lhes mandou dous pilotos, os quaes foram de parecer que não fossem por dentro,

por cousa de ser o rio de pouco vento e muitos baixos, por conseguinte a viagem arriscada e, quando menos, detençosa. E assim tornaram e se embarcar e foram por fóra em dous dias surgir ao nosso porto da nossa fortaleza de S. Maria vespora da visitação da Senhora, que não foi pequeno contentamento do capitão-mór Hyeronimo de Albuquerque e dos mais que alli estavam soffrendo grandes necessidades, vendo que os visitava o Senhor em aquelle dia com tão grande soccorro. E assim se festejou com salva de toda a artilharia e arcabuzaria de parte a parte, como pelo contrario se entristeceram os francezes, entendendo que alterariam os nossos as pazes que com elles tinham feito.

E assim succedeu que, acabado de descarregar os navios da fazenda, mantimentos, polvora e munições que levavam, feita entrega de tudo ao almoxarife, e dos soldados ao capitão-mór, com que reformou as companhias que tinha e fez mais de duas de novo de sessenta homens cada uma, que entregou a Hyeronimo de Albuquerque de Mello, seu sobrinho, e a Francisco Tavares, logo mandou chamar o general dos francezes Monsiur Raverdière e, depois de lhe fazer uma formosa mostra da sua soldadesca, da praia, onde o foi receber com Francisco Caldeira, até a fortaleza, se recolheram todos tres pera dentro, e lhes disse o capitão-mór como Francisco Caldeira de Castello Branco levava ordem do governador geral Gaspar de Sousa pera por armas, quando não quizesse por vontade, lhe fazer despejar o Maranhão e as fortalezas que tinha na ilha de S. Luis, porque não havia consentido nas treguas, nem ainda sabia dellas.

Ao que o Raverdière respondeu que, conforme o concerto que tinham feito, se devia esperar resposta

de seus reis, a quem tinham escrito, e não anovar nem alterar cousa alguma; mas comtudo que iria dar conta aos seus de que se tratava e brevemente responderia, o que fez dahi a quatro dias, pedindo que fossem lá o capitão Caldeira e o padre frei Manoel da Piedade propôr aos seus o que se havia tratado, e que elles levariam a ultima resolução e resposta do negocio. Os quaes se embarcaram na mesma lancha franceza que havia levado a carta e, desembarcando na ilha de S. Luis, se foram á fortaleza do nome do mesmo santo, onde os francezes estavam e se detiveram lá em altercação treze dias. Da qual dilação, presumindo mal Hyeronimo de Albuquerque, começava já se aperceber pera levar o negocio á força, e lhe fôra muito facil por ter já todo o gentio do Maranhão inclinado a o ajudarem contra os francezes; porém elles se resolveram em largar tudo sem mais contenda, dando-lhes embarcações em que se fossem pera França, pelo que se passaram os nossos pera a ilha, a um forte e cerca que fizeram a que puzeram o nome de S. Joseph, e alli os deixemos por ora, porque importa tratar de outras cousas.

CAPITULO SEXTO

De como o capitão Balthazar de Aragão sahiu da Bahia com uma armada contra os francezes e se perdeu.

Recebendo Balthazar de Aragão a provisão de capitão-mór da guerra desta Bahia, junto com o aviso da vinda dos inimigos francezes, como dissemos no capitulo primeiro, logo começou a aperceber e fortificar assim a cidade como a praia, cercando-as de suas cercas de páu a pique, com tanta diligencia que a todo o instante trabalhava com os seus escravos e criados sem occupar a outros, sinão era a officiaes de carpinteiros e pedreiros, com que fez de pedra e cal o muro e portal da banda do Carmo, que até então era de terra de pilão, reformou e fortificou as portas, o que tudo pagou da sua bolça, e até os páus pera a cêrca da praia mandou vir quasi todos nas barcas dos seus engenhos.

Estando assim prestes aguardando os inimigos, soube que andavam na barra pera a parte do morro de S. Paulo seis náus francezas e, aprestando das portuguezas que estavam á carga outras tantas, elle se embarcou em uma sua, que já tinha dentro tresentas caixas de assucar, levando comsigo suas charamellas, baixella de prata e as mais ricas alfaias de sua casa, porque determinava levar logo de lá a preza ao governador, que estava em Pernambuco. Das outras náus deu a melhor

a Vasco de Brito Freire, que fez seu almeyrante, e as outras a Gonçalo Bezerra e Bento de Araujo, que eram capitães de el-rei e comiam seu soldo nesta cidade, e ao alferes Francisco do Amaral, e a outro chamado Queirós.

No dia seguinte depois que partiram, e foi o do bemaventurado apostolo S. Mathias, encontraram com os francezes e pelejaram de parte a parte animosamente, e os nossos com muita ventagem, porque lhes tomaram uma náu e lhes trataram a almeyranta tão mal que ao outro dia seguinte se foi ao fundo. Só a capitanea quiz Balthazar de Aragão poupar, não querendo que lhe tirassem sinão abalroar com ella e tomal-a sã e inteira pera a levar por tropheu em seu triumpho; mas, não sei si com este vento, si com outro que lhe deu nas velas, quando ia já pera a ferrar, pendeu tanto a sua náu que tomou agua pelas portinholas da artilharia e, calando-se pelas escotilhas que iam abertas, foi entrando tanta que incontinenti se foi ao fundo com seu dono, o qual, quando se fazia, dizem que dizia: Faço o meu ataude.

E com elle se afogaram mais de duzentos homens, assim dentro na náu como nadando no mar, donde não houve quem os tomasse, porque a almeyranta se recolheu e os mais com ella, podendo seguir a victoria com muita facilidade e, si alguns se salvaram, foi nadando até ás náus dos inimigos que os tomaram, como foi Francisco Ferraz, filho do desembargador Balthazar Ferraz, que era sobrinho da mulher do Aragão, o qual depois deitaram os francezes em terra sessenta leguas do Rio-Grande pera o Maranhão com outros dous ou tres homens, onde de fome e cansaço do caminho mor-

reu ao passar de um rio á pura mingua, sendo que tinha de patrimonio nesta bahia mais de cincoenta mil cruzados. Porque tambem seu pai morreu logo de desgosto publicamente se disse ser justo juizo de Deus por um caso exorbitante, que pouco antes havia acontecido, e foi o seguinte.

Tinha Balthazar Ferraz aqui um sobrinho, o qual se namorou de uma moça casada com um mancebo honrado e chegou a tirar-lha de casa e trazel-a de sua mão por onde queria, e finalmente mandal-a pera Vianna donde era natural. Querelou delle o marido diante do ouvidor geral Pero de Cascaes, que o prendeu valorosamente, e preso na cadeia se livrou até final sentença, trabalhando o tio tanto em desviar testemunhas, recusar a parte e outras astucias que os desembargadores o julgaram por solto e livre e, si os pregadores o estranhavam no pulpito, diziam que eram uns ignorantes e que nunca outra mais justa sentença se dera no mundo, e assim não havia mais remedio que appellar pera Nosso Senhor Jesus Christo, o qual, como recto juiz, permittiu que o réu se embarcasse com o primo e parente e todos acabassem desastradamente e o tio, que se não embarcou, tambem com elles.

Outro mancebo chamado Agostinho de Paredes foi a nado até a almeyranta dos inimigos; mas, como estavam colericos por lhe terem a náu tão maltratada, não o quizeram recolher, antes indo subindo o feriram com um pique em um hombro, de que, depois de escapar do naufragio e dos tubarões, que o iam seguindo pelo sangue, nadando mais de uma legua pera a terra, esteve a ponto de morte em mãos de surgiões, mas sarou e viveu depois muitos annos.

CAPITULO SETIMO

Da vinda do governador Gaspar de Sousa de Pernambuco á Bahia e do que em ella fez.

Depois que o governador mandou o capitão Francisco Caldeira de Castello Branco com o soccorro ao Maranhão e soube o successo da morte do capitão Balthazar de Aragão na Bahia, pela qual nella sua presença era mais necessaria, deu uma chegada e não esperou que o fossem receber com palio e solemnidade, como se sóe fazer aos governadores quando vêm, mas secretamente, com só um criado, se foi metter em casa, dizendo que o fazia por sentimento da morte de Balthazar de Aragão.

O dia seguinte foi á sé. O primeiro dia que foi presidir a relação fez uma pratica aos desembargadores, ácerca das queixas que delles tinha ouvido, que não ficaram mui contentes e, si as de ouvido lhes não ficaram no tinteiro, menos lhe ficou depois alguma, si a viu, que logo a não reprehendesse.

E' incrivel o cuidado com que Gaspar de Sousa vigiava sobre todos os ministros e officios de justiça e fazenda, da milicia e da republica, sem lhe escapar o erro ou descuido do almotacé ou de algum outro, que não emendasse. Esta era a sua occupação, não jogos e passatempos, com que outros governadores dizem evi-

tam a ociosidade, os quaes elle desculpava, dizendo que teriam mais talento, pois, com lidar e trabalhar de dia e de noite nas cousas do governo, confessava de si que não acabava de remedial-as. Mas foi pouco venturosa a Bahia em não o gozar muito tempo, porque não havia estado nella quatro mezes quando foi chamado á Pernambuco, pelo recado de el-rei que lhe veiu ácerca do Maranhão, e assim fez uma junta ou vestoria na sé com os desembargadores e officiaes da fazenda, da camera e da architectura, sobre si a derribariam e fariam de novo, ou reparariam somente o que estava arruinado, que era um arco da nave, uma parede e o portal principal. E, posto que o seu voto era que só se reparassem as ruinas, accrescentasse a capella-mór e se fizesse um côro alto que ainda não havia, comtudo os mais votos foram que se fizesse de novo, como se começou a fazer, pera tarde ou nunca se acabar. Com isto se embarcou o governador pera Pernambuco, e ficaram governando a Bahia o chanceller Ruy Mendes de Abreu e o provedor-mór da fazenda Sebastião Borges, como dantes.

CAPITULO OITAVO

De como o governador tornou pera Pernambuco e mandou Alexandre de Moura ao Maranhão.

O governador se embarcou em uma caravela de castelhanos que nesta bahia estava invernando pera no verão ir ao rio da Prata, e esta viagem acertei de ir a Pernambuco com elle, e fomos em poucos dias, mas um antes de chegarmos houve tão grande tromenta do Sul que, temendo o governador de se sossobrar a caravela com as grandes marés, mandou soltar dos ferros os presos que levava condemnados á conquista do Maranhão, e me mandou pedir alguma reliquia pera deitar ao mar e que fizessemos as nossas deprecações a Deus Nosso Senhor, como fizemos. E meu companheiro lhe mandou o cordão com que estava cingido, o qual penduraram do bordo até o mar, e quiz Nosso Senhor que a caravela incontinente se quietasse e moderasse o vento e os mares, de modo que ao dia seguinte entramos com bonança.

O que visto pelos castelhanos não quizeram tornar o cordão, dizendo que por elle esperavam ir seguros de tempestades ao rio da Prata. Nem foi esta só a vez, mas infinitas, as que Deus por meio do cordão do nosso seraphico padre S. Francisco ha livrado a muitos de

naufragios e feitas outras muitas maravilhas, pelo que lhe sejam dadas infinitas graças e louvores.

O governador achou a Manoel de Sousa de Sá, que o estava aguardando com cartas de el-rei em Pernambuco sobre o negocio do Maranhão, em cujo cumprimento aprestou logo nove navios, quatro grandes e cinco pequenos, com mais de novecentos homens entre brancos e indios, com plantas e gados pera povoarem a terra e armas pera a fazerem despejar aos francezes, quando não quizessem de outro modo, porque assim o mandava el-rei. E, porque neste tempo era já vindo Vasco de Sousa pera capitão-mór de Pernambuco, e vagava Alexandre de Moura que o havia sido, lhe encarregou o governador esta empreza, dando-lhe todos os seus poderes pera prover nos officios da republica e milicia como lhe parecesse.

Foi por almeyrante desta frota Payo Coelho de Carvalho, que tambem havia acabado de ser capitão-mór de Tamaracá, e, depois de se ir do Maranhão pera o reino, se fez religioso da ordem do nosso padre S. Francisco na provincia da Arrabida. Os capitães dos outros navios eram Hyeronimo Fragoso de Albuquerque, Manoel de Sousa de Sá, Manoel Pires, Bento Maciel, Ambrosio Soares, Miguel Carvalho, André Correia. O capitão-mór Alexandre de Moura levou comsigo dous padres da Companhia de Jesus, e com este santissimo nome se partiram do Recife a 5 de Outubro da éra de 1615.

O governador nem por andar occupado em estas cousas deixava de entender nas do governo da terra, como fez em tempo de Alexandre de Moura, de que Vasco de Sousa, menos soffrido, se enfadou muito, e mandou seu irmão, religioso da ordem do nosso padre,

que comsigo trouxe, com requerimento a el-rei que se servisse delle em outra cousa, porque alli estava ocioso e só o governador fazia tudo, pelo que el-rei, ouvidas suas razões, lhe mandou provisão pera que viesse por capitão-mór da Bahia e a governasse como o fez.

CAPITULO NONO

De uma armada de hollandezes que passou pelo Rio de Janeiro pera o estreito de Magalhães e de outra de francezes, que foi carregar de páu brasil ao Cabo-Frio, et cetera.

Em este tempo, sendo capitão-mór do Rio de Janeiro Constantino de Menelau, que succedeu a Affonso de Albuquerque, foi aportar á enseada do rio da Marambaia, que dista nove leguas abaixo do rio de Janeiro, uma armada de seis náus hollandezas, cujo general se chamava Jorge. Soube-o Martim de Sá, que tinha um engenho alli perto na Tijuca e, entendendo como experimentado que por necessidade de agua iam alli e que haviam de desembarcar, com o beneplacito do capitão-mór a quem escreveu se foi lá uma noite com doze canôas de gente, em que iriam tresentos homens portuguezes e indios. Os quaes, deixando-as escondidas no rio, se desembarcaram dellas e, conjecturando por tres bateis que viram na praia da enseada que andavam hollandezes em terra, como de feito andavam uns á agua, outros ás frutas, bem descuidados, os cercaram e deram sobre elles tão subitamente que, ainda que se quizeram defender trinta e seis hollandezes que eram, não puderam, antes lhes mataram vinte e dous e cativaram quatorze com as lanchas, sem que

das náus lhes pudessem valer, porque ficavam longe, e logo se fizeram á vela pera seguir sua viagem, que era pera o estreito de Magalhães, e por elle ao mar do Sul e costa do Perú, onde passaram e metteram no fundo algumas náus que encontraram. As quaes parece que não eram de tão boa madeira como outras que depois encontraram de Manilha, que é uma das ilhas Philipinas, com que se combateram tambem fortemente, mas emfim não as poderam levar porque, segundo me disse um hollandez, que se achou presente e era surgião de officio, era tal a madeira daquellas náus de Manilha que a passava o pelouro, e logo se cerrava o buraco por si mesmo sem unguentos, nem outra cousa. O que não tinham as suas hollandezas, antes lhe metteram duas no fundo, e fugiu uma e tomaram as outras, captivando a gente, que ficou com vida, mettendo-os a vogar nas galés com tanta fome e trabalho, que tomaram antes a morte, segundo este surgião dizia.

Os outros que tomaram no Rio de Janeiro, quizera Martim de Sá tomar á sua conta, pera que andassem soltos, e levou pera sua casa um chamado Francisco e o regalou....

CAPITULO DECIMO OITAVO

De como, estando provido Henrique Correia da Silva por governador do Brasil não veiu; a causa por que e como veiu em seu logar Diogo de Mendonça Furtado.

Tendo D. Luis de Sousa acabado o triennio do seu governo do Brasil, e sua mulher a condessa de Medelim na côrte, que requeria sua ida, proveu Sua Magestade o cargo em Henrique Correia da Silva, que o aceitou de boa vontade e bom zelo, segundo alcancei algumas vezes que com elle falei em Lisboa, onde me achei em aquelle tempo, no qual determinou Duarte de Albuquerque Coelho de mandar seu irmão Mathias de Albuquerque a governar a sua capitania. Porque os mais governadores, depois que Diogo Botelho a encetou, se vinham alli em direitura, por se não encontrarem em pontos de preeminencias que, como são pontos, são indivisiveis, e cada um os quer todos pera si, alcançou uma provisão de Sua Magestade que se notificou ao governador Henrique Correia pera que se viesse em direitura á Bahia sem tocar Pernambuco e, si de arribada ou de qualquer outro modo lá fosse, lhe não obedecessem. Ao que elle respondeu que nem a Pernambuco nem ao Brasil viria, porque não havia de dar homenagem das terras que não podia vêr como estavam fortificadas, e o que haviam mistér pera serem defendidas e governadas co-

mo convem. Pelo que Sua Magestade, si havia de ser com aquella condição, podia prover o cargo em outrem, como de feito proveu logo em Diogo de Mendonça Furtado, que havia vindo da India onde estava casado, e andava requerendo na côrte a satisfação de seus serviços.

Diogo de Mendonça se aprestou o mais breve que poude e, porque os desembargadores que vieram com D. Diogo de Menezes uns eram mortos, outros idos pera o reino com licença de el-rei, e outros lha tinham pedida pera se irem, mandou sete com o governador, pera que, com dous que cá estavam casados, se inteirasse outra vez a casa e tribunal da relação.

Todos partiram de Lisboa em o mez de Agosto de 1621 e, chegando á altura de Pernambuco, onde os navios que pera lá vinham se apartaram dos da Bahia, mandou o governador a elles um creado chamado Gregorio da Silva provido na capitania do Recife, que estava vaga pela ausencia de Vicente Campello, posto que Mathias de Albuquerque o admittiu só na capitania da fortaleza de el-rei, separando-lhe a do logar ou povoação que alli está, dando-a a um seu criado, e assim andam já separadas.

CAPITULO DECIMO NONO

Da chegada do governador Diogo de Mendonça á Bahia e ida de seu antecessor D. Luis de Sousa pera o Reino.

Em 12 de Outubro de 1621, a uma terça-feira, que o vulgo tem por dia aziágo, chegou o governador Diogo de Mendonça Furtado, que foi o duodecimo governador do Brasil, á Bahia, e desembarcando foi levado a sé com acompanhamento solemne e dahi a sua casa, donde, antes de subir a escada, foi ver o almazem das armas e polvora que estava na sua loge, demonstração de se prezar mais de soldado e capitão que de outra cousa. E na verdade esta era em aquelle tempo a mais importante de todas, por se haverem acabado as pazes ou treguas entre Espanha e os hollandezes, e se esperarem novas guerras nestas partes transmarinas, que estas são sempre as que pagam por nossos peccados e ainda pelos alheios, e assim é necessario que as ilhas e costas do mar estejam sempre em arma.

Isto parece que previu o governador Diogo de Mendonça, quando, antes que entrasse em casa e se desenjoasse e descançasse da viagem, quiz vêr o almazem de armas. Com seu antecessor, emquanto se não partiu pera o reino, correu com muita amizade, visitas de cumprimentos, assim em publico nas igrejas como em sua casa, a que D. Luis respondia como bom cortezão e,

aprestando-se os navios, se embarcou em um patacho de Vianna chamado *Manja-Leguas*, por ser bom navio de vela, deixando a todos saudosos com a sua absencia, porque nunca por obra nem por palavra fez mal algum, e foi mui rico sem tomar o alheio, sinão pelo grande cabedal que trouxe seu e retorno que sempre lhe vinha, antes fez alguns emprestimos que lhe ficaram devendo, os quaes não sei depois como se lhe pagariam.

Fez em seu tempo uma formosa casa contigua com as suas pera se fazer nella relação, que até então se fazia em casas de aluguel e, porque um seminario que el-rei havia mandado fazer com renda pera quatro orfãos estudarem se havia desfeito, por as casas serem de taipa de terra e cahirem, começou outras de pedra e cal. Mas, nem por ser obra tão pia, nem por deixar já pera ella seis mil cruzados consignados, houve quem lhe puzesse mão até agora, e queira Deus que alguma hora o haja.

Levou D. Luis em sua companhia Pero Gouveia de Mello, que fôra provedor-mór da fazenda, e o desembargador Francisco da Fonseca Leitão e tomou de caminho Pernambuco pera ir em companhia da frota, da qual não quiz ir por capitão por ser de navios mercantes, ou por não ter occasião de entender com Mathias de Albuquerque, capitão-mór de Pernambuco, com quem não estava corrente.

CAPITULO VIGESIMO

De como Antonio Barreiros, filho do provedor mór da fazenda, foi por provisão do governador geral Diogo de Mendonça Furtado governar o Maranhão, Bento Maciel o Grão-Pará e o capitão Luiz Aranha a descobril-o pelo cabo do Norte por mandado de Sua Magestade.

Sabendo Sua Magestade da morte de Hyeronimo de Albuquerque, capitão-mór do Maranhão, proveu na capitania com titulo de governador, independente do governador do Brasil, a D. Diogo de Carcome, espanhol casado em Lisboa, o qual se deteve tanto tempo em seus requerimentos e pretenções, ou os ministros de el-rei em o despachar, que primeiro o despachou a morte e morreu em sua casa antes que de Lisboa se partisse. Pelo que o governador determinou prover a serventia em quanto el-rei não mandava outro e, porque Sua Magestade tinha dado a provedoria-mór de sua fazenda a Antonio Barreiros por seis annos, com condição que, si dentro nelles fizesse dous engenhos de assucar no Maranhão, lhe faria mercê do officio por toda a vida, proveu o governador na capitania do dito Maranhão a Antonio Moniz Barreiros, filho do dito provedor, pera com o poder do seu cargo melhor poder fazer os engenhos.

Tambem proveu na do rio das Amazonas a Bento Maciel Parente, por ser morto Hyeronimo Fragoso de Albuquerque, que o servia como fica dito. E neste mesmo tempo, que foi em o anno do Senhor de 1623, mandou Sua Magestade o capitão Luis Aranha de Vasconcellos em uma caravela de Lisboa a descobrir e sondar o dito rio pelo cabo do Norte, por dizerem que por alli podia tirar a sua prata do Potucy com menos gasto, e pera este effeito lhe deu provisão pera os capitães de Pernambuco, Rio-Grande, Maranhão e Pará lhe darem tudo o que fosse necessario. Em virtude das quaes lhe deu Mathias de Albuquerque em Pernambuco uma lancha com dezasete soldados e o piloto Antonio Vicente, mui experimentado em aquella navegação, e lhe carregou na caravela oito mil cruzados de diversas sortes de fazendas por conta de Sua Magestade pera a fortaleza do Pará, que havia dous annos se não provia com pagas nem algum soccorro, pelo que estava mui necessitada, e André Pereira Timudo, capitão-mór do Rio-Grande, lhe deu quatro soldados, dos quaes era um Pero Gomes de Gouveia seu alferes, que o capitão Luis Aranha fez capitão da lancha. Os outros eram o sargento Sebastião Pereira, Pero Fernandes Godinho e um carpinteiro, que tambem foi importante á jornada.

Antonio Moniz Barreiros no Maranhão lhe deu quinze soldados, em que entrava um flamengo chamado Nicoláu que os indios haviam tomado no Pará, sahindo-se de um forte que os hollandezes lá tinham, com outros dous e sete negros de Guiné, a uma roça a plantar tabaco, e era pratico em aquelle grão rio. Pera o qual se partiram os nossos do Maranhão, e chegaram á fortaleza a 14 de Maio da dita éra de 1623, onde o capitão della

Bento Maciel, por dizerem que a caravela não poderia navegar contra a corrente do rio, lhes deu outra lancha e algumas canôas de indios, e lhe dava tambem trinta soldados brancos com seu capitão signalado, que Luis Aranha não quiz aceitar por querer ser elle o que lho signalasse, dizendo que Sua Magestade lhe mandava dar soldados e não capitães. Mas contentou-se com os indios e com o commissario, que alli estava da nossa ordem e provincia, frei Antonio da Merciana lhe dar o irmão frei Christovão de São Joseph por capellão desta jornada, o qual era tão respeitado dos indios que em poucos dias de navegação pelo rio acima lhe ajuntou quarenta canôas com mais de mil frecheiros amigos, que de boa vontade seguiram ao capitão, movidos tambem das muitas dadivas que elle dava aos principaes e a outros que lhe traziam suas offertas de caça, frutas e legumes, as quaes não aceitava sem pagar-lhes com ferramentas, vellorio, pentes, espelhos, anzóes e outras cousas, dizendo que assim lho mandava el-rei.

Com esta multidão de indios e os poucos soldados brancos que havia trazido das outras capitanias, seguiu sua viagem, não sem algumas grandes tormentas, principalmente uma com que lhe quebrou o leme da lancha maior e os obrigou a tomar terra, onde o carpinteiro que havia trazido do Rio-Grande fez outro de um madeiro que cortaram, com o qual, posto que as femeas eram de cordas e era necessario renoval-as cada tres dias, todavia governava muito bem. E assim foram todos navegando até certa paragem onde o flamengo Nicoláu que traziam do Maranhão lhes disse que estava perto um forte de hollandezes, os quaes, não esperando que os nossos chegassem, mandaram mais de setecentos in-

dios seus confederados a salteal-os no rio, como fizeram a meia noite, e se travou entre uns e outros uma batalha que durou duas horas. Mas foi Deus servido de dar aos nossos victoria com morte de duzentos contrarios, fóra trinta que tomaram vivos em duas canôas, dos quaes se soube haver seis ou sete que eram amigos e compadres dos hollandezes por dadivas que delles recebiam quando vinham navios de Hollanda, mas que em aquella occasião nem um estava no porto, nem havia na fortaleza mais de trinta soldados e alguns escravos de Guiné com quem lavravam tabaco.

Ouvido isto pelo capitão mandou remar até se pôrem Leste a Oeste com o forte, e em amanhecendo mandou lá um soldado em uma canôa pequena, que remavam quatro remeiros, e sua bandeira branca, a dizer que se entregassem dentro de uma hora primeira, sinão que os poria todos a cutello, porque assim lho mandava o seu rei de Espanha, cujas eram aquellas terras e conquistas.

Ao que responderam que aquella fortaleza era e se sustentava pelo conde Mauricio, pelo que se não podiam entregar sem ordem sua, e pera esta vir era pouco tempo o que lhes dava, mas depois se soube que o seu intento não era este, sinão esperar que lhe viesse soccorro da outra fortaleza que distava desta dez leguas. Do que tudo se desenganaram com lhe responder Luis Aranha que elle tinha já ordem que havia de seguir e não tinha que aguardar outra, e mais quando a ventagem dos seus soldados era tão conhecida. E, porque assim o cuidassem, mandou pôr entre os brancos, assim nas lanchas e nas canôas, muitos indios com roupetas, chapeus ou carapuças, com que ao longe pareciam to-

dos brancos. E bastou este ardil e outros de que usou pera que logo levantassem bandeira de paz e se entregassem com a artilharia, mosquetes, arcabuzes, munições, escravos e fazendas que tinham na fortaleza, a qual os nossos queimaram e arrasaram.

E o dia seguinte, querendo ir dar em outra fortaleza, mandou uma canôa com quarenta remeiros todos indios frecheiros e tres homens brancos muito animosos, que eram Pero da Costa, Hyeronimo Correia de Sequeira e Antonio Teixeira, a descobrir o caminho, aos quaes sahiram doze canôas de gentio contrario chamados Haruans e, tomando a nossa em meio sem quererem admittir a paz e amizade que lhes denunciavam, começaram a disparar muita frecharia. Os nossos já como desesperados da vida, porque não podiam ser soccorridos tão bem depressa dos mais que ficavam longe, encommendando-se a Deus se defenderam e pelejaram tão animosamente que já quando chegaram os companheiros tinham mortos muitos, e muitos mais se mataram depois da sua chegada e soccorro e se tomaram quatro canôas de cativos, sem dos nossos morrerem mais de sete; mas ficaram vinte e cinco feridos, e Hyeronimo Correia de Sequeira com duas frechadas, uma no peito, outra em uma perna, de que esteve mal, e ficou, assim elle como os dous companheiros que iam na primeira canôa, com as mãos tão empoladas da quentura dos canos dos arcabuzes que mais de vinte dias não puderam pegar em cousa alguma, porque cada um delles disparou mais de quarenta tiros.

Curados os feridos e descançando do trabalho da peleja aquella noite, na manhã seguinte mandou o capitão um cabo de esquadra com recado aos hollande-

zes que se entregassem, porque assim o haviam feito os da outra fortaleza de Muturú (que era o nome do primeiro sitio), e alli os traziam comsigo, do que, certificados por um que lá lhe mandou, se vieram a entregar assim as pessoas, que eram trinta e cinco, como toda a fabrica da fortaleza, artilharia, escravos e o mais que nella tinham.

Aqui perguntou o capitão aos hollandezes si havia mais alguma fortaleza ou estancia de gente da sua nação em aquelle rio e, certificado que não, sinão duas de inglezes e essas lhe ficavam já abaixo, se tornou á nossa fortaleza do Pará e, não achando nella o capitão Bento Maciel, que o havia ido buscar pera o ajudar, se embarcou em sua caravela, e foi pela banda do Norte da barra grande outra vez ao rio arriba até o achar, depois de ter navegado um mez por entre um laberintho de ilhas.

E ao dia seguinte, depois de estarem juntos, viram vir uma náu e surgir uma legua donde estavam, á qual foi Bento Maciel com quatro canôas ao socairo da caravela em que ia Luis Aranha, pera remetterem á náu e, pondo-se debaixo della, a desfazerem, o que se não poude fazer com tanta presteza que primeiro não alcançassem da náu com um pelouro de oito libras a uma canoa, com que nos mataram sete homens brancos e feriram vinte negros, porem as outras se metteram debaixo do bojo da náu e, vendo que a não queriam dar, a furaram ao lume da agua com machados, com que se foi a pique. E sobre isto puzeram os inimigos ainda fogo á polvora pera que nem uma cousa escapasse, e comtudo escaparam algumas pipas de vinho e cerveja, barris de queijos e manteiga, e uma caixa grande de bo-

tica, de que os nossos se aproveitaram; porem os hollandezes, que eram cento e vinte cinco, todos foram mortos a fogo e a ferro.

Com estas victorias e boas informações do grande rio das Amazonas, que sempre o piloto Antonio Vicente foi sondando, se partiu Luis Aranha de Vasconcellos em a sua caravela a dar a nova a el-rei, levando por testemunhas quatro dos hollandezes que havia tomado, e um indio principal que o havia guiado, e tambem alguns escravos, pera de caminho vender em Indias, donde se partiu em companhia da frota da prata, mas, apartando-se della junto a Belmuda, dahi a quinze dias foi tomado dos cossarios hollandezes, os quaes, por irem muitos doentes das gengivas, a que chamam mal de Loanda, o lançaram em um pequeno bote com quatro marinheiros portuguezes na Iliceira, pera que lhe fossem buscar alguns limões e outra embarcação mais capaz em que levassem os companheiros, e por não tornarem (cousa mui ordinaria de quem se vê livre) levaram os mais cativos a Salé, donde sahiram por resgate, excepto o indio e os quatro hollandezes, que levaram livres á Hollanda.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

Das fortificações e outras boas obras que fez o governador Diogo de Mendonça Furtado na Bahia e duvidas que houve entre elles e o bispo e outras pessoas.

Era o governador Diogo de Mendonça Furtado liberal e gastava muito em esmolas. Accrescentou a igreja de S. Bento, que lhe custou dous mil cruzados, e a todos os mais mosteiros ajudou e fez as esmolas que poude. Fortificou a cidade, cercando-a pela parte da terra de valla de torrões e, porque a casa que servia de almazem, junto á da alfandega, estava cahida, começou a fazer outra no cabo da sua, pera que o alto lhe ficasse servindo de galeria e o baixo de almazem, como tudo se fez com muita perfeição, posto que a outros não pareceu bem depois o almazem, por não ser boa tanta visinhança com a polvora.

Tambem começou a fazer a fortaleza do porto em um recife que fica um pouco apartado da praia, havendo provisão de Sua Magestade pera se fazer não só da imposição do vinho, que estava posta nesta Bahia, mas tambem da de Pernambuco e Rio de Janeiro e que do dinheiro que recebem os mestres, não dos fretes, sinão de outro que elles introduziram chamado de avarias, que ordinariamente são duas patacas por caixa, désse quatro vintens cada um pera a obra da fortaleza, que

não deixou de ser contrariada de alguns, porém realmente era mui necessaria pera defensão do porto e dos navios que alli surgem á sombra della, e de que não se póde tirar o louvor tambem ao architecto Francisco de Frias, que a traçou.

Um dos contraditores que houve da fortaleza sobredita foi o bispo D. Marcos Teixeira, o qual, sendo rogado que quizesse ir benzer a primeira pedra que se lançou no cimento do forte, não quiz ir, dizendo que si lá fosse seria antes amaldiçoal-a, pois fazendo-se o dito forte cessaria a obra da sé, que se fazia do dinheiro da imposição. Mas não foi este o mal, que o governador lhe reservou seis mil cruzados pera correr a obra da sé, sinão que do dia que chegou o bispo a esta cidade, que foi a 8 de Dezembro de 1622, desconcordaram estas cabeças, não querendo o governador achar-se no acto do recebimento e entrada do bispo, sinão si houvesse de ir debaixo do palio praticando com elle, no que o bispo não quiz consentir, dizendo que havia de ir revestido da capa de asperges, mitra e baculo, lançando bençãos ao povo, como manda o ceremonial romano, e não era decente ir praticando. Por isto não foi o governador, mas mandou o chanceller e desembargadores, e depois o foi visitar á casa, e se visitaram pessoalmente e de presentes muitas vezes.

Logo se levantou outra duvida acerca dos logares da igreja, querendo o governador que tambem se assentassem ambos de uma parte e alli estivessem ambos conversando, ao que o bispo respondeu não podia ser, conforme ao mesmo ceremonial, por razão dos circulos e outras ceremonias, que mandam se façam com elle em as missas solemnes. E nem isto bastou, nem uma

sentença e provisão de el-rei, que lhe mandou mostrar, em que por evitar duvidas (quaes as houve entre o governador e bispo de Cabo-Verde) declara pera os do Brasil e todos os mais que o governador se assente á parte da epistola, e primeiro se incensasse o bispo e depois o governador. Nem isto bastou, antes respondeu que, si elle se achasse em alguma igreja com o bispo, se cumprisse o que o ceremonial e el-rei manda, fundado em que nunca iria onde o outro fosse, e assim o cumpriu.

Os desembargadores, que não podiam contender com elle sobre o logar material da igreja, contenderam sobre o espiritual e jurisdicção que tem pera a correição dos vicios e neste tempo mais que em nem um outro, porque lhe tiraram de um navio dous homens casados, que mandou fazer vida com suas mulheres a Portugal por estarem cá abarregados com outras havia muito tempo, e isto sem os homens aggravarem, antes requerendo que os deixassem ir, pois já estavam embarcados, pelo que o bispo excommungou o procurador da corôa, que foi o autor disto e houve sobre o caso muitos debates. Emfim estas eram as guerras civis que havia entre as cabeças, e não eram menos as que havia entre os cidadãos, prognostico certo da dissolução da cidade, pois o disse a summa verdade, Christo Senhor Nosso, que todo o reino onde as houvesse entre os naturaes e moradores seria assolado e destruido.

Outro prognostico houve tambem, que foi arruinarem-se as casas de el-rei, em que o governador morava, de tal maneira que, si as não sustentaram com espeques, se vieram todas ao chão, sendo assim que eram de pedra e cal, fortes e antigas, sem nunca até este tempo fazerem alguma ruina.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

De como os hollandezes tomaram a Bahia.

A 21 de Dezembro de 1623 partiu de Hollanda uma armada de vinte e seis náus grandes, treze do estado e treze fretadas de mercadores, da qual avisou Sua Magestade ao governador Diogo de Mendonça que se apercebesse na Bahia, e avisasse os capitães das outras capitanias fizessem o mesmo, porque se dizia virem sobre o Brasil. O governador avisou logo a Martim de Sá, capitão-mór do Rio de Janeiro, o qual entrincheirou toda a cidade, concertou a fortaleza da barra e fez ir os homens do reconcavo pera os repartir por suas estancias, companhias e bandeiras e, porque muitos não appareciam por andarem descalços e não terem com que lançar librés, ordenou uma companhia de descalços de que elle quiz ser o capitão, e assim ia diante delles nos alardos descalço e com umas ceroulas de linho e o seguiam com tanta confiança e presunção de suas pessoas, que não davam ventagem aos que nas outras companhias militavam ricamente vestidos e calçados.

Sem esta, foram muitas as preparações de guerra que fez Martim de Sá nesta occasião. As mesmas fariam nas outras capitanias (que a todas se deu aviso, até o rio da Prata), mas faço menção do Rio de Janeiro como testemunha de vista, porque ainda então lá estava.

Da mesma maneira se apercebeu o governador nesta Bahia, mandando vir toda a gente do reconcavo. E, por que alguns se não tornassem logo por serem pobres e não terem que comer na cidade, mandou a um mercador seu privado que desse a cada um desses tres vintens pera cada dia, por sua conta. Porém, como não haja moeda de tres vintens, dizia-lhes que levassem um tostão e lhes daria uma de oito vintens e, si os pobres lhe levavam o tostão, lhes dizia que o gastassem primeiro e depois lhe daria os tres vintens, porque o governador lhos não mandava dar sinão aos pobres que nem uma cousa tinham. Nem lhes aproveitava replicar que haviam pedido o tostão emprestado e que não era seu, nem outra alguma rasão que dessem.

Não se passaram muitos dias, quando vieram ao governador novas de Boipeba que andava lá uma náu grande, a qual tomara um navio que vinha de Angola com negros. Quiz sahir ou mandar a ella, cuidando que não seria da armada, porque passava de quatro mezes era partida de Hollanda e se entendia haveria aportado em outra parte. E esta era a náu *Hollanda*, em que vinha o coronel pera governar a terra, chamado D. João Vandort, a qual não poude tomar a ilha de S. Vicente, que é uma das de Cabo-Verde, onde as outras náus se detiveram dez semanas a tomar agua e carnes e levantar oito chalupas, que traziam em peças e por esta causa chegou primeiro a esta costa e andava aos bordos dos Ilhéus pera o Morro, esperando as mais pera entrar com ellas, o que não fez, porque não as viu quando entraram que foi a 9 de Maio da éra de 1624.

Mas, vistas pelo governador Diogo de Mendonça, repartiu logo as estancias pelos capitães e gente das fre-

guezias de fóra, que ainda aqui estavam, e da cidade e, deixando a companhia de seu filho, que era de soldados pagos e recebiam soldo da fazenda de el-rei, pera acudir aonde fosse necessario, mandou a outra companhia com seu capitão Gonçalo Bezerra ao porto da villa velha, que é meia legua da cidade, e o escrivão da camera Ruy Carvalho com mais de cem arcabuzeiros do povo, além de sessenta indios frecheiros de Affonso Rodrigues da Cachoeira, que os capitaneava. Fez a Lourenço de Brito capitão dos aventureiros, e a Vasco Carneiro encommendou a fortaleza nova da qual, posto que não acabada, jogava já alguma artilharia. Não trato das outras estancias, porque só em estas duas partes desembarcaram os hollandezes aquella mesma tarde.

Os do porto da villa velha estavam com os seus arcabuzes feitos detraz do matto pera os dispararem ao desembarcar dos bateis, porém, vendo ser muito maior o numero dos inimigos, não os quizeram esperar. Quiz detel-os Francisco de Barros na villa velha, animando-os ainda que velho e aleijado, mas iam tão resolutos que nem bastou esta amoestação, nem outra que lhe fez o padre Hieronymo Peixoto, pregador da Companhia, o qual os foi esperar a cavallo, dizendo-lhes porque fugiam? pois tinham por todo aquelle caminho de uma parte e de outra mattos donde se podiam embrenhar e a seu salvo fazer a sua batalha sem os inimigos saberem donde lhes vinham.

Nada disto bastou pera tirar-lhes o medo que traziam, antes como mal contagioso o vieram pegar aos da cidade, ou lho tinham já pegado os primeiros nuncios, pois de quanta gente estava nella não houve outro soccorro que sahisse sinão um padre pregador que então

pregava em deserto, e todavia, si fôra um bom soccorro, que lançaram duas mangas de gente por entre o matto e rebentaram das encruzilhadas que ha em o caminho, ainda que os hollandezes eram mil e duzentos, não lhes deixaram de fazer muito damno.

Melhor o fizeram os da fortaleza nova, a qual o almirante Petre Petrijans ou, como os portuguezes lhe chamamos, Pero Peres, com o resto da sua soldadesca valorosamente combateu, e não com menos valor e animo lha defendeu Vasco Carneiro e Antonio de Mendonça, que o ajudou com mui poucos dos seus soldados, que já os mais lhe haviam fugido. Tambem os soccorreu com muito animo Lourenço de Brito, capitão dos aventureiros; porém, como eram muitos os hollandezes e o forte não estava acabado nem com os repairos necessarios, foi forçado largar-lho, estando já Lourenço de Brito ferido e treze homens mortos, sendo dos ultimos que se sahiu o nosso irmão frei Gaspar do Salvador, que os esteve exhortando e confessando e, quando se abaixou pera entender o que lhe dizia um castelhano a quem um pelouro havia levado uma perna, o livrou Deus de outro, que lhe passou por cima da cabeça, havendo-lhe já outro levado um pedaço de tunica.

E os hollandezes, por ser já noite e se temerem que os rebatessem da parte de terra, se contentaram só com cravar as peças de artilharia e o deixaram, tornando-se pera as suas náus, não deixando dellas de dia nem de noite de esbombardear pera a cidade e pera toda a praia, na qual mataram a Pero Gracia no seu balcão, onde se poz com seus criados, e chegando o governador a perguntar-lhe como estava (porque andava elle em aquelle doente) lhe respondeu: «Senhor, já estou bom,

que neste tempo os enfermos saram e tiram forças da fraqueza», animo por certo a que os proprios inimigos deveram ter respeito e assim, depois que o souberam, mostraram pesar, pondo a culpa á diabolica arma de fogo, que aos mais valentes mata primeiro, e como raio onde mais fortaleza acha faz mais damno. O pelouro lhe deu pelas queixadas, e ainda lhe deu logar a se confessar e de se reconciliar com alguns seus inimigos, que alli se acharam, um dos quaes era Henrique Alvares, a quem tambem outro pelouro matou pouco depois.

Os mais que haviam desembarcado na villa velha se alojaram aquella noite em S. Bento, pera combaterem no dia seguinte a cidade, na qual o governador determinou de se defender. Mas, como se não poz em um cavallo correndo e discorrendo por toda a cidade que não lhe fugisse a gente, todos se foram sahindo, o que não podia ser sem que os capitães das portas e mais sahidas da cidade fossem os primeiros. E o bispo, que aquelle dia se fez amigo com o governador e se lhe foi offerecer com uma companhia de clerigos e seus criados, pedindo estancia onde estivesse, e a quem o governador, agradecendo-lhe muito o offerecimento, disse que em nem uma parte podia estar melhor que na sua sé, tão bem a desemparou, consumindo o santissimo sacramento e deixando a prata e ornamentos e tudo o mais. O mesmo fizeram clerigos e frades e seculares, que só trataram de livrar as pessoas e algumas cousas manuaes, deixando as casas com o mais, que tinham adquirido em muitos annos. Tanto poude o receio de perder a vida, e emfim se perde tarde ou cedo, e ás vezes em occasião de menos honra.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

De como o governador Diogo de Mendonça foi preso dos hollandezes, e o seu coronel D. João Vandort ficou governando a cidade.

O governador, vendo que a gente era toda fugida, ainda que não faltou quem lhe dissesse que fizesse o mesmo, respondeu que nunca lhe estava bem dizer-se delle que fugira, e antes se poria o fogo e se abrasaria e, vendo passar dous religiosos nossos pela praça os chamou e confessando-se com um delles, se recolheu dentro de sua casa só com seu filho Antonio de Mendonça, Lourenço de Brito, o sargento-mór Francisco de Almeida de Brito e Pero Casqueiro da Rocha.

Pela manhã chegaram os hollandezes á porta da cidade e ás outras entradas que ficam daquella parte de S. Bento, onde se haviam alojado de noite e, não achando quem lho contradissesse, entraram e tomaram della posse pacifica. Subiram alguns á casa do governador, que neste tempo quiz pôr fogo a uns barris de polvora pera abrasar-se, si Pero Casqueiro lhe não tirara o morrão da mão. E, vendo-os entrar, levou da espada e remetteu a elles, mas emfim o prenderam e aos que com elle estavam e os repartiram pelas náus.

Dahi a dous dias chegou o coronel D. João Vandort que, como dissemos no capitulo passado, não havia en-

trado com os mais, e começou a governar as cousas da terra, porque o general, que era um homem velho chamado Jacob Vilguis, nunca ou rarissimamente sahiu da náu. O coronel era homem pacifico, e se mostrava pesaroso do damno feito aos portuguezes e desejoso da sua paz e amizade, e assim aos que quizeram tornar passou passaportes e lhes mandou dar quanto quizeram, não sem os seus lho estranharem, porque, segundo o principio que levava, lhe houveram de levar tudo; porém, a não serem os portuguezes tão firmes na fé da santa igreja catholica romana e tão leaes aos seus reis como são, não lhes fizera menos guerra com estas dadivas, sujeitando os animos dos que as recebiam, do que os seus a faziam por outra parte com as armas, tomando quanto podiam pelas roças circumvisinhas da cidade, e isto com tanto atrevimento como si foram senhores de tudo.

E assim se atreveram só tres ou quatro a ir ao tanque dos padres da Companhia, que dista da cidade um terço de legua, e em sua presença, fallando-lhes um delles latim e dizendo-lhes: Quid existimabatis quando vidistis classem nostram?, fazendo dos calções alforges e enchendo-os de prata da igreja e de outra que alli acharam, os puzeram aos hombros e se foram mui contentes; porém quatro negros dos padres, que não tinham tanta paciencia, os foram aguardar ao caminho com seus arcos e frechas e, matando o latino, fizeram fugir os outros e largar a prata que levavam.

Da mesma maneira foram onde é a vargea de Tapuyppe, que dista pouco mais de meia legua, e mataram uma vacca; mas, estando esfolando-a, deu sobre elles Francisco de Crasto, George de Aguiar e outros cinco

homens brancos e doze indios e mataram cinco dos hollandezes. E logo chegou tambem Manuel Gonçalves e, seguindo os outros que fugiam, matou quatro e feriu dous feridos que levaram a nova, deixando a vacca morta e esfolada aos indios que a comeram, e as suas armas aos nossos soldados.

Nem só andavam os hollandezes insolentes por estes caminhos, mas muito mais os negros que se metteram com elles, entre os quaes houve um escravo de um serralheiro que prendeu seu senhor em a roça de Pero Gracia onde se havia acolhido e, depois de o esbofetear, dizendo-lhe que já não era seu senhor, sinão seu escravo, não contente só com isto lhe cortou a cabeça, ajudado de outros negros e de quatro hollandezes e a levou ao coronel, o qual o mandou logo enforcar, que quem fizera aquillo a seu senhor tambem o faria a elle, si pudesse.

Melhor o fez outro negro, que nos servia na horta, chamado Bastião, o qual tambem se metteu com os hollandezes, mas, porque lhe quizeram tomar um facão que levava na cinta, e o ameaçaram que o enforcariam, se sahiu da cidade com outros dous ou tres negros, os quaes encontraram á fonte nova, que é logo á sahida, seis hollandezes que lhe começaram a buscar as algibeiras. Mas, como o Bastião levava ainda o seu facão, temendo-se que se lho vissem o quereriam outra vez enforcar, o escondeu em o peito de um, e matando-o lançou a correr pelo caminho que vai pera o rio Vermelho, onde encontrou uns criados de Antonio Cardoso de Barros, os quaes informados do caso fingiram tambem que fugiam com o negro e se foram todos embrenhar adiante, donde depois que os hollandezes passa-

ram lhes sahiram nas costas e os foram levando até um lameiro e atoleiro, onde mataram quatro e cativaram um. E será bem saber-se pera gloria dos valentes que o era tanto um dos mortos, homem já velho, que mettido no atoleiro quasi até á cinta alli aguardava as frechas tão destramente com a espada que todas as desviava e cortava no ar, o que visto por Bastião se metteu tambem no lodo e lhe deu com um páu nos braços, atormentando-lhos de modo que não poude mais manear a espada.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como o bispo foi eleito do povo por seu capitão-mór emquanto se avisava a Pernambuco a Mathias de Albuquerque que era governador.

Tanto que a cidade foi tomada e o governador preso, se juntaram dahi a alguns dias os officiaes da camara na aldeia do Espirito-Santo, que é de indios doutrinados dos padres da Companhia, e alli abriram a via de successão do governador Diogo de Mendonça, em que Sua Magestade mandava que por sua morte ou absencia lhe succederia no governo Mathias de Albuquerque, que actualmente estava governando Pernambuco por seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, senhor daquella terra, do que logo avisaram.

Mas, porque a distancia é grande e de ida e vinda são mais de duzentas leguas de caminho, e os hollandezes, não contentes com estarem senhores da cidade, se queriam assenhorear do que havia fóra, como vimos no precedente capitulo, elegeu o povo e aclamou por seu capitão-mór que os governasse o bispo D. Marcos Teixeira, o qual a primeira cousa que intentou foi recuperar a cidade si pudesse, e pera este effeito nomeou por coroneis a Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e a Melchior Brandão, e escrever a muitos homens que já estavam todos em seus engenhos e

fazendas e, como os teve juntos, determinou entrar na cidade no dia do bemaventurado S. Antonio de madrugada.

E, porque no mosteiro do Carmo, que está fóra defronte della, se haviam agasalhado dous portuguezes com suas mulheres e familias, se murmurava delles que serviam de espias aos hollandezes e lhes davam signal e aviso com o sino, pera que então lho não dessem mandou diante Francisco Dias de Avila com indios frecheiros e alguns arcabuzeiros que os prendessem, o que os indios fizeram com tanta desordem que antes elles foram os que deram aviso e signal. Porque, em chegando ao dito mosteiro e não lhes querendo os de dentro abrir, entraram por força, dando um urro de vozes tão grande que, ouvido pelos hollandezes, tiveram tempo de se aperceber, de sorte que, quando os quizeram commetter que era já sol sahido e vieram descendo a ladeira do Carmo e alguns já subindo a da cidade pera entrarem pela porta onde estava uma fortaleza, lhe tiraram della tantas bombardadas e mosquetadas que os fizeram tornar por onde vieram e ainda os foram seguindo um grande espaço, sendo que eram os portuguezes mais em numero e, si se dividiram um algumas mangas que commettessem juntamente por outras partes da cidade que ainda não estavam fortificadas, por ventura a recuperaram.

E, porque até este tempo entravam e sahiam alguns portuguezes na cidade com passaporte do coronel, houve licença Lourenço de Brito pera ir visitar a Diogo de Mendonça á náu, e concertou com elle que lhe mandaria uma jangada e outra pera seu filho Antonio de Mendonça, com dous indios remeiros, que de noite mui secretamente os levassem á terra, como de feito mandou,

e, estando já pera descerem a elles, deu o urro que temos dito no Carmo, com que espertaram os da náu que lho estorvaram, e os das jangadas se acolheram mui ligeiramente pera a terra, não sem serem sentidos dos hollandezes, que dahi por diante, entendendo o que podia ser nella e nas mais, puzeram grandessissima vigia, e os dos passaportes, com temor que os hollandezes se alterassem com estas contas, se sahiram da cidade sem tornarem mais a ella. Só ficaram dous ou tres mercadores casados por conservarem sua fazenda, com outros tantos officiaes mecanicos e alguns pobres velhos e enfermos, que por sua pobreza e enfermidade não puderam sahir.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

De como foi morto o coronel dos hollandezes D. João Vandort, e lhe succedeu Alberto Escutis e o bispo assentou o seu arraial e estancias pera os assaltar.

Desta desordenada vinda e commettimento da cidade ficaram os nossos portuguezes desenganados de mais poderem commetter; mas ordenou o bispo que andassem ao redor della pelos mattos algumas companhias porque, quando alguns hollandezes sahissem fóra como costumavam, ou os negros de Guiné que com elles se haviam mettido, a buscar frutas e mantimentos pelos pomares e roças circumvisinhas, os prendessem. Succedeu ser o coronel o primeiro que sahiu a cavallo a ver a fortaleza de S. Philippe, que dista uma legua da cidade, e á tornada se adiantou dos hollandezes e negros que trazia em sua guarda, levando só em sua companhia um trombeta em outro cavallo, onde lhes sahiu Francisco de Padilha com Francisco Ribeiro, seu primo, cada um com a sua escopeta e, acertando melhor os tiros que acertou o coronel com um pistolete que disparou, lhes mataram os cavallos, e depois de os verem derribados e com os pés ainda nos estribos debaixo dos cavallos, matou o Padilha ao coronel e o Ribeiro ao trombeta. E logo chegaram os indios selvagens de Affonso Rodrigues da Cachoeira que alli andava perto e, cortando-lhes os pés e

mãos e cabeças, conforme o seu gentilico costume, os deixaram, donde os hollandezes levaram o corpo do seu coronel.

E o dia seguinte o enterraram na sé com a pompa que costumam, muito differente da nossa, porque não levaram cruzes, musica, nem agua benta, sinão o corpo em um caixão coberto de baêta de dó. Os capitães que o levaram aos hombros, e um filho do defunto, um cavallo á dextra, que tambem ia, e as caixas que se tocaram destemperadas, tudo isto ia coberto de dó, e adiante as companhias todas dos mosqueteiros, com os mosquetes debaixo do braço e as forquilhas arrastando. Os quaes, entrando na igreja o defunto, se ficaram de fóra ao redor della, e ao tempo que o enterraram os dispararam todos tres vezes, não se mettendo entre uma surriada e outra mais espaço que emquanto carregam, o que fazem com muita ligeireza.

E logo, deixadas as armas do defunto penduradas em um pilar dos da igreja junto á sua sepultura, se tornaram á sua casa, onde antes de entrarem se leu a via do successor, que era Alberto Escutis, o qual já quando se tomou a cidade havia servido o cargo dous dias que estoutro tardou. E lido o papel, se fez pergunta aos capitães e soldados si o reconheciam por seu coronel e governador, pera obedecerem em tudo o que lhes mandasse, e respondido que sim, os despediu, feitas suas cortezias, e se recolheu com os do conselho e alguns. E, porque de todo os portuguezes perdessem as esperanças de poderem recuperar a cidade, a cercou e fortificou por todas as partes, represando o ribeiro que corre ao longo della pela banda da terra, com que cresceu a agua sobre as hortas, que por alli havia, muitos palmos, e assim por

esta banda como pela do mar fez muitos baluartes e fortes de artilharia.

O bispo tambem assentou seu arraial uma legua da cidade, em a chan de um monte a que se não podia subir sinão por tres partes, nas quaes mandou fazer tres trincheiras com suas peças e duas roqueiras cada uma, e a que estava pera a banda da cidade entregue ao coronel Melchior Brandão com a gente de Paraguaçú, a outra, que estava pera Tapuype, ao capitão Pero Coelho, e a terceira, por onde se servia pera o sertão, ao capitão Diogo Moniz Telles, e o corpo da guarda se fazia junto á tenda ou casa palhaça do capitão-mór pelos soldados do presidio e outros, que seriam todos duzentos.

A este arraial se trazia a vender carne, peixe, frutas, farinhas e o mais que havia por todo o reconcavo, e algum pouco vinho e azeite que se trazia de Pernambuco em barcos até á torre de Francisco Dias de Avila, e dahi por terra ao arraial, fóra do qual havia tambem outras estancias pera os capitães dos assaltos, convem a saber: em Tapegippe defronte da fortaleza de S. Philippe, que occupavam os hollandezes, estava uma trincheira com duas peças de bronze, onde assistiam os capitães Vasco Carneiro e Gabriel da Costa com uma companhia do presidio com quarenta soldados, e não muito longe desta estava outra em outro caminho com cinco falcões e duas roqueiras, em que assistiam os capitães Manuel Gonçalves e Luis Pereira de Aguiar e Jorge de Aguiar e junto ao mar e porto outra, donde estava o capitão Jordão de Salazar. Da ermida de S. Pedro pera a Vigia estavam os capitães Francisco de Crasto e Agostinho de Paredes com sessenta homens; da Vigia pera o rio Vermelho com qua-

renta homens na roça de Gaspar de Almeida, Francisco de Padilha e Luis de Siqueira.

Fóra estes foram tambem capitães em alguns assaltos Pero de Campos, Diogo Mendes Barradas, Antonio Freire e outros. Os cabos destes capitães dos assaltos eram da banda do Norte da cidade, onde fica o mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, Manuel Gonçalves e da banda do Sul, onde fica o de S. Bento, Francisco de Padilha; posto que sempre se ajudavam uns aos outros quando a necessidade o requeria, e Lourenço de Brito, como capitão dos aventureiros, acudia a todas as partes.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO

Dos assaltos que se deram emquanto governou o bispo.

Ordenadas as cousas pelo bispo na maneira que fica dito, sabendo os capitães Francisco de Padilha e Jorge de Aguiar que os hollandezes faziam poste em a casa de Christovão Vieira, escrivão dos aggravos, a qual está um pouco mais de um tiro de pedra fora do muro e porta da cidade, entraram nella uma noite com mais dez companheiros, e á espada mataram quatro hollandezes, pelo que depois derribaram e puzeram fogo á casa e a todas as mais que havia nos arrabaldes, e roçaram os mattos, que lhe podiam ser impedimento e aos portuguezes abrigo. Mas sobre este roçar de mattos e derribar casas houve alguns encontros, em que os capitães Lourenço de Brito e Antonio Machado com a sua gente mataram uma vez quatro, e por outra o mesmo Lourenço de Brito e Luis de Sequeira mataram muitos. E aqui testificou o capitão Lourenço de Brito do negro Bastião, de que atrás fizemos menção, que se adiantou a todos, dizendo que a sua frecha não chegava tão longe como o pelouro dos arcabuzes, e assim lhe era necessario pera empregal-a nos inimigos chegar-se mais perto delles, o que tambem fez em outros encontros. E uma vez, andando já com elles á espada, dizendo-lhes os nossos negros que se retirasse, respondeu: «Não retira, não, sipanta, sipanta», querendo nisto dizer que não erá tempo de re-

tirar quando andavam já á espada, porque tinha experimentado dos hollandezes que não eram tão dextros nesta arma como nas de fogo, e assim vindo á espada tinha já o pleito por vencido.

Outros hollandezes foram até a casa de Jorge de Magalhães, que dista mais de uma legua da cidade, queimando as que havia pelo caminho e roubando quanto achavam, porque os moradores se sahiam fugindo pera os mattos, e a uma mulher, que não poude fugir, quizeram romper as orelhas pera lhe tirarem os cercilhos e pendentes de ouro, si ella não lhos dera. E ainda fizeram outras cousas peiores si não acudira Francisco de Padilha com a sua gente, o qual matou quatro e foi seguindo os mais, que lhe fugiram até o rio Vermelho. Outra vez foram muitos ao pomar de Diogo Sodré, que se chama da Vigia, porque dalli a fazem aos navios que apparecem na costa e se dá aviso na cidade antes que entrem na barra, e levaram muitos negros comsigo dos seus confederados pera carregarem de laranjas, limas doces, limões e cidras que ha alli muitas. Mas sahiram-lhe os capitães Antonio Machado e Antonio de Moraes com cincoenta homens cada um e, depois de batalharem animosamente e lhes matarem nove hollandezes, todavia se retiraram com dous portuguezes mortos e alguns feridos. Mas a este tempo acudiu o capitão Padilha com vinte soldados seus e, indo após elles, que já se iam pera a cidade, lhe fizeram rosto e se tornou a travar outra batalha, a que tornaram os primeiros capitães, que se haviam retirado, e os foram levando até terem vista do soccorro que ia aos hollandezes, que então os deixaram por não terem mais polvora nem munição, mas ainda nesta segunda batalha

lhe mataram muitos mais, e cativaram um vivo, chamado Rodrigo Matheus, que levaram ao bispo.

Não se haviam com menos animo e esforço Manuel Gonçalves e os mais capitães que ficavam da banda do Carmo, vigiando continuadamente si sahiam pera aquella parte alguns hollandezes, e assim junto ao mesmo mosteiro do Carmo mataram uma vez seis e outra tres. E, sahindo do forte de S. Philippe a pescar a umas camboas que ficam perto, deram sobre elles e os pescaram antes que elles pescassem; mataram um, cativando tres que levaram ao bispo, dos quaes um era o cabo do forte. E, vendo os hollandezes que os nossos se ajudavam por estes assaltos de umas casas que alli estavam, onde no tempo da paz morava o capitão do forte com sua familia, foram uma manhã cinco com picões pera derribal-a; mas Manuel Gonçalves, Jorge de Aguiar e Pero de Campo, que já estavam esperando emboscados em o matto, tanto que os viram subidos pera destelharem a casa, sahiram com os seus, mataram dous, seguindo os outros até á porta da fortaleza, e sem falta a entraram daquella vez, si na mesma porta não puzessem os de dentro uma peça de artilharia, que dispararam com muita munição miuda e os fizeram tornar.

Outra vez, havendo-lhe um negro do capitão Pero de Campo tomado o batel do pé do forte e levado aos nossos, sem embargo de muitas peças que lhe atiraram sem lhe acertar alguma, entendendo o dito capitão Manuel Gonçalves que, pois não tinham batel, iriam por terra dar aviso á cidade do que passava, os foi esperar ao caminho e, vendo que iam dous em uma jangada, mandou a elles a nado, mas não os tomaram, porque lhes acudiu uma lancha sua que ia da cidade.

CAPITULO VIGESIMO SETIMO

De outros assaltos que se deram á beira mar aos hollandezes.

Vendo os hollandezes que por terra ganhavam mui pouco e os não deixavam chegar ás fazendas de fóra, determinaram ir a ellas por mar, sucapa (como elles diziam) de buscar algum refresco por seu dinheiro, ou a troco de outras mercadorias. E, pera isto levavam ás vezes alguns portuguezes comsigo, dos que entre si tinham, pera que segurassem aos outros da paz e, quando não quizessem, lhes fariam guerra. Mas tambem disto se previniu o bispo, mandando que os que tinham engenhos e fazendas junto á praia se fortificassem e assistissem nellas, e por esta causa mandava sahir de cada freguezia vinte homens a assistir no arraial, e com esta prevenção se defenderam dos inimigos em algumas partes e ainda em outras os offenderam, como fez Bartholomeu Pires, morador na bocca do rio de Matuim. O qual, vendo que de um patacho que alli se poz sahiam os hollandezes ás vezes ao engenho de Simão Nunes de Mattos, que está defronte na ilha de Maré, a comer com o feitor, porque seu dono não estava ahi, se foi metter com elles e os convidou pera uma merenda no dia seguinte, avisando a Antonio Cardoso de Barros lhe mandasse gente pera o ajudar, como mandou, e a poz

em cilada da outra parte do engenho. E, mortas as gallinhas, postas a assar pera mais dissimulação, tanto que os teve juntos deu signal aos da emboscada, os quaes sahiram e mataram alguns, em que entrou um mercador hollandez e, fugindo os mais pera o batel, cativaram só tres, que depois dahi a seis mezes tornaram a fugir de casa de Antonio Cardoso de Barros pera os seus.

Outros foram em uma náu á ponta da ilha de Taparica, chamada a ponta da Cruz e, depois de a carregarem de azeite ou graxa de baleia, que ahi havia (porque aquelle é o logar onde se faz), se foram ao engenho de Gaspar de Azevedo, que está na praia uma legua atraz da ponta, onde lhe não tomaram assucar nem fizeram algum damno, antes lhe escreveram que viesse pera o seu engenho e moesse canna, e lhe dariam pera isso negros e toda a fabrica necessaria. E sómente a uma cruz de páu, alta, que estava no terreiro do engenho, deram algumas cutiladas, a qual milagrosamente se torceu e virou logo pera outra parte, pera a qual caminhando depois os hollandezes acharam alguns moradores da ilha com Affonso Rodrigues da Cachoeira, que então alli chegou com o seu gentio e, mortos oito a frechadas e arcabuzadas, lhes tomaram uma lancha com tres roqueiras e fizeram embarcar os mais com a agua pela barba e muitos mui mal feridos. Pelo que se ficou tendo aquella cruz em tanta veneração e estima dos catholicos que fazem della reliquias, com que saram muitos enfermos de maleitas e outras enfermidades.

O capitão Francisco hollandez foi em outra náu á ilha de Boipeba, que é de fóra da barra, e, entrando pelo rio dentro até a villa do Cairú, que será de vinte

visinhos, com duas lanchas de mosqueteiros, mandou o portuguez que comsigo levava á terra, e de lá veiu com elle Antonio de Couros, senhor alli de um engenho, por ser amigo do dito capitão hollandez Francisco, do tempo que nesta cidade esteve preso, como dissemos em o capitulo nono deste livro. O qual Antonio de Couros, depois de se saudarem com as palavras e ceremonias devidas, se virou ao portuguez medianeiro, chamando-lhe tredo a el-rei e parcial dos hollandezes, e logo disse ao capitão que não queria com elle paz sinão guerra e pera ella o ia esperar em terra. E foi tão honrado o hollandez que, ou pelo seguro da paz que lhe havia dado, ou pela amizade e conhecimento que tinham dantes, ou pelo que fosse, nem por palavras, nem por obras lhe deu ruim resposta, antes se tornou pera a náu que havia deixado no morro de S. Paulo, que é a barra daquelle rio, e dahi pera a cidade. Depois tornou ao Camamú com outra náu e com mais lanchas e soldados e outro portuguez que havia sido seu carcereiro no tempo que esteve preso, e com muitos negros dos que haviam tomado nos navios de Angola, pera ver se lhos queriam trocar por vaccas, porcos e gallinhas, e tambem por lhe não responderem ao seu preposito, se tornou só com doze bois que tomou do pasto do engenho dos padres da Companhia, e ainda estes lhes custaram oito hollandezes, que os indios mataram a frechadas. E, por haver levado as lanchas de vela, perderam cá a presa de um navio de Vianna, que vinha da ilha da Madeira carregado de vinhos e mui embandeirado, ao qual, estando já junto das náus hollandezas pera tomar a vela e deitar ancora, tiraram de uma dellas duas bombardadas, o que visto pelos portu-

guezes do navio conheceram pelos pelouros que levavam ser de guerra e, largando todo o panno ao vento, que era largo, foram correndo pela bahia dentro, indo tambem a hollandeza, que era a náu *Tigre*, após ella; porém, como se deteve em se desamarrar e largar as velas, sempre o navio lhe levou esta ventagem, a qual bastou pera a seu salvo se pôr na bocca do rio de Matuim, onde a náu por ser grande, que era de tresentas e cincoenta toneladas, e não levar lanchas, não poude chegar nem fazer-lhe damno.

O dia seguinte, chegadas as lanchas do Camamú, as mandaram logo ao dito rio, onde, por não acharem o navio que se foi metter dalli a uma legua em a Petinga, deram em a fazenda de Manuel Mendes Mesas, lavrador, e lhe tomaram algumas ovelhas que viram andar no pasto, com que tornaram pera as suas náus.

O bispo mandou logo o capitão Francisco de Crasto e outros ao rio da Petinga, pera defenderem o navio, si lá fossem os hollandezes, em quanto se descarregava, e delle levaram seis peças de artilharia pera o arraial e, sabendo que uma náu se puzera entre a ilha dos Frades e a de Maré, pera dahi com a sua lancha tomar os barcos que por aquelles boqueirões navegavam, encarregou ao capitão Agostinho de Paredes que andasse por ahi em uma barca pera lhe impedir as presas e ver si podia tomar-lhes a lancha. Porém elles se guardaram disso porque, estando alli vinte dias e sahindo nella quasi cada dia o capitão, que se chamava Cornelio Cornelles, com vinte e cinco mosqueteiros, ou, quando elle não ia, o piloto, a qualquer barco que passava, tanto que o barco encalhava em terra, ou se mettia pelos boqueirões o deixavam, e se tornavam á náu. O

que eu sei como testemunha de vista, porque neste tempo ainda estava cativo nesta náu, e um dia lhes disse que se desenganassem de poder fazer presa alguma, porque estava defronte uma fortaleza, mostrando-lhe uma igreja de Nossa Senhora do Soccorro de muitos milagres, a qual defendia todo aquelle circuito, do que muito se riram, mas emfim se tornaram pera o porto da cidade sem pilhagem alguma.

CAPITULO VIGESIMO OITAVO

Dos navios que os hollandezes tomaram na Bahia e o que fizeram da gente que cativaram.

Quando os hollandezes tomaram a Bahia, acharam trinta navios ancorados, alguns ainda carregados com as fazendas que trouxeram do reino, outros de assucar já pera partirem, outros de farinha da terra e outros mantimentos pera Angola, os quaes todos tomaram descarregando-os nos seus e em suas loges. Escolheram os melhores pera os armarem e servirem delles, e aos mais metteram no fundo. E, fóra estes, lhes vieram depois a cahir nas mãos alguns vinte; porque, como este porto é de tanto commercio e vêm a elle de partes tão remotas que nem dahi a quatro mezes se pôde nellas saber como estava impedido, por si se vinham entregar e ancorar entre os inimigos, com quanto lhes era necessario de farinha de trigo, biscoito, azeite, vinho, sedas e outras ricas mercadorias. E por remate lhes veiu um do rio da Prata carregado della, em que vinha D. Francisco Sarmiento, que havia servido em Potosi de corregedor e trazia mulher e filhos e um genro e neto, que todos recolheu o coronel em sua casa depois de roubados, e lhes deu mesa e vestidos.

Entre estes navios tomados foi logo dos primeiros um o dos padres da Companhia, em que costumam visi-

tar os collegios e casas que têm por esta costa, e nesta occasião vinha do Rio de Janeiro o padre Domingos Coelho, seu provincial que ia já acabando, e o padre Antonio de Mattos que lhe havia de succeder, e outros padres e irmãos da Companhia, que por todos eram dez. Vinham tambem quatro religiosos de S. Bento, e eu e meu companheiro da ordem do nosso padre S. Francisco.

Amanhecemos aos 28 de Maio da dita era de 1624 na ponta do morro de S. Paulo, que é por onde se entra na primeira bocca da bahia, onde vimos duas lanchas e uma náu, que se vieram a nós e brevemente ferraram do navio por vir desarmado e se senhorearam delle e de quanto trazia, que eram caixões de assucar, marmeladas, dinheiro e outras cousas de encommendas e de passageiros que nelle vinham e nos trouxeram pera o porto, donde nos repartiram pelas suas náus de dous em dous, e de quatro em quatro. E assim estivemos até o fim de Julho, que o seu general se partiu com onze náus pera as Salinas, e o almeyrante com cinco e dous patachos pera Angola, e juntamente partiram quatro em direitura carregadas de assucar pera Hollanda, em que mandaram o governador Diogo de Mendonça Furtado com seu filho, e o ouvidor geral Pero Casqueiro da Rocha e o sargento-mór e tambem os padres da Companhia e os de S. Bento. E a nós deixaram pera nos trocarem pelos seus que estavam cativos dos assaltos, sobre o que andava um portuguez, morador na terra, que falava a lingua flamenga, o qual depois acharam que lhe era tredo e os enganava, pelo que o prenderam e enforcaram com um irmão seu e um mulato que os acompanhava, e a nós se ficaram dilatando as esperan-

ças da nossa liberdade, de tal sorte que meu companheiro teve por melhor arriscar-se a ir a nado, o que eu ainda que quizera não podia fazer, porque quem não sabe nadar vai-se ao fundo.

E assim estive na prisão do mar quatro mezes, os quaes passados me pediu Manuel Fernandes de Azevedo, um dos moradores portuguezes que ficaram na cidade, e concederam que viesse pera sua casa e pudesse andar em sua companhia pela cidade, comtanto que não chegasse aos muros e fortificações. Donde me occupei em confessar os portuguezes, em fórma que nem um morreu sem confissão, como até este tempo morriam, mas não eram muitos, porque a todos os que se quizeram ir deram licença, e tres navios em que se foram, um pera Pernambuco e dous pera o Rio de Janeiro, nos quaes foram tresentas pessoas, os mais delles gente do mar e passageiros dos navios que tomaram. Tambem fugiram muitos pera o nosso arraial, pera onde lhes não queriam dar licença, e de lá se veiu pera elles uma mulher casada, fugindo a seu marido com uma filha formosa, que o coronel casou com um mercador hollandez, e lhes fez grandes festas em seu recebimento de musicas, danças e banquetes, que duraram tres dias.

Aos mais portuguezes que ficamos davam ração como aos seus de pão, vinho, azeite, carne, peixe cada semana; e as obras que lhe faziam alguns que eram alfaiates e sapateiros, e camisas que as mulheres faziam pagavam muito bem.

CAPITULO VIGESIMO NONO

De como Mathias de Albuquerque depois que recebeu a provisão do governo tratou do soccorro da Bahia e fortificação de Pernambuco, onde deteve a Francisco Coelho de Carvalho, governador do Maranhão.

Recebida por Mathias de Albuquerque em Pernambuco a provisão do governo do Brasil na vagante de Diogo de Mendonça Furtado, fez logo uma junta dos officiaes da camera, capitães, prelados da religião e outras pessoas qualificadas sobre si viria em pessoa soccorrer a Bahia, o que por todos lhe foi contradito, assim porque não bastaria o soccorro que de lá podia trazer pera recuperal-a, como pelo perigo em que deixava estoutra capitania, de cuja fortificação e defensa se devia tambem tratar, pois viam arder as barbas dos seus visinhos. Com a qual resolução mandou Antonio de Moraes, que de cá havia ido e achado no caminho um grande pedaço de ambar, tornasse por terra com soccorro de alguns soldados com suas armas e munições, fazendo tambem tornar outros que encontrasse pelo caminho, e assim chegou ao arraial uma boa companhia.

O governador se ficou fortificando na villa de Olinda com muita diligencia, cercando toda a praia e pondo nella soldados com seus capitães em as estancias necessarias, como tambem fez em o rio Tapado, um terço

de legua da villa, e o Páu-Amarello, que dista della tres leguas, e é porto onde podem entrar lanchas e patachos. E, porque o do Recife é o principal, onde estão os nossos navios e duas fortalezas, que são as chaves de todo o Pernambuco, pediu a Francisco Coelho de Carvalho, governador do Maranhão, que pouco havia alli chegara do reino, não quizesse em aquella occasião seguir sua viagem pera o Maranhão, encarregando-lhe o dito porto e povo do Recife e o governo delle, sobre o qual ambos escreveram a Sua Magestade que se houvesse disso por bem servido. E por esta causa se ficou alli Francisco Coelho de Carvalho, com tres companhias de soldados que do reino levava, e juntamente com elle seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, Manuel Soares, seu sargento-mór, Jacome de Reymonde, provedor-mór da fazenda do Maranhão, e Manuel de Sousa Deça, capitão-mór do Pará, e mandou só um barco ao Maranhão com alguns velhos e mulheres, no qual se embarcou nosso irmão frei Christovão Severim, que ia por custodio com quinze frades, que trazia da provincia, e cinco que se lhe ajuntaram desta custodia do Brasil, a quem tambem o administrador de Pernambuco, que então era o Dr. Bartholomeu Ferreira, deu poderes de vigario geral e provisor, como os trazia do santo officio, pera rever e calificar os livros, o que tudo era mui necessario em aquellas partes.

Partiram do Recife a 12 de Julho de 1624, e aportaram aos dezoito do mez na enseada de Mocoripe, tres leguas do Ceará, donde os veiu buscar o capitão-mór Martim Soares Moreno pera o forte, em que se detiveram quinze dias, sacramentando os brancos e doutrinando os indios de duas aldeias que alli estavam com

os quaes o custodio deixou dous religiosos, por requerimento que o capitão lhe fez, pera quietação dos indios, que com esperanças de alcançal-os os haviam até alli sustentado.

Os mais chegaram ao Maranhão em 6 de Agosto onde começaram a edificar uma casa e igreja de taipa, em que se disse a primeira missa no anno seguinte dia de Nossa Senhora das Candeias, ajudando Deus a obra como sua com algumas maravilhas e milagres notaveis.

Um foi que, dizendo os pedreiros que pera se rebocarem as paredes eram necessarias sessenta pipas de cal, e não havendo mais que vinte e cinco, com ellas se rebocaram e sobejaram ainda dezasete pipas, não sem grande admiração dos officiaes, que com juramento affirmaram era milagre.

Outra foi que, trazendo-se pera a obra em um carro uma mui grande e pesada trave, cahiu o carreiro que ia diante e, passando a roda do carro por cima delle com todo aquelle peso, não lhe fez damno algum, mas logo se levantou são e proseguiu sua carreira, ficando-lhe só o signal da roda impressa no peito por onde passou pera prova do milagre.

Nem trabalhou menos o padre custodio em o edificio espiritual das almas, que em a visita achou estragadas, e em a conversão dos indios. O mesmo fez no Pará, onde reduziu á paz dos portuguezes os gentios tocantins, que, escandalisados de aggravos que lhe haviam feito, estavam quasi rebellados, e levou comsigo os filhos dos principaes pera os doutrinar e domesticar, prohibiu com excommunhão venderem-se os indios forros, como faziam, dizendo que só lhe vendiam o serviço.

Queimou muitos livros que achou dos francezes herejes e muitas cartas de tocar e orações supersticiosas de que muitos usavam, apartou os amancebados das concubinas, e fez outras muitas obras do serviço de Nosso Senhor e bem das almas, não sem muito trabalho e perseguições, que por isto padeceu, sabendo que são bemaventurados os que padecem pela justiça.

CAPITULO TRIGESIMO

De como o governador geral Mathias de Albuquerque mandou de Pernambuco por capitão-mór da Bahia a Francisco Nunes Marinho e da morte do bispo.

Informado o governador geral Mathias de Albuquerque em Pernambuco de algumas duvidas e differenças que havia entre o bispo e o ouvidor geral Antão de Mesquita de Oliveira sobre o governo do arraial e da mais gente da Bahia, porque tambem haviam pera isto eleito o mesmo ouvidor geral antes que elegessem e acclamassem o bispo, pera atalhar a estas duvidas e differenças mandou que viesse por capitão-mór Francisco Nunes Marinho, que o havia já sido na Parahiba, e servido a el-rei na India e em outras partes com muita satisfação. E pera isto lhe deu dous caravelões, de um dos quaes veiu elle por capitão, e de outro Antonio Carneiro Falcato, com trinta soldados, polvora, munições e vitualhas de vinho, azeite e outras cousas, que se lhe puderam dar em tempo tão necessitado dellas.

No mar tiveram uma grande tormenta que os obrigou a entrar no rio de Serigipe del-rei com vergas e mastos quebrados donde, depois que os refez pera seguirem sua viagem, elle se foi com alguns soldados por terra, e chegou a muito bom tempo, porque dahi a poucos dias adoeceu o bispo da doença de que morreu aos

8 de Outubro da dita era, deixando a todos assás saudosos e desconsolados com a falta de sua presença, por ser ella tal que ainda a natural agradava a todos, sem as muitas graças sobrenaturaes com que Deus a esmaltou, porque era mui esmoler e liberal, devotissimo do santissimo sacramento, o qual levava elle proprio aos enfermos, ou ao menos o acompanhava com um brandão acceso, todas as vezes que o levavam fóra, de dia ou de noite.

Celebrava cada dia derramando em a missa muitas lagrimas de devoção, pregava sem ser theologo, posto que grande canonista, melhor que muitos theologos, com muito zelo da salvação das almas. Emfim delle se podia dizer aquillo do sabio *Sapientiæ* 4, que o levou Deus deste mundo, e em tão pouca idade, que ainda não chegava a cincoenta annos, porque não era o mundo digno de tanto bem. E, si isto se pode dizer dos seus merecimentos pera com Deus, não menos pera com el-rei, como bem se viu em esta occasião, em que o serviu de capitão-mór e governador depois da Bahia tomada; porque elle foi o que, andando os homens espalhados pelos mattos, morrendo de fome, e nem alli se tendo por seguros, os fez ajuntar em um arraial, como já dissemos, e alli deu ordem a que se levassem mantimentos de todas as partes a vender, sustentando elle os pobres á sua custa, que o não podiam comprar.

Dalli ordenou os capitães e companhias pera os assaltos, em que reprimiu a insolencia dos hollandezes, que, si isto não fôra, houveram de assolar todas as fazendas de fóra e, quando iam aos assaltos, os animava e exhortava de modo que até os gentios selvagens, que de principio andavam alguns nestas companhias, obrigava a irem com muita vontade e esforço. Logo se

punha em oração pedindo a Deus lhe désse victoria e, quando com ella tornavam, lhe dava graças, abraçava os soldados e gratificava-lhes não só com palavras, mas com dadivas, com que todos andavam á porfia a quem melhor havia de pelejar. E assim puzeram, sem o ter sitiado, em tanto aperto que não se atreviam a sahir cincoenta passos da cidade a buscar um limão, sinão com muita gente e ordem, e nem essa bastava, o que tudo se pode attribuir tambem ás orações do santo bispo, que não só governava estas guerras com sua industria, conselho e agencia, como Josué e outros famosos capitães, mas com lagrimas e orações como Moysés. E, entendendo que a tomada da cidade fôra castigo do ceu por vicios e peccados, depois se castigava a si mesmo, e fazia tão aspera penitencia que nunca mais fez a barba nem vestiu camisa, sinão uma sotaina de burel, dormia mui pouco e jejuava muito, pregava e exhortava a todos á emenda de suas culpas, pera que applacassem a divina ira, até que destes trabalhos o tirou Deus pera o descanço da bemaventurança, como se pode confiar em sua divina misericordia.

CAPITULO TIRGESIMO PRIMEIRO.

Dos encontros que houve com os hollandezes no tempo que governou o nosso arraial o capitão-mór Francisco Nunes Marinho.

Ainda que o capitão-mór Francisco Nunes Marinho era velho e enfermou gravissimamente chegando á Bahia, nem por isso enfraqueceu do animo, ou faltou um ponto do que era do seu officio e governo, antes tinha dito a João Barbosa, que o acompanhou e serviu desde a Parahiba, que, por mal que estivesse, nunca o dissesse aos soldados; mas, tomando-lhe o recado, dissesse que lho ia dar, e tornasse com a resposta em seu nome que lhe parecesse, o que o dito João Barbosa fazia com tanta prudencia e cortezia que todos iam contentes.

E depois que sarou usava de outra cautela que, tendo mui pouca polvora, mostrava botijas cheias de areia, fazendo entender aos soldados que eram de polvora e, quando se lhe queixavam porque dava tão pouca e pediam mais, dizendo que deixavam muitas vezes de seguir os inimigos nos assaltos porque no melhor lhes faltavam as cargas, respondia que bastava aquillo, querendo antes ser notado de escasso, ou de qualquer outra nota, que descobrir a falta da polvora, pera que de todo não desmaiassem e deixassem a guerra.

Assim foi continuando com os assaltos na fórma que o bispo havia ordenado, e era a melhor que podia ser, accrescentando mais duas trincheiras, uma em Tapuype, e outra da banda de S. Bento, pera os nossos que nelles andavam.

Ordenou tambem que andassem dous barcos de vigia, um na Itapoan, outro no Morro, pera avisar os navios que vinham de Portugal, com que se salvaram tres ou quatro, e sem mudar o arraial lhe abreviou o caminho pera a cidade um terço de legua, pera com mais presteza poderem acudir aos assaltos. E no seu tempo soube o capitão Manoel Gonçalves pelas espias que trazia, que estavam alguns hollandezes mettidos no mosteiro do Carmo e deu sobre elles com os mais capitães de que era cabo, onde pelejaram uns e outros valorosamente, e ficaram (?) dos hollandezes e dos nossos dous. Outra vez encontrou o mesmo Manoel Gonçalves uns hollandezes que sahiram da fortaleza de São Philippe, e matou dous, fazendo recolher os outros, queimou-lhes um batel, e emfim os tinha tão apertados que, si não era por mar, poucos passos se atreviam a sahir da fortaleza.

Alguns assaltos foram tambem dar por mar os hollandezes, como foi um no engenho de Manoel Rodrigues Sanches, onde lhe tomaram cincoenta caixas de assucar, queimando-lhe as casas e a igreja sem lho poderem impedir, posto que acudiram Manoel Gonçalves e André de Padilha, pai do capitão Francisco de Padilha, e depois o coronel Lourenço Cavalcanti com quarenta homens e os fizeram embarcar, matando-lhes e ferindo-lhes alguns. Outro assalto deram no engenho de Estevão de Brito Freire, donde ao desembarcar lhe resistiu o ca-

pitão da freguezia Agostinho de Paredes com alguns arcabuzeiros, os quaes, por serem poucos e os inimigos muitos, foi forçado retirarem-se ao alto ás casas de um lavrador fóra dos pastos do engenho, no qual os hollandezes mataram alguns bois e chegaram a estar ás arcabuzadas e ainda ás pulhas com os nossos. Mas de noite se embarcaram á pressa, deixando dous bois mortos sem os levarem, e só levaram vinte caixas de assucar que acharam no engenho, havendo já de caminho tomado doze de retame de um engenho de meles e alguns porcos de um chiqueiro e, si não se houveram assim embarcado, não o poderam depois fazer tanto a seu salvo, que no dia seguinte acudiu o capitão dos assaltos Francisco de Padilha e Melchior Brandão, capitão de Paraguaçú, com muita gente. E, porque uma náu dos hollandezes havia ficado em secco e se detiveram tres ou quatro dias em tomar uma agua que abrira e allivial-a da artilharia em as lanchas, os ditos capitães se embarcaram com o Paredes, cuidando que sahissem em terra, o que não fizeram, mas, concertada e alliviada a náu, se foram pera o porto da cidade.

Tinha mais o dito capitão-mór Francisco Nunes ordenadas e feitas setenta escadas pera escalar a fortaleza de S. Philippe em Tapuype e á força se senhorear della e da polvora dos inimigos pera os assaltos, o que não poz em execução porque lhe veiu successor e trouxe polvora e tudo o mais necessario.

CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO

De como veiu D. Francisco de Moura por mandado de Sua Magestade soccorrer a Bahia e governar o arraial.

Sabido pelo nosso rei catholico Philippe Terceiro a nova da perda da Bahia, a sentiu grandemente, não tanto pela perda quanto por sua reputação, por entender que os hollandezes por esta via determinavam divertil-o das guerras que actualmente lhes fazia em Hollanda, ou que, por sustental-a e acudir aos assaltos que continuamente lhe faziam pela costa de Espanha, não poderia acudir a est'outra, como elles diziam. E assim, pera desenganal-os destes desenhos, mandou com muita brevidade aprestar suas armadas; e que entretanto se mandasse de Lisboa todo o soccorro possivel, não só á Bahia, mas ás outras partes do Brasil, pera que os rebeldes não tomassem pé no estado, nem ainda o lançassem fóra dos limites da cidade que tinham tomada, porque nisso podiam perigar as fazendas dos engenhos de assucar que estão no reconcavo, de que tanto proveito recebem as suas alfandegas.

O que visto pelos governadores do reino D. Diogo de Castro, conde de Basto, e D. Diogo da Silva, conde mordomo-mór, mandaram logo em 8 de Agosto de 1624 duas caravelas em direitura a Pernambuco, pera dalli seguir em a ordem que o governador Mathias de Albu-

querque lhes désse em soccorro da Bahia: eram os capitães Francisco Gomes de Mello e Pero Cadena, um e outro bem vistos na costa do Brasil.

Traziam de soccorro o que em tão poucos navios podia ser, cento e vinte homens de guerra, cincoenta quintaes de polvora, mil e cem pelouros de ferro de toda a sorte, vinte quintaes de chumbo em pão, mil e tresentos arcabuzes de Biscaia apparelhados, quatorze quintaes de chumbo em pelouros, duzentas lanças e piques de campo, quatro arrobas de morrão.

Chegou Francisco Gomes de Mello a Pernambuco nos ultimos de Setembro, onde foi recebido com extraordinario alvoroço e repiques da villa, sabendo por elle ficarem fervendo Portugal e Castella em soccorro do Brasil. O capitão Cadena chegou mais tarde, por dar de caminho aviso na ilha da Madeira.

Mandaram tambem os senhores governadores em 19 de Agosto da dita éra Salvador Corrêa de Sá e Benevides em o navio *Nossa Senhora da Penha de França* com oitenta homens, armados com seus arcabuzes de Biscaia, quatorze quintaes de polvora, oito de chumbo e dous de morrão, ao Rio de Janeiro, em que seu pai Martim de Sá estava actualmente governando. E á Bahia mandaram por capitão-mór D. Francisco de Moura, que já havia sido governador de Cabo-Verde, com cento e cincoenta homens de guerra, tresentos arcabuzes apparelhados, cincoenta quintaes de polvora, dez de morrão, vinte e nove de chumbo em pão, cento e cincoenta fôrmas de fazer pelouros.

Com este soccorro chegou D. Francisco de Moura a Pernambuco, patria sua, em tres caravelas, das quaes elle capitaneava a sua, e as outras duas Hyeronimo

Serrão e Francisco Pereira de Vargas, aos quaes se ajuntaram em Pernambuco Manuel de Sousa de Sá, capitão-mór do Pará, e Feliciano Coelho de Carvalho, filho do governador do Maranhão, que se offereceram pera os acompanharem, e o governador Mathias de Albuquerque lhes deu seis caravelões e oitenta mil cruzados mais de novos provimentos, e nos caravelões se metteu todo o soccorro que vinha nas caravelas, o que tudo se fez dentro de oito dias, no fim dos quaes se partiram do Recife, e foram desembarcar á torre de Francisco Dias de Avila, donde se vieram por terra ao arraial.

E, em chegando a elle aos 3 de Dezembro de 1624, lhe fizeram salva de seis peças de artilharia, o que aos hollandezes na cidade deu que entender, porque até aquelle tempo não tinham dalli ouvido outras, e assim desejavam muito saber o que era e colher alguem que lho dissesse. Pera o que fizeram uma sahida a S. Bento, onde se encontraram com o capitão Lourenço de Brito em uma emboscada, e lhe mataram o sargento e prenderam outro homem muito mal ferido, do qual souberam ser D. Francisco de Moura, capitão-mór, que succedera a Francisco Nunes Marinho, e este ao bispo, que era morto, das quaes cousas nem uma até então sabiam sinão por dito dos negros, a que não davam credito.

Outra sahida fizeram ao Carmo, a qual não lhes succedeu tanto a seu gosto, por ser a tempo que D. Francisco mandava o architecto Francisco de Frias reconhecer aquelle sitio e como em elle se pudessem os nossos fortificar. E iam em seu resguardo o capitão Manoel Gonçalves, Gabriel da Costa e os mais que daquella parte militavam, os quaes pelejaram com tanto esforço neste encontro, e lhes mataram e feriram tantos

com morte de um só dos nossos, que o architecto foi dizer a D. Francisco que pera tão valentes e animosos soldados não havia mister fazer fortificações artificiaes, pois sem ellas remettiam aos inimigos como leões.

Ia-lhes tambem faltando já o conducto da carne e pescado e, por lhes dizerem que na ilha de Taparica, tres leguas da cidade, havia muitos curraes de vaccas e boas pescarias, determinaram senhorear-se della, e pera este effeito se embarcaram em duas náus e algumas lanchas quatrocentos soldados com o capitão Quife, e o capitão Francisco. E indo já nos bateis pera desembarcar na ilha em o engenho de Sebastião Pacheco, estava Paulo Coelho, capitão da ilha, detraz de uma cava ou bardo da bagaceira da canna, com outros portuguezes, donde ás arcabuzadas lhe feriram alguns e impediram que não desembarcassem. E, porque em todos os mais engenhos houvesse a mesma resistencia, mandou D. Francisco de Moura por Manuel de Sousa de Sá ver as fortificações que tinham e que onde não as houvesse se fizessem, o que fez com grande cuidado. Fez tambem cabo a João de Salazar de dez barcas pera defenderem do inimigo as que trouxessem mantimentos, ou gente do reconcavo ao arraial. Com isto cessaram os assaltos por mar e tambem por chegar um navio de Hollanda pela festa do Natal, que tomou de caminho outro nosso, que vinha de Lisboa pera Pernambuco com cartas de el-rei e aviso da nossa armada, que vinha.

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO

Da morte do coronel Alberto Scutis e como lhe succedeu seu irmão Guilhelmo Scutis e se continuaram os assaltos.

Muito solicito andou o coronel Alberto Scutis, depois que teve estas novas, em fortificar a cidade e o porto, entendendo que por uma parte e outra lhe convinha defender-se, e principalmente mandou acabar e perfeiçoar o forte da praia, que Diogo de Mendonça começou e não tinha ainda acabado; mas nem por isto deixava de andar em festas e banquetes, assim na terra como nas náus, a que levava o seu prisioneiro D. Francisco Sarmiento com toda a sua familia, e porventura daqui se lhe originou dar em uma enfermidade, de que morreu em poucos dias.

Logo o dia em que o coronel Alberto Scutis morreu que foi a 24 de Janeiro de 1625, foi levantado por coronel seu irmão Guilhelmo Scutis, que era capitão-mór ou mestre de campo, ficando em seu logar o capitão Quiffe. No dia seguinte se deu sepultura ao defunto na sé e com as mesmas ceremonias que se fizeram na do primeiro coronel, de que tratámos no capitulo undecimo *(sic)*, sinão que deram mais duas surriadas que ao outro, ou fosse por ser irmão do coronel, ou por neste mesmo dia lhe haver chegado uma náu de Hollanda com sessenta soldados.

A 13 de Março chegou outra, que, por o vento lhe ser escasso e os que a governavam duvidarem si o porto seria ainda seu, andou dous dias aos bordos sem entrar. Nem menos duvida e receio houve com isto na cidade, suspeitando que seria da armada de Espanha e andaria esperando pelas mais. E assim se apercebeu o coronel com todas as prevenções. Porém quietaram-se com a chegada da náu, vendo que era sua e vinha carregada de ladrilho, que muito estimaram, pera uma torre que tinham começada á porta do muro que vai pera o Carmo, pera a qual iam tirando a pedra já da capella nova da sé. E porque lhes faltava cal, foram aos 17 do mesmo mez pela manhã cedo a uma casa donde a havia além do Carmo, junto da ermida de Santo Antonio, buscal-a com muitos negros e saccos pera a trazerem e cento e vinte soldados mosqueteiros de resguardo, os quaes, mettidos na casa da cal e em outras alli visinhas, porque chovia, sahiam alguns poucos a vigiar. A que sahiu o capitão Jordão de Salazar, que estava na ermida, e logo o capitão Francisco de Padilha e Jorge de Aguiar, e os mais capitães dos assaltos que por alli andavam perto, e se travou entre todos uma rija batalha, na qual, por chuver e não poderem usar das armas de fogo, as largaram e vieram ás espadas, com que nos mataram dous homens e feriram doze, e os nossos mataram nove hollandezes, um dos quaes era tenente coronel, e feriram muitos, tomaram-lhe dezoito mosquetes, duas alabardas, um tambor e algumas espadas, assim dos mortos como dos que fugiram; mas, vendo que lhes vinha soccorro da cidade, se retiraram os nossos, dandolhes logar que levassem os seus mortos e feridos, posto que sem a cal que iam buscar.

Não trato dos assaltos que se deram aos negros seus confederados, que algumas vezes sahiam fóra pelas roças, como quem bem as sabia e os caminhos, a buscar frutas pera lhes venderem, dos quaes foram alguns tomados, e a um destes cortou o capitão Padilha ambas as mãos e o tornou a mandar pera a cidade com um escrito pendurado ao pescoço, em que desafiava o capitão Francisco, que era o mais conhecido, porque este (como já disse) é o que tomou Martim de Sá no Rio de Janeiro, e o mandou o capitão-mór Constantino Menelau de lá a esta cidade, onde esteve preso muito tempo. O qual sahiu ao desafio com duzentos mosqueteiros e alguns negros frecheiros, mas, quando viu a confiança com que o estavam aguardando além de S. Bento, junto á ermida de S. Pedro, e sentiu um rumor no matto, que imaginou ser manga de indios pera lhe tomarem as costas, posto que realmente não eram sinão uns negros que iam carregados de taboas da ermida de S. Antonio da villa velha pera o arraial, isto bastou pera não ousar a commetter, nem ainda a esperar, e se tornou pera a cidade.

Outra fineza fez o capitão Francisco Padilha com seu primo Antonio Ribeiro, que se foram a um bergantim dos hollandezes uma noite e, junto da fortaleza nova e dos seus navios que tinham continua vigia, o levaram dalli, á vista da sua náu que estava vigiando na barra, a metter no rio Vermelho com duas peças pequenas de bronze e quatro roqueiras que tinha dentro, indo por terra o capitão Francisco de Crasto, com a sua companhia e a do Padilha de resguardo pera que, si os Hollandezes fossem atraz do bergantim, o encalhassem em terra e lho defendessem, o que elles não fize-

ram por se não poderem persuadir (segundo diziam) que lha levaram os portuguezes, sinão que se desamarrara e o vento e a maré o levara.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

Da armada que Sua Magestade mandou soccorrer e recuperar a Bahia e dos fidalgos portuguezes que se embarcaram.

Com muita brevidade mandou Sua Magestade aprestar suas armadas, assim em Castella como em Portugal e Biscaia, pera soccorrer e recuperar a Bahia do poder dos hollandezes, dizendo que, si lhe fôra possivel, elle mesmo houvera de vir em pessoa, o que foi causa de todos seus vasallos se offerecerem á jornada com muita vontade. E só na armada de Portugal se embarcaram mais de cem fidalgos, pera o que foi tambem grande motivo D. Affonso de Noronha, fidalgo velho, que havia sido eleito viso-rei da India, e foi o primeiro que se alistou por soldado, a quem todos os outros seguiram pera passar este grande oceano, como os filhos de Israel a Aminadab, pera a passagem do mar Vermelho.

Partiu esta armada de Lisboa a 22 de Novembro de 1624, dia de Santa Cecilia, por general della D. Manuel de Menezes em o galeão *S. João*, do qual vinha por capitão seu filho D. João Telles de Menezes e juntamente de uma companhia de soldados, e D. Alvaro de Abranches, neto do conde de Villa-Franca, e Gonçalo de Sousa, filho herdeiro de Fernão de Sousa, governador do reino de Angola, de outras duas, que por todos eram seiscentos soldados.

Na almeyranta, que era o galeão *Sta. Anna,* vinha por almeyrante e mestre de campo de um terço D. Francisco de Almeida, por capitão da sua infantaria Simão de Mascarenhas, do habito de S. João.

No galeão *Conceição* vinha por capitão e mestre de campo de outro terço Antonio Moniz Barreto; por capitão da infantaria D. Antonio de Menezes, filho unico de D. Carlos de Noronha.

No galeão *S. Joseph* vinha por capitão D. Rodrigo Lobo e da infantaria D. Sancho Faro, filho do conde de Vimieiro.

A náu *Caridade* vinha por capitão della e da infantaria Lancerote de Franca; na naveta *Santa Cruz* vinha por capitão della e da infantaria Constantino de Mello; na náu *Sol Dourado* capitão Manoel Dias de Andrade; na náu *Penha de França* capitão Diogo Vayão; na náu *Nossa Senhora do Rosario,* capitanea da esquadra do Porto e Vianna, por capitão-mór della e de toda a esquadra Tristão de Mendonça Furtado, e por capitão da infantaria Antonio Alvares; na almeyranta chamada *S. Bartholomeu,* almeyrante Domingos da Camara e capitão da infantaria D. Manuel de Moraes; na náu *Nossa Senhora de Ajuda,* capitão della e da infantaria Gregorio Soares; na náu *Nossa Senhora do Rosario Maior,* capitão della e de arcabuzeiros Ruy Barreto de Moura; na náu *Nossa Senhora do Rosario Menor,* capitão Christovão Cabral, do habito de S. João; na náu *Nossa Senhora das Neves Maior,* capitão Domingos Gil da Fonseca; na náu *Nossa Senhora das Neves Menor,* capitão Gonçalo Lobo Barreto; na náu *S. João Evangelista,* capitão Diogo Ferreira; na náu *Nossa Senhora da Boa Viagem,* capitão

Bento do Rego Barbosa; na náu *S. Bom Homem*, capitão João Casado Jacome.

Os mais navios eram patachos e caravelas, que por todos eram vinte e seis, dez do Porto e Vianna, e os mais de Lisboa.

Os fidalgos que em elles vinham embarcados por soldados, seguindo a ordem do alphabeto, eram:

O já nomeado D. Affonso de Noronha, do conselho do estado; D. Affonso de Portugal, conde de Vimioso; D. Affonso de Menezes, herdeiro da casa de seu pai, D. Fradique; D. Alvaro Coutinho, senhor de Almourol; Alvaro Pires de Tavora, filho herdado de Ruy Lourenço de Tavora, governador que foi do Algarve e viso-rei da India; Alvaro de Sousa, filho herdeiro da casa de Gaspar de Sousa, do conselho de estado e governador que foi do Brasil; Alvaro de Sousa, filho de Simão de Sousa; D. Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro; Antonio Correia, senhor de Bellas; Antonio Luis de Tavora, filho herdeiro do conde de S. João; Antonio Telles da Silva, do habito de S. João, filho de Luis da Silva, do conselho de Sua Magestade, vedor de sua fazenda; Antonio da Silva, filho de Pedro da Silva; Antonio Carneiro de Aragão; Antonio de S. Paio, filho de Manoel de S. Paio, senhor de Villa-Flor; Antonio Pinto Coelho, senhor das Figueiras; Antonio Taveira de Avellar; D. Antonio de Mello; Antonio Freitas da Silveira, filho de João Rodrigues de Freitas, da ilha da Madeira;

Braz Soares de Sousa;

D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca; Duarte de Albuquerque, senhor de Pernambuco; D. Diogo da Silveira, filho herdeiro de D. Alvaro da Silveira e neto do conde de Sortelha; D. Diogo Lobo, filho de D. Pedro

Lobo; D. Diogo de Noronha; D. Diogo de Vasconcellos e Menezes e D. Sebastião, filhos de D. Affonso de Vasconcellos, da casa de Penella; Duarte de Mello Pereira; Duarte Peixoto da Silva;

Estevão Soares de Mello, senhor da casa de Mello, Estevão de Brito Freire;

D. Francisco de Portugal, commendador da fronteira; Francisco de Mello de Castro, filho de Antonio de Mello de Castro; D. Francisco de Faro, filho do conde D. Estevão de Faro, do conselho de estado de Sua Magestade e vedor de sua fazenda; Francisco Moniz; D. Francisco de Toledo e Antonio de Abreu, seu irmão; D. Francisco de Sá, filho de Jorge de Sá; Francisco de Mendonça Furtado e Christovão de Mendonça Furtado, seu irmão;

Gracia Velles de Castello Branco; Gaspar de Paiva de Magalhães; George de Mello, filho de Manuel de Mello, monteiro-mór; George Mexia; Gonçalo de Sousa, filho herdeiro de seu pai Fernão de Sousa, governador do reino de Angola; Gonçalo Tavares de Sousa, filho de Bernardim de Tavora, do Algarve;

D. Henrique de Menezes, senhor de Louriçal; Hieronymo de Mello de Castro; D. Henrique Henriques, senhor das Alcaçovas; Henrique Correia da Silva, Henrique Henriques;

D. João de Sousa, alcaide-mór de Thomar; João da Silva Tello de Menezes, coronel de Lisboa; João de Mello; D. João de Lima, filho segundo do visconde de villa nova da Cerveira; D. João de Portugal, filho de D. Nuno Alvares de Portugal, governador que foi do reino; D. João de Menezes, filho herdeiro de D. Diogo de

Menezes; João Mendes de Vasconcellos, filho de Luis Mendes de Vasconcellos, governador que foi do reino de Angola; João Machado de Brito; Joseph de Sousa de S. Paio;

Luis Alvares de Tavora, conde de S. João, senhor da casa de Mogadouro; D. Lopo da Cunha, senhor de Sentar; Luis Cesar de Menezes, filho de Vasco Fernandes Cesar, provedor dos almazens de Sua Magestade; Lourenço Pires Carvalho, filho herdeiro da casa de Gonçalo Pires Carvalho, provedor das obras de Sua Magestade; D. Lourenço de Almada, filho de D. Antão de Almada; Lopo de Sousa, filho de Ayres de Sousa;

Martim Affonso de Oliveira de Miranda, morgado de Oliveira; Martim Affonso de Tavora, filho de Ruy Pires de Tavora, reposteiro-mór de Sua Magestade; Manuel de Sousa Coutinho, filho de Christovão de Sousa Coutinho, guarda-mór das náus da India, senhor da casa de Bayão; D. Manuel Lobo, filho de D. Francisco Lobo; Manuel de Sousa Mascaranhas; Martim Affonso de Mello e Joseph de Mello, seu irmão; D. Manuel Coutinho e dous filhos do marechal D. Fernando Coutinho;

Nuno da Cunha, filho herdeiro de João Nunes da Cunha; D. Nuno Mascaranhas da Costa, filho de D. João Mascaranhas; Nuno Gonçalves de Faria, filho de Nicoláu de Faria, almotacé-mór;

Pedro da Silva, governador que foi da Mina; Pedro Cesar de Eça, filho de Luis Cesar; Pero da Silva da Cunha, filho de Duarte da Cunha; Pero Lopes Lobo, filho de Luis Lopes Lobo; Pero Cardoso Coutinho; Pero Correia da Silva; Paulo Soares; Pero da Costa Travassos, filho de João Travassos da Costa, secretario da mesa do paço;

Ruy de Moura Telles, senhor da Póvoa; D. Rodrigo da Costa, filho de D. Julianes da Costa, governador que foi de Tangere, presidente da camera de Lisboa e do conselho do paço; D. Rodrigo Lobo; Ruy Correia Lucas; Rodrigo de Miranda Henriques; Ruy de Figueiredo, herdeiro da casa de seu pai Jorge de Figueiredo, Luis Gomes de Figueiredo e Antonio de Figueiredo, seus irmãos; D. Rodrigo da Silveira e Fernão da Silveira, seu irmão, filhos de D. Luis Lobo da Silveira, senhor das Sargedas; Ruy Dias da Cunha;

Sebastião de Sá de Menezes, filho herdeiro de Francisco de Sá de Menezes, irmão do conde de Mattosinhos; Simão de Miranda; Simão Freire de Andrade.

E muitos outros homens nobres, que parece se não tinham por taes os que se não embarcavam nesta occasião. E assim aconteceu em Vianna entre tres irmãos que, sendo necessario ficar um com o cuidado de sua familia e dos mais, nem um delles o quiz ter, por não faltar na empreza, e por entender o conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa, que importava ficar algum, por sorte de dados resolveu a contenda.

A mesma houve entre um pai e um filho, querendo cada qual vir por soldado, e foi o caso ao conde governador, que resolveu tocar mais a jornada ao filho que ao pai, e os deixou conformes na pertenção da honra que cada um pera se queria.

CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

Da ajuda de custa que deram os vassallos de Sua Magestade portuguezes pera sua armada.

E, si tão liberaes se mostraram de suas pessoas os portuguezes em esta occasião, não o foram menos de suas fazendas, não sómente os que se embarcaram, que estes claro está que aonde davam o mais haviam de dar o menos, e aonde arriscavam as vidas não haviam de poupar o dinheiro, e assim fizeram grandissimas despezas, mas tambem os que se não puderam embarcar deram um grande subsidio pecuniario pera o apresto da armada.

O presidente da camera da cidade de Lisboa deu da renda della cem mil cruzados; o excellentissimo duque de Bragança D. Theodosio Segundo deu da sua fazenda vinte mil cruzados; o duque de Caminha D. Miguel de Menezes, dezaseis mil e quinhentos cruzados; o duque de Villa Hermosa, presidente do conselho de Portugal, D. Carlos de Borja, dous mil e quatrocentos cruzados, com que se pagaram duzentos soldados; o marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Corte-Real, tres mil tresentos e cincoenta cruzados, que em tanto se estimou o frete da náu *Nossa Senhora do Rosario Maior* e a companhia que nella veiu á sua custa; D. Luis de Sousa, alcaide-mór de Beja, senhor de Bringel e go-

vernador que foi do estado do Brasil, tres mil e tresentos cruzados, e trinta moios de trigo pera biscoitos; o conde da Castanheira, D. João de Athayde, dous mil e quinhentos cruzados; D. Pedro Coutinho, governador que foi de Ormuz, dous mil cruzados; D. Pedro de Alcaçova, mil e quinhentos cruzados; Antonio Gomes da Matta, correio-mór, dous mil cruzados; Francisco Soares, mil cruzados; os filhos de Heitor Mendes, quatro mil cruzados.

Contribuiram tambem os Prelados ecclasiasticos: o illustrissimo e reverendissimo arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro com dous mil cruzados; o illustrissimo arcebispo primaz D. Affonso Furtado de Mendonça, dez mil cruzados; o illustrissimo arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, quatro mil cruzados; o bispo de Coimbra D. João Manuel, quatro mil cruzados; o bispo da Guarda, D. Francisco de Castro, dous mil cruzados; o bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha, mil e quinhentos cruzados; o bispo do Algarve D. João Coutinho, mil cruzados.

Finalmente deram os mercadores portuguezes de Lisboa e reino trinta e quatro mil cruzados; os italianos quinhentos cruzados, e os allemães dous mil e cem cruzados, que em tanto se estimaram cento e cincoenta quintaes de polvora que deram.

Montou tudo duzentos e vinte mil cruzados, que foi o gasto da armada, sem entrar nelle a fazenda de Sua Magestade, e assim veiu provida abundantissimamente de todo o necessario pera a viagem, porque, além das matalotagens que os particulares traziam de suas casas, se carregaram pera a campanha sete mil e quinhentos quintaes de biscoito, oitocentas e cincoenta e quatro pipas de vinho, mil tresentas sessenta e oito de agua,

quatro mil cento e noventa arrobas de carne, tres mil setecentas e trinta e nove de peixe, mil setecentas e oitenta e duas de arroz, cento vinte e dous quartos de azeite, noventa e trez pipas de vinagre, fóra outro muito provimento de queijos, passas, figos, legumes, amendoas, assucar, doces, especiarias e sal; vinte e duas boticas, dous medicos, e quasi em todos os navios surgiões; duzentas camas pera os enfermos e muitas meias,sapatos e camisas; tresentas e dez peças de artilharia, pelouros redondos e de cadeia dous mil e quinhentos; mosquetes e arcabuzes, dous mil setecentos e dez; chumbo em pelouros, duzentos e nove quintaes; piques e meios piques, mil tresentos e cincoenta e cinco; de morrão duzentos e dous quintaes; de polvora quinhentos quintaes e muitas palanquetas de ferro, lanternetas, pés de cabra, colhéres, carregadores, guarda-cartuchos e todos os mais petrechos necessarios pera o serviço da artilharia e pera o de fortificações e cerco. Vieram muitas pás, enxadas, alviões, picões, fouces roçadeiras, machados, serras, ceiras de sparto e carretas de terra; e pera o concerto dos navios veiu muito breu, alcatrão, cevo, pregadeiras sorteadas, estopa, chumbo em pasta, enxarcea, lona, panno de treu, fio e outras muitas miudezas, e pera uma necessidade vinte mil cruzados em reales.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

Como a armada de Portugal veiu ao Cabo-Verde esperar a real de Espanha e dahi vieram juntas á Bahia.

Aos 19 de Dezembro da dita éra de 1624 tomou a nossa armada de Portugal as ilhas de Cabo-Verde, donde levava ordem de Sua Magestade que não passasse sem a armada da corôa de Castella. Aos 14 havia derrotado da mais armada o galeão *Conceição*, de que era capitão Antonio Moniz Barreto, mestre de campo, e aos 20 deu á costa com tormenta nos baixos de Sant' Anna na ilha de Maio, das onze pera a meia noite. Morreram cento e cincoenta soldados, que se lançaram ao mar, vendo que não iam com os fidalgos na primeira batelada, e ainda se houveram de lançar a perder mais si não acudira D. Antonio de Menezes, capitão de infantaria, filho unico de D. Carlos de Noronha, mancebo de vinte e dous annos, exhortando-os que tivessem paciencia até tornar o batel, e esperança em Deus que todos se haviam de salvar, nem elle os havia de desacompanhar até os ver todos salvos, postos em terra. O mesmo lhes disse D. Francisco Deça, filho de D. Jorge Deça, e com o exemplo destes dous fidalgos se deliberaram todos a passar ou no batel, ou em outros modos que cada um inventava, de jangadas e pranchas de páus e tabuas, entre os quaes se salvaram tambem dous frades da nossa provincia de

S. Antonio, frei Antonio e frei Francisco, que vinham por capellães do galeão, um no batel, outro em uma cruz, que engenhou de duas taboas, figura daquella em que esteve e está toda a nossa salvação e remedio.

Chegando recado ao general D. Manuel de Menezes da desgraça do naufragio, avisou logo ao governador de Cabo-Verde Francisco de Vasconcellos e a João Coelho da Cunha, senhor da ilha de Maio, onde o naufragio succedera, pera que mandassem soccorrer aos perdidos, o que elles fizeram com tanto cuidado que não só os curaram e regalaram, mas com sua ajuda, de seus escravos e criados se tirou a artilharia, munições, enxarceas do galeão e outras cousas tocantes assim á fazenda de Sua Magestade como de particulares, que se deram a seus donos, e com isto se entreteve alli a armada cincoenta dias, até chegar a de Castella, que esperavam, a qual era de trinta e duas náus.

Na capitanea real vinha por generalissimo do mar e terra D. Fadrique de Toledo, por almeyrante D. João Fajardo, general do estreito, em a sua; na capitanea de Napoles capitão o marquez de Cropani, mestre de campo general da empreza; na almeyranta o marquez de Torrecusso, mestre de campo de terço de Nápoles; na capitanea de Biscaya general Valezilha; na almeyranta seu irmão; na capitanea de Quatro Villas general D. Francisco de Azevedo; no galeão *Sant'Anna*, que era tambem desta esquadra de Quatro Villas, capitão D. Francisco de Andruca. E neste vinha o mestre de campo do terço da armada real D. João de Orellana, em outro D. Pedro Osorio, mestre de campo do terço do estreito, em outros de todas as esquadras outros capitães, sargentos e officiaes de guerra, a que não sei os nomes,

mas em os tratados particulares que se imprimiram da jornada se poderão ver, e neste nos capitulos seguintes se verão os obras, das quaes, mais que dos nomes, se collige a verdadeira nobreza.

Juntas pois estas armadas em o Cabo-Verde, e feitas suas salvas militares e cortezãos cumprimentos, se partiram dahi em 11 de Fevereiro de 1625 em dia de entrudo pera esta Bahia, á qual chegaram em 29 de Março, vespora de Pascoa, a salvamento. Somente se perdeu a náu *Caridade*, de que era capitão Lancerote de Franca, em os recifes da Parahiba; mas acudiu-lhe logo seu tio Affonso da Franca, que era capitão-mór da Parahiba, com barcos e marinheiros e quatro caravelões que mandou o governador de Pernambuco, com que salvaram não só a gente toda, excepto dous homens que acceleradamente se haviam lançado ao mar, mas depois o casco da náu com todo o massame, armas, artilharia, munições, e o capitão Lancerote de Franca, deixando a náu pera que a mastreassem, porque lhe haviam cortado os mastos, se foi com os seus soldados á Pernambuco, e dahi em sete caravelões que o governador lhes deu á Bahia, onde chegou no mesmo dia que a armada.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

De como Salvador Correia do Rio de Janeiro e Hyeronimo Cavalcanti de Pernambuco vieram em soccorro á Bahia e o que lhes aconteceu com os hollandezes no caminho.

Em o capitulo vigesimo oitavo deste livro dissemos como, depois da Bahia tomada pelos hollandezes, foi o seu almeyrante Pedro Peres com cinco náus de força e dous patachos pera Angola. O fim e intento que os levou foi pera a tomarem e della poderem trazer negros pera os engenhos, pera o qual diziam que se haviam contratado com el-rei de Congo, e na barra de Loanda andavam já outras náus suas e tinham queimados alguns navios portuguezes e feitas outras presas em tempo que o bispo governava pela fugida do governador João Correia de Sousa. Porém, como lhe succedeu no governo Fernão de Sousa e teve disto noticia, se aprestou e fortificou de modo que quando os hollandezes chegaram não puderam conseguir o seu intento, nem fazer mais damno que tomar uma náu de Sevilha que ia entrando e dous navios pequenos.

E assim se tornaram á costa do Brasil e entraram no rio do Espirito Santo a 10 de Março de 1625, onde havia poucos dias era chegado Salvador Correia de Sá e Benevides com duzentos e cincoenta homens e indios em quatro canôas e uma caravela que seu pai Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, mandava em soc-

corro da Bahia, o qual ajudou a Francisco de Aguiar Coutinho, governador e senhor daquella terra do Espirito Santo, a trincheirar a villa, pondo nas trincheiras quatro roqueiras que na terra havia, e desembarcando os hollandezes lhes tiraram com uma dellas e lhes mataram um homem. E depois de entrados na villa lhe sahiram os nossos por todas as partes, com grande urro do gentio, e lhes mataram trinta e cinco e cativaram dous, sendo o primeiro que remetteu á espada com um capitão, que ia diante, Francisco de Aguiar Coutinho, dizendo-lhe: «Si vós sois capitão, conhecei-me, que tambem eu o sou», e com isto lhe deu uma grande cutilada, com que o derribou em terra.

Tambem o guardião da casa do nosso padre S. Francisco, frei Manuel do Espirito Santo, que andava com os seus religiosos animando os nossos portuguezes, vendo já os inimigos junto ás trincheiras, se assomou por cima dellas com um crucifixo dizendo: «Sabei, lutheranos, que este senhor vos hade vencer». E com isto, vendo-se livre de um chuveiro de pelouros, se foi ao sino da igreja matriz que alli estava perto, e o começou a repicar publicando victoria, com que a gente se animou mais a alcançal-a, de sorte que o general dos hollandezes se retirou pera as náus com perto de cem feridos de trezentos que haviam desembarcado, e alguns mortos, entre os quaes foi um o seu almeyrante Guilherme Ians, e outro o traidor Rodrigo Pedro, que na mesma villa havia sido morador e casado com mulher portugueza e, sendo trazido por culpas a esta Bahia, fugiu do carcere pera Hollanda, e vinha por capitão em uma náu nesta jornada. E com esta raiva mandou o general uma náu e quatro lanchas a queimar a caravela de Salvador Cor-

reia, que havia mandado metter pelo rio acima em um esteiro, mas elle acudiu nas suas canôas e lhes matou quarenta homens, e tomou uma das lanchas.

O dia seguinte escreveu o general a Francisco de Aguiar em este modo: «Vossa Senhoria estará tão contente do successo passado, quanto eu estou sentido, mas são successos da guerra; si me quizer mandar os meus, que lá têm cativos, resgatal-os-ei; quando não, cabernos-á mais mantimento aos que cá estamos».

Isto lhe escreveu o general cuidando que ficaram na terra menos mortos e mais cativos, mas nem esses poucos lhe quiz mandar o governador, e assim se fez o hollandez á vela em 18 de Março, e se partiu com muito pouca gente, donde em sahindo topou com o navio dos padres da Companhia, em que nos haviam tomado, e os mesmos hollandezes haviam dado a Antonio Mayo, mestre do navio de D. Francisco Sarmiento, em troco do seu, e vinha já outra vez do Rio de Janeiro carregado de assucar pera a ilha Terceira, o qual trouxeram até a barra da Bahia. E dahi mandaram um patacho de noite reconhecer o estado do porto e das náus que nelle estavam e por dizerem que era a armada de Espanha, descarregando nas náus e pondo fogo ao navio, se foram pôr defronte de Olinda em Pernambuco, donde tomaram um negro de João Guterres, que andava pescando em uma jangada, e lhe perguntaram si estava a Bahia recuperada, o qual não só lhes disse que sim, sinão tambem que mandara o general D. Fadrique de Toledo matar os flamengos todos: e elles (ainda que era mentira) o creram, dizendo não seria elle castelhano e descendente do duque de Alba. Pelo que se foram á ilha de Fernão de Noronha a fazer aguada e chaci-

nas, com que se tornaram pera Hollanda levando o negro comsigo e aos mais negros e brancos que haviam tomado no navio dos padres deram um patachinho, em que foram cahir á Parahiba e contaram estas novas. E Salvador Correia, que ficou victorioso no Espirito Santo, se partiu nas suas canôas com a sua gente pera a Bahia, onde se metteu entre a armada e foi dos generaes e de todos aquelles fidalgos bem recebido.

Da mesma maneira sabendo Hyeronimo Cavalcanti de Albuquerque em Pernambuco de Lancerote de Franca, que se perdeu na náu *Caridade* na Parahiba, que a armada era passada pera a Bahia, se embarcou em um navio por ordem do governador Mathias de Albuquerque, com dous irmãos seus e outros parentes e amigos e cento e trinta soldados, todos sustentados á sua custa, e vindo encontrou-se no mar com o patacho que os hollandezes haviam mandado vigiar antes da vinda da nossa armada, com cuja vinda ficou de fóra. Este commetteu o de Hyeronimo Cavalcanti e, depois de se tirarem um e outro muitas bombardadas, sendo mortos cinco dos nossos, um dos quaes foi Estevão Ferreira, capitão da proa, que com estar ferido se não quiz recolher até o não matarem os hollandezes, se foram, que não devia de ser sem terem tambem muitos mortos, ou recebido algum damno, e os Cavalcantis entraram na Bahia, donde foram bem recebidos de todos, particularmente do capitão-mór D. Francisco de Moura, seu primo, e do senhor de Pernambuco Duarte de Albuquerque, que havia vindo na armada por soldado, e Sua Magestade se deu do feito por bem servido, como o manifestou em uma carta que escreveu ao mesmo Hyeronimo Cavalcanti.

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO

Como desembarcaram os da armada e os hollandezes lhes foram dar um assalto a S. Bento, donde se começou a dar a primeira bateria.

Melhor Pascoa cuidaram os hollandezes que tivessem, quando á vespora della pela manhã, á hora que na igreja se costuma cantar alleluia, tiveram vista da armada, imaginando ser a sua que esperavam. Porém, tanto que a viram por de largo em fileira e meia lua, que quasi cercava da ponta de S. Antonio até á de Tapuype toda a enseada em que está a cidade, e virem-se os barcos dos portuguezes do reconcavo metter entre ella, conheceram ser de Espanha, e se começaram apparelhar com muito cuidado. Chegaram as suas náus á terra junto das fortalezas e metteram tres das mercantes que tinham tomadas no fundo, diante das suas, pera entupirem o passo ás da nossa armada, que lhes não pudesse chegar, tiraram os marinheiros portuguezes que tinham a bordo e os trouxeram pera a cidade, notificando a elles e aos mais que nella estavamos que não saissemos de casa; trouxeram algumas peças de artilharia pera o collegio e outras partes, por onde lhes pareceu que os poderiam entrar, despejaram o forte de S. Philippe, que está uma legua da cidade, entendendo que lhes não eram sessenta homens que lá tinham de tanto effeito como nella.

Os da nossa armada em este tempo iam-se desembarcando junto ao forte de S. Antonio, dous mil castelhanos, mil e quinhentos portuguezes, e quinhentos neapolitanos com seus mestres de campo, que eram dos castelhanos D. Pedro Osorio e D. João de Orelhana, dos portuguezes D. Francisco de Almeida e Antonio Moniz Barreto, e dos neapolitanos o marquez de Torrecusso. Dos quaes deixou o general em o quartel de S. Bento a D. Pedro Osorio, D. Francisco de Almeida e o marquez, cada um com o seu terço, que todos continham dous mil soldados, e elle se passou ao do Carmo com os mais. E logo se foi trazendo a artilharia pera pôr em ambos, porque ambos estão em montes, e são quasi os ultimos de outros que tem a cidade da banda da terra por padrastos.

O que presentindo os hollandezes, e receiando o damno que dalli lhes podiam fazer, sairam aos que estavam alojados em S. Bento tresentos mosqueteiros á terceira oitava da Pascoa ás dez horas do dia, donde se começou uma batalha que durou duas horas, na qual foram mortos dos nossos oitenta, porque, como os vieram retirando até os fazerem recolher á cidade, da porta della e de outras fortalezas lhes tiraram tantas bombardadas com cargas de munição miuda e de pregos que puderam fazer toda esta matança e ferir a muitos, do que os hollandezes vieram mui contentes, e trouxeram por trophéu uma coura de um capitão castelhano, cujo corpo, com cobiça della, que era toda apassamanada de ouro, trouxeram arrastando até ao pé da ladeira, onde do muro podiam chegar com qualquer arcabuz, e muito melhor com os mosquetes de que elles usam.

E assim, vindo os nossos a buscal-o de noite pera lhe darem sepultura, lhes tiraram algumas mosquetadas, mas comtudo o levaram e o enterraram em sagrado com os mais que neste assalto morreram pelejando animosamente, que foram os de mais conta: D. Pedro Osorio, mestre de campo do terço de Estreito, o capitão D. Diogo de Espinosa, o capitão D. Pedro de Santo-Estevão, sobrinho do marquez de Cropani, João de Orejo, secretario do mestre de campo, D. Fernando Gracian, D. João de Torreblanca, Francisco Manuel de Aguilar, D. Lucas de Segura e D. Alonso de Agana, junto ao qual se achou na batalha D. Francisco de Faro, filho do conde de Faro,com um hollandez a braços e o matou, como tambem foram outros mortos e feridos, posto que poucos em comparação aos nossos.

Os quaes, com esta colera, sem mais aguardar, assentaram logo a artilharia, e no dia seguinte, que foi quinta-feira 3 de Abril, começaram com ella a bater a cidade, por aquella parte fronteira a S. Bento, abrindo-lhe grandes buracos no muro, que os hollandezes tornavam a tapar de noite com saccos de terra que pera isto fizeram, mas não tanto a seu salvo que cada noite lhes não matassem e ferissem alguns, com o que elles não desmaiavam, tendo esperança que viria cedo a sua armada, como um inglez feiticeiro lhes havia certificado. E por esta causa puzeram uma grande bandeira com as suas armas no pinaculo da torre da sé, que está no mais alto logar da cidade, pera que vindo os seus a vissem e pudessem entrar confiadamente, conhecendo que estava a terra por sua.

E a esta conta se defendiam e nos offendiam por todos os modos que podiam, entre os quaes foi um que

largaram duas náus de fogo uma noite com vento em popa e maré pera que fossem abalroar ás nossas e queimal-as, uma das quaes poz em risco a nossa almeyranta de Portugal, e sem falta se queimara si não picára a amarra e largara o traquete, com que quiz Nosso Senhor que se livrasse do perigo. A outra investiu com a almeyranta do estreito, com tanto impeto que se começava a derreter o breu e chamuscar alguns soldados; mas tambem foi livre pela diligencia e industria de D. João Fajardo, a cujo cargo estava a armada, e a canôa, em que cuidaram escapar tres hollandezes que governavam o fogo, foi tomada com um delles por uma chalupa de Roque Centeno.

Nem deixavam com toda esta occupação os hollandezes todos os dias, manhã e tarde, de se ajuntarem á sé a cantar psalmos e fazer deprecações a Deus que os ajudasse: donde um domingo pela manhã deu um pelouro que vinha da nossa bateria de S. Bento e, passando a parede da capella de S. Joseph, levou as pernas a quatro que estavam assentados em um banco ouvindo a sua pregação, de que morreram dous.

Assistiam neste quartel de S. Bento, donde esta bolada se fez e outras muitas, D. Francisco de Almeida, mestre de campo de um terço portuguez e almeyrante da armada real da corôa de Portugal, e com elle militaram D. João de Sousa, alcaide-mór de Thomar, Antonio Correia, senhor da casa de Bellas, D. Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro, Ruy de Moura Telles, senhor da Povoa, D. Francisco Portugal, commendador da fronteira, D. Alvaro Coutinho, senhor de Almourol, Pedro Correia Gama, sargento-mór deste terço, o capitão Gonçalo de Sousa, o capitão Manuel Dias de

Andrade, o capitão Salvador Correia de Sá e Benevides, o capitão Hyeronimo Cavalcanti de Albuquerque, seus irmãos e outros nobres portuguezes.

Assistia tambem com o seu terço de neapolitanos Carlo Caracciolo, marquez de Torrecusso, em quanto se não mudou a outro sitio. E do terço do estreito muitos fidalgos e capitães, que todos uns e outros, á inveja no cavar da terra pera os vallos, pareciam cavadores de officio, no carregar da faxina pera as trincheiras mariolas, mas no disparar dos mosquetes, e muito mais em esperar os dos inimigos, valorosos soldados.

CAPITULO TRIGESIMO NONO

Da segunda bateria que se fez do mosteiro do Carmo onde assistiu o general Dom Fadrique de Toledo, e outras duas que della se derivaram.

Não trabalharam menos os que militaram na bateria do Carmo com o general D. Fadrique, mas, como os de S. Bento foram picados daquelle assalto dos hollandezes, não houve rédea que os tivesse a não serem os primeiros. Além de que acharam um pedaço de muro do proprio mosteiro de que se ajudaram pera a trincheira, e os do Carmo a fizeram toda de novo, assim pera a banda da cidade, a cuja porta fica este monte fronteiro da parte do Norte, como pera as náus inimigas, que lhe ficavam ao pé da banda do Poente, ás quaes começaram de tirar em 9 de Abril, tratando-as mui mal com os pelouros, e a maior dellas, que era do capitão Sansão e tinha duas andainas de artilharia, metteram no fundo. Posto que alli o fundo é pouco por estar muito chegada á terra e a náu ser grande, ainda ficou com grande parte sobre a agua, mas perderam-se-lhe alguns mantimentos e cousas que estavam no porão e mataram-lhe quatro homens e feriram doze.

Não foi menos o damno que desta bateria fizeram na cidade, furando-lhe o muro e a porta e derribando muitas casas, pelo que prometteu o coronel a todos os

hollandezes que de noite trabalhassem no reparo dos muros e trincheiras duas patacas a cada um, porque de dia sem estipendio o faziam, e assim era continuo o trabalho. E sobre este fazer e desfazer, romper e reparar de muros era tambem continua a bateria de peças e mosquetes e se matava de parte a parte alguma gente.

Entre outros foi mui notavel um tiro que tiraram desta bateria do Carmo á outra que tinham os hollandezes á porta da sé, onde deu o pelouro na terra debaixo dos pés de um sargento e, sem lhe fazer mais damno que fazel-o saltar como quem dansando faz uma cabriola, varou ao hospital e rompendo a parede matou a dous surgiões, que estavam curando a seus feridos e feriu de novo a um dos feridos.

Da mesma maneira foram mortos alguns dos nossos, como foi Martim Affonso, morgado de Oliveira, que, recolhendo-se á casa a vestir uma camisa, suado do trabalho de carregar faxina e carregar e descarregar mosquetes, assentando-se á janella a tomar um pouco de ar, o feriu uma peça dos hollandezes em uma perna, de que em tres dias morreu com tanto valor e christandade como se esperava de tão qualificada pessoa, o qual se embarcou enfermo de Lisboa e, advertindo-o parentes e amigos que não tratasse da jornada, respondeu que ungido havia de ir nella, tanto era o desejo que tinha do serviço do seu rei, não só em esta occasião mas em outras muitas já bem mostrado. O qual Sua Magestade lhe soube bem gratificar depois de sua morte nas mercês que fez a seus filhos, como ao diante veremos.

Este foi um dos fidalgos portuguezes que militava neste quartel do Carmo, de que havemos tratado e imos tratando, com Sua Excellencia; os outros eram

D. Affonso de Noronha; o conde de S. João, Luis Alvares de Tavora, cunhado do dito morgado de Oliveira; o conde de Vimioso D. Affonso de Portugal; o conde de Tarouca D. Duarte de Menezes; Duarte de Albuquerque; Francisco de Mello de Castro; Alvaro Pires de Tavora; João da Silva Tello; Lourenço Pires de Carvalho; D. João de Portugal; Martim Affonso de Tavora; Antonio Telles da Silva; o capitão D. João Telles de Menezes; o capitão Christovão Cabral; o capitão D. Alvaro de Abranches; o capitão D. Antonio de Menezes; o capitão D. Sancho de Faro e outros.

Desta estancia do Carmo ordenou o general D. Fadrique que se fizessem outras duas, uma nas Palmeiras, em que estiveram os mestres de campo D. João de Orelhana e Antonio Moniz Barreto e Tristão de Mendonça, capitão-mór da esquadra do Porto, com dous sobrinhos seus Francisco e Christovão de Mendonça; D. Henrique de Menezes, senhor de Louriçal; Ruy Correia Lucas, Nuno da Cunha, Antonio Taveira de Avellar, o capitão Lancerote de Franca, o capitão Diogo Ferreira e outros. E foi esta estancia de muita importancia por ser mais alta que todas e não estarem as dos hollandezes por aquella fronteira tão fortificadas, e assim lhes descavalgaram as suas peças e lhes mataram e feriram muitos homens, posto que tambem nos mataram alguns, e entre elles o capitão Diogo Ferreira, que foi um dos tres irmãos viannezes, que ganhou por sorte de dados o vir na jornada, que dissemos no capitulo trinta e tres. E tambem outro a que chamavam João Ferreira, que vinha por provedor-mór da fazenda deste estado do Brasil com um navio armado, fretado á sua custa, morreu em Lisboa de uma febre aguda, ficando o que perdeu

na sorte dos dados com vida e fazenda em sua casa e patria, ainda chorando porque não foi um delles.

A outra estancia e bateria foi de D. Francisco de Moura com a gente da Bahia e capitães dos assaltos, donde assistiram tambem alguns criados de Duarte de Albuquerque Coelho, capitão, governador e senhor de Pernambuco. E esta foi muito arriscada bateria, porque estava diante da de D. Fadrique um tiro de arcabuz, mui chegada á cidade e fronteira ao collegio dos padres da Companhia, donde os hollandezes batiam com seis peças, e de parte a parte se fazia muito damno.

CAPITULO QUADRAGESIMO

De outras trincheiras que se fizeram da parte de S. Bento e como se começaram a dividir os francezes e hollandezes.

Tambem (e ainda antes das duas estancias sobreditas) fizeram as suas D. Manuel de Menezes e D. João Fajardo á parte de S. Bento, em um morro junto ao mar, sobre a ribeira que chamam de Gabriel Soares, donde fizeram muito damno com cinco peças de artilharia não só aos navios hollandezes e ás fortalezas da praia, que toda dalli se descobria, mas tambem a algumas da cidade.

Entre esta estancia e a de S. Bento fez tambem (uma?) o marquez de Torrecusso, mestre de campo do terço dos neapolitanos, os quaes, ainda que ficavam bem fronteiros á porta da cidade e tão perto della que, não só com a artilharia grossa mas com a miuda, podiam fazer damno, desejosos (parece) de virem ás mãos, com colera de italianos, foram fazendo uma cava, com que chegaram ao pé do muro.

Estas sete estancias, que estão ditas nestes tres capitulos, são donde se fez bateria á cidade, sem se deixar de ouvir estrondo de bombardas, esmerilhões e mosquetes de parte a parte um quarto de hora, de dia nem de noite, em vinte e tres *(sic)* dias que durou o cerco, e eram tantos os pelouros pelo ar que milagrosamente escapavam as pessoas, assim nas casas como nas ruas e

caminhos. Nem faltou curioso que contasse e diz que foram as balas grossas que os inimigos tiraram duas mil quinhentas e dez, e as que os nossos lhe tiraram quatro mil cento e sessenta e oito.

O qual pera que melhor se entenda porei aqui a descrição da cidade e sitio das fortalezas, donde se tirava de dentro e de fóra della, que é a seguinte.

. . . .

Bem entenderam por estas vesporas os inimigos qual seria a festa quando os nossos entrassem a cidade, e com este receio se começaram já os francezes a dividir dos hollandezes, determinando fugir pera os nossos. Da qual occasião se quiz aproveitar tambem um soldado portuguez indiatico, que os hollandezes haviam tomado vindo de Angola e se havia alistado com soldo, entrando e sahindo com elles da guarda, o qual, sabendo a determinação dos francezcs, se concertou com quatro pera pôr fogo á polvora e, allegando este serviço, que não era pequeno, alcançar perdão da vida. Porém um o descobriu ao coronel, o qual mandou logo prender e enforcar o portuguez e um dos francezes, que os outros dous lhe fugiram pera os nossos. Pelo que mandou o coronel lançar bando pelas ruas, a som de dez ou doze tambores, que todo o que soubesse de outro que quizesse fugir e lho fosse denunciar, lhe daria quatrocentos cruzados, e dahi avante se teve muita vigia sobre os francezes na poste que faziam.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

De como se levantaram os soldados hollandezes contra o seu coronel Guilhelmo Scutis e depondo-o do cargo elegeram outro em seu logar.

Aos 26 dias do mez de Abril, que era um sabbado, dia dedicado á virgem sacratissima Senhora Nossa, em que costuma fazer particulares mercês a seus devotos, favoreceu signaladamente aos que estavam na sua bateria e trincheira do Carmo, dando-lhes este dia tanto animo e coragem que alguns, sem temor da artilharia e mosquetes que disparavam os inimigos, chegaram até á porta da cidade. E um soldado aragonez chamado João Vidal, da companhia de D. Affonso de Alencastre, chegou a tomar a bandeira que estava sobre a porta e por entre as balas que os inimigos lhe tiraram a levou ao seu capitão e delle ao general, que, inda que reprehendeu a sorte, por se fazer sem ordem sua, recebeu o caso como o merecia o valor delle, e fez acrescentar ao soldado oito escudos de ventagem.

Succedeu tambem que sacudindo, no mesmo tempo, o morrão um hollandez que estava de guarda em aquella parte, deram as faiscas em um barril de polvora, com que se chamuscaram vinte e cinco, de tal maneira que não poderam mais manear as armas, cousa que elles diziam em aquella occasião sentir mais que a propria

morte, porque, morrendo, só os mortos faltavam na peleja, mas, sendo lesos e feridos, faltavam tambem os surgiões e enfermeiros, que com sua cura se occupavam.

Tão desejosos andavam da victoria que a antepunham ás suas proprias vidas e, porque o seu coronel acudiu tarde a este rebate, e já em outras occasiões o haviam notado de descuidado, e tratava de commetter concerto, segundo o descobriu a uma sua amiga portugueza, se conjuraram trinta soldados e foram pera o matar dentro em sua casa, e a Estevão Raquete, capitão da companhia de mercadores, que com elle estava; mas este fugiu e feriram o coronel com uma alabarda na cabeça e nas mãos, o que dizem se fez com consentimento dos capitães, cuja prova é não se prender alguns dos ditos soldados, e logo os do conselho privarem o ferido do cargo e elegerem por coronel o capitão-mór chamado Quiffe e em seu logar por capitão-mór ou mestre de campo o capitão Buste.

Incrivel é a insolencia com que nisto se houveram estes soldados, pois não bastou o novo coronel mandar prender a Estevão Raquete na cadeia publica pera se quietarem, sinão que ainda lá foram dous pera o matarem, e o houveram de fazer si lhe não acudiram outros presos e o proprio coronel, o qual os mandou prender. Os outros se foram á casa da portugueza tambem pera a matar, si lhes não fugira pera casa de um portuguez casado que a escondeu e vingaram-se em lhe roubarem quanto lhe acharam, que não era pouco o que o coronel lhe havia dado.

Não é menos incrivel a vigilancia e cuidado com que o novo coronel de dia e de noite trabalhava, recolhendo-se com as trincheiras pera dentro, pera asses-

tar nella a artilharia, quando as de fóra fossem de todo rotas, e traçando outros ardis e invenções de guerra, com que se pudessem entreter até lhes vir o soccorro da sua armada, que esperavam, e em que tinham toda a sua confiança.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEGUNDO

De como se entregaram os hollandezes a concerto.

Quão enganados vivem os homens que põem a sua confiança em as forças e industria humana experimentaram brevemente os hollandezes em esta cidade da Bahia, cuja guarda e defensão cuidavam estar em tirarem um capitão e pôrem outro mais diligente e industrioso, sendo certo o que diz David que, si o senhor não guarda a cidade, em vão vigiam os que a guardam.

E assim não passaram tres dias inteiros que se não desenganassem do seu intento, vendo que já não podiam reparar o damno que das nossas baterias lhes faziam e emfim vieram a entender que lhes convinha fazer concerto, que ao outro coronel haviam estranhado. Mas ainda o fizeram paleado com uma capa de honra, mandando por um tambor uma carta ao general D. Fadrique ao Carmo, em que lhe diziam que aquella manhã haviam ouvido uma trombeta nossa, que, segundo seu parecer, os chamava e convidava á paz, a qual tambem elles queriam e pera tratar della houvesse entretanto treguas.

Ao que respondeu D. Fadrique que elle não chamava a sitiados e cercados com trombetas, sinão com vozes de artilharia, mas, si elles a estas acudiam e queriam cousa que não fosse contraria á honra de Deus

e del-rei, estava prestes pera os ouvir, com o que logo se começou a tratar das pazes. E estavam os hollandezes tão desejosos dellas que na mesma hora os que ficavam fronteiros á bateria das Palmeiras, a qual estava á ordem de D. João de Orelhana e Antonio Moniz Barreto, mestre de campo, e de Tristão de Mendonça, capitão-mór da esquadra do Porto, se foram pera elles, levantando as mãos em signal de rendidos. Aos quaes desceu a fallar o dito Tristão de Mendonça e Lancerote de Franca, capitão da infantaria, que se foi com elles a fallar ao coronel, e do quartel do Carmo, por ordem da Sua Excellencia, João Vicente de S. Felix e Diogo Ruiz, tenente do mestre de campo general, e depois outros recados de parte até se concluir o concerto, o qual se fez por escritura publica em presença de pessoas do conselho, que foram da parte dos hollandezes Guilhelmo Stop, Hugo Antonio e Francisco Duchs, da parte de Sua Magestade o marquez D. Fadrique, o marquez de Cropani, D. Francisco de Almeida e Antonio Moniz Barreto, mestres de campo de dous terços de portuguezes; D. João de Orelhana, mestre de campo de um terço castelhano; D. Hyeronimo Quexada, auditor geral da armada castelhana; Diogo Ruiz, tenente do mestre de campo general, e João Vicente de S. Felix.

Os quaes todos, depois de suas conferencias, assentaram que os hollandezes entregariam a cidade ao general D. Fadrique de Toledo em nome de Sua Magestade, no estado em que se achava aquelle dia 30 de Abril de 1625, a saber: com toda a artilharia, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, navios, dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, negros escravos,

cavallos, e tudo o mais que se achasse na cidade do Salvador, com todos os presos que tivessem, e que não tomariam armas contra Sua Magestade até se verem em Hollanda. E o general em nome de Sua Magestade lhes concedeu que todos pudessem sahir da cidade livremente com sua roupa de vestir e cama, os capitães e officiaes cada um em seu bahú ou caixa, e os soldados em suas mochillas, e não outra cousa, e que lhes daria passaporte pera os navios de Sua Magestade, não os achando fóra da derrota da sua terra, e embarcações em que commodamente pudessem ir, e mantimentos necessarios pera tres mezes e meio, e que lhes dariam os instrumentos nauticos pera sua navegação, e os tratariam sem aggravo e lhes dariam armas pera sua defesa na viagem, sem as quaes sahiriam até os navios, salvo os capitães, que poderiam sahir com suas espadas.

Assignaram-se estas capitulações no quartel do Carmo a 30 de Abril de 1625, por D. Fadrique de Toledo Osorio, Guilhelmo Stop, Hugo Antonio, Francisco Duchs.

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO

De como se tomou entrega da cidade e despojos; graças que se deram a Deus pela victoria e aviso que se mandou á Espanha.

Em o 1.º de Maio da dita éra, dia dos bemaventurados apostolos S. Philippe e S. Iago, se abriram as portas da cidade e, entrando por ellas o nosso exercito bem ordenado, se puzeram logo postes nas partes que era necessario. E os hollandezes (que ainda eram mil novecentos e dezanove) se recolheram nas casas da praia com boa guarda de soldados espanhóes e depois em as suas náus, com encargo de as concertarem e calafetarem os seus carpinteiros e calafates.

Tambem foram logo presos os portuguezes que se ficaram com elles, e se lhes fez inventario da sua fazenda, como tambem se fez de toda a que foi achada em poder dos hollandezes e das mais cousas que entregaram, que foram seiscentos negros, uns fugidos de seus senhores pera o inimigo com amor da liberdade, outros de prezas que tomaram em navios que vinham de Angola.

Entregaram mais seis navios e duas lanchas, porque, ainda que quando entrou a nossa armada na Bahia tinham vinte e um, já os outros eram queimados ou mettidos no fundo.

Item — entregaram dezaseis bandeiras de companhias e o estandarte que estava na torre da sé; duzentas e dezaseis peças de artilharia, quarenta de bronze e as mais de ferro, e trinta e cinco pedreiros, quinhentos quintaes de polvora embarrilados, balas, bombas, granadas e outros artificios de fogo em abundancia, mil e quinhentos e setenta e oito mosquetes, cento e trinta e tres escopetas e arcabuzes, grande quantidade de cobre em pasta; oitocentos e setenta morriões; oitenta e quatro peitos fortes, grande numero de outros, e espaldares; vinte e um quintaes de morrão e todas as fazendas que haviam tomadas, assim das logeas dos mercadores e casas da cidade como de navios, e muitas que trouxeram de sua terra, as mais das quaes tinham mettidas no collegio dos padres da Companhia, onde os mercadores moravam pera as venderem quando achassem compradores e, si o collegio lhe servia de logea de mercancias e morada de mercadores, a igreja lhes servia de adega e, depois que os vinhos se acabaram, de enfermaria.

Da mesma maneira estavam profanadas todas as outras igrejas da cidade, porque a do nosso seraphico padre servia de almazem de polvora e armas, e no dormitorio morava um capitão e companhia de soldados, a ermida de Nossa Senhora da Ajuda era outro almazem de polvora, a Misericordia tambem era sua enfermaria e só na sé pregavam e enterravam os capitães defuntos, que pera os mais fizeram cemiterio do rocio que fica defronte dos padres da Companhia. E assim não houve outra igreja que fosse necessario desviolar-se sinão a sé, cousa que os herejes sentiram muito, ver que desenterraram dous seus coroneis e outros capitães que alli estavam enterrados, e chamaram alguns pera que

mostrassem as sepulturas e os levassem a enterrar ao campo, pera se haver de celebrar a primeira missa *in gratiarum actionem,* a qual cantou solemnemente o vigario geral do bispado do Brasil, o conego Francisco Gonçalves, aos 5 dias do mez de Maio. Foram diacono e subdiacono dous clerigos castelhanos, capellães da armada. Pregou o padre frei Gaspar da sagrada ordem dos Pregadores, que D. Affonso de Noronha trazia por seu confessor. Nella se ajuntaram os generaes da empreza, com todos os fidalgos que nella se acharam de Portugal e Castella. Depois se fez o mesmo em as outras igrejas pela mercê da victoria alcançada, e se fizeram officios pelos catholicos que nella morreram.

Aqui confesso eu minha insufficiencia pera poder relatar os jubilos, a consolação, a alegria que todos sentiamos em ver que nos pulpitos, onde se haviam pregado heresias, se tornava a pregar a verdade de nossa fé catholica, e nos altares, donde se haviam tirado ignominiosamente as imagens dos santos, as viamos já com reverencia restituidas, e sobretudo viamos já o nosso Deus em o santissimo sacramento do altar, do qual estavamos havia um anno privados, servindo-nos as lagrimas de pão de dia e de noite, como a David quando lhe diziam os inimigos cada dia: Onde está o teu Deus?

E, depois de lhe darmos por isto as graças, as davamos ao nosso catholico rei por haver sido por meio de suas armas o instrumento deste bem. E aqui entendo eu que, si o seu reino de Espanha se pinta em figura de uma donzella mui formosa, com a espada em uma mão e espigas de trigo em a outra, não é pera denotar sua fortaleza e fertilidade, mas pera significar como pelas

armas de seus exercitos se gosa este divino trigo em todo o mundo.

O aviso deste successo venturoso se encarregou por particular a D. Henrique de Alagon, que no assalto que os hollandezes deram a S. Bento foi ferido de dous pelouros, a quem acompanhou o capitão D. Pedro Gomes de Porrez, do habito de Calatrava, em o patacho de que era capitão Martim de Lano.

O treslado da carta, que levou de D. Fadrique pera Sua Magestade é o seguinte:

«Senhor: eu hei trazido a meu cargo as armas de Vossa Magestade a esta provincia do Brasil e Nosso Senhor ha vencido com ellas. Si hei acertado a servir a Vossa Magestade, com isto estou sobejamente premiado. As occupações de dar cobro á cidade, restituir a Nosso Senhor seus templos, tratar dos negocios da justiça que Vossa Magestade me encarregou, e castigo dos culpados, carena de algumas náus, bastimento pera a volta, em que ha bem que fazer, aviamento e despacho dos rendidos que hão de tornar a sua terra, e o deste aviso, e outras mil cousas me têm sem hora de tempo: o que faltar na relação emendarei no segundo aviso.

«D. João Fajardo ha servido a Vossa Magestade melhor que eu, porque ha assistido no apresto do que ha desembarcado do mar com grande cuidado, que não ha sido menos essencial que o das armas; tambem esteve em a segunda bateria que se poz aos navios, deitando a fundo alguns, e em tudo ha procurado servir a Vossa Magestade e ajudar-me como pessoa de tantas obrigações.

«O mesmo ha feito D. Manuel de Menezes. O marquez de Cropani ha trabalhado como moço, com o fervor e zelo que outras vezes, dando a Vossa Magestade

obrigação de fazer-lhe mercê e honra, e a mim de supplical-o a Vossa Magestade, etc.».

E assim prosegiu depois em outras o louvor de todos em geral, com a liberalidade que é mui propria na nobreza castelhana. Foi feita a dita carta a 12 de Maio, e chegou brevemente a Madrid, onde Sua Magestade fez dar solemnemente as graças a Nosso Senhor pela mercê recebida, sobre outras mui grandes, que este anno de 1625 recebeu, como foi livrar-lhe Cadiz de uma poderosa armada de cento e trinta navios inglezes, da qual livrou tambem milagrosamente a frota de Indias, que aquelle anno trazia dezesete milhões em ouro, prata e frutos da terra. E o milagre foi que, tanto que os inglezes aportaram em Cadiz, mandou Sua Magestade despachar seis caravelas, com grandes premios, á frota pera que fosse aportar a Lisboa ou Galisa, por não ser presa dos inimigos. Cahiu uma das caravelas nas mãos dos inglezes, os quaes, tendo por certo que esperando a frota em quarenta gráus se fariam senhores della, partiram logo de Cadiz a pôr-se em aquella altura. Mas foi Deus servido que nem uma caravela das nossas acertou com a frota, e assim veiu direita a Cadiz, vinte dias depois da ingleza a estar esperando na paragem por onde houvera de vir si lhe deram o recado de Sua Magestade. Nem aqui parou a sua desgraça e ventura nossa, sinão que a sua armada se perdeu depois com tempestades e tormentas, de sorte que a menor parte della tornou a sua terra.

Em Flandres foi tomada aos herejes a poderosa cidade de Breda e no Brasil (como temos dito) recuperada de outros a Bahia, que o anno dantes a tinham occupada. Bem parece que foi aquelle bisexto e est'outro

de jubileu, em que o vigario de Christo em Roma tão liberalmente abre e communica aos fieis o thesouro da Igreja, pera que confessando-se sejam absolutos de culpas e censuras, que são muitas vezes as que impedem as mercês e beneficios divinos, e nos acarretam os castigos. E principalmente se pode attribuir a felicidade deste anno a Espanha em ser nelle celebrada a canonisação de S. Isabel, rainha de Portugal e natural do reino de Aragão, por cuja intercessão e merecimentos podemos crêr que fez e fará Deus muitas mercês a estes reinos.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da guerra que o governador Mathias de Albuquerque mandou dar ao gentio da serra da Copahobba que se rebellou na occasião dos hollandezes.

Não só o gentio da beira mar se rebellou nesta occasião dos hollandezes contra os portuguezes, mas tambem os do sertão e serra de Copahobba, e a esta conta mataram logo dezoito visinhos seus, e lhes cativaram seis filhas moças donzellas e alguns meninos. Pelo que o capitão-mór da Parahiba, Affonso da Franca, tanto que Francisco Coelho se partiu mandou o capitão Antonio Lopes de Oliveira e á sua ordem os capitães Antonio de Valladares e João Affonso Pinheiro com muita gente branca, e o padre Gaspar da Cruz com os indios tobajares, nossos amigos, e inimigos antigos dos potiguares rebellados, pera que lhes fossem fazer guerra e os castigassem como mereciam. Os quaes os não acharam já na serra, porque presentindo isto (cousa mui natural em os que se sentem culpados), pondo fogo ás aldeias e igrejas que nellas tinham, porque já muitos haviam recebido o sacramento do batismo, se haviam ido metter com os tapuias, dalli mais de cem leguas, pera que os ajudassem e defendessem dos portuguezes, levando-lhe de presente as donzellas e meninos que haviam tomado na Parahiba.

Do que tudo informado, o governador Mathias de Albuquerque mandou suster na jornada Antonio Lopes de Oliveira e os mais capitães que iam da Parahiba, até se informar melhor do caso e tomar conselho sobre a justiça da guerra, pera o que fez ajuntar em sua casa os prelados das religiões, theologos e outros letrados canonistas e legistas. E concluindo-se entre elles ser a causa da guerra justa, e pelo conseguinte os que fossem nella tomados escravos, que são no Brasil os despojos dos soldados, e ainda o soldo, porque o gentio não possue outros bens, nem os que vão a estas guerras recebem outro soldo, logo o governador mandou os capitães Simão Fernandes Jacome e Gomes de Abreu Soares, e por cabo delles Gregorio Lopes de Abreu, com suas companhias.

Os quaes, chegando á Parahiba e informados de Antonio Lopes de Oliveira do logar pera onde o gentio tinha fugido, mandaram os mantimentos e alguma gente até o Rio-Grande por mar, e se partiram por terra pera dahi levarem outra companhia, que por mandado do governador geral lhe deu o capitão Francisco Gomes de Mello, e foi por capitão della Pero Vaz Pinto á ordem tambem de Gregorio Lopes de Abreu. Os quaes começaram todos a marchar pelo sertão, onde padeceram grandes fomes e sedes, e aconteceu andarem tres dias sem acharem agua pera beber, pelo que, desesperados de todo o remedio humano e esperando só nos merecimentos e intercessão do bemaventurado S. Antonio, cuja imagem levavam comsigo, o começaram a invocar uma tarde e cavar na terra secca pedindo que lhes desse agua, e foi cousa maravilhosa, que a poucas enxadadas sahiu em tanta quantidade que todos

os do alojamento muito se abastaram áquella noite e, o dia seguinte, enchendo suas vasilhas pera caminharem, a agua se seccou.

Dalli a tres jornadas deram com uns poucos dos indios e os tomaram pera lhes servirem de guias, posto que fugiu um que levou aviso aos mais, pelo que quando chegaram os nossos os acharam já postos em arma. Mas nem isso bastou pera que os não commettessem com tanto impeto e animo que lhes mataram muitos, não perdoando os nossos tobajares a mulheres nem meninos, péla vontade que levavam aos rebeldes.

O que visto pelos tapuias, depois de haverem sustentado a briga dous dias, mandaram perguntar a Gregorio Lopes, cabo das nossas companhias, que vinda fora aquella ás suas terras, donde nunca foram brancos a fazer-lhes guerra, não lhes tendo elles dado causa a ella? O qual respondeu que não o haviam com elles, sinão em quanto eram fautores e defensores dos potiguares, que se haviam rebellado contra o seu rei, havendo-lhe promettido vassallagem, e se haviam confederado com os hollandezes e morto os portuguezes seus visinhos contra as pazes que tinham celebradas, e assim se desenganassem, que se não iria sem os levar cativos ao governador, ou lhes custaria a vida.

Com o qual desengano lhe trouxe o principal dos tapuias dous principaes dos rebeldes, chamado um Cipóuna, e outro Tiquaruçú, pera que tratassem de pazes e concerto, como trataram. E em resolução foi que se queriam entregar com toda a sua gente da serra de Copahobba ao governador, pera que dispuzesse delles como lhe parecesse justiça, dando-lhe pera isto um mez de espera. O que o capitão Gregorio Lopes

aceitou pela necessidade em que os seus estavam de mantimento, trazendo logo comsigo muitos dos filhos em refens, e as moças brancas e meninos que tinham presos.

Nem este concerto acceitou e fez com o principal Tiquaruçú, que era mais culpado, antes o mandou matar logo em presença de todos ás cutiladas. Não com Cipóuna, o qual cumpriu depois á risca, trazendo toda a sua gente, no tempo que ficou, pera que o governador dispuzesse della á sua vontade, e o governador, sem tomar nem um por si, commetteu ao desembargador João de Sousa Cardines que os repartisse pelos soldados e outros moradores, pera que os servissem em pena de sua culpa e rebellião, mas muitos se acolheram a sagrado das doutrinas dos padres da Companhia, onde foram bem acolhidos, porque alli se doutrinam e conservam melhor que nas casas dos seculares, como já outras vezes tenho dito.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUINTO

Da armada que veiu de Hollanda a Bahia em soccorro dos seus e do mais que succedeu até a partida da nossa.

Não se podia dizer que a guerra era acabada, por se haver recuperada a cidade dos hollandezes, pois ainda se esperava pela sua armada do soccorro. E assim chegou logo um navio de Angola, que deu por nova andar no Morro uma náu e um patacho, que tinham tomado dous navios nossos, um de mantimentos pera a armada de Portugal, que vinha de Lisboa, outro da ilha da Madeira, com vinhos, que tambem se mandava á armada e ao conde de Vimioso da sua capitania de Machico. Sahiu-lhes Tristão de Mendonça e o capitão Gregorio Soares, por mandado do seu general D. Manuel de Menezes, e tomaram o dos mantimentos com os hollandezes que dentro estavam. Tambem mandou D. João Fajardo um patacho que tomou o dos vinhos, e dos hollandezes que tomaram destes dous navios constou que vinha já a sua armada do soccorro, a qual poucos dias depois, aos 26 de Maio pela manhã, appareceu na barra.

Eram trinta e quatro náus, quinze grandes do estado, e as mais de frete, e assim eram duas capitaneas. As duas horas depois do meio dia entraram todas enfiadas umas traz outras pera dentro, com tanta confiança que provavelmente se entendeu deviam ainda cuidar que estava a cidade por sua e que fôra bom o con-

selho que o marquez de Cropani havia dado, que se não abalasse a nossa armada, porque elles viriam surgir junto della, acrescentando que seria bom tirar-se a bandeira real que haviam posto na torre da sé e pôr em seu logar a hollandeza que haviam tirado, e dispararem da nossa armada alguns tiros á cidade e da cidade á armada, pera que se confirmassem os hollandezes no que cuidavam e lhes viessem a cahir nas mãos. Porém D. Fadrique respondeu o que referem de Alexandre Magno, que não era honra alcançar victoria com enganos, e mandou sahir os navios mais pequenos logo pela manhã com ordem que não pelejassem até não chegarem as capitaneas, as quaes se desamarraram tão tarde que, havendo ido os primeiros em vento e maré favoravel, acharam já tudo contrario, o dia que se ia acabando, e os inimigos retirando-se, pelo que mandou tirar um tiro de recolher, e tambem por ver que havia um galeão nosso, chamado *Santa Teresa*, dado em secco em os baixos da parte da Taparica, o qual, cortando-lhe o masto grande, nadou e sahiu do perigo.

E os hollandezes, posto que alguns tocaram o baixo, sahiram e se foram todos a seu salvo aquella noite na volta do mar, sem perderem mais que dous bateis que se desamarraram ou largaram por mão, e uma bandeira que a almeyranta de Napoles levou com um pelouro a um delles da quadra. Onde se perdeu a mais gloriosa empresa que se podia ganhar, com a qual, junta á que haviam alcançado na cidade, se ficavam quebrando os braços aos inimigos, pera nos não poderem tão cedo fazer damno, mas parece que os quiz Deus deixar ainda no Brasil (como deixou os cananeos aos filhos de Israel) pera freio de nossos peccados.

E assim se foram logo desta bahia á da Traição, do que sendo avisado D. Fadrique per via de Pernambuco, mandou á pressa aprestar a armada pera ver si de caminho, em caso que ainda ahi estivessem, os podia levar. E pera este effeito mandou que João Vincencio Sanfeliche, de quem se valia em as cousas de mais consideração, e o general Francisco de Vallecilha, como tão experimentado na nautica, se adiantasse a Pernambuco com instrucção que em companhia do governador Mathias de Albuquerque e das pessoas mais praticas se informasse do sitio da bahia da Traição, suas particularidades e capacidade, pera ver si, achando-se a armada inimiga em ella, poderia entrar a de Espanha a desalojal-a, e não podendo, que conviria fazer em resolução de não perder tempo quando chegasse a Pernambuco, sinão que pudesse executar o que tivessem determinado.

Pelo que fez logo o governador juntar todos os pilotos em sua casa, e com seu parecer assentaram que na bocca da dita bahia não havia mais que quinze ou dezaseis palmos de agua, com que era impossivel entrar a armada de Espanha, além de que a parte que tinha mais fundo estava occupada com os navios de Hollanda; assim o melhor seria surgir a nossa armada defronte da barra, e saltearem os inimigos por terra até os forçar a sahir. E pera isto haviam prevenido cem juntas de bois e carros pera tirar a artilharia, mil indios da Parahiba e mil homens brancos de Pernambuco que, com os mais que D. Fadrique mandaria desembarcar dos seus, seria bastante pera conseguir seu intento, o qual por esta causa deu conclusão ás cousas da Bahia.

Mandou enforcar dos portuguezes que estavam presos por voluntariamente se haverem ficado com os hol-

landezes quatro, e dos negros que se confederaram com elles seis, sendo primeiro uns e outros ouvidos e julgados pelo auditor geral. Repartiu os despojos das mercadorias e fazendas, que os hollandezes haviam tomado aos moradores, pelos soldados da armada. Donde trouxe um pregador, pregando em aquella occasião muito a proposito, aquillo do primeiro capitulo do propheta Joel: *residuum erucæ comedit locusta,* porque o que haviam deixado os inimigos lhes levaram os amigos que vieram pera os soccorrer e remediar. E si ainda destes restou alguma cousa, *residuum locustæ comedit bruchus,* que foi o presidio de mil soldados que o dito general deixou da armada na cidade, no qual deixou por sargento-mór Pedro Correia, que o havia sido de um dos terços de Portugal, soldado velho, experimentado nas guerras de Flandres.

Fez capitães da infantaria a Francisco de Padilha, Manuel Gonçalves, Antonio de Moraes e Pero Mendes, que o haviam sido dos assaltos, e capitão-mór e governador da terra a D. Francisco de Moura, que já de antes o era. Despediu-se dos conventos dando a cada um de esmola duzentos cruzados pera ajuda de repararem as paredes que, como serviram de baluartes e trincheiras, ficaram mui damnificados.

E com isto, pedindo que lhe encommendassem a Nosso Senhor a viagem, se embarcou a 25 de Julho, dia do bemaventurado apostolo S. Iago, patrão de Espanha, posto que, por o vento ser contrario, não poude sahir da barra sinão a 4 de Agosto, no qual tempo o tiveram tres dos navios em que iam embarcados os hollandezes rendidos pera se apartarem dos mais e se irem.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO

Do successo da nossa armada pera o reino e dos hollandezes pera a sua terra.

Com tormenta partiu a nossa armada da Bahia, pelo que logo abriu muita agua um galeão de Espanha e lhe foi forçado tornar pera dentro, pera, depois de tomada, ir em companhia de outro que tambem por se não poder concertar a tempo não foi com a armada. A' qual depois de partir sobreveiu outra tormenta tão grande que não poude tomar Pernambuco, onde a estavam esperando com muito alvoroço, não já pera pelejar com a hollandeza, que era ida, sinão pera regalarem a Sua Excellencia e mais senhores, pera cujo recebimento tinham ordenadas muitas festas. Especialmente sentiram não poder ver o senhor da terra Duarte de Albuquerque Coelho, e não devia elle de sentil-o menos, pois padecia a pena de Tantalo, não podendo gozar do que appetecia e via, nem á vinda pera a Bahia, nem á ida.

Daqui começaram logo os navios a apartar-se, cada um pera onde a força de tempestade o levava, e muito mais depois que lhes sobrevieram outras na altura das ilhas, com que se perdeu a almeyranta de Portugal na ilha de S. Jorge, mas salvou-se o almeyrante D. Francisco de Almeida e os que com elle iam, com muito

trabalho e darem continuamente á bomba, sem comer, porque a matalotagem apodreceu com a agua, donde depois na mesma ilha adoeceram e morreram muitos, e entre elles D. Antonio de Castello Branco, senhor de Pombeiro, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, como confio em sua divina misericordia, e pelo que sei delle no tempo que esteve nesta Bahia, que se confessava e commungava cada semana, ouvia todos os dias missa, junto com ser muito esmoler e outras virtudes, que, como pedras preciosas engastadas em fino ouro de sua nobreza, davam de si muito lustre.

O galeão em que ia D. Affonso de Alencastre, por fazer muita agua, e não a poderem tomar, tomaram a gente em outro e o mais que puderam, e puzeram-lhe fogo. Constantino de Mello e Diogo Varejão encontraram seis navios hollandezes com quem pelejaram e, sendo rendida a náu do Varejão, ficou só o Mello na sua naveta, continuando a briga com tanto valor que já o deixavam si não sobrevieram tres náus de estado, a que tambem resistiu, mas emfim o tomaram e levaram a Hollanda, roubando-lhe quanto levava, sinão a fama do capitão, que foram publicando, e é bem se publique por todo o mundo.

D. Manuel de Menezes, general da armada de Portugal, chegou a Lisboa a 14 de Outubro, havendo brigado na paragem da ilha de S. Miguel com dous galeões de hollandezes, que iam de Mina carregados, o qual, depois de ter feito amainar um, o deixou ao galeão *Sant' Anna* das Quatro-Villas, que ia na sua esteira, no qual ia o mestre de campo D. João de Orelhana, e se foi em seguimento do outro que lhe ia fugindo e por ventura o tomara, segundo a sua náu era forte e ligeira, si não

fôra necessario tornar atraz acudir ao galeão *Sant' Anna*, que ardia, porque, havendo abordado e rendido o dos hollandezes e passados já muitos ao nosso, tirado alguns que se não quizeram sahir, não sei si por estes ou si acaso se pegou fogo ao seu, e incontinenti delle ao nosso, com que se abrasaram ambos, sem se salvar mais que cento e quarenta e oito pessoas que se lançaram a nadar, a que D. Manuel acudiu quando viu o fogo, deixando o galeão que ia fugindo e, largando-lhes a fragata, cabos, jangadas, taboas e outras cousas de que se pudessem valer, os livrou do perigo da agua, morrendo todos os mais abrasados com o mestre de campo D. João de Orellana, D. Antonio de Luna de Menezes e outros muitos.

D. Fadrique de Toledo com grande parte da armada derrotou com o rigor do tempo avante do estreito ao porto de Malaga. E fazendo dalli alguns fidalgos sua jornada a Portugal, souberam de um correio de Sua Magestade junto a Sevilha ser aportado a Cadiz uma armada ingleza de cento e trinta velas, por onde logo voltaram desandando o caminho que já tinham andado, julgando ser aquelle o mais proprio de quem elles eram, que o que depois de tão larga jornada levavam a suas casas: eram os que fizeram esta volta João da Silva Tello, D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, Francisco de Mello de Castro, D. Lopo da Cunha, senhor de Santar, D. Francisco Luis de Faro, filho do conde D. Estevão de Faro, Antonio Taveira de Avellar e D. Nuno Mascaranhas. Levaram seu caminho de Sevilha a Xeres, onde o duque de Medina-Sidonia, neto de Ruy Gomes da Silva pelo que tinha de portuguez, lhes fez singu-

lares demonstrações de agasalho e estimação, que valia tão primoroso valor.

Trataram logo do fim da sua vinda, que era mettterem-se em Cadiz pera que a ajudassem a defender, pedindo ao duque uma galé pera nella passarem e, pelas difficuldades que o duque representou, não puderam então levar avante esta sua deliberação, e assim se foram á defensão da ponte de Suasso, onde assistiam quatro mil homens. Mas, chegando depois recado de Cadiz de D. Fernando Girão, pera que de noite lhe mettessem na cidade tresentos homens escolhidos, foram os fidalgos os primeiros que na vanguarda com seus piques partiram a este soccorro, caminhando tres leguas a pé, com chuva e agua em muitas partes pelos geolhos, até entrarem na cidade ás onze horas da noite, onde D. Fernando Girão os foi buscar a suas pousadas, significando com palavras e com abraços que sentira muito fazer o inimigo leva da sua armada, pois com o favor de taes cavalleiros podia esperar desbaratal-o. Em Cadiz assistiram como valorosos a todo o trabalho e perigo militar até o inimigo se ir.

Não mereceram menos estimação D. Affonso de Noronha, Antonio Moniz Barreto, Henrique Henriques e D. Affonso de Alencastre porque, ainda que quando chegaram a Cadiz estavam já os inimigos retirados, dizem os theologos que a vontade efficaz é equivalente á obra, si não pode pôr-se em effeito. E por tal a estimou Sua Magestade, escrevendo ao conselho que, porque estava informado do valor com que os portuguezes o serviram nesta occasião e que pera morrer por seu serviço lhes não faltava vontade e sobejava o animo, mandava que a cada um se désse o que tivesse da corôa pera filhos

ou herdeiros, e lhes fizessem todas as mais mercês que elle por outro decreto seu tinha concedido aos que morressem nesta empreza da Bahia, sem ser necessario a nem um fazer sobre isto mais diligencias.

O teor da carta é o seguinte:

«Governadores amigos. Eu el-rei vos envio muito saudar, como aquelles que amo.

Havendo-se entendido o bem que os fidalgos portuguezes que foram cobrar a bahia de Todos os Santos têm servido, e desejando que conheçam quão agradavel me foi seu serviço e quão satisfeito me acho de suas pessoas, Hei por bem em primeiro logar que se executem as mercês geraes que fiz pera os que morressem nesta jornada nos filhos de Martim Affonso de Oliveira, e que se me consulte em que outra poderia eu mostrar-lhes meu agradecimento, e sentimento da morte de seu pai, por ser tão honrado fidalgo e tão zeloso do meu serviço, não reparando pera o fazer em nem um particular seu, ficando, si pode ser, tão satisfeito do seu modo de servir como de seus mesmos serviços. E aos mais fidalgos me pareceu se lhes declarem e dêm por feitas todas aquellas mercês que se lhes fizeram per em caso que morressem na jornada, pois da sua parte não lhes ficou mais que fazer. Desejando eu infinito que saibam os que me servem que gratifico o animo de fazel-o como a mesma obra, e que não hão mister mais solicitação, negociação, recordo, nem passos, que os dados em meu serviço e por esta razão sem consulta nem uma o quiz resolver assim. Escrita em Madrid a 18 de Setembro de 1625. Rey».

Não se poderá ver maior demonstração do amor de Sua Magestade á corôa de Portugal, pois sem consulta

do estado, só pela do amor, foi servido de seu motu proprio formar um real decreto tão favoravel a esta corôa. Nem menos grato se mostrou aos que vieram pela corôa de Castella, fazendo a uns e outros grandes mercês; mas muito maiores as recebeu de Deus este mesmo anno, que foi o de 1625, e bem parece que era o do jubileu geral, em que o vigario de Christo em Roma tão liberalmente abre, e communica aos fieis o thesouro da Igreja.

Tambem padeceram grandes tormentas em o mar os hollandezes que foram da Bahia, ainda que levavam os navios mais descarregados, que é um bem só em as tormentas conhecido. E não foi menor a que padeceram em terra depois que chegaram á Hollanda, porque logo foram todos presos pelos seus e sentenciados á morte por se haverem entregues a partido tão cedo com a cidade e o mais que tinham e haviam ganhado na Bahia, sem esperarem pela sua armada do soccorro. Ao que acudiram as mulheres, filhos e parentes com embargos, allegando que não fôra possivel deixarem de se entregarem ou morrerem todos, pelo muita tardança do seu soccorro e grande aperto em que os nossos os tinham postos, e outras cousas, pelas quaes emfim os soltaram e lhes concederam as vidas, condemnando-os sómente em que se lhes não pagassem os soldos que se lhes devia.

Os outros, que haviam vindo de soccorro, se foram da bahia da Traição a Porto-Rico, que é em Indias de Castella, onde, achando a gente descuidada, desembarcaram e saquearam o logar. Depois acudiu o capitão da fortaleza da barra que, por ser estreita e como porta daquelle porto, lho cerrou de modo que não puderam sahir como entraram, antes se viram em tanto aperto

que já de concerto largaram quanto tinham roubado, e ainda alguma cousa do seu porque os deixassem sahir, o que o capitão lhes não quiz conceder, assim por entender que os tinha vencidos, como por receiar que elrei lho estranhasse. E em ambas as cousas se enganou, porque os inimigos estavam mui fortes em suas náus, com tudo quanto saqueado, ensaccado e mettido dentro nelles tinham, esperando só uma noite escura de tormenta e vento que lhes servisse pera sahirem, como lhes succedeu em uma em que sahiram e se foram sem lho poderem impedir nem fazer-lhes algum damno, mais que em uma náu velha, que puzeram por... *(sic)*, e Sua Magestade mandou cortar a cabeça ao capitão da fortaleza, e não por aceitar o concerto que lhe commettiam os hollandezes, no que elle só cuidava que estava toda a culpa.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

De como o governador Mathias de Albuquerque mandou buscar a carga de uma náu da India que se perdeu na ilha de Santa Helena.

Providencia divina foi ficarem na Bahia os dous galeões que dissemos no capitulo precedente, um dos quaes era da esquadra de Biscaia, chamado *Nossa Senhora da Atalaya*, de que era capitão João Martins de Arteagoa, outro da esquadra do estreito, chamado *S. Miguel* e o capitão Francisco Cestim, porque foram depois mui uteis e necessarios pera irem buscar a carga da náu *Conceição* que, por se ir ao fundo com agua, descarregou na ilha de S. Helena. Vinha esta da India em companhia de outras quatro, das quaes vinha por capitão-mór D. Antonio Tello, o qual, não podendo deixar de seguir a sua viagem, tomou della a fazenda que poude e a gente com o seu capitão D. Francisco de Sá, e deixou a Antonio Gonçalves pousado com cento e vinte homens brancos e alguns cafres em guarda do mais, escrevendo por um batel ao governador do Brasil que lhe mandasse navios.

Chegou o batel a Pernambuco, onde o governador Mathias de Albuquerque estava, em 18 de Agosto de 1625, o qual avisou logo a D. Fadrique, pedindo-lhe pera isto quatro urcas que ahi o estavam aguardando com

mantimentos pera a armada, dos quaes era cabo João Luis Camarena, e D. Fadrique, do mar onde achou o recado, mandou que fossem os ditos galeões da Bahia, porque das urcas dos mantimentos tinha necessidade a sua armada. Pelo que o governador mandou logo em direitura aos de Santa Helena uma caravela de refresco e por capitão della Matheus Rodovalho, e duas náus pela Bahia, uma chamada *S. Bom Homem*, capitão Antonio Teixeira, outra *Churrião*, capitão Custodio Favacho, providas da fazenda de Sua Magestade, pelo contractador Hyeronimo Domingues, pera que daqui fossem com os ditos galeões, como logo foram, e com outra náu chamada a *Rata*, que mandou D. Francisco de Moura, da qual era capitão Rodrigo Alvares.

Chegaram a Santa Helena a 27 de Dezembro de 1625, acharam os indiaticos entrincheirados com os fardos e com tres baluartes feitos em que tinham seis peças de artilharia, donde haviam pelejado primeiro com uma náu hollandeza e depois com quatro de hollandezes e inglezes, tão valorosamente que não se atreveram a sahir á terra, e se foram com muita gente morta.

Depois de começarem os nossos navios a tomar carga, estando já quasi carregados, chegou uma náu hollandeza maior que a náu da India, com quarenta peças de artilharia, a qual surgiu entre os dous galeões, e elles abalroaram com ella e, saltando a gente no convez que acharam despejado, se senhorearam delle, rompendo a enxarcea e velas e, dizendo aos que estavam debaixo da xareta que se rendessem, respondiam que não, porque já o diabo estava em seus corações. E assim pelejaram como endemoninhados, matando e ferindo com os piques, por entre a xareta, e com roqueiras a mui-

tos dos nossos, entre os quaes foi morto o capitão Arteagoa, pelo que, e por se temerem do fogo que por algumas vezes lhe lançaram, a desabalroaram, e a náu se foi com todas as riquezas que trazia de Ternate.

Os nossos acabaram de carregar, deixando ainda na ilha o massame e ancoras e amarras que não couberam.

Partiram em 7 de Fevereiro da dita éra de 1626, vindo por capitão-mór Philippe de Chaverria, em logar do que morreu na batalha. Chegaram a Pernambuco o 1.º de Março, onde o governador os proveu de todo o necessario pera a viagem, por ordem do sobredito contratador e do almoxarife João de Albuquerque de Mello, e se fizeram á vela com outros navios mercantes pera o reino aos 18 do mesmo mez, e chegaram a Lisboa a salvamento em 15 de Maio.

CAPITULO QUADRAGESIMO OITAVO

Dos hollandezes que andavam por esta costa da Bahia até á Parahiba em o anno de 1626 e da ida do governador Francisco Coelho de Carvalho pera o Maranhão.

Em 19 de Abril desta éra de 1626 appareceram na bocca desta barra da Bahia, junto ao Morro, tres náus hollandezas de força, uma das quaes trazia trinta peças de artilharia grossa e cento e quatro homens de guerra. Metteu no fundo uma caravela que vinha de Angola, de que era mestre Antonio Farinha, visinho de Sezimbra, por não querer amainar, mas salvaram-lhe toda a gente branca e alguns negros de cento e setenta que trazia, e os trouxeram onze dias comsigo, fazendo-lhes boa companhia, por o trazerem (segundo ao depois disseram) assim por ordem do seu principe de Orange, em respeito do bom tratamento que o general D. Fadrique de Toledo deu aos hollandezes na recuperação desta cidade. E depois os foram lançar todos no rio das Contas, donde, feita sua aguada, se foram ajuntar com outra esquadra de quatro náus e um patacho que vinha pera Pernambuco, e ahi ancoraram todas juntas defronte da barra aos 20 de Maio, excepto o patacho, o qual, por ser mui ligeiro, andava com dez peças de artilharia, discorrendo sempre pela costa de uma parte pera outra, e este fez encalhar na Paripuera, trinta leguas de Per-

nambuco pera a Bahia, uma lancha que o governador mandava de aviso, e tomou um navio de Vianna que havia sahido do Recife com seiscentas caixas de assucar, e assim por ir tão carregado e com caixas por entre as peças dc artilharia, não poude jogar dellas e se deixou tomar de um patacho, cousa em que os ministros de Sua Magestade deviam vigiar muito nestas partes, porque não foi este o primeiro que se perdeu por esta causa, nem será o derradeiro, si não se fizer muita vigia pera que não vão sobrecarregados.

Tomou tambem outro que ia pera Angola, e uma caravela que vinha da ilha da Madeira, carregada de vinhos, lançando a gente de todos em a ilha de S. Aleixo.

Deu caça a uma caravela que vinha dos rios de Congo, a qual se lhe acolheu ao porto do Páu-Amarello, e a outra de Sezimbra, que se metteu em a enseada do cabo de S. Agostinho, donde depois ao longo do recife foram metter no porto, como tambem fizeram tres navios de Lisboa e dous das Canarias, por aviso que lhes deram de um barco que o governador mandou pera este effeito da banda do cabo, que é a paragem por onde, no mez de Maio e nos mais de inverno, navegam pera Pernambuco.

Tambem mandou o mesmo governador geral Mathias de Albuquerque dous indios da terra e um mulato, cada um em sua jangada, com artificio de fogo pera o pôrem ás náus dos hollandezes, que estavam mais de quatro leguas da barra ao mar, dos quaes chegou um chamado Salvador e o pegou á pôpa da capitanea, mas foi sentido de um cachorro da náu, que despertou a gente e o apagaram, tirando logo ás mais um tiro de rebate, com a qual raiva queimaram o dia seguinte

a caravela que haviam tomado, e tambem porque o mestre lhes não havia querido dar por ella cincoenta cruzados, que lhe pediram. E, feito isto, levantaram ferro e se foram.

Tambem se foi Francisco Coelho de Carvalho, governador do Maranhão, o qual passava já de dous annos que estava em Pernambuco, sem poder partir-se, assim pela cobrança de vinte mil cruzados que el-rei alli lhe mandou dar, como por causa dos hollandezes da Bahia e dest'outros, e por isto, tanto que os viu idos e desimpedido o passo, se partiu em 13 de Julho da dita éra de 1626, com cinco barcos, que lhe deu o governador Mathias de Albuquerque, o qual o veiu despedir ao Recife e lhe mandou fazer salvas das fortalezas.

Elle ia em um dos barcos com seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, e o sargento-mór Manuel Soares de Almeida. Dos outros eram capitães Manuel de Sousa Deça, capitão-mór do Pará, Jacome de Reymonde, provedor-mór da fazenda, e João Maciel. Gastaram na viagem quinze dias até o Ceará, porque não navegaram de noite. Alli se detiveram outros quinze dias, nos quaes proveu o governador o forte de polvora e de mais artilharia e fez paga aos soldados, e ao capitão Martim Soares Moreno lançou o habito de S. Iago, de que el-rei lhe fez mercê por seus serviços, que não foram poucos os que lhe fez, não só no descobrimento do Maranhão, como fica dito em o primeiro capitulo deste livro, mas depois de estar por capitão do Ceará, onde os cossarios o temem tanto que, havendo alli aportado algumas vezes, nem uma se atreveram a desembarcar, desejando-o elle tanto que chegou a metter-se entre os indios nús, nú e tinto da sua côr, parecendo-lhe que,

como estes foram seus compadres e amigos, não se temendo delles, desembarcariam, e assim os colheria e nem isto bastou. Feito foi este de subrogação, pois parece não obrigar seu officio a tanto, e assim foi bem empregada a mercê que Sua Magestade lhe fez do habito e se lhe deu com elle pouca tença; por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia, com que pode muito bem matar *la hambre*.

Estava em Ceará a esta sasão o padre frei Christovão Severim, custodio do Maranhão, chegado de poucos dias, depois de haver passados muitos no caminho, porque veiu por terra, padecendo grandes fomes e sedes e guerras dos gentios tapuyas, arechis e uruatins, que duas vezes o saltearam e lhe mataram um indio dos que trazia em sua companhia, e lhe feriram treze, com mais tres brancos portuguezes. Mas, com serem os inimigos em numero muitos mais sem comparação, os poucos nossos e seis brancos arcabuzeiros, ajudados e animados pelo padre custodio, lhes tiveram os encontros tão valorosamente, que emfim se livraram delles, deixando-lhe tambem alguns dos seus mortos e feridos, e chegaram ao Ceará, onde o custodio e seu companheiro agasalharam com muito respeito e caridade a dous padres da Companhia de Jesus, que iam com o governador Francisco Coelho de Carvalho, e dalli se embarcaram, e partiram todos pera o Maranhão. Na qual viagem, depois de haverem passado o buraco das Tartarugas, por não levarem pilotos praticos na costa, foram dar em uns baixos com uma grande tormenta em que se viram perdidos, mas quiz Nosso Senhor que iam as aguas de lançamento, com o que e com alijarem alguma carga dos barcos, puderam nadar e seguir sua

viagem até o Maranhão, onde o governador e os que com elle iam foram bem recolhidos, e onde os deixaremos a outras historiadores, que escrevam suas obras, assim porque Sua Magestade tem já apartado aquelle governo deste do Brasil, de que escrevo, como porque eu tambem vou dando fim a esta historia.

CAPITULO ULTIMO

De como Diogo Luis de Oliveira veiu governar o Brasil e se foi seu antecessor Mathias de Albuquerque pera o reino.

Aos 25 de Agosto de 1626 partiu de Lisboa Diogo Luis de Oliveira, que havia sido mestre de campo em Flandres, pera vir governar este estado do Brasil. Chegou a Pernambuco a 7 de Novembro, onde, deixando as urcas de fóra da barra, porque não trazia licença pera se deter alli muito tempo, desembarcou em uma lancha, e foi se recolher em casa do nosso padre S. Antonio que temos no Recife, até dia de S. Martinho bispo, que é aos 11, em que se foi pera a villa acompanhado com oitenta cavalleiros.

A' entrada della na porta da alfandega estava um arco triumphal de muito boa architectura, ornado de bons versos, emblemas e epigrammas em seu louvor. Dalli se estendiam duas fileiras de soldados arcabuzeiros ao longo das paredes até á porta da Misericordia, onde estava outro arco não com menos perfeição lavrado e ornado. Neste se apeou e, feita a falla por André de Albuquerque, vereador mais velho, o levaram debaixo do palio até á igreja matriz, indo diante o mestre de campo general deste estado, D. Vasco Mascarenhas (officio novamente creado pera o Brasil), e o capitão-mór de Pernambuco André Dias de Franca, e o de Tamaracá Pero da Motta Leite, todos novamente vindos do reino

com o mesmo governador, e o povo todo de Olinda com muito applauso, donde, depois de feita oração e as ceremonias costumadas, o levaram á casa do seu antecessor, que já lha tinha pera isso desoccupada.

Visitaram-se ambos muitas vezes com signaes de grande amizade o tempo que o governador alli se deteve que foi até aos 20 de Dezembro do dito anno de 1626, e, porque lhe veiu recado que estava na barra de Guyena um navio hollandez com duas lanchas, e que tomara um barco de Pero Peres carregado de assucar e dera caça a um navio que se foi metter na Parahiba, e a outro do Biscainho, que vinha carregado de vinhos da ilha da Madeira, determinou ver si de caminho podia fazer esta presa; mas o ladrão, quando viu tantos navios, fugiu e o governador chegou com os seus a salvamento á Bahia, onde a primeira cousa que fez foi ordenar que se fizesse um solemne officio pela alma de seu irmão, o morgado de Oliveira, em a igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde foi enterrado.

Dous mezes passados depois da sua chegada, aos 3 de Março de 1627 entraram treze navios hollandezes e tomaram vinte e um nossos que estavam no porto já com tres mil caixas de assucar dentro; elles perderam dous de seus, um dos quaes era a sua capitanea, em que vinha por general Pero Peres inglez, que na tomada da Bahia viera por almeyrante.

Mathias de Albuquerque, vendo que as urcas em que determinava ir-se pera o reino eram tomadas dos hollandezes na Bahia, escolheu uma caravela ligeira na qual, depois que outros tres navios hollandezes que andaram na barra de Pernambuco a desoccuparam, se embarcou, e partiu a 18 de Junho da dita era, e levou em

sua campanhia o doutor Bartholomeu Ferreira Lagarto, vigario da Parahiba e administrador que foi destas partes, antes de se reunir a jurisdicção dellas á mitra, e um religioso da nossa custodia, sacerdote.

Foi Mathias de Albuquerque, todo o tempo que serviu assim de capitão-mór de Pernambuco como de governador geral do Brasil, que foram sete annos, sempre muito limpo de mãos, não acceitando cousa alguma a alguem, nem tirando officios pera dar a seus criados. Nas occasiões de guerra e do serviço de Sua Magestade foi mui diligente, não se poupando de dia nem de noite ao trabalho. Nunca quiz andar em rede, como no Brasil se costuma, sinão a cavallo ou em barcos e, quando nestes entrava, não se assentava, mas em pé os ia elle proprio governando. Tinha grande memoria, e conhecimento dos homens, ainda que só uma vez os visse, e ainda dos navios que uma vez vinham áquelle porto, tornando outra dahi a muito tempo, antes de chegar o mestre, dizia cujos eram, e vez houve que, vindo um com o masto mudado, vendo-o de mui longe com o oculo, disse: aquelle é tal navio, que aqui veiu ha um anno, mas traz já outro masto. E assim o affirmou o mestre depois que chegou, sendo perguntado.

Teve boa fortuna em seu governo, por serem os tempos tão infortunos e calamitosos, e na viagem o livrou Deus de innumeraveis cossarios, de que o mar estava povoado, levando-o sempre a salvamento, em cincoenta e dous dias a Caminha, onde achou o duque della e marquez de Villa Real D. Miguel de Menezes, seu parente, onde os deixaremos, e darei fim a esta historia, porque sou de sessenta e tres annos e é já tempo de tratar só da minha vida, e não das alheias.

Os seguintes trechos do *Santurio Mariano* devem preceder do exemplar completo desta Historia, que ainda não foi encontrado.

1) Quanto ao estado espiritual é de saber que, indo visitar o bispo da Bahia D. Constantino Barradas a Pernambuco e as mais igrejas do Norte, aonde em tão larga jornada padeceu muitos trabalhos e perigos, para se alliviar delles escreveu a el-rei de Castella Filippe III, pelos annos de 1615, pedindo-lhe fizesse Sua Magestade a Pernambuco bispado e ao Rio de Janeiro, porque eram terras ricas e os dizimos muitos. El-rei por alliviar ao bispo da Bahia daquelle trabalho das visitas, assim em Pernambuco, Parahiba, e mais terras do Norte, como das do Rio de Janeiro e mais partes do Sul, se resolveu a nomear administradores ecclesiasticos, independentes do bispo. Para isto impetrou breve do papa Paulo V., pelo qual separou Pernambuco, Parahiba, e mais terras do Norte da jurisdicção do bispo da Bahia. E o mesmo fez para o Rio de Janeiro e mais terras do Sul, concedendo ao mesmo rei que elle nomeasse os administradores, e que a elle fossem sujeitos quanto á inquirição, e correcção de suas pessoas, e á appellação, e aggravo de suas sentenças — *Santuario Mariano*, 9, 261.

Ha aqui uma inexactidão de que não cabe culpa a frei Vicente: o administrador do Rio foi criado em tempo de Philippe 2.º.

2) Depois deste primeiro descobrimento sahiu do rio do Maranhão Francisco Caldeira de Castello Branco, que dista do Grão-Pará cento e trinta leguas. Levava comsigo dous religiosos de S. Antonio, chamados frei Antonio da Merciana, e frei Christovão de S. Joseph e entrou por elle dentro trinta, aonde desembarcou em terra da banda do Sul e aonde escolheu um bom sitio, em que se fortificou, fazendo um bom forte de madeira, a que poz o nome do *Presepio*, por haver sahido do Maranhão á este descobrimento em dia de Natal. O que fez sem contradicção dos gentios naturaes da terra, ainda que a não deixava de temer, por ver os muitos que acudiam a pedir-lhe ferramentas e outras cousas que

viram levar aos primeiros, e por não ter já que lhes dar, nem tambem polvora, nem balas, para se defender, faltando as dadivas.

Com esta impossibilidade e aperto, em que se viu o capitão Francisco Caldeira, se resolveu a mandar por terra um homem com cartas ao capitão-mór do Maranhão Jeronymo de Albuquerque, pedindo-lhe que o provesse. Escolheu para isto a Antonio da Costa, que partiu a 7 de Março do anno de 1616, e em sua companhia Pedro Teixeira e mais dous homens brancos com trinta indios, para lhe remarem uma canôa, quando lhes fosse necessario navegar e lhes ensinarem tambem o caminho, quando fossem por terra, porque são muitos e grandes os rios salgados que por ella entram. Nesta jornada passaram muita fome e sede, por ser o mais do gentio selvagem, que nunca tinha visto homens brancos e vestidos. Uns os agasalhavam com muita festa, outros fugiam cheios de espanto, e outros os queriam matar, si os que os acompanhavam os não defenderam. E Deus principalmente foi o que os defendeu e os levou ao Maranhão, porque destas conquistas havia de resultar um grande bem ás almas de todos aquelles gentios.

Chegaram ao Maranhão a 7 de Maio, dous mezes depois de partirem do Pará, aonde foram muito bem recebidos de Jeronymo de Albuquerque que, sabendo o a que iam, aviou com toda a brevidade uma lancha, em que mandou por capitão a Salvador de Mello, seu sobrinho, com trinta soldados arcabuzeiros e dous mil cruzados de fazenda, para resgates e pagas dos soldados, que foi para o Pará um bom soccorro naquelle tempo, e o Antonio da Costa partiu para Pernambuco com outras cartas para o governador geral.

Não teve o capitão Francisco Caldeira contradicção alguma da parte dos gentios do Pará ou Rio das Amazonas, para se haver de povoar a terra; mas as suas imprudencias e desunião com os companheiros o poz em termos que não só lhe negaram a obediencia, mas o prenderam e levantaram outro capitão. Isto foi causa de

se porem a monte os indios, dizendo claramente que não queriam paz com homens que a não tinham entre si.

E assim por isto como por algumas extorções e injurias recebidas de alguns que andavam resgatando nas suas aldeias, os mataram e ficaram rebellados, pondo logo á nova povoação do Pará um apertado cerco. Do qual sahiu o capitão Manuel Soares de Almeida a pedir soccorro a Pernambuco, aonde achou o governador geral D. Luis da Sousa, que, informado do caso, ordenou com muita brevidade uma armada de quatro navios, em que mandou a Jeronymo Fragoso de Albuquerque a inquirir dos culpados, para com as culpas os mandar ao reino. E este ficou por capitão até provisão del-rei, que tambem sentiu esta alteração e levantamento e mandou recolher na Torre de Belem a Monsieur de Raverdière, francez, que andava em Lisboa com requerimentos, porque nesta envolta não tornasse áquellas partes. E podia-se presumir isto delle, porque se mostrava tão affeiçoado áquellas partes que no seu requerimento só pedia por satisfação dos seus serviços a Sua Magestade, por lhe haver largado o Maranhão com a sua fortaleza e artilharia, lhe désse licença para mandar cada anno lá duas náus de mercadores. O que se julgou ser mais affeição da terra que cobiça de interesses, porque naquelle tempo não havia ainda engenhos em que se fizesse assucar, nem páu-brasil, que são as drogas em que se empregam os mercadores do Brasil. E assim se entendeu o levava a fome do ouro, por se dizer se podia tirar pelo rio das Amazonas acima com facilidade, por ser todo navegavel e nascer de uma lagôa dourada, aonde os indios tinham presas as suas canôas em cadeias de ouro por haver muito no seu contorno.

Chegando Jeronymo Fragoso á fortaleza do Pará, e achando ainda aos nossos cercados e com grande fome, depois de os remediar com o que levava e mandar a Francisco Caldeira preso e a outros culpados para o reino, seguiu o gentio perto de duzentas leguas pelas ribeiras do Pará acima, aonde morreu, depois de ter obra

do feitos muitos; como tambem os capitães Custodio Valente, Pedro Teixeira e outros que assinalaram grandemente as suas pessoas, e sobre todos o capitão Bento Maciel, que tinha ido do Maranhão com oitenta portuguezes e seiscentos frecheiros do gentio pacifico, o qual fez no outro grande estrago, porque muitos fugiram das suas aldeias para os mattos e foram dar nas mãos dos tapuyas, seus inimigos, que os mataram e comeram, e outros se foram valer dos portuguezes á fortaleza, pedindo paz e misericordia.

Aonde o padre Manuel Filgueira de Mendonça, vigario daquella nova povoação, os fez ajuntar em uma aldeia no Separará, que é na ponta da barra do Pará, da banda do Leste, promettendo-lhes o amparalos alli e defende-los, si elles fossem fieis. E assim ficou tudo pacifico e a povoação foi crescendo em moradores, *Santuario Mariano,* 9, 376/379.

Tambem aqui ha uma inexactidão, não imputavel a frei Vicente. Frei Antonio de Merciana, com o titulo de commissario, frei Christovão de S. Joseph, frei Sebastião do Rosario partiram de Lisboa a 22 de Junho de 1617 e chegaram ao Pará em 28 de Julho — Jaboatão, *Preambulo* § 195.

3) E' Cabo frio uma muito notavel paragem, ou um muito prodigioso sitio em toda aquella costa do Sul; está em 23. gráos, como o rio de Janeiro, porque corre alli a costa de Leste a Oeste, e tem dentro muitos reconcavos mui fundos e por isso era muito estimado e frequentado dos francezes. Tem tambem algumas ilhas e bahias, com bons surgidouros para quaesquer náus.

Pagos destas grandes commodidades os francezes continuavam aquelle porto e, emquanto cortavam e ajuntavam páu-brasil de tintas, que o ha alli muito e muito excellente, sahiam outros com as suas náus a roubar as que vinham do rio de Janeiro, do rio da Prata, e de outras partes, que por alli passavam. Do que informado el-rei, e particularmente de cinco náus de França que neste tempo foram ao Cabo-frio com machados, serrões e a mais ferramenta necessaria para cortarem páu-brasil, e as carregarem, como fizeram muito a seu salvo, porque,

ainda que acudiu Constantino Menelau, capitão-mór do Rio de Janeiro, em cujo destrito fica Cabo-frio, para o defender, já foi a tempo que estavam carregados os navios, e assim se foram em paz. E disto se havia feito aviso a el-rei, que, sabendo a facilidade com que carregavam era por não ser aquelle sitio povoado, e ficar longe do rio de Janeiro, donde se não podia acudir tão depressa, para se remediar este mal, escreveu ao governador Gaspar de Sousa com muita instancia e encarregando-lhe muito o mandasse logo povoar e fortificar. Informado o governador que Estevão Gomes, morador no rio de Janeiro, podia fazer bem este negocio, por ser homem rico, senhor de dous engenhos, e que em todos os rebates que se offereceram no rio de Janeiro de cossarios era dos primeiros, que acudia animosamente com a sua canôa e escravos, de que tinha certidões de todos os capitães-móres, lhe passou provisão, para que o fosse da povoação de Cabo-frio, pedindo-lhe a aceitasse e fizesse como delle esperava, e a Constantino Menelau que o provesse á custa da fazenda del-rei de soldados, munições e todas as mais cousas necessarias para a povoação e defensa da terra.

Aceitou Estevão Gomes o que se lhe encarregava, e o menos foi o que se lhe deu para o muito que despendeu da sua fazenda, e assim se fortificou e começou a povoar, sendo tambem para isto grande ajuda uma aldeia de indios que os padres da Companhia, á instancia do governador, levaram das suas doutrinas da capitania do Espirito Santo, com os quaes sahiu o capitão a vinte e tantos hollandezes que alli sahiram de uma grande náu a fazer aguada, aonde matando-lhe dezoito se tornaram só tres ou quatro no batel a dar aviso ao outro batel, que tambem ia ao mesmo effeito de tomar agua, porque iam para a India, e estavam della muito faltos. E por esta causa quizeram matar cincoenta portuguezes, que traziam comsigo e haviam tomado em um navio que ia para a Mina, si não acudira o seu predicante, ainda que hereje, dizendo que era injustiça pa-

garem os innocentes pelos culpados, quanto mais que nem estes haviam peccado em defender a agua da sua terra, nem os seus que haviam escapado se queixavam tanto dos portuguezes quanto dos crueis indios selvagens. E assim mandaram á terra um bote com bandeira branca e uma carta ao capitão, pedindo algumas pipas de agua a troco dos portuguezes, que traziam cativos.

De tudo fez o capitão aviso ao governador do Rio de Janeiro, de quem era inferior, que já não era Constantino Menelau, sinão Ruy Vas Pinto, que lhe succedeu, o qual, feita sobre isto uma junta de religiosos e dos officiaes da camera, e acordaram se lha mandasse dar, e elles largaram os portuguezes cativos, excepto o capitão do navio, que levaram comsigo.

Desta venda fizeram os negros grande galhofa, dizendo que mais valia um preto, que cincoenta brancos; porque elles custavam ordinariamente quarenta mil réis, (mas isto era naquelle tempo) e os brancos se compravam por menos de uma pipa de agua.

Fez tambem pazes o mesmo capitão de Cabo-frio com os indios guaytacazes, gentio alli visinho, que nunca se poude conquistar, ainda que para isso foi Miguel de Azeredo, sendo capitão do Espirito Santo, e outros do Rio de Janeiro; porque vivem em terras alagadiças mais a modo de homens marinhos que terrestres e, quando se ha de chegar ás mãos com elles, mettem-se dentro das aguas, aonde se não póde entrar nem a pé, nem a cavallo.

Mas por uma mortifera doença de bexigas, que padeceram, se foram sujeitar ao capitão Estevão Gomes, dizendo que queriam ser seus compadres e dos brancos e commerciar com elles. Desta sorte ficou aquella nova capitania de Cabo-frio pacifica, e foi isto pelos annos de 1615, pouco mais, ou menos. Não é aquella povoação de poucos interesses, mas os portuguezes só sabem conquistar, e não povoar.

Ha naquelle porto um sacco ou bahia, obra particular da natureza, cavada como de proposito entre o duro

de uma penedia, que lhe serve de muro e de fortaleza na sua entrada. Está lançada ao comprido, e capaz de grandes armadas, que ficam dentro como em uma casa defendidas de todas as injurias dos ventos com uma só barra para o mar. As aguas desta bahia desde Janeiro até o fim de Fevereiro se vêem coalhadas em suas margens e seios mais secretos e transformadas em perfeitissimo sal, e em tanta quantidade que se podem carregar muitas e grandes náus.

Isto que temos referido é quanto á qualidade e bondade daquelle terreno; que, a ser povoação de estrangeiros, pudera ser uma muita populosa cidade; mas é cousa tão limitada que só é cidade no nome, porque é tão pobre que não tem por moradores sinão uns pescadores.

Logo que Estevão Gomes deu principio á povoação se começou tambem a igreja, que havia de ser a matriz della, e esta dedicaram ao mysterio da Assumpção da Mãi de Deus, e ella é a padroeira e a senhora que com a sua piedade favorece aquelles moradores, e esta é a unica paroquia da cidade de Cabo-frio. — *Sant. Mariano,* **10, 55/59.**

Ha aqui interpolações evidentes, mas a autoria de frei Vicente prova-se pela referencia á peste de bexigas, *supra,* 93.

INDICE DE NOMES DE PESSOAS